

PÃO TERRA



E LIBERDADE

Memória do Movimento Comunista de 1935  
Organização: Marly Vianna



Os movimentos armados de 1935, ocorridos no Rio de Janeiro, Recife e Natal, nomeados pela historiografia oficial de Intentona Comunista, integram um momento da história do Brasil que ainda hoje suscita variadas discussões e interpretações.

Visto por muitos como responsável pela instalação do Estado Novo, que deu início à ditadura de Getúlio Vargas, o movimento ficou cristalizado na memória dos brasileiros por ter ocasionado também a prisão de Luís Carlos Prestes e a deportação de Olga Benário, morta num campo de concentração.

Logo após a repressão ao Movimento de 35, a literatura oficial encarregou-se de publicar diversos livros que procuravam justificar os processos a que foram submetidos não só os participantes do levante como também pessoas acusadas de exercer atividades comunistas.

A partir da década de 1980, novos trabalhos foram surgindo: historiadores, incluindo os brasilianistas, jornalistas, biógrafos e memorialistas voltaram a discutir o tema em abordagens tão diversas quanto este permite. Muitos insistem que o Movimento de 35 se deu a partir de uma determinação de Moscou, retomando num certo sentido, e embasados em novas fontes, a visão oficial. Outros, defendem o caráter nacional do movimento e chamam a atenção para o fato de que a Aliança Nacional Libertadora não foi criada pelo PCB.

Entre os que trabalham nesta linha encontra-se a historiadora Marly Vianna, que dedicou vários anos de pesquisa ao assunto. Para a sua tese de doutoramento, *Revolucionários de 35*, a pesquisadora vasculhou os acervos do Arquivo Nacional aonde teve acesso aos 450 processos do Tribunal de Segurança Nacional referentes ao Movimento de 35. Neles, encontrou uma



1\$000

1\$000

2\$000

5\$000

10\$00

QUOTA PRO LIBERTACAO NACIONAL

1\$000

1\$000

2\$000

5\$000

10\$000

QUOTA PRO LIBERTACAO NACIONAL

1\$000

1\$000

2\$000

5\$000

10\$000

QUOTA PRO LIBERTACAO NACIONAL

1\$000

1\$000

2\$000

5\$000

10\$000

QUOTA PRO LIBERTACAO NACIONAL

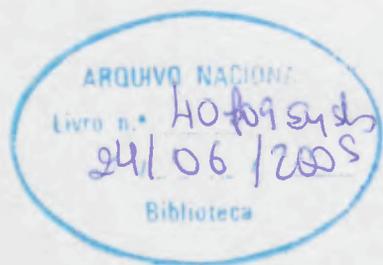
# *PÃO, TERRA E LIBERDADE*

MEMÓRIA DO MOVIMENTO COMUNISTA DE 1935

PH 92  
ed. 2

Apolo:

FAI • UFSCar



Pão, terra e liberdade: memória do movimento comunista de 1935  
Organização: Marly de Almeida Gomes Vianna. - Rio de Janeiro:  
Arquivo Nacional; São Carlos: Universidade Federal de São  
Carlos, 1995, 588 p.; 21 cm-(Publicações Históricas n. 92 ✓  
Arquivo Nacional) ISBN 85-7009-018-8  
1 - Levante Comunista, 1935 2 - Partido Comunista Brasileiro --  
História, 1935 I Vianna, Marly de Almeida Gomes; org. II Arquivo  
Nacional III Universidade de São Carlos.

# *PÃO, TERRA E LIBERDADE*

MEMÓRIA DO MOVIMENTO  
COMUNISTA DE 1935

ORGANIZAÇÃO: MARLY VIANNA

MÍNISTÉRIO DA JUSTIÇA



ARQUIVO NACIONAL

Publicações Históricas 92  
Copyright © 1995 by Arquivo Nacional

Presidente da República  
*Fernando Henrique Cardoso*

Ministro da Justiça  
*Nelson Azevedo Jobim*

Diretor do Arquivo Nacional  
*Jaime Antunes da Silva*

Diretora da Divisão de Pesquisa e Promoções Culturais  
*Maria do Carmo Teixeira Rainho*

Chefe do Setor de Editoração e Divulgação  
*Rosina Iannibelli*

Edição geral de texto  
*José Ivan Calou Filho*

Revisão  
*Alba Gisele Guimarães Gouget*  
*Flávia Roncaratti Gomes*  
*Maria Judith Azevedo Vieira*  
*Tânia Maria Cuba Bittencourt*

Programação visual  
*Jorge Passos Marinho*

Capa  
*Rosanda Ribeiro*

Universidade Federal de São Carlos

Reitor  
*Newton Lima Neto*

Coordenador da Editora da Universidade  
*Deonísio da Silva*

Conselho Editorial  
*João Carlos Massarolo*  
*José Antonio Proença Vieira de Moraes*  
*José Orlando Filho*  
*Levi de Oliveira Bueno*  
*Mário Tolentino*  
*Maurizio Ferrante*  
*Paulo Sérgio Machado Botelho*  
*Petronilha Beatriz Gonçalves e Silva*  
*Romeu Cardoso Rocha-Filho*  
*Deonísio da Silva (presidente)*

Assistente Administrativo  
*Maria Cristina Priore*

Transcrição de documentos  
*Bráulio Alcir de Oliveira*  
*Kellen Cristhina Leite*  
*Regina Helena Granga*

# DEDICATÓRIA

Ao Guilherme e aos meus alunos do Curso de  
Graduação em Ciências Sociais, da Universidade  
Federal de São Carlos.

A organizadora

## AGRADECIMENTOS

Apesar da seleção de documentos aqui apresentados ser de minha inteira responsabilidade, a idéia de levá-los a público foi compartilhada desde o início com Maria do Carmo T. Rainho e Marcus Venicio T. Ribeiro, vindo a se juntar a ela com entusiasmo, o Professor Dr. Deonísio da Silva. Não fosse o empenho deles, o livro não existiria. E para que existisse, foi imprescindível o apoio do Sr. Jaime Antunes da Silva, Diretor-Geral do Arquivo Nacional e do Reitor da Universidade Federal de São Carlos, Professor Dr. Newton Lima Neto.

# SUMÁRIO

<b>APRESENTAÇÃO</b>	11
<b>SIGLAS</b>	13
<b>INTRODUÇÃO</b>	15
<b>PARTE 1</b>	
O PCB, a ANL e os Movimentos Armados	23
<b>PARTE 2</b>	
A ANL na Legalidade	279
<b>PARTE 3</b>	
Correspondência de Luís Carlos Prestes	309
<b>PARTE 4</b>	
O PCB e as Forças Armadas	383
<b>PARTE 5</b>	
Harry Berger - A Internacional Comunista no Brasil	415
<b>PARTE 6</b>	
A Junta Revolucionária de Natal	469
<b>PARTE 7</b>	
Prestes e a direção do PCB	489
<b>PARTE 8</b>	
Hinos e Canções Revolucionárias	551
<b>RELAÇÃO DOS PROCESSOS RELATIVOS AS REBELIÕES DE NOVEMBRO DE 1935</b>	567

## APRESENTAÇÃO

O Arquivo Nacional, reúne um vasto e rico acervo sobre a história do Partido Comunista Brasileiro e sobre o comunismo em geral.

Esta documentação, que contempla fotos, panfletos, correspondências, jornais, processos judiciais relativos aos comunistas ou à atividades comunistas, encontra-se em fundos e coleções tão diversos como o acervo fotográfico do *Correio da Manhã*, os arquivos particulares de Góes Monteiro, Salgado Filho, Santiago Dantas, os arquivos do Instituto de Pesquisas e Estudos Sociais (IPÊS) e da Campanha da Mulher pela Democracia (CAMDE), a Série Justiça, a Série Interior, a Secretaria da Presidência da República, o Tribunal de Segurança Nacional, entre outros.

Como órgão integrante do Projeto de Preservação da Memória do PCB, o Arquivo Nacional tem o compromisso de divulgar e dar acesso a estes documentos. É com este objetivo que a Instituição, em parceria com a Universidade Federal de São Carlos, está publicando *Pão, Terra e Liberdade - Memória do Movimento Comunista de 1935*.

A partir de 450 processos do Tribunal de Segurança Nacional custodiados pela Instituição e de onze processos pertencentes ao Superior Tribunal Militar em Brasília, a historiadora Marly Vianna selecionou 133 documentos que ajudam a contar um pouco da história do Levante de 35. São correspondências, artigos de jornais, textos panfletários e até letras de músicas alusivas à conjuntura política de então. Organizando estes documentos de forma temática, o trabalho da historiadora sistematiza uma parcela considerável dos processos, o que facilita o acesso dos pesquisadores à informação.

Com o lançamento do presente volume, que integra a Série Publicações Históricas do Arquivo Nacional, a Instituição soma-se a outras entidades integrantes do Projeto de Preservação da Memória do PCB que vem publicando estudos sobre o tema. Futuramente, está prevista a edição de um *Roteiro comentado de fontes do Arquivo Nacional para a história do comunismo*.

Jaime Antunes da Silva

Diretor Geral

## SIGLAS

AN	Arquivo Nacional
ANL	Aliança Nacional Libertadora
Antimil	Comitê Antimilitar
B	Birô
BBCC	Batalhão de Caçadores
BFSN	Birô da Federação Sindical Nacional
BNO	Birô Nacional de Organização
BP	Birô Político
CC	Comitê Central
CE	Comissão Executiva
CL	Comitê Local
CR	Comitê Regional
CR	Comitê Revolucionário
CSUB	Confederação Sindical Unitária do Brasil
DIR	Diretório
DN	Diretório Nacional
DR	Diretório Regional
EM	Escola Militar
EM	Estado Maior
EME	Estado Maior do Exército
FJCB	Federação da Juventude Comunista do Brasil
FPLD	Frente Popular pelas Liberdades Democráticas
FU	Frente Única
GPNR	Governo Popular Nacional Revolucionário
GW	Great-Western - Companhia de Estradas de Ferro do Nordeste
IC	Internacional Comunista

NUCS	Núcleos
PRM	Partido Republicano Mineiro
PRP	Partido Republicano Paulista
QG	Quartel General
RC	Regimento de Cavalaria
RCD	Regimento de Cavalaria Divisionária
SIC	Seção da Internacional Comunista
SN	Secretariado Nacional
STM	Superior Tribunal Militar
UFB	União Feminina do Brasil

## INTRODUÇÃO

Os movimentos armados ocorridos no Rio Grande do Norte, Recife e Rio de Janeiro, em novembro de 1935, sempre foram mencionados nos livros de História do Brasil, mas só a partir de meados da década de 1980, principalmente após os cinquenta anos da Intentona, é que começaram a ser escritos trabalhos específicos sobre o assunto.

No entanto, apesar da bibliografia sobre os levantes ter sido aumentada significativamente, sua interpretação não mudou muito: as insurreições teriam ocorrido por 'ordens de Moscou'. Essa visão oficial, divulgada logo após os acontecimentos e cristalizada durante o Estado Novo, passou a ser a dominante. O que deveria ser pesquisado tornou-se ponto de partida para a interpretação da história daqueles episódios e, por extensão, da história do PCB e da esquerda no Brasil, o que foi uma maneira de desqualificá-la.

A literatura oficial sobre os movimentos de novembro de 1935 está amplamente representada pelos documentos produzidos pela repressão. Os relatórios dos responsáveis pelos inquéritos falam todos de planos tenebrosos de comunistas sanguinários, que mataram companheiros dormindo, tudo por ordens expressas de Moscou. Os mais representativos dessa literatura são os de Honorato Himalaia Vergolino, *Denúncia dos cabeças da revolução de 27 de novembro de 1935, apresentada ao Tribunal de Segurança Nacional*<sup>1</sup>, e *Razões finais da procuradoria do Tribunal de Segurança Nacional*,<sup>2</sup> o relatório do delegado Eurico Belens Porto, *A insurreição de 27 de novembro de 1935*,<sup>3</sup> e a publicação *Arquivos da Delegacia Especial de Segurança Política e Social*.<sup>4</sup>

Na mesma perspectiva estão os livros do delegado de polícia de Natal, na ocasião dos acontecimentos, João Medeiros Filho, *Meu depoimento: sobre a revolução comunista e outros assuntos*,<sup>5</sup> e *82 horas de subversão: a intentona comunista no Rio Grande do Norte*.<sup>6</sup>

Os chamados brasilianistas, que por algum tempo estiveram entre os poucos a ter acesso aos documentos sobre os levantes de novembro de 1935, foram também os primeiros a tratar o tema com maior destaque. A visão desses historiadores é bastante homogênea e não foge à versão

---

1. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1936.

2. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1937.

3. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1936.

4. Rio de Janeiro: Serviço de Divulgação da Polícia Civil do Distrito Federal, 1937-38.

5. Natal: Imprensa Oficial, 1937.

6. Natal: Senado Federal, 1980.

oficial, embora de uma maneira mais sofisticada e com aparente objetividade. Robert Levine, por exemplo, em seu livro *O regime de Vargas - 1935-1938*,<sup>7</sup> diz que as ordens de Moscou eram para que o PCB "agisse de qualquer maneira, a despeito do seu despreparo" e que os comunistas brasileiros, "fiéis legalistas, obedeciam cegamente as instruções recebidas" (pág. 101). Várias vezes Levine faz afirmações precedidas pela expressão "como se verificou", sem dizer como e onde foi feita a verificação. As fontes citadas, são sempre secundárias. À página 109 afirma que o levante no Rio de Janeiro ocorreu a conselho de Harry Berger e Rodolfo Ghioldi, assessores da Internacional Comunista, que estavam no Brasil. No entanto, as fontes de que dispomos mostram o contrário. Foi Prestes quem convenceu os dois, que vacilavam sobre a importância do desencadeamento do levante. Levine parece desconhecer muitos outros fatos já sobejamente comprovados. Afirma, por exemplo, que Prestes saíra de Moscou casado com Olga Benário, quando é notório que, ao iniciar a viagem, mal se conheciam. À página 198 chega a afirmar que Olga não fora maltratada na prisão (sic) e que Elise Berger, assassinada num campo de concentração nazista, conseguira fugir da Alemanha para a França (pág. 210).

R.H. Chilcote, *Partido comunista brasileiro*,<sup>8</sup> segue a mesma linha. Na nota 59, à página 79, diz que Antônio Maciel Bonfim, o *Miranda*, secretário-geral do PCB na época, era agente infiltrado de Vargas, que por ele soubera dos planos para a insurreição, o que é comprovado absurdo. À página 288 afirma que Prestes voltou ao Brasil por ordens expressas da Internacional Comunista como membro do Birô Político do Comitê Central do PCB. A volta de Prestes era vista com apreensão pela IC, e ele não fazia parte da direção do partido, o que só ocorreu, por insistência de Ghioldi e de Berger, pouco antes das revoltas de novembro de 1935. As afirmações sem fundamento não param aí. Para Chilcote, Prestes "pode muito bem ter sido um dos que persuadiram o Comintern a adotar uma política de frente única no VII Congresso" da IC. Em nenhum momento o brasilianista leva em conta que, além de Prestes ser um ardoroso defensor de movimentos armados, pouca ou nenhuma influência tinha na política da IC. Outra vez são dispensados os documentos ou argumentos que comprovam as afirmações feitas.

Outro brasilianista, Stanley Hilton, dedicou um livro aos levantes de novembro de 1935, *A rebelião vermelha*,<sup>9</sup> que não foge à linha anticomunista de seus colegas. Marcos Santarrita escreveu uma excelente crítica a este livro no *Jornal do Brasil*,<sup>10</sup> mostrando como Hilton endossa

---

7. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.

8. Rio de Janeiro: Graal, 1982.

9. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1983.

10. Caderno B, Especial, Rio de Janeiro, 19 de julho de 1987, p. 8.

completamente todas as teses da versão estadonovista dos levantes, inclusive a dos assassinatos de oficiais dormindo. Santarrita, depois de identificar o capciosidade do autor, diz que "o chocante na obra é a explicação da deportação de Olga Benário". Para o sr. Hilton, o ato "deve ser julgado não em termos do que o mundo viria a saber depois, mas em termos da situação específica do momento em que a decisão foi tomada. Isso não significa, como é óbvio, endossar a decisão, mas simplesmente tentar compreendê-la". Concordamos com Santarrita: Hilton convida-nos a 'compreender' a entrega aos nazistas de uma comunista judia, grávida de sete meses e procurada há muito na Alemanha por sua atuação.

Sobre John W. F. Dulles, talvez o mais famoso dos brasilianistas, e suas investidas na história do comunismo brasileiro, desde *Anarquistas e comunistas no Brasil - 1900-1935*,<sup>11</sup> deixemos que fale Paulo Sérgio Pinheiro: "O prof. Dulles é um cronista histórico, com a ambição fundamental para a reconstrução detalhista, minuciosa dos fatos, com amplo realce para os retratos de lideranças, dos protagonistas. Restaurado na sua categoria (de cronista - MV), suas qualidades não podem ser negadas: um artesão incansável (vocação que está presente nos melhores historiadores), um devassador de arquivos, um entrevistador contumaz. Se é confiável o resultado? O manancial luxuriante de detalhes impressiona. Mas também confunde e geralmente não explica nada".<sup>12</sup>

A maioria dos autores nacionais segue o mesmo caminho dos brasilianistas. Como disse Dario Canalle<sup>13</sup>. Helio Silva, em seu livro *1935: A revolta vermelha*,<sup>14</sup> endossa a tese dos movimentos teleguiados de Moscou, aceitando a grosseira falsificação do discurso do delegado chinês, Wan Min, no VII Congresso da IC. Ele teria dito que o PCB fundara a Aliança Nacional Libertadora com o propósito de fazer uma revolução. Nem Wan Min disse isto, nem o PCB foi o fundador da ANL e muito menos esta foi criada para 'fazer uma revolução'.

Mais recentemente, o jornalista William Waack no livro *Camaradas*,<sup>15</sup> apresenta os revolucionários brasileiros travestidos de fantoches, que só se movimentam quando Moscou puxa suas cordinhas. O Brasil não é personagem do livro de Waack, que considerou possível explicar as insurreições de 1935 sem levar em conta a sociedade brasileira da época, a tradição revolucionária tenentista, o PCB e a Aliança Nacional Libertadora.

José Nilo Tavares, no livro que organizou, *Novembro de 1935, meio século depois*,<sup>16</sup> afirma, à

11. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1977.

12. "Mr. Dulles, um 'brazilianist' muito esforçado", *Folha de São Paulo*, Ilustrada, 5 de maio de 1984, p. 44.

13. *Novembro de 1935, meio século depois*, Petrópolis: Vozes, 1985, p. 133.

14. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1969.

15. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

16. Petrópolis: Vozes, 1985.

página 75, que: "Diante de fatos e documentos revelados pela história torna-se difícil sustentar a tese da não intervenção da IC". Mas os documentos 'revelados' não são apresentados ou citados.

Entre os muitos pontos a discutir, e deixando de lado as motivações políticas e ideológicas de cada autor, alguns dos quais, como José Nilo, situam-se claramente à esquerda, chama a atenção nesses autores uma visão metodológica que leva a tratar o tema a partir de uma perspectiva exógena. Acredita-se ser possível explicar importantes episódios da vida nacional por motivações situadas exclusivamente fora do Brasil, perspectiva que não é a nossa.

Outra parte da bibliografia sobre 1935 é composta por obras de 'dissidentes' do movimento comunista, que são pouco consideradas. A mais exemplar é a de Eudocio Ravines, *La gran estafa*,<sup>17</sup> que neste ano estava na 11ª edição. Ravines, um dos fundadores do Partido Comunista do Peru, gravitou algum tempo em torno da direção da IC e acabou por renegar o comunismo. Seu livro, difundido durante a guerra fria, sustenta a seguinte tese: nas reuniões realizadas em Moscou, no final do ano de 1934, teria sido decidido a fomentação de experiências revolucionárias na América Latina. No Chile tentar-se-ia uma política de frente ampla e no Brasil a revolta armada. Ravines chegou a afirmar que 'os russos' não só deram as ordens para os levantes como insinuaram a promessa do envio de submarinos para apoiar a insurreição.

Numa perspectiva diversa estão as obras de Paulo Sérgio Pinheiro e Fernando Moraes. Pinheiro, em seu artigo sobre as insurreições de 1935, "A lenta restauração da verdade",<sup>18</sup> destaca o caráter nacional dos movimentos, embora em sua tese de livre docência, *Estratégias da ilusão - a revolução mundial e o Brasil, 1922-1935*,<sup>19</sup> privilegie o que seriam os interesses da IC no Brasil. Fernando Moraes, em *Olga*,<sup>20</sup> mostra como "a IC relutou em apoiar a insurreição, apesar do triunfalismo de *Miranda*", o então secretário-geral. Os dois autores fogem das teses da história oficial, colocando questões importantes para a discussão do tema.

Na visão que privilegia amplamente os fatores internos no desencadeamento dos levantes de novembro de 1935 estão Nelson Werneck Sodré, *A intentona comunista*,<sup>21</sup> Dario Canale, artigo já citado e Marly Vianna, *Revolucionários de 1935 - sonho e realidade*.<sup>22</sup>

Dario Canale estudou minuciosamente as ligações do PCB com a IC e não encontrou nada

---

17. Buenos Aires/Santiago do Chile: F.Aguirre, 1977.

18. *Leia*, novembro de 1985, p. 21.

19. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

20. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

21. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1987.

22. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

que autorizasse a afirmação de terem sido os levantes decididos em e por Moscou. Werneck Sodré e eu temos como tese que os levantes foram a última manifestação dos movimentos tenentistas no Brasil.

Os documentos oficiais do PCB, relativos aos movimentos de novembro de 1935, são ambíguos. Apesar de reconhecerem a inoportunidade dos levantes, afirmam que eles não foram um 'erro', pois teriam evitado o desenvolvimento do fascismo no país, tese que carece de comprovação. Há também muitos comunistas que condenam os levantes, responsabilizando Luís Carlos Prestes.

Gregório Bezerra, em sua autobiografia, *Memórias: primeira parte, 1900-1945*,<sup>23</sup> narra os acontecimentos sem adotar uma postura crítica sobre eles. O mesmo não ocorre com outras personagens do drama de novembro de 1935. Embora com opiniões diferentes, quase sempre individualizam a responsabilidade pelos levantes. Prestes é acusado pela maioria, outros responsabilizam Giocondo Dias, outros Miranda. Dentre esses preciosos testemunhos da época, destacamos: Agildo Barata, *Vida de um revolucionário: memórias*;<sup>24</sup> Leôncio Basbaum, *Uma vida em seis tempos: memórias*;<sup>25</sup> Heitor Ferreira Lima, *Caminhos percorridos*;<sup>26</sup> Ângela Maria de Castro Gomes (org.) e outros, *Velhos militantes, depoimentos*,<sup>27</sup> e Moacyr Oliveira Filho, *Praxedes, um operário no poder*.<sup>28</sup>

As análises de Roberto F. Sisson, comandante da Marinha de Guerra e membro fundador da ANL são de especial importância e encontram-se em: "Carta aberta aos oficiais, suboficiais e sargentos da Marinha de Guerra";<sup>29</sup> "Declaraciones del comandante Sisson";<sup>30</sup> e *La Revolución democrática progressista brasileña*.<sup>31</sup>

Com esta publicação, na passagem dos sessenta anos da Intentona Comunista, o Arquivo Nacional e a Universidade Federal de São Carlos colocam à disposição dos estudiosos documentos imprescindíveis para a compreensão de um momento fundamental de nossa história e que ficaram, até uma década atrás, praticamente inacessíveis aos pesquisadores nacionais. Apresentamos, em anexo, uma lista dos processos do Tribunal de Segurança Nacional, que centralizou todos os

23. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1979.

24. São Paulo: Alfa-Ômega, 1978.

25. São Paulo: Alfa-Ômega, 1976.

26. São Paulo: Brasiliense, 1982.

27. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1988.

28. São Paulo: Alfa-Ômega, 1985.

29. Rio de Janeiro: Casa de Detenção, 1936.

30. *El Diario de Buenos Aires para toda la República*, Buenos Aires, 25 de abril de 1939.

31. Buenos Aires: s/ed., 1939.

processos sobre a Intentona e que contêm quase todos os documentos para a pesquisa do tema, arquivados em sua maioria no Arquivo Nacional.

Boa parte dos documentos ora transcritos são, na sua maioria, ou inéditos ou pouco divulgados. Foram organizados para esta publicação segundo um critério temático e dentro de cada tema, cronológico.

A primeira parte apresenta documentos do PCB, com as posições do partido desde o surgimento da ANL até às vésperas das rebeliões de novembro.

O documento nº 1 noticia a concordância do PCB, por instância da Internacional Comunista, em aceitar o ingresso de Luís Carlos Prestes no partido, ficando claro a relutância com que os comunistas aceitaram o *Cavaleiro da Esperança* em suas fileiras.

Os documentos de nº 2 a 6 mostram a posição do partido em relação à ANL, antes da atitude tomada por Prestes de influir ativamente na linha política da organização, o que se concretiza com o lançamento do documento nº 7. O oitavo e o nono refletem a mudança da posição do PCB em relação à ANL, a partir deste momento (julho de 1935).

O décimo documento, mais conhecido, não poderia ficar fora desta publicação, por mostrar a postura do PCB de atribuir-se uma força que estava longe de ter, e encampar iniciativas que não foram suas, como a da fundação da ANL.

Os documentos de número 11 a 27 são principalmente diretivas internas do PCB, que nos permitem acompanhar a posição do partido no período, ressaltando-se tanto sua posição tática fundamental, a organização da luta armada para a tomada do poder, como a calamitosa situação orgânica do partido. O de nº 22, que aparece assinado pelo Diretório Nacional da ANL, está aqui incluído por ser a mesma diretiva - e do mesmo estilo - dos documentos assinados pelo PCB, tudo levando a crer que seja de autoria de Prestes.

O documento nº 28 é a resolução do pleno do Comitê Central realizado às vésperas da rebelião de Natal. Embora não tivesse influência na vida partidária, pois foi atropelada pelos acontecimentos do Nordeste, mostra a decisão da direção do PCB de iniciar o mais rapidamente possível a revolução, uma vez que considerava maduras as condições para isso. A importância dessa resolução está justamente na avaliação que o Comitê Central do PCB fazia da situação política do país e dos motivos que o levavam a considerá-la objetivamente revolucionária.

Os documentos que se seguem (de nº 29 a 33) são do próprio momento revolucionário, na maioria panfletos. Dentre os mais conhecidos destaca-se o de nº 30, uma carta do jornalista Barreto Leite dirigida a Prestes, carta esta que recebeu poucas horas antes de iniciar-se a revolta no Rio de Janeiro e a qual não deu importância.

Os outros documentos desta seção (de números 34 a 58), posteriores às rebeliões de novembro, são balanços feitos pelo PCB dos acontecimentos revolucionários, e diretivas de continuar a preparação da luta armada, principalmente a organização de guerrilhas no Nordeste.

Os documentos selecionados na segunda parte são da ANL, em seu período legal. Destaca-se, entre eles, o de número 62, uma entrevista do presidente da organização, Herculino Cascardo, concedida ao primeiro (e único) número do jornal socialista *Terceira República*, em 5 de julho de 1935, pouco antes da leitura do manifesto de Prestes na solenidade daquele dia.

A terceira parte contém, em sua esmagadora maioria, cartas de Luís Carlos Prestes, de junho a novembro de 35, a seus antigos camaradas, quando buscava adeptos para reviver a 'Coluna Invicta'.

Na quarta parte transcrevemos documentos do PCB para as Forças Armadas, quase todos pouquíssimo divulgados.

Os documentos da quinta parte (de nº 105 a 111) são quase todos de autoria de Harry Berger. Neles podemos perceber não só o seu pensamento sobre a situação política brasileira como a discrepância de suas posições com as do PCB, assim como as críticas 'do homem da Internacional Comunista' ao partido.

O documento de número 112 é uma carta de Harry Berger e Rodolfo Ghioldi ao secretário-geral do PCB (*Miranda*), propondo a incorporação de Prestes à direção nacional do partido, da qual não fazia parte.

O de número 113, de fevereiro de 1936, é um questionário organizado por Léon-Jules Vallée, para ser aplicado à Elvira Copelo Coloni (Elza Fernandes, a *Garota*) a fim de verificar se ela trabalhava para a polícia, como desconfiavam Prestes e a direção do PCB.

A sexta parte transcreve os documentos da Junta Revolucionária de Natal.

A sétima reúne correspondência entre a direção do PCB e Prestes, no período que vai da derrota dos movimentos de novembro até sua prisão, no início de março de 1936. Nesta parte encontram-se não só as diretivas de Prestes para o 'prosseguimento' das guerrilhas que ele acreditava existirem, como a decisão de eliminar a *Garota*.

Terminamos com a transcrição de canções populares, transformadas em músicas e hinos revolucionários pelos rebeldes de 1935.

Esperamos que os documentos que colocamos à disposição do público contribuam para uma melhor compreensão de nossa história.

Marly Vianna

# *PARTE 1*

O PCB, A ANL E OS MOVIMENTOS ARMADOS

# 1

## A ADESÃO DE LUÍS CARLOS PRESTES AO PCB

CAMARADAS: - O Bureau Político, discutindo amplamente a Proposta da IC de Adesão de Prestes às fileiras do nosso Partido, considerando que Prestes, de caudilho pequeno-burguês que era, passou a confiar nas forças do proletariado como única classe revolucionária e no seu partido, o PC; que Prestes, além de ter reconhecido, em vários documentos escritos todo o seu passado de erros, vem demonstrando na prática a sua dedicação à causa revolucionária do proletariado, participando ativamente na construção do socialismo na URSS, e sobretudo que a direção e as bases do PCB se fortificam cada vez mais ideologicamente, completando o processo de sua proletarianização e se esforçam para aplicar a linha da IC para ligar-se às massas trabalhadoras das cidades e do campo e dirigir as suas lutas por reivindicações imediatas econômicas e políticas, encaminhando essas lutas para os grandes combates pelo poder, resolveu aceitar a proposta da IC.

### O QUE SIGNIFICA A ENTRADA DE PRESTES PARA O PCB NESTE MOMENTO

Neste momento de amadurecimento da crise revolucionária em que as massas se radicalizam a passos agigantados e começam a perder as ilusões dos chefes pequeno-burgueses e nas leis feudal-burguesas e passam a confiar no seu partido, o PCB e nas suas organizações revolucionárias, desencadeando lutas em resposta à cassação do direito de greve, lutas abertamente políticas, como as que se seguiram ao massacre da noite de 23 de agosto, contra a reação das camarilhas dominantes, pelo reconhecimento do Partido e demais organizações revolucionárias etc.; neste momento em que o Partido, da direção à base, intensifica a luta ideológica nas suas fileiras e leva essa luta ao seio das massas, contra todas as ideologias estranhas, preparando, desencadeando e dirigindo greves completamente independentes, o que nunca fez na época em que a direção do Partido estava em nível de oportunistas de direita, que em vez de formar quadros operários, organizar frações e oposições sindicais, comitês de luta e de empresa etc., e de confiar nas forças do proletariado, fazia política de colaboracionismo podre com políticos e chefes pequeno-burgueses, prestistas, miguelcostistas etc., e hoje que o Partido e sua direção

proletária que se esforça para aplicar a linha da IC, a adesão de Prestes ao PCB, como simples soldado da IC, tem uma enorme importância para o movimento revolucionário do proletariado no Brasil porque vem desarmar todos os elementos oportunistas que exploram o nome de Prestes para trair as lutas das massas trabalhadoras das cidades e do campo, entravando a marcha da Revolução Agrária Antiimperialista, ou Operária e Camponesa, dirigida pela vanguarda revolucionária do proletariado, o PCB.

#### CERREMOS FOGO CONTRA O PRESTISMO E TODAS IDEOLOGIAS ESTRANHAS

Ao mesmo tempo que o BP aceita a adesão de Prestes às fileiras do Partido, chama todo o Partido para intensificar o fogo contra o prestismo dentro e fora de nossas fileiras, contra essa teoria e prática de conteúdo contra-revolucionário, pequeno-burguês, que consiste na subestimação das forças do proletariado como única classe revolucionária, nas ilusões em chefetes e caudilhos pequeno-burgueses, "salvadores", "cavaleiros da esperança" etc., no colaboracionismo com os inimigos de classe e seus agentes, no espontaneísmo e na passividade diante das lutas das massas. Contra todos os erros e desvios de direita (falta de confiança no proletariado) e de esquerda (que alimentam o "heroísmo" partidário sem nenhum trabalho concreto entre as massas).

Na base dessa luta ideológica, ligada às lutas de massa, devemos abrir as portas a todos os operários prestistas que queiram ingressar no Partido e fechar as nossas fileiras à ideologia prestista e todas as ideologias estranhas, a todos aqueles chefetes que não demonstrarem, através de séria autocrítica ideológica e na prática, a sua confiança no proletariado e no seu Partido, como fez Prestes.

**RECRUTAMENTO** - Paralelamente à entrada de Prestes no PCB e à intensificação da luta ideológica dentro e fora do Partido, contra o prestismo e todas as ideologias estranhas, o Bureau Político apela para todo o Partido para um forte e amplo recrutamento, sob o fogo das lutas de massas, de operários combativos, sobretudo dos setores fundamentais da produção, para o Partido e organizações de massa, para trabalhar pela formação de novos quadros operários e assim irmos bolchevisando o nosso Partido; para criar novas células e reforçar as existentes, sobretudo nos pontos de nossa concentração, formar e fortalecer as nossas frações e oposições sindicais revolucionárias, os comitês de luta e de empresa, os organismos de frente única para a luta por melhores condições de vida e de trabalho das massas, contra a guerra imperialista, a reação e o fascismo, na base do programa do Partido, a fim de formarmos o Partido como partido de massas do proletariado, através do desencadeamento de novas e combativas lutas dos trabalhadores das cidades e do campo e encaminharmos estas lutas para as batalhas decisivas de classe pelo poder e instauração do governo de soviets (conselhos) de operários, camponeses, soldados e

marinheiros!

COM SAUDAÇÕES COMUNISTAS, O BUREAU POLÍTICO DO CC DO PCB (SEÇÃO DA IC) - Rio, 4-9-34.

P.S. Reprodução obrigatória e imediata para todas as bases para ampla discussão. Mandar com urgência opinião de cada organismo do P.

(*Sentinela Vermelha* - Ano I, nº 1, São Paulo, outubro de 1934, TSN, anexo ao Processo nº 1)

## 2

# POR QUE APOIAMOS A ALIANÇA NACIONAL LIBERTADORA

Um grupo de intelectuais médicos, engenheiros, advogados, professores, de oficiais do Exército e da Marinha, de representantes de organizações proletárias, de soldados, marinheiros, camponeses, estudantes, acaba de lançar o manifesto da Aliança Nacional Libertadora.

O PCB, Partido da Revolução, sustentáculo e guia de todas as lutas do proletariado e das massas populares em geral, único partido que sempre se mantém intransigentemente à frente de todos os movimentos reivindicadores, apóia a Aliança Nacional Libertadora porque ela se propõe realizar a aliança operária e camponesa contra a opressão latifundiária e imperialista.

Todos nós comunistas que lutamos contra o regime de fome e exploração, contra o terror branco e a reação, contra o fascismo e a guerra imperialista, todos nós que lutamos contra as camarilhas dominantes ligadas aos capitalistas estrangeiros, todos nós comunistas que sofremos as torturas dos cárceres, das ilhas infectas, os massacres e suplicios, nós que somos lutadores conseqüentes contra o imperialismo e o latifúndio, apoiamos o movimento da Aliança Nacional Libertadora porque ela se propõe a combater tenaz e firmemente os bandos de sanguessugas que sorvem até a última gota o suor do operariado, que reforçam a exploração e a opressão latifundiária, que esmagam a pequena burguesia, que asfixiam as massas populares do Brasil com toda uma série de extorsões. Diz bem claramente o manifesto da Aliança Nacional Libertadora que sua luta não será contra o trabalhador estrangeiro, porque este é tão explorado, tão oprimido quanto os seus irmãos trabalhadores nacionais.

Assistimos agora mesmo ao caso da Cantareira. Quando os operários que trabalham nessa empresa imperialista pedem aumento de salário, melhoria de vida, quando a população laboriosa de Niterói, cansada de ser vilmente explorada, apóia a luta dos trabalhadores e exige para si a Cantareira, o governador reacionário de Getúlio, Parreiras, apóia inteiramente os imperialistas

dessa empresa ao mandar desancar, prender, torturar os operários e o povo trabalhador de Niterói, e quando um juiz como Afonso Resende procura defender os operários grevistas é imediatamente cercado pelos asseclas de Ari Parreiras, perseguido e até ameaçado de morte.

Enquanto as massas laboriosas das cidades e do campo morrem de fome, enquanto se torna cada vez mais difícil e aguda a sua vida, vemos crescer o poderio da Light, da Cantareira, da City etc., dos grandes bancos financiados pelo capital estrangeiro, vemos aumentar as concessões de terras aos imperialistas, vemos todas as nossas forças naturais e produtivas passarem às mãos dos tubarões estrangeiros.

É contra tudo isso, contra a venda cada vez mais descarada do Brasil aos imperialistas que se levanta a onda popular. É contra a entrega passiva do Brasil pelo governo de Getúlio e seus asseclas aos opressores estrangeiros que se ergue o coro popular e a Aliança Nacional Libertadora se propõe a coordenar as ações de protesto e de luta.

O Partido Comunista lutará para [ilegível] a grande batalha já travada, apóia a Aliança Nacional Libertadora e apela para o proletariado e para as massas populares em geral a fim de que a ANL lute de fato pela libertação nacional do povo brasileiro.

(*A Classe Operária* - Ano XI, nº 173, Rio de Janeiro, 24 de janeiro de 1935). Os números deste periódico encontram-se em diversos processos.

# 3

## COMO OS TRABALHADORES DO BRASIL RESOLVERÃO A CRISE LUTANDO E PEGANDO EM ARMAS CONTRA OS ESFOMEADORES DO BRASIL

Miranda

Em artigo precedente esclarecemos como Getúlio pretende "resolver" a crise à custa do esfomeamento de todo o povo do Brasil, do seu massacre, da opressão mais feroz.

Para enganar o povo, fechar-lhe os olhos, o governo e seus jornais pintam uma situação cor-de-rosa. O algodão vai "salvar-nos", os ingleses nos mandarão cem milhões de dólares, os americanos 80 milhões, é o que dizem eles. Dólares e mais dólares para a barriga dos magnatas; mas quem vai pagar? Este proletariado andrajoso e faminto, a massa camponesa pauperizada e oprimida pelos senhores feudais, a pequena burguesia das cidades e dos campos aperreada de impostos e fretes, todo o povo trabalhador do Brasil.

Em outros anos atrás vieram empréstimos para o Brasil. Quem os comeu? Os mesmos magnatas. Os mesmos senhores dos governos, das indústrias e das terras. Quem os pagou? O povo escravo e faminto do Brasil. Todas as pinturas cor-de-rosa não detêm a fome, as barrigas vazias dos milhões de trabalhadores das cidades e dos campos.

A miséria nos campos mais favorecidos é cada vez mais negra. Na zona Sul da Bahia, onde não há seca e há boas terras e matas densas, o roceiro vende uma arroba de 15 sacos de batata por 400 ou 500 réis e compra uma caixa de fósforos pelo mesmo preço. Vivem nus, sem ter o que comer, vendendo os produtos da terra por preços miseráveis; como não acham preços, vendem os produtos de meses de labor por qualquer coisa de que precisem ou trocam por mercadorias a

preços exorbitantes. Isso nas zonas mais favorecidas, e o que não será no Nordeste, no Amazonas, nas zonas mais pobres?

Mas o cinismo feroz de Getúlios-Góis-Raos<sup>1</sup> e canalhas não tem limites. Esfomeiam o povo, vendem o Brasil aos imperialistas e assentam metralhadoras, gases e canhões contra a população do Brasil que pede um pouco de farinha, carne seca e rapadura...

Somos uma colônia de escravos e oprimidos, uma colônia de párias humilhados e escorraçados a tiros e chibatadas, sem terras num país de território imenso, sem pão num dos mais ricos pedaços do mundo.

Os nossos irmãos índios são cinicamente tocados a chicote das terras e plantações onde habitavam há milhares de anos e perambulam pedindo esmolas pelas ruas do Rio de Janeiro e outras cidades do Brasil.

E por que? Porque esses infames "patriotas" tipo Getúlio-Góis-Flores da Cunha-Rao e canalhas, com o sebooso Sebastião Leme<sup>2</sup> à frente, vendem o nosso Brasil em leilão aos imperialistas japoneses, venderam as terras dos irmãos índios, e patrões japoneses já chegaram lá, apoiados inconscientemente por soldados da polícia e do Exército "patriota", dando vinte e quatro horas para os nossos pobres irmãos índios saírem pelo mundo a fora.

Camaradas camponeses, camaradas índios, camaradas negros, trabalhadores dos campos do Brasil - que jeito dar em nossa vida de tanta miséria?

Chorar, implorar, pedir, mendigar a esses bandidos do governo, traidores da Pátria e de todos nós? Não, jamais! Ainda somos gente, ainda somos um povo capaz de lutar, de se libertar e de se governar a si mesmo.

Pegar em armas, lutar de armas nas mãos desde já, defender palmo a palmo as nossas terras, sítios e roças, casas e plantações, mulheres e filhinhos.

Pegar em armas desde já, não há outra solução. Ou morrer lutando ou ser escravo, mendigo, morrer de fome lenta, roído pelas doenças ou assassinado por esses bandidos. É nossa situação há dezenas de anos, mas agora ela se torna insuportável, nós despertamos, sentimos a luta de perto, precisamos lutar e iremos à luta pela nossa libertação, contra a escravidão e a opressão.

- 
1. Góis Monteiro - ministro da Guerra.  
Vicente Rao - ministro da Justiça.
  2. Flores da Cunha - governador do Rio Grande do Sul.  
D. Sebastião Leme - arcebispo do Rio de Janeiro.

Em todos os estados do Brasil há camponeses, trabalhadores, vaqueiros, peões, índios, negros, mestiços e brancos, nas fazendas e usinas, que querem pegar em armas. Em todos os estados do Brasil somos expulsos de nossas terras, sítios e roças. Nosso território é imenso e dentro dele há exemplo de Canudos, Contestado, Juazeiro do Padre Cícero, Princesa e milhares de outros lugares, há exemplo da gloriosa Coluna Prestes, sabemos lutar muito bem, nos defender e avançar. Multiplicaremos as guerrilhas e arrastaremos milhares de irmãos conosco, que vivem na mesma situação que nós, conquistaremos as simpatias de todo o povo do Brasil para nossa luta. Nunca permitiremos o saque contra nossos irmãos trabalhadores e camponeses, nem o banditismo contra as nossas famílias e as nossas filhas. Tomaremos a terra para nossos irmãos trabalhadores; garantiremos a terra de todos os camponeses e de nossos irmãos índios; localizaremos os nossos irmãos flagelados das secas em zonas salubres e produtivas, escolhidas por eles e os garantiremos, acabaremos com os foros, arrendamentos, a exploração feudal dos senhores de terra e a opressão em todo o campo do Brasil. Registro, batizado, casamento, enterro etc., tudo isso será grátis. Poremos muita gente que sabe ler lá nos sertões, para ensinar a turmas e mais turmas de gente que não sabe ler.

Dessas lutas e guerrilhas multiplicadas em todo o Brasil em dezenas e dezenas o governo não vai dar conta. Ele não dá conta hoje dos nossos irmãos camponeses que se revoltam, os cangaceiros, a quem chamam de bandidos, nem lhes cortando as cabeças, e nós arrastaremos conosco os cangaceiros, lhes ensinaremos a lutar melhor e a não praticar certos atos de revolta que dão armas ao governo para envenenar a população contra os cangaceiros. O governo terá que afrouxar, baterá em retirada diante de nossas guerrilhas multiplicadas em todo o Brasil e nós nos reuniremos em zonas seguras, tomaremos cidades e mais cidades e com o povo dessas cidades, vilas e aldeias formaremos nossos governos de municípios, os nossos conselhos (soviets) eleitos por todos os camponeses, índios, negros, mestiços e brancos, todos os trabalhadores, saibam ou não ler.

O Exército e a Marinha do Brasil formados por nossos irmãos, nossos filhos, parentes e companheiros fraternizarão conosco. Nos darão armas e munições, não serão algozes do povo do Brasil em defesa dos imperialistas estrangeiros e dos senhores de terra. Se soldados e marinheiros nos traírem, traírem o Brasil, atirarem contra nós, ainda apelaremos para eles, os que teimarem neste gesto infame serão odiados, repudiados como traidores.

Os destacamentos de polícia do interior, que como os das capitais também passam fome, têm vida difícil e trabalhosa, cujos soldados são filhos em maioria de operários, camponeses, nossos filhos e irmãos, muitas vezes vão vir conosco, nos darão armas e munições, lutarão a nosso lado.

Muita gente vai marchar conosco porque vê a nossa escravidão e nossa miséria e não está de acordo com isso, acha a nossa luta justa.

Nas cidades, o operariado, já em luta travada em greves e mais greves combativas contra seus e nossos exploradores, vai intensificar a sua luta e nós todos vamos nos aliar, nos fraternizar, nos dar as mãos. Os intelectuais e a pequena burguesia, também cada vez mais pauperizados, vão compreender que para salvar o Brasil só abrindo desde já essa luta decisiva contra os senhores de terras feudais e burgueses e contra os banqueiros imperialistas estrangeiros e expulsando toda essa gente, tomando suas empresas e terras para nós, não lhes pagando mais nenhum vintém dos empréstimos que não comemos, não deixando sair mais um vintém dos juros dos empréstimos imperialistas que são nossos, só assim o povo do Brasil, nos juntando todos das cidades e dos campos, formando o nosso governo, só assim é que salvaremos a nós, nossos filhos, todo o Brasil de tanta miséria, da crise e da catástrofe que nos ameaça.

Na frente de toda essa luta está o nosso Partido - o Partido do proletariado, o Partido Comunista do Brasil - que nos guiará, nos ajudará, lutará com todas as suas forças, que estendam por todo o Brasil, em todos os estados, em cidades e nos campos. Mobilizará ao proletariado e a todos nós e nos levará ao triunfo de nossa luta.

Precisamos lutar! Precisamos começar a luta desde já. Iremos à luta todos juntos e a vitória será nossa e não dos "galinhas verdes", dos integralistas que nos ameaçam com um regime de ferro, como instrumentos que são dos senhores de terra.

Foi este o caminho seguido pelos trabalhadores da Rússia Soviética hoje livre, é este o caminho que segue a China Soviética que se liberta, é este o nosso caminho, o caminho do Brasil sem escravidão feudal e imperialista, o caminho do Brasil resgatado da opressão e da miséria, o caminho do Brasil grande, unido e forte, o caminho das Repúblicas Soviéticas do Brasil.

(*A Classe Operária* - Ano XI, nº 174, Rio de Janeiro, 11 de março de 1935, TSN, Processo nº 1)

# 4

## A REUNIÃO DA ALIANÇA NACIONAL LIBERTADORA NO TEATRO JOÃO CAETANO

Sábado, 30 de março, realizou-se no teatro João Caetano, no Rio, a primeira reunião da ANL na Capital Federal. O proletariado e a massa popular atenderam aos milhares ao chamado para luta contra o imperialismo, os senhores de terra e pelas liberdades democráticas.

O entusiasmo dessa reunião demonstra como cresce nas massas a vontade de luta, como avança a revolução democrático-burguesa e isto é ainda mais significativo no momento em que os imperialistas e as camarilhas dominantes decretam a "Lei Monstro"<sup>1</sup> para escravizar o povo do Brasil e dão armas, dinheiro e liberdade ao integralismo para preparar o regime da degola com a machadinha hitlerista, de óleo de rícino e cassetete e da escravidão fascista.

O proletariado toma cada vez mais decididamente a frente desta luta. A voz do proletariado foi a mais estusiástica e delirantemente aplaudida no teatro João Caetano.

O proletariado, como classe mais avançada e revolucionária, é a única que pode dirigir e levar avante a luta pela revolução democrático-burguesa, agrária e antiimperialista que dará ao povo pão, terra e liberdade e levará essa luta para a revolução socialista.

O PARTIDO COMUNISTA DO BRASIL (S. da IC), único partido revolucionário do proletariado, já explicou amplamente porque apóia a ANL. O Partido não adere e nunca aderirá à ANL. O Partido está de acordo com as reivindicações constantes do programa da ANL e retirará seu apoio, desmascarará perante o proletariado e as massas populares o papel contra-revolucionário ou fascista da ANL ou de qualquer outra organização semelhante se ela deixar de defender as reivindicações e interesses das massas. O Partido retirará todo o seu apoio à ANL se esta se converter em partido político e visar a conquista do poder político como finalidade. É

---

1. Nome dado à Lei de Segurança Nacional, aprovada pelo Congresso em abril de 1935.

nestas condições que o Partido continua dando o seu apoio à ANL, esclarecendo sempre a distância que existe entre esta e a organização do Partido.

Com grande entusiasmo Luís Carlos Prestes foi proclamado presidente de honra da ANL. Os comitês da ANL em todo o Brasil já vinham espontaneamente fazendo esta proclamação que agora, com mais brilhantismo, entusiasmo e grande significado se concretizou na reunião do teatro João Caetano.

Prestes é aclamado presidente da ANL como um grande lutador antiimperialista e antifeudal, pela libertação do Brasil do jugo imperialista, pelas liberdades democráticas, contra a "Lei Monstro" e as leis de arrocho do governo de Getúlio.

Maurício de Lacerda e Cabanas<sup>2</sup> vieram dar seu apoio de última hora à ANL. O Partido sempre desmascarou e desmascarará estes demagogos. Chamamos a atenção das massas sobre estes dois demagogos desmoralizados. Todos dois, com suas atitudes anteriores e seu silêncio, prepararam e ajudaram todas as leis e medidas depois de 1930 contra o proletariado e as massas populares, prepararam e ajudaram a "Lei Monstro", o crescimento do integralismo etc. São culpados de todos os maiores crimes de Getúlio, Góis, Rao, Flores, etc. contra as massas populares.

Não acreditamos nas palavras demagógicas, nas confissões arrependidas de Maurício de Lacerda, Cabanas etc.

As massas populares conhecem seus feitos e suas traições, suas colaborações em crimes e mais crimes, seu silêncio criminoso.

O nosso Partido, sempre firme na trincheira, custe o que custar, continua e continuará a desmascarar, protestar e lutar ao lado das massas contra todos os demagogos, os mistificadores do gênero de Maurício e Cabanas.

Maurício e Cabanas querem se salvar...

Abaixo estes tapeadores! Nós já os conhecemos de sobra!

M.

(A Classe Operária - Ano XI, nº 178. Rio de Janeiro, 10 de abril de 1935)

---

2. Maurício de Lacerda - político progressista da época (pai do jornalista Carlos Lacerda).  
Tenente João Cabanas - participante do movimento tenentista e membro da ANL.

# 5

## A LUTA PELA REVOLUÇÃO AGRÁRIA E ANTIIMPERIALISTA E A POSIÇÃO DO PARTIDO PERANTE A ALIANÇA NACIONAL LIBERTADORA

Por MIRANDA

O Partido Comunista do Brasil (S. da IC) deu publicamente seu apoio à organização de massas populares Aliança Nacional Libertadora, que se fundou há cerca de dois meses no Distrito Federal e já se espalha por todo o território do país. Este apoio foi acompanhado de explicação clara para todo o proletariado e massas populares, dizendo o motivo e as condições desse apoio.

Muitas confusões, muitas acusações falsas estão surgindo e surgirão ao redor deste fato, contra o Partido e contra a Aliança Nacional Libertadora e que queremos aqui esclarecer e combater. Princípios desde já a afirmar que, com exceção de alguns elementos de boa-fé, a maioria destas acusações, falsas para ambas as partes, e sobretudo contra o nosso Partido, saíram de elementos policiais, oportunistas de direita e de esquerda, de elementos trotskistas alimentadores das calúnias dos feudais e burgueses contra o Partido, a Internacional Comunista, a União Soviética, enfim, os elementos que são inimigos cobertos ou declarados do movimento revolucionário no Brasil e estão contra a revolução democrático-burguesa e agrária e antiimperialista sob a direção do proletariado, guiado pelo seu Partido.

Primeiro temos que esclarecer mais uma vez que não aderimos e não aderiremos à ANL, pois somos um Partido político que visa o poder político para uma classe, a proletária, e a instalação da ditadura do proletariado, do governo operário e camponês, na base de conselhos de operários, camponeses, soldados e marinheiros (sovietes); neste caso, a adesão à ANL seria limitar o nosso programa ou tirar a ANL do seu programa e fazer fusão programática e orgânica com ela, o que nunca faremos.

A adesão do Partido Comunista ou de qualquer outro partido à ANL significaria a retirada de dentro da mesma de todos os outros elementos de outros partidos e organizações que não estão de acordo com o programa de nosso Partido e querem somente a ANL com seu programa; retiraremos também o nosso apoio à ANL se a ela aderir qualquer outro partido, mesmo que seja "de esquerda", com programa "socialista". Com adesão de partidos a ANL deixaria de ser um movimento de frente única para ser organismo partidário.

A Aliança Nacional Libertadora "não é comunista e não pode se dizer comunista", se assim fosse não lhe daríamos jamais o nosso apoio e desmascararíamos a sua traição, atacariamos o seu programa e ação, pois só há e pode haver um só P. Comunista, partido de classe do proletariado, que como classe não tem interesses antagônicos nem contradições e sua luta pelo poder político contra a burguesia, o feudalismo e o imperialismo, e a função deste poder político só pode ser dirigido por um único partido da classe proletária, com ideologia proletária, o Partido Comunista, e no terreno internacional, pela Internacional Comunista, da qual o Partido Comunista é uma seção.

Se a ANL se dissesse comunista estaria traíndo e dividindo o movimento revolucionário do proletariado e fazendo um papel contra-revolucionário.

Por que apoiamos a ANL?

No seu programa a ANL, que é uma vasta organização de massas, um amplo organismo de frente única e sem partido, se propõe lutar pelas reivindicações fundamentais da revolução agrária e antiimperialista no Brasil, e estamos nós também de acordo com tais reivindicações.

O nosso apoio se limita a essas condições e as acima citadas, já explicadas por nós publicamente. Mas nós não cedemos a ninguém, a nenhuma organização o posto que nos cabe nesta luta contra os imperialistas que oprimem o Brasil, contra os senhores feudais e burgueses, pelas liberdades democráticas e interesses das massas populares do Brasil, contra o integralismo, a "Lei Monstro", a opressão, a escravidão e a reação.

Este posto é o de vanguarda que cabe ao proletariado dirigido pelo seu Partido de classe, o Partido Comunista; é o posto de comando e de luta ocupado pela classe mais avançada e decidida, a classe proletária, a única capaz de, dirigida pelo seu Partido de classe, levar essa luta para diante por cima e contra todas as traições e recuos, pela libertação do Brasil do jugo imperialista e feudal e irá para diante sempre na luta pela instalação do Governo Operário e Camponês, pelo socialismo.

Ao mesmo tempo que apoiamos todos aqueles que querem marchar conosco nesta luta, o

proletariado não cede a ninguém o seu posto de vanguarda, de direção como classe mais avançada, mais revolucionária.

Luís Carlos Prestes filiou-se a nosso Partido e este fato foi amplamente publicado e divulgado. As massas populares aclamam espontaneamente Prestes como Presidente de Honra da Aliança Nacional Libertadora, na maioria dos comitês locais e na grande reunião do teatro João Caetano, em 30 de março último.

Esta aclamação de Prestes significa que as massas populares reconhecem nele um grande lutador contra o imperialismo, contra os senhores de terra, pelas liberdades democráticas do povo do Brasil.

Todo o povo cada dia reconhece mais que os antiimperialistas, antifascistas e antiintegralistas e lutadores mais conseqüentes pela libertação das massas populares do Brasil e em defesa dos seus interesses são os comunistas, é o Partido do proletariado, o Partido Comunista.

As massas populares não hesitam por isso em aclamar Prestes como dirigente da ANL e seu Presidente, sabendo que Prestes é comunista, porque vêm nele o lutador conseqüente de há muitos anos, pelas reivindicações contidas no programa da Aliança Nacional Libertadora.

Prestes também não está e não pode estar, como comunista, em desacordo com o programa da Aliança. Este programa não é comunista, como dissemos acima e Prestes, como comunista, aspira pela realização de um programa muito mais amplo do que o da ANL. Porém, para a ANL e para as massas que se formam, Prestes é um dirigente da luta antiimperialista e antifeudal.

Muitos elementos acusam o nosso Partido de, com seu apoio à ANL, pôr-se à sombra da pequena burguesia e do tenentismo. O Partido, dando seu apoio à ANL, não desiste da luta por seu programa, não desiste da luta ideológica nem da sua atividade; o Partido apóia a ANL porque ela se propõe a lutar contra os maiores inimigos do proletariado no Brasil, os imperialistas e os senhores de terras, os feudais, e com esse apoio reforça essa luta e não se põe à reboque da pequena burguesia e de grupos heterogêneos como é a própria ANL, como amplo organismo de frente única.

Esquecem-se esses elementos que com as massas populares que apóiam a ANL há muitos proletários, dos quais o Partido não se desligará e irá procurá-los e dirigi-los como vanguarda do movimento pela libertação do Brasil

Os elementos que dizem que a ANL é comunista ou que é do Partido, além de estarem veiculando uma calúnia, uma grosseira mentira, estão fazendo uma obra de provocação policial

contra ela e contra o Partido, estão fazendo o papel da reação imperialista e feudal.

Os trabalhadores das cidades e dos campos devem engrossar as fileiras da ANL e este apelo o fizemos e repetimos, não para que através do prestígio de nosso Partido a ANL possa ter mais elementos e prestígio, mas sim visando intensificar um grande movimento de luta contra o imperialismo, os senhores de terra, contra o integralismo e a reação, pelas liberdades democráticas, pela libertação do Brasil, e porque a ANL está com este programa e dirigindo sua ação neste sentido. Agora, se amanhã ela desvirtuar seu programa, romper com as condições que nos permitiram este nosso apoio, então romperemos o fogo contra ela e continuaremos com o proletariado e as massas populares a luta pelas reivindicações acima, pelo nosso programa, pela revolução agrária e antiimperialista.

Apelamos para todos os membros do Partido, para todos os simpatizantes, para o proletariado em geral, sobretudo, para intensificar as lutas independentes pelas suas reivindicações e aumentar mais do que nunca a nossa atividade revolucionária.

O Partido, mais do que nunca neste momento, se propõe aumentar suas atividades revolucionárias, lutar decididamente na frente do proletariado e das massas populares pelas reivindicações as mais imediatas e mínimas e por todas as reivindicações do povo do Brasil e levar as massas para a Revolução Agrária e antiimperialista sob sua direção como Partido do proletariado, vencendo todos os impecilhos que encontrar pela frente.

*(A Classe Operária - Ano X, nº 179, Rio de Janeiro, 23 de abril de 1935)*

# 6

## OS PERIGOS DO NACIONAL REFORMISMO NA ALIANÇA NACIONAL LIBERTADORA

A fundação da Aliança Nacional Libertadora foi, sem dúvida, o maior passo que deu o movimento revolucionário no sentido da mobilização de todas as forças revolucionárias de classes para a luta antiimperialista e antifeudal.

As formas sectárias de encarar a revolução nacional libertadora no Brasil, com a mobilização somente do proletariado e (nas palavras) com os camponeses, já estão sendo rompidas.

A dominação imperialista e feudal no Brasil não afeta somente as condições de vida do proletariado e das massas camponesas empobrecidas. Essa dominação se faz sentir em camadas muito mais vastas da população: camponeses em geral, pequena burguesia urbana, estudantes, soldados, oficiais do Exército e da Marinha, enfim, na população em geral do país, cujos progressos econômicos, financeiros, culturais etc. são atrofiados pela dominação imperialista.

Essa dominação cada vez mais agressiva dos diversos imperialismos e seus entrechoques sangrentos na disputa do domínio exclusivo do país provoca o descontentamento e o ódio em todas essas camadas populares, descontentamento este que vem sendo utilizado por todos os partidos de esquerda ("socialistas", "tenentistas" etc.) e inclusive pelos próprios partidos feudal-burgueses tradicionais (PRP, PRM) que empregam demagogia antifeudal e antiimperialista para arrastar e desviar essas massas descontentes da luta real pela libertação nacional do povo brasileiro.

O imperialismo mesmo trata de criar organizações nacional-reformistas, como a Sociedade de Amigos de Alberto Torres ("iancófica") e, por último, com os latifundiários, ajudam a formação das hostes integralistas que, apesar de serem forças mais reacionárias a serviço do feudalismo e imperialismo (que "choram" nos túmulos dos antigos senhores de escravos e que visitam embaixadas) exploram com uma das coisas que o povo brasileiro mais sente, que é a sua vontade de libertar o Brasil do jugo imperialista, desviando e deformando a luta contra os imperialistas

*reais* que aqui existem (ianque, francês, inglês, italiano, alemão, japonês) por um “estratosférico” imperialismo judeu.

As grandes mobilizações de massas para os golpes e movimentos armados têm sido feitas explorando o nacionalismo do povo com promessas de “salvação e libertação nacional” e de luta contra o latifúndio, como o movimento da Aliança Liberal<sup>1</sup>, que chegou a “prometer” (nos discursos) terra aos camponeses.

São portanto com essas forças populares antiimperialistas e antifeudais que temos que fazer a revolução nacional-libertadora no Brasil. Sem elas, a libertação do povo brasileiro é impossível.

O proletariado sozinho, sem essas forças auxiliares, não pode vencer o imperialismo e os senhores de terras nacionais. E se o proletariado não procura arrastar essas forças para a revolução, elas continuarão a ser utilizadas por todos esses partidos inimigos e principalmente pela demagogia mais “chauvinista”, o integralismo.

A ANL surgiu sob a influência dos grandes movimentos operários de 1933 e 1934, como uma organização de frente única antiimperialista. Mas a ANL surgiu num momento de descenso das lutas operárias (descenso passageiro e menor que os anteriores). Parte dos elementos que compõem a direção da ANL (pequeno-burgueses sujeitos a vacilações) não compreendendo o processo do desenvolvimento revolucionário do proletariado como a única classe capaz de dirigir conseqüentemente as lutas revolucionárias pela libertação nacional, não compreendendo o processo zig-zagueante da formação revolucionária do proletariado, de suas organizações de classe e de seu partido, vacilam e começam a querer conduzir a ANL pelo caminho do nacional-reformismo.

Que significa o nacional-reformismo?

Significa desviar a luta concreta e real contra o imperialismo e o latifúndio para o terreno das concessões, do palavreiro vazio. Significa criar ou reforçar o conceito de que é possível a libertação nacional sem a ação revolucionária das massas, sem a ação direta e concreta contra as empresas imperialistas aqui existentes e contra o latifúndio. Significa pensar em resolver a situação nacional dentro dos quadros do atual regime, com Getúlio ou outro Getúlio qualquer no governo, dentro da ordem e da lei feudal-burguesa.

Um exemplo bem característico do nacional-reformismo é o movimento nacionalista encabeçado por Gandhi na Índia. A orientação gandista, em vez de ser um fator de desencadeamento das lutas nacional-revolucionárias foi um freio a essas lutas, o que muito satisfaz

---

1. Agrupamento político que lançou a candidatura de Getúlio Vargas à presidência, em 1929-30.

ao imperialismo que paga e sustenta seus encabeçadores como Gandhi e outros.

Não queremos dizer que a orientação nacional-reformista já existe na ANL. A Aliança tem iniciado lutas como a apresentação do projeto de lei em favor do reajustamento e pelo não pagamento dos juros das dívidas externas.

Mas, em alguns atos e nas publicações da ANL há coisas que fazem confusão e que já constituem uma ameaça para a sua orientação e para o seu programa, que é um programa revolucionário.

Dentre muitos exemplos podemos citar o convite para compor o diretório do Distrito Federal de elementos conhecidamente reacionários como Danton Coelho (ex-chefe de polícia em São Paulo), Valdomiro Lima (ex-interventor em São Paulo, ligado ao imperialismo americano) e outros.

O empenho que faz a ANL em convidar os elementos que queiram "lutar dentro da ordem e dentro da lei", também dá um aspecto de tendência nacional-reformista.

Essa afirmação de que a ANL luta dentro da ordem e da lei, se fosse acompanhada de uma explicação em torno destas palavras (a ordem e a lei atual) não seria mal. Porque, em primeiro lugar, a ordem e a lei atuais não são mais que leis e ordens impostas por uma minoria (fazendeiros e imperialistas) contra a grande maioria do povo, para fazer esse povo calar e se submeter ao domínio absoluto dessa minoria. E não podemos, portanto, chamar a isso de *ordem* e de *lei* e sim de desordem e ilegalidade.

E, em segundo lugar, não é possível lutar contra o imperialismo dentro da ordem (mantida pela polícia especial, polícia política, bandos de integralistas etc.) e dentro da lei ("Lei Monstro", leis de arrocho), *ordens e leis* estas impostas por esses mesmos imperialistas e feudais.

Se a ANL não pode dizer essas verdades, seria conveniente silenciar nessa questão de "ordem e lei" porque evitaria de amortecer o espírito e a vontade de luta das massas, que vêm demonstrando que, para conquistar uma "ordem" e uma "lei" que lhes assegurem uma vida sem exploração e opressão estão dispostas a romper a *desordem* e a *ilegalidade* existentes.

Fazendo essa crítica franca e sincera aos dirigentes da ANL esperamos que os seus dirigentes compreendam os perigos que esses erros podem acarretar ao movimento revolucionário nacional-libertador.

Ao proletariado cabe a tarefa de estar vigilante e iniciar as lutas com o seu fundamental aliado, - os camponeses, contra os grandes senhores de terras e contra as empresas imperialistas, conquistando no processo dessas lutas a hegemonia nas lutas pela libertação nacional do povo brasileiro.

(Artigo de Lauro Reginaldo da Rocha (*Bangu*). *A Classe Operária*, nº 180, 1º de maio de 1935)

# 7

## O GOVERNO POPULAR NACIONAL REVOLUCIONÁRIO E AS TAREFAS DO PARTIDO

Na segunda metade do mês de maio realizou-se o plenum do Comitê Central do PCB (S. da I.C.). Nesta reunião discutimos a situação do país e das massas, a palavra de ordem do Governo Popular Nacional Revolucionário e as tarefas do nosso Partido. Esse plenum tem uma importância decisiva para a etapa que atravessamos. A discussão foi muito clara e cheia de entusiasmo. A visão das tarefas do Partido foi muito concreta, demonstrando já a experiência que o nosso Partido tem adquirido nas lutas.

Aqui vamos tocar alguns aspectos centrais da discussão desse plenum. Este documento que aqui apresentamos será completado por uma série de artigos em *A Classe Operária*, por um manifesto do CC às massas populares e por circulares dando diretivas sobre a atividade do Partido em diversos setores.

1. A situação do país - Já temos dito diversas vezes que a crise que assola o Brasil não é somente em consequência da crise mundial. Esta crise é, em primeiro lugar, uma crise do café, que até hoje ainda representa mais da metade do valor da exportação do país, embora o crescimento da exportação do algodão. Com a crise do café, entrelaçada com a crise mundial e acarretando a de outros produtos de exportação, tem diminuído muito a vida econômica do país e a capacidade de consumo do povo. Os produtos que são puramente de consumo nacional sofrem com isso uma crise profunda. Por outro lado, alastra-se cada vez mais a crise financeira. O câmbio chega a algarismos nunca vistos, com a libra a 93\$000. O excedente do valor da exportação sobre o da importação é cada vez menor. Diminuem assim os recursos ouro do país. A receita, em geral, diminui, embora o aumento dos impostos federais, estaduais e municipais. O déficit confessado atinge a um milhão e meio de contos de réis.

O governo reacionário de Getúlio e seus comparsas apóia a ofensiva patronal contra os trabalhadores e faz também a ofensiva contra os funcionários públicos, realizando demissões em massa nas repartições públicas, reduzindo verbas para serviços públicos, ao mesmo tempo que Getúlio faz seu nababesco passeio ao Prata, gastando 11 mil contos e o bando precatório de Sousa Costa gasta 17 mil contos nos Estados Unidos e na Europa. Diminui o valor aquisitivo da moeda, o que torna mais difícil a vida para os trabalhadores e para os funcionários públicos. Aumenta a carestia de vida, os preços dos gêneros de primeira necessidade, as tarifas, os fretes, passagens e custos. Os açambarcadores compram apenas uma parte dos produtos agrícolas por preços ínfimos e deixam os lavradores na miséria, dominam o mercado, vendem esses produtos a preços caríssimos, criando, por outro lado, grandes dificuldades à vida das populações urbanas. Os camponeses são cada vez mais escorchados por impostos, arrendamentos e taxas diversas, não podendo vender seus produtos diretamente devido a muitos entraves e aos altos fretes para os centros de consumo. Assim, aumenta a miséria e o desemprego nos campos, nas capitais, cidades e vilas. O fenômeno da pauperização se nota, sobretudo, no interior. Inúmeras vilas e cidades, outrora florescentes, hoje estão na decadência e na ruína. A cidade de Lençóis, no interior da Bahia, que já teve uma população de 10.000 habitantes, tem atualmente apenas uns 3 mil e poucos habitantes que vegetam numa vida miserável. E assim centenas de cidades e vilas do interior de todos os estados. E enquanto isso queimam-se 35 milhões de sacas de café, arrancadas da fome e da miséria dos trabalhadores. E a crise do café continua cada vez mais profunda e aumenta a fome e a miséria.

2. Aproximam-se grandes lutas - Tivemos o ascenso grevista do segundo semestre de 1934 que se alastrou por todo o país. O proletariado voltou da luta sem desânimo e com vontade de recomeçar. A situação de miséria, o alastramento tenaz da crise obriga a isto. O proletariado luta por mais um pedaço de pão para matar a fome. Estamos em vésperas de um novo ascenso grevista sem precedentes.

Na última onda de greves de 1934 já se notou a sua repercussão nos campos, sobretudo através das greves dos ferroviários. Chega pelo interior do Brasil, até nos sertões de Goiás e Mato Grosso, o eco das batalhas que o proletariado trava nas cidades. Os camponeses descontentes e famintos, sentindo-se apoiados pelas lutas dos trabalhadores das cidades e estimulados por esse exemplo dispõem-se também a lutar.

Este ascenso grevista dentro do qual nós nos achamos vai ter uma repercussão muito maior e significativa nos campos. Em lutas grevistas de ferroviários e operários de fábricas, de usinas de açúcar, fazendas etc., começa a firmar-se de parte a parte com os camponeses, embora ainda com debilidades, a aliança operária e camponesa para as lutas contra os inimigos comuns.

A situação de crise das camarilhas dominantes mostra às massas populares das cidades e dos campos, desiludidas das promessas dos demagogos, que elas devem lutar para resolver a situação por si mesmas e, ao mesmo tempo, nas lutas diárias, as massas populares vão definindo cada vez mais os seus inimigos, opressores e exploradores.

Nunca se registraram no Brasil tantas lutas camponesas e de índios. Os camponeses não só lutam por reivindicações menores como, cada vez mais, em vastos setores agrícolas cresce a vontade de luta armada pela tomada da terra desde já, como meio de resolver a situação. Os funcionários públicos vão também à luta e abalam o próprio aparelho do estado. Tivemos greve nos Correios e Telégrafos, dos escreventes de cartórios, bancários etc. A questão do reajustamento com aumento de vencimentos abalou todo o Exército e todo o funcionalismo civil. Os vencimentos dos funcionários civis e militares, em maioria, dão apenas para ir atravessando uma vida miserável. Essa questão do reajustamento é ainda uma questão viva e atual. O reajustamento foi dado aos militares em palavras, mas ainda não foi cumprido. O reajustamento dos civis foi apenas prometido. E o governo entregou o caso a uma comissão para ser estudado, isto é mais uma tapeação.

A pequena burguesia comercial se pauperiza cada vez mais, sugada pelos grandes comerciantes e açambarcadores e pelos crescentes impostos e vítima da agiotagem dos bancos e dos capitalistas; os intelectuais se debatem no desemprego e semidesemprego e os que não se corrompem são obrigados a vender sua capacidade a salários miseráveis aos abutres das camarilhas dominantes; a pequena indústria desaparece dia a dia, tragada pela grande indústria e verifica-se esse fenômeno produto da crise que "elimina os fracos e fortalece os fortes", isto é, aos pequenos industriais sucedem-se os grandes corvos tipo Matarazo e outros, que tomam conta do terreno, aumentam a exploração para resolverem a crise às custas dos trabalhadores e da pequena burguesia que se pauperiza.

Mas há um setor de grande importância para nós. É a situação em que se encontram os trabalhadores dos transportes terrestres urbanos, marítimos e fluviais. Em todos esses setores e até na navegação do Rio São Francisco as greves têm sido numerosas e combativas. Esses trabalhadores foram às lutas, mas voltaram em grande maioria sem conquistar as suas reivindicações e estão dispostos a irem de novo à luta e para isso se preparam. As empresas diversas de transportes continuam tendo grandes lucros, fazendo gastos nababescos os seus chefes e acionistas, ao mesmo tempo que recusam aumentar os salários dos trabalhadores, diminuem os impostos [sic] e fazem demissões em massa, como na S. Paulo Railway, na Light em diversas cidades, em diversas companhias de navegação marítimas e fluviais, em companhias

de bondes e ônibus. Particularmente a situação dos marítimos é muito séria, pois além da desordem administrativa, da exploração das companhias, aparece outro fator para agravá-la: os imperialistas americanos, ingleses e, nestes últimos tempos, os japoneses, querem a todo custo tomar para si, e se disputam, todo o transporte marítimo, toda a cabotagem, toda a navegação fluvial e avançam sobre o que ainda é "nosso", ameaçando jogar no desemprego dezenas de milhares de trabalhadores marítimos, fluviais e portuários. O Lloyd Brasileiro, que tanta importância tem para nós, é cobiçado pelos gananciosos imperialistas; a situação catastrófica do Lloyd, devido a anos de descalabro administrativo e enormes roubalheiras, eles querem resolver às custas dos trabalhadores marítimos, do desemprego e fome ainda maior para dezenas de milhares de marítimos. Isso não pode ser e o impediremos com a luta e a expulsão dos imperialistas e seus lacaios tipo Pitanga e outros. Para atirar os marítimos numa situação ainda pior, os ricos de São Paulo, com os imperialistas ingleses, vão formar uma companhia de navegação - a Transoceânica. Mas os marítimos estão se arregimentando para a luta por suas reivindicações e pela nacionalização e autonomia da Marinha Mercante. Intensifiquemos essa arregimentação e vamos à luta.

Temos perspectivas de grandes movimentos grevistas nos transportes marítimos e terrestres do Brasil que, unidos com as lutas dos camponeses e com as dos funcionários civis e militares e ampliadas para os outros setores proletários e mobilizando as massas populares podem levar até à solução revolucionária a favor das massas populares.

3. As forças reacionárias e de direita se arregimentam - Com o crescimento da onda revolucionária, com a politização das lutas grevistas e das lutas dos camponeses, a reação se prepara para resistir. O governo de Getúlio se fascista cada vez mais. A "Lei Monstro" é um instrumento à disposição da reação, sobretudo para os momentos agudos de luta. Nos pontos decisivos como Rio e São Paulo formam-se polícias especiais e bandos armados de choque. O governo estimula a formação de bandos integralistas, brigada de choque da contra-revolução. Reforçam e procuram melhorar em todos os sentidos o aparelho da reação. Fazendo sérios esforços para superar as contradições que os dividem, os grupos dos senhores de terra, burgueses e capitalistas das camarilhas que estão nos postos de governo e na oposição, a maioria e minoria na Câmara Federal, procuram formar a Santa Aliança da contra-revolução. Raul Fernandes, líder da maioria, faz um discurso; Neves ou Mangabeira<sup>1</sup> respondem. Os temas centrais são os mesmos,

---

1. João Neves da Fontoura - político gaúcho da Aliança Liberal.

João Mangabeira - político baiano progressista, simpático aos tenentes e fundador do Partido Socialista.

isto é, a saída reacionária da crise, contra os trabalhadores. Abrem-se mutuamente as portas para uma ação comum contra o movimento revolucionário, o que pode ser concretizado a todo momento ou em situação mais aguda. Multiplicam-se descaradamente os elogios à solução fascista, o "remédio heróico", segundo Raul Fernandes.

Vemos, dia a dia, como vão caindo, uma depois da outra, as tais "conquistas" do outubrismo e da ala "esquerda" da Aliança Liberal e como as suas figuras representativas caem no ostracismo, capitulam vergonhosamente ou se vendem aos "carcomidos". Continua o avanço da ala direita sobre as posições de mando em todo o país e tomam posição para impedir o impulso revolucionário das massas. Bernardes quer derrubar Getúlio para fazer a reação a seu modo e em benefício dos seus interesses. O clero apóia a reação em todos os sentidos e sobretudo através do integralismo e leva o atrevimento ao ponto de querer que voltemos ao tempo da intolerância inquisitorial. Os imperialistas agitam, apoiados pelos homens do governo e da oposição, a solução colonial, dizendo que os brasileiros não sabem governar e administrar e que o Brasil precisa ser governado pelos imperialistas que têm interesses nele. Temos que pôr um termo em tão insolente cinismo.

Continua sempre maior a preparação guerreira, embora sejam obrigados a adiar os conflitos para melhor preparar o massacre e participação do Brasil na sangueira do Chaco<sup>2</sup> e na pendência de Letícia, é cada vez mais evidente. O integralismo faz a apologia da guerra como uma "necessidade para os povos exercerem a virtude da raça" e são os maiores ataçadores da intervenção na União Soviética, na parte que tocará ao Brasil nessa intervenção que se prepara.

E com tudo isso recrudescer o terror policial em diversos estados, os assassinatos, desaparecimentos, espancamentos, deportação de trabalhadores e lutadores grevistas. Nesse terror policial tomam parte ativa os integralistas que, como declaram seus chefes, "trabalham em conjunto com a polícia" e mantêm suas próprias seções policiais, oficiosas e oficiais e têm recebido elogios de diversos chefes de polícia, especialmente de São Paulo e Rio, e do próprio general Góis Monteiro, sobre a proveitosa atuação da polícia integralista nos movimentos grevistas dos trabalhadores.

4. A solução revolucionária - Para resolver essa crise tremenda, para acabar com a miséria, para deter o avanço das direitas reacionárias que ameaçam impedir o caminho à revolução e para libertar o povo do Brasil há uma solução: a mobilização de grandes massas populares, sob a direção do proletariado e em aliança com os camponeses, para arrancar do poder os senhores de terras, burgueses e imperialistas e para a instalação de um Governo Popular Nacional

---

2. Referência à Questão do Chaco, guerra entre Bolívia e Paraguai pela posse do chaco boreal (1928-1935).

Revolucionário. Precisamos explicar a todo o Partido a justeza dessa palavra de ordem.

O Brasil é um país semicolonial, oprimido pelos imperialistas que impedem o desenvolvimento nacional do país e exploram todas as maiores fontes de rendas. Somos governados por uma camarilha de vendidos burgueses e senhores feudais que defendem os interesses dos imperialistas, suas companhias, empresas e bancos e massacram e esfomeiam o povo em seu benefício e dos imperialistas. Cresce em todo o país a consciência da nossa situação e o sentimento antiimperialista do povo, que vê mais claro o motivo de tantas desgraças. Precisamos mobilizar todas as forças nacional-revolucionárias do país para vencer o imperialismo e seus agentes diretos e indiretos e dar ao povo o direito de se governar. Tal governo só pode ser, na etapa atual, Popular Nacional Revolucionário e temos que arrastar neste sentido não só a massa operária e camponesa, os intelectuais e pequeno-burgueses revolucionários, mas toda a massa popular que queira libertar o Brasil da opressão e exploração feudal-imperialista. A palavra de ordem de Governo Operário e Camponês, neste caso, não preencheria esta tarefa na etapa em que estamos, nesta primeira tarefa revolucionária pela tomada do poder das mãos das camarilhas dominantes e dos imperialistas. Não desistimos da palavra de ordem do Governo Operário e Camponês, muito pelo contrário, marchamos para a realização desta palavra de ordem pelo caminho mais rápido no nosso caso, no Brasil. Com o Governo Popular Nacional Revolucionário, com a expulsão dos imperialistas e dos senhores de terras, com as liberdades democráticas, teremos dado um passo decisivo para, ao mesmo tempo, onde for possível e a massa compreender, impulsionada pelo proletariado e sua vanguarda, o Partido Comunista, e quiser realizar, instalar-se o Governo Operário e Camponês, na base de Conselhos (soviets) de deputados operários e camponeses, soldados e marinheiros.

A luta contra os imperialistas deverá ser feita de um modo decisivo e violento, pois as nossas condições geográficas e a vontade de luta das massas, o ódio antiimperialista das mesmas permitem que levemos a cabo tal luta em condições mais favoráveis do que em Cuba e na China. Desta forma, desmascaramos os agentes imperialistas que terão penetrado em nosso meio e os obrigaremos a tomar posição. Apoiaremos com todas as forças todas as lutas, as mais decisivas, dos camponeses contra os senhores de terras, para derrotá-los o mais completamente possível e tomarmos a frente e a iniciativa dessa luta violenta em toda parte em que houver disposição da massa e as condições forem favoráveis e não só isto, como também levantaremos o ânimo da massa em toda parte em que agentes do inimigo e outros fatores tentarem esfriar a luta a fim de enganarem as massas, ganharem tempo e se voltarem contra a mesma. Essas tarefas serão possíveis com o Governo Popular Nacional Revolucionário e devemos nos preparar para aproveitar ao máximo os momentos decisivos e assim marcharmos a passos rápidos para a instalação do

Governo Operário-Camponês em muitas partes do país e em seguida em todo o país. Muitos elementos que marcharão conosco na primeira etapa da luta irão discordar do avanço que as massas, com o proletariado e seu partido à frente, darão ao movimento revolucionário e se unirão aos elementos mais reacionários, aos bandos vencidos ou semivencidos dos senhores feudais, capitalistas e agentes imperialistas; e então receberão armas, munições, dinheiro, materiais, técnicos etc., para combater a Revolução. Mas o Governo Popular Nacional Revolucionário e também os Sovietes terão uma grande popularidade, crescente na medida que derem força às reivindicações da massa e nos unirmos contra os inimigos contra-revolucionários, sob a bandeira da Unidade Nacional Revolucionária, contra os que dividem o Brasil a soldo dos imperialistas e senhores feudais. Para isso, o Governo Popular dará armas ao proletariado e ao povo.

5. A Aliança Nacional Libertadora - Para realizar essa grande tarefa e para mobilizar mais vastas massas, formou-se a ANL. A primeira fase deste organismo de massas populares foi um movimento de opinião, de agitação e propaganda de seu programa. Mas, neste momento, com a situação objetiva cada vez mais favorável, com o crescimento do movimento revolucionário e da ANL, as nossas tarefas são muito mais importantes dentro e fora da ANL e as perspectivas muito maiores. A ANL torna-se um verdadeiro instrumento da tomada ao poder e para isso tem que mobilizar as grandes massas para levá-las para o Governo Popular Nacional Revolucionário, derrubar Getúlio e seu governo de reação e fome e que vende o país aos imperialistas e impedir que qualquer bando reacionário tome o poder das mãos de Getúlio para continuar sob outros moldes o mesmo governo de reacionários, feudais e imperialistas.

O prestígio e a popularidade da ANL nos indica que devemos abrir as perspectivas, agir com audácia e corresponder à vontade de luta das massas.

O prestígio popular da ANL é reforçado pelo prestígio da pessoa do nosso camarada Luís Carlos Prestes no seio da massa em todo o Brasil. Devemos utilizar o mais possível esse nome e prestígio. Neste sentido, temos que tomar a iniciativa dentro da ANL e dentro da massa trabalhadora em geral. O nome e prestígio de Prestes é, nessa etapa, um fator da nossa hegemonia e do proletariado no movimento revolucionário pelo governo Popular Nacional Revolucionário. Para tanto, devemos lutar para que a ANL represente a Frente Popular de todas as forças revolucionárias contra as formas da reação e pela libertação do Brasil; e mobilizar nesta Frente Popular, e com o nome de Prestes, forças suficientes não só nas mais amplas massas como também no Exército, na Marinha e outras forças militares, e através das lutas, para impor sua legalidade e a realização de seu programa.

Aqui esclarecemos mais uma vez contra as provocações que surgem e as explorações policiais, que a ANL não é uma organização comunista; seu programa, é claro, não é comunista.

O Partido Comunista está de acordo com a luta antiimperialista e antifeudal e pelas liberdades democráticas que a ANL se propôs e leva adiante e apóia esta luta; neste sentido, o Partido traça aqui as tarefas dos comunistas dentro da ANL. O movimento da ANL veio num momento muito justo e oportuno e tende a polarizar todas as forças de esquerda, progressistas e nacional-revolucionárias existentes no Brasil, contra a reação e o atraso feudal-imperialista, pela libertação nacional do Brasil, contra os bandos reacionários de todos os matizes, especialmente os integralistas, por pão, terra e liberdade. Dentro da ANL os comunistas sempre levarão para diante a luta de modo decidido e conseqüente neste sentido.

6. Tarefas do Partido - Para se pôr à altura desses grandes problemas políticos e da situação objetiva, o Partido tem que romper ainda com muitas debilidades e tratar seriamente de sua formação ideológica, eliminar o mais possível de seu meio as influências ideológicas estranhas ao marxismo-leninismo. Neste sentido, temos que centralizar o fogo da luta ideológica contra os desvios de direita, os mais perigosos nesse momento, que se manifestam sobretudo pela subestimação do papel e do trabalho do Partido no nosso trabalho de massas, e sobretudo dentro dos sindicatos, das organizações de massa e da ANL.

a) Na ANL: - Devemos lutar para romper com o nacional-reformismo, que consiste em pensar que somente com palavrários, manifestações ocas e sem sentido de luta, pedidos de leis, demagogia patrioteira, simpatia de certos elementos políticos influentes etc. vamos libertar o Brasil e assim nos descuidamos das lutas reais das massas contra o imperialismo, o latifundismo e pelas liberdades democráticas do povo. Devemos lutar e fazer esforços para que a ANL lute desde já, encabece as lutas contra as empresas imperialistas ligando-nos aos operários que trabalham pelas mesmas, fazendo campanhas populares, mobilizando para as lutas as populações exploradas pelas companhias imperialistas, fazendo campanhas contra a entrega a estes abutres das empresas e serviços públicos que ainda estão sob o controle e administração nacional, desencadeando lutas contra os impostos, a carestia da vida, contra as medidas de opressão e exploração tomadas pelo governo, mobilizando não só o proletariado como também as mais amplas massas populares e a pequena burguesia, o pequeno comércio, intelectuais, estudantes etc. Na ANL devemos desde já procurar ligar-nos com as lutas nos campos, mobilizar os camponeses para as lutas contra os impostos, arrendamentos, despejos, contra a opressão dos grandes fazendeiros, contra os suplícios, castigos corporais etc. A posição que devemos tomar na ANL sobre as lutas nos campos deve ser a mais decidida possível, não hesitando em nenhum momento mais a dar todo o apoio e com todas as forças às lutas armadas nos campos.

Em questões importantes, como por exemplo a nacionalização e a autonomia da nossa marinha mercante e reajustamento para funcionários civis, salário mínimo para todos os operários

e trabalhadores das cidades e dos campos, regime de 8 (oito) horas de trabalho para os trabalhadores das cidades e dos campos e outras questões ligadas às massas populares, devemos fazer com que a ANL tome posição de agitação, propaganda, organização da luta do modo o mais intenso possível. Nas greves, esforçar-se para que a ANL tome também posição e não somente isso, como desencadear em todo o país, sobretudo nas empresas de transportes, múltiplas e combativas greves antiimperialistas pelos direitos dos operários.

E mobilizar as massas populares em apoio aos operários. Essas tarefas e outras cumpridas é que garantirão a finalidade revolucionária da ANL, devem ocupar, no sentido de sua realização, toda a atividade dos comunistas, evitando os erros de direita, lutando contra o nacional-reformismo, como também não cair em erros de esquerda que sectarizem a ANL e a afastem das amplas massas. Todo o Partido deve compreender que a nossa maior tarefa nesse momento está na ANL, e ter a iniciativa de trabalhar em todos os comitês e núcleos da ANL, e ter a iniciativa de formação desses núcleos. Nesses núcleos, mobilizar constantemente a massa para a ação, para a luta pelas reivindicações concretas nas cidades, bairros, vilas, fazendas etc. e ligar a ANL com uma ação constante de massas com lutas cada vez mais numerosas e politizadas. Em todos os Comitês regionais, locais, em todas as células de empresa, de rua, fazenda, quartel a palavra de ordem do Partido deve ser, para as mais amplas massas, a de entrar para a ANL, engrossar as suas fileiras e lutar por seu programa.

b) Nos sindicatos - Realizou-se o Congresso de Unidade no Rio de Janeiro. Dele saiu um organismo sindical nacional - a Confederação Sindical Unitária do Brasil. Mas esse organismo, que é um passo sério para a unidade, ainda não representa a unidade. Nossa grande tarefa é intensificar o nosso trabalho no meio da massa sindicalizada e não sindicalizada, por intermédio de nossas frações e oposições, na base de propostas de frente única mais ampla para a luta e assim conquistar os sindicatos para a unidade e sua adesão à CSUB. Mas o mais importante é realizar esta unidade sob o fogo das lutas e sob uma politização cada vez mais elevada das lutas e a ligação do movimento sindical sob a direção da CSUB com o movimento das massas populares da ANL, com tal força e decisão para a luta que levante cada vez mais o prestígio do proletariado e assegure e aprofunde sua hegemonia. Devemos lutar pela formação de núcleos da ANL nos sindicatos e também para a adesão completa e oficial, em assembléia dos sindicatos, à ANL. Temos que salientar como o mais importante neste momento do que qualquer outro setor, o de transportes terrestres, urbanos, marítimos e fluviais e as comunicações telegráficas, telefônicas, rádio e postais. Nesse setor, todas as regiões, comitês locais, células e organismos de massa devem convergir todos os seus esforços e a maior parte de sua capacidade política e orgânica. Para um país semicolonial como o Brasil, de indústria reduzida, os transportes são ainda mais

decisivos para a luta do que nos grandes países de grande indústria. É nos transportes, nos sindicatos marítimos, ferroviários, transviários, telefonistas etc., que o Partido deve fazer com que a CSUB centralize a maioria de suas energias, rompendo com todo o reformismo e agindo fortemente no sentido da preparação, organização e coordenação de grandes lutas, desde já. O novo ascenso grevista pode ir a grandes passos revolucionários e até à insurreição pelo Governo Popular se soubermos mobilizar desde já e para a luta todos os trabalhadores dos transportes. Por nenhum motivo, nenhuma região, nenhuma fração sindical nossa deve debilitar o seu trabalho nos transportes. Nesse sentido, as nossas frações sindicais nos sindicatos dos transportes devem ser reforçadas, ajudadas e preparadas para responder às tarefas das grandes lutas que se aproximam e à tarefa, desde já, da preparação dessas lutas e do desencadeamento das menores lutas. Chamamos a atenção de todo o Partido e da Juventude para a concentração nas empresas de transportes, assim como de comunicações.

c) Trabalho nos campos - A primeira tarefa nossa é romper com o sectarismo. Ir aos campos desde já, organizar amplos organismos de camponeses, ligas, comitês, sindicatos de assalariados agrícolas, organizar e desencadear as lutas dos camponeses e dentro desses organismos de massa e através dessas lutas ir, desde já, formando o Partido com comunistas que aprendam a trabalhar na organização das massas e que se salientem na direção das lutas. Não entravar as lutas nos campos, procurando desencadeá-las o mais possível em todo o país, greves, lutas armadas com guerrilhas e ligar essas lutas com as dos transportes, dos operários das fábricas e com a massa popular das cidades. A partir das reivindicações menores, levar a luta dos camponeses até a tomada das terras e a garantia desse ato com armas nas mãos. Romper com todo o sectarismo, todo e qualquer mecanicismo na formação dos mais amplos organismos de camponeses e, desde já, formar inúmeros comitês camponeses da ANL que lutem pelas reivindicações dos camponeses e assalariados agrícolas contra os senhores feudais e as empresas imperialistas. Não ser esquemático neste sentido e formar entre os camponeses o organismo que estiver mais de acordo com a vontade deles e as possibilidades locais, lutando sempre para a formação de núcleos da ANL. Já demos diretivas a todas as nossas regiões no sentido de mobilizar muitos quadros e grandes forças para o campo. Essas diretivas têm que ser reforçadas, mais do que nunca, neste momento. E formaremos o Partido no campo dentro dos organismos de massas e sob o processo das lutas.

e) Na Juventude - Começamos por dizer que o trabalho entre os jovens não é somente um trabalho da Federação Juvenil Comunista, mas sim e em primeiro lugar um trabalho de todo o Partido. Não devemos ver a organização da Juventude somente em função da FJCB, mas formar entre os jovens os mais amplos e variados organismos de massas, culturais, recreativos, esportivos

etc. nas cidades e nos campos. Formar também em toda parte Comitês juvenis da ANL. Mobilizar neste sentido forças do Partido e da FJCB. Todas as nossas regiões, comitês locais e células devem encarar seriamente e realizar a tarefa de ajudar de um modo efetivo, concreto, os organismos juvenis da FJCB e outros diversos. Entre os estudantes o nosso trabalho tem que ser muito mais intenso e audaz. A grande tarefa deste momento é o Congresso da Juventude Proletária, Estudantil e Popular que se prepara. Insistir para que esse Congresso dê a sua adesão desde já à ANL e faça um trabalho paralelo entre os estudantes, entre os jovens operários, nas fábricas, sindicatos, clubes etc., entre a massa popular juvenil de ambos os sexos. Romper com o sectarismo em todos os sentidos e com muita audácia mostrar à juventude em todo o país o posto que lhe cabe na luta e entusiasamá-la para ocupar esse posto. Modificar por completo a nossa agitação e propaganda entre os jovens e fazê-la do modo mais sugestivo e atraente possível e nisto dar margem às mais amplas iniciativas. Formar e ampliar a FJCB dentro de amplos organismos de massas juvenis e, sobretudo, na preparação e desencadeamento de lutas dos jovens pelos seus direitos, reivindicações e liberdades.

Ligar esta luta com a luta das mulheres operárias, camponesas, domésticas, comerciantes, bancárias, intelectuais, professoras, funcionárias etc. Formar amplos organismos de massas de mulheres pelas suas reivindicações, pela libertação do Brasil do jugo imperialista e feudal, pelas liberdades democráticas e na luta contra a guerra. Ampliar a União Feminina, fazer incluir mulheres proletárias e trabalhadoras ao lado das intelectuais e dar combatividade a essa organização. Fazer com que as mulheres e organizações femininas adiram à ANL.

f) Entre os militares - O nosso maior entrave no nosso trabalho entre os militares ainda é um certo reformismo que dá a entender que os militares, por suas condições, devem entrar no Partido e esperar a Revolução. Ainda há muito menosprezo à luta pelas reivindicações dos soldados e marinheiros quando, por outro lado, multiplicam-se as lutas espontâneas de soldados e marinheiros que são sufocados sob o mais violento terror. A formação do Partido dentro do quartel ainda é muito desligada do trabalho de massas dos soldados. Devemos fazer um grande e sério esforço no sentido de romper com o sectarismo e o direitismo no trabalho entre os militares e multiplicar com audácia a formação de comitês de massas de soldados e marinheiros pelas suas reivindicações. Formar o mais possível comitês da ANL nos quartéis e navios, ou fazer com que o máximo de soldados e marinheiros adira aos comitês e núcleos de civis nos bairros, subúrbios, cidades do interior etc. Tomar parte ativa, desde já, nas lutas dos soldados e não ter nenhum receio no desencadeamento das mesmas. Daí vão surgir e se formar elementos dirigentes políticos e das lutas armadas. Popularizar as heróicas lutas dos soldados o mais possível, as tradições revolucionárias dos militares, o nome e prestígio de Luís Carlos Prestes, o programa

da ANL e fazer com que a palavra de ordem de que o único chefe do Exército brasileiro é Luís Carlos Prestes seja aceita para a luta pela maioria das forças armadas.

Inúmeras são, em detalhe, as tarefas do nosso P. neste momento. Aqui citamos os pontos centrais para onde devem convergir nossas atividades. Aproximam-se momentos decisivos para a Revolução e as tarefas do P. vão exigir dos comunistas todos os esforços e todas as energias. Neste sentido, o CC do PCB faz a todos os membros do P. e da J. o mais veemente e entusiástico apelo para redobrar de atividade e nos preparar para a luta armada para a tomada do poder e instalação do Governo Popular Nacional Revolucionário.

Rio, maio de 1935. - O CC do PCB (S. da IC).

(Documento do CC do PCB sobre as resoluções do Plenum do CC de maio de 1935. TSN, Processo nº 66, vol.1)

# 8

## AOS EXPLORADOS E OPRIMIDOS A TODOS OS TRABALHADORES DAS CIDADES E DOS CAMPOS LEVANTEMOS EM LUTAS POR PÃO, TERRA E LIBERDADE

Trabalhadores!

A Revolução no Brasil está amadurecida e em breve será deflagrada em todos os pontos, da maneira mais justa e mais decisiva.

Os tempos são chegados para o proletariado do Brasil mostrar a força de sua união de ferro e fogo, em lutas fortes contra a camarilha dominante, contra este regime de contradições, de erros, de privilégios infames.

Estamos cansados de sofrer os chicotes, as balas da reação e não queremos continuar nesse jogo de opressão e de exploração que os altos senhores feudais-burgueses exercem em cima de nossas costas.

Enquanto nós, operários das cidades e dos campos, tudo fazemos, tudo produzimos e nada gozamos e não temos direito a pão, a terra, a liberdade - os grandes burgueses, que nada fazem e nada produzem tudo gozam e têm todos os direitos, inclusive que nos dão a cadeia, a escravidão, o terror, a fome e a miséria.

Só há um caminho, companheiros, pelo qual poderemos em breve sair da crise, do regime de exploração - é o caminho indicado pelo invencível Partido Comunista, o campeão de todas as lutas dos explorados e famintos, vanguarda, organizador e guia do proletariado em lutas pelas suas reivindicações, pela tomada do poder das mãos da burguesia, com a liquidação total do capitalismo e organização do governo operário e camponês!

O Partido Comunista da Rússia derrubou completamente o regime czarista, o governo da burguesia e os privilégios desgraçados do imperialismo. Em troca disso organizou a ditadura do proletariado que constrói, com pulso de ferro, o socialismo, vitoriosamente, que é a primeira etapa da sociedade comunista.

Na URSS, sexta parte do mundo, União Soviética de mais de 160 milhões de pessoas, não há fome, não há desemprego, não há anarquia da produção, não há privilégio de classe, a prostituição se liquida de dia para dia e a família está organizada solidamente, por laços conscientes. Na União Soviética todos são livres e trabalham livremente na construção da nova sociedade.

E o Partido Comunista do Brasil, como o Partido Comunista de todos os países, ligados todos eles por uma linha rigorosa e firme, de frente única de ferro e fogo de todos os trabalhadores - o Partido Comunista do Brasil organiza e dirige todo o proletariado deste imenso país para as suas reivindicações mais sentidas e para o esmagamento absoluto da burguesia agonizante!

A revolução agrária e antiimperialista dirigida pelo Partido Comunista quer a libertação geral de todas as massas oprimidas e exploradas.

Trabalhadores das cidades e dos campos, levantai as vossas lutas. Fazei movimentos amplos de protesto contra a exploração de que sois vítimas. Suspendeis [sic] greves nas cidades, nas vilas, nos arraiais, nos povoados e nas fazendas, por todas as vossas reivindicações, pelo aumento de salário, pelo seguro social, por moradas decentes, por melhor alimentação, por melhores roupas, por higiene, medicina e escolas gratuitas.

Desde já levantai nos campos as lutas armadas contra os vossos algozes, pela tomada da terra dos grandes senhores ladrões e distribuição da terra pelos trabalhadores, garantia da pequena e média propriedade.

Nas cidades, levantai movimentos nas empresas fundamentais - estiva, docas, estradas de ferro, estradas de rodagem, para a tomada dessas empresas e direção delas por conselhos de operários.

Todos vós que sofreis os horrores da opressão e da exploração - lutai contra os partidos da burguesia e do capitalismo, liquidai o fascismo (integralismo no Brasil), que isto é a maior desgraça engendrada pelos inimigos dos trabalhadores. Lutai contra a guerra, contra a reação, contra a fome, contra a miséria e pela vossa liberdade.

Lutai, trabalhadores, debaixo da bandeira revolucionária do Partido Comunista, porque este é que é o vosso verdadeiro Partido.

Operários de todos os países, uni-vos!

Viva a Revolução operária e camponesa!

C.I. do L.S. do C.R. da Ba., P.C.B. (S. da I.C.)

Ilhéus, junho de 1935

(Documento do PCB de junho de 1935. TSN, Processo nº 171)

# 9

## LUTA DE MORTE CONTRA O INTEGRALISMO

### COMO OS LACAIOS DA ALTA BURGUESIA TENTAM IMPOR A SUA TAPEAÇÃO E COMO AS MASSAS CONSCIENTES ESMAGAM E ANULAM AS SUAS INVESTIDAS A HERÓICA POPULAÇÃO DE PIRANGI ANIQUILA A SANHA DOS SIGMÓIDES<sup>1</sup>

O exemplo concreto de Pirangi, em lutas decisivas contra a horda plinista de lacaios da burguesia, é um alto exemplo muito alto de como as massas trabalhadoras exploradas e oprimidas estão radicalizadas na verdadeira ideologia do Proletariado contra os seus opressores e exploradores.

Os sigmóides desta cidade de Ilhéus tentaram fazer um comício em Pirangi. Mas a população laboriosa daquele importante centro de trabalho e de produção, as massas trabalhadoras daquele formidável reduto de lutadores aguerridos não consentiram nessa vileza e na infâmia dos integralistas. E que foi que resultou? A multidão consciente de operários, camponeses, pequenos e médios agricultores e comerciantes, todos os escravizados e todas as vítimas deste regime de reação, de fome e de miséria responderam, com justeza e rapidez às investidas da canalha assalariada da alta burguesia, pelo imperialismo e pelos nossos algozes feudais-burgueses.

---

1. Nome dado aos integralistas que usavam a letra grega, o sigma, como símbolo.

Criaram de pronto o Comitê de Luta Popular Contra o Integralismo, Comitê que se engrossou e solidificou com a adesão ampla das massas e apoio de todos os que sinceramente querem lutar contra os seus tapeadores, contra os espoletas do capitalismo agonizante, que manobram e iludem os inconscientes para assaltar o poder, continuar o regime de exploração e opressão e implantar, até o mais alto grau, o terror hediondo em cima das massas famintas e a mais dura escravização dos trabalhadores das cidades e dos campos.

Sim, porque o integralismo, que é o mesmo fascismo da Itália e da Alemanha, é a última forma de tapeação engendrada pela grande burguesia, pelos abutres das altas finanças, pelos corvos das indústrias para iludir as massas e salvar o imperialismo desta onda de lutas e da morte iminente que lhe prepara a Revolução vitoriosa do Proletariado Mundial.

O fascismo (integralismo no Brasil) quer as guerras de rapina como saída para a crise, para continuar o mundo nas mãos dos magnatas exploradores.

E o Proletariado Mundial, organizado e dirigido pelo invencível e intrépido PARTIDO COMUNISTA, quer a destruição completa da sociedade burguesa, com o esmagamento completo do capitalismo, deste regime de erros, de contradições profundas, de desemprego, de reação, de guerras, de opressão, de exploração, de fome e de miséria.

O PARTIDO COMUNISTA DO BRASIL, campeão de todas as lutas do Proletariado em nosso país, que dirige realmente todas as massas trabalhadoras nas suas reivindicações, por imediatas e mais sentidas, até a grande revolução Agrária e Antiimperialista - apóia em todas as linhas a luta do operariado, do campesinato, da pequena e média burguesia, de todos os explorados e oprimidos de Pirangi, contra a seita nefanda do integralismo.

O PCB, pelo seu CL do LS de Ilhéus, dá aos heróicos e aguerridos companheiros de Pirangi e a todos quantos ali estejam sinceramente dispostos a lutar pela Revolução que dará Pão, Terra, Moradia e Liberdade a todos, dá a todos os elementos fortes e decididos de Pirangi a sua palavra de incentivo, de solidariedade e de apoio por esta formidável demonstração que realizaram contra o integralismo, não consentindo que as galinhas verdes fizessem mais uma mentiralhada. E convida as massas de todos os setores de Ilhéus, de Itabuna, de Canavieiras, de Água Preta, de Itapira, de Macuco, de Itaúna, de Boqueirão, de Serra Grande, de Barro Vermelho, de Banco do Pedro, de Palestina, do Pontal, de todas as zonas deste CL a se levantarem também em lutas decisivas contra o integralismo e de apoio aos companheiros de Pirangi. Juntar a essa luta o plano geral de reivindicações por aumentos de salários, por melhores condições de vida, por moradas higiênicas, por médicos e remédios, por escolas de graça, pago pelos patrões etc.

VIVA O PARTIDO COMUNISTA DO BRASIL!

VIVA A REVOLUÇÃO OPERÁRIA E CAMPONESA!

ABAIXO O INTEGRALISMO!

C.L. do L.S. da Reg. da Ba. do P.C.B

(Seção da I.C.)

Ilhéus, julho de 1935.

(Panfleto do PCB de julho de 1935. TSN, Processo nº 171)

# 10

## DISCURSO DE FERNANDO DE LACERDA PRONUNCIADO NO VII CONGRESSO DA INTERNACIONAL COMUNISTA<sup>1</sup>

Numerosas camaradas se pronunciaram sobre o relatório de Dimitrov<sup>2</sup>. Reproduzimos a seguir o discurso do camarada Lacerda, representante do Partido Comunista do Brasil, discurso pronunciado na 26ª sessão do Congresso e transcrito da *Correspondência Internacional*,<sup>3</sup> de 4 de dezembro de 1935.

Camarada Lacerda (Brasil)

Foi recentemente criada uma frente popular antiimperialista que preenche hoje, no Brasil, um papel de alto destaque, atingindo um ritmo acelerado na ação de massas decididas e firmes e na conquista do poder para a implantação de um governo revolucionário nacional .

Desde outubro de 1934, após a 3ª Conferência dos Partidos Comunistas dos países da América Latina, conseguimos realizar uma reviravolta decisiva, tomando audaciosamente a iniciativa [sic] da organização de uma Aliança de Libertação Nacional.

A Aliança Nacional Libertadora é no Brasil o que na China era o Kuomintang<sup>4</sup> de 1925, ou seja, uma coalisão de diversas classes representadas pelas suas respectivas organizações e reunidas numa frente única contra o imperialismo, os latifúndios e o fascismo. A diferença é que no

- 
1. Fernando de Lacerda - membro do PCB e filho de Maurício de Lacerda. Foi delegado brasileiro no VII Congresso da Internacional Comunista.
  2. George Dimitrov-comunista búlgaro, membro da direção da IC.
  3. *A Correspondência Internacional* - órgão oficial da IC.
  4. Kuomintang - frente nacionalista chinesa, liderada por Chan-Kai-Chek.

Kuomitang uma das principais forças era constituída pela burguesia nacional e, pelo contrário, a Aliança Nacional Libertadora pertencia ao movimento operário.

Foi assim que a Aliança conseguiu enraizar-se solidamente nas massas do Brasil. Seu prestígio foi aumentando consideravelmente, tanto mais que entre seus organizadores [sic] e dirigentes destacava-se o nosso camarada Luís Carlos Prestes, considerado como um dos primeiros e melhores antiimperialistas de toda a América Latina.

A ANL organiza as mais grandiosas manifestações e meetings de massa, cujos participantes atingem número nunca inferior de 3 a 5000 pessoas. Muitas vezes esse número chega a 30.000, notadamente no Rio, São Paulo, nos estados do Norte, Petrópolis, R.G. do Sul e Minas Gerais, onde se concentra a influência do integralismo.

A frente popular antifascista conseguiu absorver o partido denominado "trabalhista", afiliado à II Internacional Social-Democrata e que tem certa analogia com o Labour Party inglês e conseguiu a adesão dos melhores chefes dos sindicatos de São Paulo, além da adesão de 1.000 operários do Partido Socialista de S. Paulo.

Graças a essa frente nacional, realizamos no mês de maio um Congresso de Unidade Sindical cuja importância foi enorme, tendo em vista a influência proletária na frente nacional e a consolidação orgânica da influência do PC entre as massas operárias. Reuniu esse congresso mais de 300 sindicatos e 7 federações, representando, aproximadamente, mais de 500.000 operários organizados em todo o país: não obstante as nossas fraquezas e os nossos erros, conseguimos discutir a questão da luta comum pelas reivindicações essenciais das massas operárias e a união desta luta com as lutas da frente nacional. O Congresso conseguiu assim arrancar do Ministério do Trabalho suas forças principais, como seja, por exemplo, a Federação dos Marítimos, que possui mais de 200.000 membros, a Federação Nacional dos Ferroviários, com mais de 100.000 membros etc. A nova Central Sindical da Federação Sindical Unitária do Brasil, onde a nossa influência vai aumentando continuamente, já está chefiando numerosas greves de protesto contra a reação e de luta pelas reivindicações das massas, em união com a ANL.

A ANL já não se limita à agitação e à propaganda, mas já passou à ação concreta das massas. Dirigida pelos nossos sindicatos, chefiou a greve geral de protesto contra a repressão sangrenta antipopular empreendida pela polícia e pelos integralistas em Petrópolis. Mais de 16.000 operários da indústria têxtil, intelectuais, pequenos comerciantes, padeiros, ferroviários etc. participaram da greve geral. Em São Paulo, mais de 20 organizações sindicais e grupos da pequena burguesia, compreendido do PS, participaram de grandiosa manifestação contra os

integralistas. Estes quiseram organizar uma parada de mais de 10.000 membros de sua organização mas desistiram, temendo a greve geral que poderia organizar a frente antifascista. Marinheiros e ferroviários manifestaram-se, adotando a senha [sic]: "Abaixo o plano financeiro do imperialismo!" e "Nacionalização de toda a frota mercante do Brasil", senha lançada pela Federação dos Marítimos. A ANL participou também das manifestações dos trabalhadores rurais de Minas Gerais contra sua expulsão pelos proprietários rurais integralistas e das manifestações realizadas em todo o país por mais de 20.000 empregados bancários que reclamavam um salário mínimo. No Rio e em Recife a ANL organizou várias manifestações pela emancipação da raça negra e luta pela defesa do povo contra os impostos e a vida cara. Finalmente, perante a ameaça de um golpe de estado ditatorial, preparado pelo governo, a ANL convida as massas a proclamarem a greve geral.

Nosso partido tomou a iniciativa da organização da frente popular [sic]. Não havíamos compreendido a importância da etapa da frente nacional unida para arrastar as massas à revolução, penetrar mais facilmente entre os agricultores, consolidar nosso Partido e conquistar, finalmente, pela experiência das próprias massas, a hegemonia da revolução.

Havíamos lançado como senha para a ação as nossas palavras de ordem na propaganda da luta pela revolução operária e camponesa, luta por um governo soviético, num momento em que o povo ainda não podia compreender tais senhas e em que as massas se uniam, por milhões, à ANL. Entretanto, com a prática, corrigimos a devido tempo tais erros e nossa linha de conduta vai melhorando. Já lançamos audaciosamente a palavra de ordem: "Todo o poder à ANL!". "Pela libertação nacional ou pelo governo de Vargas, traidor do povo e da independência nacional: não há um terceiro caminho médio a seguir!" declarou Prestes no seu manifesto.

O Partido aprendeu como se utilizam as contradições no campo dos nossos inimigos. É o que demonstra, primeiramente, o apelo de Prestes às massas católicas, ao clero pobre, que não se quer deixar conduzir pelo clero rico, aliado do imperialismo, dos senhores feudais, inimigo do povo e da libertação do país. Prova também aquela asserção o fato de que visamos de modo diferente as diversas atitudes que devemos assumir perante os agrupamentos estrangeiros. Julgamos que a nacionalização deve ser aplicada primeiramente às empresas e terras dos imperialistas "que não se submeterem às leis do governo revolucionário do povo", "aos proprietários e elementos mais reacionários da Igreja, que se manifestam contra a luta de libertação do Brasil e do povo".

Devemos fortalecer a preparação e organização das greves de massa pelas reivindicações econômicas essenciais, pelas liberdades democráticas, contra a reação etc.

Outra tarefa importante, pelo incremento e consolidação da frente nacional, está

estritamente ligada com o movimento das grandes massas camponesas nessas lutas. Sem a adesão das massas camponesas não se poderá realizar no Brasil uma revolução nacional de grande envergadura. E muito menos poderemos atingir o nível da revolução agrária e chegar, mediante esta, à etapa socialista. Sob este ponto de vista, o trabalho prático do Partido apresentava graves defeitos, pelo que é de temer que o movimento rural se atrase em relação ao movimento nacional das cidades, dificultando assim, por algum tempo, o desenvolvimento da revolução.

Entretanto, mediante uma autocrítica bolchevista, conseguimos vencer em parte essa dificuldade e já possuímos sólidas organizações rurais no Nordeste do país.

Mediante o apoio dos governos do R. G. do Sul, Bahia, São Paulo, Minas e Rio, Vargas prepara contra nós um "golpe de estado branco" terrorista.

1) Eis a doutrina comunista sobre esse assunto:

Não é possível triunfar de um adversário superior senão mediante uma extrema tensão de suas forças e com a condição obrigatória de tirar partido, com a máxima atenção, minúcia e prudência, dos mínimos "dissentimentos" existentes entre os inimigos, das mínimas oposições de interesses existentes entre as burguesias dos diferentes países, entre os diferentes grupos ou as diversas espécies de burguesias no interior de cada país; com a condição, outrossim, de tirar proveito das mínimas possibilidades de certificar-se da aliança das massas, mesmo que se trate de uma aliança temporária, indecisa, condicional, pouco sólida e pouco segura. Quem não compreende essa verdade nada compreende do marxismo e, em geral, do socialismo científico dos nossos tempos (Lenine).

Para isso, Vargas nomeou chefe do Estado-Maior do Exército um general conhecido pelas atrocidades que cometeu contra as massas populares e integralista declarado. Vargas assinou um pacto anti-revolucionário com o presidente da Argentina e dirigiu aos nossos inimigos um apelo, convidando-os a organizar a "união sagrada" contra nós. A esse apelo aderiram a Igreja e os integralistas, organizando "as forças do bem e de Deus" contra as "forças do mal e do demônio".

Pelas últimas informações recebidas, sabemos que o governo já iniciou a ofensiva. As reuniões da ANL foram proibidas em Minas, Rio, Ceará, Rio de Janeiro, R.G. do Sul e São Paulo [sic]. Foram realizadas várias perseguições nos locais da Aliança e a polícia operou em vários sindicatos. Foram proibidas as reuniões dos congressos da juventude. Os operários, estudantes e membros da frente popular encontrados nos citados locais ou que foram encontrados distribuindo folhetos da ANL ou do PC foram presos e submetidos a severos castigos corporais. A 14 de julho o governo declarou a ANL fora da lei e a polícia realizou uma perseguição, saqueando e fechando

seus locais em todo o país.

As massas porém se preparam à contra-ofensiva. Vários protestos nos chegaram de todos os pontos do país. A ANL e o PC incentivam as greves de protesto. Os ferroviários fizeram constar que ao golpe de estado branco terrorista responderiam pela greve geral. Milhares de pessoas assistem às nossas reuniões, onde tomam a palavra os oradores da Aliança, não obstante as proibições e as ameaças da polícia.

Em São Paulo, mais de 2.000 operários e aderentes da frente nacional manifestaram-se contra as atrocidades da polícia e enfrentam heroicamente os gases lacrimogêneos e as balas policiais. No Norte, as massas populares do Maranhão ignoram o decreto do governo e defendem a existência legal da ANL. Tudo indica que batalhas de grande envergadura iniciam-se nesse momento no Brasil.

As massas populares brasileiras, a Frente Nacional Unida, o proletariado revolucionário e seu Partido, o PC do Brasil, saberão desencadear a contra ofensiva, o caminhar firme, não obstante a repressão estabelecida, para as lutas decisivas pelo pão, terra e liberdade, pelo poder da Aliança de Libertação Nacional!

Trad. O.C.S.

Rio de Janeiro, 30/12/35

(TSN, Processo nº 90)

# 11

## POVO DO BRASIL, ÀS ARMAS! POR PÃO, TERRA E LIBERDADE!

O Comitê Central de nosso partido, o PCB (Seção da I.C.) acaba de lançar ao povo brasileiro um grande manifesto, do qual a *União de Ferro* transcreve os seguintes trechos finais:

### AS FORÇAS DECISIVAS DA REVOLUÇÃO

**MARÍTIMOS!** Em vossas mãos está concentrada grande parte dos destinos do Brasil. O triunfo da revolução depende em grande parte de vós. Com vossa força, tendo em vossas mãos os transportes norte-sul e para o estrangeiro, podeis imobilizar as forças da reação. Com todo o povo em armas, a vossa força, a vossa decisão, a vossa combatividade decidirão do movimento revolucionário. Iniciais as greves pela nacionalização da Marinha Mercante, pelo aumento de salários, pelo controle do Instituto de Pensões pelos próprios marítimos, pela estabilidade no emprego depois de 2 anos etc. Elevai essas lutas até às lutas armadas, unidos com a Marinha de Guerra e com as massas populares, ocupando as empresas e tomando-as sob vossa direção.

**FERROVIÁRIOS, OPERÁRIOS DOS TRANSPORTES URBANOS E RODOVIÁRIOS!** Também vós sois decisivos nesta luta. Não transportais tropas e munições contra as forças revolucionárias. Todos nós que sofremos somos irmãos. Todos nós que vamos pegar em armas não o fazemos por prazer, fazêmo-lo para nos salvar deste abismo em que nos jogaram; fazêmo-lo para salvar nossos filhos, dar-lhes um futuro mais digno e humano. Também tendes em vossas mãos grande parte dos meios necessários ao triunfo do movimento insurrecional. Não só deveis recusar transportar tropas, armas e munições em favor do atual governo, mas deveis iniciar desde já as greves por vossas reivindicações, as lutas por vossos direitos. Pegai em armas, unidos aos camponeses e às massas populares.

**CAMPONESES!** Não esperai por "salvadores". Tomai o fuzil, o rifle, qualquer arma e

iniciais as lutas pela terra, a luta por todas as coisas de que necessitais.

Já está provado que este regime não dá mais nada para nós a não ser fome, perseguições e injustiças. Agora só devemos confiar em nós mesmos. Porque quem faz tudo no mundo somos nós: os operários, camponeses, técnicos, intelectuais etc.

Vamos começar a revolução. Mas a nossa revolução não começa por um decreto de cima. A revolução no Brasil começa a qualquer momento, porque a crise já penetrou em todos os setores da economia e da política nacionais, já penetrou nas camarilhas dominantes.

A revolução no Brasil começa a qualquer momento porque os que estão no poder não podem mais governar.

Criai ainda onde não tiver comitês, ligas camponesas e começai imediatamente a luta.

**PROLETARIADO EM GERAL!** Mais unidos, mais unificados para a luta! Reforçai ainda mais a unidade sindical. Com a unificação dos organismos sindicais, com federações e centrais poderosas as possibilidades de vitória serão maiores, as lutas insurrecionais se farão com menos sacrifícios, mais próximos ficarão os dias em que começaremos a construir uma vida feliz para os nossos filhos, para o nosso povo.

#### Frente única para a ação

As tentativas de nossos inimigos de classe de fazer uma "aliança" contra as forças revolucionárias, os esforços realizados entre os diversos grupos de fazendeiros e capitalistas - apesar das contradições existentes entre eles - para estabelecer uma trégua e enfrentar o movimento revolucionário nos indicam o que temos a fazer para triunfar nas lutas que vamos travar.

Precisamos fazer frente única, todo o povo, todos nós que devemos reagir, que devemos lutar pela salvação do nosso país e unidos marcharmos para os combates revolucionários.

O povo unido em frente única será uma força capaz de vencer todas as forças da reação. Nada poderá conter essa onda revolucionária de um povo unido, de um povo que se decidiu, de uma vez por todas, a derrubar os que lhe roubam, os que lhe escravizam.

**O PARTIDO COMUNISTA** chama para a revolução a **TODOS!**

A **TODOS** os que, mesmo tendo outra ideologia, embora professando qualquer credo político ou religioso e mesmo tendo nascido em outro país desejam sinceramente libertar a nossa pátria dessas três maiores pragas: o Imperialismo, o Latifúndio e o Integralismo.

A revolução não é monopólio de ninguém. A revolução **É DE TODOS, É PARA TODOS!**

Por pão, terra e liberdade! Viva a Revolução Popular Nacional Libertadora!

O Comitê Central do Partido Comunista do Brasil (Seção da Internacinal Comunista)

( Trechos de manifesto do PCB. *União de Ferro*, n° 15, julho de 1935. TSN, Processo n° 417)

**POVO DO BRASIL AS TERRAS POR VÓS  
TERRA E LIBERTADE!**

Os camponeses brasileiros, que vivem em condições de extrema pobreza e exploração, têm o direito de possuir a terra que cultivam. A luta pela terra é a luta pela liberdade e pela sobrevivência. É necessário que o povo brasileiro se organize e lute por suas reivindicações. A revolução popular nacional libertadora é a única saída para o Brasil. O Partido Comunista do Brasil, em nome da Internacional Comunista, apóia a luta dos camponeses e a revolução popular.

Os camponeses devem exigir a reforma agrária, a distribuição da terra e a abolição do latifúndio. A luta pela terra é a luta pela liberdade e pela sobrevivência. É necessário que o povo brasileiro se organize e lute por suas reivindicações. A revolução popular nacional libertadora é a única saída para o Brasil. O Partido Comunista do Brasil, em nome da Internacional Comunista, apóia a luta dos camponeses e a revolução popular.

Os camponeses devem exigir a reforma agrária, a distribuição da terra e a abolição do latifúndio. A luta pela terra é a luta pela liberdade e pela sobrevivência. É necessário que o povo brasileiro se organize e lute por suas reivindicações. A revolução popular nacional libertadora é a única saída para o Brasil. O Partido Comunista do Brasil, em nome da Internacional Comunista, apóia a luta dos camponeses e a revolução popular.

# 12

## CONCENTREMOS TODAS AS NOSSAS FORÇAS NA PREPARAÇÃO E DESENCADEAMENTO DAS GREVES, DAS LUTAS CAMPONESAS E POPULARES

O Comitê Central do Partido Comunista do Brasil (Seção da I.C.) reuniu-se em sessão plenária na última quinzena de julho, para fazer uma análise da situação do país e um balanço autocrítico da realização das tarefas traçadas pela reunião do Comitê Central que se realizou na segunda quinzena de maio passado.

Na base de uma análise autocrítica, foram traçadas tarefas importantes para todo o Partido.

Todo o Comitê Central aprovou a justeza da orientação revolucionária traçada na sua reunião de maio e as perspectivas revolucionárias e de lutas justificadas pelos fatos.

Através da discussão e autocrítica depois de salientar os fatos positivos de nosso trabalho partidário e de massas, o Comitê Central chegou à conclusão de que as debilidades fundamentais de nosso trabalho estão no terreno sindical e na preparação e desencadeamento das greves; segundo, debilidades da preparação e desencadeamento das lutas camponesas e na organização do campo para lutar e através das lutas [sic]. Ao mesmo tempo, o Comitê Central analisou o nosso trabalho na Aliança Nacional Libertadora e nas lutas populares, dando diretivas neste sentido, a fim de realizarmos a linha do Partido.

Constatando o crescimento da reação e do terror que Getúlio exerce sobre o povo em geral e especialmente sobre o movimento revolucionário e na base dos fatos do fechamento arbitrário e violento da ANL, da União Feminina, Congresso Juvenil e Confederação Sindical Unitária do

Brasil, o Comitê Central discutiu a tarefa da realização de uma Frente Democrática de lutas pelas liberdades e a nossa participação nessas lutas.

Uma série de vacilações e de posições de direita foram constatadas pelo Comitê Central no trabalho de alguns organismos. O Comitê Central criticou e esclareceu essas vacilações e refutou diversas posições de esquerda e de direita de certos elementos perante as tarefas do Partido na ANL, na luta pelo Governo Popular Nacional Revolucionário.

Todos esses pontos vêm esclarecidos nessas resoluções e nos diversos artigos deste número da *Revista Proletária* e chamamos de modo especial a atenção de todos os membros do Partido para que leiam essas diretivas e resoluções, procurando discutí-las amplamente nos organismos de direção e de base, nas células e frações e leva-las à prática com todo o vigor, no trabalho de massas e nas lutas.

Aqui damos somente as tarefas centrais do Partido para realizar a linha do Comitê Central, romper com as debilidades apontadas pelo mesmo e levarmos para adiante o movimento revolucionário, dentro das perspectivas revolucionárias já traçadas pelo Comitê Central na sua reunião anterior, perspectivas bem claras que nos abrem o caminho da realização da palavra de ordem de "Todo o poder à ANL" ou Governo Nacional Popular Revolucionário.

1- As lutas grevistas - O ascenso do movimento revolucionário pela libertação do Brasil está dependendo, em primeiro lugar, do ascenso do movimento grevista.

Constatamos mais uma vez e com cores mais avivadas por fatos recentes bem significativos e com dados sobre a situação, que a miséria das massas em geral e especialmente entre o proletariado e os assalariados agrícolas é cada vez mais aguda. Aumenta a ofensiva patronal contra o salário já minguado dos operários. Diminui o valor aquisitivo da moeda com a baixa do câmbio e os déficits [sic] da balança comercial. Em consequência de tudo isto vemos a carestia de vida aumentar e preocupar seriamente todo o povo e especialmente aos trabalhadores assalariados. Mas as empresas imperialistas, os donos de fábricas ainda não desistiram de resolver a crise à custa da fome dos trabalhadores, pelo contrário, redobram as suas investidas contra o salário, negando todo o aumento de salários e tomando medidas no sentido de diminuí-los ainda mais. Isto provoca uma indignação cada vez maior no seio do proletariado, hoje mais do que nunca desiludido com as promessas dos demagogos e conhecendo bem de perto o caráter do ministro do Trabalho, provavelmente ligado à polícia para fazer a reação contra os trabalhadores, segundo as próprias palavras de Getúlio, que tantas vezes denunciemos.

O ambiente no meio do proletariado das grandes cidades, como Rio, São Paulo etc., como

das pequenas cidades do interior e das usinas de açúcar e fazendas onde há assalariados agrícolas é de indignação cada vez maior. A vontade de luta e a consciência do proletariado, deste modo, se fortifica. Falta, porém, um impulso sério e decisivo de organizações revolucionárias que mobilizem o proletariado, canalize a sua indignação e intensifique seu entusiasmo revolucionário, leve-o às lutas e às vitórias contra o inimigo. Esta tarefa cabe especialmente ao Partido e ao movimento sindical revolucionário que a vem realizando ainda com sérias debilidades que é necessário romper a fim de darmos às lutas do proletariado toda a intensidade e significado que podem e devem ter no momento.

No entanto, no nosso movimento sindical, notamos sérias debilidades. A situação objetiva é favorável; a vontade de lutas das massas e os motivos para as lutas são cada dia mais numerosos e profundos, por que, então, não se desencadeiam grandes movimentos grevistas de massa? Por que, em momentos decisivos de máximo interesse para o proletariado e para as massas populares, não se deu ao inimigo a resposta eloqüente de greves poderosas e combativas? É isso que precisamos esclarecer a todo o Partido para rompermos com nossas debilidades.

a) A debilidade principal de nosso movimento sindical, constatada pelo Comitê Central, foi a falta de mobilização de todo o Partido para compreender a importância do trabalho sindical neste momento e os métodos a serem empregados nesse trabalho. Verificou-se de modo claro que, embora as autocríticas do burô [sic] político sobre defeitos e debilidades apontados em documentos para todo o Partido, continuava-se reincidente no principal desvio que era fazer-se um trabalho de cúpula com presidentes e diretores de sindicatos, sem mobilizar em primeiro lugar todo o Partido e nossas frações, especialmente, para realizarmos um trabalho de massas dentro dos sindicatos e nas empresas. Constataram-se graves fatos de se lançar a palavra de ordem de greve para os sindicatos na base somente de declarações favoráveis a esta palavra de ordem por parte de presidentes, secretários e diretorias, sem que nem as nossas frações tivessem discutido as nossas palavras de ordem nem a massa tomado conhecimento da mesma.

Em diversos setores, especialmente nos marítimos, este crime se cometeu agravado com a falta de responsabilidade de informes inverídicos sobre a situação da massa, seu conhecimento da preparação da luta e do programa de reivindicações, que muitas vezes nem sequer foi discutido em assembléias de massa. Prometiam-se greves como palpites, como palavras de fé, sem nenhuma preparação e na base de informes colhidos em cafés e, em horas decisivas, as massas não preparadas, o Partido não mobilizado, foi fácil aos diretores de sindicatos (marítimos etc.) recuarem, alegando a palavra de ordem (recomendada pela polícia e pelo Ministério) de que "a greve não era oportuna" e foi impossível mobilizar o Partido e a massa para responder com

greves. Isso aconteceu depois do assalto aos sindicatos na noite de 14 de julho, depois do fechamento da ANL e da UFB e depois do assalto da polícia à reunião da CSUB, no dia 4 de agosto. O Comitê Central criticou com muita força essa criminoso posição de direita e com muito vigor traçou para todo o Partido a tarefa fundamental de se realizar um rigoroso trabalho sindical, fortificando-se a atividade dos quadros partidários sindicais em todas as regiões, para fazer um efetivo trabalho de fração, como ponto de partida para um real e sério trabalho sindical de massas, nos sindicatos e nas empresas e locais de trabalho, rompendo com as concepções de ver os sindicatos somente diante de quatro paredes. Para isso, o Comitê Central renova a resolução de que todos os membros do Partido devem atuar nos sindicatos a que pertençam e na fração sindical e que, em todos os sindicatos tenha um número destacado de comunistas dedicados especialmente ao trabalho sindical como sua tarefa principal e com toda a responsabilidade de levar adiante a realização da linha do Partido no trabalho sindical, dentro da fração, oposição e sindicato a que pertença. Há fatos, como entre os metalúrgicos, em que nem a décima parte dos membros do Partido pertencentes ao sindicato frequenta sequer as assembléias sindicais; nesse sindicato devemos lutar para que todos nós comunistas cumpram os seus deveres sindicais e para que haja um quadro de ativistas sindicais especialmente dedicado à realização de nossas tarefas no trabalho sindical e que para isso mobilize e oriente todos os comunistas no sentido de fazerem um sério trabalho de massas.

Notamos ainda, na maioria dos sindicatos, em sindicatos onde há comunistas em número de dezenas, as assembléias são pouco frequentadas pela massa, são em maioria para resolverem questões burocráticas de nenhum interesse real para a massa. Isso prova a ausência de um trabalho de fração em que se discutam nosso trabalho de massa nos sindicatos e na preocupação de se preparar as lutas através de um forte trabalho de base e de massas, de agitação e discussão ao redor dos programas de reivindicações, embora o descontentamento da massa seja grande e sua vontade de luta crescente.

Para mobilizar organicamente nossa base, propomos que todos os comitês regionais, locais etc., comitês de setores e células, ponham em ordem do dia e discutam a questão do trabalho sindical, nossas tarefas, mobilização dos comunistas para dentro dos sindicatos, formação de frações e birôs de frações, chamando todos os membros do Partido à responsabilidade pelo cumprimento dessas resoluções.

b) É de gravidade bastante séria a constatação do Comitê Central sobre nossas debilidades no trabalho sindical e nos movimentos grevistas. Esta debilidade consiste na subestimação da luta pelas reivindicações econômicas. Quando, depois do fechamento da ANL, a CSUB chamou

os sindicatos para a greve política, o sindicato dos mobiliários, segundo as informações da fração, “não tinha reivindicações econômicas a conquistar” para a massa nessa luta e os camaradas estavam dispostos a ir à luta somente pelas reivindicações políticas e propunham diretamente a greve, fechar a sede do sindicato e esperar os acontecimentos. Mas a massa não seguiu. Na cerâmica, o mesmo trabalho dos comunistas sem a massa se registrava e assim, em muitos setores existia somente um trabalho de cúpula oportunista, diretista, que redundou no fracasso registrado de modo total em todas as partes onde o ponto de partida não foi o trabalho de base e de massas e na base de reivindicações econômicas.

Partindo dos bancários, levantou-se com expressões oportunistas de direita a palavra de ordem do “salário-mínimo”, sem citar as necessidades das lutas por aumento de salário. Essa palavra de ordem foi adotada pelo nosso BFSN. Nos bancários, além do conteúdo oportunista da agitação e propaganda, manteve-se com a responsabilidade do birô de frações a ilusão na Câmara e em se obter o salário mínimo sem a luta e só por um decreto do governo. A intenção da luta não existia e não foi demonstrada nem em palavras nem em atos. Da mesma forma, em muitos outros setores. A palavra de ordem de salário-mínimo lançada deste modo oportunista é uma arma perigosa nas mãos dos inimigos dos interesses e das reivindicações econômicas das massas. Esta palavra pode servir de engodo e de ilusão das massas, porque não é um decreto do governo que pode resolver a questão do salário-mínimo, mesmo sob as expressões de salário-necessidade ou salário-emergência ou reajustamento. Esta palavra de ordem dá armas a que o governo, o Ministério do Trabalho e os patrões ganhem tempo discutindo tabelas de salário-mínimo, discutindo o problema sob todos os seus aspectos, enquanto os salários continuam de fome, enquanto a carestia aumenta e os trabalhadores continuam roendo o pão da miséria. O nosso verdadeiro caminho não é a palavra de ordem do salário-mínimo desligada da situação das massas, das suas reivindicações econômicas, das suas necessidades prementes de aumento de salário. A linha justa é a luta, desde já, por aumento de salários, por todas as reivindicações econômicas, de horários, de condições de trabalho, férias etc., por menores que sejam, mas que a massa sente, quer e está disposta a lutar para conquistá-las.

A palavra de ordem de salário mínimo deve ser substituída pela palavra de ordem de “LUTA POR AUMENTO DE SALÁRIOS” para todos os trabalhadores, como caminho para a conquista, em todos os setores, de salários que correspondam às necessidades de vida para os trabalhadores, para a conquista do salário-mínimo ou salário-necessidade (isto é, um salário à altura de satisfazer as necessidades de uma vida digna para os trabalhadores).

Constatamos que o proletariado no Brasil, em maioria, tem participado em grandes

movimentos grevistas em 1934-1935. E também constatamos que o mesmo proletariado que foi vitorioso na luta pelas suas reivindicações estava disposto à luta para a conquista de mais reivindicações econômicas, porque as que já foram conquistadas não correspondem mais ao aumento da carestia de vida. Uma maioria esmagadora do proletariado está disposta a ir às greves para a conquista das reivindicações econômicas. O Comitê Central traça para todo o Partido a tarefa primordial de se ligar com as massas e pôr-se à frente da preparação, organização e desencadeamento das lutas grevistas pelas reivindicações econômicas. Para cumprir essa tarefa, temos que mobilizar todas as nossas células e frações para discutirem a situação dos trabalhadores, a organização de assembléias públicas legais e também ilegais de massa, onde sejam discutidos programas de reivindicações elaboradas pelas massas e com as massas, eleitos comitês de luta para se porem à frente do movimento reivindicador. As nossas frações devem discutir como preparar nos locais de trabalho, com as massas, programas de reivindicações a serem apresentados dentro das assembléias sindicais, discutirem programas de reivindicações, obter a sua aprovação e a aprovação de medidas concretas no sentido da preparação, organização e desencadeamento das lutas grevistas, no caso da negação por parte dos patrões de satisfazer as reivindicações. O nosso trabalho deve ser centralizado em fazer com que toda a massa se disponha à greve, compreenda sua necessidade e se sinta responsável pelo seu andamento seguro e decisivo até a vitória. Nós devemos estar convencidos e convencer as massas da necessidade de luta e de vitórias.

Desencadeia-se a mais feroz reação contra os sindicatos e contra reuniões legais dos trabalhadores para discutirem as suas reivindicações. A polícia assalta e depreda os sindicatos, prende seus militantes sindicais partidários e de massa. As reuniões sindicais públicas, abertas, anunciadas para discutir os planos de reivindicações, a preparação das lutas para obter melhorias de salário, são atacados à bala do modo mais brutal. A liberdade de reunião não existe, cada vez que dela se servem os trabalhadores para discutirem os seus interesses. De modo que a luta por aumento de salários, pelas reivindicações econômicas, se choca com a reação policial integralista, a mando dos imperialistas e feudais e seu governo. Isto levanta o problema imediato da luta pelas liberdades democráticas, liberdade de reunião, liberdade sindical, ligadas com as lutas pelas reivindicações econômicas mais imediatas. Devemos por em ordem do dia a palavra de ordem de "LUTAS PELAS LIBERDADES DEMOCRÁTICAS E LIBERDADES SINDICAIS" as mais amplas e contra a reação nos sindicatos e discutir essa questão em todas as frações e levá-las para os sindicatos. Fazendo este trabalho de base, lutando para que o Partido e a massa compreenda a importância da luta contra a reação, não registraremos mais os fatos e debilidades e mesmo passividade diante dos mais ferozes golpes da reação policialesca contra a massa e os sindicatos. Estes golpes serão então respondidos com greves de massa pelas liberdades democráticas e pelas

reivindicações econômicas, aumento de salários etc.

É incontestável que a maioria das greves no Brasil, em 1934-1935, tem sido feita sob nossa influência e direção. Mas também é incontestável que nesse momento, se as greves de massa não se desencadeiam numerosas em todo o Brasil é devido às nossas debilidades como vanguarda do proletariado, que está na sua maioria disposto à luta e dependendo somente que sua vanguarda se disponha a levá-lo às lutas grevistas, dentro de uma tática e linha justa, como condição para um caráter cada vez mais ascendente e profundo do movimento grevista.

O movimento revolucionário cresce no Brasil com o proletariado à frente, não é possível desencadear neste momento uma luta por reivindicações puramente econômicas e as mais justas, sem que essa luta tome imediatamente um caráter político e encontre em seu caminho o aparelho de Estado da reação para tentar impedir a vitória. O proletariado como classe mais avançada e mais organizada se choca diretamente com o Estado e contra os interesses imperialistas e feudais defendidos por este. O proletariado é, na situação revolucionária em que nos encontramos, a mola decisiva de todo o movimento revolucionário. Quando a polícia fechou a ANL, todos esperavam para se decidirem às lutas, inclusive às lutas armadas, que o operariado se levantasse em greves potentes e combativas e todos sentiam que essas greves iam decidir a situação. Nós sabemos que o proletariado iria a essas greves se tivesse preparado na base de suas reivindicações econômicas na luta pelo pão. E é esta luta pelo pão, com o proletariado à frente, que vai decidir a revolução brasileira. E o prazo para essa decisão será tanto mais curto quanto mais depressa soubermos mobilizar o proletariado pelas suas reivindicações econômicas. Os inimigos da revolução sabem disso e como uma horda de bandidos que são, massacram a reunião da CSUB que ia traçar as tarefas para a campanha pelo aumento de salários. É da medida importante dessas constatações que parte a nossa responsabilidade, como comunistas, de mobilizarmos todo o Partido para um trabalho tenaz e intensíssimo de preparação, organização e desencadeamento das mais pequenas até as amplas lutas do proletariado pelas suas reivindicações econômicas.

Devemos tratar seriamente de discutir com todo o Partido, concretamente, nas células e nas frações, como preparar o movimento grevista, encarando com responsabilidade proletária a necessidade vital do desencadeamento das greves, como fator mais decisivo do ascenso revolucionário. Para isso, ligar-se com a massa das fábricas, empresas, navios, fazendas etc., ver a situação em que elas se encontram e por que querem lutar. Nas nossas frações, assim como nas células, discutir concretamente, detalhe por detalhe, caso por caso, todas as medidas orgânicas de preparação da luta e assim orientados ir para o meio da massa, levar à prática as diretivas aprovadas e fazer isso através de reuniões de massa, convencendo a esta e não impondo a nossa vontade.

Devemos procurar convencer a todo Partido e a cada militante que o comunista, nesse momento, vale na medida que ele está ligado às massas e às lutas das massas, como ativista e dirigente destas lutas e que isso deve ser o centro da nossa atividade, para onde devem convergir todas as nossas discussões e preocupações.

Não será possível realizarmos as tarefas da revolução se todo o Partido não compreender o papel que cabe ao proletariado e às greves como a mola principal que vai decidir a vitória da insurreição.

2 - As lutas camponesas - O Comitê Central constatou as nossas debilidades na realização das tarefas traçadas para a organização e desencadeamento das lutas camponesas. Já rompemos com algumas incompreensões que predominavam no passado, porém a nossa ação no campo ainda é muito débil. O Partido deve ser o campeão da organização e da direção das lutas dos camponeses contra a opressão e a exploração dos senhores feudais sobre todas as formas. Para este fim e com esta perspectiva é que devemos preparar os nossos quadros de dirigentes e ativistas no campo. As lutas camponesas explodem aqui e ali como conseqüência da indignação e da vontade de luta dos trabalhadores. Mas, em todas elas se nota a falta de elemento dirigente revolucionário, capaz de ensinar os camponeses a bem preparar suas lutas, se organizarem e se armarem para lutar e também a lutar pelo direito de se organizarem, lutando e organizando ao mesmo tempo. As massas camponesas se radicalizam e se politizam com bastante rapidez. Não podemos perder de vista que, na situação de miséria e eferescência cada vez maior em que está o campo no interior do Brasil, por menor e mais pacífico que se apresente um conflito entre camponeses e senhores feudais toma logo o caminho da luta armada com tendência a se agravar e generalizar em regiões inteiras. Isto é muito importante e o alcance dessas lutas está em nós compreendermos em quanto delas depende a revolução no Brasil e nos decidirmos a ir aos campos com a disposição de ajudar e orientar os camponeses a desencadeá-las com toda firmeza e audácia. A nossa tarefa no campo não é uma devoção obrigatória, mas representa uma necessidade vital para o movimento revolucionário e todas as nossas regiões devem procurar discutir como desencadear as lutas nos campos e para este fim mobilizar bons companheiros para as regiões onde os camponeses sofrem mais misérias e estão mais dispostos à luta, inclusive para as lutas armadas de guerrilhas.

Em diversos locais os companheiros têm a idéia falsa de que para se tratar de qualquer luta no campo é preciso criar células do Partido. Nós devemos procurar recrutar elementos e formar o Partido no campo dentro do próprio processo da luta armada. Em muitos lugares poderemos começar criando ligas camponesas, comitês da ANL e sindicatos de assalariados agrícolas; mas isso não é indispensável em lugares e zonas onde temos possibilidades de

desencadear a luta mesmo sem criar esses organismos que poderão surgir através das lutas e também conseqüentes das mesmas. Em todas as circunstâncias não descuidar de, ao mesmo tempo que lutamos como comunistas, tratar da formação do Partido e de recrutar os elementos mais capazes e decididos que demonstrem mais vontade e capacidade de revolucionário.

O Comitê Central analisou as nossas tarefas no sentido de ampliar em todo o Brasil um intenso trabalho de desenvolvimento das lutas nos campos e fez autocrítica de todas as posições que entravam a revolução no campo e o início das lutas. Neste sentido, depois de salientar alguns lados positivos, demonstrou que em várias regiões, onde há perspectivas de lutas, estas não se processam devido às nossas debilidades e vacilações e devido ao sectarismo. Nenhuma possibilidade de luta no campo deve ser mais perdida. No Nordeste, sobretudo, no interior de São Paulo, Minas, Goiás etc., devemos procurar romper com essas vacilações. Em outras regiões, como Bahia etc., os camaradas devem compreender que é chegado o momento de romper com a tendência de organizar os camponeses para esperar a revolução e desde já iniciar a luta em toda parte onde elas forem possíveis, sem receio nenhum de ir às lutas armadas e guerrilhas.

As guerrilhas no campo devem partir não de putschs ou movimentos golpistas, mas na base de luta dos camponeses pelas suas reivindicações, pela terra, água, contra os impostos, arrendamentos, opressões etc. Devem ter sua base de massa, ser órgão de defesa de todos os camponeses oprimidos pelos feudais e germens do Exército Revolucionário dos camponeses. Essas guerrilhas não devem ser feitas em nome do Partido nem da ANL, o que além de trazer sérios perigos de provocações não seria imediatamente aceito por muitos camponeses que ainda têm confusões e pouca formação política. Estas guerrilhas devem ser feitas em nome do Governo Popular Nacional Revolucionário, desde já, dizendo que só reconhecem esse Governo e seus decretos, com Luís Carlos Prestes à frente e estas guerrilhas não conhecem os decretos do governo de Getúlio e dos governadores e faz agitação e propaganda da revolução popular nacional, das reivindicações e do programa da ANL e das reivindicações do povo e toma a defesa dos interesses dos camponeses e do povo contra os senhores feudais e seus governos, inclusive contra o governo local. Devemos lutar para que camaradas operários tomem parte nessas guerrilhas e representem assim o elemento revolucionário mais decidido da luta. É necessário procurar ligar o mais possível todas as lutas camponesas e guerrilhas com os movimentos das cidades e lutar pelo apoio do proletariado e das massas populares das cidades às lutas camponesas. Aos camaradas que forem para os campos com a tarefa das lutas camponesas e das guerrilhas, devemos dar diretivas bem concretas, políticas, orgânicas e de tática militar. Para esse fim, mobilizar todos os elementos e conhecimentos que temos.

A situação objetiva no campo é favorável e as lutas se multiplicam. A repercussão das lutas

camponesas com um cunho cada vez mais revolucionário e inclusive o seu reflexo nas lutas dos cangaceiros vai ser um fator decisivo para a revolução. Todos os comitês regionais devem encarar seriamente esta tarefa e convergir todas as suas forças e possibilidades para a sua realização.

3 - As lutas populares - Com o movimento da Aliança Nacional Libertadora o Partido criou experiência e abriu perspectivas no sentido de organizar as lutas populares, sobretudo nas cidades. Esta é a tarefa de grande importância para mobilizarmos todo o povo para a revolução popular. Há muito tempo que levantamos perante todo o Partido a necessidade de nos pormos à frente das lutas do povo em geral contra os impostos, a carestia da vida, os altos fretes, transportes e passagens etc. Mas ainda não está bastante compreendido por nosso Partido a importância destas lutas. Só uma ação vigorosa de todo o Partido é que pode fazer compreender e realizar esta tarefa importante de prepararmos e dirigirmos as lutas populares com todo o povo. Em algumas regiões (Bahia, Maranhão), alguns camaradas compreenderam a importância de organizarmos comitês de bairros, com um programa de reivindicações aprovado em reuniões do povo. Os resultados foram positivos e serviram de educação revolucionária para o Partido e para o povo. Mas esses exemplos são insignificantes diante das possibilidades que temos. Tanto nas capitais como nas cidades do interior e até nas vilas, é preciso formar comitês populares, convocar reuniões do povo e discutir problemas, como melhoramentos, serviços de água, esgotos, iluminação, escola, posto médico, diminuição de impostos, arrendamentos, fretes, passagens, contra a carestia de vida etc. No Rio de Janeiro, por exemplo, os pequenos comerciantes estão comprimidos entre os impostos exorbitantes, por um lado e o tabelamento por outro, enquanto os açambarcadores e os trustes alteiam os preços dos gêneros de primeira necessidade segundo a ganância de lucros. Agora, os pequenos comerciantes se movimentam e preparam um congresso. Nossa posição não deve ser platônica e nem tampouco constar somente de um manifesto, devemos nos ligar com os pequenos comerciantes, fazer com que os núcleos da ANL tomem a frente desta luta, mobilizar os pequenos comerciantes simpatizantes e aliancistas neste sentido. Devemos tomar uma posição de luta em defesa dos interesses dos pequenos comerciantes, sem jogá-los contra os consumidores e sim mobilizar a todos contra os impostos excessivos, contra os altos fretes, contra a ganância dos grandes açambarcadores e trustes. Esta devia ser a nossa posição perante a luta dos pequenos comerciantes do Maranhão e outros lugares.

Para orientarmos estas lutas devemos, através de elementos nossos e outros elementos, e por todos os meios, fazer propostas justas e que correspondam aos interesses dos pequenos comerciantes e do povo.

Em todas as cidades do Brasil podemos fazer: comitês amplos e demonstrações populares

contra a carestia de vida, contra os altos impostos, pelo aumento de salários e pelas liberdades democráticas, em defesa da ANL e das organizações revolucionárias de massas atingidas pela reação. Devemos ligar essas reivindicações gerais, reivindicações locais e convocar comícios para agitá-las. Por exemplo, em Madureira, no Rio de Janeiro, além dessas reivindicações, podemos ligar à revindicação muito sentida pelo povo de diminuição das passagens de bondes Madureira-Irajá. Essas demonstrações e comícios podem ser convocadas por uma comissão de elementos populares e com títulos como este: "Grande comício contra a carestia de vida e pela diminuição do preço de passagens de bonde etc., nesse comício serão votadas propostas concretas e comissões nomeadas para tomarem medidas aprovadas pelo povo no sentido de resolver e concretizar o assunto etc". Nesses comícios, a ANL, a UFB<sup>1</sup>, o Congresso Juvenil, a CSUB<sup>2</sup> poderão falar e esclarecer sua posição e mobilizar todos os seus elementos para a luta por aquelas reivindicações populares e assim se ligar de um modo mais amplo e estreito com a massa popular. Devemos fazer o mesmo nas feiras livres e mercados, na luta contra a carestia de vida, formando comitês populares para esse fim. Se nos ligarmos com as massas populares veremos que grandes oportunidades se nos oferecem de mobilizá-las contra as empresas imperialistas, contra o Governo e os impostos, os grandes açambarcadores, banqueiros, agiotas, senhores feudais.

O nosso sectarismo, que rompemos ainda com passo lento e a incompreensão do caráter da revolução fez com que o Partido ainda não tenha encarado com seriedade a importância das lutas populares. Certos camaradas chegam a pensar que as lutas dos comerciantes, pequenos proprietários, pequeno-burgueses não interessam ao proletariado. Objetivamente, entregam essas massas sem direção aos integralistas e aos bandos reacionários e aos demagogos pequeno-burgueses, em vez de colocá-las sob a direção do proletariado revolucionário, contra os inimigos comuns e pelo Governo Popular Nacional Revolucionário. O proletariado será capaz de dirigir a revolução no Brasil na medida que ele, guiado pela sua vanguarda, mobilizar as mais amplas massas populares. Devemos compreender que nessas lutas populares nos poremos em contato com o povo em geral e com muitos setores proletários e que, nessa luta, em vez de nos apresentarmos isolados como alvo à reação, nos apresentaremos com todo o povo em defesa de seus direitos e liberdades.

As nossas frações e organismos de massa, as nossas frações sindicais, as nossas células de empresa e de rua devem discutir essa importante tarefa e tomar medidas concretas para a sua realização. Mais do que nunca os prazos são cada vez mais curtos e nós comunistas temos que

---

1. UFB - União Feminina do Brasil.

2. CSUB - Confederação Sindical Unitária do Brasil.

fazer prodígios de organização e multiplicar nossa capacidade de organização e mobilização de massas. Só assim é que poderemos fazer com que a revolução popular no Brasil dê passos rápidos e decisivos, sob a direção firme e revolucionária do proletariado.

Das lutas grevistas, das greves de massa, combativas, tendo por base as reivindicações econômicas, da politização dessas lutas, em primeiro termo e do desencadeamento imediato de amplas e numerosas lutas de camponeses e lutas armadas no campo, como também da mobilização do povo pelas reivindicações populares e para a luta pela conquista dessas reivindicações está dependendo o ascenso do movimento revolucionário em dias e semanas e a própria sorte da revolução.

O Comitê Central faz um apelo para que todos os membros façam todos os esforços para compreender essas tarefas e multiplicarem sua atividade para discuti-las, tomar resoluções concretas e levá-las à prática imediatamente. Disto está dependendo que a revolução seja uma realidade próxima.

O C.C. do P.C.B. (S. da I.C.)

(Documento do PCB de julho de 1935. TSN, Processo nº 1, apreensão à rua Barão da Torre, agosto de 1935)

# 13

## COMPANHEIROS CAMPONESES!

Os magnatas burgueses, os altos industriais, os grandes tubarões das finanças se encarniçam cada vez mais em cima dos trabalhadores explorados e oprimidos para lhes arrancar as carnes e matá-los de fome e de miséria, enquanto seus lucros aumentam vertiginosamente.

De todas as massas trabalhadoras, miseravelmente exploradas e oprimidas no Brasil, os trabalhadores dos campos, os assalariados agrícolas, os meeiros, rendeiros, contratistas, pequenos e pobres lavradores são os que mais sofrem o peso da exploração, da fome e da miséria. Os trabalhadores dos campos não têm escolas para seus filhos, não têm alimentação suficiente, porque comem jabá, feijão e farinha somente, de qualidade inferior e por preços além do custo já elevado das cidades; não têm médicos nem remédios para si, para suas esposas nem para seus filhos que se acabam, mortos desgraçadamente, sem direito ao menos ao buraco em que se enterram; não têm habitação porque moram em verdadeiras tocas, escuras, úmidas, infames, como animais da pior espécie; não têm conforto por mais insignificante, porque liquidam a vida a trabalhar para a riqueza dos patrões exploradores, dos ladrões, que nem lhes aumentam os salários, nem lhes dão o direito ao seguro social, a nada que se chame direito de viver como gente!

E como acabar com tudo isso? Como destruir este estado de fome, de miséria a que os senhores feudais-burgueses atiram os oprimidos? Como liquidar todos esses erros e contradições, todo esse regime de terror, de exploração, de escravidão em que morrem os trabalhadores camponeses?

Será esperando que os patrões, os magnatas das finanças, os burgueses e capitalistas opressores queiram dar espontaneamente melhoria de condições de vida aos trabalhadores, seus animais e escravos? Não, companheiros, os senhores feudais burgueses, que exploram e oprimem, nada lhes darão além da cadeia, da reação, da fome, do desemprego, da miséria e dos processos mais duros para lhes arrancar as carnes e a força do trabalho para sua fortuna, enquanto que

vocês, trabalhadores agrícolas, pequenos e médios e pobres lavradores, vão ser sempre vítimas desses bárbaros.

Só a luta, a união de ferro e fogo, dentro das lutas mais audaciosas e seguras, destemidos homens do trabalho, organizados vocês em grupos e em batalhões armados, para a tomadas das terras e divisão com os outros trabalhadores dessas terras, só a união de vocês, os camponeses, com o seus irmãos das cidades, em lutas pela derrubada da burguesia, é capaz de lhes dar liberdade, pão, terras, habitação, medicina, higiene, escolas etc.

Na base destas verdades revolucionárias e em face do amadurecimento da revolução, no Brasil, de sorte que não é mais possível esperar ou deter a onda de greves e lutas do proletariado do Brasil, pela conquista de seus direitos, é urgente que os camaradas apliquem estas tarefas imediatas:

1- Organizar, em todas as fazendas, células dos camponeses (assalariados agrícolas, rendeiros, meeiros, contratistas, pequenos e médios agricultores), com o maior número possível de elementos.

2- Plantear, dentro dessas células, todas as questões do campo e as reivindicações das massas trabalhadoras, exploradas e oprimidas: aumento de salários, garantia de salários para homens, mulheres e jovens; seguro social, escolas obrigatórias e gratuitas, em todas as fazendas, médicos e remédios também gratuitos, para todos os trabalhadores etc. TOMADA DAS TERRAS PELOS TRABALHADORES, PELOS PEQUENOS E MÉDIOS AGRICULTORES.

3- Mostrar a todos que devem possuir armas e munições, quanto mais possível mais útil, e tomar as armas e as munições dos grandes senhores chefes de bandos e opressores dos trabalhadores. Tudo para uma luta armada, geral, forte e decidida, de guerrilhas, contra os grandes ocupantes de terras e exploradores. Lutas que devem ser logo preparadas, concretamente, para arrebentarem em muitos pontos ao mesmo tempo.

Estas são as tarefas imediatas e justas dos companheiros que trabalham nas fazendas e que devem logo cuidar do caso concretamente.

Com saudações revolucionárias!

(Documento do PCB. Elaborado entre julho e outubro de 1935. TSN, Processo nº 171)

# 14

## AO ASSALTO DAS FAZENDAS, CAMPONESES! POR PÃO, TERRA E LIBERDADE!

Camponeses! Meus companheiros de sofrimento!

A nossa situação de miséria e opressão agrava-se cada vez mais.

Estamos ameaçados de um grande corte em nossos pagamentos, querem sugar todo o nosso sangue. E nós, companheiros, continuaremos de cabeça baixa, morrendo de trabalhar para que os fazendeiros vivam confortavelmente a custa do nosso sangue e o dos nossos filhos? Continuaremos de cabeça baixa, aceitando esta situação de miséria e de fome, nós que tudo produzimos e não temos direito a nada?

Camponeses! Não esperemos por salvadores. Tomemos o rifle, o fuzil, qualquer arma iniciemos as lutas pela terra, a luta por todas as coisas de que necessitamos. Já está provado que este regime não dá mais nada para nós a não ser fome, perseguições e injustiças.

Agora só devemos confiar em nós mesmos porque quem faz tudo no mundo somos nós: os operários, os camponeses, os técnicos etc.

Vamos começar a revolução, mas a nossa revolução não começa por um decreto de cima.

A revolução no Brasil começa a qualquer momento porque a crise já penetrou em todos os setores da economia e da política nacional, já penetrou nas camarilhas dominantes.

A revolução no Brasil começa a qualquer momento, porque os que estão no poder já não podem governar. Criemos onde ainda não tiver, comitês, ligas camponesas e comecemos imediatamente a luta.

Precisamos fazer frente única, todo o povo, todos nós que devemos reagir, que devemos

lutar pela nossa salvação e unidos marchemos para os combates revolucionários. Nada poderá conter esta onda revolucionária de um povo que se decidiu de uma vez por todas a derrubar os que lhe roubam, os que lhe escravizam.

O Partido Comunista chama para a revolução a todos.

Contra o imperialismo, o latifúndio, o integralismo.

Por pão, terra e liberdade!

Viva a revolução popular libertadora!

(Documento do PCB. Elaborado entre agosto e setembro de 1935. TSN, Processo nº 134)

# 15

(Confidencial)

## A ANL E A SITUAÇÃO POLÍTICA NO ESTADO DO RIO DE JANEIRO

1) Os aliancistas precisam ter uma compreensão bem clara a respeito do caráter dos diversos partidos políticos que se degladiam no Estado do Rio. Nem sectarismo, que nos separará das grandes massas populares que ainda acompanham tais partidos, nem falsas ilusões sobre a possibilidade de que qualquer de tais partidos possam marchar integralmente com a ANL em luta contra o imperialismo, o feudalismo e o fascismo. Há atualmente no Estado do Rio dois blocos políticos heterogêneos que disputam o poder, disputando para isso, antes de mais nada, como tem sido em todo o Brasil, as graças do governo reacionário de Vargas, porque ter as graças do centro é ter garantida a tomada do poder no Estado. Tanto no bloco reacionário de Raul Fernandes-Macedo Soares-Tinoco, como no bloco dirigido pelo Partido Progressista do Barcelos há de tudo, desde os elementos mais reacionários até operários ainda enganados e muitos pequeno-burgueses que estão honestamente convencidos que será possível salvar o Brasil do jugo do imperialismo com pequenas reformas dentro da atual ordem imperialista-feudal. É porém incontestável que com o bloco Raul Fernandes-Macedo Soares-Tinoco se pretende instaurar no Estado do Rio um governo francamente reacionário e obedientemente cego do grupo imperialista que dirige o governo de Getúlio. Além disso, as maiores ilusões do povo do Estado do Rio são ainda em homens como Barcelos, Gaier de Azevedo etc. Nós, aliancistas, portanto, sem termos nenhuma ilusão nos homens que dirigem o Partido Progressista, muito menos que tal partido venha em bloco apoiar honestamente a campanha antiimperialista, antifeudal e antifascista da ANL, precisamos tomar posição ao lado dos progressistas, na medida em que lutarem contra o governo de Vargas e contra a implantação no Estado do Rio do governo abertamente imperialista e antipopular, como seria um governo de Raul Fernandes, Tinoco ou

outro qualquer da mesma banda. Isso não quer dizer que devemos estimular golpes militares, nem pequenas conspirações e muito menos nos prestarmos de instrumento para levar as massas populares que seguem a ANL a lutas armadas em proveito do Partido Progressista.

2) No momento atual, antes da decisão central sobre quem será o vencedor, devemos dizer aos chefes do Partido Progressista que a única maneira que têm de realmente evitar o governo reacionário de Raul Fernandes ou de seus cúmplices será o de demonstrarem, em grandes manifestações populares, que exigem a vitória do povo, a vitória das urnas, isto é, a vitória do Partido Progressista. A ANL tomará parte em tais manifestações, chamará as massas para que venham para a rua demonstrar que não admitirão um governo reacionário. Oradores da ANL falarão nos comícios e demonstrações do Partido Progressista, propagando o programa da ANL, mostrando que só o Governo Popular Nacional Revolucionário com Prestes à frente vai realmente resolver todos os problemas brasileiros, mas que a ANL apoiará um governo progressista desde que tal governo não impeça a atividade legal da ANL e de todas as organizações populares, sindicais etc., e que a ANL lutará com as massas progressistas contra um golpe do governo de Vargas contra os progressistas eleitos pelo voto no Estado do Rio.

3) A ANL deve fazer os maiores esforços para atrair o Partido Progressista ou algum de seus chefes para a Frente Popular pela Liberdade. O momento é oportuno para isso. Procurar saber com os chefes progressistas quais as bases mínimas, dentro do programa da ANL (manifesto de Prestes de 5 de julho) em que estarão dispostos a lutar em frente única com a ANL contra o imperialismo, o feudalismo e o fascismo. Pedir declarações públicas em tal sentido e passar organicamente à prática da frente única, se não em todo o estado, em municípios isoladamente. Independente porém dos progressistas, é indispensável continuar a maior atividade possível da ANL no Estado do Rio. Iniciar campanhas práticas contra o imperialismo, contra a carestia de vida, contra a reação, chamar o Partido Progressista publicamente ao apoio de [ilegível] lutas, desmascarando-o quando tomar posição contra o povo, ao lado do governo reacionário de Ari Parreiras. O Partido Progressista dará importância à ANL na medida em que ela demonstrar nas ruas a sua força. Neste sentido, não haver ilusões.

4) [duas linhas ilegíveis] ditos chefes do Partido Progressista porém só querem saber é se a ANL os acompanhará em qualquer golpe militar contra a implantação no Estado do Rio de um governo Raul Fernandes & Cia. Devemos mostrar aos homens honestos como será contraproducente a luta militar restrita ao Estado do Rio, mas se não querem acompanhar a ANL no trabalho de preparação das massas para uma luta em todo o Brasil, podem no entanto ficar certos de que a ANL não ficará neutra frente a um golpe armado no Estado do Rio, tomando

naturalmente posição ao lado do povo contra Vargas, contra qualquer intervenção armada no Estado, por um governo que se declare antifascista e contrário ao bando reacionário de Raul Fernandes. Mas se os progressistas desejam realmente o concurso da ANL no golpe que preparam, devem antes de tudo armar o povo, fazer declarações públicas no sentido de que permitirão a atividade legal da ANL e dos sindicatos e outras organizações populares etc., de que serão na prática contra o fascismo e que exigirão o desarmamento dos bandos integralistas e sua completa dissolução.

Nestas condições a ANL acompanhará e apoiará a luta dos progressistas. Mas, ao mesmo tempo, é necessário que todos os aliancistas do Estado do Rio, na emergência de um golpe, não tenham ilusões nos homens do Partido Progressista e que aproveitem o momento para se armarem, mobilizarem as massas em torno do programa da ANL, propagarem o mais possível tal programa, exigirem o cumprimento das promessas feitas etc.

Passado o momento mais crítico, quando vierem as eleições municipais, os núcleos da ANL devem tomar uma grande atividade e preparar-se politicamente para as eleições. Todos os núcleos devem registrar, com o nome que lhes parecer melhor, uma chapa eleitoral, "Pão, Terra e Liberdade", por exemplo, ou outro qualquer e depois de registrada, propor frente única eleitoral aos partidos, pessoas e organizações, na base de um programa mínimo que inclua as reivindicações práticas e econômicas mais sensíveis para a população local, a defesa dos direitos democráticos, a legalidade da ANL, a luta contra o integralismo e algumas medidas práticas contra o imperialismo e o feudalismo. Se o Partido Progressista não estiver no poder, os núcleos da ANL devem fazer o maior esforço para fazer frente única com os elementos progressistas, reduzindo mesmo as exigências programáticas ao mínimo possível de liberdades democráticas, reivindicações práticas da população local, legalidade da ANL. Em tal caso, a ANL apoiará mesmo a candidatura para prefeitos de elementos progressistas, desde que aceitem a frente única eleitoral na base programática referida. Nas listas de candidatos incluir aliancistas conhecidos e de prestígio, operários, camponeses, intelectuais, membros do Partido Comunista etc. No caso de que o Partido Progressista esteja no poder, não fazer questão de atraí-lo para a chapa eleitoral única, mas ganhar os seus elementos de esquerda, bem como os elementos de esquerda do partido contrário. O principal de nossa tática eleitoral deve ser uma ampla frente única antifascista e pela legalidade da ANL.

Mas o essencial, para que a ANL consiga progredir e obter frente única com outros partidos está na sua capacidade de arrastar grandes massas. Todo o trabalho da ANL no momento atual deve ser orientado no sentido de vencer a difícil situação de ilegalidade, rompendo-a e ganhando

novamente a rua em demonstrações, comícios e lutas. Nesse sentido devem ser feitos os maiores esforços. Utilizar todos os meios para conseguir organizar comícios e demonstrações, empregando quaisquer nomes, mas nos quais a palavra da ANL seja ouvida e pronunciada por pessoas que se declarem aliancistas, propagando o seu programa e a necessidade de um governo popular com Prestes à frente. É muito importante organizar ou fazer com que os próprios núcleos municipais ou distritais da ANL tomem outros nomes, como o de Comitê contra a fome, contra a carestia da vida etc. Tais comitês devem mobilizar a população para exigir a diminuição ou a liquidação dos impostos e nos seus comícios devem falar os oradores da ANL. Nos comícios dos estudantes, podem falar os oradores da ANL. Por toda parte os aliancistas devem estar vigilantes, aproveitando todas as lutas populares e propagando o seu programa e o governo popular, mobilizar as mulheres contra a carestia de vida, fazer com que a própria população obrigue os pequenos comerciantes a tomarem posição contra os impostos, a fazerem os pequenos comerciantes petições ao governo pedindo a redução dos impostos, fechar [ilegível] por meio dia ou um dia, tomar parte ou mandar delegados ao Congresso que se prepara no Rio, fazer campanhas contra o preço da luz elétrica, dos bondes [ilegível] etc. Enfim, é obrigação de todo aliancista começar, de todas as maneiras práticas e cada núcleo deve mesmo organizar grupos populares armados que sejam para defender os oradores da ANL e que não tenham medo de reagir contra a polícia. As lutas armadas parciais terão a grande vantagem de mostrar ao povo que a ANL [ilegível] realmente, e não somente em palavras, ao mesmo tempo que darão novas ocasiões para a confraternização dos soldados com o povo, o que muito aumentará a confiança da massa em suas próprias forças.

É indispensável que os aliancistas se liguem realmente com os camponeses, com os operários agrícolas e tratem de organizar os comitês camponeses, ligas de camponeses, núcleos da ANL ou outro qualquer nome mais popular ou mais conveniente. [ilegível] toda a população do campo que queira lutar fundamentalmente contra as empresas imperialistas, contra os grandes proprietários mais reacionários, contra os impostos descabidos e elevados, contra o integralismo e pelos seus direitos democráticos [ilegível] e imediatamente começar lutas pelas reivindicações as mais simples, populares e sentidas. No campo, é indispensável que cada organização trate imediatamente de organizar grupos armados que possam defender os lutadores contra as brutalidades [ilegível] dos bandos armados dos grandes proprietários. Não ter medo de iniciar, se necessário, mesmo lutas armadas contra a polícia, porque tais lutas vão exercitar nosso homem do campo para as grandes lutas a vir e revelar os verdadeiros chefes e os verdadeiros lutadores. Não se trata de preparar grupos armados para lutarem de arma na mão isoladamente das massas. Trata-se de levar os camponeses a lutas parciais por seus interesses mais imediatos mas sem medo de que tais lutas se transformem em luta armada.

A ANL não pretende tomar o governo por um golpe militar, mas através de lutas de [ilegível] lutas de massa que irão até a insurreição. A força da ANL estará na medida em que conseguir mobilizar as grandes massas da população de todo o país. Os [ilegível] organização de massas em torno de um programa levarão ao poder pessoas que [ilegível] honestas, poderão trair os interesses das massas. A garantia da execução do programa está exclusivamente na força que manifestarem as massas. A ANL [ilegível] massas em torno de seu programa e de um governo popular nacional revolucionário com Prestes à frente, porque sabe que só a força das massas garantirá a execução de tal programa.

Rio, 3/IX/35

(TSN, Processo nº 1)

# 16

(Confidencial)

## A ANL E A SITUAÇÃO POLÍTICA NO RIO GRANDE DO NORTE

1 - Os aliancistas precisam ter uma compreensão muito clara a respeito da situação política e do caráter dos dois partidos políticos que se degladiam no RN. Nem sectarismo, que nos separará das grandes massas populares, que ainda acompanham tais partidos, nem falsas ilusões sobre as possibilidades de que qualquer de tais partidos possa marchar íntegro com a ANL na luta contra o imperialismo, o feudalismo e o fascismo. Os dois partidos políticos em questão são: o Partido Popular, do Lamartine, José Augusto e Cia. e o bloco Câmara-Café Filho.<sup>1</sup> Ambos são aglomerados heterogêneos onde há de tudo, desde os elementos mais reacionários, grandes fazendeiros feudais, até operários ainda enganados e muitos pequeno-burgueses que estão honestamente convencidos que será possível resolver a atual situação de fome e miséria, salvar o Brasil do jugo do imperialismo etc., com pequenas reformas dentro da atual ordem imperialista-feudal. É porém incontestável que o Partido Popular pretende instaurar no Estado um governo francamente reacionário, ligado aos bandos integralistas etc. De outro lado, apesar da prática francamente getulista do governo Câmara, as maiores ilusões das massas populares do Estado são ainda no governo de Câmara-Café Filho. É preciso, no entanto, observar ainda que em alguns municípios o partido de Câmara-Café Filho está apoiado pelos elementos mais reacionários, estando o elemento popular mais radical ao lado da ANL e do Partido Popular.

2 - Nestas condições, a tarefa fundamental da ANL é desenvolver com todas as forças a

---

1. Mário Câmara - Interventor no Rio Grande do Norte, do Partido da Aliança Social, perdedor das eleições estaduais em outubro de 1935.

João Café Filho - Político da Aliança Social do Rio Grande do Norte, deputado federal (vice-presidente da República no segundo governo Vargas).

sua organização independentemente, dirigindo lutas populares pelas reivindicações mais sensíveis e elementares, pelos direitos democráticos populares, contra o imperialismo, contra o feudalismo e contra o fascismo. Só através de tais lutas será possível desmascarar os chefes de ambos os partidos reacionários, ganhando para o movimento libertador as massas populares que ainda marcham com tais partidos. Sem ilusões, completamente errôneas, sobre a possibilidade do que qualquer dos partidos reacionários possa vir a formar íntegro ao lado da ANL, fazer o maior esforço para ganhar os seus melhores chefes, aqueles que pelas ligações que tenham com as massas populares tomem realmente posição ao lado delas nas lutas. Neste sentido, os aliancistas não devem ter preferência por nenhum dos dois partidos, porque em ambos há elementos de base que estarão com o nosso programa e mesmo muitos chefes municipais que para não perderem sua base de massa apoiarão o nosso programa ou algum de seus pontos. Portanto, em todo o Estado, organizar lutas, chamar publicamente ao apoio de tais lutas, em cada município os elementos dirigentes de esquerda mais ligados às massas, independentemente de que sejam populistas ou camaristas, aproveitando todos os fatos concretos para sem insultos desmascará-los na prática frente às massas. Os partidários de Câmara devem ser desmascarados na prática de atos policiais e reacionários contra as massas e os elementos populistas pela inatividade nas lutas, pela passividade frente à reação do governo de Vargas-Câmara.

3 - Frente à vitória eleitoral, reconhecida pelo Tribunal Superior Eleitoral ao Partido Populista, alguns chefes do bloco Câmara-Café Filho ameaçam desencadear lutas armadas e não permitir a posse de um governo populista. Tudo indica, além disso, que o próprio Câmara e os elementos mais reacionários de seu partido já se dispõem a entregar pacificamente o poder. É necessário utilizar este momento para ganhar para a ANL os melhores elementos que ainda confiam em Câmara ou nos seus elementos que dizem que vão lutar contra a implantação de um governo populista no estado. A ANL, frente a ameaça de um governo ainda mais reacionário do que o atual no RN, deve chamar as massas populares, inclusive as que ainda seguem os dois partidos em luta para demonstrarem na rua a sua vontade de luta contra a reação e pelos direitos democráticos mais elementares, direito de reunião, de palavras falada e escrita etc., pela legalidade da ANL, pelo desarmamento dos bandos integralistas. Chamar em apelos e manifestos os elementos de esquerda dos dois partidos a declararem sua adesão a tais manifestações. A ANL precisa declarar que apoiará, nas condições atuais, qualquer governo que se disponha a garantir os direitos democráticos populares, a desarmar os bandos integralistas e de capangas dos grandes proprietários, a garantir a legalidade para a ANL e para todas as organizações operárias, camponesas e populares. Na base de uma tal declaração, desmascarar o Câmara e os demais chefes reacionários de seu partido que com medo do povo entregam pacificamente o poder a um

governo reacionário. Com os elementos do partido de Câmara-Café Filho que se disponham a lutar com a ANL, em frente única na base do programa acima, organizar imediatamente grandes manifestações em todo o Estado, aproveitando as circunstâncias favoráveis para que a ANL apareça em público, ganhe a rua e propague o seu programa (o do manifesto de Prestes a 5 de julho), o único que realmente acabará com a situação de miséria e de reação, o que só poderá ser executado pelo GPNR com Prestes à frente.

4 - Muitos chefes do partido camarista só querem saber porém se a ANL os acompanhará em qualquer golpe militar contra a implantação de um governo populista no Estado. Devemos mostrar aos homens honestos como será contraproducente uma luta militar restrita ao Estado do RN e mesmo aos Estados do NE, mas que se eles não querem acompanhar a ANL no trabalho de preparação de massas para uma luta em todo o Brasil, podem no entanto estar certos de que a ANL não ficará neutra frente a um golpe armado no Estado, tomando naturalmente posição ao lado do povo contra qualquer governo reacionário, por um governo que se declare e dê as necessárias garantias de que será anti-fascista, que dará legalidade à ANL etc. Mas se tais elementos querem realmente lutar, devem começar por armar o povo, fazer declarações públicas no sentido de que permitirão a atividade legal da ANL e dos sindicatos e que exigirão o desarmamento de todos os bandos integralistas. Os aliancistas devem conhecer todas as tentativas de luta armada no Estado e sem se deixarem arrastar nos golpes militares precisam realmente mobilizar as massas para uma atividade independente, preparando greves, demonstrações etc., através das quais conseguirão, no momento de uma luta armada, exigir a execução de promessas, defender as reivindicações das massas, exigir o desarmamento dos bandos integralistas, a legalidade para a ANL etc.

5 - Desde já a ANL deve fazer o maior esforço para ganhar a Frente Popular pelas Liberdades elementos de ambos os partidos em luta. Alguns deputados (federais e estaduais), tanto de um como de outro partido, poderão ser ganhos para a Frente Popular. Neste sentido devem ser procurados não só José Augusto como Café Filho e outros deputados.

6 - Passado o momento mais crítico, quando vierem as eleições municipais, os núcleos da ANL devem tomar uma grande atividade e preparar-se praticamente para as eleições. Cada núcleo deve registrar, com o nome que lhe parecer melhor, uma chapa eleitoral. "Pão, Terra e Liberdade", por exemplo, ou outro qualquer, e depois de registrada, propor frente única eleitoral aos partidos, pessoas e organizações, na base de um programa mínimo que inclua as reivindicações práticas e econômicas mais sensíveis para a população local, a defesa dos direitos democráticos, a legalidade da ANL, a luta contra o integralismo e algumas medidas práticas contra o imperialismo e o feudalismo. Os núcleos da ANL, principalmente se os partidários de Câmara-

Café Filho tiverem perdido o poder, devem fazer o maior esforço para fazer frente única com os seus elementos, reduzindo mesmo as exigências programáticas ao mínimo possível de liberdades democráticas, reivindicações práticas da população local, legalidade da ANL (conceder ou lutar por tal legalidade). Em tais casos, a ANL poderá mesmo apoiar a candidatura de prefeito de elementos de Câmara-Café Filho, desde que sejam homens populares, aceitem a frente única eleitoral na base programática referida etc. Nas listas de candidatos incluir aliancistas conhecidos e de prestígio, operários, camponeses, intelectuais, membros do Partido Comunista etc. Em resumo, o princípio de nossa tática eleitoral deve ser obter uma ampla frente única antifascista e pela legalidade da ANL.

7 - O essencial para que a ANL consiga progredir e obter a frente única com os outros partidos está na sua capacidade de arrastar grandes massas. Todo o trabalho da ANL no momento atual deve ser orientado no sentido de vencer a difícil situação de ilegalidade, rompendo-a e ganhando a rua em demonstrações, comícios e lutas. Neste sentido devem ser feitos os maiores esforços. Utilizar todos os meios para conseguir organizar comícios e demonstrações, empregando quaisquer nomes, mas nos que a palavra da ANL seja ouvida e pronunciada por pessoas que possam ter a coragem de se declarar aliancistas, propagando o seu programa e a necessidade do governo popular nacional revolucionário com Prestes à frente. É muito importante organizar ou fazer com que os próprios núcleos municipais ou distritais da ANL tomem outros nomes, como o de comitê contra a fome, contra a carestia de vida etc. Estes comitês devem mobilizar a população para exigir a diminuição ou liquidação dos impostos e nos seus comícios devem falar os oradores da ANL. Nos comícios dos estudantes podem falar os oradores ds ANL. Por toda parte os aliancistas devem estar vigilantes, aproveitando todas as oportunidades para fazerem ouvir a palavra da ANL, apoiando todas as lutas populares e propagando o seu programa e o governo popular. Mobilizar as mulheres contra a carestia de vida, fazer com que a própria população obrigue os pequenos comerciantes a tomarem posição contra os impostos, a fazerem aos pequenos comerciantes petições ao governo pedindo a redução ou liquidação dos impostos, fechar as casas comerciais por meio dia ou por um dia, tomar parte ou mandar delegados ao Congresso que se prepara no Rio. Fazer campanha contra o preço da luz elétrica, dos bondes etc. Enfim, é obrigação de todo aliancista começar, de todas as maneiras, lutas práticas e cada núcleo da ANL deve mesmo organizar grupos populares armados que sejam capazes de defender os oradores da ANL e que não tenham medo de reagir contra a polícia. As lutas armadas parciais terão a grande vantagem de mostrar ao povo que a ANL luta realmente, não somente em palavras, ao mesmo tempo que darão novas ocasiões para a confraternização dos soldados com o povo, o que aumentará a confiança da população em suas próprias forças.

8 - No campo, é indispensável que os aliancistas se liguem realmente com os camponeses, com os sertanejos, com os operários agrícolas e tratem de os organizar em comitês camponeses, ligas camponesas, ligas populares, núcleos da ANL ou outro qualquer nome mais popular ou mais conveniente em cada localidade, abarcando toda a população do campo que queira lutar fundamentalmente contra as empresas imperialistas, contra os grandes fazendeiros mais reacionários, contra os impostos descabidos ou elevados, contra o integralismo e os bandos armados de capangas e pelos seus direitos democráticos (organização, palavra, imprensa, sindical etc.). Organizar e imediatamente começar lutas pelas reivindicações mais simples e mais populares e sentidas. No campo, é indispensável que cada organização trate imediatamente de ter grupos armados que possam defender os lutadores contra a brutalidade da polícia e dos bandos armados dos grandes proprietários. Não ter medo de iniciar, se for necessário, mesmo lutas armadas contra a polícia, porque tais lutas vão exercitar o nosso homem do campo para as grandes lutas a vir e revelar os verdadeiros chefes, os verdadeiros lutadores. Lutas armadas não quer dizer luta imediata pelo poder no Estado ou no município. São lutas armadas parciais, relativamente fácil de serem vitoriosas nas condições do interior do nosso país. Não se trata de preparar grupos armados para lutarem com armas na mão isoladamente da massa. Trata-se de levar os camponeses a lutas pacíficas por seus interesses mais imediatos, mas tomando providências inteligentes e indispensáveis para que os lutadores não sejam estupidamente massacrados (caso da Várzea do Açú) e sem medo que tais lutas se transformem em lutas armadas, das quais podem nascer grupos guerrilheiros invencíveis.

9 - Em resumo: a ANL não pretende tomar o poder por um simples golpe militar, mas através de grandes lutas de massas que irão até a insurreição. A força da ANL estará na medida em que conseguir mobilizar as grandes massas da população de todo o país. Os golpes sem mobilização de massas em torno de um programa levarão ao poder pessoas que, mesmo quando são honestas, poderão trair os interesses das massas. A garantia de execução de qualquer programa está exclusivamente nas forças que manifestarem as massas. A ANL mobiliza a massa de toda a população do Brasil em torno de seu programa (manifesto de Prestes de 5 de julho) e de um governo popular nacional revolucionário com Prestes à frente, porque sabe que só a força das massas garantirá a execução de tal programa.

Rio, 13/IX/35

(TSN, Processo nº 1)

# 17

## A QUESTÃO DOS EFETIVOS MILITARES

Os esforços iniciados pelo Costa, no sentido de conseguir uma convocação duma assembléia do Clube Militar para tratar da situação real em que se encontra o Exército, tomar posição contra a diminuição de seus efetivos, assim como defender os direitos políticos dos oficiais, precisam e devem ser continuados. Uma tal assembléia terá grande repercussão popular, servirá para reforçar a confiança popular no Exército, como força capaz de tomar posição ao lado do povo nas lutas pela libertação nacional, assim como atrairá à atividade política grande número de oficiais que ainda se acham dela afastados por um ou outro motivo. Nas condições atuais é já indispensável romper o apoliticismo do Clube Militar, fazendo que o mesmo tome posição frente aos grandes acontecimentos políticos da hora.

As principais medidas práticas a tomar podem ser assim resumidas:

- 1) Organizar um comitê ou junta de defesa do Exército (de caráter ilegal, isto é, secreta), a qual faça grande agitação pela imprensa diária, por meio de entrevistas de diversos oficiais e civis, pela distribuição nos quartéis e repartições militares de boletins etc., contra as medidas que estão sendo postas em prática metodicamente pelo Ministério da Guerra e principalmente pelo Estado-Maior do Exército depois que lá chegou Pantaleão Pessoa, com o fim de reduzir os efetivos do Exército e sua eficiência prática. Explicar em tal agitação as causas verdadeiras de tal atitude do Estado-Maior. O governo central teme o Exército, não tem confiança nos soldados nem nos oficiais. Conhece as gloriosas tradições do Exército, sempre ao lado do povo contra todas as tiranias, pela unidade nacional contra as pretenções separatistas e regionalistas dos caudilhos e governos caricatos, como Flores da Cunha. Além disso, Pantaleão, como integralista, quer substituir os quadros médios do Exército, os sargentos, por elementos de sua confiança, integralistas juramentados, que ajudem a execução do golpe fascista. Tal comitê ou junta deve lançar publicamente a idéia de uma reunião do Clube Militar para tratar de assuntos vitais para o Exército e seus oficiais. Ao mesmo tempo, deve ser feito um grande trabalho junto ao presidente

do clube e de membros de sua diretoria, pedindo-lhes a convocação duma assembléia. Pode também ser habilidosamente utilizada a entrevista de Góis Monteiro. Demonstrar ao Gal. Fontoura que o Clube Militar não pode continuar em silêncio frente às revelações sensacionais feitas por Góis Monteiro. É indispensável verificar até onde são verdadeiras tais afirmações e exigir das autoridades governamentais as medidas indispensáveis ao melhoramento do Exército. Conseguir que um grupo de oficiais, sócios do clube, escrevam uma carta a seu presidente ou à sua diretoria, pedindo a convocação duma assembléia para tomar posição em defesa do Exército, que marcha para o completo desaparecimento ou inutilidade, conforme as afirmações feitas publicamente por Góis Monteiro na entrevista.

Fazer toda a agitação em torno do grande papel do Exército como fator de união nacional. Demonstrar a necessidade de um grande Exército, capaz de garantir a luta pela independência nacional. Tomar posição a favor dos cabos e sargentos que querem se engajar e que nas difíceis condições econômicas atuais são lançados à rua, conforme decisão última do ministro da Guerra. Defender o ponto de vista da necessidade de unificação de todas as forças armadas do país. Defender os interesses dos oficiais das polícias estaduais, a favor de que recebam vencimentos iguais aos dos oficiais do Exército e que tenham os mesmos direitos.

2) Se for convocada a assembléia, fazer a maior propaganda possível, pedindo o comparecimento de todos os oficiais sócios e não sócios do clube, explicando-lhes a grande importância de tal reunião, na qual todos devem tomar posição em defesa da conservação e melhoramento do Exército e contra todos os seus inimigos dentro ou fora de suas fileiras.

Em tal reunião, os oficiais aliancistas devem defender fundamentalmente o ponto de vista nacionalista da necessidade de um grande e forte Exército Nacional. Devem atacar todos os que querem diminuir os efetivos e a eficiência do Exército, principalmente o atual chefe do Estado-Maior, integralista, que ao mesmo tempo que conspira por um golpe fascista, trata de fazer todo o possível para reduzir a nada a eficiência do Exército. Devem tomar posição em defesa dos sargentos e cabos impedidos de engajar ou reengajar, como quadros necessários ao Exército. Devem tomar posição contra a permissão do governo de bandos integralistas armados (hoje disfarçados em simples atletas) e defender os direitos políticos dos oficiais.

3) Para falar em nome da ANL deve ser escolhido um oficial de prestígio e a sua oração deve ser cuidadosamente preparada. A linha geral de tal discurso pode ser a seguinte:

a) Salientar o papel do Exército como fator de unidade nacional. Referir-se ao imperialismo, aos interesses dos caudilhos estaduais, que para garantirem sua dominação organizam as polícias militares, verdadeiros exércitos estaduais. A necessidade nacional da unificação de todas as forças

armadas como garantia indispensável à unidade do país.

b) Explicar a necessidade da luta pela independência nacional, contra a dominação dos capitalistas estrangeiros, explicando claramente o que é o imperialismo e como os seus agentes nacionais são os grandes proprietários territoriais e alguns grandes capitalistas e banqueiros como Simonsen, Numa de Oliveira etc. Só a luta contra o imperialismo unificará todos os brasileiros.

c) Passar à análise da atual situação econômica do Brasil, mostrando como o povo, os operários e os camponeses, os funcionários civis, os empregados comerciais, os intelectuais, os pequenos comerciantes etc., lutam em condições de vida cada vez piores. Como o próprio aumento do vencimento dos militares representou quase nada frente ao encarecimento do custo de vida. Frente a tal situação o povo já luta e vai ainda a maiores lutas em defesa da vida de seus filhos, por melhores condições de vida. É contra tais lutas que o governo se arma, passa a uma reação cada dia mais franca e que nos lança a uma ditadura fascista. O Exército, que sempre esteve ao lado do povo em todas as suas lutas, que defendeu os negros escravos contra a barbárie da escravidão, que ajudou a proclamar a República, que esteve com o povo contra Epitácio e Bernardes, o Exército de Benjamin Constant e de Siqueira Campos<sup>1</sup> não pode ser agora um simples instrumento dos dominadores contra o povo que luta pelo pão, pela terra, contra a dominação imperialista. Aproveitar para explicar o que representa o integralismo que defende os interesses dos imperialistas e dos grandes latifundiários e como estão enganados os companheiros do Exército, muitos deles verdadeiros antiimperialistas, nacionalistas de verdade, que pensam dentro do integralismo defender o Brasil. É obrigação de tais companheiros a imediata rutura com Plínio Salgado e demais mistificadores a soldo do imperialismo.

d) Explicar o programa da ANL (manifesto de Prestes) e como só o governo popular nacional revolucionário com Prestes à frente vai executar tal programa. Explicar o que será tal governo e o que será o grande Exército Nacional Libertador, como órgão de unificação do país, de defesa contra a ameaça imperialista e a contra-révolução.

e) Defender a necessidade dos direitos políticos dos oficiais, contra todas as medidas restritivas adotadas pelo governo. Pedir o desarmamento dos bandos fascistas. O reforçamento e eficiente armamento do Exército. Contra a expulsão dos sargentos e cabos que queiram continuar

---

1. Epitácio Pessoa - Presidente da República (1918-1922).

Artur Bernardes - Presidente da República (1922-1926).

Antônio de Siqueira Campos - Tenente rebelde de 1922, participante da Coluna Prestes. Faleceu num desastre aéreo em 1930.

no Exército.

Devemos fazer o possível para que tal assembléia vote uma moção, a mais constitucional possível, tomando posição contra a diminuição dos efetivos do Exército, pela necessidade de conservar os cabos e sargentos engajados como quadros indispensáveis e pedindo para os oficiais do Exército iguais direitos políticos aos dos demais cidadãos. Declaração de que o Exército, continuando suas tradições históricas, está ao lado do povo na luta pela liberdade e pela independência nacional do Brasil.

O orador deve falar em nome da Frente Popular pela Liberdade, mostrando a necessidade da luta pelos direitos democráticos e contra a ameaça fascista. Explicar o que é a Frente Popular como organização de ampla frente única para defesa dos direitos democráticos. Formular um apelo no sentido de que todos os oficiais, independentemente de suas opiniões políticas, filosóficas ou religiosas formem a Frente Popular, tomando nos dias de hoje a mesma posição que já tomaram no fim do século passado as grandes figuras do Exército que como Benjamin Constant lutaram contra a monarquia pela República.

(Documento elaborado entre agosto e outubro de 1935 .TSN, Processo Belens Porto)

# 18

## RELATÓRIO CONFIDENCIAL

Com a célula formada dentro do 4º BC da Força Pública Mineira, com a adesão do capitão Alquinins e do major Olavo, delegado de polícia de Uberaba, temos todo o armamento deste batalhão na mão para qualquer emergência. É para se notar que este batalhão é o mais armado e municiado de todo o Estado. Além disso, temos o Tiro de Guerra, com 200 fuzis 1908 e 120 mosquetões à nossa disposição

O sargento instrutor já faz parte do P. Havia na sede do Tiro 400 cartuchos que me foram entregues, os quais levei para Dores. Instruí o sargento no sentido de pedir um cunhate [sic] a Juiz de Fora, o que foi feito.

DORES DO CAMPO FORMOSO - O delegado Alfredo de Paula, que é também chefe político, entrou para a Aliança e para o Partido, fazendo parte do diretório da primeira e sendo secretário L. do segundo, tem um grande prestígio, congregando em torno de si 1.011 pessoas. Destes, 600 são verdadeiros soldados que estão prontos a qualquer momento para lutar por um governo popular no Triângulo Mineiro.

DOURADOS - Nesta localidade temos Cininho da Silva, delegado e chefe político, caudilho de nomeada, valente como trinta e que tem todos os habitantes à disposição. Cininho acaba de romper com o Partido Progressista e entrou para a Aliança e para o P.

TUTUIUBA - Pedro Fenelon, caudilho-jagunço nesta zona, está com a Aliança, mas somente se levantará com seus 600 homens se todo o Brasil fizer a revolução. É um oportunista.

MONTE CARMELO - 1.200 homens que trabalham na construção de Patrocínio a Ouvidor estão morrendo de moléstia, fome e frio. No mês de fevereiro constatou-se a morte de 34 homens do serviço. Há muitos dias, 50 famílias abandonaram o [ilegível] e fugiram (os administradores não dão condução para quem se desagrada e fazem o possível para não deixarem sair qualquer

trabalhador) para Araguari [ilegível] ficaram acampadas no Parque Siqueira Campos. Uma família que estava em Monte Carmelo com quem estive conversando declarou-nos que o trabalho ali é feito da forma a mais trágica possível. Afirma que no acertar contas para retirar-se, o que fez a pé, através de uma mata (20 léguas) recebeu em pagamento 60\$000 em sacos de doces, saldo de quatro meses de serviço. Os trabalhos são administrados por Resende e Irmão e os armazéns de fornecimento pela Cia. Financiadora de Belo Horizonte.

[ilegível] a revolta dessa gente, há o perigo de saque da cidade de Monte Carmelo.

(TSN, Processo nº 1, apreensão à rua Paul Redfern, vol. 4, 9 de outubro de 1935)

# 19

## AO POVO EXPLORADO E OPRIMIDO DE PERNAMBUCO, PARAÍBA, ALAGOAS E SERGIPE

Sertanejos: nós aqui estamos hoje, para falar a vocês, em nome de LUÍS CARLOS PRESTES, o que é e o que quer o movimento da Aliança Nacional Libertadora (ANL) que ele dirige em todo o Brasil e também para dizer a vocês o que é preciso fazer desde já para que nossa luta vença mais depressa, para que a revolução seja vitoriosa logo.

A ANL é uma união formada de todos os brasileiros, principalmente os brasileiros pobres que vivem do fruto de seu próprio trabalho, para lutar contra os IMPERIALISTAS (que são todos esses estrangeiros ricos, testas de ferro de linhas telegráficas, de companhias de bondes, luz elétrica [ilegível] e empresas que exploram o comércio do algodão, a produção de açúcar [ilegível] etc., ladrões que sempre viveram e querem continuar a viver explorando o Brasil, mandando o nosso ouro para a terra deles, condenando à fome, a miséria e à escravidão o povo do Brasil. Esses estrangeiros só [ilegível], só com o desaforo de querer continuar nessa vida de gatunagem porque são orientados, dentro do próprio território brasileiro, pelos [ilegível] (que são todos esses grandes donos de usinas de açúcar, grandes criadores e proprietários de terra etc.) que sempre estiveram no governo e querem continuar no governo. Esses traidores do Brasil é que dão mão forte aos imperialistas, fazendo as leis que os ajudam, matam debaixo de impostos de toda espécie os pequenos e médios lojistas, comerciantes e industriais brasileiros, encarecendo a vida do povo no interior e nas cidades, se armam até os dentes a mando deles, não dão terra, não dão pão, não dão liberdade, não dão nada ao povo. Entra governo e sai governo dessa corja de feudais, vendida ao imperialismo e o povo brasileiro continua escravo dentro da sua própria Pátria, na mesma pobreza, no mesmo desamparo, na mesma desgraça negra de sempre!

Pois é, sertanejos. Para acabar com isso foi que Prestes agora se colocou na frente desse

movimento revolucionário da ANL. O programa, o que vai fazer essa revolução em todo o Brasil, é lutar contra os ladrões imperialistas e contra todos aqueles que fiquem ao lado deles contra os interesses e vontade de libertação do povo brasileiro. Tomar posse de tudo que esses pilantras roubaram ao povo trabalhador e não pagar nem um tostão mais do dinheiro que eles roubaram até agora, os governos traidores marca Lima Cavalcanti<sup>1</sup> e Getúlio Vargas, mesmo porque esses empréstimos (que o povo nem ao menos viu) já estão mais que pagos. Fazer leis de ferro contra os imperialistas e aqueles que não querem se sujeitar a essas leis serão expulsos do Brasil, ficando a fortuna deles para o governo revolucionário. Fazer obras em benefício do povo, especialmente das populações sertanejas. Este governo deixará ainda que o povo sertanejo e os trabalhadores tomem, à mão armada, as terras, os açudes, o gado, as ferramentas, todos os bens dos grandes credores e dos grandes fazendeiros que ficarem do lado dos imperialistas, traíndo o Brasil, traíndo a revolução.

Essa revolução é muito diferente dos movimentos armados que tem havido até hoje no Brasil. Diferente no que ela vai fazer, diferente da maneira de lutar, diferente nos nomes que estão à frente da luta, diferentes nas forças que vão levar essa luta para a frente. O que ela vai fazer é libertar o Brasil das mãos dos ladrões imperialistas, garantir PÃO, TERRA E LIBERDADE para todo o povo brasileiro. Sua maneira de lutar é ir ajudando e dizendo ao povo para começar a luta logo e em cada lugar de trabalho, em cada povoado, em cada vila, em cada fazenda, sem esperar uns pelos outros. Lutar contra todas as formas de exploração dos feudais e dos governos aliados dos imperialistas. Lutar contra o pagamento de qualquer espécie de imposto por parte dos sertanejos pobres e diminuição dos impostos para os pequenos comerciantes, pequenos proprietários e pequenos criadores. Contra o pagamento de foro, chão de casa, carreira, imposto de feira etc, contra as violências dos imperialistas e dos feudais para enganar, esbordoar e matar os trabalhadores do sertão e da cidade, os revolucionários etc. Quando essa luta se espalhar, quando essa luta se ligar com a luta das cidades (lutas de todo povo revolucionário, de operários, de soldados, de marinheiros, de estudantes, dos funcionários públicos, dos pequenos comerciantes e industriais [ilegível] um novo governo. Os homens que estarão em frente nessa luta são [ilegível] em meio das massas oprimidas e que não são vendidos ao imperialismo, não têm nenhum compromisso com os feudais nem muito menos com o seu governo de ladroagens e violências. São homens pobres e sinceros como PRESTES, homens que como ele já sofreram muito, abrindo mão de tudo, lutando pelo bem do Brasil, fazendo tudo para libertar o povo desse cativo desgraçado em que vivemos, homens feitos na luta contra os imperialistas, contra os feudais,

---

1. Carlos de Lima Cavalcanti - Governador de Pernambuco.

contra os integralistas, contra governos traidores que os protegem e os acobertam.

Sertanejos explorados e oprimidos do Nordeste! Esperamos que vocês comecem o grande movimento revolucionário da ANL, sem esperar pelas cidades, onde o governo ainda tem muita força!

Em cada povoado, em cada fazenda, em cada lugar de trabalho, formem depressa suas organizações da ANL. Iniciem suas lutas diárias com toda a valentia e decisão! Essas lutas, por pequenas que sejam a princípio, essas lutas sem armas ou com armas (conforme o caso e conforme os recursos) serão [sic] dentro de pouco tempo, explodindo por todos os cantos e ligando-se com as lutas da cidade, as grandes lutas populares e que vão garantir TODO O PODER À ANL, formando-se assim o único governo capaz de arrasar os imperialistas e todos aqueles estrangeiros ou brasileiros que se levantem para enfrentá-lo - O GOVERNO POPULAR NACIONAL REVOLUCIONÁRIO COM LUÍS CARLOS PRESTES à frente.

À luta pois, sertanejos do Nordeste!

A ANL do Nordeste

(TSN, Processo nº 1, apreensão à rua Paulo de Frontin, outubro de 1935)

## 20

### CARTA DO SECRETARIADO NACIONAL DO PCB AO CR DO MARANHÃO

Queridos companheiros: Recebemos o bilhete de vocês datado de 29 de setembro último e nos apressamos em responder. O que vocês dizem é infelizmente muito geral e faltam aqui informações mais detalhadas para que possamos ter um quadro claro sobre a situação maranhense. A nossa resposta traduz portanto um pouco esse desconhecimento e pode talvez ser em alguns pontos injusta, porque se baseia em grande parte em deduções por nós feitas, partindo das afirmações gerais do bilhete de vocês. No referido bilhete há algumas afirmações que nos chamaram a atenção e que talvez não tenhamos bem compreendido, tais como: "A nossa situação no momento não permite mais a aplicação das medidas aconselhadas naquela circular (do Diretório Nacional)". E em seguida: "Isso para nós é um dilema".

Tais afirmações não são justas e traduzem um estado de espírito que pode ser muito prejudicial ao trabalho da ANL no Maranhão. A que dilema se referem vocês? Luta pelo poder ou liquidação da ANL? Mas tal dilema não é absolutamente verdadeiro, ele traduz toda a tradição dos golpes militares anteriores, que não trouxeram nada de bom para o povo. A ANL não pretende chegar ao poder através somente de conspirações e de golpes militares como o de 1930. Nós chegaremos ao poder por meio de uma grande luta popular, de caráter nacional, que se estenda por todo o país e que seja capaz de implantar nacionalmente o governo popular revolucionário. Dia a dia melhoramos as condições para uma tal luta em todo o país, marchamos mesmo rapidamente para um amadurecimento da situação que nos colocará frente a grandes lutas pelo poder. Mas nossa tarefa até que chegue tal momento é muito importante e será um crime desprezá-la. Precisamos aumentar dia a dia as forças libertadoras e enfrentarmos com coragem, calma e muito espírito de sacrifício todas as dificuldades da preparação. O que se passa no Maranhão não é muito diferente do que vai pelo Brasil inteiro, de Norte a Sul, ou pelo menos é muito

próximo do que se passa em outros Estados do Nordeste como Pernambuco, Rio Grande do Norte etc. Também nestes estados a atmosfera é toda ela para golpes, para conspirações, contra quaisquer lutas parciais, contra o trabalho difícil mas necessário de mobilização popular para as grandes lutas pelo poder. Não nos convém absolutamente uma luta armada pelo poder reduzida ao Maranhão ou mesmo a um grupo de Estados do Norte ou Nordeste. Só em último caso, e assim mesmo se grandes lutas populares já estiverem se realizando em tais estados, poderemos concordar com tal coisa. É bem possível, ou pelo menos não de todo impossível, que as grandes lutas pelo poder, pelo governo popular revolucionário, pelo governo de Prestes, comecem pelo Norte e Nordeste do Brasil. Mas lutas populares, lutas de massas, companheiros, e não simples golpes militares como o de 1930. Nós aliancistas não podemos arrastar as massas populares a movimentos armados quaisquer que surjam das simples contradições entre os politiquieiros reacionários, porque levarão ao poder homens incapazes de executar o programa antiimperialista da ANL.

É um estado de espírito muito generalizado em todo o Brasil, mas principalmente aí pelo Norte, de que é impossível mobilizar o povo para as lutas diárias por suas reivindicações mais sentidas, pelos seus interesses mais imediatos, que o povo só quer saber do dia da luta armada pelo poder. É falso tal ponto de vista. O que há é que os aliancistas não sabem organizar e dirigir as lutas populares pelos interesses imediatos. Geralmente o trabalho da ANL nos estados se reduz a escrever alguns manifestos, corresponder-se com o Diretório Nacional e conspirar para a luta armada pelo poder. Tudo isso é necessário e útil, mas é muito pouco, é quase nada. A ANL só será capaz de tomar o poder e de realmente executar o seu programa anti-imperialista se contar com o apoio decidido e consciente de toda a população, de todos os que no Brasil têm interesses contrários ao dominador estrangeiro. Mas tais massas precisam ser mobilizadas, precisam principalmente ser organizadas e dirigidas.

Ora, a mobilização e principalmente a organização das massas não se faz com manifestos somente, ela só será possível pela ação, pelo trabalho diário junto a tais massas, organizando-as na luta pelas suas reivindicações mais simples, mais elementares, mais sentidas. Os aliancistas conscientes precisam aproximar-se do povo, sentir sua necessidade, defendê-la, organizar o povo para lutar na rua por elas, dirigir tais lutas. Em São Luís, por exemplo, quem será capaz de defender a Ulen? Por que os núcleos da ANL não organizam o povo, não o mobilizam em comícios, em demonstrações, exigindo do governo a revogação do contrato com a empresa imperialista, a diminuição dos impostos sobre o pequeno comércio, contra a carestia de vida etc. Através de tais lutas o povo compreenderá o que querem os aliancistas, o povo compreenderá o que é o programa do governo popular nacional revolucionário, através de tais lutas serão desmascarados todos os

demagogos capazes de discursos revolucionários mas incapazes de realmente lutar com o povo contra seus inimigos. Nas condições do Maranhão tais lutas poderão se transformar em lutas armadas. Não haverá mal algum nisso. Pelo contrário, serão combates parciais de grande utilidade, porque deles surgirão os verdadeiros chefes populares e neles se forjarão os lutadores contra o imperialismo capazes de ocupar os postos avançados nas lutas de amanhã pelo poder. Os companheiros se referem à situação no interior do estado e dizem que ela é muito mais grave do que na capital. Muito bem, isto confirma todas as nossas diretivas anteriores sobre a necessidade de organizar as lutas dos sertanejos e levá-las mesmo até a forma de guerrilhas. É indispensável enviar imediatamente companheiros ao sertão com instruções muito claras, assim como mobilizar para o sertão todos os aliancistas que tenham prestígio numa ou noutra região, fazendo-os seguir para lá a fim de dirigir as lutas dos camponeses. Como fazer? É necessário em todo o sertão organizar os camponeses, levá-los à luta pelos seus interesses mais imediatos, organizando sempre grupos armados que os defendam contra os bandos policiais e os capangas dos grandes senhores feudais. Lemos notícia publicada em *A Manhã*<sup>1</sup> e lamentamos que apesar de todas as instruções já enviadas os nossos companheiros do sertão não aproveitam as brutalidades policiais para iniciar no interior as lutas armadas, grupos de guerrilheiros capazes de lutar contra a polícia, defender o povo, assaltar as coletorias, distribuir víveres entre os pobres, liquidar os senhores feudais mais reacionários etc. Tais lutas parciais são de uma importância enorme, elas facilitarão grandemente a mobilização de grandes massas em torno da ANL e servirão de exemplo para todo o Brasil.

As grandes lutas populares serão a melhor garantia de execução do nosso programa pelo governo que surgir da insurreição.

Enfim, companheiros, a ANL está na ilegalidade, mas ela está viva em todo o Brasil e continua dia a dia com maiores forças. Nós temos um objetivo claro a alcançar: o governo popular nacional revolucionário com Prestes à frente - o único que será capaz de executar o programa da ANL. Marchamos a passos rápidos para as grandes lutas pelo poder, mas precisamos compreender que lá só poderemos chegar através de lutas parciais, da atividade ilegal, da dedicação à nossa organização, da defesa prática e diária dos interesses das grandes massas e nunca através de simples golpes militares resultantes de conspirações secretas, desconhecidas do povo e que só poderão servir para facilitar a chegada ao poder de traidores nacionais, como Getúlio e seus asseclas. Continuemos todo o trabalho conspirativo, continuemos sem desfalecimento a preparação da luta pelo poder, mas tratemos fundamentalmente de interessar pela ANL toda a população

---

1. *A Manhã* - Jornal aliancista que circulou de maio a novembro de 1935.

do estado, mobilizando-a nas lutas diárias, fazendo comícios e demonstrações, impedindo que as medidas reacionárias sejam postas em prática sem protestos populares, tomando posição imediata e clara frente a todos os acontecimentos que interessem à população e empregando todos os métodos para vencer a ilegalidade, para contorná-la, tratando especialmente de ganhar a rua, de fazer ouvida pelas grandes massas a nossa palavra, não temendo as lutas armadas locais ou parciais, começando no campo as guerrilhas etc. Uma das causas incontestáveis do nervosismo manifestado pelos companheiros maranhenses está na situação política do estado. Tal situação é realmente muito séria e frente a ela a ANL deve e precisa tomar posição. Como em todo o Brasil, os politiqueros maranhenses estão divididos em dois blocos. Em ambos há elementos reacionários já muito conhecidos do povo e alguns elementos de esquerda, demagogos uns e sinceros outros. Nestas condições, a ANL não pode apoiar nenhum dos dois partidos e deve desenvolver uma política independente, pela implantação de um governo popular. Mas devemos utilizar a própria divisão, a própria luta entre os dois blocos para organizar uma ampla frente comum de todos os que queiram lutar contra o imperialismo, contra o fascismo, pelos direitos democráticos populares, pelos interesses populares mais sentidos. Devemos convidar para tal frente única (Frente Popular pela Liberdade) todos os políticos de esquerda e aproveitar mesmo a situação em que se encontra o governador para dele exigir a permissão para a realização de comícios e demonstrações, assim como dele exigir medidas favoráveis ao povo, principalmente contra a Ulen. Não devemos apoiar nenhum golpe militar preparado por qualquer dos grupos, pois que devemos conservar a nossa maior independência, declarando sempre que apoiaremos os que se comprometam a lutar contra o fascismo, a permitir as liberdades populares, a liberdade de organização etc. e quem tomar posição contra o imperialismo. No caso de que os referidos blocos políticos marchem até a luta armada, devemos tratar de conhecer seus preparativos para tomar parte independente na luta, mobilizando o povo para aproveitar o momento a fim de implantar no estado o governo popular nacional revolucionário, isto é, um governo que seja exercido pelos chefes populares mais queridos ou de maior prestígio e que cumpram o programa da ANL. Mas tal luta deve, tanto quanto possível, ficar limitada ao Estado, não devendo ser motivo para lutas nos outros Estados. Tais são os comentários que nos sugeriram o bilhete de vocês. Mandem maiores informações sobre a situação política do Estado, assim como da atividade da ANL. Façam o possível para aplicar às condições concretas do Maranhão as nossas diretivas e propaguem o mais possível os esclarecimentos que enviamos sobre o que será o governo popular nacional revolucionário.

Saudações antiimperialistas

\*\*\*\*\*

Quem negará a grande repercussão que teve em todo o país a luta popular de Petrópolis contra a polícia e o integralismo? Lutas como a de Petrópolis realizar-se-ão em todo o país antes da luta pelo poder.

\*\*\*\*\*

Então, em pleno sertão chega um grupo de policiais para fazer depredações e assassinatos, para prender camponeses e pessoas de prestígio popular e nós não temos organização suficiente para recebê-los à bala? Em vez de fugir simplesmente para o mato, é necessário organizar grupos armados, inteligentemente dirigidos que comecem a lutar, que não entreguem mais as armas, que façam pelo interior do estado a melhor das propagandas e agitações pela ANL. Nas condições do Maranhão é incontestável que tais grupos podem resistir indefinidamente à polícia e provocar o surgimento de muitos outros, principalmente se souberem praticamente atender às necessidades dos sertanejos, se souberem respeitá-lo e à sua família, tomando somente dos grandes para dar aos pequenos.

(Carta de outubro de 1935. TSN, Processo nº 94)

# 21

## À BALA!

### OS TRABALHADORES DE SÃO PAULO REPELIRÃO A FERRO E FOGO A PARADA MILITAR DOS ASSASSINOS INTEGRALISTAS!

TRABALHADORES!

Não há um minuto a perder! Os miseráveis lacaios dos grandes fazendeiros, dos magnatas estrangeiros e nacionais querem nos reduzir à posição de escravos! Armados pelos exploradores do povo, pelo governo massacrador de Getúlio e Cia., eles preparam noites e semanas de sangue, onde seja abafada a voz dos trabalhadores!

Em Petrópolis, esses assassinos já deram uma amostra bem clara de toda a sua covardia, matando traiçoeiramente o operário CANDÚ! O corpo ainda quente desse trabalhador, sua viúva e seus filhos clamam por vingança! Não podemos consentir que esses assassinos desfilem pelas ruas de São Paulo!

Arranquemos a esses canalhas as camisas verdes que escondem as pústulas infamantes desses bandidos! Dispersemos à bala qualquer tentativa sua de desfilarem e formarem em São Paulo! Armemo-nos com as armas que pudermos, com revólveres, pedras e paus, para correr com os canalhas que querem escravizar definitivamente o povo do Brasil!

Que nenhum trabalhador fique em casa domingo próximo, dia 16! Todos à rua para dispersar a canalha, custe o que custar!

COMITÊ DE DEFESA DA VIDA DOS TRABALHADORES DE SÃO PAULO

(Panfleto do PCB de outubro de 1935. TSN, Processo nº 74)

## 22

### CARTA DO DIRETÓRIO NACIONAL DA ANL AOS COMPANHEIROS DO RIO GRANDE DO NORTE.

Rio de Janeiro, 31 de outubro de 1935

Companheiros do Rio Grande do Norte. Confirmamos o recebimento da carta de 23-10-35 e nossa resposta imediata de 28 do corrente. O essencial, no momento, é desenvolver lutas independentes, ampliar nossa frente única, aumentando nossas forças com todos os desiludidos com a covardia de Câmara e seus sequazes. São magníficos os primeiros passos dados com a formação da Frente Democrática pelas Liberdades Populares, convocação e realização de comício em Natal etc. Compreendemos o quanto é séria e perigosa a atual situação estadual e estamos de inteiro acordo com vocês, quando afirmam que não podemos deixar de ocupar as posições de vanguarda nas lutas populares que se avizinham. Ninguém pode ser contrário ao começo de grandes lutas armadas justamente no Rio Grande do Norte e seria oportunismo da pior espécie refrear as lutas populares sob o pretexto de que não é ainda possível começar no resto do país. Precisamos estar à frente do povo e dirigi-lo nas suas lutas. Nada de passividade nem de oportunismo. O que nós sempre combatemos foi o golpismo, a tendência a seguir os elementos golpistas de um ou outro partido reacionário. Pela carta de vocês compreendemos que o que se passa atualmente no Estado é já coisa diferente. Os elementos combativos de Mário Câmara e Café Filho estão desiludidos com seus chefes e, ameaçados pela reação e pela fome, querem tomar armas contra o novo governo. Ao mesmo tempo, toda a polícia está ameaçada de ser desarmada ou ter seus quadros dirigentes substituídos por pessoas da confiança dos novos governantes. As informações enviadas não são suficientes para que possamos ter um quadro mais exato da situação, mas pelo que conhecemos, compreendemos o quanto é séria a situação. Para a ANL não é ainda conveniente tentar um grande movimento nacional, nem mesmo precipitar

os acontecimentos nos outros Estados do Nordeste. Sem uma ação simultânea nos outros Estados não acreditamos que seja viável nem oportuno lançar no Rio Grande do Norte a palavra de ordem da tomada imediata do poder. Há muitos elementos militares, especialmente oficiais do Exército aliancistas, sinceros revolucionários que só acompanharão um movimento de caráter nacional ou pelo menos de grande envergadura, abarcando um certo número de outros Estados. Ora, atualmente encontra-se em Natal uma certa concentração de forças do Exército e lá também se acha o próprio comandante da Região - Gal. Rabelo.<sup>1</sup> Nessas condições, não nos será favorável lutar, logo de início, contra os soldados do Exército. Mas mesmo sem lançar como palavra de ordem imediata a tomada do poder pela ANL, no Estado, devemos sem nenhum receio dirigir e estar à frente de todos os que quiserem lutar contra a reação, pelas liberdades populares e pelos interesses econômicos dos funcionários públicos civis e militares. Caso na Polícia estadual e na Guarda Civil haja um ambiente contrário ao novo governo, assim como ameaças de expulsões, devemos corajosamente lançar a palavra de ordem de não entregar as armas, palavra de ordem de revolta imediata contra os novos dominadores. Se as forças militares de que dispomos forem suficientes para dominar na capital, o que não supomos, será então o caso de organizar o nosso governo. Mas se as nossas forças forem relativamente pequenas e não contarem com o apoio do Exército, devemos tomar todas as armas e munição e marchar para o interior do Estado. Neste último caso a luta deve ser justificada pela necessidade de impedir a expulsão dos oficiais e soldados aliancistas das fileiras da Polícia, assim como em defesa dos direitos populares. Em muitos pontos do interior será então possível tomar o poder e organizar governos populares. Tais governos devem ser ocupados pelas pessoas de maior prestígio popular em cada localidade e em nenhuma hipótese devem ser denominados de governos soviéticos. Devem ser governos genuinamente populares que executem imediatamente uma série de medidas em benefício do povo, contra o imperialismo e os grandes proprietários mais reacionários. E será indispensável evitar todo e qualquer esquerdismo na ação de tais governos locais, porque, como os primeiros que organizamos no país, devem bem refletir o programa popular amplo da ANL, desmascarando os que dizem ser a ANL uma simples máscara do Partido Comunista. Enfim, o que queremos dizer é que a tentativa do novo governo de nos desarmar deve ser respondida com grandes lutas. É indispensável que os companheiros compreendam a possibilidade de lutas armadas e mesmo de revoltas militares, independentemente da questão do poder em todo o Estado. Tais lutas terão uma grande importância, principalmente se as soubermos ligar com as lutas dos sertanejos e sua repercussão em todo o país precipitará o lançamento da palavra de ordem da

---

1. General Manuel Rabelo.

insurreição no resto do país.

Qualquer que seja a situação devemos agora utilizá-la o mais possível para ganhar para a ANL a grande maioria dos partidários de Câmara e Café Filho, devemos reforçar nosso trabalho no interior, organizar os sertanejos e dirigir suas lutas sem medo de que elas se transformem em lutas armadas, defender as liberdades populares, os direitos dos funcionários ameaçados pelo governo, assim como fazer o possível para que os nossos elementos da Polícia Militar não entreguem suas armas, preferindo a revolta armada à expulsão.

Nas condições atuais do Brasil não é aventura ter a coragem de iniciar lutas armadas independentemente do resto do país. Marchamos aceleradamente para o momento da insurreição no conjunto nacional e não temos o direito de, a espera de tal momento, sacrificar as posições que já possuímos num ou noutro ponto. São muitas as formas de lutas anteriores à insurreição e a todas elas nos devemos lançar corajosamente.

Faremos o possível para enviar o quanto antes até aí um companheiro do Diretório Nacional com as últimas instruções. Vocês precisam nos manter ao par de tudo que se for por aí passando.

Saudações antiimperialistas.

Diretório Nacional da ANL

(TSN, Processo nº 1, apreensão à rua Barão da Torre)

# 23

## INFORME MATO GROSSO

### Camarada

Junto segue um apanhado do que aconteceu e do que consegui fazer. Lembro ao camarada que não subestimem a zona de Bela Vista. Se for possível, mandar uma carta do camarada P. ao Godofredo Gonçalves, Argemiro Leão e Silvino Jaques. O primeiro destes é um simpatizante de valor que com carta do P. ele terá meios de arrastar todo o Mato Grosso; para isso é preciso que se dirija aos três, a fim de que nenhum deles fique ferido no amor próprio. E é preciso que se faça já, para evitar que alguns aventureiros queiram estes elementos para uma revolução no Estado. No garimpo Lageado há um Brunn, irmão do Eliziário Brunn, todos dois simpatizantes, segundo informações seguras.

11/8/35 - Chegamos em Campo Grande. No dia seguinte tivemos o primeiro encontro com o Estênio e outros. Resolvemos organizar o Comitê Revolucionário, com a participação do primeiro destes, conforme nossa comunicação a São Paulo. A 19 nos separamos e fui com destino a Bela Vista, chegando depois de muitos imprevistos. Lá procurei Silvino Jaques e este foi autorizado para procurar o Argemiro Leão, meu conhecido da Revolução de 24. Depois de expor o objetivo da minha missão com todos os seus pormenores, tendo ele aceito, em virtude do que acabara de expor ir de encontro com as suas idéias, isto é, estar de acordo com o seu pensar. Diante do compromisso assumido foi sinceramente ao trabalho de organização das guerrilhas, baseando-se no programa e no nome de Prestes, que por si só é uma bandeira para os camponeses de Mato Grosso.

Logo em seguida me pus em marcha para Campo Grande via Ponta Porã, onde procurei Alcides Loureiro, o qual se comprometeu lutar com todas as suas forças, visto ele verificar não haver mais outra saída para o caso brasileiro, a não ser esta. Cheguei a Campo Grande e tive que me refugiar, em virtude do ambiente muito carregado, oficiais com suas residências sob vigilância,

muros pintados com as nossas palavras de ordem; com alguma dificuldade consegui me ligar ao Rádio, o qual andava bastante seguido. Consertamos vários assuntos, inclusive o dia do levante dos camponeses, que se efetuará a 24/9/35. O Comitê Revolucionário foi um fracasso, dado à sua flagrante passividade, por isso não lhe dei o trabalho [sic] procurá-lo. Convém mencionar o nome dos mesmos: César Teles, comerciante; Tito Marian [ilegível] militar; e Gomes de Sousa, ferroviário. Combinei com o Rádio<sup>1</sup> que qualquer assunto que surgisse, se entender comigo, que o fizesse assinado com o nome de C. Rev. (por tática). Rádio ficou em Campo Grande e eu voltei a B.Vista para ultimar as últimas providências no sentido do movimento para 24. Ficou também combinado que qualquer instrução ele telegrafasse, conforme prévia combinação.

De volta a B.Vista cheguei a 15/9 e indo em seguida a Porteira, onde reside Silvino. Lá encontrei-o acamado, portanto impossibilitado de nós marcharmos o dia referido, tendo lhe proposto a transferência para 30/9, no que foi aceito. Regresso a B.Vista sendo portador de 2 suas cartas a fim de conseguir a adesão e uma ação em conjunto, visto ser um indivíduo de muito prestígio e o caudilho mais decidido de Mato Grosso; chama-se Godofredo Gonçalves (neto de Bento Gonçalves), de uma firmeza de caráter inabalável, com tendências comunistas, porém um pouco atrasado, lhe falta apenas um elemento nosso passar um mês com ele para que ele aja conscientemente. Ele é fazendeiro desses que mata gado para suprir a fome de muitos que estão na extrema miséria; essa gente toda lhe acompanhará. Fiz entrega da primeira carta ao Godofredo, ficando de responder logo que falasse com seus amigos; a segunda não teve resultado satisfatório.

A 23 recebi o telegrama que mandaram que aguardasse carta vinda do Rio; deixava o mesmo transparecer que não iniciasse algo naquela ocasião; no que, aliás, achava impossível qualquer ordem de suspender o movimento. Logo que recebi o telegrama, a minha tarefa imediata seria comunicar ao Silvino do significado de tal, a fim de que tomássemos uma deliberação, ou continuar o nosso trabalho ou dissimulando, mandar aguardar o momento azado. Entretanto, na certeza da chegada da carta, a qual dava algumas instruções, e que deveria chegar até o dia 27, resolvi esperá-la, visto aguardar um único veículo que deveria ser portador do referido dia. Só a 29 é que chegou o dito veículo, porém sem a carta. Nesta mesma tarde chegou um portador do Silvino, comunicando ao Dr. Veloso, pessoa de sua confiança, que no dia seguinte, 30, ele já estaria em campo com os camponeses em armas e que lhe esperava, conforme seu compromisso. Ora, esse Veloso jamais me mereceu confiança, entretanto estava representando o Silvino, na cidade de Bela Vista, para esses assuntos. Tão logo chegou o portador de Silvino fui informado pelo Veloso, fazendo-o voltar e dizer ao portador que não saísse sem falar comigo, passando

---

1. Rádio de Queirós Maia, Membro do PCB.

qualquer pessoa para lá, eu havia escrito uma carta com a data de 26/9, dando-lhe conhecimento daquela situação, no que só foi possível a 29, pelo referido portador, que não quis me falar, talvez sabotagem do próprio Veloso, que não é partidário de nós sermos os primeiros a acender o pavio (coisa de intelectuais, com pouquíssimas exceções).

A 30, pela madrugada, me pus na estrada via Porteira, chegando à tarde, quando já havia ligações de Silvino para vários grupos em grupos diferentes, onde um dos grupos era chefiado por Argemiro, já mencionado acima. Li a ligação e verifiquei então que Silvino pedia que se dissolvesse o pessoal sem alarido. Ora, apanho um boletim e escrevo nas costas, dizendo que não era propriamente um fracasso, pois era questão de esperar um pouco. Ele, Argemiro, já estava guarnecendo um passo no [ilegível] rio Perdido, estrada para Murtinho; quando recebe a ligação de Silvino e o meu aviso, em vez de ler o meu aviso, lê o boletim, onde deparou com o nome de Prestes por um governo popular nacional revolucionário. Não se contentando com isto e julgando ter se desencadeado o movimento geral, viraram as suas armas para cima e começaram a disparar, vivando Luís Carlos Prestes. Concluindo isso, viram que tinham cometido um grande erro e alarmado toda aquela zona.

Indignado, volto para Santa Maria, onde se achava o Silvino e lá, naturalmente, combinaram uma saída para tudo isso - a minha prisão. Estava aguardando qualquer solução deles quando chegou um portador me convidando, em nome do Silvino, para ir até a fazenda Santa Maria. Compreendi logo que se tratava de uma cilada para mim, porém, como a minha confiança era inabalável, acedi ao convite, isto é, a 1/10/35; à tarde, quando lá cheguei, verifiquei que iria se positivar o meu pressentimento.

Fui logo desarmado e preso e com a nota de traidor. Ora, quando os ânimos se arrefeceram, viram que não havia traição da minha parte, o que havia foi somente falta de comunicação, em tempo, da minha parte, o que se justifica, dada a falta de confiança no Veloso, eu não queria fazer a comunicação e nem deixar-lhe incumbido de apanhar a carta tão logo chegasse, e por conseguinte, o meu fracasso. Quando foi alta noite, Silvino e Argemiro fizeram retirar a sentinela à vista e fecharam a porta e me falaram sobre o motivo da minha prisão, justificando que para desfazer todo aquele movimento, que aliás foi grande, esperava-se para mais de 400 camponeses em armas até o dia 3/10. Que me prendiam entregando ao destacamento do Exército e que eu fugisse durante a viagem, o que foi impossível.

Aceitei o alvitre porque não havia outro meio, dizendo ainda que aguardavam pronunciamento de outros para eles saírem também. (Convém salientar que Silvino teve grande prejuízo, dando quase toda a sua mercadoria para as famílias dos camponeses que iriam nos acompanhar, além disso, vendeu uma boiada com prejuízo de sua parte, para no dia 30 estar

completamente livre para o movimento).

Sua denúncia contra mim foi me entregando ao Dest. como comunista e entregando ao Conte. do Dest. os boletins de apelos aos soldados que levei daqui, referentes às organizações de camponeses e guerrilhas. Dos citados detalhes, havia um parágrafo de nº 8 que eu havia suprimido e cifrado somente para o meu uso e era aquele que recomenda que não se fale em nome da ANL e nem do PC no começo da luta e somente que obedecem às ordens de Prestes. Pois bem, esses eles não pegaram. Minha credencial, a carta de Prestes a mim, estão guardadas em M. Grosso.

O meu plano, quando conduzido pela escolta do Exército de Porteira a B. Vista, era o de escapar, porém não me foi possível, dado a estar com um pé muito inchado, como consequência de um tombo de um caminhão, na serra do Limoeiro, próximo de B.Vista. Quando cheguei, fui recolhido ao xadrez, sendo depois transferido para a cela, a fim de ficar incomunicável. A 3 fui prestar declarações ao Tenente Caio Noronha de Miranda, tipo de policial inteligente para preparar laçadas para que eu caísse. As minhas declarações foram as mais descabidas possíveis, ao ponto de me classificarem de inocente, por não poderem arrancar nada. Disse-lhes que estava fazendo propaganda dos camponeses (sem falar no movimento), sua condição de trabalho etc., etc. pertencia à ANL, porém não estava a seu serviço e que pessoa minha conhecida da sede da Aliança, com quem conversávamos e sem saber o seu nome, me propôs fazer esse trabalho e eu aceitei. Perguntou-me também o policial tenente qual a participação do major Estênio no caso. Respondi que não conheço semelhante pessoa e assim tinha negado até a última declaração feita aqui na P. Central. O indigno tenente sempre fez questão de me qualificar de comunista, assim como avisando-me que em vista da minha atitude de não denunciar ninguém eu seria bastante torturado em Campo Grande, aqui no Rio e depois na Colônia. Queria talvez, aquele famigerado, ganhar merecimento com indignidade da minha parte.

De B. Vista fui escoltado para C. Grande, sempre incomunicável, e chegando a Aquidauana fui recolhido ao xadrez do Batalhão de Sapadores, onde me encontrei com o cap. Rollemberg,<sup>2</sup> o qual proporcionou-me meios de evadir na ocasião do meu embarque para C. Grande, porém o meu estado de saúde não permitia qualquer tentativa, dado o pé direito muito inchado, como também muito fraco pelo passadio e a infamérrima cela do 10 RCD de B. Vista. Não sendo possível no embarque, ele providenciou para o desembarque em C. Grande e pela mesma razão não foi possível.

Em C. Grande, fui recolhido incomunicável ao xadrez, por ordem do comando da região, que anda apavorado. Fui inquerido pelo Cel. Glicério, chefe do EM da região, perguntando-me a

---

2. Capitão Antônio Rollemberg - Membro do PCB.

ordem de quem estava trabalhando naquela zona e confirmei a mesma declaração de B. Vista, tendo me perguntado se era exato que eu usava o nome de Estênio nas minhas atividades e eu disse-lhe que era conhecido pelo meu nome e que estava no meio de pessoas todas minhas conhecidas, por isto era desnecessário usar nomes de quem quer que seja e jamais de pessoa que não conhecia. Insistindo ainda para saber as minhas ligações em C. Grande, que eu tinha que ter, pois não era possível que eu tivesse tão importante missão e não me ligar em C. Grande com ninguém. Respondi que nada tinha a ver com C. Grande.

Ganhamos com essa declaração o seguinte: vim a concluir pela inépcia do Cel. Glicério que há um elemento fazendo o trabalho de camponeses e tem andado até pelo Chaco, de nome Álvaro Pessoa; conheço-o e acho que seu caráter tem muito a desejar e no entanto, pode ser que ele esteja a esse serviço aqui no Rio. Tinha como seu amigo inseparável o capitão Medeiros, da Aliança e este poderá saber o paradeiro do indivíduo referido.

Declarando isso, remeteram-me devidamente escoltado e com ordens severíssimas a meu respeito e aqui fui apresentado ao E.M.E. e o galináceo Pantaleão não quis me ver, mandando-me apresentar ao chefe de polícia, preso como comunista, acusado de subverter a ordem em Mato Grosso.

Passei a noite de 14 e até o dia de 15 na cela do 1º RC e depois fui para o xadrez da Polícia Central, dando entrada a 15, continuando sempre incomunicável. A 22 à tarde, fui chamado ao gabinete de S. Braga, o qual perguntou-se de onde eu era e depois disse-me que eu estava subvertendo a ordem em Mato Grosso e que precisava mudar de orientação. Perguntou-me para onde queria ir e respondi-lhe que desejava ficar aqui no Rio. Nesse dia 22 já era corrente que eu ia sair, porém ainda pernoitei na P. Central, no segundo andar, onde está todo o material da Aliança que fora apreendido por ocasião do seu fechamento.

No mesmo dia, a minha companheira havia conseguido uma carta do PE para o Filinto, pedindo a minha liberdade, no que o Filinto, ao receber a carta e abrindo foi dizendo que não era necessário carta de ninguém e que ele Filinto me conhecia bastante e que iria me soltar, depois de "me dar uns conselhos" e que eu não estava preso à sua ordem, por isso nada tinha feito.

No dia seguinte, fui visitado pelo Ten. Sousa, um colega de revolução e disse este que eu não iria ser processado, que ficasse tranquilo, que o Filinto não fazia nada com o pessoal da "velha guarda" e eu, naturalmente, haveria de acreditar nessas ilusões.

Ainda nesse mesmo dia, fui prestar declarações a Frota Aguiar, o qual me tratou com o máximo de consideração e só mandando me perguntar o que estava nas acusações e não saindo daí e depois disso, mandando-me embora.

(Informe de início de novembro de 1935. TSN, Processo nº 1)

# 24

## CARTA DE ALENCAR (CAETANO MACHADO)<sup>1</sup> AO SECRETARIADO NACIONAL

Caros camaradas do Secretariado Nacional.

Já mandei três cartas para o endereço da Tijuca e só tive resposta de uma, em condições que não foi possível se revelar, mandei instrução neste sentido, mandei pedir endereços. Recebi o telegrama me chamando, eu junto com Severino estudamos o seguinte: o Fininho não está aqui, o Bangu está muito ocupado na Bahia, os integralistas e gente de Flores da Cunha, junto com militares, preparam um golpe para dentro de poucos dias, o secretário da região está muito doente, temos o curso para manter, estamos mandando gente para o interior, estamos preparando novas greves, todas estas tarefas não podem parar, temos medo que o golpe [ilegível] integralista e companhia pegue o Severino sozinho, eu estou a par da marcha do movimento para [ilegível] sindical e estou ajudando a todos os camaradas. 29 e 22 BC estão comprando barulho [ilegível] importância, quero dizer ao lado da ANL dando algumas notícias da confraternização dos soldados do 29 e 22 BC com os grevistas; o 22 em João Pessoa soltou 150 presos e não 30 e [ilegível] mandei dizer em outra carta a vocês. Esta-mos informados que o Manuel Rabelo foi para o Rio tratar da transferência de batalhões do Norte para o Sul e do Sul para o Norte e expulsões de soldados em massa; nós demos instruções para os batalhões não saírem do Norte e nem submeter-se a expulsões ou ser desarmados, e de nosso tempo estamos preparando lutas de massa e todas as nossas forças para se tomar posição na luta do golpe dos verdes, temos certeza que estas putas verdes vão nos dar um pouco de trabalho, mas estamos seguros que dentro de pouco tempo liquidamos com galinhas verdes e frangos verdes. Visto esta situação não é possível eu sair desta cidade. Quando chegou o telegrama, nós já tínhamos tomado providências de mandar

---

1. Caetano Machado - Membro do CC do PCB e do secretariado do Nordeste.

um portador para o Rio dar um informe da situação e nossa posição, o portador não pôde voltar porque vai tomar parte nas eleições de qualquer coisa de bancários. Vocês mandem um portador com as diretivas por escrito, pode mandar se ligar com nós [endereço], deve dizer [ilegível] estamos trabalhando até 20 horas por dia, a situação assim nos força. A coisa está da pontinha. Temos grandes debilidades, mas temos coisa que vale alguma coisa, o governo está com um medo danado do proletariado e dos soldados do Exército, estamos tomando medidas para não acontecer o que aconteceu em Ponta Grossa com o Exército. E para frente, camaradas, nestas horas tenho a impressão que tenho 15 anos de idade. Mande-me a opinião de vocês sobre a minha carta que foi publicada na Folha do Povo.

Pelo Secretariado do Nordeste, Alencar. [s/ data]

(Carta escrita entre 13 e 20 de novembro de 1935. TSN, Processo Belens Porto, vol.1)

# 25

## INSTRUÇÕES PARA COMUNICAÇÃO POR RÁDIO

Secreto

11/XI/35

Sabóia - Confirmando informação anteriormente já enviada, mandamos mais uma vez dados a respeito comunicações rádio:

Comprimento da onda - 10 metros.

Prefixo daqui - O B A (Rio)

Prefixo de lá - O B B (Pernambuco)

Hora de transmissão - 10 minutos antes e 10 minutos depois de cada hora exata, a partir das 5 até às 7 da manhã e a partir das 19 até às 21 horas.

Informem com urgência qual o comprimento da onda com que podem transmitir, bem como se escutam nosso prefixo chamar.

Transmissões serão feitas sistematicamente daqui, a partir do dia 15 do corrente, sem falta.

Queimem imediatamente este bilhete.

Fernando

(TSN, Processo nº 1)

## 26

### CARATA DE SABÓIA (SILO MEIRELLES) A MIRANDA.

Miranda: escrevo-lhe e aos demais companheiros do C. Rev. no sentido de completar o relatório verbal enviado pelo Mendes e por mim acerca da situação grave em que nos encontramos em todo o Nordeste, particularmente aqui e na Paraíba. E, sobre essa base, expor as medidas que tomamos em face de tal situação, pedindo-lhes imediatas diretivas a respeito ou por cartas ou mesmo, em caso de maior discordância com a linha que adotamos, a remessa de um companheiro daí para discutir em concreto conosco os problemas que a realidade nos apresentou e a conduta mais justa a observar perante as massas. Conforme vocês terão visto pela leitura da minha carta aérea de 16 último, as posições tomadas pelos companheiros do 22 e do 29, em face dos últimos movimentos grevistas, sobretudo da GW, foram posições - pode-se dizer - de rebeldia. Sabedores de tais ocorrências, expedimos para o 29 as seguintes diretivas: é possível que em virtude das ocorrências de Socorro, que foram, evidentemente, além de simples atos de confraternização, as autoridades estaduais e federais busquem tomar medidas no sentido de desarmar ou transferir os batalhões do Exército desta para outras paradas, ou pelo menos punir (processo, prisão, transferência etc.) as praças que participaram em tais ocorrências (entre elas, é de notar que estão dois sargentos e vários soldados do P., figuras decisivas de nossa ligação com a tropa). Sendo assim, ao primeiro sinal concreto de execução das citadas medidas, o 29, junto com as forças de Cinco Pontas e do QG, assim como com os dois batalhões da P. Militar, onde mais sólidas são as nossas posições, levantar-se em defesa ativa, apresentando ao governo e às autoridades militares o seguinte plano concreto de reivindicações: 1) não desarmar nem transferir os batalhões do Exército cujas praças confraternizaram com os grevistas, nem prender, transferir ou punir as praças que compunham as patrulhas que confraternizaram com o povo e os grevistas; 2) transferência imediata, para fora das guarnições do Nordeste, de todos os oficiais integralistas -

tipo Santa Rosa <sup>1</sup>, dos oficiais verdugos dos soldados, lacaios da GW etc. 3) liberdade imediata de todos os operários e populares presos em virtude das últimas greves e demissão e processo-crime contra o chefe de polícia; 4) proibição do projetado congresso integralista de Garanhuns; 5) melhoras de soldo e rancho para as praças do Exército e da P. Militar, ficando os direitos destes em perfeita equiparação com os da [ilegível]; 6) passagens gratuitas, com direito a viajar sentados, para todas as praças, nos bondes e nos trens de subúrbio da GW; e 7) abolição de todos os métodos terroristas e humilhantes da disciplina militar vigentes. Feita a apresentação destas reivindicações ao governo e às autoridades militares, [ilegível] apoiar o movimento, não só com a solidariedade das forças militares de outros estados, mas sobretudo amplos movimentos de massa, nas capitais e no interior. Ou o governo retrocede no seu plano de decapitação das nossas organizações partidárias e de massacre do Exército, ou o [ilegível] não é nada para excluir, dado o grau de excepcional gravidade da situação política em todo o país, o que bem pode não retroceder e passarmos à greve geral, se até lá já não tivermos chegado desta à insurreição armada no Nordeste. Em conversa com o nosso portador, com o qual conversamos [ilegível], o Mendes e eu, procurem vocês inteirar-se bem dos detalhes da situação aqui e nos escrevam imediatamente, retificando o que tiver que ser retificado em tudo que fizemos, ou ajudar-nos com novas diretivas e orientações a tomar. Saibam que já nos ligamos, no sentido da aplicação concreta desta linha, [ilegível] Paraíba, Alagoas e Rio Grande do Norte. Com Bahia [Sansão?] nos vamos ligar [ilegível] pelo presente portador e com Ceará estamos buscando fazê-lo sem perda de mais tempo. Uma coisa que parece clara é que não nos devemos deixar desarmar, nesta emergência urge lutas de massas. [ilegível] acercando rápido lutas pelo poder popular nac. rev. Compreendemos bem conveniência desencadearmos insurreição plano nacional. Neste sentido lutamos, estamos lutando. Repito porém, nos parece absurdo cruzar os braços dando-se tentativa concreta desarmamento BBCC Nordeste.

Impossível dar aqui apanhado correlação de forças, este e outros estados. Toda responsabilidade partidária, afirmo, elas autorizam linha adotamos momento. Mesmo lutas campo onde continuamos grande atraso, demos grandes passos estes últimos tempos, principalmente Pernambuco. Neiva acaba estar aqui estudando demoradamente conosco ótimas possibilidades, iniciar dentro 20 dias mais ou menos grandes lutas interior Maranhão, talvez Piauí. Por Rio Grande do Norte, entre diferentes grupos em armas, 3 são caráter guerrilheiro, camponês, debaixo nossa direção, ainda que partindo ainda de certa base golpista e adotando até agora tática inadequada (esconderijo sistemático etc.).

---

1. Santa Rosa - Tenente integralista morto no conflito grevista da Great Western.

Paraíba, depois passagem Fino ali, ida Mendes Campina Grande, boa orientação contato campo, organização e desencadeamento guerrilhas. Portador lhe dirá ambiente local. Quero acreditar cerca 10 municípios usineiros (inclusive homens "pacote") armados militarmente (metralhadoras, fuzis, granadas, rifles, pessoal técnico experimentado). Coisa 3 dias, descobriu-se um pouco trabalho intensivo golpe integralista. Fileno de Miranda mandou abrir trincheira redor usina, fazendo povo apenas se prevenir movimento extremista. Verdade é que camisas verdes conspiram abertamente, nada desligados conspirações nossos adversários, levantando crescente ameaça movimento popular antiimperialista. Anteontem noite circulou boato bem fundado eles preparam marcha interior contra Recife "sibarita", "parasitário"... Velha cantiga poderá entretanto tocar e mobilizar setores atrasados campesinato, pequenos proprietários arruinados interior. Nunca imprensa nenhum lugar, nenhuma época, atacou mais nosso mov. enxovalhando nome Prestes "Cidade" estes últimos dias. Entretanto, temos possibilidades, agindo surpresa, desarmar feudais primeiro arranco, cortando veleidades reação feudal levantar focinho contra nós interior. Tenham em conta, porém, eles atuam plano conjunto, desde tempos articulados maior sigilo. Encareço absoluta urgência resposta minha carta sobre rádio.

(TSN, Processo Belens Porto. vol.1)

# 27

## INFORME DE LEMOS <sup>1</sup>, NATAL, RN

Prezados companheiros:

Com o presente passo a informar o resultado da minha viagem e os informes que pude colher da situação daquela região. Uma hora depois da minha chegada reunimos com os camaradas do CR e analisamos e discutimos detalhadamente a carta última enviada pelo SN, tendo sido no momento as tarefas distribuídas, levando em maior conta as lutas camponesas, a preparação das greves e no setor militar, nas bases da carta referida e do companheiro Severino, assim:

FPLD - Ficou bem esclarecida qual deve ser a posição da FPLD diante das condições surgidas ultimamente. Vai ser portanto e já está sendo diplomaticamente colocada na sua posição justa. A FPLD já realizou 3 comícios, sendo que o primeiro foi impedido pela polícia na pessoa do Ten. Zuza, o segundo teve regular comparecimento e o terceiro foi dissolvido violentamente pela polícia civil e cavalaria que carregou sobre o povo. Este último realizou-se no dia 7 com a presença do informante, resultando desta reação policial a primeira atuação dos nossos deputados na Câmara estadual, conforme explicarei abaixo. Tem progredido esse trabalho aqui na região (RN).

ANL - Os companheiros do CR confirmam que alguns elementos da fração do P. na ANL ensejaram levar a mesma ao golpe camarista, porém encontraram grande e orientado trabalho anti-mil <sup>2</sup> e mesmo a recusa formal dos companheiros do CR de apoiarem tal aventura, nada logrando portanto, nos seus intentos golpistas. Os elementos camaristas-aliancistas (Zuza, Campelo, Adamastor, Granada etc.) combinaram que abririam os depósitos de armamentos e munições da P. Militar, com fins de armar os operários que deveriam apoiar seu golpe.

---

1. Membro da direção do PCB em Natal, não identificado.

2. Anti-mil - como era chamado o trabalho anti-militar do PCB.

Concordaram os companheiros, como tática para armar o proletariado, sem entretanto prestar qualquer apoio ao golpe, assim fazendo com o desejo único de conseguir armas e munições. Recuaram porém os golpistas diante da responsabilidade, com desapontamento nosso, pois perdemos esta ótima oportunidade. Adamastor seguiu para o Rio, onde foi representar o RGN no congresso, sem consultar ou ouvir os companheiros quer da ANL quer do P. Os companheiros do P. vão retirar-lhe a credencial, dependendo da opinião dos companheiros do SN.

De acordo com os companheiros do CR trabalhei intensamente para organizar o DR da ANL, conseguindo 60% desse trabalho, não conseguindo os 100% devido a grande intransigência reinante nas políticas correntes antagonicas, apesar de haver realizado 6 conferências com políticos de prestígio de massa de ambas as correntes. Ficou resolvido que comporiam o DR, 2 elementos da Aliança Social, 2 do Partido Popular e um do P. Os 2 do P. Popular são Dr. Manuel Varela e Otacilio Cavalcanti, ambos com idéias avançadas, podendo ir a P. Os 2 da Aliança Social ficaram para ser escolhidos, dada a recusa do Sandoval, Reginaldo e Marinho para compor o Dir. pois ainda esperam, como os portugueses esperaram D. Sebastião, a vinda de uma problemática e absurda intervenção federal na base de grandes perturbações da ordem no interior do Estado - guerrilhas? O companheiro do P. que será encarregado da organização ficou de ser escolhido. Toda a fração do P. que compunha o antigo Dir. legal foi afastada e recolhida ao P. Infelizmente para nós, ainda perdura no espírito público a impressão de tratar-se a Aliança Social de uma filial ali no estado da ANL, não tendo sido pequeno o trabalho dos companheiros para desfazer essa errônea impressão. Na base das violências policiais exercidas contra a massa no último comício da FPLD, o deputado Sandoval fez, no dia 8, um discurso na Câmara, atacando a política do governador e da polícia, terminando por um requerimento à casa para obrigar o governador a informar porque havia proibido o comício e mandado exercer violências contra os manifestantes. Tal requerimento teve apoio dos deputados da minoria (A.S.) e os da maioria, devido à atitude assumida pelo líder, que votou favoravelmente ao requerimento, com surpresa e desapontamento de seus colegas de partido. Os populistas não encontraram justificativa para o líder Pedro Matos ter votado favorável ao tal requerimento, onde eles viam uma profunda desconsideração ao atual governador e chefe de polícia. O chefe de polícia está trabalhando fortemente para formar o Rotary Club, com o fim, diz ele, de extinguir o extremismo.

Guerrilhas - Os companheiros têm trabalhado intensamente neste setor e já contam com algum fruto de tal esforço. Assim, temos 3 grupos de guerrilheiros, com 12 homens cada, atuando dois no município de Açú e outro no de Areia Branca e perspectivas de organizar outro já. O Ten. Zuza, que levou instruções para organizar guerrilhas, foi preso em Mossoró, quando queria fazer golpismo, levantando 80 homens naquela cidade. No município de Currais Novos deu-se

evasão a um sentenciado de 30 anos, chamado Rouxinol, do grupo de Lampião, que junto com um companheiro nosso, Gavião, do P., iriam formar o núcleo inicial de mais uma guerrilha. Infelizmente, tais companheiros, quando se dirigiam para Caraúbas, estrada de rodagem, foram presos pelo coronel Dinarte Mariz. Gavião conseguiu convencê-lo de que não conhecia o Rouxinol, eram apenas companheiros de jornada, e por isso foi solto. Foi mandada pelo P. uma brigada para o campo, porém eles da brigada, não compreenderam bem as instruções e estão fazendo banditismo, sendo que deste banditismo existe algo de aproveitável, como seja exterminarem todos os integralistas que lhes passavam pelas mãos e outros chefes reacionários. Deverá seguir outra brigada mais esclarecida para modificar a atuação da primeira e por si mesma entrar em ação. Temos trabalhado habilidosamente, com o fim de conseguirmos infiltrar companheiros nossos na Polícia Militar e já conseguimos incluir 5 sargentos que receberam instruções para organizarem grupos de guerrilheiros com a sua tropa quando forem destacados para o interior. Existe grande atividade nossa, porém a distância e a dificuldade de quadros experimentados tem embaraçado bastante. Temos a esperança de organizar mais grupos nos municípios de Mossoró, Areia Branca, Pau dos Ferros, Caraúba etc. Os Saldanhas estão murchos e agora mesmo entregaram ao governo 30 fuzis e um FM do destacamento policial de Caraúbas [ilegível] Sebastião, que desertou todo quando da mudança de governo. Debilidade nossa.

Sindical - Apesar da grande debilidade nossa no setor sindical, temos perspectivas de desencadeamento de greve dos choferes, força e luz, estiva, padeiros, leiteiros, sapateiros. O desencadeamento dessas greves depende do início que será dado pela Força e Luz, onde infelizmente é ainda mais débil nossa fração. Para conseguirmos a greve na Força e Luz (desde que dela dependam as outras greves) vamos empregar os meios violentos e no dia da minha saída de lá seria feita a destruição dos dínamos pelo ácido sulfúrico ou o arrebentamento das caldeiras pelo dinamite. A Central do RN lançou o manifesto que vai junto, exigindo aumento de salários e no caso da não satisfação do seu pedido irão à greve. Foi organizado um grupo de guerrilheiros ferroviários com a finalidade de depredarem. No dia 7 pp foi danificada a rede telegráfica do estado, que ainda continua sem funcionamento. Apesar de toda a debilidade, temos esperanças nesse setor.

Saudações proletárias

Lemos.

(Informe de 12 de novembro de 1935. TSN, Processo Belens Porto)

# 28

## RESOLUÇÕES DO CC SOBRE AS TAREFAS DOS COMUNISTAS NA PREPARAÇÃO E NA REALIZAÇÃO DA REVOLUÇÃO NACIONAL

Advertência:

Estas resoluções foram discutidas e aprovadas na última reunião ampliada do CC, dias antes dos acontecimentos do Recife, Natal e Rio de Janeiro. Chamamos a atenção dos companheiros sobre as partes desta resolução que falam sobre a preparação da insurreição armada e seu desencadeamento. Sobre esta parte há modificações a fazer logo após os últimos levantes armados do Nordeste e do Rio.

Tanto sobre estas modificações como sobre a análise dos últimos acontecimentos o CC está preparando um documento que será submetido à discussão em todo o Partido. As modificações a fazer são sobre a preparação imediata da insurreição. As diretivas sobre a preparação das lutas e seu desencadeamento, sobre o trabalho de massas, trabalho no campo, nas forças armadas etc. são as mesmas. Reforçamos, porém, mais do que nunca, a premente necessidade de intensificar a preparação das lutas, seu desencadeamento em toda parte, principalmente as greves de massa na base de um trabalho tenaz de greves pelas reivindicações imediatas em cada fábrica, reforçamento político e orgânico de nosso Partido, através do trabalho de massas e das lutas, greves, lutas camponesas, guerrilhas, lutas populares etc. de que está dependendo a vitória da Revolução Nacional Libertadora dentro de pouco tempo.

O BP do CC do PCB

1. Nos últimos meses amadureceram impetuosamente as condições para o triunfo da Revolução Nacional no Brasil. Cada vez mais cresce a decomposição no campo do inimigo e no seu aparelho de Estado. Em uma série de Estados do Norte e Nordeste (Pará, Ceará, R.G. do

Norte) a reação feudal clerical afastou do governo os elementos que chegaram ao poder em 1930 para levar assim a cabo, mais fortemente ainda, a escravidão das massas. Sob a pressão das massas, os dirigentes liberais nos ditos Estados se vêem obrigados a organizar determinadas medidas de luta contra a reação feudal e contra os seus governos sob pena de perderem toda a influência entre a massa. Nos estados do Rio de Janeiro, Maranhão e Mato Grosso se têm desenvolvido fortes contradições e lutas internas. Entre o governo central de um lado e um de seus apoios até agora, por outro lado, o estado do Rio Grande do Sul, as contradições levaram a um rompimento aberto que Getúlio Vargas trata inutilmente de superar. Na Câmara dos Deputados Federal assim como nas Câmaras dos Estados, dezenas de deputados chegaram a tomar uma posição independente, embora vacilante, para a defesa dos direitos populares. Nas fileiras do governo central e do Estado-Maior não existe mais uma linha unitária, existem tão somente confusão e pânico, intrigas e conspirações, preparação de novos golpes e, ao mesmo tempo, a linha do fortalecimento da opressão das massas e a proteção cada vez mais forte aos bandos integralistas

Todos esses fenômenos são expressão do fato de que a situação econômica se torna cada vez mais difícil; que crescem as contradições imperialistas na exploração do Brasil; que não pode haver unidade no país sobre a base do feudalismo e da dependência do imperialismo; e são também a expressão de que crescem a consciência revolucionária e o poder de ação revolucionária das massas e que a ineludibilidade [sic] da revolução nacional é conhecida pelo inimigo que procura desesperadamente uma saída contra-revolucionária, não sendo no entanto capaz de impedir que a revolução nacional que se desenvolve debilite as suas próprias forças (as da contra-revolução), as divida e ganhe cada vez mais adeptos, mesmo nos círculos que até pouco tempo apoiavam Vargas. Com isso se cumpre uma das condições do levante armado triunfante das forças nacional-revolucionárias: a decomposição rápida e crescente do campo inimigo e seu aparelho de Estado.

Depois de uma curta e aparente tranqüilidade do movimento de massas depois da proibição da ANL, levantou-se no último mês de outubro uma grande onda de movimentos econômicos e políticos das amplas massas populares, uma série dos quais tem tido um intenso caráter revolucionário. As greves gerais de massa nos estados do Espírito Santo, Bahia e Pernambuco contra os congressos integralistas demonstram uma grande madureza revolucionária do proletariado e a vontade das amplas massas populares de marcharem sob a direção do proletariado. A greve geral na Paraíba, a greve dos operários da Great Western em Pernambuco, Paraíba, R.G. do Norte e Alagoas, assim como inúmeras outras greves mostram uma elevada decisão de luta pela ligação das reivindicações econômicas com o movimento de massas político,

pela ampla e ativa participação das mulheres, como também pela organização de ações de luta revolucionária das massas. O triunfo da reivindicação de aumento de 30% nos salários na greve dos ferroviários da Great Western é um resultado formidável ao qual se chegou sobretudo pelo emprego intensivo de métodos de luta revolucionários. Ao mesmo tempo se desenvolve uma série de grandes greves no Rio de Janeiro, Santa Catarina, Paraná, parte de São Paulo etc, entre as quais a greve dos operários metalúrgicos do Rio de Janeiro tem grandes perspectivas de triunfo e de sua ampliação para outras cidades. Outras categorias importantes de trabalhadores se preparam para a luta por melhores condições de vida.

Uma série de importantes congressos sindicais (Congresso Nacional de Ferroviários, Congresso dos Sindicatos de Minas Gerais e outros) mostram que a idéia da unidade sindical e da luta em comum abarca toda a classe operária e também que os dirigentes sindicais vacilantes e reformistas não se atrevem a opor resistência a essa vontade da classe operária.

Embora o movimento camponês - devido ao nosso débil trabalho - não tenha chegado ainda a ter o vulto poderoso e necessário que lhe corresponde, apesar disso se tem conseguido uma série de progressos nestes últimos tempos. Uma série de movimentos camponeses se tem desenvolvido no Nordeste e já em quatro Estados se tem chegado a obter levantes populares armados e lutas de guerrilhas. Desenvolve-se um grande movimento entre os plantadores de café, que lutam, e com razão, pelo direito de livre exportação contra a taxa de 15 shillings por saca de café, taxa esta em benefício do imperialismo. O descontentamento, chegando profundamente até as camadas dos produtores médios, tem crescido enormemente.

O Exército, pelas razões de sua grande tradição nacional e revolucionária, devido a sua composição social e sua ligação com o povo, devido a grande influência das idéias e do programa da ANL e sua ligação com a mesma e com Luís Carlos Prestes, em sua parte decisiva lutará pela revolução nacional. Os esforços realizados por Getúlio Vargas e seu ministério semifascista de "reorganizar" o Exército, diminuí-lo ou destruí-lo, substituindo-o por tropas de choque militares e policiais adestradas no massacre das massas populares e dos nacional-revolucionários devem ser impedidos a todo o custo. O Exército e o povo pertencem um ao outro e com o Exército está garantido o triunfo da revolução nacional. Por isso é justo que os nacional-revolucionários e o PCB lutem efetivamente contra toda a diminuição dos efetivos do Exército, contra a expulsão dos cabos e sargentos, contra toda "reorganização" (quer dizer, a expulsão de oficiais, sargentos e soldados revolucionários) e forjando assim uma forte frente única entre o povo e o Exército para a realização da revolução nacional e pelo surgimento de um Brasil unido, livre e forte. Tal frente única é fator decisivo no processo de formação do grande Exército Popular Nacional.

As amplas greves, as greves de massas, as greves econômicas dos operários, os amplos começos dos movimentos camponeses e de guerrilheiros, os congressos camponeses e o crescente descontentamento entre os camponeses e produtores médios, os grandes movimentos da juventude, o formidável fermento revolucionário no Exército e na Marinha e o alto grau de capacidade revolucionária e organizativa existente entre as forças armadas são provas de que a segunda condição para a realização vitoriosa da revolução nacional está dada: é o movimento revolucionário sempre crescente das amplas massas populares e das principais forças armadas do país.

A terceira condição está na audácia decidida da vanguarda revolucionária que, superando todas as vacilações no campo da revolução e de seus aliados, com mão firme e organizadora é a dirigente da realização da revolução nacional. Encabeçando a vanguarda revolucionária da revolução popular brasileira, o PCB desempenhou um grande papel e sempre crescente.

2. Comprovando o CC que estão maduras as condições para a revolução no Brasil, o CC pede a todas as organizações partidárias e a todos os membros do Partido para estarem preparados desde já e sempre para dar sua influência, sua força, sua organização, direção e audácia para a grande revolução nacional, para a primeira etapa do grande combate da libertação nacional e social do povo brasileiro.

A revolução nacional no Brasil tem a tarefa e finalidade seguinte: o derrubamento do governo de Getúlio Vargas e dos governos reacionários dos estados; estabelecimento de um governo popular nacional revolucionário com Luís Carlos Prestes a sua frente; derrubamento dos governos reacionários dos Estados que lutem contra o governo de Prestes; fortalecimento e reorganização dos governos estaduais que se subordinem ao governo nacional revolucionário; a realização sistemática e por etapas do programa da ANL e do programa de Luís Carlos Prestes (programa publicado em seu Manifesto de 5 de Julho de 1935). O PCB ajudará com toda a força a realização da revolução nacional libertadora. O PCB, no processo da revolução, tomará cada vez mais influência sobre sua constituição e desenvolvimento ulterior, de acordo com o desenvolvimento das forças decisivas da revolução e de acordo com a crescente hegemonia do proletariado na revolução. O PCB apóia com toda a força a palavra de ordem TODO O PODER À ANL. O CC do PCB repele energicamente as calúnias contra-revolucionárias de alguns agentes trotskistas que dizem que essa palavra de ordem é uma "traição à revolução". O CC destaca que a política do PCB é a única possível para a realização e ulterior desenvolvimento da revolução no Brasil. O CC julga que é necessário convencer pacientemente cada operário e revolucionário que ainda tenha dúvidas a esse respeito porém, que todo agente do trotskismo contra-revolucionário deve ser afastado do Partido e das organizações nacional-revolucionárias.

Os membros do PCB, pelo seu trabalho e nos fatos concretos devem mostrar que são os melhores aliancistas e os mais conseqüentes nacional-revolucionários. Assim como o nosso camarada Luís Carlos Prestes se acha à frente do movimento nacional-revolucionário e se achará mais tarde à frente do governo nacional revolucionário, assim todo o membro do Partido nos sindicatos, na ANL, nas fábricas, no Exército etc. deve lutar com as massas e dirigi-las.

O CC crê que o Partido não só tem que desempenhar um grande papel e cada vez mais importante, como também que toda subestimação do papel das grandes organizações de massa nacional-revolucionárias seria um erro grave, fatal e pernicioso para a revolução. Tanto durante o levante armado como (e sobretudo) depois do estabelecimento do governo de Prestes, a ANL desempenhará um papel formidável. A ANL será a ampla organização nacional revolucionária de massas do povo brasileiro, que abrange massas de operários, camponeses, pequeno-burgueses e também uma parte da burguesia que luta contra o imperialismo. Subentende-se que também os comunistas estejam já agora na ANL e que mais tarde o PCB (mantendo a sua completa independência orgânica, política e ideológica) adira coletivamente à ANL; como antes e como atualmente, também mais tarde as portas da ANL estarão abertas a todos os Partidos e organizações que reconheçam o programa da ANL. O CC tem a firme convicção revolucionária de que a palavra de ordem TODO O PODER À ANL deve ser realizada em breve tempo. O CC chama todas as organizações e membros do Partido para realizarem os maiores esforços pela criação de uma frente única nacional revolucionária ainda mais ampla. O CC destaca que a palavra de ordem TODO O PODER À ANL não significa, de modo algum, que somente a ANL deve ser detentora do poder e que só devem estar no governo membros da ANL. É completamente possível e desejável que sejam ganhas para a causa da revolução nacional e do governo revolucionário também outras forças nacionais honestas que até agora não pertencem à ANL. O CC declara que os comunistas têm o dever de participar de um governo amplo nacional-revolucionário para influenciar a política do mesmo em benefício das amplas massas. Os comunistas não temem alianças com elementos vacilantes, posto que os comunistas contam com a sua própria força e a força das massas, como grandes fatores revolucionários para superar todas as vacilações e para o esmagamento da contra-revolução. O CC constata com satisfação que os esforços dos nacional-revolucionários têm dado resultados na ampliação da Frente Popular. Alguns partidos burgueses se têm colocado no terreno (embora hesitantes) de concluir pactos para a defesa dos direitos populares. As maiorias e minorias parlamentares começam a dividir-se ao redor das questões decisivas do ulterior desenvolvimento do Brasil. O PCB diz a esses partidos, a esses grupos de pessoas: é necessário mais audácia. A revolução está às portas. O povo vos julgará depois, de acordo como vós decidis agora.

3. O PCB, juntamente com todas as organizações revolucionárias, junto com a ANL e a Frente Popular, com os sindicatos e os camponeses, com as organizações da pequena burguesia e os estudantes, em ligação com as forças armadas, de uma maneira ainda mais ampla, deve dirigir as massas para a rua, na luta contra a carestia de vida, contra o integralismo, pelos direitos populares e pelo governo revolucionário de Prestes. Juntamente com essa ativa mobilização das massas, devem ser levados ao máximo todos os preparativos de caráter organizativo. Nada deve ser deixado à casualidade e não devemos nos deixar surpreender por nenhuma coisa. Uma vez mais repetimos: os comunistas não lutam isolados, mas sim lutam como parte do movimento nacional libertador, como sua parte mais ativa e conseqüente.

Depois do derrubamento do governo de Vargas e do estabelecimento do governo de Prestes, a grande tarefa imediata do governo nacional revolucionário será a organização do poder popular. O CC lembra a todos os comunistas que a revolução nacional não é uma revolução soviética, porém uma revolução popular democrática contra o imperialismo e contra seus agentes no Brasil, para garantir os mais amplos direitos populares democráticos e para efetivação das reivindicações diárias mais prementes das amplas massas laboriosas. A instalação prematura de sovietes como órgãos de Estado daria como resultado a cisão da ampla frente única nacional em momentos em que as forças das massas populares nacional-revolucionárias se acham ainda insuficientemente organizadas e em momentos em que as tarefas mais importantes do governo nacional revolucionário não têm sido ainda realizadas.

Os comunistas devem saber ajudar as massas populares na organização do poder popular, sem chegar em seguida à criação de sovietes. Os órgãos do governo popular nos estados, municípios e povoações devem integrar-se com elementos de maior prestígio popular (aliancistas ou não) que tenham tomado parte ativa na luta contra o imperialismo e pela libertação nacional. A base do poder popular nesta primeira etapa da revolução será: os operários, camponeses e pequeno burgueses, que logo em seguida e na medida do possível possam ser armados; os setores do Exército e da Marinha que participem ativamente do levante nacional revolucionário do povo brasileiro; os sindicatos, como organizações econômicas de classe do proletariado; os comitês e ligas de camponeses, como organizações de luta dos camponeses contra o feudalismo; organizações da pequena burguesia urbana e grandes organizações unitárias da juventude do Brasil. O PCB, nessa grande revolução, ganhará a legalidade e em pouco tempo deve se transformar em um potente partido de massas; o PCB ganhará, através de seu trabalho, influência e autoridade em todas as organizações do povo brasileiro e será o baluarte seguro para o desenvolvimento ulterior da revolução.

Para assegurar a revolução nacional libertadora contra os ataques dos imperialistas e seus agentes, são necessárias, de imediato, uma série de medidas, cuja efetivação será assegurada pelo governo Prestes junto com a ANL e as massas populares. Essas medidas compreendem o desarmamento de todas as forças militares e policiais que lutam ativamente contra a revolução nacional ou que demonstrem não serem de confiança; o fortalecimento orgânico da ANL, principalmente nas fábricas, quartéis, navios etc., a ativa organização dos comitês de fábrica, de empresa, dos comitês e ligas camponesas e dos comitês de soldados e marinheiros; o fortalecimento do Exército com nacional-revolucionários; a organização de uma milícia popular revolucionária sob a direção de nacional-revolucionários provados e com forte participação do proletariado, como classe mais consciente, mais organizada e mais disciplinada; o desarmamento e dissolução de todos os partidos e organizações integralistas, fascistas, contra-revolucionárias, assim como a dissolução e desarmamento de guardas armadas dos senhores feudais e de outros empresários. O reforçamento das organizações e direção do PCB, recrutamento vigoroso de operários que se distinguem nas lutas revolucionárias é condição indispensável para o cumprimento das tarefas acima indicadas.

Juntamente com as grandes organizações de massa e a força popular revolucionária, como resultado destas primeiras medidas revolucionárias, o governo de Prestes contará com a suficiente força política para unificar todo o país sob a bandeira da revolução nacional, para esmagar a contra-revolução e para criar uma férrea frente única nacional contra o imperialismo. O governo nacional popular aplicará energicamente todas as medidas contra o imperialismo, ou seja, a realização da passagem correspondente do manifesto-programa de Luís Carlos Prestes. Porém, ao mesmo tempo, a conservação e garantia do governo nacional popular exige a utilização das contradições no campo dos imperialismos em proveito da revolução e compromissos temporários com uma ou outra potência imperialista.

4. O CC destaca a necessidade de levantar a ampla onda de greves pelas reivindicações econômicas, de ligar estas com as reivindicações políticas e a luta pelo governo de Prestes; e em momentos de levante, junto com a ANL, os sindicatos e as organizações da pequena burguesia passar para a greve geral popular e para o armamento do povo; impedir o transporte de tropas contra-revolucionárias e ajudar, por todos os meios, a organizar a luta em comum das massas populares revolucionárias junto com as tropas revolucionárias, contra a contra-revolução.

O CC destaca também a necessidade de desenvolver a luta dos camponeses, essa grande reserva da revolução nacional, o principal aliado do proletariado. O caráter da revolução no Brasil exige de nosso Partido a realização de uma política inteligente e revolucionária com todo

o campesinato e uma política de compromisso com os produtores médios (sitiantes, fornecedores de cana etc.). Sob as especiais condições da revolução nacional, com o governo de Prestes se apresentam muitas possibilidades de efetivar a reivindicação da terra dos camponeses e trabalhadores agrícolas sem que se repartam desde já as terras dos fazendeiros menores. Em grandes regiões do Brasil será possível imediatamente assestar um golpe decisivo contra as posições de poder do feudalismo e imperialismo e de satisfazer as reivindicações das massas camponesas por meio da partilha da terra dos maiores senhores feudais. As lutas dos camponeses devem ser dirigidas em primeiro lugar contra os grandes fazendeiros e empresários feudais ligados ao imperialismo. Os camponeses não contarão em todas as partes e desde logo com a força necessária para apoderarem-se da terra dos grandes fazendeiros. Por isso, é necessário dar a maior atenção à luta pelas reivindicações diárias (contra os altos arrendamentos, contra os juros, contra o pagamento das dívidas, contra as tributações feudais e os contratos) que constituem uma ponte para a luta pela terra e para a liquidação do feudalismo.

A revolução popular no Brasil desenvolverá grande força e se aprofundará rapidamente. A revolução nacional não se acha separada por um muro da revolução agrária. A vitória e a consolidação da revolução nacional cria condições mais favoráveis para o desenvolvimento da revolução agrária. A tarefa dos comunistas será junto com as grandes massas do campo aprofundar resolutamente a revolução agrária, que garantirá a revolução libertadora e elevará todo o processo da revolução. Porém, a revolução agrária deve começar com a luta contra os grandes fazendeiros que estão ligados com o imperialismo e que lutam contra o governo de Prestes e contra os camponeses. Os comunistas que em seguida querem despejar a todo o fazendeiro pequeno não prestarão por certo, nenhum serviço à revolução, pelo contrário, ajudarão a ampliar a base da contra-revolução feudal.

O Partido, junto aos camponeses e com eles deve achar em cada caso as palavras de ordem mais favoráveis para a revolução e que respondam as relações concretas.

5. A iminente revolução nacional no Brasil se acha dentro das condições as mais favoráveis. O povo e o Exército querem Luís Carlos Prestes como dirigente do país. O triunfo da revolução nacional iniciará um período de despertar de organização e da força revolucionária real do povo brasileiro e que servirá de exemplo e influirá em toda a América Latina ao movimento de libertação nacional e pela terra, dos povos índios da América do Sul, a todos os países coloniais e semicoloniais e com isso a todo o mundo. Os imperialistas e os seus agentes gritarão que se trata de uma revolução comunista. Nós responderemos: "Os comunistas participam em toda a luta de libertação nacional de um povo oprimido contra os imperialistas e seus agentes; os comunistas lutam pelas liberdades democráticas do povo; pelas reivindicações diárias das amplas massas

laboriosas; os comunistas lutam junto com a ANL e as amplas massas, lutam por PÃO, TERRA, LIBERDADE. Junto com o povo e os soldados e oficiais revolucionários, os comunistas lutam por um GOVERNO POPULAR NACIONAL REVOLUCIONÁRIO com LUÍS CARLOS PRESTES à frente. Os comunistas tomam essa atitude porque sabem que somente um governo de Prestes, apoiando-se na grande força e energia revolucionária das massas, do povo, deixará o caminho livre para um novo e feliz desenvolvimento do nosso grande país e do nosso grande povo.

O CC diz a todos os comunistas: O povo e o Exército marcharão para a Revolução! Ocupai vossos postos de combate como soldados, como organizadores e como dirigentes da revolução nacional, lado a lado com os aliancistas e com as massas! Superai todos os ressabios do sectarismo e avançai audazmente, com uma tática inteligente, sem vacilações, com férrea consequência, com o grande movimento nacional revolucionário do Brasil!

- ABAIXO O GOVERNO DE GETÚLIO VARGAS!

- ABAIXO OS LADRÕES IMPERIALISTAS!

- VIVA O GOVERNO POPULAR NACIONAL REVOLUCIONÁRIO E SEU DIRIGENTE LUÍS CARLOS PRESTES!

- VIVA O PARTIDO COMUNISTA DO BRASIL!

O CC toma a seguinte resolução:

1. A decisão da Câmara Federal pela dissolução da Ação Integralista Brasileira é o resultado direto das grandes lutas de massas e greves gerais dos operários e do povo, em grandes partes do Brasil, da posição firme tomada pelo PCB, os sindicatos e a ANL contra os integralistas.

2. O CC avalia a iniciativa do "Grupo Parlamentar Pró-Liberdades Populares" e concita a todos os membros do Partido e todo o povo do Brasil:

a) Tomar em suas próprias mãos a dissolução e desarmamento dos bandos integralistas, porque nem o governo de Vargas, nem os governos das maiorias dos Estados tomarão medidas efetivas para levar avante a decisão da Câmara Federal.

Para levar adiante efetivamente a mobilização do povo para essa tarefa devem ser organizadas demonstrações e comícios de massas por todas as organizações populares, exigindo do governo a realização efetiva da decisão do parlamento e dirigindo as massas para a dissolução e o desarmamento dos integralistas.

Mesmo que o governo, sob a pressão das massas, for obrigado a tomar medidas contra o integralismo, é preciso que as massas saibam que os integralistas continuarão a trabalhar contra

os interesses do Brasil e do seu povo e que os integralistas receberão mais auxílio e apoio dos imperialistas, dos grandes fazendeiros feudais e usineiros, do Estado-Maior do Exército e diferentes órgãos do governo.

b) O CC recomenda a necessidade de fazer grandes esforços para ganhar todos os elementos nacionalistas honestos do integralismo para o amplo movimento de libertação nacional e a revolução nacional, para o programa da ANL e de Luís Carlos Prestes, com o fim de separar os chefes reacionários dos integralistas da base que os segue e assim tornar mais fácil a instauração de um governo popular nacional revolucionário com Luís Carlos Prestes como chefe, como única solução para a terrível situação do Brasil e do povo brasileiro.

c) O CC apela para as massas do Brasil, para todos os nacionalistas honestos, a fazerem os maiores esforços para lutarem com novo vigor pela legalidade da Aliança Nacional Libertadora, pelos direitos democráticos das massas e pela legalidade do Partido Comunista do Brasil!

O CC resolve ainda, ao mesmo tempo que faz a todos os seus organismos e membros em particular e ao povo brasileiro em geral, concitar todos os seus membros de frações dos sindicatos e da CSUB para que, representando a vontade da maioria esmagadora do povo brasileiro, façam todos os esforços no sentido de que tais organismos, bem como as demais associações e organizações populares, enviem telegramas, cartas, ofícios etc, endereçados ao presidente da República, exigindo a imediata dissolução e o completo desarmamento dos bandos reacionários integralistas.

O CC do PCB (S. da IC)

Novembro de 1935

(Resoluções de 19 a 22 de novembro de 1935. TSN, Processo nº 65)

# 29

## POVO DE PERNAMBUCO

Por determinação do Diretório Nacional da ANL e de seu presidente, o grande e glorioso General antimperialista Luís Carlos Prestes, acaba de desencadear-se em todo o Nordeste, com Quartel-General neste Estado, o movimento nacional libertador tão ansiosa e justamente aguardado pelas amplas massas do povo Brasileiro, secularmente oprimido na mais brutal e nefanda exploração do capitalismo parasitário estrangeiro, diante do qual se curvam os governos de traição nacional de Getúlio Vargas, Lima Cavalcanti, Argemiro Figueiredo<sup>1</sup>, Osman Loureiro, Rafael Fernandes<sup>2</sup> e caterva.

O movimento nacional libertador dará imediatamente, ao povo nordestino, Pão, Terra e Liberdade, implantando em todo o país o Governo Nacional Revolucionário com Luís Carlos Prestes à frente.

Viva a invencível ação revolucionária nacional libertadora das massas populares de Pernambuco e do Nordeste!

Viva a confraternização do Exército e da Polícia, laço indissolúvel do grande Exército Nacional Libertador do Nordeste!

Abaixo o imperialismo e o integralismo!

Abaixo os governos podres e traidores de Getúlio Vargas, Lima Cavalcanti e todos os lacaios do imperialismo!

- 
1. Argemiro Figueiredo - Governador da Paraíba.
  2. Rafael Fernandes - Governador do Rio Grande do Norte, eleito em outubro de 1935 - do Partido Progressista.

Recife, 24 de novembro de 1935.

Pelo COMITÊ REVOLUCIONÁRIO DO NORDESTE

JOSÉ CAETANO MACHADO

SILO MEIRELES

MUNIZ DE FARIAS<sup>3</sup>

EPIFÂNIO BEZERRA<sup>4</sup>

LAMARTINE COUTINHO<sup>5</sup>

(Panfleto distribuído em Recife a 24 de novembro de 1935. TSN, Processo nº 74)

- 
3. Muniz Farias - Coronel da Polícia Militar.
  4. Epifânio Bezerra - Membro da Direção do PCB em Recife.
  5. Lamartine Coutinho - Tenente, levantou o 29º Batalhão de Caçadores, em Recife, a 24 de novembro de 1935.

# 30

## CARTA DE BARRETO LEITE <sup>1</sup> A PRESTES

Rio, 26 de novembro de 1935

Meu caro Prestes:

Depois do teu embarque de Montevideu e da carta que lhe enviei para a União Soviética, por intermédio do Silo, dando, para atender a seu pedido, a opinião que poderia formar naquela época sobre o seu manifesto de despedida, esta é a primeira vez que tento retomar a nossa antiga correspondência. Já se passaram alguns anos, e anos decisivos. Você andou pelo país que é a meca do proletariado revolucionário e pelo mundo. Deve ter aprendido muita coisa, aproveitando as admiráveis oportunidades que lhe foram oferecidas. Pessoalmente, como é natural, dado ao caráter de nossas antigas relações, tive, desde que soube da sua reaproximação destas terras, um grande desejo de conversar com você. Apesar disso, ligados como estamos, embora indiretamente, pelo organismo do Partido, achei que sem uma necessidade muito grande e de caráter inteiramente impessoal não deveria tomar essa iniciativa. A sua situação e a minha não nos permitiam uma palestra por simples prazer e amizade. Você deveria, possivelmente, ter alguma notícia minha - saber, por exemplo, que da gente do nosso tempo fui um dos poucos que nunca deram um passo, nem para atrás nem para o lado, um dos poucos que nunca tiveram a mais insignificante vacilação no caminho conscientemente escolhido. Sabendo disso, se porventura você achasse necessário, não deixaria de mandar algum recado.

Escrevo hoje premido pelo que considero de meu mais estrito, mais imperioso dever. Não o faria em outra hipótese. Não sei se esta carta chegará ao seu poder. Há muitos condutos misteriosos até você por cuja segurança, ignorante como sou a respeito deles, não posso responder. Não sei também se o que vou dizer produzirá algum efeito. Para mim isso é uma questão de

---

1. Jornalista, membro do PCB e expulso do partido no dia 26 de novembro de 1935.

consciência e basta. Só sei que o faço imediatamente e que estou, como sempre fiz, disposto a assumir todas as responsabilidades decorrentes deste meu ato, cuja gravidade reconheço, e a arcar com todas as conseqüências. É também por uma questão de responsabilidade, no mais duro sentido da palavra, que me permito uma iniciativa deste caráter.

Os problemas da revolução no Brasil, as tarefas do Partido, o papel do proletariado, a tática comunista em face das variadas situações concretas e até - o que é muito mais grave - as próprias formulações estratégicas da nossa posição de classe em face do conjunto das questões que se nos deparam ao longo do processo revolucionário - tudo isso tem sofrido ultimamente tantas transformações, as palavras de ordem e as concepções mais gerais tem se modificado tantas vezes que já não é possível, sob a base dos documentos e das atitudes práticas, chegar-se a nenhuma conclusão clara a respeito do que estamos fazendo e sobretudo do que pretendemos. Sob o ponto de vista teórico e político, nada pode haver de comparável ao que é neste momento o Partido Comunista do Brasil. Uma ligeira recapitulação demonstrará suficientemente o que estou afirmando. A primeira vez que se formulou nitidamente o problema central da revolução no nosso país, o problema do seu caráter e das suas forças motrizes, ela apareceu como "agrária e antiimperialista", revestindo um conteúdo democrático-burguês. Em torno da palavra de ordem "pela revolução agrária e antiimperialista" girou toda a propaganda do Partido e toda a sua atividade se apoiou precisamente sobre a aceção que dela se depreendia sobre as classes em luta. Posteriormente, passou-se a propagar a palavra de ordem de revolução "operária e camponesa". Ainda mais tarde, foram misturadas as duas formulações, dizendo-se "pela revolução agrária e antimperialista ou operária e camponesa", ou vice-versa, o que se considerou a mesma coisa, dado ao conteúdo democrático-burguês que se mantinha permanente. Mas agora, por fim, surge a história da revolução "nacional libertadora" e, em torno desta, como é natural, a confusão aumentou. Já não se sabe mais se ela é democrático-burguesa ou o que é, que ligações tem com as formas anteriores e de que misteriosa maneira poderá sair daí uma revolução proletária, socialista, o que, afinal, embora se esteja um pouco esquecido, continua sendo a perspectiva real do partido do proletariado, do proletariado como classe e de qualquer comunista.

Na questão do governo, a mesma coisa. A princípio, a "ditadura democrático-revolucionária de operários e camponeses" seria realizada pelos soviets. Ainda me lembro das nossas famosas discussões em Buenos Aires, em que a boa vontade e o desejo de acertar corriam carreira com a inexperiência prática e a ignorância teórica. Agora já não é assim e não há meios de se saber como será. O último documento que conheço a esse respeito, o manifesto-programa lançado pela ANL, há poucos dias, explicando o que será o governo "popular nacional revolucionário" declara que, quanto à forma, o melhor será deixar à própria vida, ao próprio curso dos acontecimentos a

desagradável tarefa de resolver. Mas para tranquilizar logo os reacionários que porventura temam a grande criação democrático-proletária da Revolução Russa, adianta logo que esse governo "poderá revestir a forma aparente do atual", assim como quem previne que não há perigo de soviets. Quanto ao conteúdo de classe que terá essa revolução e esse governo, não há absolutamente quem nos possa dizer uma palavra. Quanto às suas forças motrizes, a confusão não é menor. Continua-se a falar, naturalmente, por uma questão de hábito ou pelo propósito deliberado de iludir as camadas avançadas e conscientes do proletariado - essa admirável e heróica vanguarda que já foi educada pelo Partido, apesar de seus erros -, na posição do proletariado, nos camponeses, na pequena burguesia, um atrás do outro, mecanicamente, dentro da cabeça de cada um e não dentro da realidade, como demonstrarei depois. Mas fala-se também, embora um pouco timidamente, como quem tem vergonha, em certas camadas da burguesia nacional, que poderá também ser revolucionária e terá os seus serviços positivos a prestar à revolução. Praticamente, só os Numa de Oliveira, só os agentes diretos do imperialismo, só os que têm procuração dos banqueiros ingleses ou norte-americanos e podem representá-los em juízo são excluídos da revolução, junto com os grandes senhores territoriais, que são apresentados de um modo vago, abstrato e geral. Até você mesmo, no seu último ou penúltimo manifesto encara assim a coisa, embora sem suficiente clareza. Os problemas do imperialismo e do latifúndio também são postos de um modo tão geral e tão abstrato que, a não ser excepcionalmente, em certos casos particulares e limitados, não se conseguiu extrair deles nenhuma objetivação concreta. Procura-se também desligar o imperialismo e o latifúndio da burguesia nacional, do capitalismo brasileiro, já assim chamado em tom de elogio, como quem se refere a um bom aliado. Faz-se isso como se fosse possível conceber a burguesia brasileira e o capitalismo brasileiro como elementos autônomos, separados do universo, sem relações com o capital internacional e sem o menor ponto de contato com o campo, que só por ser campo, e não pela sua estruturação econômica é apresentado com vítima do feudalismo.

Não pretendo apoiar a minha crítica sobre essa barafunda teórica e política. Infelizmente, a principal debilidade do nosso Partido sempre foi o seu baixo nível ideológico. Em consequência disso, certas confusões e mesmo a mais diabólica das trapalhadas em que ele quase sempre andou neste terreno eram, se não desculpáveis, pelo menos explicáveis, ainda que não deixassem de ser perigosas e profundamente prejudiciais. Mas, enfim, desde que praticamente ele estivesse em condições de cumprir um mínimo indispensável das suas tarefas de dirigente do proletariado revolucionário, não seria eu quem faria cavalo de batalha dessas coisas. Se fiz essa pequena recapitulação acima foi para mostrar os extremos a que já chegamos e a impossibilidade em que me encontro, ao escrever esta carta, de basear minha crítica sobre documentos. Cada um deles

diz uma coisa diferente, cada um encara a questão de um modo diverso e se escolhesse um trecho qualquer para argumentar não seria difícil a ninguém achar logo outro que destruísse o meu argumento. Para rematar, sob o ponto de vista ideológico, o que há de realmente grave, realmente fundamental, o que representa o mais terrível sintoma da desgraça a que chegamos é que já se perdeu, no próprio espírito dos dirigentes do Partido, para não falar na sua atividade prática, o próprio senso de classe, a noção elementar de que a sociedade está dividida em classes e de que o proletariado luta contra a burguesia não porque queira intencionalmente, por perversidade inata, por antipatia pessoal pelos patrões, mas porque a isso é levado pelas próprias condições do seu aparecimento histórico e do seu destino, pela estruturação do sistema capitalista, base material da sociedade burguesa. Fala-se abstratamente, não apenas nos documentos propositadamente confusos da Aliança, mas nos manifestos do Partido, em povo, em aspirações nacionais, em Brasil e estrangeiro, em patriotismo e em uma série de outras coisas que não têm nada em comum com a ideologia marxista do proletariado revolucionário. Não sou naturalmente contra o uso da palavra povo, nem contra a sua concepção como força revolucionária. O próprio Lenin a usou, com grande justeza e com grande escândalo do pedantismo pseudo-marxista dos teóricos da II Internacional. Não tenho também a preocupação das formas exteriores, das palavras em geral, dos mitos. Mas a questão, repito, é que de transigência em transigência de uma para outra abdicação de princípio, a noção mesma da existência das classes e do papel histórico de cada uma está perdida para a direção do Partido. Quando porventura se fala em proletariado ou em camponeses ou é por pura demagogia obreirista, ou é por hábito, por inércia ideológica, sem nenhum senso de conteúdo concreto dessas concepções.

Deixemos, entretanto, as questões teóricas, que já estão suficientemente confusas, e passemos à única coisa indiscutível, ao lado mortal da situação - o lado prático. Não pretendo fazer aqui para você uma crítica completa e exaustiva de todos os pontos da situação nacional e da posição do Partido. Deveria talvez fazer isso, ao me atrever a um passo tão audacioso como este. Mas a necessidade de agir com a máxima urgência, o caráter angustioso das questões não me deixam tempo para isso. Vou tocar apenas em alguns pontos que me parecem principais e, se descer a algum detalhe, será apenas para exemplificar, tomando sempre o mais típico, a expressão do mais comum, do que constitua a regra, nunca a exceção. Durante os anos de 1933, 34 e até com um pouco de esforço, começos de 35, a situação do Partido tinha melhorado de um modo extraordinário, no Brasil. Rompendo um pouco com o seu sombrio sectarismo dos anos anteriores, realizando uma severa política de concentração nas grandes empresas, procurando, e muitas vezes conseguindo, colocar-se à frente do movimento crescente das massas proletárias em luta pelas suas reivindicações imediatas, o partido conseguiu sucessos talvez sem precedentes em

toda a sua história. Desenvolveu-se uma onda de greves que, cada vez em maior escala, era dirigida pelos comunistas, as direções sindicais foram sucessivamente caíndo sob sua influência, o seu prestígio cresceu. Pretendo apenas historiar muito rapidamente essa fase. Não pretendo fazer nenhuma crítica fundamental à atividade partidária nesse período. Mas uma ligeira observação é necessária para passar-se à interpretação dos fatos posteriores. Por um lado, aquele sectarismo, embora tivesse diminuído, não foi liquidado por aquela época em medida suficiente. Por outro lado, o velho aventureirismo político, que estava incorporado às piores tradições dos últimos cinco ou seis anos da existência do Partido, tendo cedido por um momento a considerações mais imediatas, retomou à sua antiga preeminência, acabando por cortar, lamentavelmente, as admiráveis perspectivas da situação. As greves eram frequentemente levadas até onde não poderiam ainda render. As massas, que começavam apenas a despertar do longo letargo da última fase do governo de W. Luís e do primeiro período da ditadura, eram chamadas a tarefas muito superiores às suas forças e às suas disposições. O próprio Miranda, secretário-geral do Partido, me informou pessoalmente que, em uma porcentagem esmagadora, as greves dirigidas pelo Partido acabaram derrotadas. Entretanto, as condições gerais, como uma conjuntura econômica cada vez mais propícia eram de boas a excelentes para vitórias sucessivas. Nas eleições ainda se cometeram novos erros sectários e aventureiristas, de supor que a tomada do poder estando próxima, a sua realização não passava de manobra da burguesia para afastar as massas de lutas mais decisivas, o que levou a se recusar, até a última hora, uma frente única insistentemente proposta por outras organizações operárias (Partido Socialista, Socialista Proletário e Trotskistas, aqui no Rio e em São Paulo, coligações de outro caráter em outros lugares, como Pernambuco). Isso nos impediu de termos um ou mais deputados e vereadores. A política aventureirista foi por sua vez enfraquecendo as nossas posições dentro dos sindicatos e afastando os operários.

Mas passemos. Este foi ainda o período melhor, desde que estou no Rio. Os erros cometidos foram erros de detalhe, que podiam ser corrigidos pelos meios normais, através de uma luta criteriosa. Mas entramos no período da ANL. De um modo geral, uma política do gênero ANL me parecia perigosa. Na situação concreta do momento, esse perigo, a meu ver, se tornara menor dadas às boas posições que o Partido ainda mantinha no seio do proletariado, o que lhe permitiria, com uma direção firme e clarividente, ciosa do seu dever de direção de um partido revolucionário do proletariado, libertar-se com poucos arranhões das ameaças que a esperavam, retomando à sua posição clássica e à sua autonomia de ação. A combatividade demonstrada pelo proletariado como classe específica, durante as lutas anteriores, criaram em mim a esperança de que a sua hegemonia, já conquistada em vários pontos e confirmada em algumas circunstâncias concretas, pudesse ser mantida, desenvolvida, assegurada, em suma, nas etapas posteriores do processo

revolucionário. Para isso seria preciso, no entretanto, que se adotasse uma política de classe muito mais clara e mais firme do que se vinha adotando, sobretudo na Aliança. Por esse motivo, cá do meu pequeno canto, e com os pobres meios que me eram facultados, levantei logo, na fração gráfica onde reunia às vezes, a seguinte questão: não estou contra a Aliança em si, como elemento conformador da frente única do proletariado com as demais camadas da população suas aliadas nessa fase do processo revolucionário; estou, porém, contra a maneira porque está sendo conduzida a política aliancista. Não pode haver uma frente única cujo programa exclua uma de suas partes componentes. E o internacionalismo proletário não se conforma com a demagogia pa-trioiteira que está sendo feita, assim como os seus interesses fundamentais de classe se chocam com a maneira pela qual a Aliança encara as diversas questões existentes. Por uma questão de disciplina não poderia ir mais longe. Logo depois, uma intriga miserável impediu o meu imediato recrutamento para o Partido, depois de já estar quase feito e, afastado de qualquer possibilidade de estudo e discussão orgânica dos problemas, fiquei para o lado, cumprindo dentro do sindicato e em outros setores, sem piar, as tarefas que me eram distribuídas.

A Aliança cresceu por um processo típico de gigantismo. Foi realmente um sucesso. Como movimento de agitação foi o maior que já vi no Brasil, com o seu caráter. Mas esse desenvolvimento se deu sem nenhuma cristalização orgânica, sem nenhuma consistência interior, sem nenhuma capacidade de resistir, como os fatos provaram. O Partido, por seu lado, que nunca tinha se visto à frente de um desdobramento tão grandioso da luta de massas, perdeu literalmente a cabeça. Agora é a hora de tomarmos o poder, pensaram os di-rigentes. Uma greve realizada heroicamente pelo proletariado em Petrópolis foi levada até o absurdo, até onde não podia ser levada. Basta enunciar o seu desenvolvimento para verificar-se o que houve nela de monstruoso: essa greve começou como greve política, em sinal de protesto pelo assassinato de um operário feito pelos integralistas durante uma manifestação aliancista tão mal dirigida que teve, aliás, um caráter provocativo; de política se transformou em econômica e acabou miseravelmente nas mãos do Ministério do Trabalho. A razão desse louco aventureirismo, que terminou por nos submeter à humilhação de admitir que os operários fossem frigar os seus ovos, perdidas todas as esperanças, na frigideira do Agamenon, foi a falsa informação chegada ao conhecimento do Partido de que muitos dias depois do momento em que se deveria encerrar a greve ia estalar em São Paulo um movimento integralista pela tomada do poder. De modo que apenas sobre a base de uma simples informação, e falsa, ainda por cima, os operários foram arrastados a uma greve para além das possibilidades existentes. E ainda se pretendia, com apenas o proletariado de uma pequena cidade como Petrópolis em luta, transformar tudo isso em greve revolucionária e responder ao suposto golpe integralista com um contra-golpe. Nesse momento, pelas informações que possuo, sou

levado a considerar com satisfação o movimento do proletariado paulista, sobretudo ferroviário, contra a concentração integralista que era dada como ponto de partida para o golpe imaginado. Felizmente verificou-se que o tal golpe não passava de fantasia e o Partido retirou-se, em Petrópolis, com perdas totais ou quase totais, chegando ao extremo de envolver-se em conflitos como aquele em que o Antunes de Almeida se viu envolvido, para evitar que os operários, cansados, sem esperanças, voltassem ao trabalho.

Da greve de Petrópolis para cá foi o descalabro. Note-se que a esse tempo vinha-se notando uma sensível baixa na onda de greves do período anterior. A de Petrópolis foi, por assim dizer, a última importante e com um intervalo relativamente considerável de separação das outras que tinham formado o grosso do movimento. Mas aí já não houve nada que detivesse a corrida para a morte. Tomando o freio nos dentes, apesar das inúmeras advertências que lhe aconselhavam moderação, a direção do Partido se convenceu que estava a dois passos do poder. Sem um processo de lutas parciais e gerais de massas que a autorizasse a interpretar o proletariado como em condições para a luta decisiva, com um movimento camponês que, apesar das ruidosas proclamações, não passa de incipiente, contando mais com a gritaria dos comícios da Aliança, com o seu ruído e com o indiscutível sucesso popular dos oradores, lançou-se “no caminho da insurreição”. O CC lançou um manifesto inconcebível, chamando todo mundo às armas, no dia 5 de julho. Você, não sei porque informações fantásticas, veio com aquele seu, que acaba na famosa palavra de ordem de “todo o poder à Aliança”, como se já estivéssemos em pleno período de dualidade de poderes e a Aliança, mero aparelho de agitação produtor de discursos, de meetings concorridos e nada, absolutamente nada mais, fosse, como os soviets, um instrumento de luta pelo poder e um embrião de poder. A Confederação Sindical Unitária do Brasil, central sindical que ajudei a formar, pois fiz parte do Secretariado do Comitê Nacional Pró-Unidade Sindical, organização recém aparecida, precisando ainda se fortalecer muito para cumprir as suas tarefas, com uma base apenas aceitável no interior e insuficientíssima aqui no Rio, entra também em delírio e, de comum acordo com a Aliança, lança a palavra de ordem de greve geral. Greve geral no Brasil, o país mais desarticulado do Ocidente, apenas menos desarticulado do que a China e as imensas regiões asiáticas, em uma fase de sensível refluxo do movimento grevista, sem aquela seqüência indispensável de lutas parciais de generalização crescente que representa a escola de treinamento do proletariado para as lutas superiores pelo poder. Contando ninguém acredita. Ninguém acreditará, sobretudo, se contarmos o que aconteceu depois.

Só havia no Brasil um homem frio: o Getúlio. Ele esperou que a coisa chegasse ao ponto necessário. Arranjou, com a sua palavra de ordem de “todo o poder à Aliança”, a justificação jurídica para o golpe que provavelmente desde Petrópolis pretendia desfechar contra a Aliança

e parentela política. No dia 5 de julho experimentou um pouco a força do colosso sem músculos, impedindo seu meeting público, que vinha a ser, na opinião dos dirigentes do Partido, assim como a porta de entrada na insurreição. O meeting já não se realizou e a Aliança mostrou logo a sua fraqueza interna, em contraste com a sua amplitude externa. Dias depois, certo do que fazia, indiferente ao berreiro generalizado, às ameaças, às bravatas, aos juramentos de levar tudo raso, ao incrível otimismo aventureirista que enloqueceu as organizações dirigentes do partido, decretou o fechamento da Aliança. Aí passamos do ridículo ao dramático. Da greve geral, aqui no Rio, nada se moveu. Nem um pio, nem uma carranca. Nem um movimento de mau humor por parte do proletariado. As outras camadas da população não se contam, pois para essas coisas não servem mesmo para nada, não tendo influência fundamental sobre a produção e sobre o aparelho social.

Três ou quatro dias depois, à custa de um esforço desesperado, de uma obstinação heróica e de uma cega disposição de cumprir a palavra de ordem do Partido, só os meus valentes companheiros do sindicato gráfico conseguiram lançar alguns quadros da oficina de obras à greve. Iniciada em tais condições, esta greve estava destinada de antemão à derrota. Os quadros de jornais se recusaram a participar da aventura. Os quadros de obras, que entraram por fidelidade ao sindicato, foram pouco depois forçados a capitular. Mais uma greve que começou política, continuou econômica e acabou entregue por nós aos carinhos do Ministério do Trabalho. O sindicato, que antes era pujante, sofreu imediatamente as conseqüências da loucura, com o refluxo das massas refletido na ausência de pagamento e um lamentável descrédito. A nossa influência, que era grande, ficou reduzida a quase nada, com grande proveito dos trotskistas que, havendo participado da greve, não deixaram de explorar em seu favor as conseqüências do fracasso.

No Rio, foi só. Pelo interior, alguns movimentos espasmódicos, sem direção unificada, sem coordenação, sem objetivo atingível e sem esperanças, queimaram os restos da influência orgânica de massas que o Partido havia conquistado durante o período anterior.

Foi a mais vergonhosa das derrotas. Além da incapacidade de direção demonstrada pelo Partido, que tinha abandonado suas posições características de classe e mergulhado de corpo inteiro na Aliança, vestindo as suas roupas, o proletariado mostrou, com a sua abstenção, a pouca importância que tinha para ele um movimento tão estreitamente pequeno-burguês, nutrido de uma tão deplorável ideologia patrioteira e utópica, como era o movimento aliancista. A essas duas causas principais se deveu a impossibilidade de re-agirmos.

Daí para cá, o silêncio completo, até hoje. Nenhuma manifestação de vida. Logo após fui chamado para a fração da Aliança, encarregado de procurar entendimentos com a minoria

parlamentar e de fazer um trabalho conspirativo com outros elementos, junto ao CL. Aceitei com certa repugnância, levado por dois motivos: por disciplina e por supor que o Partido, apesar de enfraquecido, ainda estivesse em condições de cumprir as suas tarefas específicas de classe, reforçando as posições particulares do proletariado na confusão pequeno-burguesa e popular, lutando pelas suas reivindicações características, assegurando, em suma, o máximo de firmeza nesse setor, de modo a não descambar tudo para o outro lado. Nada disso se verificou. São passados quatro meses e a situação é cada vez pior, com perspectivas ainda piores. Depois de uma madura reflexão, compreendi que não são apenas detalhes, não são apenas aspectos especiais, deficiências secundárias: é a própria linha do Partido, nos seus fundamentos, que está errada. O maior perigo que poderia haver na política aliancista era o desaparecimento do Partido dentro da Aliança. Embora com receios, aceitei a Aliança, concebendo-a como uma frente única de massas dentro da qual os comunistas falassem sempre como tal, como representantes da ideologia específica do proletariado revolucionário, como defensores dos seus interesses e do seu papel histórico de coeiro da burguesia e fundador de uma sociedade socialista. Nunca se fez isso. Não só a Aliança sustentou sempre uma ideologia incompatível com o proletariado, como o próprio Partido assimilou rapidamente essa pobre ideologia aliancista. Miranda justificou isso para nós em uma reunião declarando textualmente que cada comunista tinha que pensar como um aliancista. Note bem: pensar, e já não proceder. Por outras palavras: cada comunista, depois de ter assimilado o marxismo-leninismo, a teoria e a tática do proletariado revolucionário, na época da derrocada do capitalismo, deve retrogradar para a mais confusa e utópica ideologia pequeno burguesa, sem falar nos seus aspectos francamente reacionários, como aquele do nacionalismo abstrato, do patriotismo vulgar. Como tentativa de dar-se um conteúdo revolucionário a esse nacionalismo aliancista falava-se no imperialismo. Nada porém mais insuficiente para o proletariado do que esse antiimperialismo assim encarado. O proletariado não combate o imperialismo nacionalmente como um mito, como uma ameaça externa à pátria, mas internacionalmente, como última etapa do capitalismo. Combate, portanto, essencialmente, o capitalismo e é difícil convencer a um operário que ele deve se deixar explorar tranqüilamente por tal fábrica, porque ela é de capitalistas nacionais, e reagir contra uma tal empresa porque os seus capitais são estrangeiros. Nacionalismo vulgar de bandeiras, hinos e sentimentalismo barato foi o que se viu.

Mas se isso aconteceu no período de legalidade da Aliança, quando o vulto da sua agitação absorvia tudo e dava voltas a todas as cabeças, que pensar na repetição do mesmo fato, da sua continuação no período da ilegalidade? Chega a ser comovedora tanta ingenuidade. O Partido, ilegalíssimo, impotente para forçar a legalidade pela pressão revolucionária das massas, procura

se esconder por trás de outra organização também ilegal, adotando até a sua terminologia, na esperança de conseguir manter um olho para fora, de arranjar a publicação de um manifesto. A polícia é que não se ilude com essa mascarada pueril. Diz logo: isso são manobras dos comunistas. E tem razão: perdido o senso de seus deveres revolucionários, a direção do Partido só sabe agora fazer manobras. E quando, com tantas máscaras, o Partido consegue meter a cabeça para fora, já não mete como comunista, mete como expressão de qualquer ideologia que nada tem em comum com o proletariado.

Os meus entendimentos com a minoria levaram à idéia da Frente Popular. A sua formação, por diversas circunstâncias secundárias, pediu muito tempo. Quando se chegou a cristalizá-la, já tinha desaparecido a sua base política inicial, que era a de uma participação da minoria, da Aliança e do Partido, sobre a base de uma plataforma democrática. O desaparecimento dessa base política decorreu da mudança da relação de forças. Naquele momento pude lançar a minoria em defesa da Aliança, jogada na ilegalidade, porque o João Neves e seus amigos estavam convencidos de que a Aliança representava uma força de que eles poderiam tirar partido. Nós, por nosso lado, pretendíamos tirar partido das possibilidades legais de que eles dispunham. Tanto uns como outros tínhamos, porém, a intenção de largar o companheiro no barro logo que fosse possível. Sobre essa base ia assentar a FP. Mas o desaparecimento, sem choro, da ANL, a sua comprovada impotência, nas semanas e meses seguintes, tornaram a nossa posição tão desfavorável que ninguém mais poderia ter a ingenuidade de negociar comigo como representante de uma organização mítica. Por outro lado, novos reagrupamentos no seio da política burguesa levaram a minoria a procurar e até certo ponto encontrar, uma saída para a direita. Quando os próprios deputados aliancistas, como Otávio da Silveira e Abguar Bastos, já há muito não abrem a boca na Câmara para falar da ANL, como esperar que o João Neves e o seu estado maior de demagogos e reacionários tivessem algum interesse em olhar para nós? Com essa infeliz manobra comprometemos a nossa independência sem o menor proveito. Sendo a única a falar, a minoria arrastou quase todas as vantagens demagógicas da campanha de agitação. E, se não fosse a sua covardia e o seu oportunismo, decorrentes de sua limitação de classe, a nossa linha direitista, que se combina com o aventureirismo prático nos teria colocado, depois de um esforço de tantos anos pela autonomia do proletariado, completamente a reboque desse bloco feudal-burguês da oposição. Isso só não aconteceu, em certa medida pela retirada prematura que a minoria fez das antigas posições "democráticas".

Fazendo um balanço real de tantos desastres, estamos hoje na seguinte situação: a Aliança, impotente para sair do atoleiro ilegal, quase que só existe na imaginação devotada do Sisson. Sustentei desde o começo que ela não tinha condições de sobreviver na ilegalidade. Não me

acreditaram. Os fatos estão aí, ou melhor, a ausência de fatos, porque o pobre gigante não deu mais o menor sinal de vida. Está hoje, por assim dizer, reduzido à ossatura do Partido, que dessa forma deixou de existir como tal para dar vida artificial a um cadáver, transformando-se, por sua vez, em um sonâmbulo. A situação do Partido é da maior desagregação ideológica, política e organizativa. Os seus organismos se dissolvem. Sem razão de existir, porque não lutam como organismos comunistas, nem discutem, nem estudam, não podem ter vitalidade própria. Ainda há células, naturalmente. Mas as das empresas fundamentais vão quase desaparecendo. No resto do Partido, pelo menos na Região do Rio, o que ainda tem atividade, sem falar nos organismos que continuam formados por inércia, mas sem função, está reduzido a pouco mais do que um grupo considerável de militantes que trabalham diretamente controlados pelo BP, cumprindo tarefas particulares, sem nenhuma participação na sua vida orgânica. Faço hoje parte do Birô Nacional Sindical. Na última reunião que tivemos, durante uma intervenção que fiz sobre as nossas deficiências orgânicas, o Brito, dirigente sindical nacional, membro da direção do Partido, me confessou que praticamente não existe trabalho de frações comunistas nos sindicatos do Rio. Se aqui não existem, imagine-se no interior. Greves, não há. Fala-se vagamente em algumas perspectivas. Nas últimas semanas, só uma greve em Santos e um movimento sindical na Bahia, que aliás publicou um manifesto atacando a CSUB, quebraram a monotonia geral. A nossa ascendência sobre o movimento de massas diminuiu de um modo nunca visto. O movimento camponês, apesar de muita bravata que se conta, está em um atraso lamentável. E, segundo é corrente entre os militantes mais informados, o Partido prepara aceleradamente, através da mais incrível conspiração, um golpe militar para dentro de poucas semanas. Das antigas grandezas, só uma coisa positiva resta: a armação militar para o motim. Mas esse motim não terá uma participação nem sequer deficiente das massas. Lembra-se dos seus antigos manifestos? Trata-se de um golpe preparado à revelia das massas, que acabará, queira ou não queira, sendo contra as massas, porque mesmo admitindo que seja vitorioso, o governo saído-dele ou se apoiará sobre a relação concreta de forças, que nos é ultradesfavorável, ou deixará de existir ingloriamente em uma semana, como o de qualquer Marmaduke Grove. Não se trata sequer de um golpe de vanguarda, como aqueles que Lenin tanto condenava ("Não se pode fazer revolução só com a vanguarda; por enquanto temos milhares, precisamos de milhões"). Posso afirmar a você que a maioria esmagadora dos membros do Partido não sabe uma palavra sobre esse golpe e se soubesse o condenaria. Será, pois, um simples motim de quartéis, uma conspirata vulgaríssima, como aquelas que você tanto atacou.

Você quer participar nisso? O seu nome individual é ainda o último vestígio de ligação exterior com o comunismo que há em todo esse movimento. Só com a sua presença no governo,

contra a direção do Partido para todas as piruetas posteriores de imaginárias transformações dessa pseudo-revolução "nacional libertadora" - eu não sei nem se democrático-burguesa, se agrária antiimperialista, se operária e camponesa ou proletária socialista. Vamos apoiar sobre o prestígio e a decisão pessoal de um homem a política de classe da vanguarda revolucionária do proletariado? Isso é o que é "prestígio" na mais triste de suas formas.

Precisamos parar um pouco para pensar. Nunca, como neste momento, foi tão necessário "ver claro, ver alto, ver longe", como dizia há pouco um escritor francês. A minha idéia é a seguinte: o Partido deve realizar imediatamente um congresso nacional, ou, pelo menos, fazer uma conferência na Região do Rio e Regiões mais próximas e mais importantes, para estudar a questão de sua linha, examinar a fundo os problemas atuais, que não estão examinados, e traçar diretrizes claras e fecundas que possam ser cumpridas por todos os seus membros, com a confiança que cada revolucionário deve ter na sua direção e que agora - estou em condições de assegurar positivamente, sob palavra de honra, a você - não existe. Não se pode pedir menos. Há mais de um ano se realizou a última conferência do Partido. Conferência, porque de congresso ele já perdeu até a memória. Durante esse espaço de tempo, não poucas tolices foram cometidas, e, muita, muitíssima coisa aconteceu. É tempo de se proceder a uma análise realmente séria desse terrível estado de coisas. Um dos traços característicos da anarquia orgânica em que se acha o Partido é o completo divórcio entre a direção e a base. Estou informado de que o CR do Rio já não tem faculdades nem para fazer ligações. Muito menos terá para o trabalho político. Em outras palavras, o CR do Rio, sujeito a semelhante regime, virtualmente não existe, pois não há órgão que viva sem função. O BP do CC faz questão de manter esse divórcio para também manter a base na mais completa ignorância sobre os seus verdadeiros intuitos. Qualquer tenente vagamente simpatizante sabe mais dos propósitos do Partido, já não digo do que o operário de base, que qualquer dos velhos militantes excluídos aos poucos da confiança imediata do vértice, daqueles que ele sabe que não farão o que ele quiser. É da mais moderna técnica do Miranda fantasiar a situação nas reuniões em que toma parte. Quando me reunia com ele na fração da Aliança, notei várias vezes que estava mentindo, mentindo a respeito da situação do Partido, da sua influência, da situação das massas, de tudo quanto podia interessar. A sua preocupação era de apresentar sempre um quadro otimista do estado de coisas. E como isso nem sempre é possível, quando não era, ele não se apertava: mentia. E quando um militante mais informado ou menos ingênuo do que umas senhoras elegantes e uns cavalheiros irresponsáveis que ele trazia para ali o chamava depois para um lado e manifestava as suas dúvidas sobre a veracidade dos informes bombásticos ele respondia: "Nós precisamos dizer isso para animar". De modo que "para animar" fazemos uma política de mentiras, apoiada sobre mentiras. Não é um caso isolado. Os informes

exagerados, fantasiosos e francamente falsos, "informes baluarte", como já se chamam na gíria do Partido, estão na moda. A coisa se tornou tão escandalosa que a própria Revista Proletária, o órgão teórico do Partido, se refere a isso no último número. Mas que pensar dessas críticas, quando o exemplo vem de cima? Mentira puxa mentira, e os elementos mais próximos da direção, depositários de sua maior confiança, mentem também do modo mais incrível, como estou acostumado a ver.

Você próprio deve ser vítima desse desgraçado regime. É nesta suposição que mando esta carta. Você está isolado e só recebe provavelmente estes informes mentirosos ou inéptos. Não posso crer que conscientemente você aceite o que se está fazendo e se preste a servir de instrumento desse delírio de auto-sugestão que parece se ter apossado de alguns de nossos camaradas responsáveis. O que pretendo é que você use da sua influência sobre a direção, no sentido de que se realize essa conferência ou congresso, a fim de que seja ouvida a opinião da base do Partido. Proponho isso a você diretamente em carta porque, dada à anarquia organizativa a que já me referi, a mais completa inexistência de uma verdadeira democracia interna e uma ativa vida política das organizações do Partido, não se pode ter muitas esperanças na convocação de uma conferência por vias normais.

Para essa conferência ser fecunda seria entretanto necessário que, à boa maneira clássica, fosse precedida de uma ampla discussão interna, nos órgãos e na imprensa do Partido, de todos os problemas do momento. Seria preciso que os documentos e as opiniões de todo o mundo pudessem circular por todas as células e sofrer exame cuidadoso, sobre a base de um debate continuado de todos os camaradas. As teses que fossem levantadas seriam publicadas e submetidas à crítica de todos. Assim, quando chegássemos à conferência, todos estariam ao par das opiniões existentes e poderiam, em perfeito conhecimento de causa, adotar a posição que lhes parecesse preferível. Para ser útil, a conferência deveria ser precisamente o remate, a culminação de toda essa polêmica, para a qual seriam mobilizados todos os membros do Partido. Penso que você próprio poderia e deveria participar dessa conferência. Não seria muito difícil tomar-se as medidas de precaução necessárias à sua defesa. E só assim você poderia conhecer a realidade da situação.

Pensei muito antes de escrever esta carta. Não ignoro o que ela representa para mim. Passei cinco anos pleiteando, em todos os postos que me foram distribuídos, através de um esforço sem vacilações, dando tudo o que permitiu a minha capacidade e as possibilidades objetivas, a minha inclusão nos quadros do Partido. Esta era a minha maior aspiração. Sabia perfeitamente que entrar para o Partido é um direito que se conquista na luta. Fiz tudo o que

dentro das minhas forças e das circunstâncias foi possível fazer para conquistar esse direito. Ainda há bem poucos meses, quando esperava rematar uma grande campanha vitoriosa no sindicato gráfico, na qual desempenhei papel de vanguarda, com o meu recrutamento, uma intriga vil impediu a inclusão desejada. Muitos camaradas que me conhecem e que sabiam da injustiça de que eu tinha sido vítima ficaram receosos de que eu desanimasse e vieram falar comigo. Respondi-lhes que não era comunista para entrar para o Partido, mas que queria entrar para o Partido porque era comunista. Não me afastei um só instante do meu posto e, ao contrário, pude desempenhar nessa mesma ocasião tarefas de maior responsabilidade. Hoje, depois de uma longa curva, em que os fatos se encarregaram de demonstrar a minha decisão revolucionária, sou membro do Partido. Por este lado estou satisfeito. Pertencço à fração da central sindical que ajudei a fundar. Esta fração é, ao mesmo tempo, o Birô Nacional Sindical. Não há nada contra mim. Ao menos do ponto de vista orgânico, sob o ponto de vista formal. Se fosse vaidoso poderia me considerar um dirigente sindical nacional.

Pessoalmente não teria o menor motivo para dar esse passo. Sei que ele poderá determinar a minha expulsão e uma campanha de insultos. Sei que a minha condição de intelectual, o meu recrutamento recente, as calúnias anteriores lançadas contra mim, as reservas que existiram durante anos em torno dos elementos considerados "prestistas" facilitam qualquer ação dos dirigentes partidários em resposta a essas minhas críticas. Com os métodos em voga, sem uma discussão de base, sem um processo verdadeiramente político de seleção de elementos, sei que não se terá a menor dificuldade em me eliminar dos quadros em que conquistei duramente o meu lugar, à custa de uma obstinação que durou anos e de uma convicção que durará a vida inteira. Sei de tudo isso. Mas nesse momento decisivo para a sorte da revolução no Brasil digo, como Lenin, que é preferível ser um contra cento e dez, como Leibknecht, do que calar em uma situação tão grave.

Às vésperas do fracasso da Aliança, quando estava para ser lançado o famoso manifesto chamando o povo às armas, pensei em escrever a você advertindo-o do perigo. Não o fiz porque, estando ainda fora das fileiras do Partido, em consequência daquela intriga, tive receio de que a minha atitude fosse interpretada como produto de um despeito pessoal. Depois disso, chamado para o trabalho junto à minoria, voltei a pleitear minha inclusão. A pedido do Miranda, mandei ao BP uma carta política em que fazia algumas concessões. Tive a esperança de que, com a rude lição recebida naquele tremendo fracasso, a direção corrigisse a linha do Partido e quis colaborar com o meu esforço no sentido do nosso reerguimento. Os quatro meses que passaram me convenceram do contrário. Na primeira reunião que tive com o Miranda critiquei abertamente a palavra de ordem de "todo o poder à Aliança". Ele reconheceu que esse erro tinha sido produto

de uma série de erros aventureiristas anteriores e me declarou que dali em diante tudo isso seria corrigido. Até hoje ainda se mantém a palavra de ordem de todo o poder a uma organização que virtualmente não existe e não está absolutamente em condições de encabeçar coisa alguma no Brasil. Já não posso mais ficar em silêncio. Hoje não se alegrará que essa minha atitude é produto de um despeito pessoal ou de qualquer outro motivo que não esteja aqui contido.

Não sei nem nunca procurei saber onde você está. Não sei se é difícil falar com você. Mas se, por carta, você considerar justo um entendimento comigo, mande me chamar. Irei imediatamente. A carta é longa, reconheço. É possível que eu tenha sido excessivamente prolixo. Mas para mim era impossível resumir a situação em um documento menor. Apesar disso, muitas coisas só em conversa pessoal poderão ser ditas, discutidas e provadas. É possível também que em um detalhe ou outro a narrativa que aqui faço tenha algumas imprecisões e até algumas incorreções. Isso é natural, pois não estou na direção do Partido, não estou presente a todos os fatos e sou forçado, em muitos deles, a me basear em informações. Mas o que posso assegurar rigorosamente a você é que na essência, no que possa haver de fundamental e de geral, é inteiramente verdadeiro o que aqui digo. Posso afirmar ainda que esta não é apenas a minha opinião individual. Com algumas diferenças, resultantes, naturalmente, da falta de discussão coletiva em todos os órgãos do Partido, assim pensa uma grande parte, talvez a maioria dos elementos mais conscientes e responsáveis da base e dos quadros médios, pelo menos aqui no Rio e parece que em São Paulo. A conferência que proponho, organizada sobre a base de uma ampla discussão prévia, da qual surgissem, por sua vez, como delegados da confiança das organizações de base, os militantes que deveriam tomar parte nela, esclareceria todas essas questões.

Pense bem na sua responsabilidade. Dirijo a você e a sua honra de revolucionário um apelo veemente. Se precisar de mim para maiores esclarecimentos, mande me chamar. Mas rogo-lhe que, na pior das hipóteses, mesmo que não esteja disposto a ouvir-me, avise se recebeu esta carta. Desejo saber, pelo menos, se ela chegou às suas mãos. Se não receber nenhum aviso do seu próprio punho, concluirei que a carta não chegou e procederei partindo desta conclusão.

Um abraço do velho amigo e camarada

Barreto

(TSN, Processo nº 1, apreensão à rua Barão da Torre)

# 31

## APOIEMOS COM TODAS AS NOSSAS FORÇAS O MOVIMENTO LIBERTADOR DO NORDESTE!

Aproxima-se vertiginosamente a queda do governo traidor do movimento popular de 30!

O heróico povo nordestino, aliado ao glorioso Exército Brasileiro, cansado de tanta exploração e opressão, de armas na mão, dando o próprio sangue, está cumprindo o desejo unânime do povo brasileiro: derrubar o infame governo de Getúlio e sua camarilha assassina.

Todas as palavras de "despistamento" que tem sido seu programa já estão por demais conhecidas. Todos os vícios da "república velha" estão sendo praticados com o maior descaramento. O Brasil, a nacionalidade brasileira está sendo retalhada por todos os senhores feudais, pelos industriais, pelos banqueiros nacionais e estrangeiros. A tão propalada remodelação da Constituição, que não permitiria o abuso dos caciques regionais, não passa de uma grande mentira. Até agora não se fez nenhuma eleição para governador que não houvesse imensas fraudes e compressões. Nenhum governador chegou ao poder senão por meio da força e do arbítrio.

O governo central, vendido aos imperialistas estrangeiros, é o principal fomentador dos dissídios. O ministro da "Justiça", Vicente Rao, instrumento da "camorra paulista", intervém ostensivamente na eleição de Protógenes Guimarães.<sup>1</sup> Flores da Cunha, que chefia outro grupo que se diz "defensor" da autonomia do Estado do Rio, rompe com Getúlio, desequilibra a balança da política reacionária que leva o Brasil à mais negra escravidão econômica e política. Sob a proteção descarada de Getúlio e seus asseclas, o integralismo serve de guarda avançada da reação, oferecendo o Plínio Tômbola<sup>2</sup> "cem mil" homens para esmagar o povo nordestino!

Frente a tantos desmandos e tal situação insuportável, se levanta enérgico o combativo e valoroso povo nordestino, secundado gloriosamente pelo povo carioca, à frente das guarnições

---

1. Eleito governador do Rio de Janeiro.

2. Como foi chamado Plínio Salgado, chefe integralista, depois de um golpe em tômbola que promoveu.

do Exército Brasileiro, dirigido pelo bravo libertador CAPITÃO AGILDO BARATA <sup>3</sup>, e com ele todos os operários, camponeses, estudantes e todo o povo brasileiro que não está mais disposto a ser escravo dos exploradores nacionais vendidos aos imperialistas estrangeiros.

A censura telegráfica procura impedir que se possa avaliar toda a extensão do movimento libertador do NORTE e do CENTRO do Brasil!

Getúlio Vargas pretende em vão sufocar este grandioso movimento popular libertador, mobilizando seus lugares-tenentes, armando-os com todos os requisitos modernos de guerra, mandando bombardear cidades indefesas, mandando assassinar à metralha os próprios brasileiros traídos por ele!

**POVO EXPLORADO E OPRIMIDO DO RIO GRANDE DO SUL! SOLDADOS E OFICIAIS DO EXÉRCITO BRASILEIRO E DA BRIGADA MILITAR!**

Nós, que em 30 formamos uma legião invencível, desfraldando a bandeira rubra da liberdade, nós que marchamos como um só homem contra o governo tirano de Washington Luís, recusemo-nos a servir de assassinos de nossos irmãos igualmente explorados e oprimidos como nós!

Formemos em todos os nossos lares, em todos os lugares de trabalho, nas escolas, nos quartéis, em toda parte, comitês para auxiliar a vitória de nossos irmãos. A vitória deles é a nossa própria vitória!

Continuemos cada vez mais firmes e unidos! Reajamos energicamente contra o terror espalhado pela polícia a serviço dos Getúlios e Flores, que se unem para esmagar a luta do povo brasileiro!

Lutemos corajosamente, como o fazem os nordestinos, contra os traidores do povo brasileiro, organizando a mais decisiva resistência, liquidando o derrotismo e o desânimo que pretende espalhar Flores da Cunha no Rio Grande do Sul, vanguardeiro de todos os movimentos libertadores.

Organizemos desde já grupos de SOLDADOS DE PRESTES, fortes NÚCLEOS DA ALIANÇA NACIONAL LIBERTADORA, sob cuja bandeira o Brasil inteiro luta para libertar-se do jugo dos brasileiros vendidos aos imperialistas estrangeiros.

---

3. Um dos oficiais que levantou o 3º Regimento de Infantaria no Rio de Janeiro, na madrugada de 27 de novembro de 1935.

Imitemos, trabalhadores, peões das estâncias, camponeses, estudantes, intelectuais, heróico povo gaúcho, o gesto libertador de nossos irmãos do Norte e do Centro!

É chegada a hora de nossa libertação! Não vacilemos! Para a frente!

TODO O PODER À ALIANÇA NACIONAL LIBERTADORA, COM LUÍS CARLOS PRESTES  
À FRENTE!

TUDO PELO GOVERNO POPULAR NACIONAL REVOLUCIONÁRIO!

VIVA A REVOLUÇÃO NACIONAL LIBERTADORA!

Porto Alegre, 27-11-35

COMITÊ REGIONAL DO P. COMUNISTA DO BRASIL  
REGIÃO DO RIO GRANDE DO SUL

LEIA E PASSE ADIANTE

(Panfleto de 27 de novembro de 1935. TSN, Processo nº 74)

# 32

## POVO BRASILEIRO!

Getúlio faltou a cada uma de suas belas promessas, feitas quando candidato da Aliança Liberal. A sua política de despistamento, de mentira e de corrupção está lançando o país na mais negra miséria, no desassossego e no caos da guerra de irmãos contra irmãos!

A serviço dos piores inimigos da Pátria, ele vem cinicamente atentando contra a autonomia dos estados.

De mãos dadas com Vicente Rao - chefe da camorra paulista - Getúlio procura retirar as últimas liberdades que restam ao povo brasileiro e que foram conquistadas com tamanhos sacrifícios pelos nossos antepassados. Getúlio chega ao crime hediondo de lesa-pátria e procura fazer a substituição do nosso glorioso Exército Nacional pelas milícias integralistas e polícias especiais!

### POVO BRASILEIRO!

Em protesto contra esses crimes e contra a afronta aos nossos sentimentos democráticos, ora vilipendiados pela caravana de Plínio Tômbola, contra a opressão e a escravidão mais feroz - contra a exploração a mais desmedida - é que o valente povo do Nordeste e as forças armadas, confraternizadas, levantaram-se em armas.

Getúlio, com o estado de sítio, quer afogar em sangue, como fez em Recife em 1931 e em 1932 em São Paulo, e em outras ocasiões, e assim terminar a luta heróica desses nossos irmãos nordestinos. E depois, se voltar contra todos os patriotas que não apóiam seu governo de traição.

Enganam-se Getúlio e sua camorra. Soa a hora da libertação do nosso querido Brasil!

O sonho longamente afagado pelo povo brasileiro é uma realidade!

Chegou o CAVALEIRO DA ESPERANÇA!

Soa a hora da libertação nacional do jugo imperialista!

Todos os brasileiros estão hoje unidos em torno de seu grande e querido chefe - LUÍS

CARLOS PRESTES!

As nossas gloriosas forças armadas não irão obedecer ao governo podre de traição nacional que representa Getúlio, Rao & Cia.

E fraternizando com o povo, enxotarão esses vendilhões da pátria, inaugurando um Governo Democrático, o Governo Popular Nacional Revolucionário, com Prestes na sua chefia.

A Aliança Nacional Libertadora concita a todos os seus afiliados, a todos os revolucionários sinceros, a todos os que querem derrubar o governo podre de Getúlio e o domínio imperialista sobre o Brasil a ocuparem seus postos de vanguarda - COMO SOLDADOS DE PRESTES, SOLDADOS DA PÁTRIA!

Ao lado da camorra de Getúlio ficarão somente os "nauseabundos", inimigos do Brasil!

Abaixo o governo de traição nacional de Getúlio Vargas!

Viva o povo brasileiro! Viva a Revolução Nacional Libertadora!

Vivam as nossas gloriosas forças armadas! Viva Luís Carlos Prestes!

Todo o poder à ALIANÇA NACIONAL LIBERTADORA!

Diretório Nacional da ANL

(Panfleto distribuído em nome da ANL, em 27 de novembro de 1935. TSN, Processo. nº 66)

# 33

## AO POVO!

O governo traidor de Getúlio Vargas pretende afogar em sangue o heróico movimento de toda a população do Nordeste contra a reação, o fascismo e o imperialismo.

Os soldados do Exército, depois de confraternizarem com os grevistas da Great Western, tiveram que tomar as armas para responder às medidas reacionárias de um governo de traição nacional. Não temos mais o direito de continuar passivos frente aos arrancos de um governo podre e já em decomposição.

O povo brasileiro levanta-se em todo o país, disposto a defender o seu novo governo - o GOVERNO POPULAR NACIONAL que hoje se implanta.

É em nome desse novo poder popular que faço este apelo a todo o país: - **TODOS ÀS ARMAS.**

São traidores e precisam ser imediatamente presos todos os que atirarem contra o povo.

O GOVERNO POPULAR significa a libertação nacional do Brasil e só poderá viver com o apoio decidido e heróico de todos os brasileiros.

Viva a Revolução Libertadora!

Viva o Brasil independente!

Viva o GOVERNO POPULAR NACIONAL REVOLUCIONÁRIO!

Luís Carlos Prestes

(Panfleto de Prestes, distribuído em 27 de novembro de 1935. TSN, Processo nº 1)

# 34

## CARTA DE ADALBERTO (MIRANDA) PARA NEGRO (HARRY BERGER) E ÍNDIO (RODOLFO GHIOLDI)

Negro e Índio. As coisas estão duras mas melhorando. ANL vai melhor, demos uma reunião boa que rendeu muito. Formamos a Frente Única pelas liberdades democráticas e pela legalidade e reabertura da ANL com elementos declaradamente aliancistas, 2 deputados aliancistas, uns 8 deputados da minoria (que depende de apoio de Pedro Ernesto e de parte do Autonomista para dar base de massa aqui no distrito para esta parte chamada a "esquerda" da minoria), dirigentes de sindicatos e associações aderentes à ANL e outros elementos que vamos colher, e vamos convocar comícios públicos onde vão falar muitos oradores, inclusive João Neves e J. Mangabeira, e serão convocados pela F.U. e pelos elementos da minoria. O manifesto está pronto e não saiu hoje em *A Manhã* por falta de espaço e assim como diversas notas e avisos da ANL vamos imprimir o manifesto; temos uma direção restrita funcionando Nacional e Municipal, ligação com todos os núcleos municipais aqui do Distrito Federal. Formamos uma comissão de finanças e outra de publicidade, temos dado reuniões e domingo daremos uma boa reunião com uns quinze elementos que estão se preparando. *A Manhã* e *A Plateia*<sup>1</sup> estão saindo regularmente sem novidade e somente pressão da polícia continua e censura ilegal absurda da polícia, que estamos contornando com jeito. As medidas administrativas com *A Manhã* estão quase concluídas e arranjam um sócio que entra com capitais. Tiramos uma circular política, uma de organização, uma sindical e outra sobre novas diretivas para as eleições para todo o Partido, e mandamos mais um portador para S. Paulo. Em Recife grandes desastres, Caetano caiu. Tiramos um manifesto do CC sobre a sua liberdade, estamos escrevendo para Recife sobre esse assunto e estamos

---

1. *A Plateia* - Jornal simpatizante da ANL que circulava em São Paulo.

mobilizando os padeiros aqui para protestar contra a sua prisão. Vamos tomar mais medidas para reforçar Recife, hoje ou amanhã. Propomos que Tampinha desça de Fortaleza para Recife e mandaremos mais um outro além dos dois que partem para lá. Como vocês vêem, estamos sofrendo alguns revezes, para estarmos na estacada lutando com leões, rompendo com o direitismo no trabalho sindical e com vacilações. Damos uma reunião urgente do B.P., sábado, com todo o ativo nacional sindical e mais o representante de São Paulo e vai haver pau duro, autocrítica e modificações, na sexta-feira conversaremos e a coisa vai ser dura de roer pelos direitistas. Tchau. Adalberto.

(TSN, 03 de dezembro de 1935. Processo de apreensão à rua Paul Redfern, vol 4°, pg. 137)

# 35

## CARTA DE CARLOS (MAJOR CARLOS COSTA LEITE) 12/12/35

Amigos: Desde 2/12 escrevi uma carta circunstanciada via Rodolfo<sup>1</sup>, em [ilegível] viagem [ilegível] claramente e imagino sonogada. Outra mais ligeira, via Ernestino.<sup>2</sup> Receberam? Vinha trabalhando ritmamente muito. Bagé. Setor político e setor massa. Para compensar ritmo lento elementos militares. Após chegada Elias<sup>3</sup>, impedido deslocar-se Bagé dirigi circulares guarnições pedindo acelerar ritmo devido proximidade acontecimentos, bem como informações anteriormente solicitadas. Nada! Último bilhete Ismar<sup>4</sup> datado de 20 falava necessidade estar a fins de Nov. mas que Maria<sup>5</sup> me escreveria. Só então soube Cabra velho<sup>6</sup> portador encomenda.

Surpreendido acontecimentos Norte, via oficial. Má impressão geral, devido exploração governo caráter extremado movimento. Geral retraimento. Prontidão rigorosa tropas. Flores mobilização 20.000 todo Estado: deslocando Bagé 500 em 2 horas; 10 horas depois já havia 200! Boato insistente minha prisão. Elementos massa desarmados me procuraram. Após ampla remessa hino e programa gov. pop. nac. rev. Estado, fizemos grande distribuição a domicílio em Bagé. Reacionários clero e integralistas há muito vinham nos denunciando ao Gal. Pargas, em Porto Alegre. Início censura telegráfica. Promessa censura postal.

Preparação ideológica arrasada todo Estado. ANL durou um mês Porto Alegre. Em Bagé, instalou-se mesmo dia encerramento. Maior parte Estado não surgiu. Propaganda começara com

- 
1. Membro ou simpatizante do PCB não identificado.
  2. Idem.
  3. Idem.
  4. Ilvo Meirelles - Membro do PCB.
  5. Membro ou simpatizante do PCB não identificado.
  6. Idem.

chegada *Manhã*, grande aceitação. Apenas organizara núcs.,<sup>7</sup> esboçara noutros pontos, comitês ANL e comitês militares. Neste meio, receio geral caráter extremista, afora dúvidas atuação Prestes.

Pleito municipal absorvendo atenção meio mundo. Muitos simpatizantes nossos comprometidos eleição influência "amizades", tradição política local mais interessados apuração eleitoral (eleições dia 17) que desenrolar acontecimentos Norte. Uma semana antes já não vinha *Manhã*, último número dia 18!

Nestas condições, considerando:

1. Movimento me parecia precipitação Norte impossível evitar; inúmeros elementos Rio e outros pontos do país não se haviam manifestado, exceto Rio 3º e Aviação; deveriam chegar portador, novas instruções ou carta Maria;

2. Só poderia realizar no momento ação Bagé, Grupo Art.<sup>8</sup> contra 12 R.Cav. (150 x 450 hns), problemática repercussão Porto Alegre;

3. Esperava, cada momento, chegada bons elementos Bagé e Livramento, anunciados Rio;

4. Resolvo enviar nova circular guarnições, informando presença Prestes Brasil orientando movimento, recomendando espera novas instruções, daí por diante, por portador.

5. A 2, chega emissário Porto Alegre declarando situação inalterada desde minha estada aí (isto é, sem conseguir penetração - perigosa! - Brigada Militar) assim mesmo dispostos tentativa secundar Bagé. Respondo mesmos termos circular nº 7.

6. Sabia-me ameaçado de prisão. Inteiramente só (Desabituaado). Companheiros militares proibidos sair quartel. Tensão nervosa aumentando. Esforcei-me evitar precipitação imputável desespero. Tanto mais quanto esperava poder furta-me prisão, devido certo respeito minha posição comandante e atitude vinha mantendo perante autoridades.

7. Manhã 30, um "coronel Ambiré" comandante Brigada Cavalaria me procura hotel fim depor Sr. general, últimos acontecimentos no país.

8. Interrogado propaganda, reuniões, distr. mat. extremista, contestei. Se fizera há tempo, perante tropa, discurso extremista, afirmei discurso, mas declarando-o essencialmente patriótico e nacionalista, fazendo votos sem aprendizado não se empregasse campanha ingloria contra povos irmãos, mas lado destes, contra inimigo comum imperialista, campanha libertação nacional.

---

7. Núcleos.

8. Artilharia.

9. Indo presença general, após demorada palestra acerca movimento, diz-me ordens P. Alegre minha prisão. Conservo serenidade. Apresenta-me Comt. Reg. Cav. onde iria ficar. Permite afinal, antes que pedisse, fosse almoçar hotel, preparar bagagem etc recolher-me depois.

10. Meia hora depois deixava hotel, rumo estância meio caminho da fronteira, onde aguardei correspondência devia chegar aéreo nesse dia. Infelizmente, nada. Madrugada prossigo viagem auto, resolvido retomar contato centro, impossível dali, devido absoluta censura, esperado desencadeamento reação consequentefracasso militar mov.

11. Intermédio n/ amigos aqui estive "Martinez"<sup>9</sup>, me informou ocorrido Brasil, aprovando meu procedimento vinda, recomendando-me escrever Rio. Entendimento entre companheiro, combinamos divulgação verdadeiro sentido mov. brasileiro etc.

12. Simpatizante Bagé me acompanhou até aqui, informa regresso impossível voltar Bagé devido ameaça prisão. Numerosas prisões Bagé, embora curta duração.

13. Entre os presos, Renato.<sup>10</sup> Conversamos ligeiramente momentos antes e anunciei-lhe s/ prisão. Se permanecer Bagé ainda bem. Mas acho que não, porque comprometido propaganda aberta fazia meios políticos burgueses e pequeno-burgueses. Acho-o "cansado". Inutilmente esforcei-me organizá-los. Preguiçoso confesso e risonho. Sem aptidão ação legal. Agora talvez mude, sob pressão acontecimentos.

14. Minha carta interm. Rod.<sup>11</sup> perguntava onde ir? Rio Grande (importante), Rio (importante, embora difícil); São Paulo, Mato Grosso, Norte?guardo instruções.

15. Preciso informações; nova orientação; verdade denúncia P. Ernesto? (monstruoso! mas possível...); verdade situação Silo; se no Rio quem o procurou; a situação meu pessoal, companheira e filhos; extensão medidas reação Rio e estados (prisões, demissões etc.); nomes oficiais 3º, Aviação e Norte se salientaram movimento; onde estão Barata, Agliberto,<sup>12</sup> Sócrates.<sup>13</sup> Preciso dados, nascimento etc Barata, a fim escrever sobre ele.

16. Tenho recursos passar 3 meses; estou adquirindo e enviando material Brasil edit. Monte<sup>14</sup> e B. Aires. Remeto mat. Brasil (em português que farei entrar Sul). Procuo obter mais recursos

---

9. Não identificado

10. Não identificado.

11. Idem.

12. Agliberto Vieira de Azevedo - Capitão da Aeronáutica, um dos membros do PCB que iniciou o levante de 27 de novembro de 1935 na Escola de Aviação Militar.

13. Sócrates Gonçalves da Silva - idem.

14. Montevidéo.

velhos amigos daqui. Eventualmente, P. Alegre ou Uruguaiana.

17. Necessárias novas instruções *A Hora* perante nova situação.

18. Consulto vantagem escrever assinado respeito minha situação política, meu caso escola, ou somente como correspondente anônimo acerca acontecimentos revolucionários, restabelecendo a verdade. Saud. anti. Carlos

P.S. Aproveitem todos os navios Loyd e outros, quaisquer viajantes, único meio seguro comunicações. Devem procurar aqui n/ amigos: senha (daí) - "Quisse" c/ senha (daqui) - "Moreira"

C.

(TSN, Processo Belens Porto)

# 36

## A LUTA ARMADA NO RECIFE E NO RIO

### A LUTA ARMADA NO RECIFE

Pelos informes recebidos, a luta armada no Recife estalou mais ou menos 24 horas depois da insurreição de Natal. O foco principal da insurreição de Recife foi a Vila Floriano, sede do 29 BC. A luta armada teve início num dia de domingo, sendo seguida da greve geral na capital do Estado. A sede do Comitê Revolucionário foi em Jaboatão, no Sindicato dos Ferroviários da Great Western, onde foi hasteada a bandeira da revolução. Aqui também, a falta de uma boa direção, político-militar, foi a causa dos mais grosseiros erros. Na Vila Floriano, os armamentos estiveram praticamente guardados pelos contra-revolucionários do 29 BC, com os quais se agiu com repugnante sentimentalismo, enquanto o povo reclamava armas para formar as unidades armadas popular-revolucionárias. O principal foco da resistência inimiga foi a Brigada Militar, coadjuvada por integralistas e mais tarde pelas forças volantes de Manuel Neto, que acorreram aos arredores de Recife. A participação dos elementos populares foi considerável. Aqui também todos os erros cometidos culminaram nas vacilações, desde o começo, dos principais dirigentes (conversa de Mendes com Muniz<sup>1</sup> etc.) e por fim numa desordenada retirada das forças insurretas, feito de tal ordem que o seu "alto comando" foi o primeiro a ser capturado pelo inimigo (prisão de Mendes e Valfrido<sup>2</sup>).

### A LUTA ARMADA NO RIO

As forças nacional revolucionárias do Rio, ante a precipitação da luta em Natal e Recife, tiveram que optar pela única forma imediata de ação no momento, que seria a de, em menos de 30 horas, desencadear a insurreição com o objetivo de suplantar e derrotar as forças governistas e impor sua dominação no Rio e Estado do Rio (Niterói, principalmente). Os primeiros combates

1. Muniz Farias.
2. Não identificado.

da insurreição começaram na Escola de Aviação e no 3º RI, e dada a resistência das forças governistas aí ficaram circunscritos. A insurreição do Rio foi também desencadeada nas piores e mais difíceis condições: não jogou com o elemento "surpresa"; o inimigo não só estava bem alertado com os acontecimentos do Nordeste, como, pelo que se apura agora no Rio, já estava a espera da sublevação em muitas unidades.

Devido às medidas adotadas pelo governo, as forças de outras unidades não puderam cumprir suas missões, ficando na arena do combate insurrecional apenas os lutadores da Aviação e do 3º RI.

O proletariado começou, muito debilmente a princípio, a entrar em luta por suas reivindicações, no dia 27, o que objetivamente significava levantar-se em apoio à insurreição. Mas os movimentos grevistas, por sua vez, ficaram restritos a 3 navios ancorados no porto e às fábricas de tecido Deodoro, Confiança Industrial e São Luís Durão. Tudo indica que se a luta se prolongasse por mais 24 horas, a decisão do proletariado e da população em geral seria mais vigorosa.

Houve agitações populares em alguns bairros, no dia 27, das quais temos conhecimento, como a de Honório Gurgel, onde era enorme a efervescência popular.

Também aqui as debilidades da ação insurrecional concorreram grandemente para que as forças inimigas pudessem manobrar livremente. Numerosos grupos de combate não entraram em ação. Muitos chegavam a seus objetivos (como o da Central, do rádio, Detenç. etc.) e apesar de seu aparelhamento para a luta, não atacaram com vigor os pontos que lhes foram destacados.

O sistema de ligações das forças insurrecionais foi também extremamente débil, pois unidades decisivas, como CAP. Pico, Marinha etc ficaram praticamente desligadas e ainda às 12 horas de 27 se procurava meio de comunicação com esses pontos.

PS. Dada à premência de tempo e às ordens de mudança de ontem à noite e parte da manhã de hoje, minha contribuição "sofável" a seu informe fica por aqui. Os decretos, conforme disse ontem, só mandando copiar do original enviado ao aparelho.

(TSN, Processo nº 1, apreensão à rua Paul Redfern)

# 37

## UM GOVERNO DO POVO, NA ORIENTAÇÃO LIBERTADORA DO BRASIL

Os acontecimentos de Natal e seu verdadeiro significado

O Nordeste escreveu uma legenda de glória no pórtico da insurreição nacional libertadora. Se o tempo não gasta os marcos do heroísmo, se na memória dos homens não se apaga um alto exemplo de honestidade e sabedoria políticas, há de perdurar para sempre, na tradição das massas insubmissas, o de lembramento daqueles feitos que ampliaram os horizontes da pátria, redoirando-os numa apoteose de aurora tropical.

Os acontecimentos históricos do Rio Grande do Norte, de Pernambuco e do Rio, com a repercussão que ainda estão obtendo por todos os recantos do país e no estrangeiro, não foram um relâmpago de longínqua tempestade, fulguração de um instante, logo afogada pela noite da tirania. Não. O Governo Popular de Natal continua a fazer vibrar a retentiva dos brasileiros. O formidável revérbero derramou-se por todo o Brasil a anunciar, lá do ponto mais oriental do continente, o levante de um sol que enfim nasce para todos e nada poderá deter em sua marcha ascensional, varrendo os miasmas do passado, purificador e fecundante na promessa do calor, da luz e da potencialidade do meio dia.

Bem que a reação não se ilude e vomita por todas as bocas nauseabundas torpezas do seu velho e desmoralizado repertório de imundices. Como sempre, tenta caluniar a revolução, luta por desvanecer a esperança das multidões, difama os soldados libertadores, injuria seus chefes mais queridos, destila mentiras tão descabeladas, tão cínicas, que o tom patético de suas histórias abacadabrantes se converte, aos ouvidos do povo, na música de um realejo impertinente, sim, mas não raro hilariante.

Vencendo a onda de misérias que só as penas reacionárias são capazes de escrever,

desmoralizando o regime de compressão imposto pela censura à imprensa, ao rádio, a todos os meios de divulgação, a verdade triunfa! E é através do noticiário mesmo dos órgãos palacianos e até das mais repulsivas cloacas mantidas pelo imperialismo que a nação conhece alguns pormenores dos sucessos de novembro. São manifestos do governo libertador, por onde perpassa, na eloquência sem artifícios, na beleza e na sonoridade das proposições, esse eterno e inimitável perfume de que se impregnam as falas e os hinos inspirados no fragor das lutas populares. São os decretos, que emprestam, desde logo, um novo e mais elevado sentido à existência humana. É o espírito da verdadeira ordem, assentando no propósito do bem-estar coletivo e não na imposição de privilégios e malsãos interesses. A preocupação e o respeito à mulher, o carinho e o devotamento à criança, a defesa, enfim, dos lares do povo, até agora expostos, nessa situação de pobreza e insegurança, a todos os riscos.

Se o governo "regenerador" do Sr, Getúlio Vargas, num de seus primeiros atos, foi o milhafre abatido sobre a desgraça econômica do funcionalismo, o governo popular de Natal, ao contrário, aumentou imediatamente o ordenado dos servidores do Estado e a um funcionário postal entregou a mais importante pasta, a da Fazenda. Se o "salvador" de 1930 só queria ludibriar os trabalhadores com a farsa ministerialista, ao par da mais infame repressão policial, o governo do povo na terra Potiguar tornou efetivas as garantias do proletariado, chamando representantes seus a participar do governo e confiando-lhes armas para a comum defesa. Se o grito de incompetência administrativa era, há cinco anos, o "cortemos na própria carne", para justificar maiores sangrias tributárias, o que primeiro fez o governo popular foi reduzir os impostos, tabelar os gêneros de primeira necessidade, não só no varejo mas no comércio em grosso, acautelando a um tempo os interesses do consumidor e do negociante. Se essa tragicomédia de há cinco anos acabou reduzindo os militares a fantoches sem diretivas nem regalias, na mão feroz da politicalha e seus instrumentos, os "gravatas de couro", o que criou o governo de Natal foi a obra de incorporação definitiva e sem restrições do soldado à democracia brasileira, firmando-lhes iguais direitos políticos e civis, oferecendo garantias nos postos, estendendo-lhe o amparo de toda a legislação que beneficiasse o civil, inclusive a aposentadoria, a pensão e para as praças de pré o salário-mínimo. Enquanto o Sr, Getúlio Vargas falta despudoradamente à promessa de candidato - "a terra para os que nela trabalham" - o governo democrático de Natal começou por decretar a distribuição dos latifúndios onde foram adotados os métodos de exploração feudal. Ao passo que o governo de traição nacional arrancou a última gota de nossas energias para pagar dívidas já pagas, sujeitando nossa escrita à devassa da Missão Niemeyer e entregou o Banco do Brasil e o câmbio ao controle da onzena estrangeira, o governo libertador decretou a suspensão do pagamento até o devido exame das contas e se propôs à revisão dos contratos leoninos extorquidos

por empresas imperialistas.

O povo de todo o Brasil não se engana mais ante esse paralelo. O povo compreende porque a grita da corja reacionária contra o suposto "extremismo" da insurreição iniciada. Então, odiando cada vez mais os opressores e mistificadores, guarda no coração o exemplo imorredouro dos bravos de Novembro, sente nas suas entranhas o calor de uma esperança - O GOVERNO POPULAR NACIONAL REVOLUCIONÁRIO em todo o Brasil, com LUÍS CARLOS PRESTES à frente.

(Documento de dezembro de 1935, sobre os acontecimentos de Natal. TSN, Processo nº 1, apreensão à rua Paulo de Frontin)

# 38

## COMEÇOU A REVOLUÇÃO

O movimento nacional libertador no Brasil entrou no caminho da luta aberta. O levante de massas populares e de soldados em Pernambuco e no Rio Grande do Norte, a insurreição de uma parte do Exército no Rio de Janeiro dão início à grande luta armada de todo o povo brasileiro pela sua libertação nacional do jugo do imperialismo e seus lacaios. O insucesso imediato, desta vez, dos levantes revolucionários não significa o fim da luta revolucionária. Pelo contrário, este insucesso momentâneo exige de nós a continuação de uma preparação ainda mais decidida para a luta revolucionária, a liquidação de todas as fraquezas e insuficiências, a ampliação da frente popular, dela expulsando ao mesmo tempo os elementos traidores, reforçamento e melhor organização do Partido, dos sindicatos, da ANL e das organizações populares, das ligas e comitês camponeses, reforçamento do trabalho no Exército e na Marinha e demais forças armadas, desenvolvimento das lutas dos operários e dos camponeses na mais ampla base de suas reivindicações diárias, apoio enérgico e decidido às colunas revolucionárias armadas e de guerrilheiros no Nordeste e a formação de novas colunas do movimento libertador e revolucionário noutros pontos convenientes do país.

O levante revolucionário no Nordeste deu-se repentinamente e num momento em que a situação, noutras partes do país, não tinha ainda chegado ao ponto culminante de sua maturidade revolucionária. Ele se deu num momento de preparação ainda insuficiente das forças revolucionárias para a luta decisiva. Mas seria completamente falso acusar os lutadores heróicos de Recife e de Natal, as massas populares revolucionárias e os soldados que levantaram a bandeira da revolução nacional, a bandeira de Luís Carlos Prestes e passaram ao assalto ao poder. Somente covardes, oportunistas e a vanguarda trotskista da contra-revolução poderiam fazer isso.

Os revolucionários de Pernambuco e do Rio Grande do Norte passaram à insurreição na base de grandes greves de massas e da greve geral operária que levou à fraternização aberta com os soldados. Eles passaram à insurreição na base de um movimento camponês que se desenvolvia

já em quatro Estados com início de lutas guerrilheiras amplas. Os governos daqueles Estados se encontravam, como se encontram ainda, num estado de desagregação, e, certos pontos, a rivalidade no campo das camarilhas dominantes chegara a tomar o caráter de duplo poder. Mas somente estas condições não teriam ainda, agora, levado as forças nacional revolucionárias à insurreição. Elas teriam ainda podido escolher outras formas de luta a fim de desencadear a insurreição sobre uma base ainda mais ampla.

Mas isso não foi possível no momento em que os governos feudais, prevendo o assalto popular que se aproximava, passaram a desarmar, a transferir e substituir parte das tropas revolucionárias. Dessa forma, os revolucionários daqueles estados viram-se frente ao dilema: ou, sem luta, por meio de protestos de nenhum efeito, capitular frente ao desarmamento de suas forças, ou precipitar a luta, levando-a até à insurreição, contra o desarmamento dos soldados revolucionários. Os revolucionários de Recife e Natal, os soldados e as massas populares escolheram, com razão, o segundo caminho.

Foi assim, pela primeira vez no Brasil e na América do Sul, implantado um governo nacional revolucionário no Rio Grande do Norte, um governo com o programa de Luís Carlos Prestes e da ANL. Nos seus poucos dias de existência o governo popular nacional revolucionário de Natal conseguiu demonstrar às massas populares a diferença entre a opressão da reação imperialista-feudal e as medidas do governo popular a favor das massas (direitos democráticos completos para as massas populares, distribuição de víveres e roupas etc. à população pobre, expulsão dos senhores feudais e dos agentes do imperialismo etc). Mesmo na composição provisória do governo foi realizada uma ampla frente única (representantes dos operários, dos soldados e mesmo da pequena burguesia revolucionária faziam parte de tal governo).

Em Recife, os nacional revolucionários foram à luta armada e à luta pelo poder com grande força e decisão, mas não conseguiram bater a Polícia Militar, composta de vários batalhões bem armados e municados. O insucesso da imediata e completa dominação revolucionária em Recife teve uma significação decisiva igualmente para Natal, porque deu tempo ao governo central e aos outros Estados para movimentar couraçados, aviões e outras forças militares contra os focos revolucionários.

A insurreição armada das formações nacional revolucionárias, no Rio de Janeiro, foi consequência direta dos levantes revolucionários do Nordeste e foi feita em apoio da Revolução no Nordeste. A insurreição no Rio de Janeiro foi feita com o objetivo de obter, durante a luta, o predomínio sobre as forças do governo e, finalmente, o poder na capital e no Estado do Rio de

Janeiro. O sucesso da revolução no Rio de Janeiro teria influenciado a nosso favor, de maneira decisiva e imediata, o conjunto do desenvolvimento da revolução nacional em todo o Brasil.

Frente aos levantes revolucionários do Nordeste, viram-se os revolucionários do Rio de Janeiro obrigados a decidir se, apesar do pouco tempo de que dispunham para a mobilização das massas, deviam eles passar à insurreição. Além disso, eles contavam com outra condição desfavorável, qual a de estar o adversário prevenido e atento, em vista do início da revolução no Nordeste. Eles já não dispunham, portanto, da surpresa como elemento a seu favor.

Se, apesar de tudo isso, todos os organismos dirigentes decisivos manifestaram-se por unanimidade pela insurreição imediata, isto resultou das seguintes razões: 1) não existia uma outra forma de luta efetiva e imediatamente realizável para bater o adversário e para ajudar a revolução no Nordeste. 2) Restava escolher entre o desarmamento mais ou menos sem luta das forças militares nacional revolucionárias (as quais já eram em grande parte conhecidas pelos adversários em consequência de uma atividade já de grande duração e parcialmente pública) e empreender a luta num momento em que os revolucionários, conquanto já houvessem perdido a vantagem da surpresa, contavam ainda com a iniciativa. 3) A firme convicção de que no caso de um sucesso ou no caso de uma luta de maior duração com perspectiva de sucesso as massas operárias do Rio e grandes porções do povo teriam de uma maneira viva apoiado a revolução e entrado na luta (essa convicção existia com razão e é ainda reafirmada pelo fato de que, apesar do desenvolvimento desfavorável da luta, 3 mil operários entraram imediatamente em greve e a simpatia da massa foi e continua sendo pelos revolucionários); 4) Finalmente, os nacional revolucionários apreciavam as forças militares que estavam a seu lado como suficiente para depois de rápidas lutas numa série de quartéis, poder passar à ofensiva externa. Uma tal ofensiva teria mudado de maneira fundamental o desenvolvimento ulterior da luta. Formações de confiança do adversário teriam vacilado e as vacilantes teriam passado para o lado dos revolucionários. As massas teriam participado de maneira ativa (coisa que, depois do insucesso da insurreição nos quartéis, era já impossível, de uma maneira ampla).

A ofensiva das forças revolucionárias não foi possível porque formações mais fortes impediram o desenvolvimento de suas forças, ficando elas efetivamente cercadas. Dessa maneira, o impulso ofensivo das forças revolucionárias foi quebrado no momento decisivo. Além de grandes insuficiências na coordenação das forças revolucionárias, a luta veio demonstrar que os elementos revolucionários no Exército, decididos à luta, eram consideravelmente menores do que calcularam os nacional revolucionários, bem como que as forças do governo eram ainda mais fortes do que se supunha. Uma grande parte de unidades militares a que estavam entregues missões decisivas

para a insurreição não puderam mesmo ser levadas à luta.

Conquanto a insurreição no Rio de Janeiro tenha terminado com uma derrota, seria falso dizer que a insurreição mesma foi um erro. A luta heróica dos oficiais e dos soldados revolucionários contra forças muito maiores, o fato de que pela primeira vez na capital do país milhares de soldados tomaram de armas pelos diretos do povo e por um governo popular com Prestes, este fato - em conjunto com os levantes revolucionários do Nordeste - iniciaram uma fase nova e mais elevada do desenvolvimento da revolução brasileira: a passagem da agitação nacional revolucionária da ANL à luta armada pela libertação do Brasil do jugo do imperialismo e de seus lacaios. Nessa luta, milhares de soldados e muitos oficiais, uma grande parte do Exército nacional, apresentaram-se como companheiros de luta de confiança do povo explorado. Novos quadros e chefes nacional revolucionários revelaram-se com enorme coragem ao lado do chefe do movimento nacional revolucionário, Luís Carlos Prestes. Comunistas e não comunistas lutaram ombro a ombro, como nacional revolucionários, sob a direção única e pelos mesmos objetivos. Esta frente única cimentada no fogo da luta vai reunir nos futuros combates tudo o que houver de valor no povo brasileiro, todos os que querem lutar pela emancipação do Brasil e do seu povo, todos os que querem realizar a grande palavra de ordem - PÃO, TERRA E LIBERDADE.

Ainda um resultado positivo deram as últimas insurreições revolucionárias. A revolução no Brasil não desaparecerá mais da ordem do dia. Os operários e soldados que não puderam mais resistir em Recife e em Natal transferiram a luta para o interior do país. Armados com uma grande idéia política, armados de fuzis e metralhadoras, eles vão reunir em torno de suas colunas milhares de novos lutadores ativos vindos das fileiras camponesas. Disso decorre a perspectiva, e com o correr do tempo, também a possibilidade de preparação de sérias derrotas do adversário, a criação de bases nas quais as forças revolucionárias - junto com um movimento popular amplo, junto com a luta dos operários e camponeses - passarão à contra-ofensiva contra a reação e enfim alcançarão a vitória sobre os lacaios do imperialismo e sobre o feudalismo e implantarão um governo nacional revolucionário com Prestes à frente.

Pela primeira vez o Partido Comunista do Brasil, juntamente com as outras forças da ANL, tomou parte ativa em grandes lutas armadas e participou com seus quadros da direção da luta pela emancipação do Brasil e do seu povo. Os membros do Partido demonstraram em tal emergência coragem e abnegação sem limites, tanto no Nordeste como na insurreição do Rio de Janeiro.

O Partido Comunista do Brasil reconhece finalmente as grandes fraquezas que demonstraram os últimos grandes movimentos revolucionários. Como um partido revolucionário, devemos, em primeiro lugar, procurar as fraquezas entre nós mesmos. Vencê-las é a condição para o desenvolvimento sucessivo ulterior da revolução no Brasil. Não queremos aqui nos referir

às fraquezas em detalhes, resultantes do pouco tempo que dispusemos para a preparação da insurreição. Não se trata somente de tais debilidades, mas de outras que já se haviam demonstrado quando da interdição pelo governo da ANL.

1°. O crescimento organizativo do Partido não corresponde nem em quantidade nem em qualidade (camadas decisivas do proletariado) ao grau de maturidade objetiva revolucionária do país e à importância do seu proletariado.

2°. O trabalho de massas do Partido, sob muitos aspectos, ainda é pouco organizativo. O Partido tem se ligado às massas em grandes setores em todo o país, porém não tem organizado suficientemente estas massas de modo capaz de mobilizá-las concretamente para as lutas. Melhorando e intensificando seu trabalho de massas, o Partido deve dedicar-se de modo especial a concretizar mais esse trabalho de organização.

3°. As organizações do Partido subestimam muitas vezes a importância de uma organização boa e disciplinada e se baseiam em demasiado na vontade de luta e espontaneidade das massas. Essa orientação leva à negligência de muitas tarefas revolucionárias e é também a razão essencial em virtude da qual o Partido até agora não pôde formar organizações de massa específicas de defesa contra os integralistas e a reação. Nas Forças Armadas o Partido conseguiu formar organizações disciplinadas, às quais no entanto, agora, sob as novas e difíceis condições, é necessário dar uma atenção toda especial às regras da ilegalidade.

4°. O trabalho entre os camponeses ainda não está à altura do movimento revolucionário. O Partido ainda não organizou bastante ligas e comitês camponeses e sindicatos de assalariados agrícolas. É urgente intensificar este trabalho. Que é possível obter grandes êxitos foi e é demonstrado pelos congressos camponeses, amplos movimentos camponeses numa série de Estados, sob nossa orientação, o crescimento do descontentamento e oposição ao governo de parte dos fazendeiros médios.

5°. O trabalho dos camaradas do Partido nos sindicatos não é ainda ativo e organizado. Em geral nos satisfazemos com a defesa de uma série de proposições e sua votação, mas damos pouca importância à formação de direções firmes e boas dos melhores quadros operários, não sabemos ainda organizar a unidade nas empresas, na base a mais ampla possível e fazer dos sindicatos locais grandes organizações de massa. Em grande parte, as pessoas são por nós preparadas de maneira esporádica e não com suficiente e sistemática energia; embora a preparação e o desencadeamento das greves, em sua maior parte, seja fruto da nossa atividade, não aproveitamos suficientemente essas greves para aumentar nosso prestígio, consolidar nossas posições nos sindicatos e não lutamos pela vitória com bastante afinco.

6°. Conquanto a ANL tenha uma grande popularidade entre as massas populares as mais amplas, não soubemos ainda (com exceção de algumas regiões) manter e ampliar na ilegalidade as grandes organizações da ANL. Por toda parte devemos criar uma ampla rede de núcleos em todos os locais de trabalho, bairros e no campo, que se liguem por meio de assembléias de delegados e por uma direção disciplinada. Devemos continuar a empregar os maiores esforços no sentido de atrair à adesão ou a pactos com a ANL todas as organizações populares locais, os partidos políticos, grupos e personalidades. Êxitos locais nesse domínio ajudarão e facilitarão o êxito no mesmo sentido dos esforços feitos no centro. Devemos empregar esforços para, tanto nas capitais como nas cidades do interior, vilas, usinas, fazendas para intensificar a formação de organismos de defesa dos interesses populares, de uma ou várias das reivindicações do programa da ANL, de reivindicações locais e do momento. Esses organismos podem tomar os nomes os mais diversos e, sem sectarismo abarcar as camadas populares e seus líderes. Essas organizações devem, no fundo, propagar e defender reivindicações contra as empresas imperialistas, os senhores feudais e pelas liberdades democráticas.

7°. Em todas as últimas lutas se revelou uma grande debilidade de nosso Partido, que é a insuficiência de quadros políticos, embora [houvesse] esforços do Partido no sentido de formá-los. Os quadros políticos que temos são insuficientes, tanto em qualidade quanto em quantidade, para as enormes tarefas que enfrentamos. Através das lutas, o Partido deve fazer grandes esforços para formar quadros, ajudá-los teoricamente, sobretudo quadros operários das empresas decisivas, quadros militares para o trabalho no campo e sindical.

A todas essas debilidades devemos acrescentar a insuficiência de rapidez de ligações entre o CC e a maior parte das direções regionais. Devemos utilizar novos métodos para superar essa debilidade. Isto é motivo em grande parte de não ter podido o Partido, tanto nos movimentos anteriores como principalmente nas últimas grandes lutas revolucionárias, de maneira suficiente e com a rapidez necessária, mobilizado as massas. Devemos vencer essas debilidades, todas em conjunto, de maneira séria e ampla, repelindo cada ataque oportunista contra os lutadores revolucionários, mas, ao mesmo tempo, melhorar o trabalho e aproveitar cada proposição de valor de cada camarada.

O Partido deve, agora, tomar como sua tarefa central reforçar suas fileiras, principalmente com elementos decisivos do proletariado. A organização ilegal e firme do Partido deve ser ligada de maneira muito mais eficiente do que até agora, com as massas, suas organizações e o Exército. Da experiência das lutas revolucionárias devemos aprender não somente a levar rapidamente as palavras de ordem às massas, mas também a sermos os melhores organizadores das lutas e rápidos executores das palavras de ordem.

Hoje, mais do que nunca, o Partido deve redobrar seus esforços para ampliar a frente nacional revolucionária. O fato de que uma série de elementos que haviam demonstrado sua simpatia pelo movimento nacional revolucionário, no momento da luta, tenham vacilado, e que depois do insucesso momentâneo tenham passado para o campo do adversário, não nos deve reter nos esforços de ampliação da frente nacional revolucionária. Junto com todos os nacional revolucionários devemos reunir de novo todos os elementos honestos para continuar a luta contra o governo de opressão de Vargas. Devemos de maneira sistemática concluir pactos com todos que queiram, mesmo somente uma parte do caminho, fazê-lo com o movimento nacional libertador. O ponto de partida para a formação da frente única ampla deve ser agora a luta pela libertação dos lutadores nacional revolucionários prisioneiros, pela coleta de meios para o apoio das família dos heróis mortos, feridos ou prisioneiros, pela liquidação do estado de sítio, pela dissolução e desarmamento dos integralistas. A luta pela libertação dos lutadores prisioneiros do Exército, das fileiras do proletariado, dos intelectuais é agora de uma significação decisiva para o desenvolvimento do movimento nacional revolucionário popular e esta luta muito breve dará resultados positivos porque o governo, pela pressão das massas populares, será forçado a libertar os revolucionários. Entre diversos camaradas do Partido e entre diversos nacional revolucionários havia a idéia, depois do insucesso do Rio de Janeiro, de continuar a luta agora, mesmo com menores forças, pelos mesmos métodos. Fazer isso agora, nas grandes cidades, só poderá levar ao massacre das forças revolucionárias, não ajudará mas, pelo contrário, impedirá o grande desenvolvimento do movimento nacional revolucionário e da revolução nacional. Conquanto atualmente não possamos recomeçar a luta em Recife, Natal, Rio de Janeiro, São Paulo e outras cidades, é evidente, no entanto, que não nos encontramos hoje no mesmo ponto em que estávamos há alguns meses. Acabamos de dar um grande passo para a frente.

As colunas armadas e de guerrilheiros que lutam hoje no interior do Rio Grande do Norte e Pernambuco encontrarão aliados nos outros estados do Norte e Nordeste. Uma das tarefas de luta mais importante para o Partido é, hoje, a direção política e de organização e a coordenação daquelas forças e seu reforçamento e ampliação sistemática a novos domínios. O sucesso das forças armadas nacional revolucionárias depende, antes de tudo, da popularização que elas fizerem entre as massas, com a maior decisão, do programa da ANL e do governo popular com Prestes à frente e do grau em que souberem ganhar a totalidade dos camponeses para a luta. Devemos fazer esforços para ganhar os soldados que foram enviados contra os revolucionários, no sentido de que passem para o lado de seus camaradas revolucionários e tomem parte na luta comum por um governo popular com Prestes à frente. No caso em que não for possível a passagem de unidades inteiras para o campo revolucionário, devemos organizar a passagem de uma parte importante,

mas deixar sempre entre os elementos adversários uma célula ilegal ou um homem de confiança.

Esta tarefa de luta é completada por uma outra. É ainda possível que numa série de Estados o governo passe ao desarmamento das tropas que em sua opinião sejam revolucionárias. Em tais casos é necessário examinar exatamente as possibilidades revolucionárias de maneira concreta. Se os soldados podem opor-se com sucesso ao desarmamento, se existe a possibilidade de uma marcha para o interior de regiões favoráveis, devemos então organizar com toda a energia a resistência dos soldados contra o desarmamento e a exclusão, indo até o levante de soldados (apoiado pelas massas populares). Mas nos pontos em que se trata somente de pequenos grupos de soldados não devemos fazer isso, mas unir todos os elementos e organizá-los de maneira útil. Considerando que o governo teve a intenção, este ano, de expulsar até 5 mil soldados, cabos e sargentos, as organizações nacional revolucionárias devem reunir de maneira sistemática esses lutadores, militarmente instruídos e em grande parte nacional revolucionários. Esta tarefa deve ser resolvida imediatamente, porque depois das insurreições últimas o governo acelerará seu "plano de reorganização". Evidentemente, todas essas forças nacional revolucionárias devem ser organizadas na ANL. Entre tais elementos é necessário que o Partido tenha seus homens de confiança e suas respectivas células.

A organização de lutas e greves de operários pelo aumento de salários tem no momento a máxima significação. É decisiva a concentração de tal trabalho nas categorias operárias as mais importantes. Mas isso não significa que devemos subestimar o trabalho nas indústrias menos importantes. Para a elevação da vontade de luta do proletariado cada greve é, neste momento, de grande significação. O trabalho entre os camponeses deve ser aplicado na base das anteriores decisões.

O governo de Vargas grita por toda parte: Vitória! Os governos imperialistas exprimem suas congratulações a seus lacaios. O governo argentino apressa-se a "oferecer" tropas para a intervenção e dessa maneira prepara-se para a ocupação de parte do Brasil. A massa simpática do povo brasileiro está ao lado dos revolucionários. O povo murmura, ameaça e se reúne. Os soldados que ainda são utilizados contra seus camaradas revolucionários e contra o povo discutem hoje o sentido político e social do levante revolucionário e marcharão amanhã o mesmo caminho revolucionário junto com o povo.

A revolução está em marcha para a frente. Mais fortes e experientes marchamos para os combates vitoriosos por PÃO, TERRA E LIBERDADE, por um governo popular nacional revolucionário, com Luís Carlos Prestes à frente.

(Documento da direção do PCB, dezembro de 1935. TSN, Processo nº 63)

# 39

## ASSUNTO DE DISCUSSÃO PARA O BP

Depois dos acontecimentos de 23-27 de novembro último no Nordeste e no Rio, ainda não tivemos oportunidade de analisar completamente os detalhes dos mesmos. A primeira análise que fizemos no documento "Começou a Revolução" ainda não é suficiente, tanto na apreciação dos acontecimentos em si como na autocrítica. Nesta reunião do BP vamos dar mais um passo neste sentido. Ainda nos falta um informe mais completo dos acontecimentos no Nordeste.

1º Embora [com] o avanço que durante o ano tivemos na ampliação das forças do nosso Partido, os fatos vieram demonstrar mais nitidamente que todo o Partido tem que fazer um grande esforço para marchar para diante na sua proletarização. Ainda estamos pouco ligados às grandes empresas, sobretudo quando se considera toda a massa da empresa, sindicalizada e não sindicalizada. No Rio, sobretudo, devemos lutar pelos principais pontos de concentração e também pela penetração séria e organizada nas fábricas.

2º No trabalho sindical devemos romper com todas as práticas e tendências de direita, de fazer somente ou quase somente o trabalho de cima, subestimando o trabalho pela base, dentro da massa. Esta dependência em que ficamos das diretorias dos sindicatos para a luta, quando a massa, em sua maioria quer lutar e não encontra uma direção, é um verdadeiro crime contra os interesses das massas. Temos que romper de uma vez com toda a audácia, com os erros neste sentido. Temos que criar uma ativa base partidária sindical, um vasto trabalho de massa dentro dos sindicatos, sem sectarismo, aplicando a frente única com toda a audácia, na base de programas de reivindicações para a luta. Criar comissões nas fábricas, para preparar as lutas, abarcar toda a massa da fábrica sindicalizada ou não. (Ver documento que vai sair em *Classope*)<sup>1</sup>

3º O trabalho camponês nosso ainda é muito débil, pouco organizado mesmo nos lugares

---

1. *A Classe Operária* - Jornal do PCB.

onde temos mais forças e onde se fez mais agitação. Temos que ir aos campos, desde já organizar as lutas dos camponeses e passar das palavras a ações mais concretas no trabalho revolucionário nos campos. Desde já eleger umas zonas camponesas e mandar reforços e dar instruções às nossas regiões para o trabalho camponês nas ditas zonas. Preparar quadros para realizar esta tarefa e instruí-los como levar as lutas camponesas até às guerrilhas, ao mesmo tempo que se organizam as ligas camponesas, comitês da ANL, sindicatos de assalariados agrícolas etc. Fazer um balanço concreto deste trabalho, com uma perspectiva revolucionária, no sentido de avançar rapidamente neste trabalho no campo.

4° O trabalho da ANL tem que merecer a principal atenção de todos os comunistas e deve ser a primeira tarefa de massa. A criação dos seus núcleos, ampliação da luta pelas reivindicações populares e do seu programa, preparação e desencadeamento das lutas antifeudais e antiimperialistas, pelas liberdades democráticas, devem ser feitas na base da mais ampla frente única. Nosso trabalho da ANL é muito débil, em certas regiões não tem sequer uma forma orgânica e fala-se como em uma coisa vaga, imprecisa, sem [ilegível], sem vida. A falta ou debilidade do trabalho da ANL pelos comunistas significa na prática uma luta contra a linha da IC e do Partido, uma incompreensão do caráter da revolução no Brasil, um perigoso desvio trotskista, oportunismo de esquerda. Temos que fazer compreender tudo isso a todo o Partido, a partir do próprio Birô Político, e romper com incompreensões e vacilações neste sentido e abrir uma luta tenaz por um grande desenvolvimento da ANL. A ANL já provou nas lutas armadas que quer, e realmente, não somente em palavras, a libertação do povo brasileiro e esta libertação só se pode fazer com a vontade da maioria do povo e com as armas nas mãos.

5° O trabalho de massa entre os jovens e as mulheres ainda está muito débil, ainda não se começou a aplicar a linha do VI Congresso do KIM<sup>2</sup> no trabalho juvenil. Se falou e escreveu alguma coisa, muito pouco sobre este trabalho, porém só e se vacila em passar para a prática, ainda entravados que estamos pelo sectarismo. No trabalho juvenil não sairemos do círculo vicioso em que estamos há anos se não ousarmos aplicar a linha do VI Congresso do KIM acima de todas as dificuldades e tropeços. Há até certa timidez em romper com um sectarismo estéril e prejudicial à revolução. Não temos quadros políticos audazes para a aplicação desta linha e temos que buscá-los entre os jovens e formá-los rapidamente. A base deste trabalho deve ser a luta em frente única pelos direitos os mais amplos da juventude, entre os operários, estudantes, jovens militares e populares.

---

Entre as mulheres, temos que desenvolver como entre a Juventude, o trabalho começado

2. Komunistitchskaia Internacional Maladojii (Internacional Comunista da Juventude)

com o Congresso da Juventude Brasileira e o trabalho da União Feminina. Agora, sob o estado de sítio e o terror, temos que fazer este trabalho na ilegalidade. Mas, como já foi dito em documentos, precisamos descobrir formas legais para fazermos este trabalho, por intermédio de pequenas organizações de bairros, com nomes diferentes, na base de reivindicações locais. O trabalho do Congresso da Juventude Brasileira deve seguir a mesma norma, de modo a que, quando a situação permitir, tenhamos uma base de trabalho ilegal da massa ou semi-ilegal, capaz de ser um forte núcleo de sua ampliação para etapas posteriores.

6° Devemos intensificar o trabalho de defesa e socorro aos presos, lutar pela sua libertação, contra o terror de Getúlio, contra as leis de terror e reação e contra a sua aplicação retroativa. Na base disto fazer uma forte agitação e lutas de massas, protestos, demonstrações, greves e assim fazer recuar a reação imperialista de Getúlio e seus comparsas.

#### AUTOCRÍTICA SEVERA DOS ERROS DA DIREÇÃO E DE CAMARADAS.

SITUAÇÃO POLÍTICA: - Getúlio governo fraco. Aumentam as contradições. As lutas de massa vão decidir.

Tarefas Políticas: - Ofensiva e defensiva. Não se adaptar à reação e sim reagir contra a mesma, por todas as formas possíveis.

Concretizar o mais possível o trabalho de massa. Saber adaptar-se às condições atuais deste trabalho e utilizar todas as formas.

Tarefas orgânicas concretas. Reforçamento da Direção do Partido.

Cursos. Reforçamento das Regiões.

Materiais de explicação para todo o Partido, sobre as tarefas as mais importantes do trabalho de massas.

(Documento da direção do PCB, dezembro de 1935. TSN, Processo nº 1, apreensão à rua Paulo de Frontin.)

# 40

## CARTA DE RAMALHO <sup>1</sup> AO SECRETARIADO NACIONAL DO PCB

Rio, 13 de dezembro de 1935

Prezados companheiros: Recebi o bilhete do comp. Adal.<sup>2</sup> com a diretiva da redação do presente informe. Devo comunicar que não o havia feito antes e só hoje o pude fazer por não ter máquina de escrever.

Inicialmente devo declarar que li os manifestos do P. e de LCP, bem como o material intitulado "A revolução começou", com cujo conteúdo estou plenissimamente solidário, tendo sido esse, aliás, o ponto de vista que defendi perante os comps. de prisão, alguns dos quais se haviam deixado tomar de pânico e derrotismo. Quero ainda dizer aos meus cms. do P. que mais do que nunca estou disposto a tudo dar pela revolução e a cumprir irrestritamente todas as tarefas que forem traçadas.

COMO CAÍ - Voltava de Campinho às 2 da tarde de 27 quando, ao aproximar-me da M.<sup>3</sup> verifiquei que algo de anormal se havia passado. Retrocedi e na rua Uruguaiana encontrei o cam. Xavier,<sup>4</sup> que me informou por alto do ocorrido. Desci então a rua do Rosário e à porta da *Vanguarda* encontrei o pessoal da impressão que conseguira escapar, evadindo-se pelos fundos. Estavam todos bastante deprimidos, sem roupa e com receio de ir buscá-la. No local havia um ferido no pé. Todos se queixavam amargamente de terem sido "abandonados na hora da onça beber água". "É sempre assim", diziam. "Nós os operários é que pagamos o pato, enquanto os doutores dão o fora". Procurei acalmá-los e explicar-lhes a sem-razão de suas queixas. Depois, retirei-me para

---

1. Membro do PCB e um dos diretores do jornal *A Manhã*.

2. Companheiro *Miranda*.

3. Jornal *A Manhã*.

4. Camarada não identificado.

um café da rua da Assembléia, donde providenciei no sentido do prédio ser aberto para os comp. poderem retirar suas roupas e ir para casa. Como as providências indicadas tardassem (o pessoal estava com medo), fui até a esquina do Mercado das Flores para ativá-las. Lá, as cenas anteriores se reproduziram. Resolvi, por isso, ir pessoalmente. Fui, com efeito, mandei abrir a porta, fiz entrar o papel, subi ao primeiro andar, retirei os valores existentes, atendi ao homem da máquina, que estava alarmadíssimo e já me preparava para dar o fora quando a "cana bateu". Foi questão de minutos. Como havia muita gente comigo (uns cinco), assumi a responsabilidade, para que fossem os outros postos em liberdade. A polícia, radiante, pois pensava que eu era o P., mandou-os embora. Depois que eles partiram, virei-me para o delegado (Dulcídio Gonçalves) e disse-lhe nada ser senão um simples funcionário. Eles bufaram com o bluff e ameaçaram-me de "sofrer as conseqüências do meu ato". Dali me levaram para a 2ª deleg. aux., onde lavraram o auto de apreensão da M. Depois reafirmando minha qualidade de simples funcionário e ressaltando a minha incapacidade jurídica para representar o jornal em qualquer ato ou circunstância. Eles não me deram importância alguma. Apenas um tira assistiu parte de meu depoimento feito perante o escrevente (irmão, por sinal, do Armando Laydner) e do datilógrafo. O tira quis que eu dissesse quem era o "verdadeiro dono", porquanto o P. era um pronto. Fiz então constar de meu depoimento a resposta que lhe dei: o j.<sup>5</sup> era legal, tinha responsáveis que nunca esconderam essa responsabilidade, tanto que seus nomes figuravam no cabeçalho. O tira não me disse nada e foi embora. Terminada a história, fiquei aguardando a guia para a 4ª auxiliar. Nesse interim, veio um mulato gordo que me perguntou se a M. "era comunista". Respondi-lhe com azedume: "Não me aborreça". E ele não insistiu. Levado à presença do Miranda C., este se limitou a chamar um outro tira, dizendo: fiche e leve para o depósito de presos. Meia hora depois estava nesse depósito, donde às 6 horas fui removido para a Detenção com uns 30 mais. Chegados à Detenção, puseram-nos em fila e separaram os intelectuais, mandando-os para a "sala do Mangabeira". Eu fui para o xadrez dos operários. Respirei satisfeito por ver que realmente não estavam me dando importância. Como a minha casa estava limpa, nada tinha a recear a não ser delação ou indiscrições. Tudo o mais dependia agora de estabelecer comunicações para fora. Tinha preparado respostas para tudo. Na polícia, declarei que meu serviço era administração externa e publicidade. Assim, se eles pegassem os balancetes e vissem meus suprimentos de dinheiro, tudo se explicaria.

Ao dar entrada no xadrez, tive a sorte de ser reconhecido no bolo pelo Alencar Piedade, que estava na sala fronteira, a tal sala do Mang.<sup>6</sup> e, aproveitando o tumulto, consegui do chefe

5. Jornal.

6. Mangabeira.

dos guardas minha remoção.

Ouvido uma semana depois pelo juiz, repeti minhas declarações à polícia. Ele só me perguntou se eu havia tomado parte ou tinha ciência do movimento. Respondi-lhe que não. Ciência só tivera pelos jornais. Ele, então, ditou isso para o escrivão, acrescentando, por sua conta: e não professa idéias extremistas. É claro que fiquei firme.

PORQUE CAÍ - Em primeiro lugar pela minha estupidez, meus ressaibos de pequeno-burguês golpista, vaidade de não querer passar aos olhos do pessoal por medroso ou cagacista. É verdade que refleti sobre a má impressão que sobre ele poderia causar qualquer timidez de minha parte. Nosso quadro gráfico foi organizado tão dificilmente, numa luta danada contra os trotskistas desagregadores, que no momento pensei ser mais útil manter nosso prestígio de dirigentes e arriscar a pele a livrá-la, deixando nos comp. operários o gérmen da desconfiança, campo propício às explorações dos nossos inimigos. Em segundo lugar, caí por nossa falta de organização. Eu e P.<sup>7</sup> havíamos combinado um plano nesse sentido. Mas, fomos tomados de surpresa pelos acontecimentos. Só houve tempo de cuidar dele, coisa que reputei mais importante.

A edição extraordinária - Assumo sua-inteira responsabilidade. Pelos informes que tínhamos eu e P. e as ligações que conseguimos na véspera (aliás, por mero acaso), estávamos convencidos da vitória. Tínhamos nesta uma fé tão inabalável (e temos ainda, porquanto a coisa apenas começou) que preparamos na noite de 27 uma "edição da vitória". De manhã, porém, eu resolvi dar a 2ª edição de forma objetiva, para esclarecer o povo sobre o caráter e os fins do mov. e a direção de Prestes, reservando o material restante para uma 3ª. Até sair da redação para Campinho, onze e meia, tinha absoluta fé que outras unidades se levantariam e que no decorrer do dia as greves surgiriam, principalmente a dos marítimos, que fora comunicada como absolutamente certa. Era preciso somente, pensei, animar a macacada. Esse papel cabia a nós e tínhamos que cumprir este dever. A M.[sic] não podia deixar de ligar-se historicamente à insurreição, ainda que esta viesse a fracassar. O momento era de lançar-se à luta com todo o ímpeto possível e todas as forças disponíveis. A nossa palavra contribuiria para levantar o moral dos deprimidos, para esclarecer os que não o estavam, para decidir muitos vacilantes e alarmar o inimigo. Em parte, esse objetivo foi conseguido. Meu cunhado estava no *Globo* quando a edição chegou lá. Foi um pânico horrível. A Linda verificou o mesmo em Cascadura. Na polícia, observei o mesmo. Os tiras que me prenderam só falavam "no barulhinho que nós havíamos feito". O povo lutou pela nossa M. Quando a polícia esteve lá a primeira vez, o povo atracou-se com ela, houve tiros, gente

---

7. Pedro Mota Lima - membro do PCB e diretor do jornal *A Manhã*.

caída, bombas de gases lacrimogêneos. Um reporter da *Pátria* presente na ocasião e preso na refrega contou-me tudo na Detenção com grande entusiasmo. Estamos hoje historicamente ligados à revolução brasileira. O povo viu que não lutamos só de língua, mas também de fato. Que somos realmente o seu jornal, o jornal da sua luta libertadora. Vs. não imaginam o nosso prestígio junto aos soldados presos. A M. é a alma da revolução, P. é o jornalista da rev., disseram-me sargentos e cabos do terceiro e da aviação. Por isso, comps., embora acatando qualquer crítica de vs., reivindico para nós esse episódio como um gesto consciente de revolucionários e não como aventureirismo pequeno-burguês. De agora por diante, somos de fato a tribuna, a grande voz do povo brasileiro, *par doit de conquête*. Agora sim, ganhamos o direito de ser o órgão natural do nosso próximo gov. pop. rev.

NA PRISÃO - Mando a vs. uma lista de presos. Incompleta, é claro. Estive no pavilhão dos primários. Com Sisson, Mangabeira, C. da Paz, Haman, bancários, Alcântara Tocci, Amadeu Amara, Hamilton Barata, Gikovate,<sup>8</sup> uns 32, dos quais 16 foram para o "Pedro I". Os militares estavam nos cubículos da galeria: Cascardo, Agildo, Trifino,<sup>9</sup> sargentos, cabos etc. Moral: dos militares, ótima. Bruto entusiasmo. Enorme confiança na vitória próxima. O Agildo (eleito general por aclamação), era a alma da galeria. Firmíssimo. Assumindo sozinho TODA A RESPONSABILIDADE. Animando os companheiros. Os cabos e sargentos, idem. Só falavam em pão, terra e liberdade e no "nosso general LCP"<sup>10</sup>. Confiança cega na vitória próxima. Nenhum derrotismo. NENHUM. O primeiro revés é interpretado por eles como o começo do barulho, coisa natural, que só os estimulou. Moral civil: quando cheguei à prisão o de alguns era ruim.[sic] Mang. só falava em dar o fora para o estrangeiro e só fazia censurar a "burrada" do Nordeste. Sisson, corajoso, altaneiro, mas com confusões. Ambiente heterogêneo, por isso mesmo perigoso. E Gikovate. Conversei muito com Sisson e consegui logo que ele fizesse uma esplêndida conferência dentro do ponto de vista que hoje vejo ser o de vs. e combatendo toda e qualquer tendência derrotista. Mang., inclusive, falou no mesmo tom. Gikovate quis "analisar os lados negativos". Caí em cima dele impiedosamente, pondo uma linha divisória entre ele e os revolucionários ali presentes. Fui até áspero e isso no primeiro momento chocou nossos companheiros. Veio, porém, logo a reação e todos foram se convencendo da coisa. Inclusive os

---

8. Roberto Sisson - oficial da Marinha, membro fundador da ANL.

Campos da Paz - médico e membro do PCB.

Febus Gikovate - médico e membro do PCB.

9. Herculino Cascardo - oficial da Marinha, presidente da ANL.

Trifino Correia - capitão do Exército e membro da ANL.

10. Luís Carlos Prestes.

que ao primeiro embate formaram com Giko., como Amadeu Amaral, que embora meu inimigo pessoal gratuito, no dia seguinte me procurou para dizer que de noite refletira melhor e verificara que eu é que estava certo e por isso estava disposto a trabalhar ativamente no P.

Daí por diante tudo correu bem. O Giko - como dizia o Sisson - ficou gogue. Nunca mais levantou a cabeça, a não ser para nos apoiar, tímida e discretamente. Uns dois bancários encaudilhados a princípio por ele acabaram nas minhas mãos, com jeito e muita paciência. O Haman (que é um excelente comp.), o Tocci (do 5 de Julho de S.Paulo), e até o Hamilton Barata, que se conservava isolado de todos, num retraimento antipático, me procuraram para felicitar-me pelo desmascaramento da "crítica marxista" de Gikovate. O Mangabeira, no fim, já estava entrando na linha. Sisson com muito entusiasmo, seriamente preocupado com o problema de organização, embora ainda conserve aqueles rompantes que só com calma se curará. Campos da Paz. Ótimo. Firmíssimo. Os bancários, em geral, fracotes, muito reformistas. Mas, de um modo geral, não há discrepância quanto à ANL e LCP.

Comps. Agora sim, estamos como pato n'água. Se conservarmos nosso sangue frio, vamos, com a experiência ganha, avançar num ritmo prodigioso. Entramos na revolução com o pé direito: os exemplos de Natal e Recife e o fato importantíssimo, constatado pelo *Temps*, dos comunistas terem conseguido levantar duas unidades fortes do Exército na capital do país. Nossa palavra de ordem "Pão, terra e liberdade" começou a penetrar profundamente na massa. Esta viu que a ANL não é uma organização de conversa fiada, mas de combate, que prepara e dirige suas lutas. A rev. não se faz a seco nem com paradas brilhantes ou marchas ensaiadas sobre o Catete, mas com lutas e mais lutas, aqui, ali e acolá, com fracassos, reveses, derrotas, vitórias, triunfos, retiradas, recuos, ofensivas e contra-ofensivas etc. Penso ser justíssima a atual palavra de ordem de liberdade para os presos políticos. Penso, porém, que a expressão ANISTIA é mais popular no Brasil e tem sua tradição entre nós. Propunha também que se começasse uma grande campanha pela diminuição dos impostos, até o grito de "não pagar impostos ao governo traidor de Vargas". Temos que treinar a massa em não reconhecer esse governo. Temos que colocar, nós, povo brasileiro, esse governo na ilegalidade. Em São Paulo é grande o ódio popular contra Getúlio. E há a tradição dessa campanha (pós 32), que só não foi avante porque Getúlio, percebendo suas conseqüências, apressou-se em fazer o acordo com os políticos paulistas. No Nordeste, esse seria o meio de ajudar as colunas. Nenhuma ajuda a Vargas e aos imperialistas. Toda ajuda ao Exército revolucionário. Enfim, são simples palpites. Vs. estão com a mão na roda e sabem mais do que eu.

NOTÍCIAS - Estamos agindo. Hoje o j. foi aberto. Segunda-feira as linotipos serão instaladas, terminando o trabalho no máximo sábado. Na outra semana podemos sair, impressos na *Vanguarda*, até a rotativa ficar pronta (mais outros doze dias). Precisamos 35 contos para o Lambert

(inclusive o seguro), pagar o débito do papel (20 contos), em suma, ter uns cem contos. Apurado (caso se realize o negócio do Prati) ficaremos só com 25. É muitíssimo pouco. O sarg., não está se manifestando. Vou mandar um emissário a S. Paulo. Pergunto se vs. têm ligação com o V. M. Franco<sup>11</sup> e com o Renaud Lage. Preciso procurá-los para ajudarem o j.<sup>12</sup> Há possibilidades. Outra coisa: temos que fazer novo contrato das máquinas. O Lambert não quer o P.,<sup>13</sup> por não poder colocar as letras dele. Sugiro o Rodolfo e o atual gerente. Não há perigo, uma vez que passem uma ressalva para o P. Respondam com urgência.

Abraços nos bravos cams. Saudações comunistas. RAMALHO.

#### ADENDO

Ia me esquecendo de coisas importantes. Estou redigindo esse informe um pouco atropeladamente, devido aos afazeres, e assim é natural que muitos aspectos me escapem.

Minha saída da prisão - Tendo verificado que era considerado personagem secundário, tratei de obter comunicações para fora com Leonor, o que consegui por intermédio de um guarda. Mandei-lhe então instruções como deveria agir para conseguir minha liberdade. Disse-lhe que primeiramente consultasse vs. - o que ela fez por intermédio do Matoso. Depois, que procurasse o Eloi Pontes, nosso simp.,<sup>14</sup> e lhe dissesse para fazer força junto ao presidente da ABI - Herbert Moses. Ela foi diretamente a este. No começo ele quis insistir nos ataques que a M. lhe fizera, mas Leonor encostou-o na parede, mostrando que falava ao presidente da ABI e não ao HM e que a obrigação daquele era agir em meu favor como jornalista que eu era. O Costa Pereira fez por conta própria idêntico trabalho. Leonor procurou ainda o juiz Álvaro Ribeiro da Costa, com cuja família se dá há muito tempo. Ele, embora não me conhecendo, demonstrou um vivo interesse pelo meu caso e trabalhou ativamente para libertar-me. Ambos, agora, ele e o M.<sup>15</sup> disputam-se a glória de haverem conseguido minha sôltura. Estou, porém, inclinado a acreditar que foi a intervenção do juiz a decisiva. Este juiz é liberal, diz que foi colega de LCP, de quem se confessa grande admirador. Resolvi agir pela minha liberdade - com autorização de vs., é claro - por compreender a necessidade da minha presença no trabalho e as possibilidades que tinha, incluído como estava no rol das pessoas presas de cambulhada. O Álvaro realmente declara que a polícia informara nada ter sido apurado contra mim, contra quem, portanto, "nada havia".

---

11. Virgílio de Melo Franco.

12. Jornal.

13. Pedro Mota Lima.

14. Simpatizante.

15. Herbert Moses.

Os companheiros de prisão também compreenderam a importância de minha liberdade, tanto assim que deliberaram trabalhar nesse sentido, inclusive desistindo, em meu benefício, de qualquer possibilidade de utilização desta ou daquela influência para serem soltos. Sisson foi quem planteou essa questão e tomou a sua frente.

Informações - A companheira do Tocci, de São Paulo, que aliás está passando privações (vou dar-lhe 200\$ em nome da ANL, vs. concordam?) contou-me que procurou o Valdomiro<sup>16</sup>, amigo dele, para ver se conseguia comunicar-se com o marido. V. respondeu-lhe que o T.<sup>17</sup> fizera mal em "declarar-se comunista", o que é uma mentira e nunca se deu. E acrescentou que se admirava haver no Brasil gente que ainda se deixasse arrastar por "um idiota como o Prestes". Na prisão peguei o rastro de ligações desse sacripanta com o integralismo.

Observações - Sisson queixava-se muito de não ter sido avisado de nada. Penso, realmente, que tivemos muita debilidade na preparação dos elementos civis. Muitos não foram utilizados. O Haman, por exemplo, tem grande prestígio na zona de Campos e Itaperuna e de nada sabia. Nunca conversaram com ele, embora pertencesse à ANL. O pessoal do 5 de Julho, em São Paulo, também de nada sabia. Se nós tivéssemos mobilizado 50 grupos de 10 homens no Rio, talvez tivéssemos mudado o curso dos acontecimentos. É preciso não esquecer que 20% das forças militares do Rio se lançaram à luta desde o primeiro momento. 20%, não 30%, pois me parece que a guarnição não passa de 10 mil. E que gente! Como brigou! Com que ímpeto, com que entusiasmo!

Outra coisa: penso que apesar de tudo ainda podemos manobrar grande parte da minoria. Penso que nosso trabalho junto a ela foi débil e não muito hábil. Demos, sobretudo, a impressão de que tudo queríamos para nós e que uma vez vitoriosos a jogaríamos no chão. Eles ficaram com medo. O pessoal da ANL (essa é a tese errada de Sisson) falava-lhe muito claramente, com lealdade (!), sem nenhuma diplomacia, sem nenhuma dissimulação, mostrando o jogo. Precisamos ser diplomatas, astutos. Mandem-me a última Claudina de Oliveira.<sup>18</sup>

Saudações comunistas

R.

[Escrito à mão]

---

16. Valdomiro - não identificado.

17. Não identificado.

18. Jornal *A Classe Operária*.

Do que precisamos:

- a) concentração nos ferroviários e marítimos;
- b) trabalho no campo;
- c) comissários políticos;
- d) elementos ativos de ligação com os setores de massa;

Muito fraca a CSUB. No setor gráfico, jornais, não houve sequer a idéia de projeto de tentativa de greve! Só se soube que o I<sup>o</sup> estava bem escondido!

(TSN, Processo Francisco Romero, vol. 7. apenso ao Processo n<sup>o</sup> 1)

## INFORME DE *MUNIZ* (MANUEL BATISTA CAVALCANTI FERRO) DE PERNAMBUCO

Segundo as resoluções que eu tenho do CR de Pernambuco este informe deveria ser verbal, não porque ele sendo escrito eu não pudesse dizer o que efetivamente existia na região antes do levante e de que forma o Partido atuou e de que forma o Partido ficou depois. Absolutamente, isso se justifica, isto é, a necessidade de um informe verbal e minucioso devido [a] outras coisas que nos parecem ser sem importância e que na prática são estas coisas 'sem importância' que têm concorrido para debilitar o trabalho do nosso Partido. Entretanto, visto esta situação em que atravessamos, que não foi possível a vocês do CC terem um encontro comigo, para que eu pudesse dar este informe (que não tenha simplesmente o caráter de um informe e sim tenha também algumas sugestões a apresentar), porém em virtude disso eu passo a dar um resumo da parte que se relaciona ao informe, e quanto ao resto não faltará ocasião. Em resumo, o que eu tenho a dizer sobre a situação do P.<sup>1</sup> antes do levante é a seguinte:

1º - Falta de uma direção que estivesse à altura de corresponder com as necessidades, ou melhor, uma direção à altura do peso da região. Isto se verificou nos últimos movimentos grevistas, especialmente a greve da Great Western. Entretanto, neste informe, eu não posso dar isto em detalhes.

2º - Em virtude do que eu expus, isto é, esta debilidade da direção, faltou da parte do secretariado do NE especialmente depois da saída de [ilegível] um apoio moral, isto é, faltou autoridade à região, sendo esta em grande parte substituída pelo secretariado do NE, sendo este um dos motivos da deficiente formação de quadros, pois muitos destes trabalhos, longe de serem

---

1. Partido, refere-se ao PCB.

feitos pela direção eram feitos por cima desta, o que só podia trazer descontentamento aos camaradas novos.

3° - Em virtude desta substituição do S. do NE <sup>2</sup> isto era forçado a refletir-se na parte econômica, pois sem que esta fronteira organizada melhor, faltando um plano de ação nesse setor, forçosamente viria a [ilegível].

4° - Uma região que marchava (e marcha) para a revolução, limitada somente no setor proletário, sem nem sequer saber quais as perspectivas dos setores militares, elementos influentes da situação e da oposição, elementos de influência no campo, essa direção não pode ter perspectivas e isso sem entrar em detalhes era o que vinha sendo feito em Pernambuco.

5° - O motivo inicial da falta de reuniões para se tratar dos quadros que por excesso de trabalho, ficavam sem poder prosseguir, como aconteceu com o Reginaldo,<sup>3</sup> com o Germano,<sup>4</sup> encarregado de organização e comigo mesmo, que se tivesse recursos não estava mais doente, ou melhor, eu não tinha passado todo esse ano doente, e isso foi o que se deu em Pernambuco, que veio atingir os quadros mais responsáveis, sem que a região dispusesse de outros que nos substituíssem, pois que qualquer um que tentávamos tirar das bases, surgia a necessidade de desligá-lo da produção, o que nos colocava em situação difícil por falta de recursos. Eu quero salientar também que os elementos que vocês mandaram para Recife, Bagé e Natal, o primeiro voltou logo e o segundo foi tirado do CR numa situação pior possível, quando justamente eu e o Reginaldo estávamos a ponto de não podermos trabalhar, e que fomos afastados e até agora quase nada temos produzido, ficando como encarregado sindical um elemento novo, além disso safado, apesar de ter ficado como orientador do setor o Pedro (Parra)<sup>5</sup> e mesmo assim sua atuação foi bastante falha; isso eu faço questão de informar a viva voz.

Bem, sobre isso que escrevo não é efetivamente um informe completo e sim venho somente dar uma idéia da situação de Pernambuco. Quanto à forma que foi realizado o movimento insurrecional, nós da região não podemos entrar em detalhes, pelos motivos acima expostos, aliás, eu mais ou menos sem entrar em pequenos detalhes que afinal de contas soubemos, já informei ao amigo M.<sup>6</sup>

Agora eu vou dizer mais ou menos como ficou a região em Pernambuco:

- 
2. Secretariado do Nordeste.
  3. Membro da direção em Pernambuco, não identificado.
  4. Membro da direção em Pernambuco, não identificado.
  5. Não identificado.
  6. Honorário de Freitas Guimarães, *Martins* ou *M* secretário de organização do Comitê Central do PCB.

A) Os quadros dirigentes da base e da direção foram todos lançados na luta, ficando assim depois impossibilitados de se locomover, pois estão quase todos descobertos da reação.

B) Em virtude da prisão dos elementos que sempre contribuía com dinheiro para a região, estávamos sem ter onde buscar recursos para o funcionamento de uma direção restrita que ficou constituída e que abaixo eu vou dizer quais são os nomes: Medeiros (PML),<sup>7</sup> Abelardo (JM)<sup>8</sup> e Reginaldo, ficando os elementos que estavam na direção todos ocultos, com exceção do Lopes<sup>9</sup> que deve vir por aí por Bahia. Porém, os elementos que não foram presos é possível que ainda venham a cair por falta de recursos que os garantam. Quanto à situação de base do P. não podemos até a minha saída ter uma idéia formada por não termos pegado ainda as ligações com as bases; da mesma forma o trabalho do P. no interior, porque não temos recursos para mandar um elemento ao campo. Agora eu quero apenas fazer sentir a necessidade de uma ajuda moral e material à região, a fim daqueles elementos que estão à frente da direção não venham a ficar em uma situação de insegurança, pois que eles não são elementos que suportem este estado de coisas, porque o Reginaldo é doente. Este, logo cedo, vamos perdê-lo se não pudermos tratá-lo. O Abelardo quando eu saí de Recife, já estava ameaçando se ligar à produção, dizendo que não podia passar fome. O Medeiros, vocês sabem que não é um elemento que podemos esperar muita coisa.

Portanto, é esta a situação. Entretanto, sobre algumas coisas nesse sentido eu tenho algumas proposições a fazer, porém estas eu só farei verbalmente, pois pode ser necessário de argumentação e assim por escrito eu não posso argumentar.

Aqui eu fico pois não posso ir mais além.

22 de dezembro de 1935

MUNIZ

(TSN, Processo nº 1, apreensão à rua Paul Redfern)

---

7. Não identificado. Provavelmente, Paulo Mota Lima.

8. Não identificado.

9. Não identificado.

# 42

## RELAÇÃO DOS FATOS OCORRIDOS EM FINS DE NOVEMBRO DE 1935

O CC reuniu-se durante os dias 21 e 24 de novembro para discutir a situação nacional e resolveu por unanimidade que o momento mais propício para a insurreição estava se aproximando a largos passos e que a data exata ficaria a cargo do C.<sup>1</sup> Revolucionário. No dia 23 preparamos nova reunião especial para discutir as tarefas das regiões aqui representadas e mais importantes. Essa reunião realizou-se durante o dia 24 (domingo) com os representantes de São Paulo (3), Ceará (1), Rio Grande do Norte (1), Maranhão (1) e dela participou o Garoto.

Até o fim dessa reunião nenhum camarada ainda sabia dos acontecimentos do NE, apesar de que o levante em Natal processou-se sábado 23, à noite, e em Recife no domingo de manhã, às 10 horas (dia 24).

Domingo à tarde não havendo jornais, nem segunda-feira cedo, somente chegou ao conhecimento da maioria dos camaradas da direção as insurreições do NE na 2ª feira de manhã, quando começamos a tomar as primeiras providências. Domingo à noite havia informações de fonte particular sobre o levante no NE, informações bastante completas e de fonte segura que chegaram ao conhecimento do secretário-geral.

Já na 2ª feira pela manhã começaram as prisões de todos os elementos de atividade conhecida da ANL e dos quadros mais conhecidos do PCB e assim é que, quase todos os dirigentes da célula da Light e da Central foram presos e muito prejudicado todo o nosso trabalho nesses setores decisivos.

Também todas as tropas da Região Militar, das polícias entraram de prontidão rigorosa

---

1. Comitê.

desde o sábado à noite e que ainda perdura hoje, um mês depois.

Na 2ª feira à noite (25, às 19 horas) reunimos o BP do Partido com a presença de dois quadros mais fortes do trabalho militar para discutir a situação e tomar resoluções sobre o caminho a seguir. O secretário-geral informou a situação, o inesperado dos levantes do NE e o dilema em que nos encontrávamos: ou marchar com as forças que tínhamos o mais depressa possível, pois que o plano no setor militar estava mais adiantado em sua preparação, ou então deixar passar os levantes do NE sem a solidariedade nossa, permitindo assim o embarque de tropas contra os nacional libertadores de lá e assistir as prisões de nossos melhores elementos já apontados por causa de suas atividades e perder forçosamente a grande maioria [ilegível] parte da preparação falada. Em seguida falaram os camaradas militares, informando rapidamente das forças existentes nesse setor sem grande preparação. Em seguida falaram os demais membros do BP, todos unanimemente optando pela primeira alternativa e resolvendo mobilizar todas as forças nas posições que ainda restavam para que fosse desencadeada a insurreição durante a noite de 26 para 27. A marcação da hora H ficou a cargo do C. Revolucionário.

Foram impressas durante a noite e o dia seguinte 40.000 manifestos-proclamação assinados por Luís Carlos Prestes, 20.000 assinados pela ANL e uns 10.000 manifestos do Partido apoiando; além de inúmeros manifestos de núcleos da ANL, manifesto da CSUB chamando à greve revolucionária etc.

Foi localizada a casa para o C. Revolucionário Central, estabelecidas ligações com o E.<sup>2</sup> Maior da região do Rio e desta com os setores e com os núcleos militares. Os materiais foram encaminhados aos setores e aos quartéis com ordens terminantes de serem reservados até depois de iniciada a luta, conseguindo penetrar em alguns quartéis, apesar da formidável vigilância.

A hora H foi transmitida aos elementos mais responsáveis da região no dia 26 pela manhã, numa reunião com chefes de grupos de brigadas civis, que ao mesmo tempo ficaram conhecendo os objetivos que deveriam lutar para conquistar, saíram para mobilizar a gente que já tinham avisado de véspera e marcar novo ponto de concentração para a noite, em que então seriam mantidos mobilizados até a hora de sair para tomar posição próximo aos objetivos.

Foram mobilizadas as seguintes brigadas:

estivadores            com 12 homens

marítimos	com mais de 20 homens
c <sup>3</sup> . civil	com 8 homens
da JC <sup>4</sup>	num total de mais de 40
metalúrgicos	com 8 homens
arsenal	com 18 homens
chauféres	com 9 homens
cerâmica	com 6 homens
B. <sup>5</sup> Ribeiro	com 8 homens
Central	só mobilizou 3 homens
Light	só mobilizou 5 homens.

As granadas de mão só começaram a ser feitas no dia 26 e a sua entrega começou à tarde, ficando diversos grupos desprevenidos. Não havia depósitos de armas e a maioria dos membros dos grupos não tinha armas; com exceção da Light, Central e Arsenal de Guerra os grupos só vieram a conhecer seus objetivos no 26 pela manhã e de uma forma muito concisa, sem que houvesse tempo para o estudo do local e o plano do grupo do Arsenal estava estudado para a ação durante o dia quando os operários estivessem trabalhando e tiveram que modificar completamente para de madrugada.

A fábrica de explosivos teve ainda que ser transportada para o centro, apesar de toda a vigilância, para que não ficasse cortada de comunicação conosco e isso ainda atrasou mais.

Nenhuma dessas brigadas realizou sua missão, com exceção da dos metalúrgicos, que penetrou na sede da Polícia Municipal, cuja adesão estava garantida, e fez um discurso que não foi correspondido, pois ali houve traição também. Os demais fracassaram ou por insuficiência de forças para enfrentar os objetivos dados (número de homens e armas) ou por desconhecimento dos mesmos e todas foram seriamente influenciadas pela sua própria falta de preparação ideológica para enfrentar a luta decisiva, por encontrar pela frente um inimigo completamente alertado. Neste setor faltou a preparação indispensável. As brigadas da Central e da Light que tinham preparação ficaram muito prejudicadas pela prisão, desde o dia 25, dos elementos mais decisivos.

---

3. Construção.

4. Juventude Comunista.

5. Bento.

A parte militar da preparação e transmissão de ordens não estou ao par, portanto fica para ti que conhecias e que já recebeu [sic] os informes obtidos posteriormente do setor anti. As principais razões do fracasso e falta de ação de unidades nossas foi o fato de que o inimigo estava completamente preparado e os comandantes de corpos foram avisados reservadamente da hora H, mais ou menos às 9 horas da noite de 26. Também na Polícia não havia ainda sido completada a preparação de planos concretos de levante para cada unidade e as nossas células não tinham ligação dos oficiais aliancistas. Os corpos conhecidos como os mais ativamente ao lado da revolução nacional libertadora foram denunciados completamente durante o dia 26, ficando a munição sob a guarda dos oficiais mais reacionários e defendida por armas automáticas servidas pelos espíões e elementos integralistas.

Na preparação dos planos do levante essa particularidade não foi considerada, ou se o foi, nenhuma medida concreta tinha sido tomada para prevenir de antemão, sendo feitas diversas tentativas de fazer entrar munição no BE, o que resultou em ser substituído o comando da guarda que era nosso.

No 2º RI,<sup>6</sup> onde tínhamos muitas forças aliancistas e partidárias, houve provocação e delação, resultando em prisões generalizadas desde cedo, na noite de 26, inclusive da Cia. que tinha ido como reforço para o QG<sup>7</sup> e cuja missão era decisiva, pois que a falta completa de levante no centro, esperado ansiosamente pelas brigadas civis que se sentiam fracas em número e armamento, contribuiu grandemente para desanimá-las.

Outrossim, as ligações fracassaram desde a madrugada de 27. Só soube o EM da Região de que tinha havido levante e que ainda se combatia às 7:30 da manhã, depois que mandou dois de seus membros a procura de notícias. Assim mesmo, as notícias recebidas a respeito da Vila Militar eram falsas, estando já dominada a insurreição na Aviação.

Em Niterói, devido ao atraso do trabalho naquela região, não foi possível preparar nenhuma ação para aquela mesma hora H da madrugada de 27, tendo sido marcada a data de 28 para o início lá.

Para São Paulo seguiu portador na noite de 25, mas não pôde articular para a madrugada de 27, tendo marcado para a madrugada de 28 e posteriormente suspenso a ordem, em vista do fracasso no Rio.

#### Levantes no Nordeste

---

6. Regimento de Infantaria.

7. Quartel-General.

Na véspera da reunião do CC chegou uma carta de Sabóia,<sup>8</sup> contando que estava tensa a situação em Recife, Natal e Paraíba sobretudo, historiando as greves revolucionárias havidas na Great Western e outras, e os atos de fraternização dos soldados com os grevistas. Mas a carta só foi decifrada depois, no dia 23. Já dava uma idéia das dificuldades que encontrava o Partido para impedir a deflagração do movimento insurrecional.

Só com a chegada do secretário regional de Pernambuco, a 18 de dezembro, é que tivemos os primeiros informes concretos dos acontecimentos. Antes, estávamos bastante desligados, as ligações muito difíceis e nenhuma carta nos chegou às mãos. Por esse camarada soubemos que o movimento de Recife também foi forçado pelo de Natal, que começou no sábado 23 à noite, com vitória quase imediata dentro da capital e em diversos pontos do Estado.

Só por ele também é que soubemos que a região só foi avisada do ocorrido e de que estava resolvida a insurreição às 9 da manhã quando às 10 horas se sublevou o 29 BC e grupos de aliancistas armados tomaram os bairros de Olinda, Torre e Casa Amarela. A polícia não acompanhou e o proletariado, sendo domingo, não estava fácil de mobilizar estando em casa; a própria base do Partido só começou a ser mobilizada depois de levantada a tropa e isso muito dificilmente, pois que o grosso da força proletária, com exceção dos ferroviários de Jaboatão, ficaram cortados dos depósitos de armas e não puderam armar-se. Mesmo essas forças proletárias que ficaram mobilizadas ao lado de Jaboatão, Afogados etc., só se puderam armar no dia imediato, 2<sup>a</sup> feira, quando cessou a resistência dos oficiais e praças que não se sublevaram, e que puderam organizar a resistência dentro do cassino dos oficiais, dominando daí o depósito de armas e munições da 7<sup>a</sup> Região, que somente na segunda-feira pôde ser utilizado. Já na 2<sup>a</sup> feira, verificado que os batalhões do Exército de Alagoas e Paraíba não aderiram aos insurretos, foi resolvida a retirada, mas somente conseguiram carregar um dos caminhões de armas e munições, ficando a grande maior parte intacta no quartel de Socorro por falta de meios de transporte. Os camaradas Sabóia e Alencar seguiram com os retirantes, sendo presos em Tapera, pouco distante de Recife.

Uma força de 200 a 300 mandada contra o 20<sup>o</sup> BC de Alagoas foi recebida à bala e depois de um combate sério, em que teve muitas baixas, dispersou-se, nem voltando a juntar-se às demais forças.

O camarada Wilson não estava presente em Recife, encontravase em viagem pelas regiões do Norte.

Ao que temos recebido informe, nenhuma das demais regiões estava avisada da intenção de insurreição para 35 em Natal, todas foram tomadas de surpresa e por isso não agiram, ficaram

---

8. Silo Meireles

desnorteadas.

Não havia ligações de rádio com os c. revolucionários do Norte nem do Sul. Só naqueles dias é que ficou pronta a estação central de 50 watts do c. revolucionário do centro.

As notícias sobre o desenvolvimento de guerrilhas são inseguras, mas dos próprios jornais burgueses se depreende que persistem em luta diversas colunas pequenas e que isso em grande parte é que influenciou Getúlio a pedir o Estado de Guerra. Ainda anteontem, 23 de dezembro, um jornal noticiava que Mossoró e Areia Branca tinham sido ocupadas pelos revolucionários armados que, acossados pelas forças da polícia, se haviam retirado para as serras de Mossoró e do Apodi.

(Documento da direção do PCB de 25 de dezembro de 1935. TSN, Processo nº 1)

# 43

## RELATÓRIO DE BRITO (JOSÉ LAGOS MORALES)

Relatório. 27/12/35

Deixo de entrar na questão da preparação, nem sobre a luta havida nos quartéis porque você está mais a par da mesma do que eu. Faço só um resumo dos fatos que são do meu conhecimento.

Logo que se soube do movimento no Nordeste, os operários e a massa popular esperaram que ele fosse também secundado aqui. Porém na parte civil (operários e populares) a preparação orgânica era bastante débil, incluso entre os elementos dos sindicatos. Por isso, na manhã de 27, na parte central da cidade, mesmo num bairro operário como a Saúde, pouco ou nada se sabia do movimento insurrecional, sobretudo porque o transporte continuava normal. Entretanto, a notícia do levante na Escola de Aviação e no quartel do 3° RI logo se estendeu pela cidade. Às 6 horas da manhã do mesmo dia, o governo que tinha sufocado momentos antes o levante no Quartel General começou a concentrar ali grande quantidade de tropas. Por sua vez, os operários que chegavam pela Central para o trabalho formavam uma grande aglomeração ao lado do Quartel General, indagando o que havia. Por volta das 7 horas essa aglomeração passava de 5 mil pessoas. Nessa hora a situação do governo era bastante débil e incerta e teria caído se nossas forças estivessem organizadas.

Em Botafogo, às 7 ½ da manhã, se aglomerava também bastante gente, porém poucos operários. A essa hora, o reforço do governo (segundo me pareceu) para deter os soldados revolucionários do 3° RI era ainda pequeno e só provisório. Era composto sobretudo da Polícia Militar, pelo menos era quem estava visível. Eles não puderam avançar pela oposição que tiveram dentro do quartel.

Às 11 horas da manhã aproximadamente, estive com o Momber e Silvestre. O primeiro me informou que na Escola de Aviação a luta era duríssima, que a certa distância havia muitos populares que queriam entrar na luta ao lado dos libertadores que não sabiam como aproximar-se sem serem tomados como inimigos. Expliquei-lhe como devia fazer e mobilizar os populares. Não sei até que ponto isso é verdade, porém é bem possível que isso se tenha dado. Momber me disse que o grupo de que ele estava encarregado tinha ficado sem a ligação, em que deviam ser estabelecidas suas tarefas e receber material. Silvestre me informou que na Light se conseguira mobilizar muito pouca gente na organização de brigadas e que nada fora conseguido para realizar a greve da empresa.

Os companheiros da Leopoldina me informaram que foram 3 e alguns metalúrgicos para o Arsenal de Guerra, mas que antes do momento combinado receberam ordem de desistir, suponho que devido à fraqueza do grupo. Houve também outro grupo que foi até a porta da Detenção mas não entrou em ação. Outro que também nas mesmas condições foi até o Arsenal de Marinha. O mesmo passou com o grupo que devia impedir a circulação dos trens da Central.

Às 2 horas da tarde (quando já o governo anunciava a rendição do 3º RI) continuava ainda feroz o bombardeio sobre este quartel já em chamas, particularmente com bombas lançadas por hidroaviões da Marinha. Apesar do enorme policiamento que havia em Botafogo, os comentários da multidão que estacionava em torno da enseada era quase toda favorável aos combatentes libertadores. Alguns companheiros e mesmo elementos sem partido com quem tenho conversado e que moram nos subúrbios da Leopoldina me têm dito que os comentários nos trens eram todos favoráveis aos insurretos. É claro que se o movimento tivesse se sustentado mais 24 horas ele teria se generalizado e podido haver a nossa greve.

Uma das maiores falhas foi não se ter podido lançar o proletariado à greve. Esta culpa nos cabe, sobretudo a nós e particularmente aos que trabalham com o movimento sindical. As greves que houveram (2 fábricas têxteis, marinheiros de 3 navios) foram insignificantes em relação à importância do movimento insurrecional. Em parte concorreu para isso o fato do levante do Nordeste ter se realizado antecipadamente. Mas a causa fundamental foi nossa debilidade nos sindicatos, nossa ligação quase exclusiva com os dirigentes divorciados da luta revolucionária.

O manifesto da CSUB chamando a massa operária à greve só foi distribuído na tarde do dia 27, quando o governo vinha liquidar o movimento no 3º RI. Se trata de um simples manifesto, pois quanto à preparação da greve se havia dado instruções a alguns elementos dos mais responsáveis em cada setor para empregarem todos os esforços para levarem a massa à greve, porém nada conseguiram. Isto fizemos com elementos da Light, Leopoldina, Central e Marítimos.

Nos marítimos, segundo as promessas feitas pelos responsáveis, era onde havia mais possibilidade de greve, pois estavam em preparação de um movimento grevista pela etapa única e regulamentação do horário de trabalho. Porém as vacilações dos dirigentes impediram a greve também nesse setor. Tendo aderido ao movimento 3 vapores, se devia ampliar a greve e não recuar como fizeram, quando ainda continuava a luta nos quartéis e mesmo que esta já tivesse terminado.

As demais Federações, como as dos Bancários, Ferroviários, Gráficos, Metalúrgicos, nada fizeram, nem também seus respectivos sindicatos daqui do Rio. Muitos dirigentes já tinham sido presos na véspera, devido ao movimento no Nordeste e outros estavam foragidos e desligados da massa operária. Em parte isso se deu também com a CSUB e concorreu para impedir um melhor trabalho para a realização da greve em ligação com a insurreição.

Do ambiente que atualmente existe entre a massa, um mês depois do movimento, se pode concluir que não há descenso do movimento revolucionário, salvo, é claro, certo efeito momentâneo, produzido pelas inúmeras prisões de libertadores e dirigentes sindicais e pelas medidas excepcionais de repressão tomadas pelo governo. Este deve estar até desorientado pelo pouco efeito que tais medidas estão produzindo entre as massas. Segundo nos consta, há luta no interior do Nordeste e a própria massa diz que esta insurreição só foi o começo da grande luta pela libertação do Brasil.

A insurreição de novembro vem trazer-nos uma grande experiência, com a qual devemos corrigir no nosso trabalho revolucionário futuro as falhas que nela tivemos, e agora, através de lutas parciais, de greves por reivindicações imediatas, prepararnos, pois, dentro de pouco tempo, teremos novamente condições próprias para um novo movimento insurrecional vitorioso, que implante o Governo Popular Nacional Revolucionário.

Rio, 27/12/35

Brito

(TSN, Processo nº 1, apreensão à rua Paulo de Frontin)

# 44

## RELATÓRIO DE GUSMÃO (JOSÉ MEDINA FILHO) AO SN DO PCB SOBRE OS ACONTECIMENTOS DE 27 DE NOVEMBRO DE 1935

Camaradas do SN do CC do PCB:

Com isso passo a responder o questionário que me foi enviado para que este Secretariado possa melhor julgar minha posição perante o último movimento revolucionário.

1ª PERGUNTA: Por que não foi avante a greve dos marítimos?

RESPOSTA: Como tinha dito na última reunião do CC, preparávamos a greve para um prazo mais ou menos de 15 dias, e com o aceleração do movimento com as lutas do Nordeste tivemos que antecipar tudo. Coisa quase impossível no setor marítimo, devido nossa pouca força orgânica existente ainda e o nosso pouco trabalho de base nos sindicatos, que é o motor propulsor para qualquer movimento nesse sentido. Reuni a fração da Federação no dia 26 ao meio-dia, determinamos a greve para a meia-noite (que é a melhor hora, como eles disseram). Para isso foi tirado um volante que saiu tarde demais por dificuldades técnicas. O presidente procurou todos os diretores de sindicatos, foi por todos dado o contra, com exceção dos Marinheiros, e isto só se deu até às 11 horas da noite; outros diretores acharam que naquela noite não era bom, porque ainda não estava articulada e muitos poucos códigos ainda não tinham seguido e se caso se desencadeasse o movimento armado no dia seguinte, eles estariam prontos a apoiar a greve. Mas quando chegou o dia 27 de manhã, acharam o movimento fracassado, não quiseram mais greve, apesar da minha insistência, dizendo que só uma greve é que poderia reerguer o movimento armado, pois os militares esperavam pelo proletariado, mas não foi possível demovê-los, embora toda a diretoria da Federação (amarelos e vermelhos) estivessem com boa vontade e se esforçando para isso. Fundamentalmente, a greve não se desencadeou pelo mau

trabalho nosso dentro dos navios, de maneira a convergir todas as forças dos comitês de bordo para dentro dos sindicatos respectivos, a fim de impulsionar as lutas, e isso eu tenho me batido em todas as reuniões dos setores para modificarmos os métodos de trabalho que temos seguido até agora, de outra forma por enquanto não se faz greve nos marítimos, todos têm uma disciplina de ferro pelos sindicatos e somente os sindicatos podem realizar esse trabalho.

2ª: Quantas vezes a Cantareira mandou cientificar a Federação que estava à espera da palavra de ordem?

RESPOSTA: O sindicato da Cantareira como tal não mandou dizer nada e apenas a seção marítima é que mandou dizer que estava pronta para a greve assim que a Federação mandasse dizer, isto foi através do Moacir (companheiro do Monteiro) e isso eu só fui sabedor na noite de 26, às 10 horas da noite, pois pensava que essa ligação fosse diretamente com o sindicato e quem eu encontrei foi o Moacir, o que logo botei as minhas dúvidas, mandei convidar imediatamente um empregado da seção marítima para o presidente discutir com ele, o maquinista Mariano, aliás um bom elemento, mas logo colocou uma peninha, pedindo que a Federação enviasse para eles um memorial, pois somente os manifestos não adiantava, coisa impossível àquela hora, 23. Foi esse o pedido da Cantareira. O presidente foi procurado pelo Moacir diversas vezes, dizendo que estavam prontos o que o Anísio pensava que ele era membro do Partido.

3ª: Se sabia que os marítimos se encontravam no túnel e por que não fui?

RESPOSTA: Quando me foi dada a tarefa de trabalhar pela greve dos marítimos não foi dito nada que eu fosse para a concentração para dar os assaltos aos quartéis (e foi para isso que se concentrou no túnel, embora a ligação do 5º até hoje nunca se viu) tanto que eu tive que entregar a minha arma a um outro porque eu não ia para a frente de combate e isso foi declaração do próprio Adalberto em casa de Alfeu, na manhã de 26. Somente por isso eu não fui lá, aquela não era a minha tarefa, deveria ter outros responsáveis. Assim eu compreendi.

4ª: Que diretivas mandou aos sindicatos marítimos no dia 27 de manhã?

RESPOSTA: Não mandei nenhuma diretiva, pois até as 6 horas de nada se sabia, apenas se sentiu que nada existia de anormal eu vim até a casa do Al.<sup>1</sup> e também nada sabiam naquele momento, desci, fui onde estavam os marítimos, já o estafeta tinha ido por ordem do presidente dos Marinheiros para saber de alguma coisa, se caso não houvesse nada de movimentos armados mandar agüentar a questão da greve somente dos marinheiros, que segundo os informes iam em

---

1. Comunistas não identificados.

dois navios somente que era o Tutóia e Itaberá, este estafeta saiu antes de eu chegar do morro. Imediatamente eu voltei em companhia do presidente da Fed.<sup>2</sup>, veio o informe que se tinha revoltado a Vila Militar, E.<sup>3</sup> de Aviação e o 3º RI.

5ª: Porque mandou cessar a greve iniciada por três navios em vez de ampliá-la?

RESPOSTA: Não mandamos cessar nenhuma greve, apenas dois navios é que diziam que iriam à greve e assim mesmo somente os marinheiros, o que o presidente, por sua alta recreação e impossibilidade de ampliar não concordou e isso mesmo ainda não está bem claro ainda, sei somente que queriam matar o Com.<sup>4</sup> e o comissário do Tutóia. E como já disse acima, apesar do nosso esforço (de todos os diretores da Federação e dos Marinheiros) não foi possível não ampliar a greve mas desencadeá-la.

6ª: Porque reuniu os presidentes dos sindicatos quando sabia que eles eram contrários à greve e que tinha uma resolução de não se fazer tais reuniões?

RESPOSTA: Esta resolução de não mais reunir os presidentes foi uma proposta minha e assim devemos fazer e foi o que fiz, durante esse tempo não reunimos presidentes, apenas mandamos companheiros da Federação ir conversar sobre a questão com todos individualmente e mesmo eles não disseram que estavam contra, mas dariam a resposta mais tarde e as respostas foram todas negativas e alguns, depois do caso consumado fizeram até comunicados aos jornais. Reuni assim alguns diretores mais ligados a nós que não estavam contra mas vacilavam e para isso que eu mesmo dei reunião para poder discutir com eles mas de nada adiantou. Pois não tendo nenhum trabalho de base dentro dos sindicatos, ele não tem coragem de enfrentar uma hora como essa. Para provar isso, depois de tanta safadeza o Sindicato dos Foguistas convoca uma assembléia para ontem, dia 4, que se realiza com alguma massa, onde sai a proposta vergonhosa de apoiar o governo; onde estavam os nossos camaradas, que só têm sabido é berrar que os outros são culpados, esta proposta é aprovada sem um protesto e os jornais agora estão fazendo alarde disso, e isso é o trabalho de base que se precisa fazer e não se faz no setor.

7ª: Quando soube que ia uma comissão de marítimos ao Catete? Que diretivas deu ao presidente da Fed.<sup>5</sup> membro desta comissão? Por que motivo essa comissão foi ao Catete?

RESPOSTA: Em reunião anterior do Conselho Deliberativo da Federação ficou resolvido pedir uma audiência ao Getúlio para lhe ser entregue o memorial de reivindicações dos marítimos, essa audiência foi protelada pelo governo para mais de uma semana, quando no dia 27 à tarde a

---

2. Federação.

3. Escola.

4. Comandante.

5. Federação.

Federação recebeu um telegrama do Catete marcando a audiência (pedida anteriormente) para às 17 horas do dia 28 e o que essa comissão tirada da reunião do Conselho foi cumprir sua missão, levar, como levou, o memorial ao Getúlio e não congratular com o governo pela "vitória da legalidade" como anunciaram alguns jornais, quando vi isto imediatamente mandei o Anísio desmentir com uma nota da Federação aos jornais e uma entrevista, mas os jornais não quiseram publicar, disse para que fizessem um manifesto da Federação explicando essa questão, mas até hoje nada saiu, eu também deixei de controlar porque o Alfeu e Raimundo andam dizendo nos meios marítimos que eu sou o responsável pela traição e que traí, fiquei sem moral, eles que devem imediatamente controlar. Portanto, essa comissão foi ao Catete exigir as reivindicações dos marítimos e não congratular com o governo e disse eu sabia há muito, assim como todo o birô do setor. E era uma deliberação do Conselho.

8ª: Qual a pessoa que você mandou ao Pedro Ernesto pedir ajuda para realizar a greve dos marítimos?

RESPOSTA: Não mandei ninguém pedir a P.E. ajuda para a greve, apenas mandei procurar o Eduardo e o Renato Rego Barros como cabeça que chefia a corrente pedroernestista nos marítimos. Mandei procurá-los pra combinar com eles a greve e para que eles dessem ordem a seus apaniguados para lutar ao lado da Federação e aceitar as suas deliberações. O Eduardo foi pegado pelo Aranha Piloto e o Renato, ex-administrador da União Trabalhista (uma espécie de ligação do meio operário com PE) foi pegado pelo Prates (engenheiro) que encontrei por acaso pedindo alguma coisa para fazer. Não mandei pedir nada diretamente a PE mas apenas a esses elementos que ainda contam a maior força orgânica nos marítimos, o que iríamos é fazer a greve, mas nada adiantou porque se mostraram com um pessimismo revoltante.

9ª: Por que mandou ou convocou os bancários, nas vésperas da luta armada, para atos de agitação, sabendo das medidas disciplinares que havia?

RESPOSTA: Estranho esta pergunta porque não mandei e nem convoquei nenhum bancário para o trabalho, fui procurado por um bancário aliancista que queria ligação com a ANL, eu disse que ia ver se conseguia e lhe dava, mas tal não consegui e ficou por isso mesmo; esse bancário é Bruno, que até então não o conhecia. E somente isso que se passou comigo nesse setor.

10ª: Que diretivas transmitiu ao grupo Construce-Átila pelo qual estava responsável?

RESPOSTA: Este "grupo" que nos procurou às vésperas da luta, como informei, marquei diversos pontos para se encontrar comigo durante todo o dia 26 como toda a noite, até às 24 horas não me apareceu ninguém, apesar do elemento de ligação encontrar com eles e eles prometerem, depois de tantos pontos só me apareceu às 22 horas o Átila Araújo e o professor Vale, mas os responsáveis Átila Resende e Construce até hoje, e somente com esses dois não

pude tomar nenhuma medida.

11<sup>a</sup>: Qual a sua opinião da situação atual e das tarefas do Partido?

RESPOSTA: Isso é um pouco difícil de se dizer assim em poucas palavras, mas minha opinião é a seguinte: Devido à pressa dos camaradas do Norte nós aqui antecedemos tudo em 24 horas, e não estávamos bastante preparados para isso como muito claramente ficou dito no CC, mas a questão era cumprir com o que pudéssemos para acompanhar o Norte e isso foi feito, naturalmente com muita lufalufa e os nossos organismos e aparelhos não pude conseguir e além de tudo há muita incompreensão das tarefas e das responsabilidades, todos diziam-se ligados ao Comitê Revolucionário e transmitindo ordens no seio da massa e fazia uma confusão, não sabiam quem dirigia o movimento, se era a ANL, o P. ou um Comitê Revolucionário. Acho que a situação ainda não é de descenso, tem apenas uma forte reação, mas ainda continua em perspectiva o movimento operário e cada vez mais agrava com a prisão de inúmeros dirigentes sindicais e impossibilidade de darem assembléias. A nossa tarefa fundamental é nesse momento continuar a luta pelas conquistas das reivindicações já pleiteadas e ligando isso à liberdade dos companheiros presos, em cada sindicato levar isto, esta luta se reforçará mais ainda com a reação que naturalmente se desenvolverá contra esse movimento de conquista.

Uma debilidade bastante grande é até agora não ter aparecido manifesto do P. e da ANL e dos sindicatos e mesmo, eu acho, um bom manifesto de Prestes. Pois todos os jornais estão fazendo as mais torpes provocações com o seu nome. É necessário começar desde já pequenas demonstrações para dispersar a reação.

Eu aqui naturalmente não posso explicar melhor o meu ponto de vista pois já está bastante grande e além de discutir posteriormente com os companheiros quero que se promova uma reunião do setor marítimo com os elementos mais responsáveis do trabalho partidário, sindical e aliancista para discutir concretamente a ação e posições dos dirigentes desse setor de trabalho, pois eu não estou de acordo com o que se fala e como o SN está julgando minha posição em face dos marítimos e não de dois ou três sabotadores que não têm nenhuma credencial para se mostrar muito "puros" e executores da linha e cumpridores das tarefas.

Estou pronto para discutir com os companheiros a qualquer momento o mais urgente possível pois não temos tempo a perder.

Saudações comunistas.

Gusmão

(27 de novembro de 1935, TSN, Processo nº 1, apreensão à rua Paulo de Frontin, vol. 1).

Nota do Editor: a transcrição deste documento é fac-similar.

# 45

## CARTA DE JOSÉ MEDINA FILHO (*GUSMÃO*) AO SN DO PC

Camaradas do S.N.:

Sentindo o peso da responsabilidade que me toca nos acontecimentos que se têm desenrolado nesses últimos tempos, principalmente nas últimas lutas armadas, cabe-me dizer aos companheiros do Secretariado que infelizmente fracassei politicamente, não fui capaz de cumprir as minhas tarefas como dirigente. Fiquei responsável pela greve dos marítimos e achei possível que ela saísse, mas isso não aconteceu, o que foi a maior derrota. Comentarei depois este caso que pela incompreensão de uns e má vontade de outros nos levou à derrota que agora nos vai custar a vencer.

Mas mesmo assim havemos de vencer breve, peço-lhes que não discutam comigo agora, não agüento a crítica, esses últimos tempos só tenho tido derrotas que se reduzem na prática em verdadeiras traições para um dirigente.

Os companheiros do meu setor também não me ajudaram, acham-se em superioridade moral do que eu, sintome de fato liquidado, não quero e não posso mais ser dirigente, não sou capaz de cumprir as tarefas de um dirigente. Me deixem na base do Partido fazendo o trabalho de massa, poderei mostrar mais trabalho para a revolução.

Fico esses 15 dias nos marítimos porque quero levantar minha moral na preparação da greve como falei no CC, que foi tão antecedida e que me derrotou.

Faço este bilhete como desencargo de consciência da parte que me foi dada a cumprir e que fui incapaz de levar de vencida por motivos vários de um conjunto de questões que depois discutiremos.

Saudações comunistas

José Medina

(Janeiro de 1936. TSN, Processo nº 1, apreensão à rua Paulo de Frontin)

# 46

## CARTA DE MIRANDA AO SECRETARIADO DO NORDESTE E AO CR DE RECIFE.

Rio, 10 de janeiro de 1936

Camaradas do S. do Nord. e do CR de Recife

Comunicamos que aqui chegou nosso amigo Ferro, que nos deu um precioso informe da situação aí, embora ainda incompleto e está em tratamento de saúde para voltar para aí em princípios de fevereiro, com orientação nossa e orientação para o trabalho aí.

Recebemos carta de vocês (CR) datada de 31 de dezembro. Temos remetido para aí muitos materiais. *Classope*, circulares, instruções, cartas etc., mas o mau trabalho de vocês no porto tem feito com que esses materiais vão e voltam sem ninguém retirar. Isto é lamentável, pois tanto do Rio Grande do Sul como do Pará e Manaus nos acusam recebimento de materiais, depois dos acontecimentos daqui e do Nordeste. Embora a desorientação de aparelho que se seguiu nós não devemos procurar uma justificativa para esta debilidade.

ANÁLISE DOS ACONTECIMENTOS: Já começamos a fazer em diversos materiais. Porém ainda nos falta muita coisa nesse sentido a fim de aproveitarmos a rica experiência que está contida nos mesmos, aproveitarmos as forças e corrigirmos nossos erros e debilidades. Escrevemos esta para aproveitar um portador, mas ainda por estes dias, após uma reunião do BP, voltaremos junto a vocês com nossas opiniões, na base dos materiais e informes que nos mandam. Porém, que fique bem claro que os informes ainda não nos satisfazem e queremos saber como estão as coisas aí atualmente. Recomendamos a leitura, discussão e opinião do documento do BP "Começou a Revolução" que saiu mimeografado na *Classope* nº 195.

SECRETARIADO DO NORDESTE: Resolvemos que este organismo como responsável político não deve existir mais. As melhores forças devem ser aproveitadas para o levantamento

da Região de Recife (Pernambuco) e reforçar o Regional. Os elementos mais conhecidos aí devem sair para ajudar o trabalho em Natal, Mossoró, João Pessoa e outros pontos e para o interior. Poupar o mais possível os quadros sem se adaptar a reação e se amoitar com oportunismo e covardia. Enfrentar a reação poupando o máximo as forças e levantando cada vez mais o movimento de massas. Fica dissolvido o Secretariado do Nordeste, organismo que depende de nós, BP e isto até novas instruções, porém um camarada, Medeiros, por exemplo, pode ficar ligado ao CR como elemento de ligação orgânica com as regiões do Nordeste, mas sem ser nenhuma direção política. Ele deve ser assalariado por vocês.

**REFORÇOS:** Vocês pedem quadros e dinheiro. Uma e outra coisa não é possível desde já. Mas no mais tardar nos princípios de fevereiro mandaremos alguns quadros para aí. Quanto ao dinheiro não é possível e só em circunstâncias especiais e para determinados trabalhos ajudaremos nossas regiões. Não lhes ajudaremos em finanças e percam tal esperança definitivamente por muito tempo. Não podemos e agora queremos ver os que sabem romper as dificuldades como estamos rompendo aqui. Vocês sabem que aqui os acontecimentos foram graves e as prisões, mais do que no resto de todo o país, e sabem que reação existe aqui. **NÃO TEMOS OURO DE MOSCOU** e esperamos ajuda financeira das regiões e algumas, compreendendo isso espontaneamente, já nos mandam dinheiro, o que é a desejar de todas as regiões que compreendem a necessidade de um CC nestes momentos. Esperamos que rompam essas dificuldades aproveitando bem os materiais que mandamos e aumentando nossas forças e criando novos círculos de simpatizantes. Isso não se faz num dia, mas aos poucos, com decisão proletária e energia revolucionária. Temos que reconstruir nossas forças e não ficar atrás dos acontecimentos. Quanto à ajuda política, é enorme a quantidade de materiais que tiramos, três números de *Classope*, "*O Libertador*"<sup>1</sup>, órgão ilegal da ANL, circulares, resoluções, manifestos, folhetos etc. Por todo este material vocês podem se orientar muito bem e realizar as tarefas que temos diante de nós. Depois vamos vendo como poderemos ajudar mais a vocês e a todo o Partido, mas fiquem certos que dependemos também de ajuda de vocês, e segundo circulares nossas, **NÃO MANDAREMOS MAIS NENHUM MATERIAL** sem pagamento para as regiões, e caso não paguem regularmente *Classope* só receberão 20 (vinte) exemplares de cada número, depois de fevereiro.

**DIREÇÃO DO CR:** Estamos de acordo com a direção que fizeram aí. O J. Ma. pode ajudar muito a formar novos quadros com pequenos cursos de uma semana e com os recursos que por aí se arranjar por ora e mais adiante com os que pudermos arranjar e forem aparecendo com nossos trabalhos. Nestes momentos, formar um CR de cinco membros em toda parte, mas muito

1. Jornal tenentista aliancista que circulava na época.

operativo, de gente que realmente queira trabalhar. Centralizar os trabalhos nas fábricas e empresas mais importantes, preparando a luta através de comissões de massas, com programas claros de reivindicações. No número 197 da *Classope* há um ótimo documento sobre comissões de fábrica e empresas.

**DEFESA DOS PRESOS:** Como estamos fazendo aqui, vocês devem fazer aí também o máximo de agitação pela defesa dos presos e formar, como aqui, uma Comissão Jurídica de Defesa dos Presos nacional libertadores, civis e militares. Os estudantes aqui estão lutando pela libertação dos professores e estudantes presos. Fazer o máximo de protestos contra a expulsão dos soldados, cabos, sargentos e oficiais. E contra a retroatividade das leis aplicadas por Getúlio, leis feitas posteriormente aos acontecimentos. Como aqui, mobilizar os juristas e advogados, fazer um documento contra a retroatividade das leis, contra a reforma da Constituição sob estado de sítio, contra o estado de guerra, contra o estado de sítio preventivo. Utilizar nomes de presos conhecidos e populares como Silo, Caetano, Otacílio de Lima e outros para forte agitação e preparar as greves e lutas pela liberdade dos presos. Estas tarefas são de uma enorme importância neste momento e de grande repercussão e grande alavanca para mobilizar o ódio do povo contra Getúlio e seu Governo. Getúlio se sente perdido. A manifestação anti-soviética no Rio, promovida pelo jornalista imperialista de O GLOBO e em homenagem ao Uruguai demonstrou isto e foi um vergonhoso fracasso. O povo odeia este governo assassino. O povo quer ver derrubado e Getúlio e seus assassinos amigos sabem disso. Querem se manter o mais possível e a este preço serão capazes de todos os crimes e baixezas, dos gestos os mais hediondos e fuzilamentos em massa, além dos suplícios horríveis que estão diariamente praticando. Precisamos mobilizar toda a massa contra tudo isso e com forte campanha de agitação. O Governo de Getúlio significa terror policial e ofensiva econômica contra o povo, esfomeamento em benefício dos imperialistas.

Pedimos informes urgentes sobre Muniz Faria. Não há notícia do mesmo. Teria sido assassinado? Façam investigações sobre isso. Ele saíra daqui pensamos que a 21 de novembro de avião. Precisamos saber a verdade sobre o seu paradeiro, se está vivo ou morto.

**ANTIMIL:** Intensifiquem o mais possível este trabalho aí e mandem também instruções para Maceió, Paraíba e Natal. Temos que ter uma organização muito mais forte nos meios militares, sobretudo da ANL.

Pedimos informações sobre o trabalho sindical e sobre o trabalho no campo. Precisamos de informes detalhados sobre as possibilidades de guerrilhas no interior, com os combatentes remanescentes das lutas em Recife e Natal.

Voltaremos junto a vocês com mais instruções sobre nosso trabalho.

Mas aqui, com vigor, reclamamos que vocês não levam bastante a sério a questão da retirada do material dos navios e não organizam bem este trabalho nem ajudam como devem o camarada encarregado do mesmo. Repetimos, fazemos esta observação com o máximo de vigor, pois isto é subestimar a ligação com o CC e a unidade do Partido, que não se constrói sem unidade de diretivas e linha, sem os meios de ligação para esse fim. Não nos conformamos com as debilidades em vocês construírem aí um aparelho para receber o nosso material, parte mínima, quando a parte máxima, de confecção e transporte do material é executada por nós. Não podemos reconhecer uma direção regional que não rompa com esta dificuldade. Não atenderemos mais a reclamação de materiais, quando estes passam várias vezes pelo porto sem quem os retire. O encarregado deste importantíssimo e decisivo trabalho precisa de TODO O AUXÍLIO, e vocês o têm deixado abandonado passando fome a ponto de ser socorrido por nós daqui, na última vez com 50\$000. Não queremos voltar sobre este assunto.

Aguardamos notícias de vocês e esperamos que, como revolucionários que são, rompam todas as dificuldades e marchem para as lutas decisivas que certamente hão de se ferir ainda este ano de 1936. Este ano é o mais decisivo e temos, depois dos combates que tivermos, que dar uma batalha decisiva e de maior alcance.

Saudações proletárias.

Pelo S.N. do B.P.

Miranda

(TSN, Processo nº 1, apreensão à rua Paul Redfern)

# 47

## CARTA DE SERRANO<sup>1</sup>, DE RECIFE, AOS CAMARADAS DO COMITÊ CENTRAL

16/01/1936

A 15, mais ou menos, o CR enviou ao CC uma carta, dando em resumo informações sobre a situação do PC nesta Região e de nossa atividade no sentido de reorganização de nossas forças para pôr nosso PC em condições de passar à frente da organização e desencadeamento de novos combates revolucionários. Hoje já podemos vos informar novos trabalhos que realizamos no curso destes 15 dias.

No que se refere ao trabalho partidário, já estabelecemos ligação com os setores fundamentais do proletariado aqui: Resistência, Carvão, Docas, Padeiros, Tramways e mais três bases de bairro etc. Nesses setores acima referidos as células foram reorganizadas e já estão em plena atividade. Existe entre os camaradas grande entusiasmo e vontade de luta. Temos recrutado alguns elementos combativos que pegaram em armas nos últimos movimentos; também já está reorganizado com novos elementos o C. Local de Recife. Quanto ao trabalho do mesmo, recentemente organizado, ainda é débil, mas a atual direção regional vai fazer todo o esforço no sentido de ajudá-lo. Sobre o trabalho sindical, temos feito sérios esforços para recompor nossas frações neste importante setor de nosso trabalho de massas. Eu tenho orientado o CR e o B.<sup>2</sup> Sindical no sentido de adotar uma tática sem nenhum sectarismo e saber aproveitar todas as possibilidades legais de trabalho, saber adotar com êxito a tática de frente única com as diretorias de todos os sindicatos, mesmo que estas sejam ministerialistas, como acontece na maioria dos casos. O trabalho deve ser feito de tal forma que os nossos camaradas encarregados do trabalho sindical consigam o apoio de tais diretorias à luta pelas reivindicações dos operários. Paralelo a

---

1. Comunista não identificado.

2. Birô.

este trabalho de manobra com os elementos que estão a serviço das classes dominantes no seio da classe operária, os nossos companheiros devem desenvolver o trabalho de organização pela base, isto é, organização de comitês ou grupos sindicais, os quais nos facilitam a mobilização da massa contra o Ministério do Trabalho e seus instrumentos entre as massas. Sobre o trabalho popular da Aliança, o que antes do movimento só existia de cúpula, atualmente não temos nada feito de concreto; somente esta semana que eu focalizei fortemente em uma reunião do CR a importância de começarmos já este trabalho.

O trabalho popular, como um dos setores fundamentais da revolução nacional libertadora Já resolvemos algo de concreto: destacamos alguns companheiros para irem atuar em uma das três organizações populares de bairro esperamos alguns resultados práticos breve.

Sobre o campo. Como já mandamos dizer, enviamos no fim do mês passado um camarada para estabelecer as ligações e organizar as nossas forças e dar as diretivas concretas para o desencadeamento da luta camponesa onde as condições nos são favoráveis e mesmo de orientar muitos elementos que tomaram parte nas lutas aqui do Recife que se encontram dispersos pelo interior, na organização de guerrilhas. Mas o companheiro não conseguiu realizar coisa alguma, pois teve que sair às carreiras de Garanhuns, onde há muitas provocações. Nesta cidade nossa base ficara completamente esfacelada. Os companheiros que não estão presos estão foragidos. Em Garanhuns, durante o movimento de 24 de novembro, houveram sérias lutas de massa, todos os setores proletários entraram em greve geral. As massas, sob a nossa direção, dominaram completamente a cidade, só não tomando o poder local devido a vacilação de nossos companheiros; não tiveram iniciativa de armar as massas e formar grupos que forçados a abandonar a cidade continuariam no Sertão ou no mato etc. Dessa forma, não sabemos de concreto das lutas e dos grupos de libertadores que continuam a lutar do interior, à exceção de um oficial que chefia 30 homens e também de um sargento que chefia número inferior, uns 10 mais ou menos; quanto ao resto, sabemos que existe muita gente dispersa pelo interior, porém nada temos de positivo a este respeito. Também em [ilegível] Jardim temos um companheiro que controla um grupo de camponeses e outros casos que estamos apurando e vos informarei na próxima correspondência.

Sobre a questão de finanças, já está organizada, embora com uma pequena rede de contribuintes, mas bem controlados. Ainda lutamos com muita dificuldade a este respeito. Eu preciso saber imediatamente o que pretendem fazer os companheiros do CC a respeito da reorganização do S. do Nordeste, pois a necessidade imediata é o levantamento da Região de Alagoas, Paraíba, Rio Grande do Norte. Para este último segue um elemento por estes dias, para começar nosso trabalho ali. Quanto ao material interno e externo, podem mandar sem susto, pois nosso aparelho legal está funcionando regularmente. Sobre a J. eu estou controlando diretamente.

Escreva para o endereço que já seguiu. O endereço para vinda de elementos já temos, não segue hoje por não ser possível.

Sem mais, saudações proletárias

A. Serrano

(TSN, Processo nº 1, apreensão à rua Honório)

# 48

## INFORME DA SANTA<sup>1</sup> (JOÃO LOPES) SOBRE O RIO GRANDE DO NORTE

16/1/36

Recife. Caros camaradas do S. do N. e do C.C.

Prezados camaradas, este é o meu informe o qual faço para ser transmitido ao CC com urgência

### NATAL

1) Começou o movimento no dia 24 (aqui deve haver engano de data, já que sabemos que começou no dia 23). Neste mesmo dia estava reunido o CR; começou às 9 horas da manhã e terminou às 14 horas da tarde. Na reunião se tratava de diversos assuntos, menos do levante do 21 BC, porque não se sabia deste movimento. Fui nesta reunião e pedi o informe do Secretario que estava ligado a este setor; ele não informou nada sobre este respeito. Só nos informou que o trabalho estava bem animado neste setor, já se contava com grande número de aderentes e que este setor estava ciente da transferência de unidades do norte para o sul e do sul para o norte, de acordo com uma carta do S. do N. nos mandou e que na mesma nos pedia que o momento não permitia que se fizesse alguma loucura. Tudo isso foi bem discutido e todos cientes.

Terminada a reunião às 14 horas, retiramo-nos todos; estava junto comigo o camarada Dante. Passando eu pelo ponto de ligação achei um aparelho procurando o camarada secretário. Eram 15 horas. Então eu indaguei o que queria com o secretário, me disseram que andavam 3 militares do 21 a procura dele. Eu então me retirei para encontrar com o secretário para saber do

---

1. Membro da direção do PCB em Natal.

que se tratava. Quando eu andava rua acima fui chamado a voltar à dita casa de ligação do israelita, onde encontrei os 3 militares. Conheci o músico Quintino<sup>2</sup> e mais dois jovens sargentos. Eram 3 horas da tarde e então eles me diziam que iam levantar o movimento às 4 da tarde. Eu combati muito a atitude deles, dizendo que esperassem mais dois dias pelo menos. Eles não aceitaram a minha proposta e me informaram que (hoje) na parada de manhã tinham sido desincorporados 28 militares, inclusive sargentos, cabos e soldados, todos da confiança dele, era denúncia e eu então disse a eles que não resolvia nada individual e ia reunir o restrito, mas que às 16 horas não podia ser o levante. E ele então deu-me mais duas horas de prazo. Eu não aceitei, fui reunir o restrito. Já o secretário já estava ciente de tudo e andavam a minha procura. Encontramos todo o restrito às 15:30, mandei chamar o camarada Dante, que tomou parte na reunião com o restrito. Meu ponto de vista foi contra se fazer este movimento sem avisar o S. do N. Resolvemos mandar um companheiro para Recife de avião, quando vimos o avião já estava de partida, saiu o secretário e o camarada Dante para reunir com 4 militares e convencê-los de seu desespero. Reuniram às 4 e meia com os militares, não puderam convencê-los. Então o camarada secretário e o camarada Dante trataram para às 8 horas da noite e eu recebi diretivas para mobilizar toda a nossa força e assim, desde às 5 horas da tarde até às 8 horas da noite. Mobilizamos mais de 150 homens e mulheres. Dei as instruções da linha traçada. O desespero de traição de Quintino foi tanto que às 7 e 45 minutos ele rompeu o movimento no quartel do 21.

Não dei um [ilegível] contra, todos aderiram com simpatia; foram presos todos os oficiais que estavam de serviço sem resistência. Os planos traçados na reunião que o secretário e Dante estiveram com os militares, não foram cumpridos. Quintino modificou tudo. Não fez as prisões dos grandes homens que estavam todos reunidos numa festa no teatro Carlos Gomes, que ficaram com medo de sair para a rua, que só saíram às 10 e meia horas da noite e fugiram para uma casa onde toda hora chegavam notícias ao conhecimento de Quintino e ele fazia-se de surdo. Quando rompeu o movimento, nós o secretariado restrito, às 9 e meia da noite nos reunimos para ver se a tarefa estava sendo posta em prática. Logo eu notei que não estava, mandei chamar o Dante e informamos o que tínhamos visto na rua durante aqueles 45 minutos de luta. Neste momento chega o aparelho de ligação com Quintino e nos dá o informe que Quintino já estava desanimado porque a polícia estava resistindo. O povo estava na rua, os soldados do 21 com uma coragem bruta. Quando eram 24 horas da noite tínhamos mais de 3.000 homens e mulheres e crianças em luta tomando de arranco em 3 horas de combate tomada a praça da Detenção [emenda ilegível]

---

2. Quintino Clementino de Barros - sargento do 21º B. C. Membro do do PCB e um dos que iniciou o levante de 23.11.35 no batalhão.

soltando todos os presos e ainda seguiram para o Esquadrão de Cavalaria que o fogo durou das 3 da manhã até às 7. A massa e os soldados tomam o Esquadrão. Com o informe do aparelho de ligação nos deu a vacilação de Quintino, o secretário resolveu nós irmos dirigir no quartel a luta. Eram 6 horas da manhã de 25<sup>3</sup> quando chegamos ao pé de Quintino e Lisiel, sargento e Guerreiro, cabo e Agapito, sargento, os dois últimos uns heróis, aplicavam todas as diretivas, mas Quintino e Liziel, nada. Chegando nós no quartel, Quintino nos disse que estava mal a situação; perguntamos porque isto, pois só a polícia que estava resistindo? E nós animávamos ele. Tomamos diversas diretivas, animamos muitos trabalhadores que ele não queria dar armas. Chamamos 135 estivadores e mandamos para a tomada do quartel de polícia que fez 4 horas de fogo cerrado. A massa atiravam de bomba na mão, meio de fuzil e metralhadora. A tomada do quartel de polícia às 10 horas da manhã, expedimos grupos para ocupação das empresas, imprimimos folhetos e mais folhetos, comícios em toda parte, distribuição de víveres para todos os cantos da cidade, tiramos um jornal com o nome *LIBERDADE*.

Nas feiras, prendemos os cobradores de impostos e pagamos os vencimentos de todos os funcionários nas repartições, onde se achavam eles aguardando ordens nossas. Queimamos todas as papeletas de cartórios etc., mesas de rendas etc., na cidade e no campo distribuimos roupa muita e dinheiro à população pobre; abatemos os bondes para funcionar a 100 reis, pão a 100 reis. Apoderamo-nos dos telégrafos, rádio, casa do governador, instalamos uma Junta Revolucionária na Vila Ceci e no outro dia 26 já se estava senhor da cidade e já se seguiu tomando 7 municípios e Quintino continuava convidando-nos para abandonar a luta dizendo que estávamos cercados. No dia 26 grande era a quantidade de massa na rua armados mas com arma curta e branca os armamentos não apareceram cortamos mais de 500 metros da E. de Ferro de todos os setores. Esteve preso o chefe de polícia e muito agente e o comandante da polícia e uns oficiais do 21. Quintino não nos quis entregar estes presos. Fizeram os estivadores tentativas para arrancar estes para a massa, ele não quis e somente respondia "mais tarde". Eu compreendi bem sua traição, comuniquei-a a todo o CR, logo separamos a Junta de perto dele e então era 4 horas da tarde do dia 26<sup>4</sup> [sic]. A situação melhorou muito para a aplicação de nossas diretivas. Botemos a Junta na sua sede e entramos a agir. Quintino, vendo-se isolado por nós e a massa, nos acompanhava e os soldados de seu comando atendiam mais a nós do que a ele, chegou ao ponto de um cabo dizer a Quintino este papel que ele estava fazendo dando toda liberdade e proteção aos presos estava muito mal; ele só dizia para mim que eu estava muito afobado, que isso não era assim, que ele estava ao par das leis e eu dizia a ele que no momento de uma revolução de

3. Há um erro na data. A correta é 24.

4. A data correta é 24.

massas as leis burguesas desapareciam. No momento em que as massas andam mulher, criança, soldado pela rua afora, cantando os hinos da ANL e da Internacional, o povo já está convicto de nossa vitória, parecem (aqui está incompreensível) a média (cremos que meio dia) aparece Quintino com seu estado maior para propor a retirada de noite; resistimos porque não havia motivo para tal; dava a notícia que Recife estava perdido, eles não acharam o nosso apoio, só tiveram apoio foi dos 3 da Junta João Batista Galvão, Mário Lago e José Macedo, eu então chamei Mamede e Dante e todo o CR e discutimos a traição. Mamede desde este momento vacilou e depois ficou firme. Dante não dava uma palavra contra. Na noite, os soldados firmes, as massas firmes, os dirigentes vacilando, o momento foi cruel, mostrei reunindo todos o perigo da vacilação, chamei a todos à responsabilidade e o secretário e toda a Junta dizendo que se nós fôssemos atacados, nós devíamos retirar mas sim para local estratégico escolhido em reunião por nós. Mas tudo foi inútil. Às 11 horas da noite já fugiam os 3 da Junta sem nos avisar, às 11:30 Quintino dava liberdade e garantia aos presos. Mandamos o camarada secretário ir falar com ele, não foi atendido, às 12 horas da noite a ligação trás notícia que os presos foram soltos e levados para bordo do destróier de guerra chileno com garantia de Quintino. À meia hora depois da meia noite o aparelho de ligação dá informes que Quintino com o restante dos soldados que estavam no quartel tinham arribado para local ignorado. Desânimo das nossas forças, pois nós só tínhamos no nosso quartel da Vila uns 40 homens e mulheres e 19 fuzis e algumas armas curtas e munição muito pouca. Convidei todos os camaradas a resistir até a última; alguns dirigentes negam, dizem que estou louco, então eu combinei que pague a todos os camaradas que estão pegando em armas assim foi feito antes da retirada. Assim que tomamos o dinheiro fizemos pagamento a todos os militares e civis que estavam pegando em armas, primeiro pagamento de 220\$000 a cada um. Na retirada fizemos um segundo pagamento muito maior. Quando efetuavam o pagamento eram 3 horas da madrugada de 28<sup>5</sup> [sic]. Aí foi grande confusão porque a secretária pagava e mandavam todos cair fora. Quando eu vim estavam com muito pouca gente. Então eu tomei a medida séria que ninguém se podia retirar sob pena de morte. Fiz a explicação aos camaradas no meio da praça, mostrando a traição dos dirigentes do 21 e dos 3 civis que a massa tinha entregue toda a confiança (elegendo para a Junta). Quando estava convidando os camaradas que quisessem fazer a retirada comigo para formar as guerrilhas do Norte, fui chamado a atenção pelo camarada secretário que dizia que estávamos fazendo discursos e devíamos fugir. Todos fugiram, fugiu o secretário e Dante foi o primeiro que tomou o auto. Eu saí com 6 homens e a minha companheira e só com um fuzil e duas armas curtas. Eram 4 e meia horas da madrugada de 27<sup>6</sup>; abandonamos o poder

---

5. A data correta é 27

6. A data correta é 27.

sem a menor resistência do inimigo; a nossa perda de camaradas na luta na cidade foi de 4 sendo um civil preso na Detenção e 3 do 21, uma moça; no campo não sei; os inimigos foi grande; não houve um só caso de desrespeito à família; as famílias todas nos apoiavam a nossa atitude; fizemos pagamento a dois pequenos negociantes que tomaram algumas mercadorias deles. Tivemos dois aviões à nossa disposição, um deles fez vôo de reconhecimento aos inimigos e distribuição de manifestos, eles fizeram o vôo com 3 operários armados. Resolvemos o caso de uma tripulação marítima, intimamos o comandante de um navio dar as reivindicações que a tripulação pedia. Fomos atendidos mais não me lembro bem o nome do navio, mas me parece que é o navio Santos.

Os galinhas verdes quebramos todas as sedes deles e todos os locais etc.

FIM

Meu parecer é justo e acho que não se devia ficar de braços cruzados na situação que estava o 21, mas não vacilo em afirmar que Quintino e mais alguns de seu comando fizeram este movimento comprados para impedir a boa marcha do movimento libertador com Prestes a frente. Este é o meu ponto de vista. Enquanto Mamede e Dante, o último dia que os vi foi no dia 28 [sic] às 8 horas do dia em Baixa Verde. Perguntei o que devíamos fazer e a resposta foi: cada um tome o seu destino. Eu perguntei, e os grupos guerrilheiros, não vamos fazer? Me disseram depois: já não, e retiraram-se. Minha prisão rompendo mato e mais de 40 léguas eu e a companheira e um jovem e o encarregado do trabalho sindical; este último não resistiu à viagem e ficou 20 léguas distante de Natal e assim ficamos 3 só e assim viajamos 12 dias e chegamos ao estado de Pernambuco. Fomos presos, estivemos todos numa cadeia e lá encontrou preso um estivador camarada bom, herói, à meia noite do dia 7 de dezembro fomos retirados desta prisão com ameaça de morte, todos nós 4 estávamos firmes, dispostos para tudo. Afinal não tiveram apetite. Nesta mesma noite fomos para Recife, para o Brasil Novo. Lá depois de ouvidos, minha companheira foi posta em liberdade. Lá no Brasil Novo encontrei mais camaradas. No dia 8 foram soltos dois dos que achei no Brasil Novo. E na noite de 9, às duas horas da madrugada fui com mais companheiros para a Detenção. Lá estivemos com os companheiros até o dia 13-1-36 às 5 e meia da tarde quando fomos postos em liberdade. Na detenção encontrei Roupas Velhas que foi preso no dia 28 de 12 de 35 em Garanhuns. Ele ainda não foi solto porque deu dois nomes e me parece que ele está um pouco enrascado. Nós saímos porque tivemos tática. Não de comprometer a linha.

O que vi em toda parte é muita satisfação do povo sobre esta arrancada da ANL; nas cadeias todos animados e satisfeitos. Vi grande quantidade de jovens na cadeia alegres, dando

vivas à ANL, a Prestes e ao PC; jovens de 16 anos que lutaram e confessaram que lutaram às autoridades da Detenção. Fizemos greve de protesto. A todo momento circulou a *Folha do Povo* e *O Preso Proletário* lá na Detenção. A massa e os soldados confiam na linha do CC e esperam em pouco tempo outra arrancada e os camponeses lutando com armas na mão e lenço vermelho no pescoço e fita vermelha no chapéu; as casas dos camponeses enfeitadas de bandeiras vermelhas de papel nas portas.

Caros camaradas, aguardo a solução vossa sobre a minha situação, como já expliquei ao camarada Abelardo. Eu penso que aqui no Norte não posso mais trabalhar, não conheço medo para cumprir com as tarefas que entregam, assim eu aguardo as resoluções dessa carta o mais breve possível.

De mim e da minha companheira, camaradas, saudações

SANTA

16.1.936

Nota do editor: As observações sobre datas, nos parênteses, são da polícia.

Transcrição fac-similar

(TSN, Processo nº 1, apreensão à rua Honório)

# 49

## ALERTA CAMARADAS! CONTRA A REAÇÃO E A PROVOCAÇÃO!

Nossa ofensiva marcou o início de uma nova fase, das lutas armadas, na revolução nacional libertadora. A esse grande avanço da revolução se opõe um aumento muito grande da reação contra o qual precisamos opor uma defesa eficaz para, recompondo nossas forças dentro do trabalho de massas, prosseguir na avançada até a vitória final.

Temos novas tarefas e o BNO propõe a todos os regionais, comitês locais, de setor e célula a luta tenaz, por cima de todas as resistências conscientes ou não contra os maus métodos de trabalho, aplicando as medidas abaixo enumeradas.

A polícia emprega métodos mais firmes. Melhorem os nossos métodos de conspiração. Não é só aumentando a reação física contra os revolucionários que atua a polícia de Getúlio e dos imperialistas. Ela emprega mais recursos e métodos policiais. Por exemplo, a polícia não manda mais vigiar as casas por "tiras" com um bruto revólver na cinta, que se denunciam como tal imediatamente. Hoje ela emprega novos métodos: mobiliza milhares de espíões que se fantasiam de vagabundos, vendedores ambulantes, matamosquitos, vendedores de loteria etc. e suborna uma porção de gente apenas para o serviço de informações. Portanto, é preciso estar agora vigilante contra todos os possíveis espíões e não ficar comodamente convencidos de que não estamos vigiados porque não aparece o clássico "tira".

Outro novo método da polícia é vigiar alugando uma casa nas proximidades para que o vigiado não pressinta. Ou então, incumbe um integralista vizinho desse trabalho. Antigamente, ela mal localizava um companheiro, dava a cana nele; hoje a tática é outra: procuram seguir aquele às vezes durante meses, para assim deitar a mão em um organismo inteiro ou pegar uma pista para o aparelho e para a direção.

Cada camarada que quer a revolução deve portanto lutar contra as ilusões democráticas e controlar constantemente seus companheiros para insistir sobre mudança dos elementos conhecidos, para saber como se está defendendo de ser seguido, como anda sem documentos no bolso, nem em sua residência etc. e em primeiro lugar, responsabilizamos os secretários e encarregados de organização para que observem e façam observar rigorosamente, por todos os camaradas, as regras abaixo, controlando detalhadamente os seus organismos.

1º- Todos os camaradas que moram em casas conhecidas da polícia devem mudar-se imediatamente, pois não terem sido presos não é nenhuma garantia de que não serão mais adiante em momento de importância ainda maior para nós. As mudanças devem ser feitas sem deixar rastro, transportando primeiro a uma estação de bondes, despachando para outra e lá saindo em carro diferente. Ou então levar a mudança primeiro para casa de um conhecido e de lá mudando em outro carro e dentro de poucas horas que não dê tempo a polícia para procurar o primeiro chauffeur.

2º- Os pontos de rua devem ser cortados ao mínimo. Não repetir pontos no mesmo lugar. Não cumprimentar nem falar com camaradas na rua, porque um dos dois pode estar seguido. Deve-se mobilizar casa de simpatizante ou amigo para conversar com os companheiros e transmitir diretivas. Os pontos indispensáveis devem ser em esquinas mortas e nunca com mais de 2 camaradas.

3º- Agora que os espões da polícia são muito mais numerosos, porque aumentados por todos os integralistas, temos que tomar sério cuidado de não falar em lugares públicos: trens, bondes, ônibus, cafés etc. Uma imprudência pode dar uma pista.

4º- Todos os pontos mais centrais como estações, pontos de seção de bondes, entroncamento de ruas importantes estão vigiados. Nenhum camarada conhecido deve passar a pé por esses locais. Sempre que possível, ficar dentro de conduções onde viajam outros passageiros e passar por esses lugares lendo jornal, de cabeça abaixada etc. Na rua, devemos vestir de acordo com o bairro, sempre o mais decentemente possível, portando-se como todo o mundo e não gesticular, não falar alto.

5º- Todo camarada deve ter a preocupação de fiscalizar **CONSTANTEMENTE** se não está sendo seguido. Mas não olhar para trás acintosamente, procurar pretexto para fazê-lo naturalmente, deixar cair um jornal e voltar-se para apanhar, voltar-se para olhar uma mulher bonita que passou, para uma vitrine de loja, entrar num negócio para comprar fósforos, atravessar a rua para ter que olhar e ver se vem automóvel.

Dobrar esquinas sempre que chegar perto de um local para controlar se está seguido [sic]

ou não. Cada vez que se encontrar outro camarada fiscalizar se este vai seguido. [sic] Sempre estudar a retirada do ponto onde se encontra para poder safar-se logo que apareça qualquer coisa suspeita.

6º- Não carregar papéis no bolso. Distribuir os materiais do P. logo que os receber e manter a casa limpa. Diminuir ao mínimo o uso de atas, bilhetes etc. Constantemente controlar os bolsos para ver se não tem papel esquecido.

7º- Nenhuma reunião deve durar mais do que até 21:30 horas no centro e 21 horas nos subúrbios ou pequenas cidades. Não se deve falar alto. Devemos abandonar as reuniões longas para bater papo e conversar fiado sobre os acontecimentos. Numa hora e até mesmo em meia hora, os 5 ou 6 membros de uma célula podem entender-se sobre a realização das tarefas traçadas, tomar novas resoluções e discutir a situação de sua empresa ou fábrica. Isso pode-se fazer andando na rua, a caminho de casa depois do trabalho ou num jardim público, afastando-se dos demais frequentadores e não tomando atitudes misteriosas. Uma reunião de 2 horas é o máximo que se pode agüentar hoje para uma célula. Tratar de coisas concretas é a melhor forma de manter as células vivas. Da reunião ninguém deve sair com papelório, porque pode ser revistado. Não sair aos grupos e em vozerio, porque chama a atenção dos vizinhos e o dono da casa pode não querer mais cedê-la.

#### A luta contra a provocação e a espionagem tem cada vez maior importância.

1. - A vigilância de classe deve ser intensificada e localizados como suspeitos todos os elementos que fazem desagregação nas esquinas. Quem quiser discutir suas opiniões vá para dentro da reunião de seu organismo expô-las lealmente. É preciso também fazer uma revisão de todos os quadros de acordo com a sua situação nos dias de luta armada e de preparação, localizando as sabotagens conscientes etc. Todo camarada que se tenha tornado suspeito por fatos ocorridos, deve ser imediatamente afastado e não voltar ao trabalho enquanto não ficar sobejamente provada sua inocência. Não basear-se sobre palpites e opiniões individuais para considerar um camarada suspeito; somente na base de fatos e de opiniões coletivas é que podem ser tomadas medidas de afastamento. 2. - Todos os camaradas que forem presos, ao sair deverão ficar afastados de seus trabalhos e de suas bases até prestarem informe escrito e detalhado de sua prisão, razão de soltura, como se portou e como se portaram os companheiros durante a prisão etc. Somente depois de controlar a verdade dos informes é que tais elementos poderão voltar a funcionar em seus organismos. Essa regra geral precisa ser observada com toda responsabilidade e sem nenhuma exceção, porque muitos camaradas honestos serão soltos apenas para servir de pista à polícia e sem querer podem entregar os outros. 3. - Repetimos aqui aos camaradas que a

luta contra a provocação e a espionagem não se limita em procurar localizar os provocadores e botá-los para fora desmascarando-os diante das massas. Essa é apenas uma parte e a menos importante. O central e o mais importante é que todo o P. se mobilize para a aplicação de bons métodos de trabalho e para a luta contra o relaxamento e o sentimentalismo pequeno burguês. Em primeiro lugar, seja quem for, só deve cada camarada saber o que é estritamente indispensável para realizar suas tarefas (politicamente toda a linha do P., todos os problemas, mas organicamente só o indispensável). Cada setor deve ficar organicamente separado dos demais e os membros do P. de uma seção de célula não devem conhecer os das demais e serem apenas ligados ao B. de célula por 1 ou 2 de seus membros. Cada camarada deve trabalhar, realizar todas as tarefas do P. sem botar letreiro de comunista na testa; todo recrutamento deve ser feito pelas células dentro dos locais de trabalho e não baseado sobre conversas e arrotos de valentia, mas sim sobre realização concreta das tarefas de preparação da luta. Deve-se estudar o passado dos camaradas e não acreditar com facilidade que comp. de massa que se conservaram alheios às greves em sua empresa, em sua fábrica, de repente possam ser tomados de uma consciência perfeita de classe e se colocar na vanguarda com extraordinária disposição. É necessário controlar tudo e todos e sobretudo a realização das tarefas, pois através desse controle é que vão ser localizadas as sabotagens e as desagregações que apontarão os provocadores. A melhor forma de lutar contra a provocação e espionagem é lutar pela aplicação da linha do P. e pela observação responsável de todos os métodos de trabalho de conspiração. Mesmo que um provocador se infiltre, ele não poderá fazer muito mal se observamos o que está dito acima. A observação dessas regras nos permitirá resguardar nosso Partido e as organizações de massa dos ataques do inimigo e, reorganizando nossas forças dentro do movimento de massas, passar novamente à ofensiva em curto prazo de tempo.

Saudações comunistas.

Pelo B. Nacional de Organização,

MARTINS<sup>1</sup>

(Documento do PCB de janeiro de 1936. TSN, Processo n° 395)

---

1. Honório de Freitas Guimarães, Secretário de Organização do PCB.

# 50

## A ATUAL SITUAÇÃO BRASILEIRA E AS TAREFAS DO PARTIDO COMUNISTA

O birô político do CC do PCB (S. da IC), em sua primeira sessão depois dos acontecimentos de novembro, estudou as características fundamentais partidárias e de massas, ligadas à preparação mais rápida e intensiva de todas as forças do partido, com o objetivo de participar de maneira eficiente nos próximos e decisivos acontecimentos nacional revolucionários.

### A SITUAÇÃO NACIONAL SE AGRAVA

A precária vitória das camarilhas dominantes e dos imperialistas sobre os primeiros combates da revolução nacional libertadora não lhes permitiu consolidar suas posições em nenhum setor da vida nacional.

### A SITUAÇÃO POLÍTICA

Os “vencedores” temporários não conseguiram sequer atenuar os profundos antagonismos internos e externos das camarilhas dominantes e dos bandos imperialistas. De Norte a Sul do país, o cenário político de cada estado apresenta-se cindido pelas encarniçadas competições entre as correntes que disputam o poder estadual. Apesar dos apelos desesperados da camarilha governamental e de seus jornais por uma “união sagrada” contra o espantalho da revolução, a situação das principais unidades da federação vem se complicando nos últimos dias e tende a se agravar mais com a luta em torno do poder central, ao aproximarem-se as eleições para a presidência da República e com as contradições inter-imperialistas. E o “acordo” gaúcho, que a imprensa ligada ao governo da República procura disfarçar como uma vitória no sentido da unificação das forças contra-revolucionárias, atinge a fundo, seriamente, o governo central.

### A SITUAÇÃO ECONÔMICA

A este debilitamento, ou melhor, a esta decomposição das forças reacionárias devemos acrescentar o descalabro econômico, como resultado da dominação imperialista dos ricos

nacionais. O governo não conseguiu, nem pode conseguir, solucionar os graves problemas nacionais que afligem o povo brasileiro. A voragem imperialista, canalizando o ouro nacional para os cofres de Londres, Nova York e outros, através das empresas imperialistas, dos bancos, dos juros decorrentes dos empréstimos, acrescentando-se ainda a exploração feudal e dos açambarcadores nacionais e a desorganização e as contradições da produção do país, tudo isso levou a economia do povo brasileiro a uma situação desesperadora. O valor aquisitivo da nossa moeda torna a vida do povo insuportável. O orçamento federal apresenta um "déficit" confessado numa importância jamais atingida, somando com os "déficits" do governo de Getúlio destes 5 anos, sobe a mais de 5 milhões de contos de réis.

#### A SITUAÇÃO DAS MASSAS

Toda a população brasileira sofre neste momento a brutal opressão das medidas terroristas do governo de Getúlio, de traição nacional. Pesam indistintamente sobre todas as camadas populares os efeitos do sítio e da fúria policialesca das polícias centrais do Rio e dos Estados.

À sombra do terror policial, os saqueadores do povo redobram sua ofensiva econômica. A alta do custo da vida atinge nestes dias proporções alarmantes em todo o país. Subiram de preço todos os gêneros de primeira necessidade. Está aumentando particularmente o preço do pão, com a diminuição do peso. Todas as empresas imperialistas que exploram serviços públicos de telefones, força, luz, gás, transportes urbanos e ferrovias como a Light, Leopoldina Railway, Cantareira, Pernambuco Tramway, São Paulo Railway etc. já confeccionaram aumentos até cem por cento dos preços de suas tabelas. Agravam-se pois, em condições nunca vistas, a situação de penúria e empobrecimento das massas proletárias e populares. Mas a contra-ofensiva do povo saqueado por seus odiados exploradores começa a romper o cerco do terror policial e das medidas de exceção do sítio dos imperialistas e seus agentes.

Levantam-se os barqueiros e trabalhadores fluviais do rio de São Francisco, ocupando navios e paralisando a navegação até conquistarem as melhorias que pleiteiam. Cidades e zonas inteiras de Minas fazem greves de protesto contra a asfixiante reforma tributária do governo daquele Estado. A efervescência entre o pequeno funcionalismo público, que é o mais numeroso e que não foi atingido pelo "abono provisório", a indignação do pequeno comércio e pequenos proprietários urbanos e rurais contra o aumento dos impostos para 1936, o descontentamento das camadas mais pobres da população camponesa, atingida pela ruína em massa e a revolta latente e profunda do proletariado, cujos maiores direitos acabam de ser roubados pelo governo de Getúlio, cujos sindicatos acabam de ser assaltados pela polícia política e alvejados pelas investidas patronais de rebaixa de salários, aumento de horas de trabalho, abolição de férias,

dispensa em massa etc. tais são os fatos que prenunciam a vigorosa contra-ofensiva das massas, já iniciada nas grandes lutas populares de Minas Gerais e São Paulo.

#### EM QUE CONDIÇÕES SE DESENVOLVE A CRISE REVOLUCIONÁRIA NO BRASIL?

O processo revolucionário no Brasil se desenvolve em condições especiais; de um lado um grande avanço dos fatores objetivos (crises e contradições políticas profundas, grande miséria e um descontentamento no povo sem precedentes) e do outro um atraso dos fatores subjetivos (um PC novo, pouco formado e pouco experiente nas lutas, a ANL e outras organizações revolucionárias em plena organização etc.).

Essa distância entre os dois fatores fundamentais para a vitória do movimento revolucionário torna penoso o caminho da revolução e faz aumentar as responsabilidades dos comunistas, exigindo de nossa parte grandes esforços e espírito de sacrifício. Quanto mais depressa vencermos esse atraso em que se encontram nossas organizações frente à situação de crise nacional, tanto mais rápido nos acercaremos da vitória.

Esta constatação clara, evidente, nos leva a procurar solução para o seguinte problema: que fazer, então, para tornar nosso partido e as organizações revolucionárias capazes de conduzir a revolução à vitória? Que tarefas fundamentais se impõem ao nosso Partido, no momento, para vencer esse atraso em que nos encontramos em relação aos fatores objetivos?

Os trotskistas e derrotistas de toda a espécie, na sua obra desagregadora e contra-revolucionária, dizem o seguinte: "Devemos primeiro organizar nossas forças, cuidar primeiro de nossas debilidades. Nada de aventuras. É cedo para pegar em armas!" Desmascarando essas "teorias" reacionárias nós respondemos: Pedir à massa para esperar que se reforcem suas organizações dirigentes, procurar frear as lutas do povo é uma tarefa digna dos trotskistas, cuja ação traidora vai até a provocação policial mais sórdida.

Nós compreendemos que a condição nº 1 para o nosso fortalecimento é marcharmos à frente dos combates, é preparar e dirigir desde as pequenas lutas econômicas até os grandes combates armados, até a insurreição. É no processo dessas lutas que o nosso PC adquirirá forças para conduzir o povo à vitória.

#### A SITUAÇÃO DO PARTIDO E SUAS PRINCIPAIS TAREFAS

Apesar dos duros golpes assestados pela mais furiosa investida reacionária das camarilhas

dominantes e dos imperialistas, de que não se conhece outro precedente na história do país, o Partido conserva, em seu conjunto, intacta a maioria de suas forças e reorganiza os organismos cujos militantes principais foram atingidos pela reação do inimigo. Nenhuma das regiões de todo o país, nenhuma organização local foi destruída. Tal constatação, porém, por si mesma, não é suficiente para preservar e aumentar nossos efetivos partidários e de massa. É preciso analisar as enormes debilidades que o movimento de novembro pôs a nu em nossas fileiras para superá-las e fortalecer o Partido.

(1) NO SETOR OPERÁRIO - Apesar da severa autocrítica havida no CC em agosto-setembro sobre a falta de um trabalho de base seguro nas empresas fundamentais, entretanto a viragem desejada não se fez, predominando ainda o trabalho de cúpula nos sindicatos, sem a formação dos comitês de frente única em cada local de trabalho a fim de preparar as lutas pelas reivindicações econômicas e políticas, começando pelas lutas parciais até as lutas generalizadas. Assim, durante o movimento armado de novembro, corporações como a dos marinheiros mercantes esperavam da diretoria do sindicato a palavra de ordem de greve. E como a palavra de ordem não saiu, também não saiu greve. E assim em vários ramos de indústrias.

PARA CONDUZIR O TRABALHO PARTIDÁRIO DE SORTE A IMPULSIONAR, preparar e dirigir as lutas do proletariado por suas reivindicações, partindo de suas necessidades mais prementes, todas as nossas forças devem convergir para as empresas fundamentais e aí empregar o máximo de seus esforços para:

- (a) agrupar os operários das seções mais decisivas do estabelecimento em torno de seus interesses imediatos;
- (b) constituir com os delegados mais prestigiosos dessas seções uma comissão ampla, de massas, que atue como órgão das aspirações mais sentidas de todos os trabalhadores do local em questão;
- (c) preparar e desencadear as lutas dos trabalhadores da empresa para a conquista das melhorias mais urgentes de suas condições de vida e trabalho.

Essa comissão de empresa, que atua como organismo de base, de frente única amplíssima de todos os trabalhadores, pode funcionar com certo caráter de organismo permanente de defesa dos interesses da massa que representa, verdadeiro embrião de um futuro comitê de empresa, que surgirá como forma superior de organização da massa quando suas lutas tenham atingido maior extensão.

Essa comissão de empresa deve impulsionar a criação de comissões de reclamações de uma ou de mais seções ou então de todo o estabelecimento para exigir dos patrões a solução das questões que interessarem a massa.

Além das comissões de reclamações, a comissão de empresa, que não é organismo de base de sindicato, dado seu caráter amplo de órgão de toda a massa sindicalizada e não sindicalizada, deve estimular a criação de uma ativa seção sindical, englobando os operários mais prestigiosos e mais ativos da empresa. A comissão de empresa deve ter a representação de delegados de todos os organismos culturais, desportivos, beneficentes etc. dos trabalhadores do local, incluindo em seu programa de luta as necessidades desses organismos. Nas condições atuais a comissão de empresa deve constituir, com os elementos mais combativos da massa, brigadas de autodefesa que sejam aparelhadas de todos os meios técnicos de armamentos a seu alcance para defederem os operários contra as agressões dos capangas da patronal, dos bandos integralistas e das hordas sanguinárias da polícia política.

Por fim, o melhor traço de união entre a comissão e os trabalhadores deve ser o jornal de massa da empresa, como órgão das aspirações de todos os operários do local, sem nenhuma manifestação sectária, com todos os seus artigos, reportagens, correspondências, caricaturas etc. cujo conteúdo seja o dos interesses da massa.

Destarte, o trabalho partidário concentrando todas as suas forças na empresa, aumentará de quantidade e qualidade, defenderá com êxito os interesses da massa e desencadeará vitoriosamente suas lutas por mais desesperados que sejam a ofensiva econômica e o terror policial do patronato e seu governo.

(2) NO CAMPO - O movimento de novembro deveria ter dado início a uma onda enorme de guerrilhas. Entretanto, apenas existem colunas de guerrilheiros em alguns Estados do Nordeste. POR QUE?

Em primeiro lugar porque os comitês regionais não deram a devida atenção ao trabalho no campo, deixando mesmo em alguns estados (Bahia) o trabalho já iniciado em completo abandono. Em segundo lugar, devido aos erros táticos dos dirigentes do movimento de Pernambuco e Rio Grande do Norte. Neste último Estado, membros da junta governativa vacilaram e não organizaram a retirada das tropas, em ordem, para o interior. E os dirigentes comunistas não souberam tomar uma posição audaz num caso de traição como o do sargento Quintino. Mesmo assim, o movimento de novembro criou novas condições favoráveis ao desenvolvimento das guerrilhas. Além da situação da massa camponesa ter se agravado, milhares

de soldados, oficiais, operários e funcionários públicos foram jogados na rua, sem nenhuma possibilidade de emprego, indo aumentar o já numeroso exército dos sem trabalho. Essa massa jogada ao extremo da miséria não tem outro caminho a seguir senão pegar em armas e continuar a luta contra o governo de Vargas. E muitos formarão bandos, mesmo sem a orientação do Partido, sujeitos, em tal caso, a degenerar nas lutas sem princípios (cangaceirismo).

Em certos lugares, e mesmo sob a influência dos acontecimentos de novembro, a luta dos guerrilheiros, ainda desorientados, privados de uma firme direção político-militar estende-se a zonas inteiras. A defesa e o apoio a esses guerrilheiros camponeses, com todos os recursos que possamos obter para eles em campanhas de massa de solidariedade, devem figurar como uma tarefa fundamental de nossos regionais para intensificarem o movimento camponês. O eixo decisivo do trabalho camponês repousa porém na luta pelas reivindicações mais prementes da massa do campo. O próprio movimento guerrilheiro não deve surgir artificialmente, mas nascer da luta pela conquista de tais reivindicações, partindo desde o não pagamento dos arrendamentos, dos impostos cobrados pelo governo de traição nacional até ganhar um nível mais elevado, que culmine na criação de amplos organismos de luta da massa camponesa (comitês, ligas, sindicatos etc.). Cada regional deve mobilizar seus melhores ativistas que não possam desenvolver o máximo de operosidade nas cidades, neste momento, e concentrá-los nas zonas camponesas mais importantes, para aí realizarem o trabalho partidário e de massa.

#### AS LUTAS POPULARES

A furiosa ofensiva econômica das empresas imperialistas e dos ricos nacionais reduz o povo em geral às mais negras condições de penúria e privações insuportáveis. A luta contra a carestia de vida (contra a alta dos impostos, dos aluguéis, das taxas e materiais escolares, do aumento dos preços de serviços públicos, luz, telefones, bondes, gás, estradas de ferro, barcas etc.) deve ser o eixo do trabalho popular. Em cada bairro devemos apoiar não somente a luta pelas necessidades locais de tais bairros, como a constituição de comissões de luta contra a carestia de vida que passem das petições dos moradores do lugar às ações de massa para a conquista de suas reivindicações, criando-se no curso dessas lutas ligas, clubes ou centros populares, defendidos pela população e as brigadas populares que se organizarem. O jornal de massa de bairro será o grande traço de união entre os moradores locais e os dirigentes da luta por suas reivindicações.

#### A LUTA PELA LIBERDADE DOS PRESOS

Insistimos nesta circular, por ser uma questão de máxima importância, sobre a luta pela liberdade de todos os nacional revolucionários presos. A campanha deve ser sistemática, visando especialmente os camaradas Miranda e Harry Berger, os quais estão sendo torturados na prisão.

Deixamos de entrar em detalhes sobre esta questão porque segue uma circular especial.

Também sobre as tarefas de RECRUTAMENTO e sobre a ANL mandaremos instruções a parte.

O Birô Político, constatando as condições objetivas atuais do país, liga as tarefas deste trabalho partidário e de massas às perspectivas da situação revolucionária, cujos acontecimentos se desenrolam com extraordinária rapidez, colocando ante todo o Partido a questão de preparar-se, através da realização destas tarefas, para os próximos e decisivos combates nacional revolucionários.

Janeiro - 1936

O BP do CC do PCB (Seção da IC)

(Primeira apreciação da direção do PCB sobre os acontecimentos de novembro de 1935.  
TSN, Processo nº 395)

# 51

## CARTA DO S.N. DO PCB A RAMALHO (OSVALDO COSTA).

Rio, 31 de janeiro de 1936

Prezado camarada Ram.<sup>1</sup>

Recebemos sua carta de 29 do corrente. Um bilhete nosso marcando ponto com M.<sup>2</sup> não deve ter sido recebido por V., pois que não fostes ao ponto marcado. É urgente esse encontro e não devemos mais ficar desligados, pois que o Tambaú sabe como ligar-se conosco através do gravador e nós não temos nenhuma referência capaz de nos ligar com VV. Soubemos ontem da prisão de Matoso, consta que na sede de A Manhã, pedimos confirmação; avisamos a você que recebemos denúncia de que o chefe das oficinas da A.M.<sup>3</sup> está imprimindo material subversivo lá dentro. Não queremos acreditar nisso, mas transmitimos para que sindiques e tomes providências muito enérgicas caso isso se esteja dando com qualquer operário de lá. Isso são coisas gerais. No fim da carta segue novo ponto, onde te encontrarás com um de nós.

Sua carta foi lida ao Secretariado. Comunicamos a V. que o trabalho de direção está completamente reorganizado, desde o dia em que tivemos a certeza da queda de Tav.<sup>4</sup> Não há nenhum perigo de caírmos em provocação encampada sob as palavras de "democracia interna" ou qualquer outra forma de liberalismo podre. O BP já havia autorizado uma reorganização do SN caso a reação a tornasse necessária, bem como o funcionamento de um BP de 5. Pedimos a V<sup>5</sup> mandar dizer quem são os elementos que levantaram a proposta de eleição "democrática" do secretariado interino, para que se tomem providências com eles pela Região do Rio.

- 
1. RAM - Ramalho.
  2. Martins.
  3. *A Manhã*.
  4. Tav. (Tavares é Miranda).
  5. Você.

Quanto a perseguição a ti, achamos natural que te preocupe, que aches ruim e até que te impeça de raciocinar com a costumeira frieza e objetividade. Dizemos isso porque se depreende perfeitamente de tua carta que achas essa perseguição motivada pela queda do Tav., onde deve ter sido encontrado teu endereço. Isto é justamente o que a polícia quer que V. e todo o partido pense, para desmoralizar nosso companheiro e a direção do Partido. V. mesmo conhece suficientemente o Tav. para repelir com toda a anergia semelhante sugestão. Tav. é incapaz de andar com endereços em papezinhos pelo bolso ou pelas mesas de trabalho. Da mesma marca são as balelas espalhadas pelos jornais sobre o encontro do arquivo do P. no apartamento de Miranda. Além de cópias de manifestos chegados recentemente e de que precisou para responder a duas regiões do Norte, nada mais lá havia. Sabes perfeitamente que não temos arquivos do P. em casa. Juntamos uma circular e volantes feitos sobre as prisões de Miranda e Harry Berger, desmascarando as provocações da polícia que agora, de posse das máquinas de escrever de Prestes, Harry Berger e Miranda, já começou a forjar documentos, como as cartas que publicaram *A Nota* e *A Batalha* como sendo de Prestes. Todas as notícias visam desprestigiar a direção do Partido e lançar confusões. Nossa tarefa e a de todos os membros do Partido, especialmente os mais ligados ao trabalho de direção, é levar uma campanha tenaz contra os boatos e as mentiras espalhadas pelos nauseabundos e mostrar a improcedência das afirmações feitas. Com Harry Berger, de fato, encontrava-se uma parte do arquivo de Prestes, mas V. pode acreditar que esse camarada tivesse listas de nomes e tudo aquilo que diz a polícia? Evidentemente, tal suposição é absurda.

Não acreditas possível que marcando pontos no centro, como estavas fazendo, já tivesse sido possível à polícia seguir-te e localizar tua casa, esperando de alcatéia para ver se pegava mais pistas e dando lá a cana depois de pegar o Tav. justamente para lançar confusão? Precisamos trabalhar com todo cuidado na apuração dessas questões e nunca devemos aceitar sem um exame profundo as hipóteses que se apresentam como mais plausíveis à primeira vista.

No capítulo "Como caiu Tavares" fazes uma afirmação de que temos dormido "tanto" na luta contra a provocação e bem assim para liquidar as ilusões democráticas. Desejamos conhecer os fatos que te levam a esse juízo e bem assim saber quais são os companheiros de responsabilidade que são conhecidos "de todo mundo" e que andam em casa "de gente de toda espécie", para que o saquemos imediatamente de qualquer trabalho responsável. A sua afirmação de que "damos a cara a toda hora e à toda gente" carece de qualquer fundamento conhecido por nós e como sabemos que você não ia soltar um balão numa questão dessas, queremos saber que fatos você pode citar e que o levam a formar esse juízo pejorativo a nosso respeito.

Já estamos de posse de uma série de fatos sobre a prisão de Tav., necessitamos saber de

outros pormenores e só depois disso vamos dizer ao Partido o que de fato houve. Não queremos levantar hipóteses e dar palpites sobre um fato tão sério. Cremos que o Partido confiará que sua direção está lutando para obter todos os fatos e que não haverá desagregação em nossas fileiras por causa disso. Não há dúvida de que os famosos membros da oposição revolucionária classista dos Besouchets e Gikovates continuará sua cantilena contra a direção do P., a levantar suspeitas etc. etc. O regozijo com que receberam a prisão de nosso Tavares e as notas maldosas fornecidas aos diários do nauseabundo demonstram claramente de que são capazes esses agentes ideológicos do inimigo.

Quanto aos prejuízos que nos causa uma prisão como a de Tava. estou de pleno acordo com V. e bem assim sobre todas as medidas necessárias para resguardar a direção, para diminuir os riscos e para diminuir ao mínimo o alvo para a reação. Junto à presente uma circular sobre diretivas mandada a todo o Partido e uma mais recente e mais restrita que peço queimares logo depois de ler. Esta mais recente tem quase dois meses. O fato que citas sobre Maria Wer.<sup>6</sup> nos é desconhecido, pedimos citar a fonte e razões que levam a acreditar na veracidade do mesmo; quanto ao parente de camaradas visados pela reação que continua a receber, também desconhecemos e pedimos informe urgente para que possa ser tomada a providência que se impõe. Acreditamos que se refere, com relação a Maria W., o material feminino legal, que talvez recebesse para a União Feminina, mas nem disso sabemos ao certo.

Quanto aos poderes extraordinários que você propõe, achamos completamente desnecessários, pois não existe crise nem na direção do P. nem na base do P. e apesar da enorme falta que nos faz o nosso camarada Tav., a continuação de saída de material, da vida orgânica e política do Partido demonstram que o nosso PCB luta galhardamente para romper o cerco da reação, se bem que com muitas debilidades, cuja autocrítica deve ser feita por todos nós com a máxima energia, que aceitamos em boa parte as que nos fazes e que são justas, ao mesmo tempo que dizemos francamente das que discordamos e que achamos exageradas. Não há intocáveis, isso ficou bem claro no BP; mas ficou também igualmente claro que esta é a direção do Partido, reconhecida pelo mesmo como capaz de enfrentar a reação com o heroísmo de que nos dá exemplo o nosso camarada Miranda e H. Berger, diante das torturas tremendas a que estão submetidos e dos quais devemos mobilizar a massa para livrá-los e a todos os militantes antiimperialistas e antifascistas presos.

B. de Imprensa. Estávamos insistindo por diversos lados, até pelo mineiro, para pegar ligação contigo, com vistas a combinar esses trabalhos. Ótimas propostas. Resolvemos uma ligação semanal contigo pelo enc. de agit. nacional e estabelecimento de ligação por estafeta mais duas

---

6. Maria Werneck.

vezes por semana para que possamos transmitir rapidamente as questões e assegurar a unidade indispensável na transmissão da linha política do P. à massa. Vamos organizar uma reunião do BP, logo que for possível e te chamaremos. Está resolvida uma ligação imediata com o M. e através dele ficará organizada sua ligação com o enc. de agit. Esperamos o mais depressa possível o artigo para a Revista Proletária que te ficou distribuído na reunião do BP, sobre a oposição "revolucionária classista".

Situação política. Muito interessaram as informações. Estamos de acordo que V. fique ligado a esse trabalho, como vinhas fazendo com o O.M.<sup>7</sup> Sobre a apreciação que fazes da posição a tomar com relação à revisão da Constituição e a luta entre os dois grupos, pensamos mais justo nesse momento é defender a Constituição tripudiada por Getúlio de todo jeito, ampliar a frente popular sobre a base da defesa da democracia e luta contra o fascismo e a fascistização aberta do governo. Porém ainda não aprofundamos a discussão sobre esse problema e logo que o fizermos transmitiremos a V.

Sobre a tarefa nº 1. Cientes e bravo! Posso também assegurar a V. que as indiscrições a que aludes em tua carta não partem de cá. Aqui no SN essas coisas morrem. Porém, já soube por outras fontes que se fala abertamente, entre elementos simpatizantes intelectuais cujos nomes mandei pedir, sobre esse assunto. É preciso fazer ver aos companheiros utilizados nesse trabalho que o segredo é indispensável e lutar constantemente contra as ilusões democráticas que ainda fervejam por aí no meio dos intelectuais.

No mais breve esperamos uma ligação mais eficiente e também temos uma tarefa de grande importância para V., que esperamos em breve poder transmitir, através de M.

Saudações proletárias

Do S.N. do P.C.B.

(31 de janeiro de 1936, TSN, Processo nº 1, apreensão à rua Paulo de Frontin)

---

7. Não identificado.

# 52

## CARTA DA DIREÇÃO REGIONAL DE RECIFE AO BIRÔ NACIONAL DE ORGANIZAÇÃO.

Recife, 10-2-36

Prezados camaradas do Birô Nacional de Organização:

Acusamos, além da última carta de vocês, as diretivas que recebemos do delegado desse Birô que esteve de passagem por esta Região dando-nos instruções sobre o aparelho de ligações. Sobre o assunto temos a informar que continuamos com o antigo aparelho, mas na próxima semana esse serviço passará a funcionar de acordo com as recentes instruções. Esperamos informações sobre os 4 navios destinados ao transporte de correspondência. Fazemos a presente resposta sem utilizar o código porque o ignoramos, pois ele não é conhecido dos membros da antiga direção regional que trabalham conosco. Entretanto, mandamos a presente carta por estafeta de segurança. Recebemos daí uma reclamação por não ter sido retirado um material de bordo. Esse fato verificou-se uma só vez e isso porque o estafeta daqui recusou-se a tirar o material por vir o mesmo embrulhado e não na forma do costume. A propósito, temos a informar não ser verdade que esse estafeta "esteja passando fome" por o termos abandonado ou por nos estarmos negando a assegurar o seu sustento. E para desmentir essa versão, aí segue uma cópia do nosso balancete financeiro, no qual ele é contemplado com quase duzentos mil réis mensais. Passamos sim, todos nós, nos primeiros momentos que se seguiram aos acontecimentos de novembro, sérias dificuldades. Não houve de nossa parte, entretanto, o propósito de desamparar nenhum de nossos camaradas. E se ainda hoje gastamos apenas o restritamente necessário é porque nossas possibilidades financeiras estão ainda muito abaixo do que precisamos realizar como tarefas revolucionárias.

SITUAÇÃO DO CR - Nossa direção regional está organizada em caráter provisório. Estamos ainda em uma fase de reorganização geral da Região, da direção às bases. De nosso CR, organizado com 5 membros, só três elementos trabalham satisfatoriamente: Serrano, Medeiros

e Reginaldo. Bispo, o secretário regional indicado pelo companheiro Ferro, não tem iniciativa. Entre suas debilidades ressalta a de fazer comentários sobre questões orgânicas fora de reunião, permitindo assim a formação de um ambiente para a luta de grupo e o descrédito da direção regional nas bases. Outras atitudes suas demonstram ser muito pouco desenvolvido para o tempo que tem de Partido, inclusive em postos de direção. Esbarra diante de dificuldades relativamente pequenas, não sabendo vencê-las e retardando a realização de muitas tarefas. Gersino, encarregado de organização regional, é um elemento ativo, honesto, mas dispersivo. Não é ainda um dirigente, embora tenha mais de um ano de direção regional e tenha ainda recentemente passado por um curso de 20 dias. Resiste a ler materiais. Perde muito tempo em trabalhos puramente de estafetagem, em vez de organizar ele próprio esse trabalho, recrutando para isso elementos que trabalhassem sob sua direção. Nossas críticas a esse método errado não têm surtido efeito, pois Gersino é vítima de uma longa prática de trabalho defeituoso. Tem ainda uma falta que reputamos grave: bebe um pouco e às vezes aparece bastante influenciado pelo álcool, não embriagado propriamente, mas um pouco atoleimado, rindo sem motivo. Embora fraternalmente aconselhado por nós no sentido de deixar o vício, ou promete deixá-lo para não cumprir a promessa, ou em certas ocasiões alega que esse vício nunca prejudicou sua atividade de militante. Somos pela substituição de Bispo e de Gersino, que a nosso ver devem passar a exercer trabalhos de menor responsabilidade. Julgamos mais fácil formar dois quadros com elementos novos e inexperientes, mas também isentos de vícios e sem a influência de uma verdadeira tradição de debilidade de direção, que é um dos males desta Região. Quanto ao camarada da Bahia que estava aqui no curso e que agora se encontra ligado ao regional, julgamos que ele deve regressar, depois de receber mais algumas explicações.

FUNCIONAMENTO DAS BASES - Embora débil, a atual direção regional já restabeleceu ligação e pôs em funcionamento, cada uma com um número regular de elementos (temos instruções de vocês para não dar informes sobre números exatos de nossas forças por escrito, por isso não damos um informe detalhado e mais concreto), as células da Resistência, das Docas, dos Transportes Terrestres, onde se está fazendo um trabalho satisfatório. Mais débeis do que estas estão funcionando as células da Tramway e do Carvão, ambas em reorganização. A Great Western ainda está esfacelada, mas um elemento da empresa que estava foragido e agora regressou vai certamente facilitar-nos o trabalho de reorganização de nossas forças tão duramente sacrificadas entre os ferroviários durante o movimento. Temos duas células organizadas no Saneamento. Cinco de bairro funcionando. Ainda não conseguimos ligação com mais 6 células de bairro que antes de novembro funcionavam sofrivelmente. O comitê local foi organizado com 5 membros e está funcionando irregularmente. Um enviado ao campo voltou sem conseguir

ligar-se com nossas bases do interior. Somente agora pegamos ligação com Escada, onde temos uma célula de empresa. Nossas forças do Partido no interior continuam dispersas. Vamos mandar novo delegado ao campo.

**POSSIBILIDADES DE LUTAS NO CAMPO** - Um companheiro que esteve no curso e regressou ao campo, estando ligado conosco, tem possibilidades de levantar 30 homens, mas não tem armas. Temos, em 5 localidades do sertão, por intermédio de caudilhos, possibilidade de levantar, sem exagero, 200 homens em cada uma dessas localidades. Numa dessas localidades há grandes descontentamentos e possibilidade de lutas iminentes. Estes possuem armas, o que não sucede com os demais. Nosso elemento que irá ao campo tem como tarefa imediata dar a esses elementos diretrizes, aliás por eles pedidas. Essas diretrizes, depois de um exame concreto da situação deles, serão possivelmente de lutas imediatas. Na zona compreendida nessas localidades, segundo informes que tivemos em caráter mais geral, iniciada uma luta serão muito mais amplas as possibilidades de recrutamento, podendo-se contar com milhares de homens. Os caudilhos dessas localidades são filiados à ANL e simpatizam com o Partido.

**BIRÔ SINDICAL** - O Birô Sindical, organizado com 5 membros, realiza um trabalho ainda débil. Todo seu trabalho concreto tem sido de reorganização das frações, completamente esfaceladas depois de novembro. Reorganizamos 9 frações, das quais somente 4 funcionam bem: Resistência, Docas, Choferes e Transportes Terrestres. Nestes 4 setores já foram iniciadas as atividades sindicais, tendo sido já apresentados memoriais. As outras, Carvão, Oleiros, Construção Civil, Padeiros e Sapateiros funcionam muito debilmente. Há perspectivas de lutas no Carvão e nos têxteis da Fábrica da Torre. No Carvão foi criada uma comissão de 8 elementos de massa, encarregados da agitação, devendo na próxima semana lançar um manifesto. Na Torre também foi criada uma comissão de reclamações para aproveitar o descontentamento. Vamos ajudar mais de perto os camaradas do setor sindical, a fim de fazê-los romper com as dificuldades e debilidades.

**JUVENTUDE** - Organizamos uma direção de 5 membros. Nove células de bairro do Recife; funcionando satisfatoriamente apenas 4. Tem uma de empresa e está sendo organizada outra, no setor têxtil. No interior iniciaram trabalhos em duas localidades. Tiraram dois manifestos e materiais internos de organização, de finanças e um político (três materiais internos). Tem realizado pinturas. A direção tem homogeneidade política e disposição para o trabalho. As forças mais consideráveis são de jovens operários, seguindo-se os estudantes.

**SOCORRO** - Uma direção de 5 membros, também organizada depois de novembro, pois o Socorro estava organicamente quase morto. Já estão funcionando seis grupos. Começaram a

auxiliar as famílias dos presos, embora ainda muito debilmente (distribuíram recentemente, pela primeira vez, cem mil réis). Devem publicar por esses dias um manifesto. Embora completamente novos, demonstram já alguma capacidade organizativa, os elementos do CR. São homogêneos e assimilam bem as diretrizes. Reunem [sic] regularmente e nas quatro reuniões que fizeram agora, depois de organizados, têm progredido satisfatoriamente. Têm iniciativa e embora quase todos de massa (dois somente do Partido), são simpatizantes sinceros e prestigiam muito o Partido.

**FINANÇAS** - Estamos dando forma orgânica aos trabalhos de finanças da Região, que eram feitos aqui de maneira nada organizativa. Nossa renda fixa, organizada depois de novembro, quase toda obtida entre contribuintes novos (pois os velhos estão presos ou recentemente saídos da cadeia, queixando-se de quebradeira), aproxima-se de um conto de réis, sem contar com alguns auxílios incertos que temos tido. É de esperar que o trabalho de finanças, encaminhado de maneira orgânica nesses últimos dois meses, melhore rapidamente.

**LIGAÇÕES COM OUTRAS REGIÕES** - Estamos ligados à Paraíba e Alagoas. Por toda essa semana ficaremos ligados ao Rio Grande do Norte. Temos transmitido a Alagoas e Paraíba as diretivas daí recebidas.

**AGITAÇÃO** - Dois manifestos e mais um a ser lançado provavelmente ainda esta semana. Reproduzimos 20.000 programas do Governo Popular Nacional Revolucionário. Materiais internos: um trabalho sobre finanças, um sobre luta contra provocação e espionagem, dividido em 5 capítulos e do qual mandamos cópia para aí e um material de análise do movimento, tirado antes de recebermos o artigo da *Classe* "Começou a Revolução" e no qual tivemos a felicidade de constatar perfeita identidade de linha política.

**RETIRADA DE MATERIAL** - Escrevam com urgência dizendo desde quando passaremos a tirar material de acordo com o novo aparelho.

Sem mais, saudações comunistas

Pela direção regional,

(TSN, Processo n° 214)

# 53

## DOCUMENTO DO PCB DE FEVEREIRO DE 1936

A todos os comitês regionais e locais, a todas as frações sindicais e a todos os membros do Partido Mobilizamos os operários para a luta por suas reivindicações e pela liberdade dos presos políticos.

Em seguida à heróica insurreição de novembro o governo avançou contra as conquistas políticas das massas, votando o estado de sítio por quatro meses, liquidando através da reforma da Constituição e da Lei de Segurança todos os direitos sindicais e as poucas liberdades democráticas existentes, ao mesmo tempo que enchia os cárceres com os melhores militantes do proletariado e antiimperialistas. E uma vez as massas desarmadas, novos e pesados impostos foram lançados sobre estas; os imperialistas impuseram novas concessões, com o aumento da subvenção do Amazon River, liquidação dos créditos congelados americanos, como já tinha sido obtido antes pelos ingleses, permissão à firma anglo-americana Bung & Born para aumentar livremente o preço do pão, aumento de gasolina, aumento exorbitante de todos os gêneros de 1ª necessidade etc. Concessão à Leopoldina do direito absurdo de duplicar as suas passagens e fretes, concessões estas que vão ser feitas também à Light e à Cantareira e a todas as empresas imperialistas.

Enquanto isso os operários vivem ganhando salários insignificantes e portanto, apesar da brutal repressão, o descontentamento da massa contra o governo cresce enormemente.

O movimento nacional libertador foi feito pelas massas para derrubar do poder aqueles que a esfomeiam. A insurreição não saiu vitoriosa porque sua organização teve ainda muitas falhas, porém enormes massas foram influenciadas por ela e seu programa. Sua experiência e sobretudo sua forma de frente única antiimperialista servir-nos-á para realizarmos proximo movimento da vitória.

Objetivamente a situação do país continua sendo revolucionária. O governo derrotou

momentaneamente a insurreição de novembro, porém não resolveu nenhum dos problemas que levaram as massas a tomarem as armas. Ao contrário, os agravou ainda muito mais, com a ofensiva econômica que está sendo realizada contra o proletariado, os camponeses as massas populares. Em alguns lugares os operários estão respondendo com lutas, como demonstra a greve dos marítimos do Rio São Francisco, de uma fábrica têxtil de São Paulo, a dos gráficos de Belém do Pará e a dos ferroviários do Rio Grande do Sul, movimentos estes que foram vitoriosos. A massa começa a refazer-se do golpe da reação. O avanço depende de nós. Não podemos esperar que ela inicie a luta espontaneamente. É necessário sobretudo que nós, sua vanguarda, nos liguemos estreitamente com ela desde já, a organizamos e mobilizamos para a luta. É este o ponto central para o trabalho dos membros do PC: nas fábricas, empresas, fazendas e nos sindicatos, uniões e outras organizações. A importância das greves acima referidas é enorme, pois além das conquistas que trazem para os operários, o entusiasmo que produzem entre estes os encorajam a romper a reação.

Por outra parte, tais movimentos demonstram como, apesar do estado de sítio e das medidas de repressão, é possível realizar greves e obter vitórias, desde que tais movimentos sejam preparados.

Damos, na presente circular, indicações mais urgentes para o trabalho sindical e brevemente enviaremos instruções mais detalhadas sobre cada um dos pontos traçados.

1) Cada comunista deve fazer parte do seu sindicato e sem sectarismo, atuando como ativistas sindicais, serem os melhores militantes destes, não porque assim se considerem, mas sim porque a massa os estima e os têm nessa conta; devem assistir e tomar a palavra em todas as assembléias em defesa dos interesses dos operários, exigir que nas assembléias se tratem de questões que interessem à massa e etc. e rodeando-se do maior número possível de simpatizantes e de operários sem partido, deve tornar-se no seu local de trabalho o orientador da massa, explicando aos operários o que representa o seu salário em face ao custo de vida etc. fazendo propaganda do sindicato e levar os desorganizados a ingressarem no mesmo, convencendo-os de que devem participar das assembléias do sindicato, defender nestes as reivindicações dos operários, a concessão de férias, impedir a violação da legislação operária pelos patrões e o Estado; fazer com que os sindicatos lutem contra as multas nas fábricas de tecidos e outras, que exija locais de trabalho higiênicos, cumprimento da jornada de 8 horas e o abono aos ferroviários etc. Nos locais de trabalho alertar os operários e mantê-los vigilantes contra toda classe de abusos dos patrões e seus representantes. Em caso de descontentamento dos operários por abuso ou outros motivos, fazer com que os operários elejam uma comissão que em seu nome, e garantida

pela massa, vá exigir dos patrões ou gerência a cessação do abuso que causou o descontentamento dos operários. Em caso de não ser atendida, em reuniões dos operários se decidirá o que convém fazer, se uma paralização do trabalho por alguns minutos ou horas, como protesto; ou mesmo uma forma em que todos os operários, de acordo, reduzam a intensidade do trabalho produzindo menos do que deviam produzir ou declarando-se em greve até serem atendidos em suas exigências. É necessário lutar para que os sindicatos apoiem sempre os movimentos organizados nas próprias fábricas. A criação de tais comissões nas fábricas para ir fazer as reclamações aos patrões em nome dos operários indistintamente de suas ideologias, sendo ou não sindicalizados. Tais comissões devem ser escolhidas democraticamente. Onde for possível impor o reconhecimento das mesmas aos patrões, tais comissões devem passar a ser órgãos permanentes dos operários na própria fábrica ou local de trabalho.

Uma vez ligados com a massa devemos elaborar com os elementos mais queridos dos operários e de todos os trabalhadores da fábrica ou empresa ou mesmo de toda a indústria, se por meio do sindicato isso for possível, um plano de reivindicações que deve ser proposto em assembléia.

Devemos ter todo o cuidado para as reivindicações a propor sejam de fato as sentidas pela massa e pelas quais estejam dispostos a lutar. Fazer com que os sindicatos realizem uma ampla agitação para que todos os operários da indústria ou da fábrica (caso se trate de um estabelecimento) saibam o que vão reivindicar e se convençam da necessidade da luta para obter as melhorias que se deseja. Realizar assembléias (se a polícia impedir, realizar então pequenas reuniões com os representantes das seções da fábrica ou empresa), enviar comissões aos jornais para exporem o que os operários desejam, fazendo protesto pela imprensa contra a mesquinhez dos salários etc., lançar volantes preparando a massa para exigir as suas reivindicações, organizando assim a greve. Quando não for possível, um movimento de paralização por algumas horas como protesto pelos excessos de vigilância na fábrica, sobretudo quando os operários se preparam para exigir reivindicações. Deve-se fazer tudo para impedir que os dirigentes ministerialistas, nas vésperas de luta, levem a massa para o ministério, porém se não conseguirmos convencer os operários de desistirem devemos ir com eles a sua frente, para impedir que sejam enganados. Devemos preparar as greves para, chegado o momento, poder desencadeá-las. Uma greve organizada tem todas as possibilidades de vitória, fazendo assim a coesão e o desenvolvimento da consciência de classe dos operários, criando o entusiasmo para novas lutas. Se a força dos operários na greve se debilita e não há possibilidade de conquistar todas as reivindicações apresentadas, devemos orientar os operários a concentrar sua exigência sobre aquelas que são mais urgentes, a fim do movimento sair vitorioso, ainda que parcialmente.

Atualmente que o governo pretende fazer demagogia sobre o salário-mínimo, nós, juntamente com a massa devemos estabelecer em reuniões do sindicato e também assembleias dos operários das fábricas o quanto de salário-mínimo os operários da indústria ou da fábrica devem ganhar para terem um suficiente nível de vida, sobretudo atualmente que o encarecimento da vida é cada vez maior, explicando aos trabalhadores as causas da carestia da vida que provém da política de rapina dos imperialistas estrangeiros sobre o Brasil e da ligação do governo reacionário com tal política. Enviar em nome dos operários memoriais à Comissão de Salário-Mínimo do Ministério do Trabalho, com a exigência do salário que os operários necessitam. Aproveitar as reuniões sobre o salário-mínimo para agitação contra a carestia da vida, a fim de encaminhar os operários na preparação da luta para exigir dos patrões aumento de salários desde já.

2) Devido a que na direção de alguns sindicatos, com a ajuda da polícia, se instalaram elementos corrompidos e integralistas, se tem notado a tendência de muitos trabalhadores quererem deixar de pagar suas mensalidades e abandonar a organização. Isso se passa no sindicato dos bancários e entre os ferroviários da Central do Brasil, onde os mais abnegados militantes foram expulsos do sindicato pelos dirigentes policiais ou integralistas. Nosso dever é impedir a todo custo que os trabalhadores abandonem suas organizações. Não só devemos impedir que os que são membros do sindicato abandonem este, mas também devemos levar para as fileiras das organizações sindicais o maior número de operários.

Devemos trabalhar dentro dos sindicatos, uniões ou federações dirigidas por reformistas, anarquistas, ministerialistas e integralistas como os de Sombra, de todas as ideologias e sempre encaminhando-as na luta por seus interesses; unindo os sindicatos de todas as ideologias em potentes uniões locais e federações estaduais; em caso de dualidade sindical devemos ser os melhores batalhadores pela unidade. Aqui no Rio devemos fazer com que todos os sindicatos ingressem na União dos Sindicatos dos Empregados do Distrito Federal, na Bahia, na União dos Sindicatos Operários de São Salvador etc.; trabalhar dentro destas em tal forma que ao mesmo tempo que reforçamos seu efetivo se reforce também a atividade das organizações em defesa dos interesses operários. Onde não existam ainda uniões locais devemos criá-las, lutando pela adesão de todos os sindicatos.

3) Dar um caráter amplo e legal ao trabalho sindical, tanto nos sindicatos como nas uniões locais e federações e na Central Sindical Nacional.

Devemos adotar formas que nos dêem possibilidades de obter vida legal para todas as organizações sindicais. Exigir o reconhecimento de todas as organizações sindicais, incluso da Confederação Sindical Unitária do Brasil. No Estado do Rio, São Paulo, a maioria dos sindicatos

ainda não estão reconhecidos porque o ministério só quer reconhecer as organizações dirigidas por seus amigos. Porém, quando se exigir o reconhecimento por meio da massa operária o ministério não terá outro remédio que o de reconhecer tais organizações. Para o trabalho legal de massas nos sindicatos pode-se e deve-se utilizar a defesa dos operários nas questões de dispensas injustas e contra as multas; defesa jurídica sobre leis sociais e questões de acidente de trabalho e quando presos, sobretudo quando for por questões políticas ou sociais; editar o jornal do sindicato expondo as questões de interesse da massa no qual esta colabore; criar bolsa de trabalho no sindicato para unir a este os desempregados; criar seções desportivas e artísticas etc. para jovens e amadores da arte, dando um caráter mais amplo ao sindicato; realizar conferências públicas sobre o custo de vida e a ofensiva das empresas imperialistas. Nisto, como em toda as questões, é necessário ter a máxima iniciativa.

4) Nos sindicatos devemos propor que estes façam a defesa e exijam a liberdade dos companheiros presos filiados ao mesmo. Pleitear também sua ajuda econômica a estes etc. Uma das tarefas dos sindicatos é pugnar pela defesa dos seus associados quando presos, sobretudo por questões políticas ou sociais.

Levar a agitação às fábricas para que os operários pressionem sobre os dirigentes sindicais. Ligar a luta pela liberdade dos presos do respectivo sindicato, união ou federação à luta pelas reivindicações imediatas. Na medida em que o sindicato se prestar a lutar em defesa de seus presos deveremos procurar ampliar as proposições para que o sindicato, união ou federação passem a participar da luta em defesa de todos os presos políticos, civis ou militares. Salientar a necessidade de arrancar da prisão os dirigentes sindicais marítimos, ferroviários e bancários e também os companheiros Miranda e Harry Berger, que estão sendo martirizados pela polícia.

Nas organizações cujas direções foram assaltadas pelos integralistas e a polícia e donde foram expulsos os mais ativos militantes por serem revolucionários devemos mobilizar todos os operários em frente única para que em assembleias, agitações nos locais de trabalho etc. obriguem a direção do sindicato a readmitir todos os companheiros expulsos, ligando isso com a luta pelos interesses da massa, como por exemplo nos bancários, na redução das contribuições para o Instituto de Aposentadoria e aumento das quotas dos banqueiros. Devemos enviar comissões de entendimentos aos operários e dirigentes dos sindicatos onde não temos influência. Estabelecer com eles relações que facilitem esse trabalho comum. Nas organizações em que temos influência sustentar com decisão a unidade do proletariado e propor a frente única aos dirigentes adversários para a defesa dos interesses dos operários. Nada de ataques sem provas contra os dirigentes ministerialistas; ganhar-lhes a massa através da luta; quando nesta cometerem vacilações e traições,

apontá-los à massa. Esperar esta oportunidade mesmo se tratando de elementos integralistas, sendo necessário fazer distinção entre os operários e os chefes. A agitação nos sindicatos contra a carestia da vida deve ser orientada com vistas a realizar a frente única do maior número de sindicatos para exigir a diminuição do preço das passagens, fretes e gêneros de 1ª necessidade. Os sindicatos orientados por nós devem chamar a esta frente única os demais sindicatos. Entretanto, como tal frente única só pode realizar-se através de um processo de agitação, desde já as assembleias devem enviar comissões aos jornais, protestar contra o aumento de preço de gêneros e das passagens, moções de protesto ao governo, volantes, enviar comissões à Prefeitura, exigir a rebaixa dos preços etc. tendo sempre em vista fazer a maior agitação de massas, amplas assembleias contra a carestia da vida e de preparação dos operários para reivindicar aumento de salários, como um dos meios de combater a carestia da vida.

5) Para realizar a mobilização da massa operária é necessário que nosso trabalho sindical seja feito através de frações comunistas nos sindicatos, uniões locais ou federações, que planificando seu trabalho deverão realizá-lo sem aparecer no sindicato como comunistas e menos como frações, mas sim como os melhores e mais abnegados lutadores em defesa dos interesses dos operários.

Nosso trabalho revolucionário no momento exige que se reorganizem imediatamente as frações comunistas nos sindicatos, uniões locais ou federações para fazermos dos sindicatos efetivas armas de luta dos operários, instrumentos da revolução nacional libertadora.

Sobre essa questão enviaremos brevemente mais amplas instruções.

A presente circular deve ser discutida por todos os CR, CL e em todas as frações sindicais e em seguida levadas à prática as tarefas nela traçadas.

Fraternalmente

Pelo B.F.S.N.

Rio, 18-2-36.

(TSN, Processo nº 395)

# 54

## INFORME DE M., SECRETÁRIO TÉCNICO DO COMITÊ REVOLUCIONÁRIO DE PERNAMBUCO

Explicação da polícia sobre os nomes citados no relatório:

Marcos	estudante de medicina, estafeta, está em liberdade.
Seve.	Severino, Sabóia
Limeira	Cap. Octacílio.
Ribeiro	penso tratar-se do irmão do Cap. Octacílio, detido em Recife.
Alberto	Ten. Lamartine Coutinho
Mendes	Caetano
Alda	pessoa que [ilegível] o relatório, professora estadual em Recife, [ilegível] na pessoa que recebia correspondência, nada sofreu.
Zimba	Mauricio(?) [ilegível] pai do Sabóia. Trabalhou muito [ilegível] Mendes e Cia. Suicidou-se depois da derrota.
Ten.Ci.	[ilegível] Julgo tratar-se do tenente Besouchet. [duas linhas ilegíveis]

Dia 23 - Às dez horas da noite o Marcos recebeu em sua própria casa o aviso do levante do 21 em Natal. Foi imediatamente levar [ilegível] que se encontrava com amigos em casa do Limeira. O Seve, daí, mandou o Marcos em casa do Limeira ver se não teria por lá [ilegível] notícias confirmando, para que agissem com mais segurança. Nada havia, porém, voltou dizendo o Marcos

[ilegível] foi a Alda à casa do Mendes, levar-lhe a notícia. Este, surpreso, levantou-se (eram 24 horas aproximadamente) [ilegível] reunir com os camaradas em casa do Mendes, avisando também o Alberto. Zimba providenciou [ilegível] máquina etc.

Dia 24 - Partiram juntos, às [ilegível] da manhã para [ilegível] (Seve, Mendes, Alberto, Limeira e Zimba). Limeira dirigiu-se ao 29. O Ten. Silo [ilegível] também por essa hora aproximadamente para levantar o pessoal do 29. O Marcos também [ilegível] partindo para levar um aviso para [ilegível] que mobilizaria [ilegível] foi instalado etc. servindo aí para [ilegível] Marcos, Zimba etc. Ali recebeu avisos [ilegível] ordens [ilegível] tratando-se [ilegível] delirantemente, [ilegível] na maior camaradagem tratam [ilegível] por "general" [ilegível] Alberto e Limeira seguiram para atacar, já tendo [ilegível] organizar a resistência da [ilegível] que se [ilegível] em ordem [ilegível] que afinal foi arrombado. [ilegível] sentido de confraternizarem [ilegível] nacional libertadora [ilegível] receios para [ilegível] uma comissão de intelectuais. [ilegível] Silo [ilegível] Tudo isso foi [ilegível] resistência, [ilegível] afinal presos, e Alberto [ilegível] da parte dos rebeldes um tratamento [ilegível] rebeldes.

[ilegível] a resistência sobre Recife. [ilegível] desacordo com o plano [ilegível] 11 horas [ilegível] fizeram pouco depois das 14, lutando [ilegível] continuaram a resistir.

[ilegível] isso vejamos [ilegível] cidade. [ilegível] 8 e pouco [ilegível] correu [ilegível] correu a notícia [ilegível] começaram os bandos e [ilegível] não fazendo todo o percurso [ilegível] chegaram ao centro porque havia tropas da polícia por toda parte [ilegível] na rua Adolfo [ilegível] QG e CPOR. Foi aí que o sargento Gregório<sup>1</sup>, aos gritos de "Viva a Aliança!", "Viva Prestes!" dirigiu-se ao CPOR onde [ilegível] abriu-o para distribuir as munições dali. E foram disparos, confusão, resultando ser morto aí [ilegível] sargento, o tenente Sampaio Xavier o qual, segundo [ilegível] família era "abertamente neutro". [ilegível] neutralidade [ilegível] principalmente atmosfera pesada de dúvida, de ignorância absoluta quanto à origem e natureza do movimento. Sabia-se que havia luta, falava-se de um levante do 29, ignorava-se porém inteiramente a razão. Elementos do P. [ilegível] e principalmente muitos elementos da JC ignoravam completamente a natureza do movimento. Começaram tiroteios em diferentes pontos: Torre, Casa Amarela, Olinda e parece Remédios, Encruzilhada. Eram bandos de civis que atacavam ou mesmo tomavam delegacias de polícia. Essas lutas civis foram abafadas pela polícia que retomou delegacias, efetuou prisões tendo, todavia, tudo isso se prolongado até a madrugada da segunda-feira, depois, por conseguinte de uma noite inteira de tiroteios com ataques de metralhadoras, de parte da polícia.

---

1. Gregório Bezerra.

Em Afogados continuaram a se bater com os rebeldes. Isto é, no Largo da Paz, onde ocuparam a torre da Igreja já depois de terem obtido do vigário a chave e isto depois de esclarecer quanto às razões da tomada da torre e afirmarem o propósito de utilizar o ponto estratégico, porém respeitaram inteiramente tudo o mais ali dentro. Tal aconteceu realmente, segundo declarações feitas pelo próprio vigário que ainda contou ter, na segunda-feira, em pleno domínio dos revoltados celebrado missa e consumido as partículas, tudo em uma atmosfera de absoluto respeito. (Esta declaração desagradou muitos elementos conservadores, assim afirmou um elemento idôneo e do serviço de inquérito.) Semelhantes elementos pela cidade onde mesmo no domingo já se ia dizendo tratar-se de um movimento "comunista", espalharam que os revolucionários já haviam feito um sem número de depredações a igrejas, onde apenas o sino foi retirado para a instalação da metralhadora... Assim do alto, entretanto, os rebeldes impediam a passagem dos soldados da brigada para o lado oposto da ponte, porque metralhavam todos que tentavam atravessar.

Dia 25 - Logo pela manhã estive, dominados os bandos civis nos diferentes pontos, cessados os choques no QG, enfim, a luta travada ontem no ponto: Largo da Paz, onde os rebeldes lutavam com a Brigada sabendo que desta, passaram para os rebeldes um caminhão com soldados (30) comandados pelo Cunha. Por este tempo já se afirmava por toda a parte ser mesmo "comunista" o movimento e o próprio rádio "esclareceu" à população durante o dia inteiro a transmitir notícias "oficiais", dizendo entretanto estar sendo feita com muita "bravura", com muita "eficiência" o combate aos rebeldes que "colocados em pontos estratégicos" estavam lutando intensamente. Anunciavam então, já, o embarque em aviões do Gal. Rabelo, do Jurandir Mamede, comandante da Brigada, a partida de aviões militares, a decretação do estado de sítio e até a partida para Recife, no dia seguinte, do Ministro da Guerra, de zepelim, (apesar de mais ou menos se saber que este andava pela África por este tempo). Neste mesmo dia eram presos os secretários da Justiça e da Fazenda pelo secretário de Segurança, o qual interpelou agressivamente e ameaçadoramente o governador interino que, por sua vez, cuidadoso, artiloso, respondeu com vivacidade ser "social-democrata" e por conseguinte apoiar tudo o que fosse para a repressão de um movimento com caráter radical etc. etc.

Neste dia já se sabia das prisões de muitos elementos civis nas lutas nos diferentes pontos dominados. Entre os presos já se sabia estar Epifânio Bezerra, apanhado na Torre. O ambiente era de expectativa por toda a parte. Reserva de parte de uns, pelas ruas, ódio aos rebeldes da parte de outros e também franca demonstração de crença na vitória dos rebeldes, sobretudo muito geral a afirmativa do povo de que "o governo não contava com o Exército", que este todo "estava com os revoltosos", que "no Exército campeava o comunismo" etc. Sabia-se também

nesse dia que os rebeldes estavam dominando o Largo da Paz, Morenos, compreendido pois Jaboatão, onde o operariado em massa, diz-se, pegou em armas, onde, contou Marcos, chegaram a organizar "soviets" e onde também a reação foi depois tremenda, a ponto de liquidarem em massa trabalhadores e soldados (foi voz corrente na cidade que um dos motivos da revolta de ... foi motivada pelo conhecimento que lhe chegou de terem sido metralhados por ordem do chefe de polícia caminhões cheios de soldados, mesmo depois de terem levantado a bandeira branca.

Ainda na manhã de 2ª feira o ambiente era de incerteza, de desconfiança geral; dizia-se (aliás o próprio rádio) que o 22 seguiria imediatamente para Natal, seguindo o 20 para Recife, para onde também viajaria a polícia da Bahia. Lá pelas 18 horas chegou a Recife o 22, conduzindo artilharia. Muitos soldados, ao passarem pela casa do Limeira e ao reconhecerem alguém de lá, faziam jeito de "... de silêncio" significativamente. A tropa logo se dirigiu para o Largo da Paz, sendo colocada em primeira linha, ficando porém a Brigada na segunda linha, de ordem do secretário de segurança. Como passasse o tempo (isso foi contado pelo irmão do Lima Cavalcanti) e o 22 não rompesse fogo, o capitão Malvino<sup>2</sup> deu ordem para começar a luta sob pena de serem metralhados pela retaguarda. Passou-se meia hora e o capitão deu mais dez minutos somente. Foi então quando a luta começou e com artilharia também. A noite de 2ª feira já o rádio começava a anunciar o avanço vitorioso das forças do governo, porque também chegava o 20 e a tropa de polícia, que se encontravam pelo interior, em combate ao cangacerismo. No pronto socorro foi regular o número de feridos. As ambulâncias em atividade, havendo uma que rompia as linhas de combate, indo até o campo dos revoltosos, onde levava também notícias. (Elemento de responsabilidade de lá voltou, assim contando o ambiente e o entusiasmo, de segurança em que estavam os rebeldes ainda até a tarde de 2ª feira).

Dia 26 - Já pela manhã corria que os rebeldes estavam recuando muito, porém como tática, sempre cobertos. Era voz corrente ser o tenente Lamartine uma criança, porém uma bravura invulgar, acrescentando, geralmente, os "conservadores" que todavia merecia ser fuzilado. Aliás, logo no início da luta houve um momento em que ele, Lamartine, enviou um emissário ao QG pedir auxílio, [sic] alguém que o substituisse, ao que o Silo respondeu não ser possível visto não haver ninguém e acrescentou que, se era de todo indispensável, então iria ele próprio, Silo - o que aliás não foi aceito por Lamartine e continuou, mesmo exausto como estava.

Na tarde de 2ª feira, embora tudo continuasse paralizado na cidade - sem bondes, em pé de guerra ainda - já circulou uma edição especial às 17 horas, do *Diário da Manhã*, descrevendo o

---

2. Malvino Reis.

movimento, contando a vitória do governo, a salvação da honra da família, da pátria etc. enfim, tudo fazendo coro com o rádio que vinha diariamente fazendo esse serviço a todo instante, para que o povo não desanimasse e bem pudesse sentir “os esforços do governo na defesa da ordem”, nas providências pela conservação dos meios de subsistência da cidade, como providência para a carne verde que chegou quase a faltar ao povo etc. Na 3ª feira também se sabia desde cedo estarem os rebeldes chefiados por Silo Meireles.

Dia 27 - Já nesse dia todos os jornais circularam e, pelas 8 h., foram aos poucos começando os bondes a trafegar. Os jornais aí já davam a lista de presos, entre os quais: Silo Meireles, Otacílio Lima (cap.), Caetano Machado, Sargento Gregório e vários outros mais. Publicaram também o manifesto espalhado pelos revolucionários, assinado por Silo, Otacílio, Lamartine, Epifânio, Diniz, neste manifesto eles salientavam a natureza do movimento como nacional libertador etc. A linguagem dos jornais, a mais agressiva. Dizia não estarem ainda presos entre os chefes o tenente Lamartine, o Muniz de Farias, mas, acrescentava, o seriam em breve tempo.

Silo Meireles e Otacílio Lima foram presos pela tropa de Manuel Neto (contou um soldado desse oficial e que disse haver testemunhado a prisão), resolvendo se entregar e pedindo apenas garantia de vida e o fizeram com calma e bravura que entusiasmou os próprios soldados que os prendeu. No dia seguinte a prisão do Lamartine com um grupo de soldados que o acompanhavam, 6, foram apanhados em Glória do Goitá, por 8 civis aos quais se entregaram sem resistência, mediante conselho de Lamartine aos soldados neste sentido (contou um sargento adido ao serviço de inquérito, que se revelou grande admirador da bravura deste tenente).

#### A cidade nos dias que se seguiram ao movimento

Na quarta-feira, 27, foi a cidade, aos poucos, voltando à sua vida normal, mas só no dia 28 é que estava de todo normalizada. A tropa inteiramente recolhida, tráfego inteiramente restabelecido etc. Foi também nesse dia que aumentou o número das prisões efetuadas entre elementos “suspeitos”, dos quais foram presos centenas. Entre elementos apanhados em armas e elementos presos por suspeita foram efetuadas cerca de 1.500 prisões. Como à proporção que se foi fazendo o inquérito se fosse verificando a nenhuma culpabilidade da grande maioria dos detentos e destes somente 80, aproximadamente foram encontrados “com culpa” (declarações de um elemento de categoria da polícia a uma pessoa amiga) e como o número de homens em armas, segundo declarações do Gal. Rabelo, foi de mil, aproximadamente (e destes, disse ele, só 300 praças, os demais operários, elementos civis, enfim) tendo sido desviados cerca de 4.000 fuzis, deduziu-se que destes, em armas, a grande maioria foi eliminada ou se pôs em fuga, o que aliás se deu com bandos que a polícia seguiu a perseguir pelo interior. Para o Rio Grande do

Norte, sobretudo, seguiram pelotões de soldados da polícia em perseguição aos rebeldes que lutavam em bandos pelo interior. Nos primeiros dias de janeiro ainda os jornais de Recife noticiavam a perseguição, de parte da polícia do Rio Grande do Norte, aos bandoleiros que resistiam pelo interior, assaltavam municípios, "saqueavam fazendas" etc., sobretudo na região de Açú e Mossoró. Também se sabia não ter a polícia conseguido reaver grande número de armas. Em Recife, nos dias que se seguiram ao dia 28, viveu-se uma atmosfera de terror. Dezenas e dezenas de residências varejadas pela polícia. A revolução se fez assunto único a empolgar toda a população, os jornais de uma agressividade feroz. As classes "conservadoras" por toda parte, pelos bondes, esquinas etc. enaltecendo a ação da polícia, a louvarem gratuitamente centenas de mortes etc. Passados os primeiros dias e mediante a [ilegível] da ação da polícia e, sobretudo, à extensão (tanta gente metida nisso, tanta gente boa!), muitos elementos reacionários principiaram a achar a polícia excessiva nos processos de tratamento ao imenso número de intelectuais presos incomunicáveis, privados de remessas de tudo, até de fumo, de frutas, de sabão etc. A massa, propriamente, desde o princípio da reação, se mantinha apreensiva. Sentiu-se a atmosfera pesadíssima, uma tristeza do povo era notada por toda a gente, uma grande tristeza, apesar da linguagem viva e "entusiasmada" dos jornais a proclamar o entusiasmo do povo que, tendo se mantido alheio ao movimento, estava agora satisfeito com a ação enérgica do governo, livrando-se da calamidade comunista. Na zona que esteve sob o domínio dos revoltosos a reação foi de uma ferocidade nojenta. Em Jaboatão, diz-se, a caça aos operários foi tão tremenda e a matança foi tão grande (dizia-se por toda a parte que ao cemitério, naqueles primeiros dias, chegaram caminhões de lixo cheios de cadáveres), que tudo isso e mais a fuga dos bandos para o interior determinaram a parada de seções da fábrica de papel e mesmo das oficinas da Great Western, tudo isso devido ao desaparecimento de seus operários.

A massa, pois, sentiu profundamente a revolução, viveu-a mesmo, e nunca mostrou tanta apreensão, nunca, anteriormente, sentira tão profundamente a necessidade de uma outra coisa diferente do que se tem, um outro governo, uma outra vida. Tudo isso agravado com o aumento imediato dos preços dos gêneros de primeira necessidade (só a carne aumentou \$200 em quilo); dos bondes já se anunciou o aumento de passagem. Foi negado o aumento que se esperava aos funcionários do Estado em vista da impossibilidade econômica. Foi [ilegível] com escândalo o novo orçamento com aumento dos impostos e sobrecarregado de déficit; foi um dos primeiros atos do governo, ao reassumir, o aumento dos vencimentos dos soldados e oficiais da Brigada, sendo que este aumento foi maior do que o aumento que se tentou dar ao funcionalismo, mas do qual [ilegível] de orçamento conceder nem 10% [ilegível].

Cópia do informe do portador do Aragão

Sublevação - O 29 BC levantou-se na manhã do dia 24 de novembro, sob o comando do 2º Ten. Lamartine Coutinho e apoio do capitão Otacílio de Lima e do Ten. Bomilcar Besouchet.

Reação - Logo que se constatou a sublevação, o coronel-comandante do Batalhão, oficiais, 20 e tantas praças e alguns sargentos se fortificaram no pavilhão de comando donde ofereceram tenaz resistência aos revoltosos.

Essa resistência foi mantida até às 10 horas do dia 25, quando, houve entendimento entre os oficiais legalistas e os revoltosos. Os oficiais [ilegível] comprometeram-se a aderir ao movimento se a Bateria Montada da Paraíba, requisitada pela Região, não estivesse com a legalidade.

Deslocamento das forças - Às 13 horas do dia 24 o Ten. Lamartine chamou parte da força revoltada para o Largo da Paz, onde fortificou-se, na torre da Igreja da matriz, onde colocaram na mesma 2 metralhadoras pesadas e reforçaram com forças do exército e elementos civis a ponte de [ilegível] Colombo e a estrada de Remédios. Leu ainda um manifesto e proclamou, em nome do povo, um governo popular revolucionário, tendo a sua frente Luís Carlos Prestes. A esta altura, [ilegível] senhor dos acontecimentos, tomava as primeiras medidas de [ilegível] movimento e já começava a se generalizar com a tomada das delegacias [ilegível] de Casa Amarela e Olinda por elementos civis ligados ao movimento.

A primeira força de polícia que partiu para o Largo da Paz afim de combater os revoltosos aderiu ao movimento. Era comandante da mesma o Ten. Manuel da Cunha, atualmente recolhido a presídio especial. [ilegível] Silo Meireles instalou seu P.C. na delegacia de polícia de [ilegível] adesão da força que havia partido para o Largo da Paz, sob o comando do Ten. Cunha, o capitão Malvino Reis fez seguir outros contingentes comandados pelos capitães Higinio José Belarmino e Sidraclé Corria e tenente Ismael Lima. Começaram então as primeiras hostilidades aos revoltosos que se mantiveram firmes nas suas posições até a tarde do dia 26, quando foram atacados pelas forças do 20 e do 22 BC e da artilharia da Paraíba. O Ten. Meireles, o cap. Otacílio de Lima e os civis Oscar da Mota Cabral e Caetano Machado foram presos em Tapera pelas forças legalistas que vinham do interior do estado.

C.P.O.R. - Neste quartel houve tentativa de rebelião chefiada pelo sargento Gregório Bezerra. Na luta morreu um tenente legalista e houve três também legalistas, feridos. O sargento não contou com o apoio da tropa. Foi preso e recolhido ao xadrez.

Material bélico - Segundo a entrevista do Gal. Rabelo concedida à imprensa, o depósito continha 4.000 fuzis mauser, diversas armas de tiro, [sic] munição. Esse depósito ficou em mãos dos revoltosos.

O tenente Lamartine foi preso em companhia de 6 inferiores e alguns soldados no povoado de Chã da Alegria, no município de Glória de Goitá.

A atuação do operariado nos acontecimentos de 24 de novembro foi pequena, parecendo assim não ter havido uma perfeita articulação, dada à precipitação do levante de Natal.

Tanto os oficiais citados no primeiro relatório [ilegível] recolhidos incomunicáveis ao presídio especial, com exceção do tenente Meireles, que se encontra preso nesta capital e Besouchet que desapareceu (e já aportou aqui também).

(TSN, Processo nº 1, apreensão à rua Rua Honório)

# 55

## A REVOLUÇÃO NACIONAL LIBERTADORA EM MARCHA!

A imprensa está em rigorosa censura para evitar a divulgação dos seguintes acontecimentos, culminantes da hora decisiva da REVOLUÇÃO.

I - Surra em Filinto Müller pelos filhos do general Flores da Cunha.

II - Levantes articulados nos Estados do Maranhão, Ceará e Paraíba do Norte pelas respectivas guarnições locais.

III - Idem idem em Paraná e Mato Grosso.

IV - Nomeação de Filinto Müller para interventor do Estado do Rio de Janeiro, visto ter sido deposto Protógenes. Seríssima a efervescência na Marinha, que está de fogos acesos.

V - Prisão de vários oficiais superiores do Exército, inclusive Daltro Filho e Falconieri.

VI - Ataque ao quartel da Polícia Especial por um troço do Exército, chefiado por vários oficiais, para arrancarem Prestes da prisão, sendo mortos seis patriotas.

(Folheto do PCB de fevereiro de 1936. TSN, Processo nº 296)

# 56

## CARTA DO SECRETARIADO NACIONAL DO PCB AO CR DO CEARÁ

Rio de Janeiro, 27-3-36

Prezados Camaradas do CR do Ceará,

Recebemos há umas três semanas a boa notícia da chegada aí do companheiro Maurício, se bem que as demais notícias que ele transmitiu não são muito lisongeiros. Aguardamos relatório e plano de trabalho da Região, para auxiliarmos com discussão dos assuntos e nosso ponto de vista.

1º - Maranhão - VV. não devem perder um só minuto de trabalho com esse camarada. Aqui ele já deu bastante dor de cabeça e pudemos notar que foi tempo perdido, porque o homem vivia com um cagaço louco. Não tenhamos nenhuma ilusão de que ele vá trabalhar no seu lugar de destino. Portanto, mandá-lo ligar-se à produção, não gastar nenhum tostão com ele, dar-lhe explicação de como seguir viagem e deixá-lo quebrar a cabeça. Temos impressão de que é muito fraco e que não agüentará muita coisa, portanto VV devem não lhe dar ligações que depois ele possa cantar, caso lhe aconteça desastre. Afastá-lo de todo contato com a direção e se ficar aí, dar-lhe somente ligação para uma célula de rua e mais nada.

2º - Luta contra a provocação e espionagem - Segue uma longa circular a respeito, destinada apenas aos camaradas membros do CR e dos CCLL do interior. Na base dela devem VV. fazer uma circular para as células, citando fatos regionais e locais e reforçando as diretivas anteriores sobre a modificação dos métodos de trabalho, no sentido de maior segurança.

É preciso uma luta de cada instante para efetivar a regra de que cada um só deve saber aquilo que é indispensável, no terreno de organização, para que possa realizar sua própria tarefa.

Cada membro do Partido deve estar vigilante para controlar a execução dessa regra. Os camaradas devem morar cada um em seu local e não conhecerem as residências uns dos outros, combinando-se ponto e repetição de ponto para manter as ligações. Os estafetas devem ser gente de toda a segurança e nunca devem ligar-se nas casas dos companheiros e sim através de pontos de encontro. Soubemos dos enormes prejuízos que causou em Recife uma estafeta que, presa e espancada, denunciou e entregou à polícia muito do nosso trabalho de conspiração e de direção do Partido. Isso aconteceu porque não soubemos lá aplicar a regra de cada um só saber o que lhe era indispensável para realizar suas tarefas, e também porque, por comodismo, se dava o endereço das casas dos companheiros à estafeta, em vez de marcar ponto com ela em lugar apropriado.

3º - Com decretação do estado de guerra pelo imperialismo e seu laçoi Getúlio contra o povo, a situação se torna ainda mais grave e mais necessário é que os verdadeiros revolucionários levantem ainda mais alto a bandeira de luta da revolução. Já lhes mandamos uma circular sobre o 1º de Maio, explicando a importância da ligação com a massa, como estabelecer e reforçar essa ligação com a massa e qual o caminho para a preparação das lutas e seu desencadeamento. Essas diretivas continuam sendo justas e são completadas pela circular anexa sobre o estado de guerra.

Assume, porém, uma importância muito maior, o trabalho camponês e popular, com vistas à elevação do nível das lutas para transformá-las em lutas armadas e guerrilhas. Não podemos mais ter nenhuma ilusão democrática. Com seu ato, Getúlio e o imperialismo nos demonstram que estão dispostos a massacrar o povo para manter sua dominação opressora e exploradora; devemos mostrar a todos, tanto ao proletariado quanto a todos os seus aliados, inclusive os elementos burgueses liberais e fazendeiros de tendências progressistas que a eles também o imperialismo e seus lacaios querem reduzir à escravidão. Devemos mostrar-lhes que a saída para a situação é ampliar a frente única enorme pela democracia e contra as medidas de exceção e as emendas à Constituição, pela liberdade dos presos e pela defesa da vida dos presos, seriamente ameaçada pelos nossos mais ferrenhos inimigos, o imperialismo. Para essa frente única, chamar e trazer todos os elementos que mesmo sendo anticomunistas, queiram neste momento protestar e lutar contra o estado de guerra e as demais medidas de exceção. Devemos lutar pela inclusão no programa da frente única de um ponto contra a carestia de vida, o que inclui os aumentos dos salários e vencimentos. Enfim, sobre a plataforma da frente única VV. já devem ter recebido cópia de nosso manifesto sobre o assunto.

Paralelamente a esses esforços diários e constantes para romper todo sectarismo e mobilizar todos os aliados do proletariado contra a fascistização completa do governo de Getúlio, devemos destacar todos os quadros que estão impossibilitados de trabalhar na capital e nas grandes cidades para irem para o campo com vistas ao levantamento de lutas camponesas e populares e sua

transformação em guerrilhas.

A ampliação desse movimento é indispensável nesse momento para o alargamento e aprofundamento da revolução nacional libertadora. Terá a vantagem de formar os núcleos iniciais do Exército Popular Nacional Libertador e de descentralizar a reação, dispersando-a sobre uma enorme extensão territorial, terá a vantagem de levar o programa da revolução nacional libertadora a todos os rincões do sertão, de uma forma real e concreta, para sua aplicação prática em toda parte onde ficarem ou passarem os grupos de guerrilheiros. Vai surgir uma imensidade de quadros revolucionários durante essas lutas e vai animar muito o movimento nas cidades. Do jeito que aumenta a opressão e a exploração do povo, sobretudo no interior do Norte e do Nordeste, o movimento, sendo bem dirigido e bem orientado alastrar-se-á com rapidez. Quanto mais rapidamente e vigorosamente levarmos as lutas e guerrilhas na cidade e no interior, tanto mais fortemente pressionaremos sobre os elementos vacilantes e os levaremos para o caminho da revolução.

Esperamos de VV. todos os esforços no sentido indicado acima.

Somente mais uma palavra. Surgirão aí, como aqui, e sobretudo entre os elementos aliados vacilantes, a tendência reformista-oportunista de "não lutar para não dar armas a Getúlio para prorrogar o estado de sítio", ou de "esperar que acabe o estado de sítio para depois lutar". Estes mesmos elementos que fazem, consciente ou inconscientemente, o jogo da reação, da contra-revolução, aparecerão em campo agora com suas tendências oportunistas de que lutar pode dar armas para fuzilar nossos camaradas presos, de que somente acabando o estado de guerra é que poderemos tocar para adiante etc. Tal oportunismo é completamente contra-revolucionário. SE NÃO LUTARMOS AGORA, DESDE JÁ MOBILIZANDO TODAS AS FORÇAS PROLETÁRIAS E POPULARES POSSÍVEIS, ESTAREMOS ENTREGANDO A VIDA DE NOSSOS COMPANHEIROS À "boa vontade e à justiça" DOS INIMIGOS MAIS FERRENHOS DO POVO BRASILEIRO, QUE SÃO O IMPERIALISMO E SEUS LACAIOS.

É preciso dizer, repetir e convencer cada brasileiro que somente a pressão de massa, os protestos por carta, por moções, por telegramas, por greves, passeatas, demonstrações etc. é que IMPEDIRÁ o braço assassino dos traidores imperialistas e seus lacaios; somente assim lutando é que defenderemos a vida de LUÍS CARLOS PRESTES, de MIRANDA, de HARRY BERGER, GHIOLDI, CAETANO MACHADO, AGILDO BARATA, SILO MEIRELES E DE TODOS OS NACIONAL LIBERTADORES PRESOS E ATUALMENTE TORTURADOS NAS MASMORRAS INFECTAS.

Cada membro do Partido precisa compreender claramente essa questão e, rompendo a luta ideológica mais vigorosa contra as tendências oportunistas e de recuo que só servem a nossos

inimigos, levantar a combatividade das massas e encabeçá-la, ligando intimamente a luta contra as medidas de exceção do governo e o estado de guerra às questões de interesse econômico imediato e à luta contra a carestia de vida.

Esperamos breve seu relatório e plano de trabalho.

Sem mais, saudações comunistas

O S.N. do P.C.B.

(TSN, Processo nº 394 )

# 57

## PREPAREMOS A PRÓXIMA VITÓRIA!

Ainda reina grande confusão em torno das causas e dos resultados da insurreição de novembro. Por que não vencemos? Por que o movimento não irrompeu simultaneamente nos principais pontos do país? Por que, no Rio Grande do Norte, onde conquistamos o poder, não saímos com uma coluna de muitos milhares de guerrilheiros para prosseguir as lutas no interior?

Estas perguntas são feitas constantemente e a conclusão a que chegam muitos camaradas não só não são justas como, em muitos casos, são conclusões derrotistas e que alimentam a reação ideológica que procura desvirtuar e desmoralizar o movimento revolucionário de maior envergadura na América Latina.

É muito divulgada a opinião de que houve “precipitação” dos camaradas do Rio Grande do Norte. Outros, abandonando o terreno da autocritica aos fracassos e erros, deixam-se arrastar a apreciações desesperadas, não vendo os lados positivos do trabalho realizado e fazendo assim, na prática, o trabalho do inimigo, que tenta desmoralizar a insurreição de novembro e desacreditar seus chefes, apresentando-a como um “vergonhoso fracasso”. Há também quem diga que o movimento irrompido no Rio Grande do Norte foi resultado de uma provocação.

Em Natal, onde a maioria dos ativistas e dirigentes do Partido ou está presa ou teve de foragir-se, a reação não tem encontrado a resistência necessária aos boatos derrotistas por ela lançados com os fins acima citados. Fora esses pontos de vista falsos, em muitos casos surgidos por incompreensão de camaradas sinceros e combativos, surgem ainda os murmúrios de certos elementos renegados, trotskistas, da marca de Machado e Carlos Besouchet, que de má fé acusam o Partido de golpista, de ter feito uma “quartelada” sem a devida preparação de massas, e outras asneiras do mesmo estilo.

O ponto de vista do BP do PCB, já manifestado de uma forma geral no importante documento editado na *A Classe Operária* sob o título “Começou a Revolução”, condena

completamente tais opiniões. Mas, para melhor esclarecer, é conveniente uma análise mais minuciosa dos fatos ocorridos no Rio Grande do Norte e que eram então ainda desconhecidos em suas minúcias da direção central do Partido. Eis a finalidade deste material, ao mesmo tempo que transmite a valiosíssima experiência adquirida.

x x x x x

Desde muitos anos que o Brasil vem marchando rapidamente para uma crise revolucionária, impellido pela situação de fome e miséria em que vegetam as grandes massas populares. O descontentamento da massa se tem refletido em muitos movimentos e lutas espontâneas; há muito que os fatores objetivos necessários à vitória da revolução existem no país. Faltava somente o desenvolvimento do fator subjetivo - um Partido Comunista forte, estreitamente ligado com as massas e com suas lutas. As formidáveis greves de 1934 - quando o PCB entrou em ação de uma forma decisiva -, as grandes demonstrações de rua, as lutas no campo, os choques contra o integralismo, a formação da ANL e seu desenvolvimento vertiginoso demonstram com que ritmo se desenvolvia o fator subjetivo e amadurecia a crise revolucionária.

No Nordeste, a situação é mais grave: maior radicalização da massa, maior miséria, mais descontentamento. A correlação de forças é mais favorável à revolução, em vistas de um maior enfraquecimento e desorganização das camarilhas dominantes.

Através dessas lutas e sob o impulso dessa crise é que as forças revolucionárias e suas organizações dirigentes [foram] se reforçando e consolidando.

Mas, apesar de seu grande esforço, de sua combatividade e audácia e dos grandes êxitos obtidos, o PCB não conseguiu ainda vencer o atraso em que se encontrava em relação ao avanço da situação objetiva, sob a tremenda pressão da crise que continuava a agravar a situação de fome, miséria e desemprego do proletariado e dos camponeses pobres e o processo de empobrecimento das grandes massas pequeno-burguesas tanto nas cidades como nos campos.

Esse atraso relativo, já constatado pela 1ª conferência nacional do PCB, realizada em julho de 1934, "deverá ser rompido na marcha para a crise revolucionária e no processo da própria revolução" (tese da dita conferência). Daí existirem ainda grandes falhas, tanto na preparação como na direção das lutas. Mas essas falhas aprendemos a corrigir muito mais depressa durante as próprias lutas - inclusive no terreno das armas - do que em anos de discussão. A revolução brasileira se apresenta, portanto, nas seguintes condições:

1 - Situação objetiva muito grave (situação econômica da maioria da população e seu estado de espírito).

2 - Situação subjetiva em pleno desenvolvimento, mas ainda em atraso com relação ao desenvolvimento da situação objetiva, por insuficiência de quadros, de experiência de organização, de experiência revolucionária.

3 - Desenvolvimento desigual das forças revolucionárias nas diversas zonas do país - sobressaindo a situação mais favorável do Nordeste, onde a correlação de forças nos é mais favorável não somente pelo maior aprofundamento da crise, como pela maior tradição revolucionária da massa enquanto, por outro lado, menor força e organização das correntes reacionárias.

x x x x x

Na opinião de certos tipos vacilantes e medrosos, não se devia ter pegado em armas; devia-se ter "esperado" para melhor preparar nossas forças e então iniciar a luta em terreno nacional etc.

A história se repete: também os mencheviques russos se lastimavam depois da insurreição de 1905 por ter ido "muito cedo" à luta armada. E a pena de Lenin fustigava, reduzia a zero a choraminga menchevista, dizendo que o que faltou foi firmeza e decisão por parte da direção (maioria então menchevista), que discutiu uma noite toda se devia ou não iniciar a insurreição, no momento em que as ruas já estavam cheias de barricadas. A grande vantagem para as organizações revolucionárias do Brasil está em que, embora lhes faltasse uma experiência maior, nunca existiu a lhes entrar a ação uma corrente oportunista-direitista de grande vulto, como aconteceu na Rússia em 1905.

A firmeza e a decisão com que tanto o PCB como a ANL, das direções às bases, se arrojaram à luta, apesar de todas as dificuldades, constituem o principal fator que nos garante o nosso fortalecimento e a nossa próxima vitória.

x x x x x

Foi assim que aconteceu em novembro de 1935.

Nos meses de setembro e outubro o Nordeste era um caldeirão fervendo. Nos estados de Pernambuco, Rio Grande do Norte, Paraíba, Alagoas e Sergipe a atmosfera era ainda mais pesada. Os ferroviários da Great Western puxavam o cordão das greves que se estendiam a várias outras corporações. Os soldados começavam a confraternizar com os grevistas. Em Recife, o oficial integralista Santa Rosa foi fuzilado pelos soldados a quem dera ordem de atirar contra os grevistas. No Rio Grande do Norte e na Paraíba soldados do Exército arrombaram a cadeia para soltar os grevistas presos.

O Rio Grande do Norte era o elo mais fraco da cadeia inimiga. Uma situação de miséria e

um descontentamento popular inauditos. O integralismo não conseguia se aprumar diante das forças do PCB e da ANL. O governo de Mário Câmara - um dos restos das forças tenentistas que vinham sendo alijadas do poder - estava ameaçado de ser substituído pelas forças mais reacionárias do estado, com Rafael Fernandes à frente.

Em Mossoró, Areia Branca e Açú, em outubro - isto é, nas vésperas da descida de Mário Câmara - já havia três grupos de guerrilheiros organizados tendo já realizado uma série de importantes ações revolucionárias. As greves sucediam-se quase sem interrupção nas salinas, na estrada de ferro etc.

Em Natal, ligado às lutas dos guerrilheiros de Mossoró, declararam-se em greve os ferroviários, sapateiros e marceneiros. Organizaram-se bandos precatórios, sabotagens e outras ações de apoio aos grevistas e guerrilheiros. Estabeleceu-se a frente única para impedir pelas armas a subida do governo de Rafael Fernandes. Porém, os chefes da corrente de Mário Câmara recuaram à última hora, o que permitiu a posse de Rafael Fernandes. Então começaram as medidas de caráter repressivo. Muitos soldados da Brigada Militar foram logo excluídos. A Guarda Civil, com 400 homens, foi desarmada de surpresa e dissolvida.

A reação e o desemprego, em vez de enfraquecer a combatividade do povo, mais a agravam. Elementos da extinta Guarda Civil, com os soldados do 21 BC, meteram bala num oficial reacionário do dito Batalhão, um tenente Santana. As lutas de rua começaram. Diversos bondes foram atacados e quebrados. Em novembro, com as lutas constantes, Mossoró e vários pontos do Estado se encontravam em pé de guerra.

No meio dessa grande exaltação, um ato do governo veio fazer transbordar as medidas. 48 praças do 21 BC foram excluídas e esbofeteadas por oficiais. Nesse mesmo dia 23 de novembro, a célula do 21 BC comunicou ao CR que não era mais possível conter os soldados, graduados e sargentos que estavam resolvidos a levantar-se naquele mesmo dia de qualquer maneira, para evitar assim a dissolução prática da sua unidade ou o desarmamento da mesma que era insistentemente propalado. Nossa célula deixou perfeitamente claro que se não tomássemos a frente da luta os militares do 21 BC iriam à luta armada sozinhos.

Diante de tal situação não havia como vacilar. Somente um caminho se abria diante do CR: preparar-se nas poucas horas para secundar com todas as suas forças a revolta do 21 BC e dar-lhe caráter político claro. Foi isso que fizeram os camaradas, levando em consideração a exaltação popular e vontade de luta demonstradas nas recentes lutas. E deram então as diretivas necessárias para que se levantassem todas as forças em apoio ao 21 BC e com o objetivo da tomada do poder.

Outra não poderia ter sido a atitude de revolucionários.

O aparelho de estado do Rio Grande do Norte encontrava-se tão podre que ruiu aos primeiros embates da revolução. No dia 23, ao anoitecer, o 21 BC, depois de dominar facilmente a oficialidade reacionária iniciou, com a participação de operários e populares armados, o ataque aos seguintes pontos:

- a) Quartel da Brigada Militar, que rendeu-se depois de 18 horas de fogo;
- b) Esquadrão de Cavalaria, que debandou pelos fundos do quartel logo no início do tiroteio;
- c) Casa de Detenção. Foi tomada de assalto, libertando-se todos os presos. Postos policiais foram todos tomados e libertados presos.

No dia seguinte foi aclamado um governo popular revolucionário, composto de cinco secretários.

No interior, em sete municípios, foi hasteada a bandeira do governo popular nacional revolucionário. Estes fatos demonstram claramente que a insurreição foi a expressão da vontade da massa e que era impossível adiá-la.

x x x x x

Como é sabido, seguindo a explosão revolucionária do Rio Grande do Norte, Pernambuco e Rio levantaram-se em armas em apoio. Sobre as causas da derrota dessas forças já há dois importantes documentos dos chefes dos movimentos do 3º RI e da Escola de Aviação, no Rio. E tencionamos em breve tratar da insurreição em Pernambuco. Aqui vamos limitar-nos à análise dos acontecimentos em Natal.

Apontamos atrás os lados positivos da insurreição de novembro no Rio Grande do Norte, cuja importância em conjunto foi extraordinária para o desenvolvimento da revolução brasileira. Não somente a existência da ANL e do seu programa foram espalhados para os quatro pontos do país, o que já é de grande valor, como também a questão da LUTA ARMADA PELO PODER COMO ÚNICA SAÍDA REVOLUCIONÁRIA DECISIVA PARA A CRISE foi colocada de uma forma tão vigorosa e com tanta decisão que calou fundo no espírito do povo. O povo de todo o Brasil ficou sabendo que a ANL é sua organização antiimperialista e qual o caminho a seguir.

Pela primeira vez no Brasil o poder se encontrou nas mãos do povo em armas, enquanto seus algozes fugiam espavoridos. Pela primeira vez os grandes armazéns foram abertos para matar a fome do povo pobre. Um decreto do governo revolucionário fez baixar o preço das passagens dos bondes para \$100. Os impostos das feiras livres foram abolidos, ao mesmo tempo foram tomadas medidas para baixar os preços dos gêneros de primeira necessidade (o pão baixou

de \$200 para \$100). Foi estabelecido o auxílio em material e recursos financeiros aos pescadores. Os atrasados do funcionalismo foram todos pagos imediatamente. Delegações operárias, entre estas a dos ferroviários da Great Western, entraram em entendimento com o governo revolucionário para tratar de melhorias de suas condições de vida. Um decreto do governo pôs o integralismo na ilegalidade e foram confiscadas suas sedes e imprensa. Pela primeira vez o povo, através de seu órgão - *A Liberdade* -, de manifestos, de rádio, pôde dizer livremente suas aspirações, pôde gritar seus protestos abafados através dos séculos pelo chicote e pelas cadeias.

Foi portanto iniciada a aplicação prática do programa do GPNR e isso deve ser popularizado a todos os cantos do país como uma grande arma que é de agitação e propaganda.

Porém, para que tiremos todo o sumo das experiências de novembro, cometeríamos um erro tão sério quanto os derrotistas se deixássemos de analisar os erros muito graves que também foram cometidos.

Como é sabido e já documentamos anteriormente, a situação se apresentou de tal forma diante do CR do Rio Grande do Norte que este teve que resolver definitivamente dentro de um prazo curtíssimo de poucas horas, o que fez de uma forma justa, optando pela insurreição. Nenhuma consulta puderam os camaradas do Rio Grande do Norte fazer ao secretariado do Nordeste nem ao CC no Rio. Portanto, esses organismos dirigentes, juntamente com a ANL, também tiveram que se decidir em prazo de poucas horas. (Sobre as razões que levaram esses organismos dirigentes a optar pela insurreição, indicamos novamente a leitura do documento intitulado "Começou a Revolução", editado pelo BP do Partido e as abordaremos mais detalhadamente em outros documentos.)

Isso deixa, portanto, bem claro, que o CR do Rio Grande do Norte, ao resolver-se pela insurreição armada, o devia fazer contando com suas próprias forças e que, no máximo, poderia esperar pelo apoio das demais regiões. E deviam também saber que esse apoio seria seriamente prejudicado pela reação que se desencadearia imediatamente ao ser verificado o levante em Natal. Basta aqui citar um exemplo: no Rio de Janeiro, quase todos os dirigentes da ANL e dezenas de quadros ativistas, principalmente das células de concentração, foram presos de surpresa no domingo 24 ou na manhã de 25. O mesmo aconteceu em São Paulo e em todas as regiões do país, ao mesmo tempo que todas as forças da reação foram mobilizadas e tomadas todas as disposições defensivas possíveis contra ações revolucionárias, sendo denunciadas todas as forças suspeitas. Portanto, os camaradas do CR de Natal e de toda a Região deveriam ter agido contando principalmente com suas próprias forças no Estado. Assim não o fizeram, como veremos adiante, e esse erro, proveniente da falta de experiência e de uma análise calma e objetiva

dos fatos, muito contribuíu posteriormente nas vacilações que temos a registrar.

No terreno político, é necessário apontar que a região do R.G. do Norte ainda não tinha sabido romper com as tendências sectárias dentro da ANL e que subestimavam a importância da frente única com a Ação Social, vendo mais as vacilações dos chefes como Mário Câmara, Aluísio de Moura, Ten. Zuza Paulino etc., que de fato traíram o povo e colocaram-se ao lado de Rafael Fernandes na hora da luta, do que a massa da Ação Social nos locais de trabalho e nos bairros, se bem que tenham feito esforços sérios e proveitosos nos sindicatos.

Como resultado desse erro político, vemos a composição sectária da Junta Governativa, de cujos elementos a maioria era amplamente conhecida como comunista. Além disso cometeram o grande erro de nem ao menos tentarem negociações imediatas com os elementos mais destacados e honestos da Ação Social para que participassem ao menos com 2 secretários no governo revolucionário. Não agindo dessa forma, os camaradas demonstraram não compreender que nós somos sinceramente pela frente única. Era de uma importância política enorme essa questão, porque somente assim teríamos dado ao governo revolucionário, bem nitidamente, seu caráter popular, permitindo a mobilização de camadas muito mais amplas em sua defesa. A posição justa teria sido insistir junto aos elementos da Ação Social, procurando caudilhos de bairro e sindicato desse partido, caso os elementos mais destacados mantivessem na posição de recusa.

Outro aspecto desse erro é a concepção estreita da frente única antiimperialista. Em manchete do número de *A Liberdade*, fica perfeitamente claro que os companheiros compreenderam como populares apenas os soldados, marinheiros, operários e camponeses, o que é uma concepção falsa. Essa formulação restringe forçosamente a participação das grandes massas pequeno-burguesas das cidades e de muitos elementos liberais da burguesia nascente e progressista do campo. É necessário analisar mais profundamente essa questão porque a tendência de esquerda manifestada no R.G. do Norte é bastante alastrada pelo Partido, especialmente nas regiões do Nordeste. Ainda não é suficientemente compreendido que é necessário mobilizar todos os aliados possíveis para a primeira fase da revolução brasileira e que devemos concentrar todas as forças contra o inimigo central que é o imperialismo e seus agentes e aliados mais diretos: o governo de traição nacional de Getúlio, suas camarilhas estaduais, os elementos mais reacionários entre os grandes proprietários do campo (usineiros, grandes criadores de gado, grandes fazendeiros de café, do algodão etc.).

É perfeitamente evidente que a formulação de *A Liberdade* acima citada, não incluindo entre os populares as grandes massas pequeno-burguesas das cidades, os elementos numerosos de tendência liberal, burgueses de tendência democrática e os fazendeiros pequenos e médios

produtores do campo restringe a frente única nacional libertadora e facilita o aproveitamento desses aliados necessários pelos nossos inimigos. Todos esses elementos explorados e oprimidos pelo imperialismo, se bem que em menor grau do que as camadas mais pobres, são mobilizáveis para a luta ou, pelo menos, podem ser neutralizados.

2- Na tática revolucionária aplicada pelos dirigentes da insurreição, cuja responsabilidade central cabe ao nosso Partido, o que temos a apontar em primeiro lugar é que não souberam aplicar os ensinamentos do nosso grande mestre Lenin, contidos nos "Conselhos de um ausente", escritos por ele poucos dias antes da insurreição vitoriosa de Petrogrado, de 7 de novembro. Ali está dito com muita clareza quais são as cinco regras fundamentais da tática revolucionária na insurreição armada:

1 - NUNCA BRINCAR COM A INSURREIÇÃO. MAS, DESDE QUE ESTA COMECE, SABER FIRMEMENTE QUE É PRECISO IR ATÉ O FIM.

Nossos companheiros souberam aplicar de uma forma justa a primeira parte dessa regra; resolveram-se pela insurreição quando foi necessário e não poderiam ter agido de outra forma sem tomar uma posição contra-revolucionária, deixando os militares do 21 BC irem sozinhos à luta. Porém, com relação à segunda parte, deu-se exatamente o contrário: toda a ação dos companheiros depois da tomada do poder em Natal e em 7 municípios vizinhos demonstram que não agiram com a perspectiva de "ir até o fim". Quem tem essa perspectiva não fica na defensiva e aproveita cada minuto para desenvolver suas forças, mobilizar politicamente a massa, dedicando os melhores esforços para criar e fortalecer o Exército Revolucionário etc.

2 - É necessário reunir forças muito superiores no lugar e no momento decisivos. De outra forma, o inimigo, melhor preparado e organizado, esmagará os insurretos.

3 - Uma vez iniciada a insurreição, é preciso agir com a maior decisão, ir sem vacilações à ofensiva. A DEFENSIVA É A MORTE DA INSURREIÇÃO ARMADA.

4 - É preciso procurar colher o inimigo de surpresa, escolhendo o momento em que suas forças estão dispersas.

5 - É preciso procurar OBTER ÊXITOS, mesmo pequenos, TODOS OS DIAS (pode-se dizer a cada hora, em se tratando de uma cidade), sustentando a todo custo a SUPERIORIDADE MORAL.

Durante os dois primeiros dias, isto é, na questão da tomada do poder em Natal, a direção revolucionária agiu norteada por esses princípios de Lenin. [Ilegível] de um modo mais ou menos justo a escolha dos objetivos e concentração de forças nos pontos decisivos; pegou o inimigo de surpresa; aproveitou-o dispersado, pois havia um batalhão da Polícia destacado para Mossoró,

por causa das guerrilhas que lá já se desenvolviam, e sobretudo na ofensiva sem vacilações e na conquista de êxitos diários para obter e manter a superioridade moral, conquistando municípios vizinhos.

Porém, do terceiro dia em diante (segunda-feira, 25) começaram a produzir-se as mais sérias vacilações: demonstrou-se claramente a falta de plano estratégico, visando levar a insurreição até o fim, falta de medidas concretas para criar o Exército Revolucionário (o armamento foi distribuído anarquicamente), falta de vigilância revolucionária e a perda de perspectivas revolucionárias, que culminou no abandono do poder desordenadamente, depois da traição de Quintino.

É evidente que influiu sobre os companheiros dirigentes a derrota do movimento em Recife, única região onde, até esse momento, se tinha desencadeado a luta armada em apoio à insurreição de Natal. Foi uma séria falha da direção revolucionária de Natal. Decidindo-se pela insurreição, que sabiam não estar ainda suficientemente preparada no Centro e Sul do país, ao mesmo tempo que sem consultar ou sem poder avisar o secretariado do Nordeste, que não poderia ter agido mais rapidamente do que o fez, os companheiros do comitê revolucionário do Rio Grande do Norte deviam, desde o início, ter encarado todas as possibilidades de luta, contando centralmente com suas próprias forças para levar a luta até o fim e para prosseguir no interior a luta armada sob forma de guerra de movimento e de guerrilhas caso não pudesse, como não podia, manter por muitos dias a posição de Natal.

Os principais erros cometidos foram: a) não prever as diversas formas de desenvolvimento da insurreição, inclusive a possibilidade de não poder manter-se na capital por muito tempo.

b) parar a ofensiva depois de conquistados 7 municípios e não ter assegurado o alastramento da insurreição a todos os pontos do Estado onde contávamos com muitas forças (Mossoró, Areia Branca, Açú etc.).

c) Não tomar medidas eficientes e imediatas (deveria ter sido a preocupação central uma vez tomado o poder) para organizar o Exército Nacional Libertador. Permitir que Quintino, que se demonstrou vacilante desde o princípio, ficasse senhor do eixo da força armada revolucionária que continuava a ser o 21 BC - facilitando dessa forma sua traição.

d) Não tomar nenhuma medida para fazer funcionar os sindicatos, aclamando-se novas diretorias onde não existissem policiais e organizando-se através deles o armamento do proletariado etc.

e) Não realizar inúmeros comícios de bairros e assembléias nos locais de trabalho a fim de explicar à massa as finalidades da insurreição e conquistar e solidificar o seu mais decisivo apoio.

f) Não tratar de controlar a produção e os transportes, agindo pelas células para a

mobilização dos operários para exigirem suas reivindicações.

g) Não assegurar o contato constante entre os vários destacamentos de nossas forças e o governo revolucionário.

h) TER ESQUECIDO DA IMPORTÂNCIA DO PARTIDO ATUAR ORGANIZADAMENTE E COMO DIRIGENTE POLÍTICO DAS MASSAS. As células não funcionaram como tal e os militantes foram transformados em soldados quando deveriam todos ser aproveitados como comissários políticos junto a destacamentos com missões definidas.

Também nossos companheiros não souberam aproveitar os dias de poder para desenvolver uma formidável agitação e propaganda do programa do GPNR e das medidas concretas já tomadas para sua aplicação. A agitação feita foi muito vaga e continha muitos exageros que visavam encobrir as grandes dificuldades da situação, o que não levava a massa a ver claramente o perigo e mobilizar-se para a luta com mais intensidade.

Apenas foi realizado um comício, o de aclamação da Junta Governativa e não determinaram as tarefas de agitação e propaganda a cada célula. Como exemplo, ditaremos o fato de que as companheiras mais combativas e capazes do Partido foram utilizadas durante todo o período da insurreição para [ilegível] cozinhar para os populares armados na sede do governo (Vila Cincinato) em vez de serem utilizadas no trabalho de agitação e propaganda e no de recrutamento para o Exército Popular Nacional Revolucionário ou para levar diretivas aos pontos do interior.

Outro erro grave cometido foi a falta de vigilância de classe demonstrada pelos companheiros mais responsáveis diante da posição do traidor Quintino. Embora tivessem visto desde o princípio suas grandes vacilações e sua atitude dúbia, permitiram que o setor mais importante - o militar - continuasse em suas mãos. Desde o princípio Quintino mostrou-se derrotista, tentando desistir do assalto ao quartel da Polícia e resistindo a armar os populares. Neste caso o governo revolucionário soube foçar o armamento da brigada de estivadores, cuja atuação foi decisiva para a tomada do quartel de Polícia. Constatadas desde o primeiro momento as vacilações de Quintino, era necessário vigiá-lo e fazer eleger um comitê de soldados que o controlasse a cada passo e denunciasses à massa suas vacilações. Assim se prepararia o ânimo dos soldados para poder prender Quintino caso resistisse a qualquer ordem do governo revolucionário. Teríamos base dentro do quartel do 21 BC. Não agindo dessa forma e vacilando diante de Quintino, nossos companheiros permitiram-lhe trair a revolução e fazendo embarcar nas canhoieiras mexicanas os reféns reacionários aprisionados e destruído o moral do pessoal do 21, para finalmente mandá-los debandar na noite do dia 26.

Foi tal a falta de vigilância de classe que Quintino, já então abertamente passado ao campo da reação, pôde entrar em entendimentos com o ex-chefe de polícia que estava preso no quartel do 21, mandando organizar bandos de desclassificados para praticar assaltos e distúrbios com que a reação já se preparava para depois poder acusar os revolucionários, e mandar elementos de sua confiança, traidores como ele, alvejar à bala os elementos revolucionários que se destacaram por sua iniciativa e audácia revolucionária. A falta de luta contra o inimigo interno determinou em grande parte nossa derrota.

Como dissemos, os camaradas dirigentes de cuidaram-se completamente de elaborar detalhadamente o plano de ação militar. "A defensiva é a morte da insurreição", disse Lenin; no entanto, os companheiros não aproveitaram a tomada do poder para tratar imediatamente, como tarefa central, de organizar o Exército Popular Nacional Revolucionário e constituir seu estado maior, dando a este as perspectivas gerais com que deveriam elaborar os planos de luta, encarando as duas hipóteses centrais: a) ou juntar-se aos demais pontos onde fosse vitoriosa a insurreição e marchar imediatamente contra os pontos resistentes do inimigo; b) ou, no caso de insucesso nos demais pontos do Nordeste, preparar-se para o prosseguimento da luta armada em pontos estratégicos do interior e onde as condições fossem mais favoráveis para a guerra de movimento, criando guerrilhas em todos os pontos percorridos.

O armamento do povo realizou-se de uma forma completamente anárquica. Não se fez um apelo aos sindicatos e locais de trabalho para organizarem seus voluntários e constituí-los em batalhões do novo Exército; não se apelou para as organizações revolucionárias no mesmo sentido, nem para as organizações populares (clubes etc.). O armamento, depois de muita resistência de Quintino, foi entregue sem nenhum controle a quem quisesse recebê-lo. Não se aproveitou a sua distribuição para organizar seções, pelotões, companhias etc que escolhessem ali mesmo seus chefes; não foram determinados pontos de concentração diária para cada concentração armada, nem foram dadas instruções para a ocupação de postos de vigilância ou de combate. Isso demonstrou uma falta lamentável de sentido de organização e de compreensão da importância decisiva da ação militar da revolução.

Os quatro dias durante os quais o povo teve o poder na mão deviam ter sido aproveitados, minuto por minuto, para organizar mais forças e esclarecê-las ideologicamente, para equipar as milícias e para tomar as medidas necessárias à uma retirada em colunas que levassem consigo todo o armamento e munição, recursos farmacêuticos, meios de transporte que fosse possível organizar. Diante da impossibilidade de manter o poder em Natal, era necessário esclarecer a população sobre necessidade da retirada e o prosseguimento da luta armada no interior, sob

forma de guerra de movimento, cuja eficiência foi sobejamente provada pela gloriosa Coluna Prestes.

x x x x x

Ainda umas palavras

As insurreições de novembro de 1935 têm uma importância extraordinária para a revolução brasileira, como frisa este documento, porque PELA PRIMEIRA VEZ NO BRASIL E EM TODA A AMÉRICA DO SUL E DO CARIBE FOI COLOCADA A QUESTÃO DA LUTA CONTRA O IMPERIALISMO DE UMA FORMA CONSEQÜENTE E LEVADA ATÉ O TERRENO DAS ARMAS.

Outro aspecto enormemente importante das insurreições de novembro foi que constituíram também uma luta concreta, conseqüente contra a fascistização do governo de Getúlio que já então investia contra o povo e contra o Exército, armado da Lei Monstro que nada mais é do que uma primeira emenda à Constituição. Os nacional libertadores mostraram a todo o povo brasileiro QUAL O CAMINHO A SEGUIR para deter o avanço do fascismo, para liquidar a dominação imperialista e para implantar uma verdadeira democracia republicana no Brasil.

É POR ESSE CAMINHO QUE DEVEMOS PROSSEGUIR - APROVEITANDO A VALIOSA EXPERIÊNCIA REVOLUCIONÁRIA ADQUIRIDA E ALÇANDO BEM ALTO A BANDEIRA DE LUTA PELA LIBERDADE DOS HERÓICOS BATALHADORES DE NOVEMBRO!

Rio, junho de 1936

O S.N. do P.C.B.

(Documento do CC do PCB de junho de 1936. TSN, Processo nº 1)

# 58

## CARTA A L., DE FINS DE OUTUBRO DE 1936.

Prezado L.

Recebemos recentemente tua carta de 18 do corrente, acompanhada de cópia de circular de análise da situação política. Passamos a responder.

Já deves, nesse meio tempo, ter recebido cópias dos nossos mais recentes materiais e a visita de nosso companheiro F. que ainda mais deverá ter esclarecido os ditos documentos. De fato, a situação é muito séria, tanto no terreno internacional como no nacional e nós comunistas precisamos verdadeiramente ter cabeça fria para tomar posição política justa diante das modificações grandes e constantes que se produzem na situação, à miúdo.

Verás que em linhas gerais e em tom otimista e combativo o documento de VV. está muito bom e dentro da linha geral traçada. Temos pequenos reparos a fazer centralmente em torno da insuficiência de CONCRETIZAÇÃO de diretivas e sobretudo falta de diretivas concretas para a realização do trabalho de agitação e propaganda e do trabalho de massas. Por muito bom que seja um documento, se não sai da análise documentada (como está o de VV.) para o terreno das diretivas práticas e concretas, a base achará muito bom, estará de acordo e ficará realizando como tem feito - ou não tem feito - até então as tarefas que compreende necessárias.

Um documento nacional forçosamente tem que ser mais aprofundado na análise da situação política, porque os regionais têm tarefas a realizar, especialmente ligadas a elementos políticos de outras ideologias, na realização de esforços para a frente única por cima, mas um documento regional deve concentrar a maioria do espaço a anunciar claramente as tarefas e explicar como realizá-las. Portanto, apontar os fatos centrais da situação política e CONCENTRAR o resto do documento sobre as tarefas e a transmissão de explicações concretas que não sirvam para dar pistas ao inimigo e que esclareçam nossos camaradas sobre como ser verdadeiros militantes

comunistas - coisa que muitos ainda não compreenderam claramente por falta mesmo de conhecimentos.

Além disso, somente queremos apontar que hoje, mais ainda do que então, é prejudicial encobrir a dureza da luta revolucionária e adjudicar a vitória final à revolução baseado sobre uma análise da correlação de forças que é bastante superficial e que a recente atitude da Inglaterra no terreno internacional e primeiros passos de Getúlio para capitular frente ao imperialismo ianque e inglês, no terreno nacional, torpedeiam de uma maneira bastante concreta.

Acreditamos firmemente que a vitória FINAL será nossa. Porém, se queremos que este embate que se prenuncia - o atual ciclo de revoluções e guerras - seja decisivamente favorável à revolução, é necessário ter bem claro pela frente o esforço enorme que deverá realizar cada um dos militantes comunistas, que para isso precisam temperar e preparar-se desde já. Aí está a dureza da luta na Espanha para combater qualquer tendência espontaneista. É preciso apresentar a questão sem nenhum pessimismo, mas em oração direta clara enunciar os dados do problema que temos a resolver para que estejamos preparados: isto é, reforçando-nos ideologicamente e realizando diariamente, persistentemente, com coragem e perseverança proletárias as tarefas de LIGAÇÃO COM A MASSA, DE PREPARAÇÃO E DESENCADEAMENTO DE SUAS LUTAS PELAS REIVINDICAÇÕES IMEDIATAS ECONÔMICAS E POLÍTICAS. Ser um militante comunista significa isso e significa ao mesmo tempo organizar intensivamente o esclarecimento da massa, melhorando a agitação e propaganda para combater o oceano de mentiras e provocações e reação ideológica que espalha diariamente toda a imprensa brasileira, especialmente em torno da questão espanhola.

Situação política. A análise da situação econômica é boa e não se modifica e é muito justo que se a popularize para conhecimento dos membros do Partido e também para a massa. Quanto à situação política, companheiros, o que há de novo é a nova vacilação de Getúlio para o lado do imperialismo ianque e inglês que se caracteriza pelas suas declarações a respeito de "democracia", pelo discurso de Rao no E. Maior, esculhambando o extremismo da direita e equiparando-o ao extremismo da esquerda para fins de aplicá-lo sob a capa de defesa da democracia. Há uma tendência a aderir, por parte de Getúlio e de sua camarilha, um tanto à custa do integralismo - nem que seja de fachada - porque o bloco de oposição a ele, chefiado por Armando de Sales e Flores da Cunha está evidentemente muito forte.

Essa vacilação pode durar algum tempo, pode mesmo terminar por uma capitulação de Getúlio e sua camarilha aderindo em troca de [ilegível] posições estaduais e federais. Há porém muita intransigência por parte dos elementos das Oposições Coligadas. Caso Getúlio não [ilegível]

é evidente que virá a luta armada, porque sabemos de fonte absolutamente concreta que o Rio Grande do Sul está em pé de guerra porque Flores mobilizou milhares de provisórios e que há coordenação conspirativa entre os estados antigetulistas e antiintegralistas.

Há também, mesmo que Getúlio capitule, a rivalidade latente entre os atuais aliados, tanto no terreno nacional como entre seus amos imperialistas (anglo-americano).

Essas dificuldades no campo inimigo, que podem ser superadas com uma repartição amigável do país em esferas de influência dominadas por cada imperialismo, devem PORÉM nos animar a intensificar todos os esforços na realização das tarefas do trabalho de massas e do esclarecimento do povo para ocuparmos com mais força nossa posição independente de classe dentro da luta nacional libertadora. Isso sim. Mas não podemos afirmar de antemão que é impossível uma "pacificação" ou "modus vivendi" na escala nacional, conhecendo, como conhecemos, a falta completa de princípios e de caráter que norteiam os politiquieiros nos países semicoloniais

Portanto, aproveitai a briga das comadres para tratar das lutas por reivindicações imediatas econômicas e políticas, para reforçar nossas campanhas e para levar avante o trabalho no campo com vistas às guerrilhas surgidas de lutas de massas. Sobre isso voltaremos adiante.

Tanto mais é reforçado nosso argumento com referência à frente única da reação - frente única parcial que não liquida antagonismos insanáveis - quando a situação internacional está aí a nos mostrar a Inglaterra tomando abertamente posição ao lado do bloco fascista na questão espanhola, com certeza por ter recebido concessões de Hitler e Mussolini e ter chegado a acordo temporário com eles para a luta contra a verdadeira democracia e contra as forças cada dia maiores do socialismo.

A contradição de classe é a contradição fundamental do regime capitalista. Por isso devemos aproveitar as contradições entre os grupos feudal-burgueses e os imperialismos para reforçar a correlação de forças a favor nosso. Já dissemos atrás como se reforça essa correlação de forças a favor da luta antiimperialista e antifascista.

Trabalho de massas - Diretivas gerais e mesmo concretas sobre a tática de concentração já deixamos VV. aplicando aí. Queremos transmitir um melhoramento experimentado com grandes êxitos pela R. do Rio e de São Paulo.

Consiste no seguinte a modificação: nossas células são ainda em maioria compostas de camaradas eschachados, conhecidos da massa como comunistas. Tais elementos não conseguem

realizar um trabalho de massas eficiente porque os demais operários e populares receiam a reação que bate onde eles se apresentam em público. Portanto, resolvemos separar das células que ficam realizando o trabalho partidário ilegal (distribuição, pinturas, comícios, autodefesa etc.) reunindo-se para discutir as questões do Partido, traçar e controlar suas tarefas, os camaradas recrutados ou que formos recrutando e que não sendo escrachados **PODERÃO REALIZAR EFICIENTE TRABALHO DE MASSAS.**

A ligação dos elementos responsáveis de direção (no sentido de concentração esclarecido em nossa circular a respeito) deverá ser justamente com esses núcleos de camaradas não escrachados responsáveis pelo trabalho de massas.

É conveniente que esses companheiros não sejam conhecidos dos demais membros das células, para que as provocações conscientes ou inconscientes não os possam atingir. É também conveniente que sejam de 3 - no máximo - esses núcleos, que representam verdadeiras frações dos organismos de massa e que terão que aprender a trabalhar sem botar nunca o letreiro de comunista na testa e sim continuando a apresentar-se como os batalhadores proletários e populares que estão a serviço dos interesses da coletividade.

Somente assim acreditamos ser possível concretizar a religação com a massa e sua mobilização através das pequenas lutas e protestos como preparação para as grandes lutas. É necessário discutir isso no CR e, uma vez bem compreendido, passar à sua aplicação com o máximo de iniciativa. Por exemplo, Marinheirinho (que tivemos imensa satisfação em saber que safou-se) não pode realizar um trabalho de massa efetivo na Resistência, nem ele mesmo nem os elementos escrachados; mas pode perfeitamente mobilizar um ou dois dos melhores companheiros de massa para realizar o trabalho na sede dos sindicatos. É claro que vai ser preciso convencê-lo e explicar detalhadamente aos companheiros que o irão realizar como devem trabalhar para não se traírem e para não ficar distanciados da massa, mas sim levando a sua maioria com eles pelo caminho das pequenas lutas até as maiores.

O mesmo se deve verificar em cada fábrica têxtil, em cada local de trabalho e em cada organização de massa onde já tenhamos trabalho e gente formada mas escrachada. Nos pontos onde ainda não tenhamos penetrado é necessário adotar desde o princípio essa tática: realizar a agitação e propaganda e o trabalho ilegal por uma célula nossa e recrutar os elementos do local de trabalho para realizar o trabalho de massas, explicando-os, detalhadamente, como realizá-lo sem escrachar-se.

Os resultados esperamos sejam comunicados o mais rapidamente possível.

Também achamos necessário que só venham a saber dessa modificação de tática os

camaradas diretamente interessados na sua realização prática, para evitar o maior tempo possível que chegue ao conhecimento da polícia.

Crispim - Avisem novamente Alagoas para que esteja prevenida com os métodos aventureiros desse camarada - que não deve ocupar nenhum posto de responsabilidade de direção regional enquanto não se reabilitar num longo trabalho de base.

Pedro - Se ele embarcar é muito bom. Já avisamos ao Sul e insistiremos no aviso. Porém, continuamos a achar que sua expulsão deve ser proposta à base em documento conciso - citando seus malfeitos e provocações - para que depois seja incluída em *Classop* uma nota mostrando ao Partido até onde pode levar a resistência a romper com os métodos anarquistas de trabalho. Pedro, na nossa opinião, não cabe mais no Partido.

Classop e Finanças - Já debes saber pelo F. como estão as coisas nesse sentido e esperamos de V. estudar cuidadosamente os planos e entrar pelo terreno concreto. O amigo de "seu Tavares" poderá ser útil, mas sem ilusões e arranjando as coisas de tal forma que, mesmo havendo traição, não possa haver prejuízo político. Escolher turma boa, para o qual deve ser muito bom o "mordedor de orelhas", o próprio Marinheirinho etc. A segurança de L. e talvez a de G. e A. dependem de como vocês passarem ao terreno da realização nesse capítulo, posto que os quadros de que dispomos são insuficientemente formados para tal tarefa e a perspectiva concreta que tínhamos está atualmente desligada de nós por uma vasta linha de fogo.

Provocações - Cientes dos informes. Avisaremos Rio sobre Matilde e seu companheiro. É preciso levar em consideração os informes do 3º subsetor, mas sem permitir que implantem derrotismo e a teoria de que não é possível trabalhar numa cidade desse tamanho quando ativamente procurado pela polícia. É perfeitamente possível trabalhar-se ilegalmente - CONTANTO que se modifiquem os métodos de trabalho e que não se esteja obrigado a ganhar o pão. Em todo o caso, a resolução de VV. parece muito justa, sobretudo se concorrer para reforçar o trabalho no campo.

Calos do Carlos - Não se trata de pisar nos ditos secamente. Trata-se sobretudo de insistir e insistir novamente junto aos elementos de base do PSD para frente única por reivindicações imediatas econômicas e políticas, ao mesmo tempo que não deixamos passar nem um só fato para demonstrar como esse sujeito está aliado com o imperialismo e como ele entende "democracia". Se a gente dele o forçar a fazer frente única, iremos a ela e diremos que apesar de tudo isso - citamos o chorrilho de fatos - estamos dispostos à luta em comum contra o fascismo, cientes de que estaremos sempre vigilantes para denunciar ao povo qualquer infração do acordo de frente única e relembrando em tal caso todas as sacanagens do passado. Esse trabalho é

perfeitamente possível se lutarmos sem esmorecimento e sem precipitações para organizar as massas de pequenos e médios produtores em torno das questões vivíssimas de seus interesses econômicos imediatos na questão do algodão e do açúcar. Esse caminho é infalível para deixar Lima Cavalcanti nu na praça e é o único infalível.

É claro que o desmascaramento seco pouco adianta. O que adianta é levar as massas à luta por suas reivindicações. Como vê, repetimos isso incessantemente. É porque o achamos vital.

Breve, em outro material registrando as modificações na situação nacional e internacional, haverá mais detalhados esclarecimentos sobre a posição a tomar com referência à atitude dessa gente com referência à "defesa da social ou liberal democracia".

Anti - É importante retomar ligações sem precipitação. Trabalho seguro, somente colocando à sua frente gente de toda confiança e que não seja ponto de interrogação. Basta de experiências nesse sentido. Porque não utilizar para ligação o camarada que me indicastes quando tratamos da substituição do Campos, parece que Moac. - um auxiliar do mordedor de orelhas se não me engano e elemento de toda confiança. Ai será necessário um paciente trabalho levado sobre bases firmes de educação dos quadros para bons métodos de trabalho, do qual devem ser observadas todas as regras constantemente e controlada essa observação. Separação estanque entre as diversas seções de cada célula, seções de 3 e birô de 3. Separação completa entre os setores, havendo ligação direta do camarada responsável com cada um responsável de setor separadamente, idem deste com cada responsável de B. de célula separadamente, idem destes com cada responsável de seção, separadamente, e sempre que possível fora do quartel para não haver possibilidade de um suspeito tornar os demais suspeitos.

É um trabalho difícil e que necessitará paciência, mas que TEM QUE SER FEITO por cima de todas as dificuldades porque o Exército continua a ser um dos principais pontos visados por nós. Não somente visamos conquistar forças como precisamos ter uma preparação ideológica para adotar uma tática justa no caso de guerra mundial e para conseguir resistência a combater os guerrilheiros e adesões aos mesmos sempre que estes se levantarem. É preciso lembrar-se também que o setor anti tem que ser politizado e ideologicamente reforçado para que possa cumprir sua missão direito.

Guerrilhas - Há uma séria luta camponesa no Sul do Estado da Bahia, contra a qual o governo estadual já mobilizou 600 praças e ainda está tentando tomar de traição. Há um velho trabalho partidário em toda aquela zona do litoral Sul da Bahia, tanto entre os camponeses como entre os índios e que agora, depois de quase dois anos de preparação e de algumas lutas preliminares, parece estar tomando o rumo de transformação em luta armada, que será um foco

importante de guerrilhas. Não temos notícias exatas ainda, só sabemos mais ou menos o mesmo que VV. - isto é, o que dizem os jornais. Sabemos a mais os antecedentes e sabemos que o CR tinha enviado as últimas diretivas recebidas e aquele material sobre AS LUTAS DOS GUERRILHEIROS, que esperamos ajudem os companheiros a dirigir-se bem na luta. É um grande fato, porque é uma luta independente por reivindicação imediata, levada de forma conseqüente até o terreno da luta armada, que desmascara concretamente a pseudo social-democracia de Juraci Magalhães, que se coloca abertamente com a força do Estado, ao lado dos ladrões da terra.

Devemos popularizá-la como tal e tirar material especial chamando ao apoio aos heróis lutadores camponeses e índios do Sul da Bahia. Juntamos um manifesto de célula local que achamos muito bom e que historia o caso como se passa e com seus antecedentes.

Vejam, porém, a necessidade e a importância do trabalho de massas entre os camponeses como preparação para que uma luta armada no campo tenha uma feição política clara e tomem as providências para que bons quadros que não podem mais trabalhar na cidade devido à reação sejam instruídos e mandados para pontos do interior onde trabalhem pacientemente a massa camponesa por suas reivindicações imediatas, ao mesmo tempo que lhe dá a perspectiva de lutar e prosseguir a luta de armas na mão. Insistimos em que as lutas camponesas têm uma importância decisiva para a revolução brasileira.

Endereços - Pedimos dois para correio e um para delegado. Utilizaremos a música de "viva a pátria e chova arroz".

(TSN, Processo n° 215)

# *PARTE 2*

## A ANL NA LEGALIDADE

# 59

AO POVO BRASILEIRO

PELA SALVAÇÃO NACIONAL!

**NÓS QUEREMOS O CANCELAMENTO DAS  
DÍVIDAS IMPERIALISTAS; A  
NACIONALIZAÇÃO DAS EMPRESAS  
IMPERIALISTAS; A LIBERDADE EM TODA A  
SUA PLENITUDE; O DIREITO DO POVO -  
AUMENTANDO OS SALÁRIOS E ORDENADOS  
DE TODOS OS OPERÁRIOS, EMPREGADOS E  
FUNCIONÁRIOS**

O Brasil cada vez mais se vê escravizado aos magnatas estrangeiros. Cada vez mais a independência nacional é reduzida a uma simples ficção legal. Cada vez mais o nosso país e o nosso povo são explorados, até os últimos limites, pela voracidade insaciável do imperialismo.

De acordo com os dados oficiais, publicados em Nova York, o Brasil pagou, no ano de 1932, pelos *fundings* federais, pelas dívidas dos Estados, dos Municípios, do Instituto do Café, pela consolidação do crédito (com o descoberto do Banco do Brasil), pelas "despesas" administrativas no estrangeiro, cobradas pelos nossos próprios credores, um total de 21.794.317 libras.

Fora isso, de acordo ainda com as informações oficiais, os lucros, os dividendos das companhias estrangeiras aqui estabelecidas e a remessa de dinheiro para o exterior, sob diversas formas, atingem a uma média anual de 20 milhões de libras.

Assim, um total de 40 milhões de libras, representando, ao câmbio atual, mais de 3 milhões de contos, é anualmente entregue, como tributo da nossa escravidão, aos magnatas imperialistas!

Nos últimos quatro anos, o valor anual da produção brasileira não ultrapassou os 10 milhões de contos. E assim, se notarmos que grande parte desta quantia deve ser destinada à reprodução do capital, fundo de reservas, gastos com transporte, pagamento de dívidas internas etc. chegaremos a esta pavorosa conclusão: os 45 milhões de brasileiros recebem, do seu trabalho, tanto quanto meia dúzia de parasitas estrangeiros, que exploram e escravizam o nosso país.

Os juros pagos pelo Brasil a seus credores já se elevam a mais do dobro da importância que ele recebera como empréstimo. Os lucros fabulosos das companhias imperialistas já ultrapassam, de muito, o capital por elas invertido. E, entretanto, continua o país com uma fabulosa "dívida" externa; continuam os capitalistas estrangeiros a dominar nossas fontes de energia e nossos meios de comunicação - numa palavra - todas as partes fundamentais e básicas da economia moderna.

O imperialismo, procurando obter mão de obra por preço vil, protegeu, como ainda hoje protege, os latifundistas, o feudalismo.

Para uma população agrária de 34 milhões de almas, temos apenas, segundo o último recenseamento, 648.153 de propriedades agrícolas. E destas, a sua grande maioria - 71,5% - abrange apenas, de acordo com a Diretoria Geral de Estatística, 9% da área total.

O nosso território agrícola está, pois, na sua quase totalidade, monopolizado pelos grandes latifundistas em cujas fazendas vive, sob o jugo de uma exploração medieval, a grande massa da nossa população laboriosa. Mas, afirmam os grandes latifundistas, no Brasil ainda há muita terra para ser cultivada. . . por que, pois, falar contra o latifúndio?

Estes senhores apenas se esquecem que novas e grandes explorações do solo exigem capitais enormes para os instrumentos, o plantio e a manutenção dos trabalhadores; que o cultivo da terra é um longo processo histórico, feito gradativamente através de gerações e gerações; e que essa massa de trabalhadores cujo suor fertilizou os nossos campos e cujos pais viveram no árduo trabalho de sol a sol, não tem a posse da terra, injusta e esterilmente entregue, na sua quase totalidade, aos parasitas latifundistas.

Mas o feudalismo, após a libertação dos escravos, não se teria certamente mantido, como

não se manteve nos Estados Unidos, após o triunfo dos abolicionistas, se não fosse o auxílio poderoso do capital financeiro imperialista.

Por outro lado, os pequenos e médios proprietários agrícolas se acham cada vez mais amordaçados pela agiotagem e pela usura.

O imperialismo, dominando o país, explorou-o, para seu único proveito: reduziu-o a um simples fornecedor de matérias primas, deixando inexploradas as nossas minas de ferro, níquel etc. as nossas maiores fontes de riqueza. O imperialismo impediu, como ainda impede, o desenvolvimento da metalurgia, da indústria pesada, de tudo, enfim, que possa fazer concorrência à sua própria produção.

O imperialismo reduz o povo brasileiro à ignorância e a miséria.

O analfabetismo atinge a 75% da nossa população. O índice de mortalidade assume proporções verdadeiramente fantásticas. A fome - apesar de nossos recursos naturais - aniquila o povo brasileiro: a quantidade de alimento consumido pelo Distrito Federal é, de acordo com a palavra do prof. Escudero, insuficiente para mantê-lo: o povo, em plena capital da República, é subalimentado, "passa fome".

O imperialismo, reduzindo ao extremo a capacidade aquisitiva do nosso povo, cerceia o desenvolvimento das nossas forças produtivas. A exportação, por cabeça, no último ano de "prosperidade" - 1929 - foi no Brasil de apenas 47 shillings, enquanto que no Uruguai já se elevava a 154, na União Sul Africana a 156, no México a 159, na Argentina a 387, no Canadá a 546, na Nova Zelândia a 832 shillings.

O imperialismo, apavorado com o invencível despertar da consciência nacional, impõe leis monstruosas e bárbaras que aniquilam a liberdade. E a própria defesa nacional tem se plasmado inteiramente a seus estreitos interesses: compram-se armamentos por preços extorsivos, mas não se procura explorar as nossas minas nem se criam fábricas de material bélico, aviões etc. . .

Em suma, é completa a escravização nacional. É o Brasil reduzido a verdadeira máquina de lucros dos capitais estrangeiros.

Entretanto, neste momento, a Nação já se começa a erguer em defesa de seus direitos e da sua independência, da sua liberdade. E a Aliança Nacional Libertadora surge, justamente, como o coordenador deste gigantesco e invencível movimento.

Sincera e profundamente patriotas, saberemos, porém, distinguir o patriotismo desse "chauvinismo" hipócrita, açulado pelos banqueiros com o fim de produzir, para o seu único proveito, guerras imperialistas.

Saberemos distinguir os magnatas que oprimem e escravizam o país dos honestos

trabalhadores estrangeiros, explorados como os brasileiros e que contribuem para o progresso e desenvolvimento do Brasil.

A Aliança Nacional Libertadora tem um programa claro e definido. Ela quer o cancelamento das dívidas imperialistas; a nacionalização das empresas imperialistas; a liberdade em toda a sua plenitude; o direito do povo manifestar-se livremente; a entrega dos latifúndios ao povo laborioso que os cultive; a libertação de todas as camadas camponesas da exploração dos tributos feudais pagos pelo aforamento, pelo arrendamento da terra etc; a anulação total das dívidas agrícolas; a defesa da pequena e média propriedade contra a agiotagem, contra qualquer execução hipotecária.

Queremos que a formidável quantia evadida do Brasil para os cofres dos magnatas estrangeiros seja empregada em benefício do próprio povo brasileiro;

Explorando as nossas riquezas e desenvolvendo as nossas forças produtivas;

Diminuindo todos os impostos que pesam sobre a nossa população laboriosa e com isso baixando o custo de vida e desafogando o comércio;

Aumentando os salários e ordenados de todos os operários, empregados e funcionários;

Efetivando e ampliando todas as medidas de amparo e assistência social aos trabalhadores, e desenvolvendo em enorme escala a instrução e protegendo realmente a saúde pública.

Queremos uma Pátria livre! Queremos o Brasil emancipado da escravidão imperialista!  
Queremos a libertação social e nacional do povo brasileiro!

Rio de Janeiro, Março de 1935

Comissão Provisória de Organização

HERCOLINO CASCARDO

AMORETI OSÓRIO

ROBERTO SISSON

BENJAMIN SOARES CABELO

FRANCISCO MANGABEIRA

MANUEL VENÂNCIO CAMPOS DA PAZ

(Manifesto-Programa de lançamento da Aliança Nacional Libertadora. Processo de fechamento da ANL, Pasta IJI (320) e TSN, Processo nº 93, vol 1)

# 60

## CARTA DE LUÍS CARLOS PRESTES À ALIANÇA NACIONAL LIBERTADORA,

Barcelona, 25 de abril de 1935

Sr. Herculino Cascardo, Presidente da Comissão de Organização da Aliança Nacional Libertadora.

Pela leitura dos jornais brasileiros acompanhei com grande interesse desde os seus primeiros passos a formação do movimento de massas que começou a se cristalizar com a denominação de Aliança Nacional Libertadora. Soube depois que o meu nome fora aclamado em diferentes pontos do país onde se fundaram comitês da Aliança e que, finalmente, na sessão de 30 de março, no Rio de Janeiro, fui aclamado Presidente de honra da ANL. Sem conhecer os iniciadores desse movimento e habituado já ao uso desavergonhado e demagógico que fazem do meu nome os politiquinhos brasileiros quando desejam enganar as massas, esperei receber informações mais completas antes de lhe escrever estas linhas. Hoje tenho em mãos dados mais seguros sobre a nova organização e a confirmação de que o meu nome surgiu realmente de maneira espontânea no seio das próprias massas que quiseram, evidentemente, desta maneira, dar à ANL um caráter antiimperialista combativo e revolucionário. Nestas condições, antes mesmo de redigir um documento mais longo, no qual possa expor metodicamente tudo o que penso sobre a situação do Brasil e sobre o papel da ANL no momento atual, apresso-me a lhe dirigir estas linhas que são dirigidas por intermédio do Comitê Provisório de Organização da ANL a todos os seus aderentes, assim como a todo o povo do Brasil, aos operários, camponeses, soldados e marinheiros, aos estudantes, aos intelectuais honestos, à pequena burguesia das cidades, enfim, a todos os que sofrem cada dia mais com a situação de miséria e de fome em que se encontra o Brasil

Adiro à Aliança Nacional Libertadora. Nela quero combater lado a lado com todos os que não estão vendidos ao imperialismo, desejam lutar pela libertação nacional do Brasil, com todos

os que queiram acabar com o regime feudal em que vegetamos e defender os direitos democráticos que vão sendo sufocados pela barbárie fascista ou fascistizante.

A miséria aumenta cada dia mais em todo o país. O valor aquisitivo da moeda nacional desce sem cessar. O salário real do proletariado diminui assim dia a dia. A massa camponesa, esmagada pelos impostos e pelos tributos feudais e centenas de milhares de camponeses, principalmente jovens perambulam pelo país a procura de trabalho. A pequena burguesia urbana se pauperiza a olhos vistos, os pequenos artesãos morrem de fome em todo o país, o pequeno comércio é tragado pelos monopólios imperialistas. Simultaneamente, são gastos milhares de contos na preparação do país para a guerra e para o reforçamento de exércitos policiais indispensáveis para liquidar as menores manifestações de descontentamento das massas oprimidas.

O imperialismo, os senhores feudais e os grandes industriais compreendem no entanto que somente com o terror, o mais bárbaro, poderão conter a onda crescente de descontentamento popular e por isso estimulam e financiam a organização e a propaganda do fascismo, esse terrível flagelo que ameaça tomar o poder para garantir os interesses do imperialismo, dos latifundistas e da grande burguesia nacional, afogando em sangue e na mais brutal reação os últimos direitos democráticos que ainda nos restam e a miserável legislação social que foi conquistada pelo proletariado em lutas memoráveis. A fascistização do governo de Vargas é um fato evidente e a adoção da Lei Monstro um dos marcos característicos, entre muitos, da marcha para o fascismo. Ao mesmo tempo, o movimento integralista, claramente financiado pelo imperialismo, pelos senhores feudais e pela grande burguesia nacional, trata de enganar as massas com uma demagogia mística, ultranacionalista e aparentemente antiimperialista. Os chefes integralistas a serviço do imperialismo, dos latifundistas e dos grandes capitalistas nacionais trabalham assim pela completa escravização do povo brasileiro ao imperialismo e sua maior submissão aos latifundistas e grandes industriais e para tanto serão instrumentos do mais hediondo terror.

Só as lutas de massa poderão realmente impedir o crescimento e a dominação do fascismo. A organização de tais lutas é uma das tarefas essenciais da ANL e, incontestavelmente, uma das principais causas da grande simpatia com que conta na massa trabalhadora, desde os seus primeiros passos. As massas querem lutar contra o fascismo, querem aniquilar o movimento integralista e vêm na organização capaz de reunir numa grande e única força os esforços dispersos da multidão de milhões que em todo o Brasil quer evitar de todas as maneiras o desencadeamento da mais brutal e sanguinária reação - o terror fascista. [sic] Simultaneamente, as grandes massas compreendem cada vez melhor o papel explorador do capital financeiro imperialista. Todo brasileiro honesto já sente atualmente que sem a anulação das dívidas externas, sem a confiscação

e a nacionalização das empresas imperialistas, sem a expulsão do país dos representantes do capital imperialista será impossível a libertação nacional. Antiimperialistas são hoje no Brasil os milhões de trabalhadores de todas as categorias sociais, das mais diversas tendências ideológicas, filosóficas ou religiosas que não estão vendidos ao capital imperialista e que contra ele querem realmente lutar, aspirando a libertação nacional e o bem-estar da grande maioria da população. É também cada vez mais evidente em todo o país que sem a liquidação do latifúndio, sem a completa destruição do regime feudal em que vivemos será impossível consolidar a vitória sobre o imperialismo. Os grandes fazendeiros, os grandes industriais, os banqueiros imperialistas apóiam-se mutuamente e constituem um todo indivisível na exploração da grande massa trabalhadora do país. Para lutar portanto contra tais flagelos, para conseguir a libertação nacional do país e do seu povo precisamos reunir os esforços de todos sem distinção de ideologias, de credos religiosos, filosóficos, de raças etc. Esta a missão que se propões a ANL, este o papel importantíssimo que lhe cabe no momento atual.

Aproximam-se no Brasil os dias de lutas decisivas e cabe à ANL mobilizar e organizar as massas para o momento histórico que se avizinha. Os treze anos de lutas que se sucedem, desde 1922, deram uma enorme experiência às grandes massas trabalhadoras de todo o país. Nestas lutas o proletariado se consolidou como classe e está incontestavelmente, já hoje, à frente dos grandes movimentos pela libertação nacional do jugo imperialista e da barbárie feudal. A radicalização das grandes massas manifesta-se claramente, entre outros fatos, pela influência crescente do Partido Comunista e a própria aclamação do meu nome nos comícios da Aliança é um indício de tal influência, porque não só os dirigentes da Aliança mas as grandes massas que os apóiam sabem que sou comunista e membro do Partido Comunista do Brasil. E a direção do proletariado é indispensável para garantir o sucesso da luta que empreendem pela libertação nacional às grandes massas trabalhadoras do país. A experiência internacional é neste sentido importantíssima e nós mesmos, no Brasil, já a possuímos rica. Por outro lado, a demonstração soviética é convincente sobre o que pode fazer o proletariado, dirigido pelo seu partido de classe e tendo os camponeses como aliados. Vivi três anos na URSS, lá trabalhei na construção do socialismo e pude assim observar diretamente do que é capaz o proletariado no poder. O camponês russo sob o regime czarista era tão miserável quanto o nosso miserável jeca. Hoje é o senhor da maior e da mais adiantada agricultura de todo o mundo, dispõe de centenas de milhares de tratores e vê liquidar-se a passos de gigante a secular desigualdade entre a cidade e o campo. O camponês caucasiano, o novo homem do campo, consequência do regime soviético, é a melhor demonstração do que é capaz o proletariado, dirigido por seu partido de classe - o grande Partido de Lenin e Stalin.

Mas a tarefa da ANL consiste, no momento atual, em reunir e mobilizar rapidamente para a luta todos os que estejam de acordo com o seu programa e que por ele queiram realmente lutar. Aderindo à ANL, faço por meio desta minha primeira carta um veemente apelo a todos os que no Brasil querem lutar pela libertação nacional, a todos os que querem evitar o terror fascista, a todos os que querem lutar contra o latifundismo: **Unamo-nos para a luta! Apesar das diferenças de opinião que possam existir, formemos lado a lado, na luta por um tal programa!**

Dirijo-me especialmente à juventude trabalhadora, aos jovens operários e camponeses brutalmente explorados nas fábricas e nas fazendas, aos estudantes pobres que se vêm na contingência de abandonar os estudos para não morrer de fome, aos soldados e marinheiros brutalizados nos quartéis e navios de guerra: de todos vós depende o futuro do Brasil! Engrossai as fileiras da ANL e com o vigor e o entusiasmo da vossa juventude ocupai os postos de vanguarda nos combates decisivos que se avizinham! Dirijo-me muito especialmente aos heróicos combatentes de 1922 e 1924, aos valentes desconhecidos que fizeram a marcha da Coluna, lutando durante dois anos de armas na mão contra a tirania bernardesca, aos revolucionários honestos que foram miseravelmente enganados em 1930 pelos homens que hoje os perseguem e tiranizam: reforçai as fileiras da ANL e com a vossa experiência ajudai-nos a lutar pela libertação nacional do Brasil, a expulsar o imperialismo, a liquidar o fascismo, a acabar como o latifundismo! [sic]

Não temos tempo a perder. A tarefa da ANL, o segredo do seu sucesso está na rapidez com que souber e puder passar da agitação para a ação. Precisamos agir com rapidez e decisão. A luta contra o imperialismo precisa ser diária, em todo o país, contra suas menores manifestações. Só lutando pelo aumento de salários nas empresas imperialistas, contra os altos fretes nas estradas de ferro, dos bondes, barcas etc. e contra todas as outras manifestações da exploração imperialista conseguirá realmente a ANL reunir todos os verdadeiros nacional revolucionários e facilmente desmascarar os demagogos. No combate contra o feudalismo a tarefa imediata da Aliança é começar a organizar a luta dos camponeses e operários agrícolas por suas menores reivindicações, desenvolver e unificar tais lutas até chegar a distribuição da terra dos grandes latifúndios, da Igreja, das plantações e concessões imperialistas e de tudo o que nelas exista, entre a população miserável do interior do país. A ANL precisa desde já organizar e realmente ajudar os camponeses e operários agrícolas a lutarem contra os impostos, contra as tributações feudais, contra o regime de terror das fazendas etc. Através de tais lutas a ANL transformar-se-á num grande movimento de massas e, nas condições atuais do Brasil, pode chegar rapidamente a ser uma grande organização popular nacional revolucionária, capaz de sustentar a luta de massa no Brasil. Conquanto longe do Brasil, acompanharei com enorme e sempre crescente interesse o movimento

da Aliança, aguardando ansioso o momento feliz em que possa voltar do meu já longo exílio para combater lado a lado com todos vós pelo programa de salvação nacional da Aliança Nacional Libertadora. Com minhas saudações revolucionárias,

LUÍS CARLOS PRESTES

(Processo de fechamento da ANL, Pasta IJI (320) e TSN, Processo nº 93, vol 1)

# 61

## A ALIANÇA NACIONAL LIBERTADORA AO EXÉRCITO NACIONAL

A ANL, como verdadeira expressão da vontade revolucionária do povo brasileiro na luta por sua libertação do jugo imperialista, mais do que nunca está solidária com o Exército Nacional, no momento em que se pretende [ilegível] de suas atribuições nacionais e eficiência, negando-se-lhe o papel histórico de defensor das liberdades populares no Brasil, liberdades [ilegível] por ele e pelo povo fraternizados.

O sentimento democrático é natural a todo o povo brasileiro e ao nosso Exército cabe em parte o mérito deste fato, porque através de nossa história sempre se afirmou popular, realizando assim uma obra ingente de educação democrática. Assim como a sua peculiar formação é um fato que se não [ilegível], fruto que é de circunstâncias que se processaram por séculos no [ilegível], assim também se não pode improvisar na sua imediata transformação sumária, como dele pretendem os agentes estrangeiros e os caixeiros [ilegível] do imperialismo.

A necessidade de Portugal manter no Brasil forças militares relativamente grandes e a sua impossibilidade de provê-las somente com portugueses obrigaram-no a constituir desde cedo milícias brasileiras das [ilegível] oficiais inferiores, brasileiros eram repelidos pelos oficiais superiores, em geral portugueses, aproximando-se assim dos soldados; [ilegível] unidade administrativa da colônia permitir constantes e prontas [ilegível] para os mais remotos rincões dos oficiais perseguidos, em geral [ilegível] e nacionalistas; o fato do governo ser freqüentemente obrigado a lançar mão de milícias populares e estudantis para repelir súbitas e [ilegível] investidas estrangeiras, milícias estas incorporadas anos a fio ao Exército regular, levando-lhe o espírito civil e popular; o fato useiro de negros libertos serem freqüentemente incorporados ao exército, onde o heroísmo e a sua dedicação os aproximavam dos oficiais, o fato da [ilegível] dos oficiais brasileiros, dado o pequeno soldo que recebiam, não se [ilegível] por propinas extras, reservadas

aos portugueses, levava-os a mesclarem-se com a população oprimida, com a qual se ligavam por laços de sangue e de classe, tudo isso concorreu para dar ao nosso Exército uma tradição popular, para uni-lo ao povo do qual, ao contrário das [ilegível] em geral é verdadeiramente querido e o levou sempre a transtornar os planos dos tiranos abraçando as causas populares.

Foram as milícias populares que defenderam o Rio de Janeiro dos franceses; que contra a vontade do reino expulsaram os holandeses do Brasil; que, às pressas formadas no Exército nacional, impuseram-se as tropas de linha portuguesas, expulsando-as por sua vez. Foram milhares de ex-escravos, populares os mais gloriosos, que principalmente se sacrificaram heroicamente no Paraguai, julgando que libertavam seu povo; foi o nosso Exército solidário com os escravos e recusando-se a transformar-se em tropa de capitães do mato, criou um estado de fato de libertação negra, de que o 13 de maio não foi mais que uma consagração formal; que melindrado [ilegível] braganças expulsou-os daqui, fraternizando com o povo; que resistiu aos governos antipopulares de Epitácio, Bernardes e Washington; que, com o povo e com ele ludibriado, escreveu a página de 30, ludibriação que culminou em 32, quando dos dois lados, povo e Exército se trucidavam em proveito exclusivo da camarilha dos Getúlio Vargas, Vicente Rao, Armando de Sales, Flores da Cunha, Raul Fernandes, Filinto Müller e outros, que se apossaram da máquina de opressão do povo brasileiro, numa verdadeira chantagem política, com uma ferocidade nunca vista aqui, implantando o terror atual.

A estratificação historicamente popular do nosso Exército explica como os populares armados, comandados por [ilegível] revoluções, ombro a ombro com o Exército, sem despertar [ilegível] de casta. É esta origem popular do nosso Exército que explica [ilegível] Guarda Nacional em seu sentido popular nacionalista e a oficialidade com [ilegível] abusivamente certos governos distribuem honras de general aos Flores e Aranhas, entendendo o generalato como verdadeira honraria popular, nem de outro modo se explica como os nossos civis se transformam instantaneamente em soldados dos mais eficientes, do que deram exemplo os sertanejos desapropriados de Canudos, e como, enfim, permaneceu a Coluna Prestes anos a fio por nosso imenso território a fora, os soldados alternando com os civis, os civis com os soldados, permitindo assim a revelação de Luís Carlos Prestes, o Libertador.

Este Exército, que nós nacional libertadores confundimos com a verdadeira nação brasileira, com o povo, depois da longa experiência revolucionária de 22 e 32, não podia deixar de se manifestar pela patriótica causa da libertação do Brasil da opressão estrangeira, trilhando, como das outras vezes, o seu verdadeiro caminho. O Exército Nacional e Popular tem dever de proteger o povo que é a sua razão de ser. Ele começa a ver naquele que é o ídolo do povo oprimido do

Brasil, por ser o símbolo de sua libertação, naquele que por circunstâncias históricas centralizou na sua pessoa tudo o que o Brasil, em todas as suas classes não vendidas ao imperialismo, têm de nobre e patriótico, em Luís Carlos Prestes, o chefe que a sua frente escreverá, não mais na história do Brasil, mas na história da revolução de todos os povos oprimidos, as mais decisivas páginas.

Assim, nada mais lógico do que conspirarem os agentes estrangeiros e caixeiros nacionais do imperialismo e seus instrumentos, conscientes ou inconscientes, contra o nosso Exército Nacional. Medidas odiosas postas em vigor ilegalmente contra oficiais, sargentos e soldados libertadores; o empobrecimento de seu material, cada vez mais escasso e antiquado; metódica e surda diminuição de seus efetivos, a ponto de se tentar por na rua os sargentos e cabos mais jovens, por independentes e politizados, e os mais velhos, para se lhes não pagar a reforma a que dá direito a uma existência de dedicação ao Exército; tentativa de fascistizá-lo [sic] pela doutrina do ladrão da Cruz Vermelha a soldo das empresas imperialistas; a justificação da ação na verdade dissolvente de um chefe "apolítico", de mentalidade simplista e reacionária que, uma vez usado, será posto na rua e substituído por um chefe fascista mais inteligente; a cinica criação de polícias especiais de choque, com armamento moderno e concentrado a custa de maior miséria do povo trabalhador; o provocador aumento das forças policiais, inteiramente ao dispor dos tiranetes estaduais; e sobretudo a infame tolerância para com os capangas do imperialismo no Brasil, as milícias integralistas cheias de italianos e alemães, armadas pelas empresas estrangeiras e pelo próprio governo que pretende substituir-se ao próprio exército, conforme confessou o seu capitão general, dizendo que "o integralismo fará uma milícia que será defensora da soberania interna do país", todos esses fatos confirmam o veto imperialista à integridade do Exército nacional e ao reconhecimento de sua missão histórica de velar pela unidade e pela democracia brasileira.

O Exército Nacional tem num Osvaldo Aranha, criador e inspirador das milícias imperialistas; num Flores da Cunha, fanfarrão e magnata à custa da advocacia imperialista e do contrabando, com os seus provisórios pagos pelo governo federal; em Armando de Sales, o maior caixeiro do imperialismo no Brasil; no general integralista Pantaleão Pessoa; em Valdemar Moreira, que pretende destruir toda uma tradição de independência do oficialato, para pô-lo à mercê do beneplácito do imperialismo, igualando-se a qualquer honra pretoriana, os seus maiores e mais encarniçados inimigos. Mas o Exército, esquecendo divergências menores, tem e prestigia um general antiimperialista, Valdomiro Lima, um general antiintegralista, Manuel Rabelo e um general antiprovisório, Pantaleão Ferreira e os seus briosos tenentes, que como Barcelos, Moreira Lima, Barata e outros [ilegível] pelo imperialismo na política nacional, os seus numerosos oficiais, sargentos, cabos e soldados libertadores e, finalmente, o chefe que é seu, que foi ele e que só ele podia dar ao Brasil: Luís Carlos Prestes.

O povo do Brasil não quer que os sargentos, cabos e soldados do Exército popular sejam humilhados, submetendo-se a despir a farda. Quer que eles resistam, que não entreguem as suas armas, recusando-se a sair dos quartéis; quer que seu Exército, como até agora e cada vez mais, seja politizado, popular e antiimperialista; quer o seu Exército bem armado, instalando-se aqui em nossa Pátria todas as indústrias que forem mister para sua eficiência; quer o seu Exército forte de 200.000 homens, no mínimo, para a garantia de um Brasil livre.

O povo do Brasil não quer que seu Exército sirva de apoio para golpes e "putschs" a facções de politiquieiros que servem a um ou a outro imperialismo, mas quer que o seu Exército, com ele fraternizando e assim instituindo a nação em armas, se levante como um só homem para a expulsão de todos os imperialismos e a conseqüente implantação de um governo popular nacional revolucionário.

DN da ANL

(Documento da Aliança Nacional Libertadora sobre o Exército, abril de 1935, TSN, Processo nº 1)

# 62

## ALIANCISTAS DO BRASIL, ALERTA!

"Nada de tréguas! Ação eficiente e rápida!" O comandante Herculino Cascardo manda, pela *Terceira República*, a sua palavra de ordem a todos os núcleos do Brasil! Para cada aliancista ler, meditar e agir.

A Aliança Nacional Libertadora vem sofrendo nestes últimos dias um ataque tão violento por parte de certos jornais a serviço do imperialismo, que já se fazia sentir uma palavra de ordem saída dessa entidade máxima, representante genuína dos anseios das liberdades populares das massas no Brasil. Essa palavra de ordem, para todos os seus adeptos, acaba de ser dada pelo comandante Herculino Cascardo, o valoroso presidente da ANL e intrépido defensor de todas as liberdades do povo.

Logo que expusemos os nossos intuits, o comandante Cascardo completou o nosso pensamento assim:

- O senhor chegou num momento em que eu já me preparava para tomar esta deliberação.

E começou:

- Logo que a Aliança foi fundada e devidamente registrada, os nossos primeiros passos foram os de convidar para o seu seio os homens de bem e de maior responsabilidade na direção dos destinos da nossa terra. Nós queríamos que eles conhecessem, antes de aparecermos, todas as nossas razões, todos os nossos intuits e todas as nossas possibilidades. Era o único meio de expor a verdade, ante a tremenda reação dos nossos inimigos, os imperialistas escravizadores do Brasil. Isso conseguimos com inaudita felicidade. Hoje, todos os homens de bem do Brasil estão conosco. Eles não aparecem nem tomam parte na nossa ofensiva, mas são aliancistas e dos mais sinceros e convictos.

### O QUE HÁ EM CAMPO

Depois desses passos, viemos a campo para congregiar as massas populares oprimidas.

Contra todas essas legiões de trabalhadores honestos, já se encontrava organizado, protegido pelos nossos Calabares, o integralismo do Sr. Plínio Salgado. Esse integralismo tinha como base a doutrina dos impostores e a mentira. Eles alegavam que o general Góis Monteiro, então ministro da Guerra, o almirante Protógenes Guimarães, que almoça com os seus próprios marujos e não se sente diminuído com isso e o próprio presidente, Sr. Getúlio Vargas eram integralistas da gema. Com esse embuste eles iam saqueando os capitalistas, assassinando e humilhando proletários, difamando e desmoralizando os dignos e bravos militares da nossa terra e, na socapa, constituindo uma milícia para substituir o nosso Exército, sob a alegação de que os nossos militares eram venais e não mereciam confiança, para o "golpe de estado" que os integralistas pretendem dar.

Foi isso que a Aliança encontrou em campo. Nós, os do círculo mais íntimo, todos trabalhadores e verdadeiros soldados desse Brasil que queremos libertar, resolvemos oferecer os nossos peitos às balas que assassinam fiéis companheiros como Candú e debandar essa corja de mistificadores e vendilhões do Brasil.

#### O RESULTADO

O resultado está aí. Os integralistas ludibriados, que só estavam lá porque haviam sido antes iludidos na sua boa fé, abandonaram a quadrilha do sigma. Os aventureiros ainda lá se encontram, com o sr. Plínio Salgado à frente, embora desbaratados como ratos surpreendidos e descobertos nos embustes que vinham pregando sob a trilogia de "Deus, Pátria e Família", como coisa que, antes do integralismo, cada um de nós não tivesse o seu Deus, a sua Pátria e a sua Família.

Desbaratados os integralistas, que conforme lhe disse eram e são os soldados do imperialismo, soldados que deviam dissolver às verdadeiras forças militares do Brasil, voltam-se agora, os integralistas, contra a Aliança Nacional Libertadora para verem se a conseguem fechar. A Aliança é, na verdade, o maior perigo que o imperialismo já enfrentou no Brasil. O imperialismo sabe que a luta é de extermínio. Ou o imperialismo consegue exterminar a Aliança ou será exterminado pela Aliança e libertado o Brasil. Esse é o dilema.

#### A CAMPANHA VEM DO ESTRANGEIRO

- Então, toda essa campanha do imperialismo é dirigida do estrangeiro?  
- Perfeitamente. Eles sabem que o Comunismo da Terceira Internacional é contra a nossa Constituição. Que o verdadeiro comunismo só pode ir ao governo por um golpe de força. Ora, se a imprensa venal e os chefes do imperialismo conseguirem persuadir o presidente Vargas que a Aliança Nacional Libertadora é uma agente do Comunismo Internacional, a Aliança seria, pela força das próprias leis, fechada.

Mas a nossa sorte é que uma coisa é ser e outra não ser. Nós não somos comunistas. E os comunistas não aprovam nada do que estamos fazendo. Eles só aprovam aquilo que eles determinam. E quem não obedece eles expulsam.

O presidente Vargas sabe perfeitamente de todos os nossos planos e intuitos. Sabe quem somos e sabe o que queremos. Ele tem, como cada um de nós, o seu "beguin", ou idéia fixa. A sua idéia fixa é o voto. Ele fez a revolução porque se considerou usurpado nos votos que teve. Fez a revolução e quer que todos os partidos no Brasil, inclusive o Comunista, apelem para o voto para subir ao poder. Ele, Vargas, garante que fará respeitar a liberdade de voto.

- E a Aliança, não vai votar?

- Não. Ela quer fazer doutrina, de tal forma que os candidatos de todos os partidos que aceitarem o programa da Aliança serão, por força dos mesmos princípios, candidatos da Aliança. A Aliança quer a libertação do Brasil. Quer anular as algemas do imperialismo. O partido político, ou homem, ou partido proletário, ou sociedade civil que conseguir fazer isso terá executado o programa da Aliança.

- E esse programa da Aliança, está dentro ou fora da Constituição?

- Ele está dentro da Constituição. Aqui o tenho em todos os seus pontos e com todos os artigos e parágrafos da nossa Constituição.

Nesse momento ele nos entrega o original que trazia no bolso. O original é o seguinte:

#### O PROGRAMA DA ALIANÇA DENTRO DA CONSTITUIÇÃO

- 1 - Cancelamento das dívidas imperialistas (art. 113. 17).
- 2 - Nacionalização das empresas imperialistas (art. 91. V; art. 116; art. 16, transitório; art. 117; art. 136).
- 3 - A liberdade em toda a sua plenitude (art. 113 n<sup>o</sup>1, 2, 3, 4, 5 e 9 etc.).
- 4 - O direito do povo manifestar-se livremente (art. 2<sup>o</sup>).
- 5 - A entrega do latifúndio ao povo laborioso que o cultiva (art. 5. XIX.1; art. 9.V; art. 113 n<sup>o</sup>17, 34; art. 115 e 116).
- 6 - A libertação de todos os cômodos camponeses de exploração dos tributos feudais pagos pelo aforamento, pelo arrendamento da terra etc. (art. 117 par. único; 119 par. 4 e 121 e seus parágrafos).
- 7 - A anulação de todas as dívidas agrícolas (art. 113 n<sup>o</sup> 17; art. 114).
- 8 - A defesa da pequena e média propriedade contra a agiotagem, contra qualquer execução

hipotecária (art.113 nº 17 e 34).

9 - Parar a evasão de dinheiro para fora do Brasil. Em vez de beneficiar os magnatas, queremos beneficiar o nosso povo desta forma (art. 5, XIX, i):

a) Efetivando e ampliando todas as medidas de amparo e assistência social aos trabalhadores;

b) Desenvolvendo em enorme escala a instrução e protegendo realmente a saúde pública.

10 - Queremos uma Pátria livre! Queremos um Brasil emancipado da escravidão imperialista! Queremos a libertação social e nacional do povo brasileiro! (art. 2º).

- E debaixo dessa ofensiva do imperialismo, onde ele, pela imprensa, pelos fatos de cada dia, pela nossa própria inferioridade de forças, tenta a todo transe destruir a Aliança Nacional Libertadora, qual deve ser a palavra de ordem?

- A palavra de ordem deve ser esta:

#### A PALAVRA DE ORDEM

- Estamos dentro da Constituição. Vamos ficar onde estamos. O nosso primeiro trabalho deve ser este que se está fazendo: - de divulgação, esclarecimento dos princípios básicos. Quando todos os brasileiros compreenderem o nosso programa, todos serão aliancistas. Aos integralistas que estão iludidos mas que são homens de bem, esclarecê-los para que saibam do erro. Aos insolentes violentos e criminosos, a nossa mais firme punição. Nada de tréguas. Ação eficiente e rápida.

Além disso, cada aliancista deve estudar, por si, todos os problemas do Brasil. Quando as nossas idéias vencerem, todos terão terra, pão e liberdade. Ninguém será excluído, nem mesmo os adversários de hoje, que também têm direito ao trabalho e a viver, embora na sua triste ignorância. Isso de óleo de ricino, machado no pescoço é cepe e para nazistas e integralistas. Um aliancista é um homem de ideais superiores, acima dessa miserável vingança.

Devoção à causa, estudo cuidadoso do nosso programa, compreensão dos deveres de cada um, união e ação, eis o segredo do nosso sucesso.

Agradecemos e saímos.

(Entrevista com o comandante Hercolino Cascardo, presidente da Aliança Nacional Libertadora. *Terceira República*, Ano I, nº 1, Rio de Janeiro, sexta-feira, 5 de julho de 1935 - com o programa da ANL)

# 63

## “O LIBERTADOR” (Órgão do Comitê Militar da Aliança Nacional Libertadora)

1. Deve ser um periódico semanal ou quinzenal, destinado principalmente aos oficiais do Exército, Marinha, Polícias estaduais e outras forças armadas existentes no país.

2. Tal periódico, para que possa dizer claramente quais são os objetivos da Revolução Libertadora, será ilegal e, portanto, a sua redação precisa ser absolutamente secreta.

3. O objetivo essencial do periódico deve ser propagar a necessidade da implantação de um GOVERNO POPULAR NACIONAL REVOLUCIONÁRIO com Prestes à frente, servindo de elemento organizativo e esclarecedor ao mesmo tempo, entre os oficiais das forças armadas de todo o país.

4. Conseqüentemente, o programa de tal periódico deve ser, em resumo:

a) explicar o que é o imperialismo, a necessidade de luta contra o imperialismo, contra seus agentes nacionais, pela independência nacional, pela unificação nacional do Brasil contra o regionalismo, contra o feudalismo, pela distribuição das terras dos grandes latifundistas [sic] aos camponeses que nela trabalhem;

b) explicar como será possível a luta contra o imperialismo;

c) defender a necessidade de um grande Exército nacional, unificação de todas as forças armadas existentes no país;

d) explicar o que é o integralismo, como organização a serviço do imperialismo. Chamar os oficiais realmente antiimperialistas, nacionalistas, que ainda se encontram nas fileiras do integralismo, mostrando-lhes a necessidade de romper com os traidores nacionais, como Plínio Salgado e outros mistificadores;

e) tomar posição contra o governo de Getúlio, como governo de traição nacional. Atacar principalmente os chefes integralistas dentro das forças armadas, como Pantaleão Pessoa etc. Defender os direitos políticos dos oficiais e sargentos, mostrando igualmente a necessidade de serem dados tais direitos aos soldados;

f) defender os interesses econômicos dos oficiais de todas as corporações militares, lutando desde já pela igualdade dos vencimentos dos oficiais da polícia com os oficiais do Exército;

g) defender os interesses dos sargentos contra as medidas do Estado-Maior, não permitindo o engajamento e o reengajamento;

h) defender os interesses do povo contra a reação, apelando para a posição tradicional do Exército ao lado do povo;

i) popularizar o programa da ANL, assim como a necessidade de um GOVERNO POPULAR NACIONAL REVOLUCIONÁRIO, com Prestes à frente, como único que poderá executá-lo;

j) fazer campanha para que o Clube Militar saia da inatividade em que se encontra e passe a tomar posição frente aos grandes acontecimentos nacionais;

k) mostrar a necessidade atual de não permitir que o Exército e as demais forças armadas do país continuem a ser exploradas pelos politiquieiros. Em cada corpo, em cada repartição militar devem os oficiais se congregarem, formar um comitê ou núcleo da ANL e ligar-se imediatamente ao Comitê Militar da ANL existente no Rio de Janeiro e que prepare cuidadosamente a marcha para a implantação do GOVERNO POPULAR NACIONAL REVOLUCIONÁRIO com Prestes à frente;

l) publicar artigos técnicos militares, principalmente sobre a necessidade da indústria nacional (metalurgia e armamento). Artigos sobre a tática dos exércitos revolucionários. Estudar casos de guerras nacionais pela independência etc., assim como a tática militar dos movimentos de 1922, 24, 30, 32 e da Coluna Prestes.

5. Tal periódico deve ser fundamentalmente um grande fator organizativo, ligando estreitamente todos os oficiais libertadores de todo o Brasil. É, por isso, indispensável que o serviço de distribuição seja muito bem feito e que se consiga de cada corpo ou repartição militar uma pessoa capaz de reunir as contribuições em dinheiro, assim como de enviar correspondência, informações e artigos. Todo este trabalho deve, no entanto, ser feito com o máximo cuidado sob o ponto de vista conspirativo, sendo escolhido um companheiro de inteira confiança para se encarregar de tal trabalho.

(Instruções escritas por Prestes para o jornal *O Libertador*, 7 de agosto de 1935 TSN, Processo. nº 1, apreensão à rua Barão da Torre).

# 64

## FILINTO MÜLLER

Por Álvaro Moreira

Em 1922, no dia 5 de julho, onde estava você, Filinto Müller?

Estava no Realengo, ao fim da noite maravilhosa, junto aos seus companheiros da Escola Militar, e ia ser punido com eles pelo crime de amar o Brasil e não querer o Brasil assim.

Em 1924, no dia 5 de julho, onde estava você, Filinto Müller?

Estava em São Paulo, cometendo o mesmo crime.

E foi, depois, na Coluna nunca vencida, um dos soldados que seguiram o Cavaleiro da Esperança.

E foi, depois, tantos anos, um dos exilados pelo mesmo crime de amar o Brasil e não querer o Brasil assim.

Assim, Filinto Müller.

Houve a ilusão de 1930.

Houve o desengano de 1932.

Em 1935, no dia 5 de julho, não há mais nada.

É tudo como há 13 anos era.

Foi o retorno completo.

Só os postos mudaram.

Estava um general na polícia.

Está um capitão na polícia.

Você, Filinto Müller!

Mas, o general estava contente,

Você está triste.

Saia daí, irmão!

O seu lugar não é aí!

Você não nasceu para prender.

Você nasceu para ser preso.

Venha!

Filinto Müller, nós esperamos você.

Filinto Müller, nós continuamos a cometer o mesmo crime de amar o Brasil e não querer o Brasil assim.

(Poesia de Álvaro Moreira, em apelo a Filinto Müller, *A Manhã*, 6 de julho de 1935)

# 65

## A VERDADE SOBRE OS ÚLTIMOS ACONTECIMENTOS DE NATAL, RECIFE E RIO DE JANEIRO

### LIBERTADORES!

A nossa Revolução Nacional Libertadora no Brasil não foi vencida. Não. Ela marcha sempre para frente, cada vez mais indômita, até a execução integral de sua empolgante missão histórica.

Os delinquentes disfarçados de "salvadores e pais da pátria" que se entrincheiram lá no poder ou nas torrinhas da podre politicalha "nacional" donde, na execução fria e consciente das ordens de seus patrões ricos estrangeiros, atiram de tocaia nas costas do bravo Povo Brasileiro, estão cientes disso e tremem e se desesperam...

Pois, aniquilados pelo medo e desespero de causa, essas hienas humanas de cartolas e bordados, esses abortos hediondos da nossa altiva comunidade nacional, cujas cabeças respondem aos nomes amaldiçoados de Getúlio Vargas, João Gomes, Pantaleão Pessoa, Vicente Rao, Armando de Sales, Flores da Cunha, Artur Bernardes, Plínio Salgado, sim, esses vendilhões da nossa Terra, agora, impossibilitados de combater com as armas da lealdade o épico movimento nacional libertador que justiceiro surge de Norte a Sul do País, recorrem sinistramente às armas indignas da mentira, da calúnia, da mistificação, do terror e da reação mais cruel, armas estas bem características dos covardes e dos fracos, tentando ainda ludibriar-nos, através de seus jornais, de seus rádios e dos seus lacaios!

Mas o povo do Brasil, que sente de perto os horrores da fome, da miséria e do desemprego, que diariamente curte os sofrimentos dantescos da exploração e da opressão, que conhece a triste realidade brasileira e que já identificou e localizou os seus verdugos, sabe rejeitar, valentemente, as idiotas provocações desses judas nacionais!

As heróicas lutas populares que se registraram nesses últimos dias apenas em Natal, Recife e em dois quartéis do Rio de Janeiro não obedeciam a nenhuma orientação extremista e tampouco a um plano organizado nacionalmente, pois, se assim fosse, o Getúlio e seu bando maldito não estariam nesse momento a contar fanfarronadas e donquixotadas [sic] e fazer garganta de "cocotes"...

Essas magníficas lutas que marcaram acentuadamente a não desmentida consciência antiimperialista das valentes massas populares brasileiras foram espontâneas e tiveram por causa lutas em prol de reivindicações imediatas e de repulsa enérgica ao execrado integralismo, bando de facínoras a serviço dos sanguessugas da nossa querida Pátria.

Explicamos. O atual ministério da Guerra, que é um dos organismos mais ligados aos planos de rapina dos nossos exploradores internacionais, tendo conhecimento de que os nossos companheiros militares da 7ª RM tinham confraternizado com o valente povo daqueles gloriosos Estados nortistas na luta grevista contra os tubarões estrangeiros da Great Western, tentou transferi-los para o Sul. Perante tamanha arbitrariedade ministerial, energicamente protestaram os nossos companheiros, obrigando o Manuel Rabelo a voar para o Rio... Mas depois, vendo inúteis seus protestos legais, resolveram defender seus direitos de armas em punho, tendo nisso o apoio material e moral das destemidas massas populares de lá que, desde muito, conhecem e admiram a tradição heróica e democrática do já histórico 21º BC que, desta vez, tinha a seu lado o não menos valente 29º BC.

Então viu-se militares e civis, todos brasileiros verdadeiramente patriotas, saírem à rua e transformar, logicamente, a luta parcial contra o arbítrio ministerial em uma luta libertadora antiimperialista e antiintegralista!

Os nossos verdugos julgaram iminente seu fim de roubos, de farras, de assassinatos e... ficaram baratas tontas!

Eis quanto pode só a ameaça de uma Revolução Libertadora no Brasil!

Os nossos companheiros do 3º RI e da Escola de Aviação no Rio de Janeiro, entusiasmados com a arrancada deveras épica dos nossos irmãos nortistas, logo, espontaneamente, precipitadamente, revoltados também contra a safadeza governamental que quer reduzir os efetivos do nosso glorioso Exército Nacional em proveito dos planos de roubo dos ricos internacionais e seus lacaios integralistas, sim, espontaneamente, se solidarizaram, de armas em punho, aos valentes do Norte!

Audácia! Heroísmo! Abnegação!

Grupos de brasileiros, Prometeus desafiando as iras rubras de sangue dos "deuses" imperialistas!

Quadros legendários, epopéias sublimes que só a vontade, a consciência e o desejo irrefreável de libertação nacional pode realizar!

Eis quanto pode o amor para ti, oh Brasil!

A reação bárbara a serviço dos abutres imperialistas, com o seu espoleta macabro Getúlio Vargas à frente, usando de estratégias simplesmente infames, tirando proveito da confusão do momento, jogou irmãos contra irmãos numa luta fratricida, aumentando assim o martirológico das destemidas massas libertadoras brasileiras que, conscientes de sua missão e da sua força, se preparam com entusiasmo para a refrega!

Os nossos companheiros do Norte não depuseram as armas, não, pois ainda hoje lutam através de heróicas guerrilhas, tendo por campo de batalha os sertões e as caatingas e por bandeira o programa bem brasileiro da Aliança Nacional Libertadora.

#### LIBERTADORES!

A reação encabeçada pelo bandoleiro-mor Vargas e guiada pelos imperialistas internacionais que cobiçam a posse total do nosso querido Brasil, tomada por um histerismo furibundo, conseqüente do pavor que tem da consciência libertadora brasileira, assenta, tremendo, suas ridículas baterias para "bombardear-nos e liquidar-nos" através dos obuses da mentira, da calúnia, da mistificação e do terror.

E finge-se, com cinismo revoltante, dona da situação...

Com que roupa?

A Aliança Nacional Libertadora é uma fortaleza inexpugnável, cujos alicerces se radicalizam numa dimensão territorial de 4.307 quilômetro de Norte a Sul e de outros 4.336 de Leste a Oeste!

Esta fortaleza gigantesca, que tem uma base de 8.500.000 quilômetros quadrados, é guarnecida por um exército consciente de mais de 40.000.000 de brasileiros que escolhem espontaneamente por seu chefe o grande vulto nacional Luís Carlos Prestes, o maior orgulho, a máxima garantia do Brasil patriota, antiimperialista, antintegralista!

Podem os corvos da reação dançar sua dança macabra. Nada adianta. Não mais nos iludam suas mentiras e suas lábias!

Podem inventar complôs e mais complôs terroristas! Podem chamar-nos de "comunistas" porque aceitamos em nossa sagrada luta a colaboração também dos comunistas, assim como dos perrepeistas e de todos os brasileiros de vergonha e de brio; porque o nosso patriótico programa de combate fere de morte os latrocínios dos exploradores e opressores do nosso Brasil!

Podem os "gravatas de couro" fingir autoridade, assim como os Vargas e corja fingir sorrisos

e fumar charutos enquanto se mordem de raiva e tremem de medo!

Podem lançar mão de todas as armas indignas e sanguinárias para obrigar-nos a recuar!

Pode a oposição governamental segurar-se no rabo do situacionismo na luta comum contra o empolgante movimento libertador nacional e decretarem juntos, o "estado de sítio" ou o "estado de guerra"!

Pode o crápula Plínio Salgado por à disposição da reação imperialista os seus 400.000 tambores, desta vez reduzidos por ele mesmo a 100.000!

Pode o boçal Filinto Müller, o ladrão do dinheiro dos legendários da Coluna Invicta de Prestes bancar o "tira" de meia pataca e inventar "relatórios", "documentos", "pistas", "ligações com a III Internacional" e outras besteiras dignas de seu cérebro sífilítico!

Podem os barrigudos, narizudos, invertidos, pós de arroz do situacionismo mandar telegramas otimistas sobre a situação nacional a seus patrões de Londres, Nova York e de outros países imperialistas e remendar os trapos imundos de suas leis monstro!

Podem as centenas de nauseabundos marca Assis Chateaubriand, Macedo Soares, Tristão de Ataíde e outros lacaios e salafários caluniar os libertadores e o nosso Cavaleiro sem mancha, Luís Carlos Prestes, nossa esperança, nossa bandeira, nosso chefe!

Podem os reacionários inventar milhões de intrigas e de calúnias para desmoralizar-nos e desagregar-nos!

Podem prender-nos e torturar-nos!

Tudo isso prova que eles, os canalhas, estão mais do que fracos, que suas medidas policiais fracassaram miseravelmente e que eles têm medo de nós, libertadores!

Demais, esses irresponsáveis bandidos de cartolas e bordados, a despeito de sua reação sórdida e sanguinária, não resolverão a situação de descabro econômico e financeiro da nossa Nação por eles mesmos lançada à beira do abismo da bancarrota!

Está perto o dia em que esses renegados responderão por seus crimes de lesa pátria, de lesa humanidade, perante o tribunal justiceiro do Povo!

Por isso, não serão esses aventureiros sem escrúpulos, seus lacaios e suas armas abjetas que nos deixarão recuar em nossa missão sagrada!

Nós somos libertadores! Revolucionários! O nosso caminho, o nosso ideal é o programa másculo e patriota da Aliança Nacional Libertadora! O nosso chefe é o Cavaleiro da Esperança, Luís Carlos Prestes! Nós somos o Brasil novo, o Brasil consciente, o Brasil que aspira a um regime de Pão, Terra e Liberdade, livre da exploração e opressão dos ricos internacionais!

Eis o que nós somos! Por isso não conhecemos obstáculos e marchamos impávidos para o nosso objetivo, até a total libertação Nacional do nosso Brasil!

**LIBERTADORES!**

Alguns nossos companheiros, arrastados pelo entusiasmo ou vítimas das intrigas dos nossos inimigos disfarçados, duvidaram de nossa consciência e força revolucionária por nós não nos termos solidarizado precipitadamente, de armas em punho, com os nossos irmãos em luta!

Nada de dúvidas e mais visão política, companheiros !

Nós, revolucionários nacional libertadores, vamos à luta quando esta a nós convier e não quando querem nossos inimigos!

Como nós, também agiram nossos companheiros de outros Estados, da Marinha e da própria Capital Federal!

Aliás, analisemos com serenidade os últimos acontecimentos nacionais e desta experiência tiremos o maior proveito para consolidação e ampliação imediata dos nossos grupos libertadores, corrigindo os nossos erros e debilidades

Paralelo ao fortalecimento imediato dos nossos organismos de luta, temos, por dever revolucionário, de agir energeticamente, sem piedade e sem sentimentalismos contra todos os espíões e provocadores, capangas dos nossos verdugos!

Lutemos também energeticamente contra as intrigas dos nossos inimigos que usarão de mil e um meios para incompatibilizar entre si o Exército, a Força Pública e a Guarda Civil! Alerta contra essas manobras hediondas, pois todos nós do Exército, da Força e Guarda Civil somos explorados e oprimidos pelos mesmos ladrões e carrascos, todos nós somos brasileiros e todos nós temos interesses na instauração imediata de um Governo Popular Nacional Revolucionário com o bravo Luís Carlos Prestes à frente, regime novo este que vai libertar-nos de toda exploração e opressão e vai garantir Pão, Terra e Liberdade para nós todos e nossas famílias.

Eis porque os bandidos do governo e seus lacaios combatem e caluniam a Luís Carlos Prestes e aos libertadores!

**LIBERTADORES!**

A Revolução Libertadora marcha no Brasil!

Preparemo-nos com entusiasmo para lutar por Ela! Lutemos desde já pela libertação imediata dos nossos colegas vítimas da reação e juremos vingar o sangue dos valentes libertadores

tombados no campo da honra pela Libertação Nacional do Brasil, por um Governo Popular Nacional Revolucionário com Luís Carlos Prestes à frente, por Pão, Terra e Liberdade!

Saudemos de punhos fechados os libertadores vítimas da reação imperialista e lutemos para libertá-los e vingá-los!

Protestemos com destemor contra a projetada pena de morte, contra toda a reação bárbara, contra a expulsão e prisão dos nossos colegas e companheiros, contra a disciplina reacionária dos quartéis, contra a prontidão extenuante e lutemos, como machos, contra a provocação e a espionagem!

Por um Brasil unido, forte e livre!

Viva o grande brasileiro Luís Carlos Prestes!

(Artigo em *O Nacional Libertador* - Órgão Nacional Libertador dos Militares de São Paulo. Dezembro de 1935. TSN, Processo. nº 1)

# *PARTE 3*

**CORRESPONDÊNCIA DE LUÍS CARLOS  
PRESTES**

# 66

## CARTA DE JOÃO ALBERTO A LUÍS CARLOS PRESTES

Prestes.

Acabo de conversar com o Timóteo. Depois de conversar com ele resolvi escrever estas linhas para deixar mais claro meu pensamento.

Faz cinco anos precisamente que não nos avistamos e uma simples carta como esta é um meio tão precário de entendimento que me dispense de considerações sobre fatos passados para só focalizar o presente. Devo dizer que muito me satisfazem os termos de sua carta que o Timóteo me mostrou e portanto sinto-me perfeitamente à vontade. Você diz muito bem que não deve haver incompatibilidades, sobretudo pessoais, que possam impedir um esforço de conjunto para a salvação do País. Já é tempo de se sobrepor aos interesses individuais o bem coletivo. O homem público está hoje mais do que nunca colocado entre os pontos deste dilema: servir aos amigos ou servir ao Brasil. Acredite que mais de 50% dos meus erros nesta triste experiência política tiveram como ponto de partida a conciliação destes dois interesses antagônicos. Ainda agora, quando estou lhe escrevendo, não me julgo completamente curado deste mal fatal que me persegue e arruína moral e materialmente, a ponto de me forçar a abandonar o País para poder cortar estas relações e me retomar a mim mesmo.

É uma história muito grande para ser contada assim ao correr da pena e você também conhece alguns pedaços por experiência própria. Vamos ao que serve.

A ANL tem grandes possibilidades com esta orientação que você lhe está imprimindo. O radicalismo tem uma ação muito limitada, se bem que o ambiente hoje seja completamente outro de 1930. A questão do pagamento da dívida pública está polarizando a opinião pública. Não acredito que a situação dominante tenha coragem de romper com o judaismo internacional e o

País não suportará esta sangria. Não é uma questão ideológica. É caso concreto. Não dispomos de cambiais nem ouro para tal. Está aí o câmbio gritando, apesar dos esforços dos banqueiros. Além disso, há um trabalho publicado onde se pode ver que quase todos os empréstimos já foram pagos quase na totalidade e ainda devemos outro tanto mais. Assim a opinião pública acha facilmente uma justificativa à sonegação, que neste caso é legítima defesa. Mas como sair do impasse?

No setor puramente político a situação ainda está mais propícia para a ANL. Não há um cidadão que honestamente espere a salvação pública nos quadros políticos atuais. Nunca estivemos tão carcomidos. Estes velhos e novos elementos, se sabem muito bem explorar o poder, em compensação não têm a menor combatividade. E eles bem sabem que não podem mais contar comigo.

Por fim, você é incontestavelmente um grande nome no Brasil. Ainda não se gastou e pode reunir numerosos e ótimos elementos a seu lado.

Vejo, no entanto, dois perigos para a ANL. O primeiro é o ecletismo que pode degenerar em confusão e desmembramentos. As adesões talvez não sejam bem controladas. Assim como adere hoje um velho lutador, ingressa amanhã um casca grossa qualquer, que só serve para desmoralizar o movimento, impedindo muitas vezes a entrada de elementos melhores. Você poderá dizer que tudo está previsto, mas você está distante do Brasil e não conhece pessoalmente esta gente daqui. A ANL vale pelo seu nome, acaudilhando você, quer queira quer não. O PC, por mais técnico que seja, é sempre um Estado-Maior. Coordenará bem os elementos, porém até um certo ponto. Daí em diante só o chefe poderá, com a sua estrela, conduzir os acontecimentos.

O segundo perigo seria uma ofensiva franca e decidida por parte do governo. Mas creio que vocês estão livres dela. O Getúlio, depois que cuidadosamente afastou de junto de si seus sinceros e incômodos amigos, quer se acabar como uma pedra de gelo exposta ao Sol: derretido. Além da pouca combatividade, pouca gente aqui seria capaz de uma reação e muito menos uma ofensiva. É muito mais cômodo aderir. E por isso, 80% do pessoal espera os acontecimentos. Afinal, também não se sabe quem termina primeiro, se eles a se derreterem ou vocês a se prontarem. Há um grande e penoso trabalho a se fazer ainda. Neste particular creio que você discordará de mim, mas eu tenho uma opinião própria sobre o assunto, baseada na experiência de anos. Em todo caso, você é quem sabe melhor de seus preparativos. Quanto a mim, preciso me curar primeiro. Tomei um caminho errado e estou quase sem ânimo para recomeçar a tarefa. Tenho necessidade de um afastamento temporário desta atividade inútil em que vivo me debatendo. Até minha situação material exige isto. *A Nação* foi um negócio completamente ruinoso para mim, se bem que ela não visasse lucros, mas foi muito além de minhas possibilidades.

Nunca possuí nada e agora, mesmo depois da venda do jornal, ou melhor, entregá-lo aos credores, nada tenho. Afora um terreno onde estou construindo uma casa com um empréstimo da Caixa Econômica e as ações de uma empresa de publicidade que estamos iniciando para agüentar o rojão, dou de presente a quem se apresentar todos os meus bens, aqui ou no estrangeiro, completamente de graça e ainda ficando com as dívidas restantes. Estou pior que o Miguel com as laranjas. No entanto, não é isso meu atropelo. Preciso salvar o cerne e adquirir alma nova. São 13 anos de lutas constantes. Não tenho ainda dia marcado, mas creio que terei de embarcar por todo este mês de junho. Não sei se será um bem ou um mal. Veremos, já tenho arriscado tanto... Um abraço do

J. Alberto.

( 8 de junho de 1935. Acervo Góis Monteiro, AP-51, Arquivo Nacional)

# 67

## CARTA DE LUÍS CARLOS PRESTES A SILO MEIRELES

Barcelona, 18/6/35

Sr. Silo Meireles

Meu caro Silo:

A situação atual do Brasil exige de nós que, sem perda de mais um minuto, mobilizemos e organizemos as nossas forças de apoio à ANL. Todo homem honesto, no Brasil, estará hoje conosco. Contra nós, só os vendidos ao imperialismo. Por isso não devemos dar grande importância ao passado e, principalmente, aos erros que foram cometidos de 1930 para cá por todos os que não compreenderam o meu manifesto de maio de 1930. Quem for honesto tem agora ocasião de demonstrar sua boa fé, apoiando de todas as maneiras o grande movimento da ANL.

Autorizo-te por isso a procurar em meu nome todos os que nos possam e queiram ajudar. O movimento da ANL é bastante amplo para que nele caibam todos os que queiram lutar contra o imperialismo, contra o feudalismo e pelos direitos democráticos; todos os que queiram lutar por um governo realmente popular e revolucionário, capaz de executar o programa da ANL. Não há diferenças filosóficas, políticas nem religiosas, nem ressentimentos pessoais que possam justificar o desinteresse frente a um movimento como o atual. A ANL precisa ser e será a maior organização até hoje existente no país para a luta consciente pela libertação nacional e contra o fascismo.

Por meio desta carta dou-te os mais amplos poderes, para que me representes no Brasil, junto a todos os nossos amigos e admiradores, junto a todos os que queiram lutar pela libertação nacional. A todos podes dizer que já trabalhamos ativamente na organização do grande movimento

nacional libertador e que eu lhes peço darem, por teu intermédio, a esse nosso trabalho todo o apoio (inclusive material) de que forem capazes.

Pelos meios que já conhecemos, podes enviar as cartas de todas as pessoas que me queiram escrever.

Abraça-te com o afeto de sempre, o

Luís Carlos Prestes

(TSN, Processo nº 1)

# 68

## O QUE É O GOVERNO POPULAR NACIONAL REVOLUCIONÁRIO

Luís Carlos Prestes

Na carta ao comandante H. Cascardo, transmitindo minha adesão à ANL (e lida no Rio de Janeiro a 13 de maio último - N. da red.) tive ocasião de escrever: "Através de tais lutas a ANL transformar-se-á num grande movimento de massas e, nas condições atuais do Brasil, pode chegar rapidamente a ser uma grande organização popular nacional revolucionária, capaz de sustentar a luta de massas pela instalação de um governo popular nacional revolucionário em todo o Brasil".

Neste artigo desejo somente explicar com mais clareza o meu pensamento, acentuar qual a posição que nós, comunistas, tomamos frente a um governo popular nacional revolucionário e quais são as tarefas que daí decorrem para o nosso Partido.

Torna-se cada dia mais insuportável a situação das grandes massas trabalhadoras de todo o país. Não preciso aqui acentuar a que extremos chega, nos dias de hoje, uma situação por todos conhecida e tão profundamente sentida pelas grandes massas trabalhadoras das cidades e dos campos.

É um fato que os imperialistas descarregam sobre as colônias e semicolônias o grande peso da crise mundial do capitalismo, utilizando para tanto a venalidade, a corrupção e a decomposição das classes dominantes de tais países, isto é, os grandes latifundistas [sic] e capitalistas. A negociata imunda dos marcos compensados é o melhor indício dos extremos a que chegam as classes dominantes no Brasil, entregando de graça ao hitlerismo sanguinário a produção arrancada pela força ao suor e ao sangue da grande massa trabalhadora do país. Enquanto os camponeses que cultivam o café e o algodão morrem de fome no interior do país, os latifundistas, [sic] os grandes capitalistas e os banqueiros nacionais, por intermédio de seus agentes

integralistas, vendem ao fascismo assassino de Hitler, a quem entregam de mão beijada para a guerra contra a URSS, a produção roubada às grandes massas trabalhadoras do país. Simultaneamente, as fronteiras do nosso país são abertas à invasão militar japonesa e mesmo contra os dispositivos de uma Constituição que ainda não tem um ano de vida, Vargas chega ao despudor de em sua primeira mensagem "constitucional" apresentar-se abertamente como agente comercial do imperialismo japonês, exigindo a entrada de, pelo menos, 40.000 emigrantes no Brasil durante o ano de 1935, isto é, 40.000 homens preparados ideológica e praticamente para uma ocupação de fato do país pelo imperialismo japonês.

Frente a uma tal situação, o proletariado, as grandes massas de trabalhadores do campo, os soldados e marinheiros e com eles os melhores oficiais, aqueles que não se vendem ao imperialismo, os intelectuais honestos, os artesãos, os pequenos comerciantes e os pequenos industriais, a grande massa juvenil que aspira por melhores dias, toda a imensa massa de milhões da população trabalhadora do Brasil quer liquidar, o quanto antes, o governo podre, assassino e ladrão que hoje a domina e a humilha. As massas querem lutar e em muitos pontos do país já manifestam claramente a vontade de luta que as empolga. Não somente as greves do proletariado industrial e dos transportes e as greves dos empregados comerciais e públicos; são as lutas armadas dos camponeses e operários agrícolas nos mais diversos pontos do país, as manifestações com que soldados e mesmo oficiais declaram-se dispostos a apoiar e tomar posição de destaque na luta contra o imperialismo, o feudalismo e o integralismo, são todos os que sofrem com a dominação imperialista, inclusive os pequenos comerciantes e pequenos industriais, a tomarem posição para os combates decisivos que todos aguardam com esperança e ansiedade.

O quadro político brasileiro torna-se cada dia mais claro para as massas trabalhadoras e todos os esforços feitos pelas classes dominantes em sentido contrário são inutilizados pela própria situação concreta. De um lado reúnem-se as forças da reação: o governo de Vargas com todos os seus satélites: a "oposição" de Bernardes-Borges-Mangabeira, oposição castrada e incapaz mesmo de exercer o papel que lhe cabe na defesa dos interesses imperialistas e latifundistas, [sic] tal o medo que têm das grandes massas trabalhadoras; e finalmente o integralismo que, como força de choque, procura organizar uma base de massas para a reação, utilizando para isso todos os recursos de uma demagogia antiimperialista, aproveitando o sentimento religioso das grandes massas exploradas, explorando a sua vontade de luta. De outro lado reúnem-se todos os antiimperialistas, desde a imensa plebe de milhões de esfomeados, que expulsos das terras em que trabalham e onde já trabalharam seus pais, perambulam pelo interior do país, até os intelectuais honestos, os militares incapazes de mandar atirar contra o povo em defesa dos invasores imperialistas ou dos senhores feudais, bandidos e assassinos de mulheres e crianças, os pequenos

comerciantes e pequenos industriais que sentem o peso dos monopólios imperialistas, enfim, todos os explorados das cidades e dos campos, todos os que sofrem com o regime atual de miséria e opressão. A ANL é a expressão viva e orgânica desse sentimento de unidade para a luta, ela pode e precisa ser o instrumento capaz para as lutas decisivas que se avizinham. Para tanto é indispensável compreender que a vitória da revolução só será possível se nela participarem devidamente preparados e organizados todos os explorados pelo imperialismo e pelo feudalismo em todo o Brasil.

É nestas condições que surge, exigindo uma resposta imediata, a questão do poder. As massas populares que se reúnem na ANL querem liquidar o governo de Vargas e querem instaurar um novo poder suficientemente forte para expulsar os imperialistas, acabar com o feudalismo e instaurar no país os direitos democráticos. Este governo terá pois, como tarefa, começar a revolução democrática burguesa no Brasil. Nós, comunistas, sabemos que só a ditadura revolucionária democrática dos conselhos de operários e camponeses é capaz de fazer a revolução democrática burguesa, levando até o fim a execução de suas tarefas e, portanto, garantindo a sua ulterior transformação em revolução socialista. Mas isso não quer dizer que, nas condições atuais do Brasil, só um governo soviético de operários e camponeses possa começar a execução da revolução antiimperialista e antifeudal. Não temos ainda os elementos suficientes para a luta imediata pela instauração de um governo soviético de operários e camponeses; em regiões, principalmente no interior do país, tais condições já existem, mas as grandes lutas revolucionárias se avizinham e a questão do poder já está na ordem do dia, exigindo do nosso Partido, como partido da classe dirigente da revolução, uma resposta clara e imediata.

Partindo da premissa de que a revolução só será vitoriosa se realmente contar com a participação de todos os explorados, a consequência é que dela deve surgir um governo do povo, um governo que pela sua composição reflita os interesses não só do proletariado e dos camponeses (as duas forças motrizes principais da revolução), como de todos os outros elementos que sofrem com a dominação imperialista e feudal.

O governo popular nacional revolucionário será assim o governo do bloco revolucionário antiimperialista e antifeudal, do bloco de todos os antifascistas do Brasil. Um tal governo, surgido realmente de um amplo movimento de massas, baseado nos comitês de fábricas, de fazendas e populares, tendo do seu lado os soldados e marinheiros, assim como os melhores oficiais, será no momento o único capaz de salvar o Brasil da catástrofe, de dar pão às massas esfomeadas, terra e trabalho à plebe miserável e nômade de nosso interior, melhor salário e garantias sociais ao proletariado, diminuir e mesmo acabar com os impostos sobre o pequeno comércio e as pequenas

indústrias, dar ao povo hospitais e saneamento, educação e instrução, tudo na medida em que executar o programa revolucionário, expulsando os imperialistas, confiscando e nacionalizando as empresas imperialistas, confiscando os latifúndios, as plantações imperialistas e da Igreja, distribuindo terra entre a população do campo e garantindo os mais amplos direitos democráticos.

A luta pela instauração de um tal governo é a tarefa atual de todos os revolucionários e, portanto, à frente desta luta estará o nosso Partido. Nós, os comunistas, concentraremos todas as nossas energias, nos dias de hoje, nesta luta por um governo popular nacional revolucionário em todo o Brasil, como tarefa imediata e etapa de trabalho necessária para chegarmos ao poder soviético. Ao fogo dos combates revolucionários nosso Partido se tornará cada dia mais um grande partido de massas e garantirá ao proletariado a hegemonia na revolução, dando desta maneira à luta nacional libertadora uma força irresistível. O Partido Comunista vai não somente apoiar com todas as suas energias um governo popular nacional revolucionário e todas as suas medidas, como também em um tal governo tratará de assegurar a maior influência possível para o proletariado e seu Partido.

A tarefa dos comunistas será serem [sic] os representantes os mais enérgicos na luta pela execução do programa revolucionário, organizar o proletariado e os camponeses, como as forças motrizes essenciais da revolução, organizar e armar as mais amplas massas, assim como o Exército nacional libertador, indispensável para a luta contra a intervenção imperialista e a contra-revolução.

Para a execução de tais tarefas é indispensável que o nosso Partido se torne cada vez mais um partido de classe do proletariado, não admitindo que elementos estranhos se infiltrem em suas fileiras nem que tentem dissolvê-lo no bloco popular revolucionário. É ainda indispensável que a disciplina revolucionária seja cada vez mais forte nas fileiras do Partido e que este se apresente como um bloco de aço indivisível, capaz de representar os interesses de classe do proletariado e assegurar o seu papel dirigente na revolução.

Barcelona, 21 de maio de 1935.

(*A Classe Operária*, Ano XI, nº 184, Rio de Janeiro, 20 de junho de 1935. TSN, Processo nº 1)

# 69

## CARTA DE LUÍS CARLOS PRESTES A V<sup>1</sup>

Meu caro V.

Saúde!

Mais uma carta... Há-de te causar surpresa a minha nova atividade epistolar, mas que fazer? Seria, naturalmente, muito melhor se pudesse estar aí diretamente, conversando com vocês todos. Creio que muitos mal entendidos e incompreensões seriam liquidadas. Mas o governo atual ainda não é uma garantia suficiente para que me arrisque a tanto. Pelo contrário. Na defesa dos interesses imperialistas, Getúlio está na contingência, não só de me prender, mas de me mandar assassinar, coisa, aliás, já habitual lá entre os seus parentes de São Borja. Mas entremos no motivo principal destas linhas. Sei que és amigo particular do Ari Parreiras e que o apreciavas tanto quanto o nosso bom Silo. Do Ari sempre fiz o melhor julgamento e sempre o acreditei um homem honesto, cuja preocupação máxima na vida fosse descobrir sempre qual a diretriz mais justa para bem servir ao Brasil e ao seu povo. Em 1930 nós nos separamos. Eu não acreditei nas promessas de Getúlio e não quis ser cúmplice consciente na grande mistificação de outubro. Naquela época não tínhamos base popular suficientemente forte para garantir a luta dos verdadeiros revolucionários contra os mistificadores. Essa era a minha opinião. Os cinco anos já passados, creio eu, confirmaram quase tudo quanto eu disse em manifestos, mas também ensinaram muito ao povo, principalmente ao proletariado.

Hoje, estamos frente a um perigo eminente. A crise econômica se agrava e contra ela não bastam as mensagens otimistas de Getúlio. O povo, para não morrer de fome, luta e vai lutar ainda mais nos próximos dias. Contra tais lutas é que se prepara a reação a mais brutal de um governo abertamente fascista. Frente a tal estado de coisas e levando em consideração ainda que

---

1. Não identificado.

os imperialistas aproveitam o momento para colonizar ainda mais o Brasil, é que precisamos tomar uma atitude. Urge principalmente defender os últimos direitos democráticos do povo e dar um golpe decisivo no imperialismo. A situação é muito mais grave do que em 1930. Esta é a minha preocupação, como deve ser a de todos os verdadeiros patriotas. Todos sabem que sou comunista e muitos utilizam isso para dizerem que o que queremos é a implantação de um regime comunista, isto é, de um regime soviético no Brasil. Isto podem dizer os adversários do povo, mas os verdadeiros revolucionários brasileiros não têm o direito de me empregar tal evasiva. De tudo que quiserem podem me acusar, mas ninguém, nem mesmo esse crapuloso Assis Chateaubriand, pode negar que sempre eu disse a verdade, que nunca ocultei ao povo e aos meus amigos as minhas opiniões e intenções. Além disso, chamamos para o nosso lado até adversários francos do comunismo, desde que queiram lutar agora conosco contra os dois atuais e maiores inimigos do povo - o fascismo e o imperialismo. Eu creio que o Ari não é um adversário irreconciliável do comunismo e é bastante culto para compreender que o regime soviético é o regime do futuro em todo o mundo. Estive durante três anos na URSS, e trabalhei e estudei, posso dar o mais insuspeito dos depoimentos: a minha família continua lá.

Nestas condições, como explicar a atitude do Ari? Para mim, é ainda hoje incompreensível. Há de haver algum mal entendido entre nós.

Como desejo realmente lutar em benefício do povo, tomo corajosamente a iniciativa de fazer esforços para vencer este ponto morto. Peço-te que mostres esta carta ao Ari e que me informes das suas razões contra nós. Tanto eu como o Silo muito lhe desejávamos escrever diretamente, mas como fazê-lo se dele não parte nenhuma atitude de simpatia, ou, pelo menos, de menor hostilidade contra nós?

Mesmo ocupando o posto de interventor, se ele quisesse realmente se colocar ao lado do povo e de seus ex-companheiros não lhe faltariam recursos nem ocasiões. Pedro Ernesto, por exemplo, aí no Distrito Federal, vai voluntariamente tomando uma atitude muito mais de acordo com as tradições revolucionárias. Um dos motivos que me dizem ser apresentado pelo Ari é a sua lealdade ao Getúlio. Mas não creio que isso seja verdade, porque para qualquer um de nós, revolucionários de 22 e 24, a única lealdade que nos deve importar é a lealdade ao Brasil e ao seu povo. Como é possível ser leal a traidores da Pátria?

Outro motivo apontado é a neutralidade política em que o Ari pretende colocar-se durante o seu tempo de administrador. Mas ser neutro politicamente nos dias de hoje é negar toda a atividade política anterior, é negar o sangue dos companheiros que já morreram, é exercer o ridículo papel de Roberto C. de Mendonça, entregando aos mesmos reacionários que ajudou a

por abaixo, em 1930, o governo do Ceará e do Pará. Não creio, portanto, que seja esse ainda o motivo fundamental. Há de haver outras causas.

Enfim, meu caro V, mostra esta carta ao Ari. Entre homens de honra, entre brasileiros que querem realmente lutar pela independência nacional do Brasil, a franqueza é a melhor maneira para que se entendam. Por todo o seu passado ainda podemos esperar muito do Ari. É o que pensamos - o Silo e eu.

Aguardo tua resposta. Lembranças à família e um grande abraço do amigo de sempre.

(29 de junho de 1935. TSN, Processo Belens Porto)

# 70

## MANIFESTO DE 5 DE JULHO

Troam os canhões de Copacabana! Tombam os heróicos companheiros de Siqueira Campos! Levantam-se, com Joaquim Távora, os soldados de São Paulo e durante vinte dias é a cidade operária barbaramente bombardeada pelos generais a serviço de Bernardes! Depois... a retirada. A luta heróica nos sertões do Paraná! Os levantes do Rio Grande do Sul! A marcha da Coluna pelo interior de todo o país, despertando a população dos mais ínvios sertões para a luta contra os tiranos que vão vendendo o Brasil ao capital estrangeiro. Quanta energia, quanta bravura! São treze anos de lutas cruentas, de combates sucessivos, de vitórias seguidas, mas das mais negras traições, de ilusões que se desfazem como bolhas de sabão ao sopro da realidade! Mas as lutas continuam porque a vitória ainda não foi alcançada e o lutador heróico é incapaz de ficar no meio do caminho; porque o objetivo a atingir é a libertação nacional do Brasil, a sua unificação nacional, o seu progresso, o bem-estar e a liberdade do seu povo e o lutador persistente e heróico é esse mesmo povo que, do Amazonas ao Rio Grande do Sul, que, do litoral às fronteiras da Bolívia, está unificado, mais pelo sofrimento, pela miséria e pela humilhação em que vegeta do que por uma unidade nacional impossível nas condições semicoloniais e semifeudais do Brasil de hoje! Nós, os aliancistas de todo o Brasil, mais uma vez levantamos, hoje, bem alto, a bandeira dos "Dezoito do Forte", a bandeira de Catanduvas, a bandeira que tremulou, em 1925, nas portas de Teresina, depois de percorrer de Sul a Norte, todo o Brasil! A Aliança Nacional Libertadora é hoje constituída pela massa de milhões que continua as lutas de ontem. A Aliança Nacional Libertadora é hoje a continuadora dos combates que, pela libertação do Brasil do jugo imperialista, iniciaram Siqueira Campos, Joaquim Távora, Portela, Benévolo, Cleto Campelo, Jansen de Melo, Djalma Dutra e milhares de soldados, operários e camponeses em todo o Brasil. Somos os herdeiros das melhores tradições revolucionárias de nosso povo e é recordando a memória de nossos heróis que marchamos para a luta e para a vitória!

Brasileiros!

Aproximam-se dias decisivos! Os trabalhadores de todo o Brasil demonstram, através de lutas sucessivas, que já não podem mais suportar, nem querem mais se submeter ao governo em decomposição de Vargas e seus asseclas nos Estados. Além disso, os cinco últimos anos deram uma grande experiência a todos os que, no Brasil, tiveram de suportar e sofrer a malabarista e nojenta dominação getuliana. Esses cinco anos de manobras, de traições, de contradanças de homens no poder, de situacionistas que passam a oposicionistas e vice-versa, de inimigos "irreconciliáveis" que se abraçam cinicamente sobre os cadáveres ainda quentes dos lutadores de 1932, abriram os olhos de muita gente.

Onde estão as promessas de 1930? Que diferença entre o que se dizia e prometia em 1930 e a tremenda realidade já vivida destes cinco anos getulianos!

A revolução brasileira não pode ser feita com o programa anódino da Aliança Liberal, dizia eu em maio de 1930, chamando a atenção dos companheiros da Coluna para a luta contra o imperialismo e o feudalismo, sem a destruição dos quais tudo o mais seria superficial, irrisório e mentiroso. ("Se chegarmos ao poder, vamos controlar as empresas imperialistas, vamos evitar os abusos... vamos dar terras aos camponeses sem ser necessário desapropriar os grandes latifundistas, [sic] vendidos ao imperialismo"), respondiam-me muito destes. São passados cinco anos e todos os que honestamente assim pensaram já devem estar convencidos das utopias reacionárias que defendiam.

Por outro lado, a crise mundial do capitalismo, na sua agravação crescente, leva os imperialistas a tornarem cada vez mais claras a dominação e a exploração dos países subjugados por eles, das colônias e semicolônias, como o Brasil. Quem tem a coragem, nos dias de hoje, de negar que somos explorados bárbara e brutalmente pelo capital financeiro imperialista? Somente lacaios desprezíveis e nauseabundos, como Assis Chateaubriand e Herbert Moses, ou então, os chefes e teóricos do integralismo que, compreendendo e sentindo a vontade de luta das massas contra os bancos e empresas imperialistas tratam de desviá-las, transformando a luta contra o imperialismo, a luta do povo contra os exploradores ingleses, americanos, italianos, alemães ou japoneses em questão de raças, em luta contra o semitismo.

E, dia a dia, novas concessões são feitas ao capital financeiro imperialista. Já não bastam os serviços públicos, os portos, as estradas de ferro, as minas. Extensões enormes do território pátrio são entregues a empresas estrangeiras. Toda a produção nacional, fruto do trabalho hercúleo das grandes massas trabalhadoras é entregue ao fascismo hitlerista em troca de papéis sujos, isto é, de graça, para ajudar o massacre do heróico proletariado alemão e para organizar a nova guerra imperialista. As fronteiras do País são abertas, em troca de sombrinhas e biombos, à

invasão militarmente organizada do imperialismo japonês. A pequena indústria nacional, aquela que não está nas mãos dos tubarões estrangeiros ou de seus lacaios, é ameaçada de liquidação pelos tratados comerciais com a Inglaterra, os Estados Unidos, o Japão. Enfim, a divisão do País em zonas de influência sob a dominação de um ou outro imperialismo torna-se cada vez mais clara.

A dominação imperialista utiliza o regionalismo, os interesses contraditórios das classes dominantes que os servem para, aprofundando tais interesses, despedaçar o país e melhor dominá-lo. Isso se reflete no cenário político atual. São evidentes as divergências entre os diversos clãs estaduais que apóiam o governo de Vargas, entre Sales Oliveira e Flores da Cunha, entre São Paulo e o Nordeste. Entre os "oposicionistas" a mesma coisa é facilmente observada e todos os esforços pela formação de um partido nacional fracassaram lamentavelmente. Continuamos na política asquerosa dos blocos sem princípios nem programas; do bloco que está no poder e do bloco que quer o poder. Mesmo entre os fascistas tal estado de coisas se verifica. Apesar de toda a demagogia sobre a unificação nacional, o integralismo é bem uma fotografia da podridão, da decomposição, da divisão, dos interesses contraditórios entre as claques das classes dominantes de um ou de outro estado. E, por isso, a tragédia do Sr. Plínio Salgado, obrigado a dizer, hoje, aqui, uma coisa, amanhã, ali, o contrário. Daí o engraçado do disse-me-disse dos chefes integralistas. É que todos os partidos das classes dominantes no Brasil refletem, queiram ou não queiram, a divisão regional que tem suas origens no feudalismo e se agrava com a penetração imperialista. Essa desagregação, por sua vez, acelera a venda do País ao imperialismo, que penetra por todas as brechas e por todos os lados, porque o bando que está no poder, para não perdê-lo, precisa satisfazer as menores exigências de quaisquer de suas frações. O governo de Vargas tem, por isso, satisfeito os interesses, os mais contraditórios, de todos os magnatas estrangeiros e de seus lacaios nacionais, despedaçando o Brasil e sufocando na miséria o povo.

A unificação nacional é, por isso, impossível sob a dominação imperialista. Só as grandes massas trabalhadoras de todo o País, juntamente com a parte da burguesia nacional não vendida ao imperialismo, serão capazes de, através de um governo popular revolucionário e antiimperialista, acabar com esse regionalismo, com a desintegração feudal, garantir a unidade nacional do Brasil e terminar com a desigualdade monstruosa que a dominação dos fazendeiros e imperialistas impôs ao País. Esta é a tarefa gigantesca da Aliança Nacional Libertadora, que se apresenta aos olhos de todo o Brasil como a única organização realmente nacional, única organização onde os verdadeiros interesses do povo de cada Estado coincidem com os idênticos objetivos que congregam, em todo o Brasil, de Norte a Sul, de Este a Oeste, os lutadores contra o imperialismo e o feudalismo, pelas mais amplas liberdades democráticas.

Mas as classes dominantes, que sentem já não mais poderem dominar a vontade de

luta das massas com as armas da brutal reação que tem sido até hoje empregada, desta tão falada "liberal democracia", marcham ostensivamente e cada dia mais abertamente para uma ditadura ainda mais bárbara - para a ditadura fascista -, a forma mais brutal, a mais feroz da ditadura dos exploradores. Ameaçam o povo de todo o Brasil com a ditadura dos elementos terroristas mais reacionários, com a ditadura dos mais cínicos lacaios do imperialismo. Nessa direção, para chegarem a um tal governo, para sufocarem os últimos direitos democráticos do povo, os elementos mais reacionários das classes dominantes tratam de, por um momento, vencer suas próprias contradições e unir-se numa "união sagrada". Vargas encontra, por parte da "oposição", todo o apoio necessário à fascistização de seu governo, ao mesmo tempo que estimula e auxilia a organização dos bandos integralistas. A "oposição", por seu lado, prepara golpes de Estado e faz esforços para substituir, por ordem de seus patrões estrangeiros, por figuras "novas" e menos impopulares, as que ocupam o vacilante poder atual. Um governo abertamente fascista - essa a grande ameaça que se prepara, entre as classes dominantes, contra o povo brasileiro!

O duelo está travado. Os dois campos definem-se cada vez com maior clareza para as massas. De um lado, os que querem consolidar no Brasil a mais brutal ditadura fascista, liquidar os últimos direitos democráticos do povo e acabar a venda e a escravização do País ao capital estrangeiro. Deste lado - o integralismo como brigada de choque terrorista da reação. De outro, todos os que nas fileiras da Aliança Nacional Libertadora querem defender de todas as maneiras a liberdade nacional do Brasil, pão, terra e liberdade para o seu povo. A luta não é, pois, entre dois "extremismos", como querem fazer constar os hipócritas defensores de uma "liberal democracia" que nunca existiu e que o povo só conhece através de ditaduras sanguinárias de Epitácio, Bernardes, Washington Luís e Getúlio Vargas. A luta está travada entre os libertadores do Brasil, de um lado e os traidores a serviço do imperialismo, de outro.

O momento exige de todo homem honesto uma posição clara e definida pró ou contra o fascismo, pró ou contra o imperialismo. Não há meio-termo possível nem justificável. A Aliança Nacional Libertadora é, por isso, uma vasta e ampla organização de frente única nacional. O perigo que nos ameaça, o perigo que aumenta dia a dia nos obriga a colocar em primeiro plano, nos dias de hoje, a criação do bloco, o mais amplo, de todas as classes oprimidas pelo imperialismo, pelo feudalismo e, portanto, pela ameaça fascista. Tal a tarefa decisiva na atual etapa da Revolução Brasileira. A frente única não obriga, a quem quer que nela venha a formar, a renúncia à defesa de seus conceitos e opiniões. Não. Isso seria semear a confusão entre as massas populares e enfraquecer sua força revolucionária. Reconhecendo todas as divergências políticas, religiosas, filosóficas ou ideológicas que entre nós possam existir, sabemos, como revolucionários, que o momento atual exige, acima de tudo, a concentração de todas as nossas forças para a luta contra

o imperialismo, o feudalismo e o fascismo. Para a Aliança Nacional Libertadora precisam vir todas as pessoas, grupos, correntes, organizações e mesmo partidos políticos, quaisquer que sejam seus programas, sob a única condição de que queiram realmente lutar contra a implantação do fascismo no Brasil, contra o imperialismo e o feudalismo, pelos direitos democráticos. E a todas as pessoas ou correntes que queiram, por quaisquer motivos, restringir essa frente única nacional e revolucionária, devemos opor a vontade férrea de sua realização. E todas as pessoas, grupos, associações e partidos políticos que participem da Aliança devem impedir com todas as forças aquelas tentativas, denunciando os culpados, implacavelmente, como traidores, ao Brasil e ao seu povo.

As forças da Aliança Nacional Libertadora são já grandes, mas podem e devem ser ainda maiores, abarcando milhões, porque, com seu programa, estarão todos os que trabalham no País, todos os que sofrem com a dominação imperialista e feudal, em primeira linha o proletariado e as grandes massas do campo. A unificação do proletariado, tendência já invencível e que se sobrepõe a todas as dificuldades opostas pela reação é uma das maiores forças da Revolução. E as greves dos últimos tempos aumentam cada vez mais a capacidade de luta do heróico proletariado do Brasil e a confiança que todos os revolucionários brasileiros inspiram como classe dirigente da Revolução. As lutas dos camponeses, conquanto ainda espontâneas e desorientadas, são bem um indício do ódio e da energia concentrados em séculos de sofrimento e de miséria pela massa de milhões que quer melhores dias. Mas, com a Revolução, e portanto com a Aliança, estarão os soldados e marinheiros de todo o Brasil. Com a Aliança estarão os melhores oficiais das Forças Armadas do País, todos aqueles que serão incapazes de conduzir seus soldados contra os libertadores do Brasil e muitos dos quais já demonstraram em lutas anteriores que ficarão com o povo contra o imperialismo, o feudalismo e o fascismo.

Como antes de 1888, os oficiais do Brasil jamais se prestarão ao papel de "capitães de mato" a serviço do imperialismo e de seus lacaios no País. Com a Aliança estarão todos os heróicos combatentes dos movimentos armados que se sucedem no País desde 1922. Com a Aliança formará a juventude heróica de São Paulo, que pensou defender nas trincheiras de 1932 a democracia e a liberdade contra a ditadura de Vargas e que vêem hoje seus chefes nos regabofes do governo. Com a Aliança estará a juventude trabalhadora e estudantil de todo o País, lutando por melhores dias, por um futuro mais claro e disposta a dar todo o seu entusiasmo e energia para a luta pela liberdade nacional do Brasil, no qual vai ocupar os postos os mais avançados. Com a Aliança estarão as mulheres do Brasil, trabalhadoras manuais e intelectuais, donas de casa, mães de família, irmãs, noivas e filhas de trabalhadores, elas formarão na Aliança porque, apesar de todas as mentiras e calúnias da imprensa venal elas compreendem e sentem que só com a Aliança

poderão defender o pão para seus filhos e acabar com a brutal exploração em que vivem. As mulheres religiosas, como todas as pessoas religiosas, católicas, protestantes, espíritas ou positivistas, desejam, acima de tudo, a liberdade para seus cultos e essa liberdade é defendida pela Aliança. Com a Aliança estarão mesmo os padres brasileiros, os mais pobres e que, entrando para a Igreja não se venderam ao imperialismo nem esqueceram seus deveres frente ao povo. É natural que os chefes da Igreja, os ricos e bem nutridos cardeais e arcebispos, como membros das classes dominantes e lacaios do imperialismo, estejam contra a Aliança. Já noutras épocas Frei Caneca, Padre Miguelinho e muitos outros lutaram ao lado do povo pela independência do Brasil contra a vontade dos bispos e arcebispos que os mandaram assassinar. Com a Aliança estarão os artesãos, os pequenos comerciantes, os pequenos industriais que, comprimidos entre os impostos e monopólios imperialistas, de um lado, e a miséria cada vez maior da massa popular, de outro, ganham cada dia menos e, à medida que se pauperizam, vão passando a simples intermediários mal remunerados da exploração do povo pelo imperialismo e pelos impostos indiretos. Com a Aliança estarão todos os homens de cor do Brasil, os herdeiros das tradições gloriosas dos Palmares, porque só a ampla democracia de um governo realmente popular será capaz de acabar para sempre com todos os privilégios de raça, de cor ou de nacionalidade e de dar aos pretos, no Brasil, a imensa perspectiva de liberdade e igualdade, livres de quaisquer preconceitos reacionários, pela qual lutam com denodo há mais de três séculos.

Não há pretextos que justifiquem aos olhos do povo a luta contra a frente única libertadora. É por isso que as fileiras da Aliança Nacional Libertadora estão abertas a todos que queiram lutar pelo seu programa antiimperialista, antifeudal e antifascista, programa que somente o governo popular revolucionário realizará:

1. Não pagamento nem reconhecimento das dívidas externas.
2. Denúncia dos tratados antinacionais com o imperialismo.
3. Nacionalização dos serviços públicos mais importantes e das empresas imperialistas que não se subordinarem às leis do governo popular revolucionário.
4. Jornada máxima de trabalho de oito horas, seguro social (aposentadoria etc.), aumento de salários, salário igual para igual trabalho, garantia de salário-mínimo, satisfação dos demais pedidos do proletariado.
5. Luta contra as condições escravagistas e feudais de trabalho.
6. Distribuição entre a população pobre, camponesa e operária, das terras e utilização das aguadas, tomadas sem indenização aos imperialistas, aos grandes proprietários mais reacionários

e aos elementos reacionários da Igreja que lutem contra a libertação do Brasil e a emancipação do povo.

7. Devolução das terras arrebatadas pela violência, aos índios.

8. Pelas mais amplas liberdades populares, pela completa liquidação de quaisquer diferenças ou privilégios de raça, de cor ou de nacionalidade, pela mais completa liberdade religiosa e separação da Igreja do Estado.

9. Contra toda e qualquer guerra imperialista e pela estreita união com as Alianças Nacionais Libertadoras dos demais países da América Latina e com as classes e povos oprimidos.

O realismo brasileiro de um tal programa é inegável e o entusiasmo com que, em todo o Brasil, as mais vastas massas trabalhadoras procuram as fileiras da Aliança Nacional Libertadora é a melhor das demonstrações. Nem o governo reacionário de Vargas, nem nenhuma outra ditadura militar, fascista ou semifascista poderá oferecer uma resistência séria à frente única nacional libertadora, se esta souber realmente mobilizar as mais amplas massas populares. Para isso, precisamos, ao mesmo tempo que unificamos e congregamos na Aliança Nacional Libertadora todas as pessoas, grupos, correntes, organizações e partidos políticos que querem lutar por seu programa, precisamos criar a frente única libertadora em cada fábrica, emprego, casa comercial, universidade, quartel, navio mercante ou de guerra, nos bairros, nas fazendas, organizando a luta diária de tais massas. A Aliança Nacional Libertadora precisa englobar todas as organizações de massa, precisa e deve verdadeiramente representar o povo e saber lutar efetiva e conseqüentemente pelos seus interesses.

A Aliança Nacional Libertadora já representa a enorme força revolucionária de nosso povo e a sua incomensurável vontade de sacrifício para a luta pela libertação nacional do Brasil. Os últimos acontecimentos de Petrópolis e o vigor com que o povo de São Paulo obrigou os chefes integralistas a uma retirada medrosa dizem do que será capaz a frente única nacional.

Marchamos assim, rapidamente, à implantação de um governo popular revolucionário em todo o Brasil, um governo do povo contra o imperialismo e o feudalismo e que demonstrará na prática, às grandes massas trabalhadoras do País, o que são a democracia e a liberdade. O governo popular, executando o programa da Aliança, unificará o Brasil e salvará a vida de milhões de trabalhadores ameaçados pela fome, perseguidos pelas doenças e brutalmente explorados pelo imperialismo e pelos grandes proprietários. A distribuição da terra dos grandes latifúndios aumentará a atividade do comércio interno e abrirá o caminho a uma mais rápida industrialização do País, independentemente de qualquer controle imperialista. O governo popular vai abrir para a juventude brasileira as perspectivas de uma nova vida, garantindo-lhes trabalho, saúde e instrução.

A força das massas em que se apoiará um tal governo será a melhor garantia para a defesa do País contra o imperialismo e a contra-revolução. O Exército do povo, o Exército nacional revolucionário será capaz de defender a integridade nacional contra a invasão imperialista, liquidando ao mesmo tempo todas as forças da contra-revolução.

Mas o poder só chegará às mãos do povo através dos mais duros combates. O principal adversário da Aliança não é somente o governo podre de Vargas, são fundamentalmente os imperialistas, aos quais ele serve e que tratarão de impedir por todos os meios a implantação de um governo popular revolucionário no Brasil. Os mais evidentes sinais da resistência que se prepara no campo da reação já nos são dados pelos latidos da imprensa venal, vendida ao imperialismo. As massas trabalhadoras, todos os membros da Aliança precisam estar atentos e vigilantes. A situação é de guerra e cada um precisa ocupar o seu posto. Cabe à iniciativa das próprias massas organizar a defesa de suas reuniões, garantir a vida de seus chefes e preparar-se ativamente para o momento do assalto. A idéia do assalto amadurece na consciência das grandes massas. Cabe ao seu chefe organizá-las e dirigi-las.

População trabalhadora de todo o Brasil! Em guarda na defesa de teus interesses! Vem ocupar o teu posto com os libertadores do Brasil!

Soldado do Brasil! Atenção! Os tiranos querem jogar-te contra os teus irmãos em luta pela libertação do Brasil!

Soldado do Rio Grande do Sul, heróico herdeiro das melhores tradições revolucionárias da terra gaúcha! Prepara-te, organiza-te, porque só assim poderás voltar, contra os tiranos que te oprimem, as armas com que eles querem eternizar a vergonha dos dias de hoje!

Democrata honesto de todo o Brasil! Heróico povo de Minas Gerais, terra tradicional das grandes lutas pela democracia! Só com a Aliança Nacional Libertadora poderás continuar as lutas iniciadas por teus antepassados!

Nortista e nordestino! Reserva formidável das grandes energias nacionais! Organiza-te para a defesa de um Brasil que te pertença!

Camponês de todo o Brasil, lutador dos sertões do Nordeste! O governo popular revolucionário te garantirá a posse das terras e dos açudes que tomares! Prepara-te para defendê-lo!

Brasileiros!

Todos vós, que estais unidos pelo sofrimento e pela humilhação, em todo o Brasil! Organizai vosso ódio contra os dominadores, transformando-o na força irresistível e invencível

da Revolução Brasileira! Vós que nada tendes a perder e a riqueza imensa de todo o Brasil a ganhar! Arrancai o Brasil das garras do imperialismo e de seus lacaios! Todos à luta pela libertação nacional do Brasil!

Abaixo o fascismo!

Abaixo o governo odioso de Vargas!

Por um governo popular nacional revolucionário!

Todo o poder à Aliança Nacional Libertadora!

(a) Luís Carlos Prestes

(Manifesto de 5 de julho de 1935. TSN, Processo nº 1)

# 71

## CARTA DE LUÍS CARLOS PRESTES AO CAPITÃO TRIFINO CORREIA

17/7/1935

Sr. Capitão Trifino Correia

Meu caro Trifino:

Recebe meu mais afetuoso abraço. Tenho acompanhado com o mais vivo interesse o rápido e enorme crescimento da ANL e sei o quanto tem concorrido para o teu entusiasmo, o teu valor e a tua coragem. Como já tive ocasião de dizer em documentos públicos, o momento que atravessa o Brasil é de enorme gravidade. O povo já não mais pode resistir à miséria e, pouco a pouco, vai manifestando, em todo o país, que não quer mais continuar a sofrer. Por outro lado, as classes dominantes, cada vez mais desmoralizadas e divididas, são evidentemente incapazes de resolver qualquer problema nacional e já não podem mais governar somente com a legislação repressiva e demagógica dos últimos tempos. Só a mais brutal reação será capaz de abafar por algum tempo, mas isso à custa de muito sangue popular, a vontade de luta das grandes massas trabalhadoras. A luta está travada entre o povo e os dominadores, a serviço do capital estrangeiro. As duas frentes, apesar de toda a confusão criada pelos interessados, apresentam-se cada vez mais nítidas e quem quiser ficar neutro será esmagado no fragor da luta. Como era inevitável, estamos novamente juntos e nas barricadas do povo levantamos novamente a bandeira de Siqueira Campos, que João Alberto e tantos outros tentaram enlamear, quando se afogaram nos atoleiros getulianos. Agora, meu caro Trifino, precisamos trabalhar e passar com toda a energia da propaganda e da agitação para o período de organização fria e sistemática, de maneira a estarmos prontos no momento decisivo. A ti cabe, fundamentalmente, pelo prestígio mais que justificado que alcançaste dentre os combatentes de nossa Coluna, como imediato de confiança do inesquecível Siqueira, a grande tarefa de mobilizar todos os companheiros da Coluna, bem como todos os outros lutadores

honestos que contigo combateram em 30 e 32. Peço-te que te dirijas a todos eles, empregando sempre que for necessário o meu nome, explicando-lhes o momento atual e o programa da ANL. É necessário que a Coluna se reorganize e que surja multiplicada e orientada. Multiplicada, porque cada soldado da Coluna deve nos dias de hoje, ser o comandante de um grupo ou destacamento a serviço da ANL. Orientada, porque os últimos anos de luta e desilusões esclareceram os nossos objetivos e tornaram claro o nosso programa. Numericamente a maior força da revolução está no campo, entre os trabalhadores agrícolas operários e camponeses. Eles constituem também a parte mais sofredora da população e querem lutar efetivamente contra a reação, como realmente já lutam. Aos antigos e bravos combatentes da Coluna, aos que não se desmoralizaram com os pequenos empregos ou sinecuras que lhes deram os dominadores atuais, cabe ir dirigi-los. Cada um, no lugar onde seja conhecido, onde tenha prestígio, onde seja capaz de reunir um grupo de homens do povo, deve começar imediatamente lutas contra a reação, pelos maiores interesses do povo, desarmando as polícias, os bandos de capangas, tomando as armas dos fazendeiros etc. A revolução atual será realmente popular, muito diferente de um golpe dirigido exclusivamente do centro e com o qual sejam magicamente substituídos os dominadores atuais. As lutas precisam começar em todo o país e não há mais tempo a perder. Todos os combatentes da Coluna podem começar lutas armadas, no interior, por pão, terra e liberdade para o povo e empregando abertamente o meu nome. Cada um precisa saber que idênticas lutas são iniciadas em todo o país e que serão apoiadas pelo proletariado e pelos soldados. Que não fique ninguém a esperar, uns pelos outros. Quanto a mim, oportunamente estarei no Brasil e diretamente assumirei a direção imediata das lutas iniciadas, ligando e reunindo os grupos e destacamentos que já se encontrarem em atividade. Se não fizermos assim, o governo tratará de ir buscar a massa que está morrendo de fome no interior para atirá-la contra o proletariado das cidades, sob o pretexto de defesa de Deus, Pátria e Família. Se não dirigirmos com decisão, coragem e enorme espírito de sacrifício as lutas pelos interesses das grandes massas que trabalham no campo, o fascismo, mesmo já desmascarado nas cidades, irá tentar a fortuna, procurando ganhar a contra-revolução com a massa camponesa. A palavra de ordem que dou aos antigos combatentes da Coluna é ir ao povo, organizar os trabalhadores do campo, dirigir suas lutas contra os grandes fazendeiros e os bandos policiais. A tática militar a empreender é muito nossa conhecida e já foi provada pela nossa marcha. Ela deu e dará bons resultados. Começar lutas armadas no interior e não entregar mais armas, só recebendo ordens do antigo comandante da Coluna. Tudo pelos pobres, tudo contra os ricos reacionários. Pão, terra e liberdade! Por um governo popular revolucionário em todo o Brasil! É evidente que tu e todos os companheiros que comandam tropas devem continuar à frente de seus soldados e aguardar para a ação ordens superiores. Mobilizar desde já os que não estejam em tais condições e que vão produzir muito

mais indo, com a experiência que adquiriram na marcha da Coluna, dirigir os movimentos armados no interior. Com isso não quero porém tolher os teus movimentos nem a tua iniciativa. Dou idéias gerais, mas precisas agir com a máxima iniciativa, tendo sempre em vista os superiores interesses da revolução e fazendo esforços para não cair em provocações. Pessoas devidamente autorizadas por mim ainda te procurarão e poderão te transmitir outros detalhes. Meu caro Trifino, aproxima-se afinal a vitória real da revolução. Dentro de breve expulsaremos de fato os exploradores estrangeiros e veremos vitoriosa a causa pela qual morreu o nosso grande Siqueira. Mais um grande apertado abraço, extensivo a todos os velhos companheiros da Coluna.

Companheiro muito amigo. Para evitar provocações, trata de inutilizar logo que possas esta carta.

(TSN, Processo Francisco Romero, 2º vol., anexado ao Processo nº 1)

# 72

## CARTA DE PRESTES AO CAPITÃO ARI SALGADO FREIRE

20 de julho de 1935.

Sr. Capitão Ari Salgado Freire. Rio de Janeiro.

Meu caro Ari. Saúde.

Depois de tão grande silêncio e de tão longa separação há-de te causar surpresa receber estas linhas. Assim é a vida. Nunca me esqueci de ti e, conquanto não concordasse com o golpe de 30, porque nunca acreditei na sinceridade de Vargas, Aranha & Cia., sempre acompanhei com o maior interesse os acontecimentos brasileiros e a evolução de cada um de vocês da Coluna.

Não sei, politicamente, quais são as tuas convicções, mas sei quem és e de que serás capaz. Tenho a certeza que te posso escrever francamente e que de ti só poderei receber uma resposta franca. Concordas ou discordas de mim? A situação brasileira é atualmente muito séria. Creio que mesmo aqueles que maiores ilusões tiveram no golpe de 1930 já devem estar convencidos de que eu tinha razão e que fiz bem em ficar de fora, evitando cair na lama em que se afundaram o João Alberto e tantos outros. Hoje o povo já aprendeu muito e já não tem as mesmas ilusões de 1930 nos politiquinhos reacionários. A miséria cresce dia a dia e o Brasil marcha para a catástrofe de um governo ultra-reacionário, capaz de afogar em sangue as lutas do povo.

Tu compreenderás que eu trabalho ativamente para lutar ao lado do povo contra a reação sanguinária que se aproxima e da qual não é senão uma pálida amostra o atual começo, com a substituição nos postos de responsabilidade de todos os que realmente lutaram em 1930, 1932 e anos anteriores. Já faço grandes esforços no sentido de coordenar as forças de todos os que queiram lutar conosco. Não podia, portanto, esquecer-me de ti.

Peço-te que te entendas com o portador desta carta e por intermédio dele me mandes tua

opinião sobre a situação e o que podes fazer. Peço-te ainda que, se concordas com meu ponto de vista, que mobilizes em meu nome todos os nossos antigos companheiros. Se quiseres maiores esclarecimentos sobre o que pensamos fazer, além do que já disse em documentos públicos, com o meu manifesto de 5 de julho, podes pedir todas as informações ao portador e escrever-me, porque terei o máximo prazer em te responder.

Sem mais, pelo momento, abraça-te afetuosamente o Companheiro muito amigo.

(TSN, Processo nº 1, apreensão à rua Barão da Torre, 2º vol.)

# 73

## CARTA DE PRESTES AO CAPITÃO AGOSTINHO PEREIRA

29 de julho de 1935

Sr. Cap. Agostinho Pereira

Curitiba

Prezado companheiro Agostinho Pereira

Fui informado da sua atitude francamente favorável ao movimento da Aliança Nacional Libertadora cuja direção, no Paraná, aceitou. Isso me deu uma grande alegria, porque conheço suas qualidades pessoais e confio amplamente no seu desprendimento, atividade e dedicação aos ideais que hoje nos unem nas fileiras da Aliança.

O movimento da ANL é já, nos dias de hoje, invencível, porque ela realmente traduz os anseios da maioria incontestável do nosso povo. Tanto no Rio, como em São Paulo e no Nordeste a ANL marcha rapidamente para grandes lutas, agora ainda mais precipitadas com o decreto reacionário de Vargas fechando as suas sedes. Mas o governo pensa contar com os Estados do Sul, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul para neles organizar a reação. Disto precisam saber os lutadores do Paraná e tomar as necessárias providências, organizando a ANL em todo o Estado e mobilizando realmente, através de lutas contra o imperialismo e contra o feudalismo, a grande maioria da população do estado.

O portador desta vai receber instruções do meu representante no Rio e lhe transmitirá maiores detalhes sobre a linha política da ANL e sua organização.

Pedindo-lhe que me escreva, manifesto o desejo de receber sua opinião sobre o programa

da ANL, sobre o meu manifesto de 5 de julho, sobre os nossos métodos de luta etc., bem como as sugestões que lhe parecerem oportunas.

Peço-lhe transmitir aos aliancistas do Paraná as minhas saudações revolucionárias e antifascistas e abraço-o afetuosamente

Companheiro e amigo

(TSN, Processo nº 1, apreensão à rua Barão da Torre, 2º vol.)

# 74

## CARTA DE PRESTES A AGRÍCOLA

Meu caro Agrícola.

Saúde!

Informado de que continuas disposto à luta e que concordas mesmo de ir até Mato Grosso mobilizar os nossos amigos para a luta, hoje dirigida em todo o Brasil pela ANL, apresso-me a escrever-te estas linhas.

Peço-te que transmitas a todos os companheiros da Coluna o meu mais afetuoso e saudoso abraço e a todos os meus amigos e admiradores a esperança que alimento de que estejam prontos para as lutas que se avizinham e que, nas fileiras da ANL, já se estejam efetivamente organizando.

Reitero aqui o que já disse em documentos públicos. Aproximam-se dias decisivos para o Brasil. Ou defendemos a democracia enquanto é tempo ou somos todos barbaramente oprimidos por um fascismo colonial esfomeador, assassino e humilhante.

Não há tempo a perder. Todo brasileiro digno precisa ocupar seu posto de combate e sem esperar ordens, ter a iniciativa bastante para paralizar, onde quer que esteja, a ofensiva fascista.

Tu receberás, no Rio de Janeiro, por companheiros por mim autorizados, outras instruções, mas aqui, nesta carta, quero referir-me especialmente a dois problemas importantíssimos:

Organização das massas camponesas: É indispensável que em Mato Grosso a ANL faça o possível para organizar os trabalhadores do campo, operários e camponeses. As organizações podem ser ligas camponesas, comitês da Aliança, comitês locais, comitês contra a fome etc. O nome é coisa secundária. O essencial é que a massa se organize em frente única e que à sua frente estejam os elementos mais revolucionários, mais combativos e tanto quanto possível, já provados em lutas anteriores.

Indispensável começar imediatamente as lutas pelas reivindicações da massa trabalhadora do interior. Por melhores salários, por melhores condições de vida, contra as brutalidades das companhias estrangeiras, como a Mate Laranjeira, contra as obrigações feudais etc. Tais lutas, no interior de Mato Grosso vão se transformar rapidamente em choques armados contra a polícia e os bandos reacionários. Não ter medo disso. Pelo contrário. Prever tal transformação tomando as armas da polícia, dos fazendeiros, desarmando os bandos reacionários e organizando grupos armados que defendam as reivindicações dos camponeses.

Organização de guerrilheiros: Já estamos em época francamente revolucionária. A luta está travada e só pelas armas será decidida. Nas condições do Brasil, será muito difícil e mesmo quase impraticável pensar em começar uma revolução simultaneamente em todo o país, sob um comando centralizado. É completamente falso e contra-revolucionário pensar que seja suficiente um golpe no governo central. A nossa revolução é, antes de tudo, uma revolução de massas, e justamente no interior do país, entre a massa camponesa, que maiores forças temos ao nosso lado e onde mais fracas são as forças do adversário. Precisamos então iniciar em todo o interior do país ações armadas contra o imperialismo e o fascismo, pela terra para os camponeses. Cada revolucionário, principalmente cada membro da Coluna precisa organizar um grupo de começar a lutar pelos interesses das massas pobres do campo. A Coluna ressurgirá assim multiplicada e com um programa claro.

Este é um apelo que formulo, por teu intermédio, aos revolucionários de Mato Grosso e muito especialmente aos antigos combatentes da Coluna que por lá encontrares. Cada um, onde estiver, onde tiver prestígio, onde puder juntar algumas armas e amigos ou companheiros, que comece imediatamente a luta contra os fazendeiros reacionários, contra os impostos, contra o imperialismo, contra a Mate Laranjeira, satisfazendo os interesses mais imediatos do povo. A mesma coisa vai ser iniciada noutros pontos do país e oportunamente passarei a dar diretamente, a cada um dos grupo de luta, as instruções necessárias.

Companheiros, à luta! A Coluna Prestes toma novamente as armas para continuar a sua luta interrompida e combate com o povo por pão, terra e liberdade.

Viva a revolução!

Do companheiro muito amigo

(6 de agosto de 1935. TSN, Processo nº 1, apreensão à rua Paulo de Frontin)

# 75

## CARTA DE LUÍS CARLOS PRESTES A AGILDO BARATA

2 de agosto de 1935

Ao Cap. Agildo Barata

Porto Alegre

Prezado companheiro Agildo Barata:

Fui informado da sua atitude francamente favorável ao movimento da Aliança Nacional Libertadora. Tal fato causou-me enorme alegria, porque conheço as suas grandes qualidades de lutador e patriota, no melhor sentido da palavra e conto consigo grandemente para a organização dos aliancistas do Rio Grande do Sul.

Pelo manifesto de 5 de julho expus a minha opinião franca sobre a situação do Brasil e procurei indicar o caminho pelo qual me parece possível evitar a implantação de um governo terrorista e bárbaro, um governo fascista. Todos os revolucionários honestos de 1930 aprenderam muito nestes últimos quatro anos. Foi demonstrado pela prática do Governo de Getúlio que sem a liquidação do poder dos imperialistas e dos grandes proprietários de terra, reacionários, não será possível a democracia em nosso país. Precisamos de um governo que surja de uma verdadeira revolução antiimperialista e antifeudal. Tal governo será verdadeiramente popular e suficientemente forte para impedir a intervenção estrangeira.

Na luta pela libertação nacional do Brasil, o papel do Rio Grande do Sul será muito importante. O Rio Grande pode ser um dos maiores focos da revolução, mas também pode ser um dos grandes esteios da reação. Tudo depende do que formos capaz [sic] de fazer, nós os aliancistas. Apesar das enormes dificuldades que serão impostas ao trabalho da ANL pelo governo

reacionário de Flores da Cunha, é indispensável fazer chegar ao povo riograndense o nosso programa, mobilizando não só a massa das cidades como a dos campos e não esquecendo que a grande força da reação está na Brigada Estadual e nos Corpos Provisórios, mas que os soldados riograndenses são naturalmente aliancistas e que estarão conosco quando conhecerem o nosso programa.

O portador desta carta vai receber do meu representante no Rio de Janeiro outras informações e lhe dará detalhes não só sobre a linha política da ANL como sobre a nossa organização e métodos de luta.

Peço-lhe que me escreva francamente sobre o nosso programa e formulando os seus pontos de vista. Receberei com grande prazer suas observações e sugestões e gostaria que essa carta servisse para que entre nós se iniciasse uma correspondência continuada a franca.

Peço-lhe ainda transmitir as minhas saudações revolucionárias aos aliancistas do Rio Grande do Sul e receber o efetuoso abraço do

companheiro e amigo

(TSN, Processo Belens Porto)

# 76

## CARTA DE MIGUEL COSTA A PRESTES

Meu prezado.amigo e camarada Prestes:

Tenho o prazer de responder a sua carta de 2 de julho passado, só agora recebida. Os acontecimentos se incumbiram de modificar os termos de algumas questões ali propostas. A ANL, levada pelas circunstâncias, já está na ilegalidade. Não posso, pois, ater-me, nesta minha resposta, apenas aos assuntos que V. feriu naquela correspondência.

Não discutiremos agora o passado. Deixá-lo-emos para mais tarde, para quando tivermos a felicidade de trocar idéias de viva voz, e assim mesmo apenas para tirar, em proveito da causa que defendemos, os ensinamentos dos fatos.

Vamos, pois, ao que interessa no momento. Estou hoje convencido de que realmente não há possibilidade de um meio termo no acerto de contas entre explorados e exploradores. Mas, se na luta em favor dos explorados os fins justificam os meios, parece-me que tem havido erros na escolha e na aplicação desses meios. E como V. pede as minhas impressões sobre o seu manifesto de 5 de julho, irei mais longe e lhe direi, no propósito de auxiliá-lo, a minha impressão pessoal sobre os acontecimentos que se vêm desenrolando no Brasil.

1) A ANL foi lançada no momento preciso. O seu programa antiimperialista, pela libertação nacional do Brasil, antifascista e pela divisão dos latifúndios realmente empolgou, não apenas as massas populares trabalhadoras, mas até a pequena burguesia e mais fundamente os meios intelectuais honestos e em grande parte ainda não suficientemente esclarecidos.

Defendendo-se da ilegalidade em que seria fatalmente posta pela Lei de Segurança Nacional, a ANL, embora paradoxalmente, mas como o exigiam as circunstâncias, propôs-se a resolver aquelas questões dentro da ordem. Faz a sua profissão de fé nacionalista e por último negou qualquer ligação mais estreita com o Partido Comunista, espantallo até hoje desta pobre gente que ainda escuta o padre, na paróquia e sonha de noite com bichos-papões.

Pondo neste pé as suas questões, a ANL cresceu mais do que seria de se imaginar. E embora o seu vulto tomasse proporções capazes de assustar os meios governantes e a plutocracia do país, uns e outros não encontravam artigos de lei em que pudessem se estribar para pôr fora da lei a punjante organização.

Nessa sua primeira fase, a ANL, pela pregação de seus comunicados e comícios e, notadamente, pela brilhante campanha de Pedro Mota Lima na *A Manhã*, estancou desde logo o surto integralista no país, cuja ação está hoje reduzida a um grupo de mistificadores, já devidamente desmascarados perante a opinião pública.

Enquanto isso, o Partido Comunista, embora auxiliando a propagação da campanha, abstinha-se de qualquer intervenção menos velada na luta.

2) Vem o 5 de julho. V., naturalmente pouco ou mal informado, supondo que o movimento da ANL tivesse tanto de profundidade como de extensão, lançou o seu manifesto dando a palavra de ordem de "todo o poder à ANL". Brado profundamente revolucionário, subversivo, só aconselhável nos momentos que devessem preceder à ação. Grito que deveria, para estar certo, ser respondido pela insurreição. No entanto, aí estão os fatos: veio o seu manifesto, veio o decreto de fechamento da ANL e este movimento popular que parecia, à primeira vista, ter tomado todo o país, não reagiu nem com duas greves organizadas. Faltavam-lhe profundidade e organização. O golpe reacionário do governo, amparando-se nos termos do seu manifesto, pôde ser desferido antes da hora que nos convinha. Não foi possível revidá-lo.

Os companheiros do Exército e da Marinha que se encontravam à frente da agitação estão uns presos, outros transferidos para os confins do Judas. As sedes da ANL acham-se fechadas, os seus membros têm que se agitar na ilegalidade, com movimentos muito mais lerdos, muito mais difíceis, muito menos eficientes.

Acho que a sua palavra, no momento, era indispensável. Mas, se V. tivesse, em vez de pregar o assalto ao poder, recomendado a mais viva congregação em torno da ANL, não se teriam precipitado os acontecimentos. Habitando-se a massa popular a cumprir as palavras de ordem, aos poucos, ela cumpriria a da tomada do poder quando a direção, mais tarde, assim o determinasse. Mas tal ordem só deveria ser dada quando o governo já se encontrasse na impossibilidade material de reagir. O contrário, foi como atirar uma criança desarmada contra um elefante.

3) Apesar disso, entretanto, a ANL deu frutos magníficos. Foram: a) desmoralização do Integralismo junto ao povo; b) apresentação de um programa que já se ficou sabendo que é capaz, realmente, de empolgar as massas exploradas do Brasil; c) nova congregação dos

companheiros aproveitáveis (hoje já sabemos com quem podemos contar).

4) A sua carta é de 2 de julho. A Aliança ainda não fora posta na ilegalidade. Não sei hoje ao certo qual é a sua orientação. Eu, de minha parte, penso que, colhidos aqueles resultados da Aliança e aproveitada a experiência, deveríamos incontinenti: a) organizar em cada estado uma corrente partidária que inscrevesse nos respectivos programas os mesmos princípios da ANL; b) embora sem pretender disputar eleições, essas correntes inscrever-se-iam nos Tribunais Eleitorais de cada estado, dificultando assim, ao Governo, repressão; c) essas correntes, ao par de sua vida legal, teriam uma organização secreta, tendente a preparar uma reação efetiva das massas no caso de um golpe fascista.

Esta carta está incompleta, como V. verifica, Só pessoalmente, quando isso for possível e necessário, ao seu critério, outros detalhes poderão ser sugeridos e discutidos. Por ora, basta que V. saiba que continuo como sempre V. me encontrou, disposto a arrostar todos os sacrifícios num movimento realmente organizado, para a salvação do Brasil.

Aceite o grande abraço do seu velho camarada.

M.C.

(3 de agosto de 1935. TSN, Processo nº 1, apreensão à rua Barão da Torre, 2º vol. Acervo Góis Monteiro, AP-51, Arquivo Nacional)

77

## CARTA DE LUÍS CARLOS PRESTES AO CAPITÃO ARISTIDES LEAL

Rio de Janeiro

5/8/35

Meu caro Aristides: Saúde

Causou-me enorme alegria a carta em que me dás notícias das coisas do Brasil e do interesse com que todos os nossos antigos companheiros da Coluna acompanham os últimos acontecimentos.

Estamos incontestavelmente nas vésperas de grandes acontecimentos, no Brasil. Isto não é uma frase, como tantas outras que se repetem vagamente. Resulta da análise aprofundada da situação política e econômica em que nos encontramos. Marchamos a passos largos para uma crise revolucionária, no Brasil, crise diante a qual ninguém poderá ficar neutro. A ANL, apesar de lançada na ilegalidade, será a força capaz de dirigir o povo e todo brasileiro será obrigado a tomar posição clara, nos próximos dias, a favor ou contra ela. É o que todos os nossos companheiros da Coluna precisam compreender. Estou certo de que a grande maioria está conosco. Mesmo alguns elementos dirigentes, como o CORDEIRO (que já chegou mesmo a ser chefe de polícia, em São Paulo), assim como a maioria dos oficiais honestos que tomaram parte no golpe de 1930 estarão conosco.

Peço-te, por isso, que fales com todos, que transmitas a todos o meu ponto de vista e o desejo que tenho de conhecer a opinião de todos sobre a situação. Aceitarei com alegria as sugestões e observações de todos os antigos companheiros. Todos sabem que sou comunista, que tenho idéias definidas sobre o futuro social do mundo, mas ninguém tem o direito de negar a honestidade com que luto presentemente pela implantação de um governo verdadeiramente popular nacional revolucionário no Brasil, isto é, um governo que não tem ainda nada de soviético mas que realmente lute contra o imperialismo, contra o feudalismo e pelos direitos democráticos do povo. Isto é agora possível e indispensável no Brasil, se não queremos que o nosso país se transforme

na mais insignificante colônia dos imperialistas e seja o seu povo miseravelmente morto de fome pelo tacão bárbaro de um regime fascista. Isto é hoje possível, ao contrário de 1930, porque já se foram as últimas ilusões do nosso povo nos chefes politíqueiros reacionários, nos Bernardes, Borges, como nos Getúlios e Sales de Oliveira. O povo hoje saberá dirigir a execução de um programa e não permitirá que se repitam as traições de 1930 e 1932.

Mas o motivo principal desta carta é dirigir-me, por teu intermédio, aos antigos combatentes da Coluna. Desejaria conversar pessoalmente com cada um deles para demonstrar-lhes a responsabilidade que sobre cada um deles pesa no momento atual. A revolução não vai cair do céu nem será o resultado de um golpe mágico no Rio de Janeiro. A nossa revolução, a revolução da ANL vai ser o coroamento de grandes lutas populares em todo o Brasil. Tais lutas, nas cidades serão dirigidas e iniciadas pelo proletariado. Mas no campo podem e devem ser iniciadas pelos homens experimentados da nossa Coluna.

Peço, por teu intermédio, a cada companheiro da Coluna marchar para o interior, ligar-se com o povo de qualquer ponto de nosso vasto interior que melhor lhes pareça e organizá-lo rapidamente para iniciar lutas pelos seus interesses econômicos mas imediatos. Ter em vista que tais lutas se transformarão rapidamente em lutas armadas e, portanto, organizar grupos armados que defendam a organização da luta. Não ter medo de passar a luta de guerrilhas e empregando a tática militar, nossa conhecida, levantar novamente no interior a bandeira de luta da Coluna. Cada qual deve fazer o máximo esforço para ter a honra de ser o iniciador de verdadeiras lutas armadas no interior do Brasil.

Mando-te separadamente instruções mais detalhadas, que poderás transmitir aos companheiros que se decidam revolucionariamente a lutar. A Coluna precisa renascer em todo o Brasil, mas, multiplicada, porque cada ex-soldado deve, nas lutas de hoje, ser o comandante de um grupo numeroso e agir independentemente até receber novas instruções de seu antigo comandante. Ninguém pode se furtar à luta declarando estar a espera de minhas instruções porque dou a todos a máxima iniciativa dentro da linha exposta nesta carta.

Já tens ligações com muitos antigos companheiros e estou certo que dentre em pouco grandes lutas serão iniciadas em todo o interior do Brasil.guardo tuas novas informações e terei imenso prazer em responder a objeções e sugestões de todos os que queiram lutar contra o imperialismo e o fascismo.

Transmite meu grande abraço a todos os companheiros com que estiveres e recebe o que te toca especialmente

(TSN, Processo nº 1, apreensão à rua Barão da Torre)

# 78

## CARTA DE LUÍS CARLOS PRESTES AO CAPITÃO ALBERTO GUERIN

5 de agosto de 1935.

Sr. Capitão Alberto Guerin, Rio de Janeiro.

Prezado companheiro Guerin:

Conquanto longe do Brasil, acompanho com o maior interesse as lutas que se vão por aí travando e em documentos ultimamente divulgados já expus minha opinião honesta e francamente. Sei que você está do nosso lado e que já demonstrou por diversas maneiras que se dispõe a lutar contra o atual governo. Tais informações as tenho por intermédio de pessoa da minha maior confiança, meu e seu amigo, o Aristides Leal.

Num momento como o atual, em que tanta gente que combateu até 1930 deixa-se ficar na inatividade comoda do silêncio frente a maior das traições à memória de Siqueira Campos e de tantos outros camaradas que tombaram durante a luta, causa-me enorme satisfação conhecer a sua atitude. É incontestável que estamos hoje, no Brasil, frente a um governo tão reacionário, senão mais, quanto os anteriormente por nós combatidos. Estamos além disso frente a ameaça de uma reação francamente fascista de Getúlio, de integralistas ou de outro qualquer bandido vendido ao imperialismo. É por isso que eu, apesar de comunista e com permissão de meu partido, estou na luta pela implantação no país do único governo que será capaz de o salvar da negra tragédia que atualmente o ameaça. Todo homem digno terá que ficar do nosso lado e os que se dizem contrários a nós, porque eu sou comunista, buscam simplesmente um pretexto para se conservarem ao lado dos poderosos. Tanto o programa que apresentei não é comunista como o governo que pensamos implantar estará ainda muito longe de ser um governo soviético. Nós queremos agora defender as liberdades populares e não permitir que o Brasil marche para a tragédia terrível de um governo fascista.

Peço-lhe que explique bem isso a todos os companheiros do Exército e mostre-lhes o verdadeiro perigo que os ameaça. Porque ninguém se deve enganar com o fascismo, que representará não só a brutalidade policial levada ao máximo, como a miséria, a fome, o desemprego para os trabalhadores e as classes médias. A crise econômica que Getúlio ou qualquer governo ligado aos imperialistas não poderá resolver levará inevitavelmente os trabalhadores a lutas cada dia maiores e o Exército será encarregado, amanhã, de afogá-las em sangue. Que ao compreenderem a realidade da situação, a maioria dos companheiros do Exército virão fatalmente lutar conosco.

O Aristides tem amplos poderes para entender-se com todos os que quiserem outras informações e os poderá apresentar ao meu representante autorizado no Rio. Muito espero de sua atividade e terei grande prazer de receber suas observações e sugestões sobre o que fazemos ou devemos fazer.

Afetuosamente seu companheiro e amigo

(TSN, Processo nº 1, apreensão à rua Barão da Torre, 2º vol.)

# 79

## CARTA DE LUÍS CARLOS PRESTES AO CAPITÃO DANIEL EUFRIDES FAGUNDES

20 de agosto de 1935

Sr. Daniel Eufrides Fagundes.

Meu caro:

O meu representante autorizado no Rio de Janeiro fará chegar às tuas mãos, por intermédio de um portador de confiança, essas linhas do velho amigo e chefe. Quem te escreve é o mesmo companheiro das marchas da Coluna. Creio que conhecerás as minhas idéias e saberás do interesse com que dou todas as minhas energias ao trabalho e às lutas da atual grande organização nacional que é a ALIANÇA NACIONAL LIBERTADORA. Não concordei com o golpe militar de 1930 e por isto tive que esperar estes cinco anos necessários para que todos os antigos companheiros se convencessem da traição de que foram vítimas seguindo Getúlio Vargas, Aranha, Flores da Cunha e tantos outros no referido golpe.

Hoje, a maioria do nosso povo concorda já que quem tinha razão era eu e, portanto, virá conosco para uma luta real contra os exploradores estrangeiros, contra os grandes fazendeiros reacionários e sanguinários, tipo família Vargas aí de São Borja, contra o integralismo etc. O povo já sabe o que querem com as suas manobras não só os partidários do governo como os chefes de uma oposição castrada e incapaz, como é a atualmente existente no Rio Grande do Sul, sob a direção de Pila e Borges de Medeiros.

Peço-te que leias com atenção o manifesto de 5 de julho último e que, ouvindo os conselhos do portador desta carta, faças o mais possível pela Aliança Nacional Libertadora, não só na cidade em que te encontras como em todo o interior do Rio Grande do Sul. Mobiliza os nossos velhos companheiros, transmite-lhes o meu mais afetuoso abraço e a esperança [rasgado] de que estejam [rasgado] lado.

Receberei com grande prazer a tua resposta e sugestões sobre o que será melhor.

(TSN, Processo nº 1, apreensão à rua Barão da Torre, 2º vol.)

# 80

## CARTA DE LUÍS CARLOS PRESTES A LEMOS CUNHA

Prezado camarada Lemos Cunha:

Foi para mim motivo de grande satisfação sabê-lo ao nosso lado nas lutas atuais pela emancipação nacional do Brasil e contra o governo traidor e reacionário de Vargas. Cada dia, portanto, podemos com maior segurança afirmar que os melhores oficiais das forças armadas do nosso Brasil estão com a ANL e tomaram posição clara e definida na luta pela libertação de nosso povo.

Não creio necessário repetir nessa carta ao prezado camarada tudo o que já tenho dito em documentos públicos, mas peço-lhe o grande favor de ler as missivas por mim escritas a Sisson e ao Castro Afilhado, porque por elas poderão melhor te orientar a respeito da linha política que creio necessária e útil ao desenvolvimento de nosso movimento. O companheiro poderá igualmente obter com o Sisson as instruções que o Dir. N. da ANL deu aos núcleos estaduais a respeito do que será o governo popular nacional revolucionário. São todos documentos orientadores e esclarecedores muito úteis para o trabalho de catequese entre os oficiais da Marinha. Sou de opinião que a maioria da nossa oficialidade da Marinha é honestamente nacionalista e que portanto terá que vir formar ao nosso lado. Precisamos esclarecê-la, mostrar aos companheiros da Marinha quais são dos verdadeiros objetivos da ANL e principalmente como marchamos perfeitamente à colonização e esfacelamento do Brasil.

Isto principalmente torna urgente nossa ação nacional revolucionária. O povo, pela miséria que sofre, já compreendeu isto e está a nos exigir ações decisivas. É necessário que os companheiros oficiais de Marinha compreendam o quanto há de grave no momento e que se decidam, o quanto antes, a vir formar conosco ao lado do povo. As lutas decisivas estão muito próximas. Ninguém terá já forças para evitá-las e serão traidores do Brasil os que tomarem posição ao lado de um

governo podre e traidor contra o povo em luta pela emancipação nacional do Brasil.

Por seu intermédio faço um veemente apelo aos camaradas da Marinha e peço-lhes que venham corajosamente tomar posição ao lado dos melhores companheiros do Exército, os quais, continuando as tradições de Benjamin Constant e Siqueira Campos já se prepararam corajosamente para as lutas próximas. Peço-lhe ainda que informe a todos os companheiros do interesse com que recebo suas opiniões, objeções ou sugestões a respeito do programa, métodos de luta etc. da nossa organização libertadora - a ANL

Saúda-o afetuosamente

(Provavelmente de setembro de 1935. TSN, Processo nº 1, apreensão à rua Barão da Torre, 2º vol.)

# 81

## CARTA DE ALMEIDA (PRESTES) A TEODORO

Rio de Janeiro, 5 de setembro de 1935

Amigo Teodoro: Saúde. Tenho em meu poder diversas cartas suas e há muito devia ter te escrito. Diversos motivos que não é necessário agora comunicar impediram uma resposta mais imediata. Nesta carta não vou responder a todas as questões por ti apresentadas e somente tratarei das mais importantes e de cunho geral.

ANL: Como vai? Que faz? Nos últimos tempos tem aparecido muito pouco em São Paulo. Por que? O nosso amigo Caio se queixa porque se sente isolado. Mas então o Comitê Executivo não trabalha coletivamente? Peço-te encarecidamente que organize com os companheiros da direção da ANL um trabalho coletivo, não só de ligação diária e operativa com os diversos núcleos, como um trabalho de direção política no Estado. Isto é indispensável para que a organização não venha realmente a morrer por falta de atividade. Além disso é necessário que tal direção saiba em linhas gerais, do trabalho [ilegível]. O Caio se queixa de ser deixado de lado e não saber nada. Com habilidade [ilegível] possivelmente [ilegível] curiosidade de cada um nem prejudicar o trabalho sem [ilegível] nomes ou outros dados. É também necessário que a fração do partido trabalhe com os elementos sem partido, fazendo todo o possível para que eles compreendam a linha política e a aceitem conscientemente. Nada de dar ordens, pelo contrário, um trabalho paciente de convencimento, fazendo o possível que parta mesmo dos sem partido qualquer proposição que desejamos fazer. Não comandar, mas convencer, dirigir politicamente.

Ganhar as ruas. No momento atual é isso o principal para a ANL. Todos os esforços, todos os métodos, todas as ocasiões precisam ser aproveitadas para que a palavra da ANL se faça ouvir nas ruas. O golpe lançando a ANL na ilegalidade não pôde matar a nossa organização que continua viva e mesmo em muitos Estados aumentando de efetivos e no número de núcleos. A ANL, tanto como organização nacional como estadual continua vivendo com o mesmo nome, defendendo o programa do Manifesto de 5 de Julho e lutando pela implantação do governo

popular nacional revolucionário. Mas os núcleos municipais ou distritais não devem ter dúvida, por necessidade de atividade legal, de tomar qualquer outro nome, Comitê contra a carestia de vida, comitê contra a fome etc., manter a ligação com a direção estadual da ANL e convocar comícios, passeatas, demonstrações nas quais fale sempre algum orador em nome da ANL, pregando o seu programa, defendendo as reivindicações locais e propugnando pela implantação do governo popular com Prestes à frente. Nesse sentido, aproveitar todas as possibilidades, assim como aumentar a atividade de propaganda fazendo cartazes, escrevendo palavras de ordem simples, com o nome da ANL e de Prestes. Obrigar toda a cidade a continuar a sentir a existência da ANL. Em cada núcleo da ANL organizar grupos armados que defendam os oradores dos comícios ilegais e dos comícios legais, não tendo medo de lutar contra a polícia, porque só de tal maneira será possível ganhar realmente a rua. As lutas armadas parciais são indispensáveis para exercitar a massa, mostrar praticamente ao povo que os soldados confraternizam, dar coragem para maiores lutas e fazer conhecidos os homens do povo que se vão revelar como verdadeiros chefes nas lutas de rua. O que não é possível continuar é a passividade atual. Há muitos e muitos pontos por onde começar. A vida a cada dia está muito cara, por que não lutar contra os impostos, contra os preços da luz elétrica, atrair o pequeno comércio, fazer com que os comerciantes enviem petições ao governo pedindo a diminuição dos impostos, depois obter que fechem as portas por meio dia, por um dia etc. Será esta a maneira de mobilizar o pequeno comércio para que tome parte ativa e revolucionária no Congresso que se convoca no Rio. Que a ANL apóie a campanha dos 30%, que seus oradores peçam a palavra e falem em nome da ANL nos comícios, sem aviso prévio e mostrando como somente o governo popular com Prestes vai resolver a situação dos jovens, mas que é necessário continuar a campanha que é apoiada pela ANL porque só lutando será possível obter algo dos poderes públicos. Fazer todo o possível para ganhar as mulheres, arrastando-as nos bairros na luta contra a vida cara, fazendo com que elas façam pressão sobre os pequenos comerciantes para que estes lutem pela diminuição de impostos. Organizar as mulheres nos diferentes distritos em organizações culturais, de socorro médico etc. Mais tarde ligar todas as organizações distritais a uma organização de toda a cidade, sem a preocupação de guardar o nome de União Feminina. Através de lutas, no esforço de ganhar a rua é que a ANL conseguirá realmente se ligar com a massa popular e esta ligação é indispensável, deve ser a preocupação especial de todos os verdadeiros aliancistas. Será um crime limitar a atuação a conspirações com militares e conversações com os políticos dos partidos adversários. Tais políticos e grande parte dos militares estarão com a ANL na medida que ela tiver realmente influência de massa. E influência de massa não é coisa que se diga somente que existe, precisa ser verificada na prática diária da força com que dominam na rua. É indispensável sair do palavreado vazio para lutas práticas, para vencer a ilegalidade, ganhar a rua, dirigir lutas. Objetivamente a situação é a

nosso favor. Cada dia que se passe sem que a ANL apareça nas ruas será aumentar as vacilações dos seus aliados, facilitando a sua passagem para o campo do integralismo ou dos políticos oposicionistas racionários. Lutas, muitas lutas. Grande iniciativa para começar lutas, aproveitar todas as oportunidades para aparecer em público, para mostrar na prática que a ANL não morreu, muita habilidade para vencer a primeira dificuldade legal, aceitar todos os meios mas defender intransigentemente o programa da ANL (do Manifesto de 5 de julho), na implantação de um governo popular com Prestes à frente.

Frente popular pela liberdade Uma das maneiras mais eficientes para ganhar novamente as ruas está na ampliação da frente única popular. Fechada pelo governo a ANL, devemos ampliar a frente única e tratar de reunir numa ampla organização todos os que podem lutar pelas liberdades públicas, contra o integralismo e a fascistização do atual governo federal e estadual. Como começar tal trabalho? Reunir alguns elementos de prestígio, principalmente pessoas que não estejam comprometidas com a ANL e tratar de redigir um manifesto ao povo de São Paulo ou a todo o Brasil, conforme o prestígio das pessoas signatárias, convidando os intelectuais, estudantes, cientistas, militares, operários, camponeses etc. a lutar pelas liberdades públicas ameaçadas. Redigir manifestos com linguagem bem diferente da empregada pela ANL, no sentido de menos precisa, mais confusa mesmo, empregando o menos possível os termos imperialismo, feudalismo. Citar os fatos mais conhecidos em São Paulo sobre a repressão policial, fechamento de sindicatos, prisões, espancamentos, gases etc. Convocar um grande comício, fazendo todo o possível para que falem pessoas de responsabilidade, deputados, escritores conhecidos etc e no meio deles e talvez mesmo sem prévio [ilegível], pelo menos um orador da ANL, apoiando a Frente Popular, [ilegível] grande exemplo francês, defendendo o programa da ANL e o governo popular com Prestes. É indispensável fazer os maiores esforços para concretizar tal coisa. É possível que a frente popular surja primeiramente aqui, mas não ficar a espera para então organizar. Seria muito bom que ela começasse simultaneamente em toda parte. Fazer o possível para romper o sectarismo, convidar todos os elementos que queiram lutar contra o Sales de Oliveira e contra o Getúlio. A única ou únicas condições para entrar na frente popular são ser contra o fascismo e concordar com a legalidade da ANL, mesmo não concordando com seu programa [ilegível]. Muita iniciativa e muita audácia são indispensáveis.

Partidos reacionários Creio que vocês aí de São Paulo laboram em erro quando dizem que não ser possível desagregar o Partido Republicano Paulista. Primeiramente é necessário compreender muito claramente que o PRP é um partido em que há elementos muito reacionários, grandes proprietários feudais e grandes ligações com o imperialismo. Por isso será completamente falsa a hipótese de que tal partido possa vir a fazer frente única com a ANL. Tomado em bloco,

o PRP é fundamentalmente nosso inimigo, nisso é necessário uma grande [ilegível]. O PRP está atualmente contra o Getúlio e contra o Sales e tem naturalmente grande interesse de ganhar posição através do prestígio popular da ANL. O PRP absolutamente não marchará abertamente conosco, tentando ganhar tempo ao mesmo tempo que procura amedrontar os seus adversários dizendo que tem entendimentos conosco. O mais que podemos obter do PRP em bloco é que ele adira à FPPL enviando os seus oradores etc. Mas o nosso interesse está em ganhar os elementos de esquerda do PRP, o que está também dentro do nosso interesse é dividir o PRP. Há no PRP muitos elementos que estão atualmente ligados com a massa, que por sua atividade demagógica ainda iludem a massa. Esses elementos precisamos ganhar para o nosso lado, a fim de que nos liguemos com a massa que eles influenciam. Mas tal gente só virá para o nosso lado na medida em que mostrarmos a nossa [ilegível] com influência de massa. Eles só ficarão conosco porque não querem nem podem [ilegível] massas. Tais elementos devem primeiramente ser ganhos para a FPPL, [ilegível] para a própria ANL, mesmo que não concordem com o programa integral da ANL. [ilegível] o que foi dito acima não quer dizer que devemos romper as conversações com os chefes [ilegível] Pelo contrário, tais conversações são úteis e mostram uma grande iniciativa de sua parte. Mas fazer as conversações tendo em vista a realidade anteriormente por mim estudada. O PRP está contra Vargas. Muito bem, porque não mobiliza massa, não faz demonstrações públicas? A ANL tomará parte em todas as demonstrações e atacará o governo, pregando o seu programa e o governo popular. Se eles dizem que querem a luta armada devemos declarar que também concordamos. Que lutaremos com todos que lutarem contra o atual governo, mas que se isso é verdade por parte deles, é indispensável que armem desde já os núcleos da ANL., dêem dinheiro para propaganda e agitação e façam declarações públicas contra o fascismo e pela legalidade da ANL. Mas para nós, o principal é ganhar realmente os elementos esquerdistas do PRP para o nosso lado e isso depende fundamentalmente da nossa influência de massa. É indispensável que na Frente Popular entrem elementos de esquerda do PRP e que deputados falem no primeiro comício.

Miguel Costa A sua carta será brevemente respondida. Dela se depreende a grande vontade de reorganizar o PPP. Para os elementos reacionários de São Paulo o PPP seria muito bom como partido demagógico capaz de desviar as massas da linha revolucionária da ANL. É por isso indispensável fazer os maiores esforços no sentido de impedir que o Miguel reorganize o seu partido. Mostrar a ele que a ANL continua vivendo e qual é a maneira para romper a ilegalidade. Tudo depende em São Paulo grandemente dele, Miguel. É necessário que ele tome posição na frente popular. Posição mais franca do que a tomada na ANL. É falso pensar que porque ele conspira não deva aparecer publicamente. O maior serviço que o Miguel pode prestar à Revolução

é tomar publicamente posição a seu lado, evitando explorações em contrário. Mas, do nosso lado, evitar o mais possível a formação do PPP. Mas se o PPP for reorganizado, tratar de ganhá-lo para a frente única ou para a própria ANL. Se começar a haver maior atividade no sentido da reorganização do PPP escrever artigos em *A Platéia* explicando qual o motivo da formação de um tal partido no momento atual. Os reacionários, com medo da ANL, procuram desviar as massas do caminho revolucionário para o reformismo, levando-as a um golpe dos perrepistas com o qual serão novamente enganadas. Responsabilizar mesmo o Miguel por esta nova traição, caso for necessário. Na carta que será escrita algo será dito a respeito. Outra tendência do Miguel é a de defender um governo que não seja de Prestes, porque o nome de Prestes está identificado com comunismo e limita a frente única que deseja a ANL. Nenhuma transigência neste sentido. É necessário explicar aos nossos companheiros o que é que representa tal tendência. Fala-se mesmo no nome do Rabelo. Prestes à frente do governo popular é a garantia revolucionária de tal governo. Todos os elementos que passarão à contra-revolução compreendem muito bem isso e desejam desde já preparar marcha a ré, dando a um reformista como o Rabelo a direção do governo. Todos estes elementos dirão que estão de pleno acordo com o programa da ANL, mas sem Prestes. É a contra-revolução já em embrião, tal tendência. Nada de ilusões nem de condescendências neste ponto. O nome de Prestes serve, no momento atual, de fronteira entre a revolução e a contra-revolução.

Eleições Aproximam-se as eleições municipais. A ANL precisa ter a maior atividade no próximo pleito. Nada de esquerdismo antieleitoral. Precisamos aproveitar as eleições para ampliar a frente única e para mobilizarmos as massas por um programa antiimperialista e antifascista. Os núcleos da ANL devem registrar chapas por Pão, Terra e Liberdade ou outras quaisquer mais populares nos municípios e na capital [ilegível] um programa muito simples de reivindicações locais e pelos [ilegível] legalidade da ANL e contra o imperialismo e o fascismo. Um exemplo: em muitos municípios não será mal entrar em frente única [ilegível] muitos do PPP, fazendo chapas comuns com nomes do PRP [ilegível] em torno de um programa mínimo como o acima esboçado [ilegível] prefeitos do PRP desde que sejam pessoas de prestígio local [ilegível] e que adotem um programa claro, prometendo a legalidade da ANL, a legalização da ANL no município. Será um crime ficarmos passivos [ilegível] aproveitar o mais possível a agitação eleitoral para propagar [ilegível] do governo popular com Prestes. Máxima liberdade para [ilegível] seja, guardados os princípios acima expostos: antifascismo, [ilegível] de determinados interesses populares, liberdade [ilegível] liberdade popular, antiimperialismo prático contra as empresas [ilegível] no município.

Finanças É indispensável que se dê um grande impulso na coisa. Mas então não se

conseguirá mesmo nada em São Paulo. Meu caro Teodoro, é necessário fazer força, porque sem dinheiro não será possível fazer nada. Precisa fazer uma autocrítica da tua atividade nesse sentido e procurar encontrar onde estão os erros para saná-los. Em São Paulo há dinheiro e muita gente que neste sentido nos pode auxiliar. Mãos à obra, portanto. Mandar daqui não é possível ainda. Manda dizer se ainda não conseguiste nada porque então mandarei o indispensável para o mimeógrafo para Mato Grosso.

Lutas camponesas É necessário reforçar este setor de nossas lutas. É um erro ficar somente a preparar a insurreição. Está muito bem mobilizar gente para o dia decisivo, mas é indispensável lançar gente nos campos para se ligar aos camponeses e dirigir e organizar suas lutas. Há em São Paulo muita gente que quer trabalhar conosco. Dar instruções concretas de ir para o interior, organizar os camponeses, começar lutas pequenas pelas reivindicações mais imediatas, organizar muito bem a autodefesa dos camponeses em luta e não ter medo das lutas armadas parciais. A palavra de ordem da ANL deve ser para todo o verdadeiro revolucionário ligar-se com o povo, organizá-lo, dirigir suas lutas. Neste sentido não se tem feito nada em São Paulo. Porque não se manda gente disposta a ir dirigir o grande descontentamento reinante no Triângulo Mineiro? É preciso falar com antigos elementos da Coluna Prestes neste sentido. O Prestes pede a todos os seus antigos comandados para irem para o interior dirigir as lutas dos camponeses. Nada de ficar inativo. Se tens ligação com o Veríssimo, mandar instruções em nome de Prestes sobre a possibilidade de começar a lutar corajosamente. Se tiver dúvidas que venha ao Rio para falar com o representante autorizado do Prestes.

Mato Grosso Se puderes escrever para lá imediatamente será bom responder aos últimos bilhetes dos nossos amigos. Transmitir tudo o que ficou dito sobre a atividade da ANL e organização da Frente Popular e mais algumas palavras sobre o golpe que dizem se prepara em Mato Grosso. Frente ao golpe do Müller é necessário que a ANL tome posição francamente de desmascaramento das manobras reacionárias e sem declarar que está com Mário Correia, tão reacionário quanto o Müller. Desmascarar o verdadeiro caráter do golpe que se prepara. Lembrar aos nossos amigos que o principal em Mato Grosso é desencadear as lutas camponesas e que neste sentido eles partiram daqui com instruções muito concretas. Estão dedicando a melhor atividade a conspiratas e deixam para segundo plano aquilo que deviam tomar como principal. É natural que preparar lutas no campo seja mais difícil do que conversar com conspiradores sobre golpes em preparação. Mas a ANL não pretende nem fará golpes. O que é necessário são lutas de massa. Lutas de camponeses com caráter de lutas armadas, de guerrilhas etc. Fazer o possível para ganhar para a ANL todos os elementos contrários aos Getúlio e mesmo os elementos de esquerda do partido do Müller, atualmente descontentes e [ilegível] partidos sem a promessa

de golpes armados com a ajuda do governo federal. Preparar os [ilegível] no sentido de não permitirem ser explorados em lutas armadas que não lhes interessa. Muita atividade nos garimpos e no Sul do Estado, na Mate Laranjeira. Mandar informações concretas sobre as lutas dos paraguaios no Sul do Estado, bem como dizer qual a simpatia ou antipatia com que contam na população.

Cartas Mandarei por próximo portador a tua nova credencial e espero poder conversar contigo para resolver sobre as outras cartas que me pedes.

A hora do portador obriga-me a terminar assim bruscamente estas linhas.

Abraça-te o

Almeida

(TSN,Processo nº 1)

# 82

## CARTA DE PRESTES A MIGUEL COSTA

Sr. Gal. Miguel Costa

São Paulo

Prezado Companheiro e Amigo:

Tenho em mãos sua atenciosa carta de 3 de agosto último, a qual foi para mim motivo de grande satisfação. Encontramo-nos assim novamente na frente de combate pela emancipação do nosso Brasil. Precisamos agora fazer o possível para nos compreendermos, explicando e expondo um ao outro, com a franqueza necessária, seus pontos de vista, suas objeções, bem como suas proposições em benefício da causa comum. Pelo caminho da franqueza e da lealdade haveremos de vencer todos os obstáculos que nos possam separar e todas as tentativas de nossos adversários de lançar um contra o outro.

Antes de lhe expor meu pensamento a respeito da nossa atividade atual, assim como das perspectivas de nosso movimento, desejo responder ao tópico de sua carta relativo ao meu manifesto de 5 de julho. V. julga que com aquele manifesto e em particular com a palavra de ordem "todo o poder à ANL" fui precipitado e dei ao governo armas suficientes para o lançamento da nossa organização na ilegalidade. Crê mesmo V. que eu estivesse pouco ou mal informado a respeito da profundidade do movimento aliancista. V. sabe o quanto me interesse por tudo o que se passa no Brasil e como tenho um especial cuidado na obtenção de informações antes de escrever um documento da responsabilidade do que foi lido no Brasil a 5 de julho. Eu sabia e compreendia perfeitamente que a ANL estava infelizmente ainda em sua fase de agitação e progaganda e que de organização muito pouco ainda possuíamos. Mas um documento como o meu manifesto precisava responder às questões centrais do momento, precisava dar ao povo uma contestação simples e clara à questão do poder. Tal resposta era independente do nosso estado de organização. Se a ANL não desse, a 5 de julho, uma resposta clara à questão do poder,

ao ser lançada na ilegalidade desapareceria fatalmente. Quanto à ilegalidade, era uma fatalidade independente dos textos dos manifestos ou das palavras de ordem que fossem lançadas. Desde que Vargas voltou de Buenos Aires recebera ordens expressas do Intelligence Service em tal sentido. A 5 de julho, antes de ser conhecido o meu manifesto, a Aliança já estava praticamente na ilegalidade e o comício no Rio de Janeiro foi impedido, tendo sido possível ler o manifesto somente na assembléia realizada na própria sede. E V. sabe que o pretexto empregado pelo governo não foi o manifesto de 5 de julho, mas um documento secreto fabricado pelo Intelligence Service e manejado pela dupla Rao-Müller.

Não há dúvida alguma que seria muito melhor se pudéssemos continuar com toda a nossa atividade legal, mas tal desejo era irrealizável, porque os dominadores não são enganados pela fraseologia que empregamos, desde que realmente agimos revolucionariamente. O avanço da ANL era de tal maneira vigoroso que o imperialismo compreendeu imediatamente a necessidade de impedir seu livre crescimento. Além disso, a palavra de ordem de "todo o poder à Aliança" não significava a tomada imediata do poder, coisa que sabíamos impossível naquele momento.

V. diz que tal palavra de ordem só deveria ser dada quando o governo já se encontrasse na impossibilidade material de reagir. Ora, isso só acontecerá no momento da insurreição e nós precisamos ir preparando a consciência popular para tal momento, dizendo-lhe desde já o que fazer em tal ocasião. Se fôssemos aguardar o momento da insurreição para explicar então ao povo como resolver a questão do poder, chegaríamos lamentavelmente tarde. Nós, agora, no Brasil, já estamos muito mais avançados do que em 1924 e 1930. Nos movimentos anteriores, simples golpes preparados ou nos quartéis (1924) ou nas sedes de alguns governos estaduais (1930), o povo não era fator necessário e ficava para ser mobilizado a posteriori. Grupos de conspiradores separados das massas, secretos, preparavam os golpes e iniciavam sozinhos a luta pelo poder. É conhecido o fato do soldado que em São Paulo, em 1924, não sabia de que lado combatia, se era do governo ou se era revolucionário. Mas não é isso que nós, aliancistas, julgamos agora possível. O movimento aliancista é um movimento essencialmente popular e a nós, como chefes, cabe orientar em tempo oportuno o povo que nos segue. Em poucos meses a ANL agrupou em todo o país centenas de milhares de antiimperialistas e antifascistas e todos, em junho, já pediam abertamente uma resposta à questão do poder. Como executar o programa da ANL, como liquidar a dominação imperialista, o feudalismo, o fascismo, perguntavam? O meu manifesto tinha que responder corajosamente a tal pergunta, com a perspectiva do governo popular nacional revolucionário e com a palavra de ordem de "todo o poder à Aliança".

Estes são os argumentos que lhe apresento em defesa do meu ponto de vista. Creio porém

que há um outro de grande significação e que não pode ser aqui olvidado. Sabe V. que não só o número de núcleos, como o de aderentes da ANL continuou aumentando, apesar da ilegalidade? Isto é muito significativo.

O imperialismo nunca nos permitirá marchar livremente para a insurreição libertadora. Todos os obstáculos serão criados no nosso caminho e a ilegalidade da ANL é um deles, mas é somente um, porque outros maiores estão sendo preparados. Alguns poderemos contornar e outros teremos que vencer de frente, pela força das massas e das armas.

Agora trata-se de saber, como continuar o nosso movimento apesar da ilegalidade? Como continuar a luta pela emancipação nacional do Brasil e de seu povo, como chegar à implantação do governo nacional revolucionário? Na política, como na guerra, precisamos ter objetivos claros, conhecer as nossas forças e as do adversário, tomar em consideração as circunstâncias do momento para chegar à realização de nossas finalidades, apesar e contra a vontade do adversário.

Uma das grandes debilidades da Aliança está na estreiteza das camadas sociais que foram por ela até agora atingidas, principalmente em São Paulo. Infelizmente, os aliancistas de São Paulo ainda são um pouco sectários, continuam a falar em soviets, em colcoses, socialização etc. Em consequência disso a nossa base social se reduz ao proletariado, aos camponeses mais pobres e aos intelectuais revolucionários, geralmente simpatizantes comunistas. O restante da população continua identificando a ANL com o PC e acreditando nas mentiras do governo e dos chefes integralistas. Nesta carta eu faço questão de que conste claramente meu ponto de vista sobre o caráter da ANL, sobre a sua razão de ser e seus objetivos. Hoje, no Brasil, precisamos de democracia, de liberdade para o povo, a fim de darmos um golpe definitivo na colonização do país e na ameaça do terror fascista. A ANL precisa ser realmente a frente única de todos os verdadeiros e sinceros nacionalistas e democratas. Só a união de todos os brasileiros não vendidos ao imperialismo, mas de todos, sem distinção de qualquer espécie, classe, ideologia, religião, poderá garantir o sucesso da nossa luta pela emancipação nacional, contra a completa venda do país e sua submissão ao terror fascista.

Eu pessoalmente sou comunista, como sabe todo o Brasil, mas a ANL não é comunista nem pode ser confundida com o PC. Nas nossas condições atuais, o que se apresenta como objetivo imediato a ser lançado é a implantação de um governo realmente democrata e popular, um governo que esteja de tal forma apoiado pelo povo que possa dar um golpe definitivo na dominação imperialista. Falar agora em soviets, em socialização, em liquidação da propriedade privada é esquerdismo divisionista que só servirá para enfraquecer o nosso grande movimento

libertador. Isso eu afirmo com toda a minha convicção e responsabilidade de aliancista e comunista. Precisamos agora, de uma maneira convincente e honesta, mostrar à pequena-burguesia e mesmo à grande parte da burguesia nacional como só o governo popular nacional revolucionário a poderá salvar dos monopólios imperialistas, dos trustes e cartéis, assim como da brutalidade de um governo fascista. Bem compreendido isto, estou certo que o nosso sucesso, em São Paulo, será enorme.

V. tem razão quando se preocupa com as forças legais de agitação e propaganda. O diretório nacional da ANL já deu instruções a respeito aos seus núcleos estaduais. Creio eu que pela organização de frentes únicas de todos os lutadores pela democracia será possível vencer. V. lança a idéia da formação de partidos estaduais com o mesmo programa da ANL. Creio que tal idéia não adiantará grande coisa e que contém sérios perigos. Primeiramente porque o nome da ANL é já querido das massas, já tem a sua história e não pode ser por nós abandonado. Segundo porque, qualquer partido que tenha o mesmo programa e que seja realmente revolucionário passará em seguida para a ilegalidade, da qual só se salvaria se passasse ao campo do reformismo. Seria um partido intermediário entre o PRP e o Partido Comunista (refiro-me ao caso de São Paulo em particular) e que evidentemente teria que fazer uma política vacilante entre a burguesia e o proletariado. Em vez de unir dividiria. Ora, o que precisamos agora é unificar, reunir todos os que queiram dar um passo pela democracia contra a reação fascizante. Um partido intermediário só poderia agora ser útil ao imperialismo, porque apesar de toda fraseologia revolucionária que empolgasse, dele não fazendo parte o proletariado mais avançado, marcharia atrás do PRP, faria na prática a política da "oposição" atual, desviando as massas do caminho revolucionário.

Ora, se em todo o Brasil e particularmente em São Paulo o desejo de luta pela democracia é enorme, por que não organizar uma frente democrática de todos os lutadores pela democracia e contra o fascismo? Em tal frente poderiam entrar desde os elementos democratas dos partidos da burguesia até a ANL e o PC. Teríamos assim oportunidade de ampliar a nossa frente única mais facilmente, contornar a ilegalidade, fazer ouvida nos comícios da frente democrática a palavra da ANL. Tomando em consideração as condições específicas de São Paulo, creio que tal Frente Democrática deve surgir como coisa essencialmente paulista e independente de qualquer organismo nacional. Mais tarde poderá, se convier, agir conjuntamente com as organizações similares dos outros Estados. Especialmente ao PRP será de todo conveniente formar em tal Frente Democrática, porque a maior parte de sua influência de massas é consequência da posição de seus chefes contra o governo ditatorial de Vargas. Se tal Frente Democrática apresentar-se

com um caráter eminentemente paulista e democrata arrastará mesmo os elementos mais avançados do Partido Constitucionalista e que já se vão separando do governo estadual. Tal Frente Democrática, em seu início, pode ser um simples pacto de ação comum contra a reação e o fascismo, pode ser iniciada pela luta contra a guerra imperialista etc.

Quanto à questão eleitoral, sou de opinião que, como estamos atualmente frente a eleições municipais, o essencial é reunir em cada município, sob qualquer legenda, já registrada ou registrável, todos os elementos democratas em torno de um programa de reivindicações locais antifascistas e antiimperialistas. Desta maneira será possível colocar nas Câmaras Municipais e talvez mesmo à frente de muitas Prefeituras individualidades realmente populares e que ajudarão muito no desenvolvimento posterior da luta emancipadora.

Outra grande debilidade do nosso movimento aliancista em São Paulo está na necessidade de que a sua frente esteja abertamente uma pessoa de grande prestígio popular. Caio Prado é incontestavelmente um grande nome, mas entre os intelectuais e não propriamente um nome político de prestígio popular. O único nome em tais condições é incontestavelmente o seu. V. está naturalmente indicado para a direção do governo popular em São Paulo, mas é já necessário que apareça mais decididamente à frente do Diretório Estadual da Aliança. Tomo aqui a liberdade, em nome da nossa velha amizade e da causa que defendemos, de lhe solicitar um concurso político mais aberto e público, aceitando um lugar no Diretório Estadual da ANL. O povo paulista confia em V. e tendo-o realmente à frente da ANL sentirá mais próxima e realizável a tomada do poder. Além disso, precisamos vê-lo à frente da ANL, como futuro chefe do governo paulista. A única objeção que V. faz em sua carta é que o nosso movimento seja realmente organizado. Estou certo de que até hoje não houve no Brasil organização de maior influência nacional popular e que contasse com as forças com que já contamos. Mas um amigo comum que se encontra no Rio de Janeiro irá procurá-lo para informá-lo de nossa organização.

Quanto à perspectiva de nosso movimento, quanto ao tempo de que dispomos para a preparação da luta pelo poder, segundo todas as informações que tenho de diversos pontos do país é coisa que se torna cada dia mais próxima. Seria leviandade falar aqui em datas, mas as condições objetivas indicam que de um momento para o outro poderemos estar frente a acontecimentos de tal envergadura que sejamos obrigados a pôr na ordem do dia a questão da tomada do poder. Por isso a importância do trabalho conspirativo, já não só de arregimentação como de organização do movimento. Nesse sentido, peço-lhe que continue a apoiar e a ajudar, em tudo que lhe for possível e como tem feito até agora, o portador desta carta e que ouça o amigo comum que o visitará proximamente.

Naturalmente, se os acontecimentos se precipitarem, teremos ocasião de nos vermos e, portanto, diretamente combinarmos as medidas de maior importância, porque no momento de luta ou um pouco antes estarei no Brasil.

Peço-lhe transmitir aos companheiros de São Paulo as minhas saudações revolucionárias e abraçar em meu nome os velhos companheiros da Coluna, Aos valorosos camaradas da Força Pública transmito igualmente por seu intermédio o meu mais cordial abraço. Aguardando o momento feliz em que possamos novamente estar um ao lado do outro, nos combates decisivos pela emancipação do país e do nosso povo, envio-lhe um grande e afetuoso abraço.

Do camarada e amigo

(10 de outubro de 1935. TSN, Processo nº 1, apreensão à rua Barão da Torre, 2º vol. Acervo Góis Monteiro, AP-51, Arquivo Nacional)

# 83

## CARTA DE LUÍS CARLOS PRESTES A LUÍS BARROS.

17/X/35

Luís Barros

Recebi seu pequeno bilhete de 20 de setembro último, encaminhado pelo nosso comum amigo AL<sup>1</sup>, que me informa da sua disposição de trabalhar em benefício da causa que defendemos.

Respondendo às linhas que você me escreveu, desejo salientar, antes de mais nada, que para lutarmos agora, um ao lado do outro, não são necessárias prévias declarações de confiança mútua. A luta pela emancipação nacional do Brasil não é monopólio de ninguém e cada qual deve colaborar como puder.

No Brasil, dia a dia melhor se definem dois campos de luta: de um lado os que querem a emancipação nacional e do outro os agentes ou lacaios dos capitalistas estrangeiros. É verdade que até o momento decisivo uma grande parte vacilará entre os dois campos, desejando a emancipação nacional mas receando a vitória popular.

O seu bilhete me informa que você toma posição ao nosso lado. Isso é o essencial e nada tem a ver com os erros anteriormente cometidos. Ajude-me como puder e deixe de parte, em benefício da nossa grande causa, todas as questões pessoais. O momento exige a mais sólida e eficaz união de todos os brasileiros, independentemente das divergências ideológicas e políticas que os possam separar. Unidos libertaremos o Brasil do jugo imperialista, impediremos a dominação fascista e venceremos os obstáculos ao progresso do Brasil. De acordo com o portador desta carta, combine a maneira melhor de colaborar conosco na luta libertadora.

Creia-me seu, LCP

(TSN, Processo nº 1, apreensão à rua Barão da Torre, 2º vol.)

---

1. Não identificado.

# 84

## CARTA, PROVAVELMENTE, DE LUÍS CARLOS PRESTES A ARISTEU<sup>1</sup>

Queima este bilhete.

18/X/35

Meu caro Aristeu:

Recebi sua carta e bilhete ontem.

Quanto à proposta do Melo Franco é muito interessante e merece ser tratada com todo o cuidado. Farei o possível para ainda hoje ou amanhã, o mais tardar, falar com o Ilvo, dando-lhe instruções sobre o assunto. Deves manobrar com o Luís, declarando-lhe que os tais quesitos já foram transmitidos ao Prestes e que nós, aqui, aguardamos resposta. Mas, um dos representantes autorizados do Prestes deseja, desde já, entender-se com o Melo Franco para dar-lhe resposta ao referidos quesitos. O Ilvo vai te procurar amanhã ou domingo para tratar de tal assunto. Convém muita reserva sobre tudo isso.

Duque Estrada - Precisas procurar tal companheiro e explicar-lhe como deve entender-se com o Eduardo. Por intermédio do Campos da Paz, ele, Duque, pode tomar conhecimento de umas instruções sobre o que será o governo popular, o que será muito útil para uma discussão com o Eduardo.

Felipe<sup>2</sup> - Fazer com que ele se entenda com o Ilvo e que se responsabilize pela questão do Clube Militar. Depois da entrevista do Góis, depois das ameaças de diminuição do Exército em

- 
1. Aristeu Correia Lima.
  2. Provavelmente Felipe Moreira Lima.

pleno Parlamento, é muito fácil tocar para adiante a questão de conseguir uma assembléia do Clube Militar.

Simas - Liga-o com o Alcedo o quanto antes. Vai ele ficar aqui?

Trifino - Manda-me informações sobre o que foi a sua conversação com o Getúlio e com o Melo Franco.

Maria

(TSN, Processo nº 1, apreensão à rua Barão da Torre, 2º vol.)

# 85

## CARTA DE LUÍS CARLOS PRESTES A "MEU CARO AMIGO".

23 de outubro de 1935

Meu caro amigo.

Recebi tua última carta, encaminhando as perguntas formuladas pelo Sr. Virgílio de Melo Franco. Estou inteiramente de acordo com as respostas que foram por ti formuladas e quero apenas, nestas linhas, subscrevê-las com alguns comentários que servirão para esclarece-las.

No meu manifesto de 5 de julho fiz questão de acentuar o caráter fundamentalmente nacional libertador da frente única que então propunhamos, como ainda propomos, a todos os que desejam a implantação da democracia em nosso país e aspiram a libertação do Brasil do jugo infamante dos Numas, Simonsens & Cia.

A reação, o governo cnicamente obediante ao "Intelligence Service", os lacaios despudorados do capital financeiro imperialista, frente ao assombroso crescimento da ANL sentiram o perigo e trataram de agitar, mais uma vez, o espantinho do "olho de Moscou", ou do "ouro de Moscou", procurando assim afastar da ANL os elementos vacilantes que temem o comunismo e os comunistas (o comunismo para muita gente é extremismo, liquidação imediata da propriedade privada, quando, na verdade, nós comunistas, no momento, lutamos pelas liberdades populares e pela independência nacional, somos os combatentes de vanguarda e os mais conseqüentes, pela democracia e pela emancipação nacional de nosso país). A ANL passou a ser considerada, por tais pessoas, uma máscara do Partido Comunista; afirmação ridícula de pobres de espírito, já incapazes e impotentes, como o velho gaiato e ex-liberal Carlos Maximiliano. Se a ANL fosse uma máscara do Partido Comunista, ou se o Partido Comunista precisasse de uma máscara, qual a razão de ser de minhas reiteradas afirmações de que sou comunista e membro do Partido?

Já o declarei e nesta carta ainda uma vez posso reafirmar: a ANL não pode ser confundida com o Partido Comunista, não é uma máscara de tal Partido, nem pretende instalar um governo soviético. Nós, comunistas, lutamos com a ANL, apoiamos com todas as nossas forças o movimento aliancista porque sabemos que, no momento atual, o que é necessário, indispensável, inevitável é a implantação de um governo realmente democrata e que, apoiado na vontade unânime da Nação, seja capaz de libertar o Brasil do jugo do capital estrangeiro.

No momento atual, no Brasil, tomando em consideração a relação de forças sociais existente, não é possível um governo operário e camponês. Precisamos e podemos, agora, implantar a verdadeira democracia, acabar com os restos do feudalismo, romper os obstáculos que impedem o livre desenvolvimento das forças de produção e, para tanto, dar um golpe decisivo e violento na dominação estrangeira. Esta dominação nos escraviza cada dia mais. A nossa colonização não é questão que ainda se possa discutir e a divisão do país em zonas de influência, como na China, é cada vez mais evidente.

Para facilitar a dominação estrangeira há necessidade de governos fortes, isto é, das ditaduras capazes de vencer a impopularidade, esmagando pelo terror a aspiração de liberdade e a vontade de progredir e melhorar a situação das grandes massas populares. A continuação da dominação imperialista está, por isso, intimamente ligada ao fascismo. E ao fascismo, não integralismo, porque entre os integralistas ainda há grande número de nacionalistas enganados pela demagogia de chefes traidores, agentes pagos pelo dominador estrangeiro para impedir a emancipação nacional do Brasil pela implantação de um governo terrorista, de um governo fascista.

É incontestável que além do proletariado e da grande massa camponesa as camadas médias da população brasileira, as que comumente são denominadas de classe média, assim como uma boa parte da burguesia industrial, comercial e agrária são fundamentalmente democratas, contrárias a qualquer governo como o atual, que só pode viver a custa de uma relação terrorista e de atos ainda mais hediondos. Tais camadas sentem também o peso do imperialismo e conhecem, através dos preços da energia elétrica, das tarifas ferroviárias, portuárias, dos juros bancários, dos impostos, como o de 15 shillings, por exemplo, os obstáculos criados pelo imperialismo ao progresso do Brasil. Daí o desprestígio, a impopularidade generalizada do atual governo, cuja derrocada não é coisa que se discuta mais, é questão de mais ou menos tempo

O problema atual está em saber quem o sucederá, qual será o governo capaz de realmente retirar o país da catástrofe eminente. Ora, a população de todo o Brasil já tem eficientemente demonstrado que não está disposta a novas experiências (as lições de 1932 muito a instruíram e esclareceram), não está disposta a permitir que os mesmos agentes imperialistas troquem de

lugares e continuem a liquidação do país. O povo quer chegar [ilegível] e implantar o seu governo, isto é, um governo que, saído da verdadeira revolução emancipadora, apoiado pela totalidade dos brasileiros não vendidos aos capitalistas estrangeiros, possam por isso mesmo permitir a mais ampla liberdade, defender, de fato, os interesses populares, dirigir o Brasil no caminho vitorioso de um rápido progresso. É esse o governo que a ANL pretende instalar. Um governo que terá à sua frente os homens de maior prestígio popular, independentemente da classe social a que pertençam, desde que sejam nacionalistas honestos, isto é, brasileiros independentes das gorjetas imperialistas.

As perguntas apresentadas pelo Sr. Virgílio de Melo Franco são bem um indício de que entre os elementos da atual oposição parlamentar, apesar de Bernardes e de outros reacionários interessados na continuação da venda do país aos capitalistas estrangeiros, há elementos democratas e nacionalistas que buscam um caminho capaz de salvá-los da catástrofe. A tais elementos, como a todos os nacionalistas honestos, venham de onde vier, pertençam à classe social a que pertençam, estenderemos cordialmente a mão e nos propomos a franca e honestamente discutir a base mínima para um entendimento. Como patriotas de verdade, sentimos o perigo do momento atual e aspiramos à união de todos os que desejam a emancipação nacional do Brasil, de todos os que queiram lutar realmente contra o fascismo e o imperialismo.

No meu manifesto de 5 de julho apresentei um programa, mas, se houver necessidade de reduzi-lo ou modificá-lo em benefício da luta atual pela emancipação nacional e instalação de um governo realmente democrático, nós, os aliancistas, estamos dispostos a discutir honestamente qualquer proposição.

Lembro ainda, como primeiro passo para qualquer entendimento posterior, a formação de uma frente única de luta, um pacto de ação na base exclusiva da defesa das liberdades populares, tão brutalmente violadas pelo atual governo.

Podes mostrar esta carta aos interessados e continuar as conversações que iniciastes.

Abraça-te com afeto, camarada e amigo

(TSN, Processo nº 1, apreensão à rua Paulo de Frontin)

# 86

## O GRANDE MOVIMENTO POPULAR NACIONAL

Luís Carlos Prestes

Em janeiro de 1926 a nossa Coluna revolucionária entrava na cidade de Luís Gomes no Rio Grande do Norte e em seguida atravessava a linha fronteira, penetrando no Estado da Paraíba. Quando Siqueira Campos, à frente do seu destacamento, passou pela linha divisória, deparou em uma casinhola posto de fronteira - um homem morto e pouco adiante o cadáver de um menino do povo, um pequeno caboclo de 12 ou 13 anos. Que se passara? O homem era guarda da fronteira paraibana e deveria cobrar aos norte-riograndenses o imposto, 200 réis, por 20 litros de água, o conteúdo de uma lata de querosene, porque nas proximidades da linha divisória só havia água do lado paraibano. O menino fora morto a tiros porque pretendia passar a linha sem pagar o imposto e o guarda justificado pelos soldados da Coluna, indignados com o assassinato de uma criança (Hoje os governos brasileiros já matam crianças a tiros mesmo nas grandes capitais.)

O trágico acontecimento causou-nos uma forte impressão e durante muitos dias discutimos entre nós sobre o absurdo de tais impostos, sobre o crime que representa para a integridade nacional o imposto interestadual. Já conhecíamos muitos outros fatos, já havíamos verificado a existência de tais impostos em todos os Estados por onde passamos, mas o que vimos em Luís Gomes ficou gravado em nossas retinas e ainda hoje me vem à memória, quando leio as notícias do Brasil e vou compreendendo como a desagregação do país marcha a passos rápidos, a passos agigantados.

xxxxxx

O Brasil ainda não foi unificado. Os restos do feudalismo sobrevivem em nosso país em pleno século XX. Sabemos todos o que é o regime social de uma grande fazenda de café, dentro

das grandes estâncias do Rio Grande do Sul, nos feudos bárbaros onde se planta a cana de açúcar. A política nacional é uma política de camarilhas, de grupos sem princípios que só caricatamente podem ser chamados de partidos. A economia nacional, enfim, é uma economia regionalista que impede o livre comércio da própria produção nacional.

O movimento de 30 prometera acabar com as fronteiras econômicas interestaduais e mesmo algumas leis foram promulgadas para não serem cumpridas, porque ainda hoje, para que os habitantes do Triângulo Mineiro possam vender uma rês ao frigorífico de Barretos pagam 10\$000 de imposto ao atravessar o rio Grande. É que as camarilhas estaduais consolidam-se dia a dia com o apoio do capital financeiro imperialista e vão sacrificando ao regionalismo os grandes interesses nacionais.

Por outro lado, a dominação imperialista toma caráter cada vez mais assustador. A colonização do país se faz com um cinismo deslavado e todos os recursos nacionais se vão assim encaminhando para as grandes metrópolis imperialistas. Os governos estaduais passam a ser exercidos diretamente pelos conhecidos agentes do explorador estrangeiro, como Sales de Oliveira, Numa, Simonsen etc., e o governo central equilibra-se no poder à custa de novas concessões ou de completa submissão aos interesses dos patrões estrangeiros. O "Intelligence Service" legisla e policia em nossa casa, já obriga mesmo velhos "liberais", como o procurador da República, a dizer bobagens e gaiatices.

Os diversos bandos imperialistas, ingleses, americanos, japoneses, italianos, alemães, franceses, lutam entre si pela dominação do Brasil, pela sua completa colonização; unem-se aos grandes proprietários reacionários, aos grandes fazendeiros, aos usineiros, aproveitam as suas contradições de interesses, aprofundam a divisão regionalista, alimentam as campanhas separatistas, financiam a organização de forças armadas regionais.

Daí choques criminosos, como o de 1932.

Lutas armadas e compromissos se sucedem, tudo servindo para o enfraquecimento cada dia maior da união nacional. Cada camarilha nacional dominante pretende chegar ao governo central, nele fortemente influir para impor sua vontade e mais facilmente vender o resto do país ao grupo imperialista a que já escravizou o seu próprio Estado.

Nos dias de hoje, por exemplo, a luta se trava fundamentalmente entre as camarilhas dominantes do Rio Grande do Sul e São Paulo. Flores da Cunha e Sales Oliveira "pacificam" seus Estados, impõem ministros ao governo do centro ou propõem diversos gabinetes, intervêm abertamente na vida política de outros Estados, organizam e armam seus próprios exércitos,

preparam-se cinicamente para mais uma carnificina interna e acenam abertamente com o separatismo.

Ao mesmo tempo, com medo do povo que por estar na miséria, a sentir a vida cada dia mais cara, a exploração cada vez maior, a venda do país ao imperialismo cada vez mais franca, já se levantam em todo o país, o governo sanciona leis, como a lei monstro, fecha organizações políticas, culturais e associações de classe, taxa a todos os que sentem necessidade do [ilegível] de extremistas e vai, pouco a pouco implantando no país um regime brutal em marcha para o fascismo.

Nessa situação, a grande incógnita, o grande perigo para o governo central, desmoralizado e impopular, para os aventureiros que querem chegar de assalto ao poder, é o Exército, é a Marinha, são as forças armadas nacionais.

Apesar da divisão e da confusão que se pretende lançar no seio do Exército, apesar das vacilações de muitos de seus chefes, da submissão de outros aos dominadores ocasionais, é ainda o Exército brasileiro uma das grandes forças nacionais, a instituição que pelas suas gloriosas tradições poderá ainda evitar, em grande parte, a completa desagregação nacional. O Exército fez a República e sempre esteve ao lado do povo. Os oficiais do Exército não se prestaram ao papel de capitães de mato, antes de 88, não se submeteram às ditaduras de Epiácio, Bernardes e Washington Luís, sem protestos os mais vivos.

Que fará o Exército agora?

Os governantes impopulares e fascistizantes já o sabem. Por isso a precipitação com que tratam de desarmá-lo, de liquidá-lo, de prepará-lo para a submissão pela impotência aos bandos assassinos que vão sendo armados pelas camarilhas de Sales de Oliveira, Flores da Cunha etc., com a conivência do governo do centro.

Nestas palavras não há exagero. Pantaleão Pessoa executa no Estado-Maior um plano maduramente meditado: reduzir os efetivos do Exército (a Marinha materialmente já nada vale), com o diminuto número de oficiais integralistas assegurar algumas unidades, desarmar as outras, expulsar sargentos e cabos aos milhares, mandar para casa os oficiais restantes até que possam ser pouco a pouco envolvidos, como extremistas, nas malhas da lei monstro.

Frente a um tal estado de coisas, que fazer?

O General Rabelo, em ofício de setembro de 1933 ao ministro da Guerra, referindo-se ao problema da federalização das polícias militares, disse: "O Exército necessita salvar o Brasil e não hesitar entre ele e os interesses locais". Sim, o Exército necessita salvar o Brasil e não hesitar

entre ele, isto é, o seu povo, a grande massa trabalhadora que vegeta na lama dos mocambos e os dominadores estrangeiros e seus lacaios.

Os melhores oficiais do Exército já compreenderam e constituem já hoje, uma grande força nas fileiras da Aliança Nacional Libertadora.

Este jornal, como órgão da ANL para os oficiais, tem como principal objetivo aproximar o grupo de oficiais aliancistas dos demais que ainda não compreenderam ou não tiveram conhecimento dos objetivos da ANL.

A ANL luta em todo o Brasil pela implantação de um governo popular nacional revolucionário, isto é, um governo que, contando com o apoio popular, possa dar um golpe definitivo, revolucionário contra a exploração imperialista. Nós queremos reunir numa única força todos os que desejam a união nacional e que, portanto, estejam dispostos à luta contra o imperialismo e seus lacaios nacionais. Formemos o grande Exército popular nacional que, indissolivelmente ligado ao governo popular nacional revolucionário garantirá a emancipação e o progresso do Brasil. Ficar ao lado do Brasil é estar contra o imperialismo e a favor do seu povo, é ser contrário ao integralismo e defender as mais amplas liberdades populares. Diferenças religiosas, ideológicas ou filosóficas não nos podem separar, porque objetivos imediatos obrigam a nossa união em benefício de nosso povo, em benefício do Brasil.

O governo popular nacional revolucionário liquidará assim a dominação dos plutocratas a serviço do imperialismo e, dando um golpe de morte nos restos do feudalismo, unificará o Brasil.

O governo popular unificará todas as forças armadas do país e com o grande Exército popular nacional poderá defender o Brasil contra qualquer ameaça imperialista, dando aos seus agentes a histórica resposta de Floriano Peixoto: "À bala!"

---

\* Relatório do major Inácio José Veríssimo - Recife, 1934, pg. 78.

(O *Libertador*, sem data, anterior ao 27 de novembro. TSN, Processo Belens Porto)

# 87

## CARTA DE LUÍS CARLOS PRESTES A PEDRO ERNESTO.

16-XI-35

Prezado companheiro:

Infelizmente, as difíceis condições em que me encontro impedem, pelo momento, qualquer entendimento direto. O portador destas linhas é, porém, pessoa de minha inteira confiança e lhe transmitirá de viva voz o que não for prudente escrever aqui.

Estou ao par de sua atitude firme e resoluta, disposto a lutar com o povo de todo o Brasil contra o atual governo de traição nacional e miseravelmente indigno dos nossos queridos companheiros mortos heroicamente nas lutas que se sucederam desde 1922 a 1930 e 1932. Não creio necessário acrescentar nada mais do que já tenho dito em documentos públicos e em cartas que devem ser do seu conhecimento a respeito dos objetivos reais da Revolução libertadora. Mas como o senhor é diariamente solicitado por elementos reacionários ou vacilantes que, com medo do Povo, tratam de afirmar a tendência comunista da ANL, desejo ainda uma vez, de maneira formal, declarar que pensamos implantar um governo realmente democrata, antifascista e popular, a ser exercido pelas pessoas de mais prestígio popular e que possa, portanto, empregar todas as suas energias na luta contra o imperialismo e seus deslavados agentes no Brasil.

Pelas informações que possuo estou convencido da sinceridade com que o Sr. vem formar ao nosso lado e só me cabe, agora, é falar com franqueza e confiança sobre a gravidade do momento. Tudo indica que já passou a hora dos programas e manifestos, que já bastam de palavras e que o povo espera de nós atos revolucionários, orientação e direção prática na grande luta pela emancipação nacional. Em todo o país o povo já vai quase espontaneamente iniciando lutas de verdade contra reação e o fascismo, por melhores condições de vida e contra o imperialismo. Nas forças armadas será mesmo difícil conter por grande tempo a enorme vontade de luta dos

soldados ansiosos por um governo realmente do povo. Os nossos adversários, conquanto ainda divididos e desorientados, compreendem a gravidade da situação e fazem grandes esforços para arrasar violentamente as posições que ainda ocupam. Há poucos dias caiu ingloria e vergonhosamente o nosso velho camarada Ari Parreiras e já agora a mesma gente se volta para a Prefeitura do Distrito Federal, da qual lhe querem expulsar. Ao mesmo tempo, o Exército Nacional é gravemente ameaçado nos seus efetivos e já se fala de uma reorganização que facilite o golpe dos provisórios de Flores da Cunha.

A ANL, sob minha direção pessoal, está tomando todas as medidas práticas para orientar e realmente dirigir a grande vontade de luta em todo o nosso povo. Creio que o Sr. compreende suficientemente a nossa perspectiva e a importância de seu auxílio e que, portanto, colocará a nossa disposição os recursos de que dispõe.

Peço-lhe que se entenda francamente com o portador desta, o qual está por mim devidamente instruído. Envie-me sua opinião sobre o momento político e a situação, assim como suas sugestões. Logo que certas medidas indispensáveis a minha segurança pessoal estejam realizadas, espero poder diretamente conversar com o Sr. Peço-lhe ainda a máxima reserva, porque não é nada pequeno o perigo de que estou ameaçado. Queime, portanto, essas linhas, imediatamente.

Creia-me seu Companheiro e Amigo

(TSN, Processo nº 1, apreensão à rua Barão da Torre, 3º vol.)

# 88

## CARTA DE PRESTES DE DEZEMBRO DE 1935

Queridos companheiros

O insucesso do movimento insurrecional do Rio de Janeiro provocará, indubitavelmente, muitas vacilações.

O insucesso de uma insurreição leva geralmente à conclusão de que foi um erro iniciá-la. Esta é a opinião que mais facilmente ganha terreno e que passa a ser defendida por muita gente vacilante que repete a expressão dos oportunistas de todos os tempos: "não se devia ir até à luta armada", "não se devia ir à insurreição".

Não desejo ocultar os graves erros e grandes insuficiências cometidas na preparação e no desfecho da insurreição. Como revolucionários, estamos sempre prontos à mais franca e honesta autocrítica, mas há uma grande diferença entre buscar as causas reais dos insucessos, desta vez, e afirmar que foi um erro ir à insurreição. A insurreição no Rio de Janeiro não foi um erro, pelo contrário, foi uma demonstração magnífica da altura a que já chegou a luta nacional libertadora.

Quando a decidimos, tínhamos plena consciência de todas as suas dificuldades, sabíamos que já havíamos perdido o fator surpresa, de tão grande importância militar e sabíamos o quanto era reduzido o tempo para uma mobilização. A vida nos colocou frente ao dilema: ir à insurreição, com todos os seus perigos, ou assistir passivos aos acontecimentos do Nordeste e à prisão dos nossos oficiais e expulsão de nossos soldados, aqui no Rio. Cada dia que se passasse, mas difícil seria a nossa situação. Perderíamos, sem combate, as mesmas forças que perdemos combatendo. A um revolucionário, a escolha não era difícil.

Muitos elementos vacilantes até o último momento [ilegível] que nunca acreditaram nem tiveram confiança nas grandes forças da Revolução nacional libertadora, queixam-se agora que ficaram isolados, que não receberam instruções, que a preparação foi mal feita etc. Sim, a preparação foi insuficiente, o tempo foi reduzidíssimo, mas aos elementos que sempre se negaram

a qualquer atitude clara e definida não cabe agora o direito da crítica.

Nós, os revolucionários que lutamos, os lutadores modelo, Agildo, Otero, Sócrates, nós saberemos estudar todas as insuficiências e erros cometidos desta vez, para melhor nos prepararmos para as próximas lutas.

A grande maioria do povo brasileiro é fundamentalmente revolucionária e portanto admira entusiasmado o valor, a coragem, a abnegação, o espírito de sacrifício de que deram provas os heróicos combatentes do 3º RI e da Escola de Aviação.

A revolução brasileira está em marcha. Entra gloriosamente numa nova etapa, na época da luta aberta, de armas na mão contra o jugo imperialista e a dominação fascista.

Os brasileiros que almejam a emancipação de sua Pátria verificaram na prática da luta armada quem luta por ela. Ninguém mais poderá confundir [ilegível]. Mas a experiência foi feita. Homens do povo, sapateiros e estivadores, junto com sargentos e intelectuais revolucionários pequeno-burgueses, numa frente única magnífica, demonstraram praticamente a todo o país o que será o GPNR e, especialmente, como é um tal governo possível e realizável. (Riscado: Só a experiência histórica do governo de Natal, só ela, nos fez marchar tanto para a frente.)

Os cartolas e casacas dos parasitas sociais desapareceram dos palácios governamentais e os homens descalços e sem gravata instituíram, pela primeira vez no nosso Continente, um governo independente do jugo imperialista. Só este fato explica a audácia do governo argentino e a vergonhosa submissão do embaixador do Brasil subscrevendo-as, de ameaças a nosso povo com a intervenção dos seus soldados a soldo do imperialismo. Mas a atitude do governo argentino será repudiada pelo povo argentino que acompanha os acontecimentos revolucionários no nosso país com a atenção de irmãos que nos querem secundar na luta contra o imperialismo e seus agentes reacionários.

O fato servirá para desmascarar onde estão os verdadeiros patriotas e para orientar os revolucionários a respeito do caminho a seguir pela contra-revolução. Os senhores feudais e os agentes do imperialismo na nossa Pátria tratarão de defender-se na luta contra o povo brasileiro com a ajuda das forças mercenárias do governo argentino, se até lá o heróico povo dos Pampas já não tiver corrido ou liquidado para sempre com os agentes do imperialismo, com os Justos e Melos (?).

Os agentes mercenários não poderão sair do pântano das contradições que corroem este regime feudal imperialista. A crise continua a se agravar, as lutas do proletariado e das massas a crescer e o governo será breve uma conquista do povo.

E aos que tombaram, [ilegível] com seu generoso sangue libertador o solo do Brasil, saudemos de punhos cerrados de nossas barricadas do povo, as barricadas da luta pela emancipação nacional e social do país, em marcha para o socialismo.

Outro trecho:

Os dias de novembro ficaram para mostrar do que será capaz o nosso povo na luta pela emancipação nacional do Brasil e pela instituição de seu governo popular e revolucionário. A propaganda e a agitação conscientemente antiimperialista e antifascista da ANL produziu seus primeiros e grandiosos frutos: começou a Revolução Libertadora. A idéia de liberdade e de um governo popular já vai ganhando o povo de todo o país. A idéia da necessidade da insurreição armada se propaga como o fogo em palha seca. Os grandes acontecimentos do Nordeste e do Rio de Janeiro são um indício da extensão e profundidade do sentimento revolucionário consciente das grandes massas populares.

Ao insucesso destas grandes lutas segue-se incontestavelmente o refluxo da reação [riscado: o ódio e o medo]. Mas as grandes massas foram fortemente abaladas, a consciência popular foi despertada. Os dias de novembro educaram revolucionariamente o povo de todo o país mais profundamente que [apagado] propaganda e [apagado].

Qual o significado das grandes lutas de novembro no Nordeste e no Rio de Janeiro? Esta a pergunta que se faz todo o nosso povo e muito especialmente os nacional libertadores de todo o país.

(Rascunho, TSN, Processo nº 1, apreensão à rua Paul Redfern)

89

## CARTA DE LUÍS CARLOS PRESTES

Prezados amigos Caácardo, Sisson, Agildo

Queridos companheiros e amigos

Vão com estas linhas as minhas mais efusivas saudações.

A precipitação dos acontecimentos no Nordeste levaram à precipitação.

As condições particularmente difíceis de nossos companheiros.

Não é este ainda o momento.

Nas condições atuais não é ainda possível discutir as causas e motivos imediatos dos grandes movimentos de novembro. Lamento que a precipitação dos acontecimentos não me tenha dado o tempo suficiente para que diretamente nos entendessemos, mas a luta armada selou definitivamente a nossa união.

(Rascunho, TSN, Processo nº 1, apreensão à rua Barão da Torre, vol. 2)

# *PARTE 4*

## O PCB E AS FORÇAS ARMADAS

# 90

## CORRESPONDÊNCIA DOS QUARTÉIS E DOS NAVIOS PATIFARIA E CANALHISMO!

As praças do contingente da E.M. encontram-se sob um revoltante regime de opressão e exploração. A canalha agaloada, dirigida pelos patifes Zé Pessoa<sup>1</sup> e Ten. Mauro, não satisfeita de desviar para os próprios bolsos vultosas quantias, como a de 107 contos de réis paga pelo M. da G. para as famosas etapas de família dos soldados, agora deixa explorar vergonhosamente aquelas praças pelo indesejável ladrão Amorim, que mantém na Extra uma arapuca onde vende a preços fantásticos gêneros alimentícios completamente podres e de ínfima qualidade, e um boteco onde a falta de higiene é um fato e a mesquinhez é a mais acentuada. Amorim, além de roubar no peso (uma balança adulterada já foi presa pelo major Ruas), no preço e na qualidade, trata as suas vítimas com modos brutos, boçais e humilhantes, tendo-se verificado várias vezes casos de agressões.

E tudo isso com a plena garantia dos lacaios oficiais que percebem das mãos do Amorim magníficas porcentagens e mais favores. O lacao Ten. Mauro, comandante interino da Extra,<sup>2</sup> em vez de zelar pelos interesses dos soldados (obrigação, e não favor, que nenhum oficial cumpre), fiscalizando os preços e a qualidade das mercadorias, inventa um sistema ridículo e irracional de distribuição de vales, obrigando - cúmulo dos absurdos! - os soldados a pagarem adiantado até as xícaras de café ao ladrão Amorim. Esse mesmo tenente, para deixar prevalecerem os seus caprichos de lacao, não vacila em pisar, com cretina arbitrariedade, os direitos dos soldados, como no caso de um certo soldado da Extra, o Paulista, que foi jogado na cela por 30 dias, primeira falta em vários anos de praça, por não ter-se o mesmo subordinado a uma ordem arbitrária do agaloado verdugo, que ainda o ameaçou de o arrebentar no xadrez! O xadrez e as

---

1. Coronel João Pessoa, comandante da Escola Militar.

2. Companhia Extranumerária.

celas estão cheios de soldados! A um certo soldado naquela unidade, um tal de Trombone, que há meses ficou aleijado no maxilar por um coice de burro no serviço da baía, e que ainda vai submeter-se a nova operação em consequência disso, os canalhas de galão não pagaram nem querem pagar a quantia de [ilegível] 500\$000, relativa ao pagamento não efetuado de mais de 3 meses! Até parece que o dinheiro criou asas. A pobre praça tem numerosa família que depende unicamente de seu mísero ordenado. Entretanto, o canalha Zé Pessoa, para comemorar a própria promoção a general (ganha à custa de roubos e patifarias) desperdiça dezenas e dezenas de contos de réis para tomar porres de champanhe com os demais lacaios de sua laia e respectivas amantes. E depois, o novo general, metido a D. Quixote, com cinismo revoltante, ameaça os músicos da Escola que reclamaram justiça contra o ladrão ten. Arsênio - mestre da banda - que roubou mais de 14 contos de réis da Caixa das Economias da música, tendo por cúmplice o mesmo general, ten. Mauro e outros. Diante de todos esses fatos, que se repetem diariamente, com maior opressão, miséria e fome para os soldados da Cia. da Extra da EM, nenhuma ilusão mais, nenhuma confiança na corja de agaloados que nos oprime! Unidos aos nossos irmãos de exploração, os operários, camponeses, marinheiros e soldados de outros quartéis, lutemos pela melhora da nossa vida, pelas nossas reivindicações, contra a canalha de galão que pisa todos os nossos direitos! O PARTIDO COMUNISTA nos mostra o caminho da luta pela nossa libertação e nos dirijirá até a vitória final!

(Artigo na *União de Ferro*, Órgão Central do Partido Comunista (SBIC) nas corporações armadas. Rio de Janeiro, ano VI, nº 147, fevereiro-março de 1934. TSN, Processo nº 1)

# 91

## ENGAJAMENTO PARA TODOS

O Exército está em perigo e com ele o reajustamento! Sargentos, cabos, soldados, oficiais honestos, povo brasileiro! O general Pantaleão Pessoa, chefe do Estado-Maior do Exército, integralista juramentado, começou a destruição do nosso glorioso Exército! Com um espírito reacionário e desumano não permite, por intermédio de um aviso, o engajamento de sargentos e cabos com menos de 10 anos de serviço, nem dos soldados que querem engajar. E chega a tal ponto, que os sargentos que adquiriram promoções na campanha e não puderam tirar o curso, que são centenas, serão rebaixados e excluídos. E diariamente são excluídos companheiros nossos!

Isso representa não só a destruição do Exército, que ficará sem quadros, mas também a entrega da imensa maioria do povo, sem defesa, à sanha de Getúlio, empresas imperialistas, grandes latifundiários e integralistas! Não só isso, mas também lançar centenas de famílias na mais negra miséria, destruir o esforço de centenas de companheiros que em horas de vigília se esforçaram para galgar os postos que ocupam, o esforço que centenas de companheiros fizeram, em rudes combates, para salvaguardar o governo que hoje se volta contra eles! Representa ainda jogar na rua centenas de jovens esperançosos de um grande Exército, de um Brasil grande e livre. E representa ainda pôr em perigo o reajustamento, pois este não consta do novo orçamento da Guerra e um Exército fraco não poderá exigí-lo, como já uma vez foi feito! Eis, companheiros, o que se está passando!

Não permitir a destruição de um Exército nitidamente popular, com lutas memoráveis ao lado do povo, é dever não só de nós militares, mas também das massas populares! No momento em que as potências imperialistas atacam os povos fracos, no momento em que cresce a onda de terror, no momento em que o integralismo e o governo espancam o povo, destruir o Exército é agir com o maior impatriotismo, [sic] é repartir o nosso amado torrão entre os imperialistas, é tirar as poucas liberdades que possuímos à custa de lutas memoráveis! Companheiros, já uma vez fizemos a camarilha dominante ceder, se acovardar com a questão do reajustamento e

atualmente também conseguiremos se, unidos, lutarmos com vontade, com firmeza!  
Companheiros militares, unidos lutemos com firmeza pelos nossos direitos, sem acreditar em tapeações!

Para essa luta, pedimos nós, militares, o apoio concreto da massa que trabalha, que produz, e à população em geral! Pedimos o apoio porque não se trata somente da defesa do Exército, mas também da Nação, do povo e porque só assim venceremos!

O que queremos? QUEREMOS

- QUE NENHUM SARGENTO, CABO E SOLDADO ENGAJADO SEJA EXCLUÍDO DO EXÉRCITO!

- A VOLTA IMEDIATA DE TODOS OS COMPANHEIROS QUE JÁ FORAM EXCLUÍDOS!

- ENGAJAMENTO E REENGAJAMENTO LIVRE!

- ESTABILIDADE DOS SARGENTOS, CABOS E SOLDADOS ENGAJADOS!

- REAJUSTAMENTO PARA OS RECRUTAS!

-.QUE O REAJUSTAMENTO DOS CIVIS VENHA! QUE OS SALÁRIOS SEJAM IMEDIATAMENTE AUMENTADOS!

UM GOVERNO POPULAR NACIONAL REVOLUCIONÁRIO, COM O NOSSO BRAVO COMPANHEIRO LUÍS CARLOS PRESTES À FRENTE!

A COMISSÃO DE SARGENTOS E CABOS

(Folheto para as forças armadas, cerca de junho de 1935, TSN, Processo nº 55)

# 92

## AO EXÉRCITO E AO POVO BRASILEIRO!

Cidadãos!

Querem liquidar o Exército Nacional porque este não pode esquecer suas tradições de luta ao lado do Povo Brasileiro, contra as tiranias de todos os tempos!

É isso o que visa o Chefe integralista do Estado-Maior, General Pantaleão Pessoa, com seu plano de licenciamento obrigatório de 10.000 homens do nosso glorioso Exército, ao mesmo tempo que manda combinar o aumento dos efetivos das Polícias Estaduais e Especiais.

O Exército Brasileiro tem sido o grande fator da Unidade Nacional, tem lutado contra os arreganhos imperialistas com o Marechal de Ferro, tem lutado contra o escravagismo, tem lutado contra a tirania bernardesca e contra as imposições do homem "da madeira". Derramou o sangue de seus melhores representantes nas memoráveis campanhas de 1922, 1924, abrindo o caminho da luta pela libertação nacional do Brasil do jugo da exploração imperialista. Em 1930 novamente derramou seu sangue junto com o de inúmeros populares para que fosse liquidada a tirania e restabelecidas as liberdades políticas dentro de um regime humano. Novamente em 1931, já o Exército em Recife dava o brado de alerta contra a deturpação dos fins da Revolução. Sabem disso os generais integralistas e o Ministro da Guerra e colocando-se ao lado dos exploradores estrangeiros do povo brasileiro, querem desarmar e diminuir o Exército Nacional, para reforçar tropas mercenárias e de assassinos profissionais como o são as polícias especiais!

Esse plano do General Pantaleão e do Ministro da Guerra João Gomes significa atirar na miséria centenas e milhares de graduados, sargentos e praças com menos de 10 anos de serviço. Sem nenhum escrúpulo, querem atirar à sargeta e à mendicância 10.000 brasileiros que deram os melhores anos de sua vida dedicados ao serviço da Pátria! Querem substituí-los por nojentos galinhas verdes, dedicados de corpo e alma a serviço dos Magnatas estrangeiros e ladrões Simonsen, Numa de Oliveira et caterva!

Esse plano é apenas a continuação das arbitrariedades do integralista João Gomes, prendendo diversos oficiais e expulsando sargentos e soldados por terem assistido aos comícios da Aliança Nacional Libertadora. Não querem que o Exército tenha diretos políticos para que não os utilize em benefício do povo e já o fazem espezinhando a Constituição, que nos garante direitos políticos.

É preciso que o Exército se levante como um só homem contra os abusos dessa panelinha de integralistas e defenda com a mesma energia e coragem que já demonstrou em tantas ocasiões, não só seus direitos como cidadãos brasileiros, como os direitos e os interesses de todo o Povo brasileiro oprimido e explorado pelos magnatas estrangeiros!

**Abaixo os planos tenebrosos dos integralistas João Gomes e Pantaleão!**

**Viva o povo e o Exército Brasileiro!**

“Um grupo de Oficiais”

(Folheto para as forças armadas. Cerca de junho de 1935. TSN, Processo nº 74, anexo 1)

# 93

## O EXÉRCITO E A LUTA PELA LIBERTAÇÃO NACIONAL

### PRESTES É O VERDADEIRO CHEFE DAS FORÇAS ARMADAS

Apavorados com o crescimento diário da consciência antiimperialista, antifeudal e antifascista das massas proletárias e populares, de que as forças armadas, como partes do povo, não estão isentas, as camarilhas dominantes, por intermédio do governo de Getúlio e seus paus mandados, mandam vigiar, prender, maltratar, transferir e excluir sumariamente soldados, cabos, sargentos e oficiais, que se manifestam contra o ignominioso regime atual, contra a venda do país e seu povo à ganância imperialista, contra as misérias integralistas, aderindo à Aliança Nacional Libertadora e mesmo pelo simples fato de assistirem comícios populares como o da ANL em Madureira, em desagravo à bandeira nacional e do nome de Luís Carlos Prestes, profanados e insultados pelos "chefes" integralistas. Entre outras violências do mesmo jaez, citaremos ainda o cassamento [sic] da matrícula do major Costa Leite do Curso do Estado-Maior, pelo fato de ser esse brioso oficial membro destacado do Diretório Nacional Provisório da ANL e por suas desassombradas atitudes contra a "Lei Monstro", a favor das forças armadas e do povo em geral.

Enquanto isso acontece contra os aliancistas, os integralistas contam com as simpatias do alto comando e o apoio descarado do governo, como bem o demonstra o massacre popular que os integralistas levaram a efeito em Petrópolis, com armas privadas das forças federais, a transferência de oficiais revolucionários para pontos longínquos do país.

Ciosos das tradições revolucionárias e democráticas das nossas forças armadas, de sua identificação com as massas populares, os dominadores do momento tomam todas essas medidas para evitar a união dos militares com os civis para a luta nacional libertadora, que eles sabem fatal para o término da orgia atual em que vivem à custa do povo laborioso. Entretanto, eles

sabem que essas misérias não seriam praticadas por qualquer militarão, [sic] mesmo dos poucos, felizmente, vendidos aos latifundiários e aos imperialistas através das hostes integralistas, envergonhando a farda do oficialato das nossas forças armadas. Para tal empreitada era preciso, dentre os mais reacionários e lacaios, escolher um a dedo. E Getúlio e seus amos nacionais e estrangeiros encontraram seu legítimo pau-mandado na torpe e sinistra figura de João Gomes, o atual ministro da Guerra, esteio das mais hediondas reações dos últimos tempos, se não integralista "juramentado", pelo menos protetor nº 1 dessa horda de assassinos.

E ele veio calhar para a tarefa. Todo o seu passado o recomenda bem. Ele quer ser o chefe do Exército, mas não passa de simples e repelente chefe dos traidores do Exército.

A grande maioria dos nossos soldados e marinheiros, praças e oficiais, por suas inúmeras manifestações inequívocas, de há muito escolheram seu verdadeiro chefe na figura impoluta e legendária de Luís Carlos Prestes, chefia esta não "enviada do céu", não de um "messias infalível, iluminado", porém conquistada arduamente, através de anos e anos de lutas de armas na mão contra os governos opressores de Epitácio, Bernardes, Washington Luís, Getúlio Vargas, curtindo um doloroso exílio para estar sempre com o Exército, ao lado do povo e contra todos os opressores.

E nesta qualidade, Luís Carlos Prestes, chefe indiscutível da Aliança Nacional Libertadora, não é somente o maior dentre os maiores soldados do Brasil revolucionário, símbolo das tradições revolucionárias e democráticas das nossas forças armadas e do nosso povo secularmente oprimido e explorado, mas sim o chefe desde já. É O CHEFE DO NOSSO EXÉRCITO POPULAR ANTIIMPERIALISTA QUE, JUNTO E À FRENTE DO POVO TODO, ACABARÁ COM O ATUAL SISTEMA FEUDAL-ESCRAVISTA, COM A DOMINAÇÃO ESTRANGEIRA, ATRAVÉS DA INSTAURAÇÃO DO GOVERNO POPULAR NACIONAL REVOLUCIONÁRIO QUE DARÁ ÀS MASSAS PÃO, TERRA E LIBERDADE!

(*União de Ferro*<sup>1</sup>, ano 4, nº 15, Rio de Janeiro, julho de 1935. TSN, Processo nº 1)

---

1. Jornal do PCB para as forças armadas.

# 94

## ABAIXO A HIPOCRISIA DO DIA DO SOLDADO!!!

AOS SOLDADOS, CABOS, SARGENTOS E OFICIAIS INFERIORES HONESTOS DO 1º REGIMENTO DE AVIAÇÃO E DA ESCOLA DE AVIAÇÃO MILITAR! EM PARTICULAR, AOS SOLDADOS E CABOS QUE VÃO TOMAR PARTE NA COMPETIÇÃO ATLÉTICA EM SÃO PAULO!

Companheiros! O grave momento que atravessa todo o país é de lutas de massa contra o decadente estado de coisas reinante e por um governo capaz de quebrar os grilhões que oprimem e humilham o povo brasileiro. Por toda parte, e agora na heróica Mossoró, os operários e camponeses, os soldados e marinheiros, as massas populares em geral, têm demonstrado em lutas valorosas a sua compreensão dos dias que correm e a sua disposição de não mais tolerar a miséria, a opressão, a cínica intromissão do imperialismo na vida do Brasil, a criminosa cumplicidade dos ricos brasileiros na entrega de mão beijada de todas as nossas riquezas e energias aos grandes magnatas estrangeiros! Nós, soldados, cabos e sargentos da Aviação Militar, sofrendo como todas as praças de pré a reação por parte de muitos oficiais e particularmente dos oficiais de outras armas, sendo diariamente vítimas de grandes injustiças, levando uma vida miserável de trabalho durante todo o dia, fazendo ginástica e indo para a instrução militar, nem ao menos temos tempo de ir ao alojamento trocar de roupa, tendo assim de deixar a dita no sarilho ao lado do PAM! Nós somos oprimidos por oficiais como o tenente Aragão, que outro dia nos obrigou a botar perneira para poder entrar no rancho, fazendo voltar todos com fome aos alojamentos! Nós, aos sábados, além da ginástica e da instrução militar, temos que [ilegível], onde os Come Rama vão de pança cheia nos policiar e temos nesse mesmo dia formatura para a leitura do boletim e só vamos almoçar à 1 hora da tarde, enquanto os oficiais almoçam descansadamente às 11 e meia! Nossos companheiros de curso, além de tudo isso, têm aulas uma em cima das outras e sabatina quase todo o dia, para no fim saírem primeiros cabos!

Por tudo isso, companheiros, nós que levamos essa vida infame, não podemos deixar de protestar contra a grande hipocrisia da festa do dia 25, chamado falsamente "dia do soldado" e contra a tal competição atlética a ser realizada nesse dia em São Paulo. O "dia do soldado" significa para nós ordem unida até dizer chega, debaixo de sol, marchar debaixo das vistas do beberrão Come Rama, da corja integralista dos pés de poeira Salvador, Polielo, Paladini, Bragança, Odílio, Torinho etc. O "dia do soldado" é xadrez devido a passo errado e outras mixarias! É o boletim do canalha Ivo Borges e seu parceiro Eduardo Gomes nos chamando de "meus camaradas"! É um bom almoço com porre para os oficiais e a "bóia melhorada" no rancho das praças! Companheiros, protestemos contra essas hipocrisias não demonstrando o menor entusiasmo pela tal festa do dia 25! Erremos de propósito na formatura, para mostrarmos aos nossos opressores que não vamos atrás das suas tapeações! O dia do soldado para nós deve ser aproveitarmos [sic] para mostrar a nossa força e a nossa consciência!

Os companheiros que vão a São Paulo devem ir só para aproveitar o passeio. Nada de se esgotar para ganhar uma medalhinha e dar merecimento ao tenente Coluci, um reacionário de marca, que nunca nos dispensa das partes. Nada de ilusões contra mais esta forma de nos desviar do nosso caminho de luta pelas nossas reivindicações! Aproveitemos para confraternizar com nossos companheiros soldados e cabos de São Paulo. Contemos a eles todas as humilhações que sofremos na Escola e no Regimento. Façamos da comemoração política uma demonstração da nossa consciência de classe!

Companheiros! Aproveitemos o dia 25 para começarmos [ilegível] e das lutas por nossas reivindicações! O nosso dever é nos unirmos à população trabalhadora de todo o Brasil para, juntos, lutarmos pela nossa libertação das garras dos ricos nacionais e estrangeiros, da opressão dos oficiais que esquecem seu verdadeiro papel de defensores do povo e vivem nos oprimindo!

Abaixo os nossos opressores Ivo Borges, Eduardo Gomes, Come Rama, Prata, Salvador, Odílio, Bragança etc.

Neguemos a fazer a física de madrugada no Regimento!

Esculhambemos o canto orfeônico até acabar com ele.

Limpemos nossos fuzis para a luta pelo Governo Nacional Popular Revolucionário com o nosso companheiro Luís Carlos Prestes à frente!

Todo o poder à Aliança Nacional Libertadora!

VIVA O PARTIDO COMUNISTA DO BRASIL!

Uma célula do Partido Comunista nas forças armadas.

(Folheto para as forças armadas, agosto de 1935, TSN, Processo Belens Porto, vol. 2)

# 95

## SOLDADOS DE INFANTARIA, SOLDADOS DE TODAS AS ARMAS, MILITARES EM GERAL!

Companheiros! O ano de 35 surge com lutas memoráveis do proletariado, dos camponeses, do povo brasileiro por mais liberdade, por suas melhorias pisadas pelo governo de Vargas. Para nós militares surge João Gomes, o fascista ultra-reacionário, o gravata de couro que expulsa soldados e sargentos pelo simples fato de assistirem um comício da ANL em desagravo à bandeira nacional e a Luís Carlos Prestes; prende os oficiais que lutam por mais liberdade, pelos seus direitos políticos assegurados pela Constituição e destruídos pelo célebre aviso 98, desse integralista famigerado.

Mas contra essas arbitrariedades e absurdos se levantam nas fábricas, nos campos, quartéis e navios a massa que tem fome, que não tem liberdade, clamando por ela. Nós, soldados, que somos operários e camponeses armados, podemos lutar com mais vantagens por nossas melhorias e essa foi uma das causas do nosso aumento e podemos e devemos auxiliar os nossos irmãos que estão desarmados a lutarem por seus direitos e por um governo Popular Nacional Revolucionário, com Luís Carlos Prestes à frente, e que nos dará Pão, Terra e Liberdade.

Nesse momento, João Gomes, com Pantaleão Pessoa, o integralista juramentado, quer diminuir os efetivos do nosso glorioso Exército de 10.000 homens, embora aumente as polícias especiais e milícias integralistas, e isso já está fazendo com a exclusão de vários sargentos e soldados engajados, deixando-os na miséria. E não é só isso que pretende fazer, pois deseja incluir nas fileiras grande número de integralistas. Isso representa querer transformar o nosso glorioso Exército, com lutas memoráveis em defesa das liberdades do povo, em um Exército mercenário, cheio de integralistas indesejáveis, agentes do imperialismo.

A isso nos devemos opor de qualquer maneira!

Companheiros, mas também nesse momento de misérias, de descontentamento, de lutas,

surge mais um órgão ao lado de *Asas Vermelhas*, da *União de Ferro*, da *Classe Operária* e que com eles será mais uma voz de protesto, uma voz de esclarecimentos, de ensinamentos para a luta, para sua organização e desencadeamento; mais uma voz que dirá a verdade sobre os oficiais reacionários, os exploradores nacionais e estrangeiros, os integralistas, e mostrar quais são os verdadeiros patriotas, os que querem uma nação livre, governada por brasileiros!

Infante, vós pertenceis à rainha das armas, sois os que mais sofreis em guerras e golpes provocados pelos magnatas, mas também para as lutas, para a revolução, sois a garantia da vitória ao lado do povo! Devemos mostrar aos ricos nacionais e estrangeiros, a Getúlio, ao gravata de couro João Gomes, que sabe nos lutar lado a lado com o povo explorado e tolhido em suas liberdades, que sabemos junto com eles derrubar Getúlio e implantar um Governo Popular Nacional Revolucionário, com o nosso bravo companheiro que nunca nos mentiu, Luís Carlos Prestes!

Militares, desencadeemos lutas pelas nossas melhorias, por mais liberdade, por um Governo Popular Nacional Revolucionário, que nos dará Pão, Terra e Liberdade!

**TUDO O APOIO MATERIAL E MORAL AO INFANTE VERMELHO!**

(Um soldado)

(Artigo de *O Infante Vermelho*, órgão de uma célula do Partido Comunista do Brasil nas forças armadas. Ano 1, nº 1, agosto de 1935. TSN, Processo Belens Porto, vol 2)

# 96

## APERTO DA DISCIPLINA E OPRESSÃO NOS QUARTÉIS

Com a saída do abono, quisemos conhecer de perto a impressão de nossos companheiros das diferentes unidades sobre o mesmo, bem como de que maneira este se refletia na vida interna da caserna.

Com este intuito, estivemos palestrando com alguns militares os quais, pode-se dizer, sem exceção, foram unânimes em afirmar que com o abono veio um tal aperto do serviço, tanta disciplina, tanta opressão, tanto trabalho, que quase não deu para compensar, incluindo ainda o aumento do custo de vida que está se tornando cada vez maior. E que dentro em breve, é possível que o que se comprava com 21\$000 talvez não se possa comprar com 60\$000. E que além disso foi injusto em parte, porque os soldados do 1º tempo não o tiveram. Um dos companheiros ainda nos disse: “antes do abono nós tínhamos as tardes de quartas e sábados livres e hoje nem a isso temos mais direito, pois somos obrigados a ficar no quartel até as 4, 4 e ½ da tarde. E nem sequer temos mais direito de ir ao Mangue”.

De outro, soubemos coisas interessantes do gravata de couro João Gomes, pois afirmou que o mesmo dissera o seguinte, ao referir-se às últimas expulsões havidas: “Enquanto houver vacas no Norte, não faltarão soldados para o Exército”.

Um outro nos falou do aperto considerável das instruções, assim, no Btl.<sup>1</sup> Escola, tem se desenvolvido de tal maneira que são freqüentes os exercícios à noite e que saem do quartel todas as manhãs às 6 horas, com um mingüado café da pior espécie e que somente voltam às duas, três horas da tarde para almoçar. Ainda por cima, maltratados por um tal aspirante Saião, que diz freqüentemente: “Vocês vieram do Norte somente com uma trouxa amarrada às costas, entretanto, só sabem reclamar, sem cumprirem as suas obrigações e deveres”.

---

1. Batalhão.

No Batalhão de Transmissões, passam-se fatos irritantes. O Coronel João Gomes, o velho decrépito e cheio de hemorróidas, aperta extraordinariamente o serviço, não deixando quase folga aos soldados, cabos e sargentos.

Nos últimos treinamentos para a parada de 7 de setembro, chegou a dar 3 horas de instrução de Infantaria, sem um descanso, e isso diariamente.

E essas arbitrariedades se fazem sentir de uma maneira acentuada no 2º RI, onde domina absoluto o célebre coronel Newton Cavalcanti, que durante o golpe passado obrigava, de revólver em punho, aos soldados carregar canhões para cima de morros.

E esse patife é hoje integralista, e nos humilha todo o dia, chegou ao cúmulo de arrancar todo o Regimento. E como o rancho não dá para todos, os sargentos recebem bóia de marmitas, e há poucos dias esse coronelão disse a seus oficiais, referindo-se aos inferiores: "Assim é que vocês devem tratar essa cambada".

E não para aí, pois exige um esforço considerável de nós todos, emenda instruções estafantes, absurdas e nos prende por qualquer motivo. É tão arbitrário que ultimamente, por ocasião do aparecimento de vários boletins dentro do quartel, que aliás causaram excelente impressão no meio da tropa, mandou revistar acintosamente todos os armários, sem o menor respeito por nós. Que tem que ver esse integralista nojento com o que nós temos guardado? Ele não tem direito de mexer no que é nosso. Mas ele que fique sabendo que saberemos responder à altura.

De todos esses fatos e de outros que se dão diariamente nos quartéis e que continuamente denunciaremos pelas nossas colunas, podemos ver claramente o resultado do abono.

Um bem chega sempre acompanhado de vários males.

Mas esses males nós terminaremos, se mostrarmos com lutas decisivas a nossa repulsa por eles.

O abono conseguimos com lutas.

Com lutas terminaremos todos esses absurdos, toda essa humilhação e opressão.

(Artigo de *O Infante Vermelho*, órgão de uma célula do Partido Comunista do Brasil nas forças armadas. Ano 1, nº 1, agosto de 1935. TSN, Processo Belens Porto, vol. 2)

# 97

## ABAIXO A REAÇÃO! A TODOS OS MILITARES DA AVIAÇÃO

A distribuição de boletins em muitos quartéis desmascarando toda a hipocrisia do “Dia do Soldado”, serviu de parte para a canalha reacionária de generais, coronéis e lacaios desencadearem o mais podre e covarde ódio de classe sobre a massa dos soldados, cabos e sargentos!

Na Aviação Militar, em particular na Escola, a reação, tateando no escuro, não tendo por onde pegar, caiu em cima de dezenas de praças, pelo motivo apenas dos mesmos estarem tirando serviço de 24 para 25. Nossos companheiros foram mandados para o xadrez e depois levados na presença do repelente cão de fila Come Rama, para responder inquérito debaixo da maior opressão. O corneteiro do dia disse que tinha visto um homem botando boletins: “Seu capitão, não sei se era soldado, sargento ou oficial. Era assinzinho como o senhor. Magro, cumprido, louro, vermelho”. Come Rama ficou safado. Passaram o dia todo chamando gente. Foi gente assim, que nem era vida. A massa, que cumpriu na exata a nossa palavra de ordem de esculhambar a festa de opressão e hipocrisia, comentou o dia inteiro a festa, os boletins e o inquérito. Só se ouvia dizer: “Chi, está uma bunda danada!” E todo mundo se ria.

No fim de tudo, companheiro, não se apurou nada. Desenganados de arranjam qualquer coisa com o tal inquérito, Ivo Borges, Come Rama, Salvador, Bragança, Odílio, Melanide, Guaicurú, toda a cambada integralista vendida aos exploradores do povo brasileiro, organizaram um grande plano para pegarem os comunistas e acabar com essa praga dentro da Aviação. Este plano, companheiros, é mais um canalhismo que está sendo despejado sobre toda a massa, a fim de serem expulsos nossos companheiros mais revoltados. É um plano de mais opressão, mais xadrez, mais instrução, mais cantoria orfeônica, mais humilhações! Tem também uma parte secreta que todo o mundo já sabe. Chamam 5 tiras da Ordem Social para andar farejando dentro do quartel,

como se ninguém logo não visse o que eles são. Os espões do porco serviço de espionagem que todo mundo conhece foram mandados vigiar a Escola, principalmente depois do expediente. As escadas de todas as Cias. estão vigiadas. Finalmente, os cães vira-latas da reação foram todos mandados ficar de orelha em pé, desde Ivo Borges e Come Rama até Odílio, Guaicurú e Bragança!

Camaradas. O PARTIDO COMUNISTA DO BRASIL, o nosso Partido, o partido que luta dia e noite pela nossa libertação da vida de cachorro que levamos nos quartéis, pela libertação de todo o povo brasileiro das garras do imperialismo estrangeiro e dos grandes fazendeiros, sempre cuspiu e cospe na cara da reação e de todos os seus planos terroristas. Vivendo oprimidos e explorados como toda a massa dentro da caserna, das fábricas e no campo, lutando debaixo da mais sangüinária ilegalidade, nós comunistas NÃO RECUAMOS UM SÓ PASSO DIANTE DA CARETA PUSTEMADA [sic] DA REAÇÃO POLICIAL E INTEGRALISTA! Dispomos aos maiores sacrifícios para libertar nossa Pátria escravizada das unhas dessa camarilha tripa forra à custa da miséria do povo trabalhador, boçal, ignorante, incapaz, viciada, exploradora!

No momento atual, quando em todo o país se agrava a situação de fome, miséria, doença e escravidão das massas populares, quando toda a população se levanta para derrubar o podre regime em que vivemos, chamamos toda a massa de soldados, cabos, sargentos e oficiais inferiores honestos a se mobilizar contra os arreganhos dos exploradores do povo e seus lacaios militares!

Companheiros! Aproxima-se a hora dos combates decisivos!

Vamos todos unidos ao caminho revolucionário de luta por PÃO, TERRA e LIBERDADE!!!

Lutemos de armas na mão pelo GOVERNO NACIONAL POPULAR REVOLUCIONÁRIO!!

Todo o poder à ALIANÇA NACIONAL LIBERTADORA, organização de frente única pela libertação nacional!!!

Viva o PARTIDO COMUNISTA DO BRASIL (seção da IC).

#### Uma célula do PCB nas forças armadas

(Folheto às forças armadas, setembro de 1935. TSN, Processo Belens Porto, vol. 2)

# 98

## **ABAIXO A REPRESSÃO! AOS OPERÁRIOS E CAMPONESES! SOLDADOS E MARINHEIROS! A TODA A POPULAÇÃO TRABALHADORA! AOS MILITARES DA AVIAÇÃO EM PARTICULAR!**

Companheiros! As humilhações diárias a que nos submetem na Escola de Aviação Militar continuam cada vez mais negras!

Chefiados por Ivo Borges, pelo canalha integralista Come Rama, pelo integralista cap. Salvador, que vive falando sozinho, eles têm um auxiliar eficaz no tenente Odílio. Este indecente, companheiros, prestem bem atenção, outro dia na instrução de tiro ESBOFETEOU UM SOLDADO só por este ter feito mal uma pontaria e BATEU COM O APITO NA CARA DE OUTRO!!! Este covarde vive dizendo que está acostumado a MATAR SOLDADOS!!!

Isso é o cúmulo! Nós não devemos permitir! Um soldado brasileiro não é um cachorro, é um homem! Devemos mostrar isso ao tenente Odílio na primeira ocasião, à nossa moda. Nós não vivemos mais no tempo da escravidão! Devemos é dar uma boa coça nesse covarde que se atreve a encostar a mão num soldado, num companheiro nosso, prevalecendo dos seus imerecidos galões!

O capitão Come Rama, integralista juramentado, sub-comandante contra o regulamento por obra e graça dos reacionários, anda aliciando espíões em todas as companhias, admitindo tiras da ordem social como bedéis dos cursos militares. Esse vil indivíduo, o maior opressor que já houve na Aviação, prendeu um sargento por vinte dias só por ter chegado na física na hora da

chamada, e vem prendendo diariamente soldados, cabos, sargentos, pelas menores coisas!

O capitão Salvador, outro nojento integralista, apresenta na Extra a maior reação possível, mantendo também espíões na companhia e ameaçando aqueles que não querem servir a esse papel tão baixo e traidor.

Companheiros! Em vista de todos esses fatos devemos nos unir e organizar nossas lutas todos juntos, orientados pela palavra sincera de combate do nosso amigo, do nosso guia, o PARTIDO COMUNISTA DO BRASIL!

A hora da nossa libertação está cada vez mais perto, companheiros! Toda a população trabalhadora e oprimida do Brasil se levanta heroicamente para derrubar o podre regime dos nossos exploradores e opressores! Unamo-nos ao povo laborioso, confraternizemos com ele em suas lutas! Organizemos desde já protestos coletivos contra Ivo Borges, Come Rama, Salvador e outros! Exijamos o nosso aumento! Limpemos os nossos fuzis para lutarmos pelo Governo NACIONAL POPULAR REVOLUCIONÁRIO, com o nosso companheiro LUÍS CARLOS PRESTES à frente! Este governo é o único que respeitará os nossos direitos e nos dará PÃO, TERRA e LIBERDADE!

Uma célula do PARTIDO COMUNISTA nas forças armadas.

(Folheto às forças armadas, setembro/outubro de 1935. TSN, Processo Belens Porto, vol. 2.)

# 99

## MILITARES! REAJAMOS CONTRA A FASCISTIZAÇÃO [sic] DO EXÉRCITO NACIONAL!

O governo colonial de Getúlio, obedecendo as ordens de seus amos imperialistas, está fascistizando [sic] o Exército Nacional. Para isso colocou como ministro da guerra um decrepito integralista "Jumentado" e nos altos postos de comando os sigmóides Pantaleão Pessoa, Meira Vasconcelos e Newton Braga, velhos ladrões, como todos os chefes integralistas que formam a quadrilha chefiada por Plínio Tomboleiro. João Gomes, o traidor da Pátria querendo, ainda, mascarar-se de "disciplinador" - despistamento - mandou prender por 15 dias o comparsa Newton Braga que teve a coragem de despir a farda do Exército Nacional para vestir a camisa verde-oliva, característica dos veados e ladrões. Na realidade, o Cel. Galináceo está passando férias no 3º RI.

Companheiros! O fascismo é a ditadura dos imperialistas, dos capitalistas, dos opressores contra os oprimidos. É a forma mais sangrenta da reação. O integralismo, nome nacional do fascismo, é o exemplo que temos dentro de casa. A sua frente estão: Epitácio Pessoa, inimigo nº 1 do Exército Nacional, conde Modesto Leal, Guinles, Simonsens, Numa de Oliveira e Witakers, latifundiários e agentes do imperialismo. No regime fascista-integralista o Exército Nacional desaparecerá e será substituído pela milícia fascista-integralista, como aconteceu na Itália de Mussolini e na Alemanha de Hitler. Nesse sentido, os primeiros passos já foram dados pelo governo de traição de Getúlio Vargas. Polícias especiais, compostas de fascínoras, com ordenados fabulosos de 600 a 800 mil réis, armados até os dentes, foram criadas e outras estão sendo organizadas nos estados. Enquanto isso, preparando terreno, o governo fala em reduzir o efetivo do Exército Nacional, a título de economia, ameaçando jogar na miséria milhares de sargentos, cabos que estudaram com sacrifício e soldados.

Colegas soldados, cabos, sargentos, sub-oficiais e oficiais, a soberania nacional nunca existiu, foi sempre uma mentira, porque o Brasil nunca foi independente. Não pode haver independência política onde há dependência econômica. E agora que nos atiramos à luta, organizados pela ANL, pela independência do Brasil, pela soberania nacional, pela independência econômica e conseqüentemente política, os mastins dos imperialistas, à frente Getúlio, Rao e João Gomes, pretendem, com a cortina de fumaça da "disciplina", impedir-nos de examinar a situação nacional e dizer nos jornais que existe um coronel americano chamado Huston que apregoa a divisão do mundo entre os chacais imperialistas - Inglaterra, Estados Unidos, Alemanha, Itália, Japão e França - em que o Brasil é a presa mais cobiçada, e que um Lord inglês freqüentador assíduo do Palácio do Catete, chamado Parthwaite, pede um protetorado para o Brasil por tempo indeterminado. Não! Basta de safadezas e traições! A "disciplina" que nos querem impor é, ao mesmo tempo, a escravidão e traição ao Brasil!

Camaradas! Não desprezemos os oficiais que querem lutar conosco, concreta e sinceramente pela redenção do Brasil. Mas os oficiais que sob a capa da "disciplina" e da "ordem" nos oporem obstáculos, fazendo o jogo dos imperialistas, não vacilemos, fuzilemos a todos, são traidores da Pátria. Nós somos a força e ninguém nos vencerá. Ergamos as nossas armas aos gritos de Independência ou Morte, abaixo o imperialismo e o latifúndio, abaixo o integralismo, pela organização de um Governo Popular Nacional Revolucionário com Luís Carlos Prestes à frente. Único caminho para a salvação do Brasil!

#### UM GRUPO DE SOLDADOS

(Folheto às forças armadas, distribuído entre setembro e outubro de 1935. TSN, Processo nº 230)

# 100

## MILITARES! REAJAMOS ÀS ORDENS ABSURDAS DE JOÃO GOMES!

João Gomes, sob a capa da disciplina militar, vem pondo em execução as ordens de seus amos imperialistas que, diante do rápido desenvolvimento da ALIANÇA NACIONAL LIBERTADORA e da nossa atitude decidida apoiando nossos irmãos paisanos que lutam corajosamente contra toda reação fascista, pela libertação do Brasil, exigiram do governo colonial de Getúlio o fechamento daquela organização popular de frente única, o afastamento dos oficiais revolucionários dos comandos das tropas e a expulsão de sargentos, cabos e soldados que se colocam ao lado do povo.

Quando a ANL era ainda legal e o governo antipopular e antibrasileiro de Getúlio não a tinha declarado extremista, já o ministro de defesa dos interesses imperialistas da colônia Brasil havia punido com prisão vários oficiais e expulso do Exército sargentos, cabos e soldados que tinham tomado parte em suas reuniões, alegando que eram reuniões extremistas. A ANL é extremista para o ministro da Guerra fascista porque combate o imperialismo que nos escraviza e impede o desenvolvimento industrial do Brasil, para continuar a nos vender os artigos manufaturados com as nossas matérias primas. O Brasil é o país mais rico do mundo em matérias primas. É o primeiro na produção de ferro, de manganês, de borracha, em fibras para tecelagem, em algodão e tem petróleo e carvão suficientemente. No entanto, nós importamos tudo isso, o ferro e a borracha manufaturados, a gasolina, o querosene e o carvão e etc... A ANL é extremista para o zelador dos imperialistas porque bate com o latifúndio - a grande extensão de terra na mão de um só indivíduo, este cancro da lavoura no Brasil. A ANL é extremista para o ministro da "Intelligence Service", polícia internacional dos imperialistas, porque é contra o pagamento das dívidas externas, já pagas e repagas.

Para com o integralismo - brigada de choque dos imperialistas, que pretente substituir o

Exército Nacional - o "disciplinador" se esquece da disciplina e fecha os olhos para as atividades dos galinhas verdes dentro do Exército. O caso do Cel. sigmóide Newton Braga, que está respondendo a um processo de roubo praticado quando andou lá pela Aviação, é um exemplo. Chamado pelo dito, despistamento, para prestar esclarecimentos sobre uma entrevista que dera a um vespertino "independente" a respeito da doutrina dos "princípios", satisfaz a "severa" com uma negaça.

E o caso do comandante da Escola Militar, mandando incluir, cacarejante, um livro integralista do Gustavo na biblioteca da Escola? O que aconteceu ao comandante? Foi nomeado sub-chefe do Estado-Maior do Exército. Colegas, o nosso lema deve ser: PÃO, TERRA E LIBERDADE.

PÃO, sim! Com pão mataremos a fome de nossos filhos. TERRA, sim! Com a terra teremos a nossa pátria livre. LIBERDADE, sim! Com a liberdade nós abraçaremos o culto que quisermos.

Colegas, soldados, cabos, sargentos, suboficiais e oficiais revolucionários, nosso lugar é ao lado do povo. Desse povo que sofre e passa fome, que vê os seus lares invadidos pela polícia da desordem social, que vê seus sindicatos invadidos e depredados. Esse povo não pode esperar mais, ele vai para a rua, para as barricadas e conta com o nosso apoio para organizar um GOVERNO POPULAR NACIONAL REVOLUCIONÁRIO, COM LUÍS CARLOS PRESTES à frente. LUÍS CARLOS PRESTES é o nosso comandante! APOIEMOS, POIS, AS LUTAS DOS NOSSOS IRMÃOS PAISANOS, DESDE A GREVE ATÉ À INSURREIÇÃO.

(Folheto às forças armadas, distribuído entre setembro e outubro de 1935, TSN, Processo Belens Porto.)

# 101

## EMPREGUEMOS NOSSAS ARMAS EM DEFESA DO POVO! LUTEMOS CONTRA AQUELES QUE NOS OPRIMEM E EXPLORAM!

Até aqui só temos sido considerados pelos privilegiados como animais irracionais. Dizem eles: "Soldado é apenas escravo do dever; somente. Não é cidadão..."

Que espécie de dever tão falado será esse com que nos transformam, antes de tudo, em imbecis, em bestas de carga? É revoltante tal submissão a que nos obrigam as camarilhas dominantes. Somos soldados, sim, operários de farda, mäs não devemos permanecer de braços cruzados quanto ao direito de uma existência digna de ser humano. Lutemos por uma vida melhor. Não devemos nos conformar jamais com exigências idiotas, coisas do atraso da plutocracia vendida ao imperialismo que nos reduz à triste condição de cães de fila, como se nada compreendêssemos. Vestimos farda para servir ao povo ao qual pertencemos. Dele recebemos os nossos vencimentos, por intermédio de meia dúzia de canalhas que nos roubam antes que estes cheguem às nossas mãos.

Lembremo-nos que as nossas famílias e parentes são operários e camponeses e que para tal gente devemos nos sacrificar com orgulho e não para quem nos oprime e avilta.

Eis alguns fatos: o rancho que nos servem nos quartéis é ainda péssimo e insuficiente. Por que existem insultuosamente 3 pratos diferentes, um para oficiais, um para sargentos e o pior, o rebutalho, [sic] para nós, soldados? Por que? Os organismos ou estômagos são diferentes? Somos, então, suínos? Os uniformes custosos, recebemos "jegues" e imprestáveis, como se na corporação não houvesse alfaiate. Por que? Porque essas alfaiatarias só servem aos privilegiados. Uma escala de serviço, tirana e diária, quando poderia ser semanal e justa para todos. Por que? Para nos

estafar e aniquilar, e só superiores, agaloados, sem a devida moral e cultura, nos exploram e nos avacalham como se fôssemos seus cães. Por que isso? Dizem que somos sem-vergonhas...

Já chegou a nossa ocasião. Protestemos, e se não formos atendidos em nossos direitos, revoltemo-nos, porque já chegamos ao extremo.

Tornemo-nos amigos sinceros e resolutos dos nossos irmãos operários e camponeses que estão lá fora à nossa espera, confiando em nossas armas. As armas que estão em nossas mãos devemos pô-las a serviço deles. Mas, nós somos os que conhecem o seu manejo e é por isso que eles confiam em nós.

Nos comícios em que comparecermos para massacrar o povo, a mando dos lacaios do capital estrangeiro, confraternizemos com os nossos irmãos de classe que são explorados como nós.

Defendamos os oradores do nosso Partido, o Partido Comunista, e qualquer orador que esteja a serviço do povo.

Um soldado da Polícia Militar.

(*União de Ferro*. Rio de Janeiro, ano VI, nº 153, novembro de 1935. TSN, Anexo ao Processo nº 1)

# 102

## **PELA INTEGRIDADE DOS NOSSOS EFETIVOS, AVANTE! COMPANHEIROS DE TODOS OS QUARTÉIS, NAVIOS E DIVISÕES!**

Todo o bravo Povo do Brasil desperta neste momento empolgado pela sua consciência nacional e antiimperialista e revoltado ao ver as riquezas do nosso País e nós mesmos vítimas dos apetites sem limites e das façanhas bandoleiras de uma corja de tristes aventureiros internacionais que - protegidos pela égide ferruginosa do poder das suas leis e do ouro - nos exploram e oprimem como mais lhes convier!

Os feitos heróicos dos valentes lutadores da revolta Praieira, dos Palmares, dos Balaio, dos Cabanos, dos Canudos, da Independência, da Abolição, da República, dos marinheiros de João Cândido, dos 18 de Copacabana, da Coluna Invicta, do Couraçado São Paulo, da arrancada de 30, dos levantes de Piauí e Recife, de Itaquí Vermelho, de Mato Grosso, da brava mocidade de 32 e outros magníficos movimentos em prol da Liberdade e da Justiça, que escreveram páginas legendárias e épicas na História máscula do País, não se apagaram não do coração macho do Povo, isto é, das massas laboriosas e populares brasileiras.

Elas agora marcham conscientes e destemidas para a **INSURREIÇÃO ARMADA** pela **LIBERTAÇÃO NACIONAL** do Brasil contra a exploração imperialista e contra a reação bárbara das camarilhas dominantes e pela instauração imediata de um **GOVERNO POPULAR NACIONAL REVOLUCIONÁRIO COM LUÍS CARLOS PRESTES À FRENTE**, único que nos poderá garantir **PÃO, TERRA E LIBERDADE!**

Os bandoleiros de cartolas e bordados, marca Getúlio, Rao, Sales, João Gomes, Pantaleão Pessoa e outros espoletas hediondos a serviço dos ricaços estrangeiros, traidores da gente de sua

própria terra, tremem de medo prevendo seu próximo fim e seu julgamento pelo Tribunal Justiceiro do Povo vingador! Esses maus brasileiros, responsáveis e cúmplices do estado presente de descabro do nosso País, em desespero de causa aumentam suas sanhas reacionárias, sangüinárias contra as massas populares cansadas de algemas e sedentas de Justiça e de Liberdade!

A sanha amarela de bile desses nojentos se abate cega sobre os elementos são da coletividade nacional, tentando liquidá-los. Mas em vão! A despeito das leis monstro, das prisões, das deportações, dos assassinatos, das brigadas de choque, das policias especiais e dos bandos assassinos do integralismo, as massas laboriosas e populares marcham, marcham sempre para a frente na execução da sua missão Revolucionária e Libertadora!

A Aliança Nacional Libertadora, que arregimenta em suas indômitas fileiras os brasileiros honestos e dignos, é a bandeira do Povo Novo do Brasil, do Povo que odeia a exploração, que odeia a escravidão! Sob essa bandeira ventilada pelo bravo chefe da Coluna Invicta Luís Carlos Prestes, milhões de brasileiros se movimentam nessa hora, de Norte a Sul, através de formidáveis e combativas greves e lutas armadas. Sob essa bandeira, que reflete as aspirações imediatas de 45 milhões de brasileiros coagidos pela reação, pela ladroeira e pela fome se mobilizam também todas as FORÇAS ARMADAS do país inteiro, Exército, Marinha, Forças estaduais e municipais, filhos do Povo e a cujo lado estão prestes a marcharem por um BRASIL FORTE, UNIDO E LIVRE.

A camorra dominante sabe disso e eis porque quer reduzir os efetivos das nossas forças armadas, começando desde já com o Exército Nacional e acabando com as Forças estaduais que serão substituídas pelos bandos integralistas, por brigadas de choque, por policias especiais, enfim, por assassinos profissionais prontos a metralharem o nosso Povo que se desperta com uma consciência nova, nacional e humana.

Companheiros! A redução dos nossos efetivos obedece a uma torpe manobra fascista de maus brasileiros vendidos de corpos e almas aos abutres ricos estrangeiros que cobiçam a posse total de nosso País. Eles só têm interesse em ver o nosso país industrial e moralmente arrasado, o nosso povo ignorante e escravizado! Eles só têm interesse em ver o nosso Brasil militarmente fraco, isto é, as nossas forças armadas substituídas por lacaios que lhes obedecem, cegos pelos 30 dinheiros de Judas ou mesmo por inconsciência. Aí temos os exemplos da China, Manchúria, Chaco e, atualmente, a Absínia!

Companheiros! Nós do Exército, da Força Pública e da Guarda Civil não podemos permitir tamanhos crimes contra a integridade nacional do nosso Brasil e contra os direitos do Povo brasileiro de que fazemos parte ativa. Nada de ilusões! O nosso dever imediato é lutar unidos

pela integridade das nossas forças armadas cujas reduções, além de serem perigosíssimas ao País, são prejudiciais a nós mesmos, que iremos aumentar o exército dos desempregados, por conta da miséria e da fome.

Alerta! Os nossos carrascos estão tentando mil e um meios para criar animosidade entre nós do Exército, da Força Pública e da Guarda Civil para que não nos unamos! No caso atual estão dando ilusão a nós outros da FP, através do aumento de armamento e da formação do Batalhão de Guardas, que a nossa estabilidade está garantida...

Nada de ilusões! Isso é uma manobra canalha para assegurar-nos e lançar-nos contra os nossos companheiros do Exército. O mesmo está se dando com nós, da Guarda Civil. Rejeitemos essas provocações e tapeações! Se nós não lutarmos de fato e unidos seremos substituídos pela corja integralista!

Companheiros! Lutemos contra toda tentativa fascista de redução dos nossos efetivos!

Mobilizemo-nos todos, ombro a ombro com o Povo, pela instalação no Brasil e um Governo Popular Nacional Revolucionário com Luís Carlos Prestes à frente!

Unamo-nos todos sob a bandeira de combate da Aliança Nacional Libertadora, que não é um partido, mas sim a frente unida de todos os comunistas, socialistas, perrepistas, situacionistas, católicos, protestantes, mações [sic], ateus, espíritas, negros, índios, brancos, enfim, de todos os elementos sinceros e dignos da nossa coletividade nacional que aspiram a um regime de Pão, Terra e Liberdade que emancipe o nosso País da tutela dos ricos estrangeiros, da praga do latifúndio e da peste integralista!

Companheiros!

Alerta! Os inimigos do povo brasileiro, os lacaios dos nossos opressores, com o imundo Pantaleão Pessoa à frente, tentam desagregar as nossas forças armadas para assim melhor enfraquecê-las em proveito dos bandos integralistas e dos planos de rapina dos seus patrões!

Rechassemos de nossos meios esses poltrões e vendidos!

Entre os militares de todas as corporações não pode existir desagregação alguma, pois todos nós necessitamos de uma união de ação para levarmos à frente, com eficiência e entusiasmo, a missão revolucionária pela LIBERTAÇÃO NACIONAL DO PAÍS!

É o nosso dever!

SENTINELA VERMELHA

(*Sentinela Vermelha*, ano I, nº 6, São Paulo, novembro de 1935. TSN, anexo ao Processo nº 1)

# 103

## SOLDADO DO BRASIL! LEIA ISTO QUE TE INTERESSA!

A situação que atravessa o Brasil precisa da atenção de todos os seus filhos.

E destes, certamente, os soldados são os mais queridos.

E quem são os soldados?

São trabalhadores pobres, filhos de camponeses que nasceram entre privações e penúrias de seus pais. Ou são operários que embora se esforçassem o dia inteiro para fazer a fortuna de seus patrões, recebiam salários miseráveis que nem davam para matar a fome!

E se entraste para o quartel foi para escapar a esta miséria que vês em torno de ti, apesar da vida apertada da caserna.

E quando entraste para o quartel ouviste sempre dizer que ali estais para defender a Pátria.

Porém, onde está esta Pátria, que engorda alguns de seus filhos enquanto outros permanecem na mais negra miséria, sem escolas, sem conforto, sem estradas, analfabetos?

Lá também escutas falar em liberdade, "patriotismo", "democracia" e outras palavras difíceis, que não compreendes, enquanto que te mandam atirar contra teus irmãos trabalhadores quando estes protestam contra a fome, a miséria e o minguado salário!

Soldado! Enquanto mandam para a rua milhares de camaradas teus que vão ficar na miséria, sob o pretexto de economia, aumentam extraordinariamente as polícias nos estados, criam polícias especiais armadas até os dentes.

Estas polícias são para defender a Pátria?

Não, são para atirar contra o povo quando este reclama mais pão, mais trabalho e mais liberdade!

Soldado do Brasil! Nunca atires contra teus irmãos que nas ruas, nas fábricas, nas fazendas reclamam contra a exploração de que são vítimas, lembra-te que tens um irmão ou irmã em casa que é operário, é camponês ou é trabalhador que está passando necessidades.

Só há um meio para sair dessa situação, é apoiares um governo popular, um governo que acabe com a exploração dos trabalhadores, dos pobres pelos ricos, dos humildes pelos poderosos.

Unindo os teus esforços aos dos heróicos trabalhadores que lutam pela sua melhoria, será possível o estabelecimento deste governo.

Soldado! Abrace teus irmãos trabalhadores do Brasil!

VIVA O GOVERNO POPULAR NACIONAL REVOLUCIONÁRIO

VIVA LUÍS CARLOS PRESTES!

TRABALHADORES DE TODO O BRASIL - UNI-VOS!

(Folheto às forças armadas, apreendido em Mato Grosso, antes de ser distribuído aos corpos da 9ª RM, novembro de 1935. TSN, Processo nº 1 - Escola de Aviação Militar)

# 104

## PROCLAMAÇÃO REVOLUCIONÁRIA AO BATALHÃO DE GUARDAS

Aos companheiros do Batalhão de Guardas:

Luís Carlos Prestes, único chefe dos soldados do Brasil, chefia movimento popular nacional revolucionário! Todo o RI em nossas mãos. Não atirem em seus companheiros, os soldados do Brasil que querem Pão, Terra e Liberdade! Queremos uma Pátria livre das mãos dos agiotas e das camarilhas getulistas que querem nos matar à fome, reduzindo o Exército, cortando-nos salários, mantendo o povo na maior miséria e ignorância. Ajudem-nos a expulsar do poder os vendilhões do Brasil e venham conosco implantar o Governo Popular Nacional Revolucionário, com Luís Carlos Prestes à frente!

Pelo Comitê Revolucionário dos soldados do 3º RI -

Capitães Álvaro Francisco de Sousa e Agildo Barata

(Proclamação ao Batalhão de Guardas a 27 de novembro de 1935. TSN, Processo nº 1.)

# PARTE 5

## HARRY BERGER - A INTERNACIONAL COMUNISTA

# 105

## ALGUNS ASPECTOS DA QUESTÃO DOS SOVIETES NO BRASIL

Por B.B.B.

A formação de sovietes na América do Sul não é, de modo algum, um assunto novo. A queda do governo de Ibanez no Chile levou à formação de sovietes em alguns distritos, à base das grandes lutas revolucionárias das massas operárias. Durante o levante da esquadra no Chile, os marinheiros constituíram comitês que, em caso de vitória, se teriam transformado em sovietes. Em 1932, novamente os trabalhadores de Santiago sustentaram lutas revolucionárias e formaram seus sovietes. Numa série de lutas da classe operária no Peru constituíram-se comitês de ação que continham em si poderosos elementos para sua transformação em sovietes.

A Espanha nos oferece mais exemplos de como os trabalhadores em grandes e heróicas lutas estabeleceram durante algumas semanas seus sovietes, desafiando o poder da burguesia. Em todos esses casos os sovietes constituíram os amplos órgãos para a direção das lutas revolucionárias das massas.

Em nenhum desses casos, porém, os sovietes chegaram a ser os órgãos do novo poder estatal dos operários e camponeses. A razão está no fato de que em nenhuma dessas lutas os levantamentos armados revolucionários tiveram êxito. Em todos esses casos os sovietes eram órgãos que dirigiam as lutas revolucionárias das massas, chegando apenas ao estabelecimento de um duplo poder, limitadíssimo e pouco durável frente ao poder dos exploradores.

Na URSS, o poder soviético está firmemente estabelecido, em seu décimo oitavo ano de existência. O poder soviético, de órgão dirigente da insurreição vitoriosa dos operários e camponeses, transformou-se ali em órgão do poder estatal da classe operária, firmemente consolidado. Os sovietes têm chegado a ser os órgãos da ditadura do proletariado, da grande

democracia proletária que dá a cada operário e camponês (exceção feita aos kulaques), homem e mulher, não só o voto mas também a possibilidade e o direito de participar na administração e execução de suas leis, na vida política, econômica e cultural da grande União Soviética. Os soviets, como poder estatal do proletariado, são, na União Soviética, órgãos da construção do socialismo. Os soviets organizaram a transformação rápida do país, antes agrícola, em um país altamente industrializado. A União Soviética, assentada firmemente como uma rocha, indica o único caminho vitorioso para a libertação dos operários e camponeses de todo o mundo, a todos os povos subjugados e oprimidos da terra. Só a firme direção do Partido Bolchevista, sob a direção genial de Lenin e Stalin, tornou possível estas vitórias dos soviets. Se houvesse faltado essa direção, o poder estatal do proletariado seria debilitado e finalmente destruído pelos inimigos tanto externos como internos.

O melhor exemplo disso nos dá a Alemanha, onde em 1918 operários e soldados estabeleceram soviets em todas as partes. O Partido Social-Democrata "participou" nos soviets "trabalhando" com a força armada, com a traição e a deserção, para enfraquecer, desintegrar e liquidar, finalmente, os soviets, em benefício e pelo poder único da "república democrática", ou seja, pelo exclusivo poder estatal da burguesia. Procedendo assim, o Partido Social-Democrata preparou o caminho para o fascismo.

Freqüentemente não prestamos suficiente atenção ao fato de que em outro grande país existem soviets há vários anos, e isto em grandes extensões territoriais: referimo-nos à China. O desenvolvimento e crescimento do poder soviético na China tem especial importância para nós, na América do Sul e no Brasil. Podemos tirar muitos ensinamentos das grandes lutas revolucionárias na China, que podem ser aplicadas, em maior ou menor grau, no Brasil e também a outros países sul-americanos.

Em primeiro lugar, o caráter da revolução no Brasil é o mesmo da China: democrático burguesa. As primeiras fases da revolução no Brasil consistem em levar a cabo a revolução agrária e antiimperialista. Lenin assinalou que a burguesia não pode levar até o fim a revolução democrático burguesa. No processo da revolução a burguesia se volta inevitavelmente contra as massas. A burguesia defende a propriedade capitalista e trata de evitar a revolução agrária, assume compromissos com o imperialismo e pede auxílio do mesmo contra a revolução. A revolução democrático burguesa, e sobretudo a sua transformação em revolução socialista, depende das lutas das amplas massas do Brasil, dos operários e camponeses, dos soldados, estudantes, da juventude, dos intelectuais honestos, dos pequeno-burgueses empobrecidos etc. Ressalta claramente então que para o desenvolvimento vitorioso da revolução democrático burguesa não podem ser utilizadas as velhas formas burguesas de poder estatal, nem tampouco as novas. Está claro que estas formas estatais burguesas constituem os sustentáculos dos

exploradores e obstáculos formidáveis contra o desenvolvimento progressivo da revolução. É necessário também que, inclusive na fase democrático burguesa da revolução, as massas devem instituir seu próprio poder estatal, os soviets. A revolução na China demonstrou claramente a necessidade da existência dos soviets de operários e camponeses na etapa democrático burguesa da revolução. Sem isto, o êxito é impossível. Ao reconhecer isso, não devemos perder de vista o fato de que a revolução democrático burguesa pode COMEÇAR sem a existência dos soviets. Este será o caso em que as forças de classe e a consciência revolucionária do proletariado não estejam ainda suficientemente desenvolvidas, faltando-lhes uma direção revolucionária firme. É evidente que esta situação constituiria uma debilidade e de nenhuma maneira uma força da revolução. Devemos, além disso, ver com clareza o fato de que, se bem que não possamos utilizar os atuais órgãos estatais da classe exploradora, nem por isso devemos deixar de combater, com toda a força, os incipientes golpes de estado dos integralistas, dos Bernardes, Klinger etc. Procedendo assim, não defendemos absolutamente o atual governo da "Lei Monstro", dos entregadores do Brasil ao imperialismo estrangeiro, aos sustentadores das intoleráveis condições sociais e políticas do presente. Nosso objetivo é: desenvolver o poder combativo das massas até um ponto em que não só serão esmagados o integralismo e os golpes de estado reacionários, mas também se chegará ao estabelecimento de um verdadeiro governo do povo, um governo dos operários e camponeses do Brasil.

Em segundo lugar, há outra questão no estabelecimento do poder soviético no Brasil que apresenta muita semelhança com o desenvolvimento na China. A grande maioria do território chinês está ainda em mãos do Kuomitang contra-revolucionário ou em poder ou sob o domínio do Japão, Inglaterra etc. Os soviets tem o poder somente na menor parte. Geograficamente não constituem um território compacto, pois estão divididos em um grande número de províncias, às vezes separadas umas das outras por grandes distâncias. E, apesar disso, os soviets na China se têm mantido e aumentado seu poder nos seus 8 anos de existência. Apesar da mobilização de um milhão de soldados contra os soviets, não se lhes pode esmagar. Os soviets na China se transformaram nos principais veículos da guerra nacional revolucionária contra o imperialismo japonês e os demais imperialismos; da defesa da independência, da unidade e integridade da China; da libertação das massas laboriosas chinesas. Dia a dia os soviets na China confirmam a justeza das palavras do camarada Stalin: "Só os soviets podem salvar a China". E isso se aplica inteiramente ao Brasil e à América do Sul.

Outra questão semelhante à da China se apresenta no Brasil: as massas do Brasil estarão em condições de estabelecer seu próprio poder sob a forma de soviets, através de TODO o território do país, num LAPSO DE TEMPO CURTO? Naturalmente, esse deve ser, e é nosso objetivo. Mas não esqueçamos que mesmo a URSS atravessou 4 anos de guerra aberta, lutando

contra movimentos contra-revolucionários e intervenções. Na China os soviets lutam há 8 anos. Num país de vastas dimensões como o Brasil, com a grande variedade de condições e além disso com a existência de grandes diferenças nas relações de forças das classes inimigas, segundo os diversos estados, a revolução necessitará igualmente de um lapso de tempo mais ou menos longo para chegar a estabelecer-se firmemente através de todo o país. Também aqui a experiência da China nos mostra que em tal ou qual cidade, porto ou na extensão de tal ou qual região da costa, os exploradores do Brasil, apoiados pelos salteadores imperialistas, podem "manter-se" por mais tempo que os exploradores de outras partes do país. Como somos revolucionários objetivos temos que tomar em consideração tais possibilidades. Mas, ao mesmo tempo, não podemos deixar de compreender que o Brasil, com seu território enorme, apresenta as condições mais favoráveis para o estabelecimento e consolidação do poder soviético em grandes extensões e conquistará finalmente o poder suficiente para esmagar os exploradores e expulsar o imperialismo. Achamo-nos aqui em condições muito mais favoráveis que os operários e camponeses de Cuba, que é uma ilha pequena, exposta facilmente à intervenção dos Estados Unidos. O imperialismo americano faz tudo que está a seu alcance para manter seus agentes no governo de Cuba e para impedir que os operários e camponeses de Cuba instituíam seu próprio governo.

Também no Brasil temos que contar com os esforços diretos dos imperialistas para manter as condições sociais intoleráveis do presente, para manter a submissão do Brasil pelo imperialismo, para impedir a vitória da revolução. Mas nossas possibilidades para romper as manobras contra-revolucionárias do imperialismo são muito grandes. Antes de mais nada, a revolução democrática burguesa, sob a direção dos soviets, estabelecerá bases seguras para a realização das reivindicações econômicas e políticas mais importantes da classe operária, assegurará a terra aos camponeses e abolirá todas as formas de escravidão feudal, liquidará com o jugo do país pelo imperialismo, confiscando todas as empresas imperialistas e anulando as dívidas externas, abrirá o caminho para o desenvolvimento de um Brasil livre, unido e forte, cheio de possibilidades enormes, tanto no terreno econômico como no político e cultural. Se soubermos ligar as reivindicações diárias e as aspirações da juventude e intelectuais, as reivindicações, o descontentamento e aspirações dos soldados ao descontentamento e pauperização da pequena burguesia, com essa grande perspectiva revolucionária, levantaremos e organizaremos a grande maioria da população.

Então a revolução no Brasil será invencível. A grande extensão do país, as más comunicações no interior do país, tudo isso serão vantagens no começo da revolução, porque tornará mais difícil os movimentos de grandes forças contra-revolucionárias, do mesmo modo que uma invasão imperialista estrangeira. Por isso será possível, mesmo com formações revolucionárias

relativamente pequenas, fazer retroceder e bater em retirada as forças contra-revolucionárias; consolidar e aumentar tanto as forças como o território dos revolucionários. Ganhando com o tempo a força suficiente para libertar - com o auxílio dos operários e camponeses de todo o país - o Brasil e suas massas laboriosas do jugo da exploração imperialista e feudal. Desse modo se aplanará o caminho para a transformação da revolução democrático-burguesa em revolução socialista, sob a hegemonia do proletariado.

Esse grande objetivo estratégico determina também nossa tática diante das forças que, sendo opostas ao imperialismo e a seus agentes no Brasil não vão, entretanto, até o fim do caminho conosco. Queremos constituir uma frente comum de combate junto com todos os elementos que estão dispostos a lutar contra o imperialismo, que opinam que Getúlio Vargas e seu governo são os entregadores do Brasil ao imperialismo e aos opressores do povo brasileiro; que sabem que os líderes integralistas são os agentes pagos do imperialismo estrangeiro e dos grandes capitalistas e latifundiários do Brasil para esmagar por meio do terror os operários, camponeses, intelectuais e juventude do Brasil. Estamos dispostos a formar uma frente única com todos aqueles que compartilham com essas opiniões e estão DISPOSTOS A LUTAR contra essas forças contra-revolucionárias. Temos em conta, entretanto, a possibilidade de que em um ou outro estado ou território do Brasil durante a revolução, chegue ao poder um governo que não seja um governo soviético dos operários e camponeses, mas que seja contrário ao imperialismo e a seus agentes no país. É claro que qualquer governo soviético existente no Brasil - e igualmente o Partido Comunista - apoiarão todas as medidas dirigidas contra o imperialismo e seus agentes no Brasil, ao mesmo tempo que mobilizaremos as massas para a realização de todos os objetivos da revolução democrático-burguesa. Também aqui podemos constatar certa semelhança com a tática revolucionária na China, onde apoiamos todas as forças opostas ao imperialismo japonês e a seus agentes na China, Chiang-Kai-Shek e o governo de Nankin. Naturalmente, o apoio a um tal governo intermediário em um ou outro estado não exclui, mas inclui nosso trabalho de organização e mobilização dos operários e camponeses, assim como a completa independência orgânica, ideológica e tática do Partido Comunista.

A revolução no Brasil é uma revolução nacional, antiimperialista. Propõem-se a confiscação das empresas imperialistas, a anulação dos empréstimos estrangeiros, a expulsão dos imperialistas e de seus agentes no Brasil. A revolução no Brasil é agrária. Propõem-se à confiscação sem indenização, das terras das concessões estrangeiras, das plantações, das propriedades dos grandes latifundiários, igrejas e ordens religiosas para serem distribuídas entre os camponeses.

A revolução no Brasil melhorará as condições dos operários porque confiscará as grandes empresas imperialistas e as grandes fábricas dos demais imperialistas, estabelecendo o horário

de 6 a 8 horas de trabalho, aumentando os salários, melhorando as condições sanitárias e de vida e aumentando a vida cultural. A revolução abrirá novas possibilidades de vida e de trabalho à juventude e a todos os intelectuais honestos, atualmente sem trabalho e reduzidos a condições de vida intoleráveis.

A revolução no Brasil dará ao soldado seu verdadeiro lugar, que é o de defensor do país contra os salteadores imperialistas, o de defensor dos direitos de um povo livre, da revolução. O soldado e o Exército deixarão de ser instrumentos de opressão do povo brasileiro, no interesse exclusivo do imperialismo e de seu bando de agentes no país.

Eis aí os objetivos da revolução democrático burguesa no Brasil. Esta revolução se transformará rapidamente em revolução socialista desde que uma parte importante e decisiva do país esteja em mãos do poder operário e camponês, desenvolvendo formas de produção socialistas em um grande país que possui tudo o que é necessário para a edificação do socialismo e que chegará a ser um ponto de apoio para a transformação de todo o continente da América do Sul, quando o futuro poder soviético estabelecer alianças seguras e livres com os movimentos nacional revolucionários e com os futuros governos revolucionários dos povos índios do Peru, Equador, Bolívia etc. e com o movimento revolucionário dos trabalhadores do Chile, Argentina e de todos os demais países.

Levar à prática este objetivo não é tarefa para um futuro distante. É tarefa atual. O caminho para essa finalidade encontraremos numa virada enérgica e completa em todo o trabalho do Partido. É necessária uma organização mais firme do Partido, aumentarem suas organizações, o número de membros, concentrando nos centros vitais de produção e comunicações, superando os métodos das velhas formas caudilhescas nas organizações do Partido, criando ao mesmo tempo os quadros bolcheviques e comitês de direção unidos, disciplinados e firmes.

Penetrar profundamente nas massas. Desenvolver em todas as partes os sindicatos dos trabalhadores. Dirigir cada luta pelas reivindicações diárias das massas, ligando esta luta com as tarefas políticas imediatas em cada Estado e com a nossa grande perspectiva revolucionária. Aumentar decisivamente o trabalho no campo entre os camponeses e assalariados agrícolas. Organizar luta dos camponeses por suas reivindicações imediatas: contra o pagamento dos impostos e dívidas, contra a escravidão feudal, contra os altos arrendamentos e o atual sistema de contratos, ligando estas lutas com a luta pela divisão das terras dos grandes latifundiários.

Ao lado dessas lutas devemos desenvolver as forças de guerrilheiros, que junto com os camponeses liquidarão o latifúndio.

Organizar uma espessa rede de comitês camponeses e ligas locais de distrito, organizar o

trabalho entre as organizações camponesas já existentes. Organizar sindicatos de assalariados agrícolas. Sem este trabalho e sem a firme aliança de operários e camponeses será impossível a vitória da revolução no Brasil. Devemos aproveitar os profundos ensinamentos da revolução espanhola, em que um dos pontos débeis foi precisamente um trabalho insuficiente entre o campesinato.

Melhorar nosso trabalho entre as forças armadas. Nossas tarefas são aqui duplas: desagregar as formações mais reacionárias, tratando de ganhar outras, seja em parte ou na sua totalidade, para a causa revolucionária. A grande força da revolução nos países coloniais e semicoloniais está em que nesses países se pode contar com a ajuda e o apoio de forças armadas que na atualidade estão sob o mando do inimigo. Junto com os operários e camponeses as forças armadas darão à revolução um impulso invencível. Sob a direção do Partido estas forças serão importantes não só para esmagar os inimigos, mas também para a transformação do país, para a sua sovietação. Este caso se dará sobretudo nos distritos onde o campesinato, sozinho, não se tenha desenvolvido ainda suficientemente em força e consciência para quebrar o jugo dos latifundiários. Para alcançar isso devemos defender cada reivindicação, por menor que seja, dos soldados, fortalecer nossos núcleos entre os mesmos, estabelecer boas ligações e relações com todos os oficiais sinceramente nacional revolucionários, que são muitos. Utilizar igualmente cada contradição que surja no campo inimigo.

Dirigir-se à juventude do país numa linguagem popular. Lutar pelas reivindicações da juventude. Desenvolver uma poderosa Federação Juvenil Comunista que, superando todo o sectarismo, se transforme na grande organizadora numa ampla frente única com as organizações juvenis e estudantis, dispostas a lutar pela defesa dos seus direitos, contra o imperialismo e seus agentes, contra o integralismo e todas as forças reacionárias. 1

Desenvolver a luta pela defesa dos direitos populares das massas e contra a legislação reacionária do governo de Getúlio Vargas (pela liberdade de reunião, imprensa e palavra, pelo direito de organização e greve, pela liberdade dos presos sociais etc.). Utilizar todas as possibilidades para ampliar o trabalho legal e semilegal do Partido, aperfeiçoando ao mesmo tempo nossa organização ilegal.

Essas tarefas devem ser levadas à prática com toda firmeza. Só agindo assim criaremos as condições para dirigir vitoriosamente a luta revolucionária. Todo o Partido para a frente, pela realização desta grande tarefa!

(Artigo de Harry Berger sobre a questão dos soviets no Brasil. *A Classe Operária* n° 180, 1° de maio de 1935. TSN, Processo n° 1, vol.5, apreensão à rua Paul Redfern. Original rascunhado em espanhol)

# 106

## TODAS AS NOSSAS FORÇAS PELA INSTAURAÇÃO DE UM GOVERNO POPULAR NACIONAL REVOLUCIONÁRIO NO BRASIL.

Por B.B.B

O ponto central nas discussões da reunião do CC que se realizou de 18 a 20 de maio último foi a questão da revolução democrático burguesa (agrária e antiimperialista). Já num artigo anterior, publicado em *A Classe Operária* (nº 180, de 1º de maio de 1935) demonstramos o significado e o papel dos soviets na revolução democrático burguesa e para o seu desenvolvimento ulterior até a revolução socialista no Brasil. Mas encontramos-nos frente à tarefa de desenvolver a revolução democrático burguesa no Brasil, que no começo de tal desenvolvimento não existem ainda soviets. O CC dedicou uma grande atenção a esta questão e desenvolveu uma linha clara que corresponde à situação atual do Brasil. A instauração do poder soviético de operários, camponeses e soldados no Brasil é o grande objetivo estratégico do PCB. Queremos realizar esse objetivo não somente rápido, mas sobre a mais ampla base. Não queremos somente no interior de alguns estados, sobre uma base estreita, instaurar o poder soviético, mas queremos dirigir as amplas massas trabalhadoras, as grandes massas do povo do Brasil através das diversas etapas da revolução democrático burguesa à vitória decisiva sobre os exploradores estrangeiros e nacionais. Para atingir este objetivo o Partido deve trabalhar com a maior energia pela formação da mais ampla frente popular contra o imperialismo, o integralismo e o feudalismo.

O CC constatou, na análise da situação do país, que as condições das amplas massas tornam-se cada vez mais insuportáveis; que o imperialismo prepara novas guerras (já começadas no Chaco, na China, na África); que o imperialismo, para superar sua crise, mete suas garras ferozes

cada vez com maior violência nas entranhas dos países coloniais e semicoloniais (como o Brasil). A escravização de nosso país ao imperialismo aumenta cada vez mais. Com esse processo aumenta a miséria das massas; aumenta a desmoralização, a corrupção, a desintegração no campo dos grandes capitalistas e latifundiários e de seus governos (tanto no governo federal como nos diferentes estados). Opera-se rapidamente em todo o país uma diferenciação e reagrupamento de forças. O governo Vargas torna-se cada vez mais fraco. Ele não realizou uma única de suas múltiplas promessas. Ele vê a avalanche popular que se aproxima e que o vai varrer. Para fazer frente a esta avalanche roubam-se das massas populares todos os seus direitos e contra elas são aplicadas leis reacionárias. O governo Vargas alia-se com todos os elementos reacionários; favorece o movimento fascista e semifascista, orienta-se a um compromisso com tais elementos e torna-se cada vez mais uma simples agência do imperialismo estrangeiro.

Os capitalistas estrangeiros igualmente reconhecem claramente que se aproxima a tempestade da revolução democrático burguesa no Brasil. Compreendem a desagregação crescente que se opera no governo Vargas. Por isso eles tratam (e com eles os grandes latifundistas [sic] e os capitalistas nacionais) de assegurar-se contra a revolução, criando as organizações de terror integralistas. As organizações integralistas devem impedir os movimentos das amplas massas e ajudar a suprimi-las quando estas lutam contra os imperialistas e latifundistas. [sic] Tornam-se cada vez mais fortes os agrupamentos dos imperialistas, grandes capitalistas e latifundistas [sic] que querem colocar os chefes integralistas como seu governo, como seu braço executor, para continuar a opressão e para o massacre sangrento das massas do Brasil. É por isso que a luta contra o integralismo e contra os golpistas reacionários a eles ligados é da maior significação.

Por outro lado, as amplas massas populares se reúnem para a luta. O CC viu de uma maneira justa a significação que tem para as lutas revolucionárias que se avizinham a formação dessa ampla frente popular. As grandes ondas de greves de centenas de milhares de operários, a estreita ligação das reivindicações econômicas com as políticas, o desejo dos operários de chegar à unidade, que encontrou a sua expressão no Congresso de Unidade Sindical, as novas greves que se anunciam, tudo isso demonstra a revolucionarização [sic] o crescente de massas cada vez mais amplas do proletariado.

É verdade que ainda não nos encontramos frente a grandes lutas de camponeses e operários agrícolas que correspondam à situação (e isso devido em grande parte à insuficiência de nosso trabalho), mas o descontentamento e a vontade de luta dos camponeses crescem rapidamente e com um bom trabalho do nosso Partido as massas camponesas se lançarão à luta pela realização de suas reivindicações e para tomar as terras dos latifundistas. [sic]

Outra prova do grande movimento popular é o rápido crescimento da Aliança Nacional

Libertadora. As massas de todo o Brasil afluem à Aliança Nacional Libertadora porque ela apela para a luta contra o imperialismo, o latifundismo [sic] e o integralismo. Este movimento popular compreende hoje um grande número dos melhores intelectuais e da juventude combativa; conta com a simpatia de amplas massas de soldados e de muitos dos melhores oficiais; ganha massas cada vez mais amplas da pequena burguesia e penetra nas aldeias e nos domínios do latifundismo; [sic] a ele une a massa organizada e provada pela luta do proletariado brasileiro, o qual se torna cada vez mais consciente do seu papel como dirigente que realiza a hegemonia na luta de nacional revolucionária libertadora.

Sabemos muito bem que existem ainda na ANL opiniões nacional reformistas e ilusões, especialmente entre os elementos pequeno-burgueses. Mas o progresso do movimento, a participação concreta nas lutas e as grandes tarefas do futuro farão que este movimento se torne cada vez mais poderoso, claro e consciente da sua finalidade. Isto será garantido pelo grande trabalho que realizarão os operários revolucionários nessas organizações. Isto será garantido também pelo dirigente que a ANL colocou à frente de sua organização - o camarada Luís Carlos Prestes, que com sua carta esclareceu a orientação nacional revolucionária da ANL e que no momento oportuno ocupará seu posto, no Brasil, como dirigente, organizador e lutador do movimento popular nacional revolucionário.

Com o crescimento do movimento popular nacional revolucionário abrem-se novas e grandes perspectivas. Achamo-nos frente à tarefa e também à possibilidade de resolver a questão do poder pela instauração de um governo popular nacional revolucionário, que construído sobre uma ampla base pode apoiar-se em 90% da população e em grande parte das forças armadas.

Devemos impedir a volta da tirania dos Bernardes e o terror dos integralistas; devemos organizar a queda da agência imperialista que é o governo Vargas; devemos lutar ativamente pela instauração de um governo popular nacional revolucionário que realize energicamente uma série de tarefas importantes, necessárias para o Brasil e para a vida de suas massas trabalhadoras. Entre outras, essas tarefas são: a luta contra o imperialismo (o não pagamento das dívidas estrangeiras, confiscação e nacionalização das empresas imperialistas, mobilização das massas contra os ataques do imperialismo); a luta contra o latifundismo [sic] (liquidação dos tributos feudais e ajuda aos camponeses, apoio às lutas dos camponeses pela distribuição da terra dos latifúndios, da Igreja e das plantações imperialistas); luta pelos interesses dos operários, da juventude, da pequena burguesia (aumento de salário, redução da jornada de trabalho, oportunidades de trabalho, para os sem trabalho, apoio à luta da pequena burguesia contra os monopólios etc.); luta pelos direitos democráticos das massas trabalhadoras (liberdade de

organização, de imprensa, de reunião etc.).

Este governo popular nacional revolucionário só pode ser instaurado pela mais ampla luta das massas. O Partido Comunista compreende perfeitamente que deve dar a máxima direção a esta luta de massas. Os comunistas vão lutar na primeira linha, um passo na frente das massas e indicar-lhes o caminho. Mas o Partido Comunista sabe também que na situação atual e com a relação de classes atual no Brasil, e frente às tarefas da revolução democrático burguesa impõe-se a criação de ampla frente popular. No interior dessa frente popular a ANL tem uma tarefa formidável a cumprir. Ela deve reunir os milhões das massas populares do Brasil numa força irresistível. Ela deve despertar e fazer crescer nas massas populares a vontade de chegar ao poder. Ela deve tornar-se, ela própria, a expressão, a portadora e a organizadora dessa vontade de chegar ao poder das massas populares.

Apresentar-se-á a questão: em que se vai apoiar o governo popular nacional revolucionário? A luta pelo poder e pela conservação do poder apresenta já a questão do armamento. Além dos setores revolucionários das Forças Armadas, vão principalmente tomar as armas os operários, a juventude revolucionária e os camponeses. Estas forças devem ser, como poder organizado, o apoio firme do governo popular nacional revolucionário.

Durante tais lutas, os sindicatos vão desenvolver-se de maneira potente; por toda parte serão criados comitês de fábricas, o conjunto do proletariado e suas organizações serão um apoio fundamental do governo popular nacional revolucionário e simultaneamente representarão os interesses dos operários.

Os camponeses, na sua luta contra o feudalismo vão organizar ligas camponesas, comitês camponeses e destacamentos de guerrilheiros que serão outro apoio do governo popular nacional revolucionário. Agregando-se a isso as organizações nacional revolucionárias da juventude e das mulheres. Essas forças serão invencíveis se a ANL e o governo popular nacional revolucionário as unificam, dirigindo-as na luta contra o imperialismo e pela libertação nacional do Brasil, na luta pela realização das reivindicações parciais cotidianas das amplas massas trabalhadoras - pelo pão e pela terra.

Nessa luta desenvolver-se-á cada vez mais potente a hegemonia do proletariado, como também a influência e a direção do Partido Comunista, que é a garantia para o desenvolvimento ulterior da revolução democrático burguesa. Nesse desenvolvimento ulterior, pela participação cada vez maior das massas e pelo crescimento cada vez maior de organizações e pelo armamento das massas, encontram-se os elementos para a passagem aos soviets e as bases potentes para sua formação. O CC, dando uma perspectiva clara para a primeira etapa da luta pela libertação

nacional e social do povo brasileiro, obriga ao mesmo tempo a todo Partido a fazer o máximo esforço para vencer, no caminho da luta, todas as debilidades no trabalho, na organização e todos os desvios na aplicação de uma tática de frente única ampla e revolucionária.

(Artigo de Harry Berger, *A Classe Operária* n° 184, 20 de junho de 1935. TSN, Processo n° 1, apreensão à rua Paul Redfern, vol. 5. Original rascunhado em espanhol)

# 107

## CARTA DE HARRY BERGER À INTERNACIONAL COMUNISTA

27-6-35

Queridos amigos, quero comunicar-lhes, em estilo de telegrama, algumas coisas relevantes. Quero porém a isso observar que são relatórios parciais pelos quais eu exclusivamente assumo a responsabilidade.

1. Não pode ser desconhecido que os mais importantes imperialistas hoje já não contam mais com uma longa duração do governo de Vargas. E com isso inicia-se, em sempre maior escala, a procura de um substituto, a sondagem e o reagrupamento, que naturalmente ainda aumentam a incerteza. No momento não existe uma linha firme no campo do adversário. Há algum tempo atrás parecia que o integralismo estivesse diante de um forte aumento de sua atividade total. Mas, depois de Petrópolis, estes cães acorrentados parece que foram revogados por seus committentes [sic] imp. e nacionais. Prova: desistiram da manifestação integralista em São Paulo; a proibição da direção integralista em Recife, para seus adeptos, de usarem no domingo de uma manifestação da Aliança (ANL), as camisas verdes e de visitarem a manifestação; restrição da agitação pública geral. Está claro que não se deve deixar iludir por esses fenômenos passageiros. A razão principal para este recuo tático dos integralistas está no reconhecimento de seus committentes [sic] de que atualmente só sofreriam derrotas e que na luta com os bandos integralistas o movimento popular iria adquirir enormes forças. Isso ficou claramente provado em Petrópolis. Os ataques de bombas dos integralistas sobre uma manifestação da ANL foram imediatamente, apesar de ter havido vacilações na direção da ANL, respondidos com uma completa greve geral (inclusive todas as lojas). Todos os estrangeiros fugiram imediatamente para o Rio. Os soldados fraternizaram-se com as massas e mandou-se para lá a polícia militar. O eco no país foi grande. Os passos práticos da realização de uma autoproteção das massas, porém, ainda deixam muito a desejar. Agora, a linha dos imperialistas é a seguinte: retirar por enquanto

os integralistas da luta do ataque aberto e direto e persuadir o governo Vargas a empreender passos mais sérios contra o movimento nacional revolucionário, principalmente contra a ANL. Essa campanha é dirigida de maneira especialmente aberta pela imprensa de boulevard do Rio, comprada pelo imperialismo inglês e que diariamente publica "circulares secretas" e outras falsificações, combinando isso sistematicamente com uma propaganda anti-soviética. Os outros trabalham mais em silêncio, porém essencialmente no mesmo sentido. A situação entretanto é essa, que o desenvolvimento de maior "energia" no combate do movimento esquerdista não fortalecerá o governo Vargas, senão o desacreditará ainda mais. Reciprocamente, o movimento da ANL, além de algumas perturbações passageiras de natureza organizatória, não sofrerá nenhum enfraquecimento, mas sim um aprofundamento rev. Esta é a atual situação geral na qual se realiza.

2. O crescimento rápido da ANL - De certos documentos salienta que vós sois de opinião que os partidos Socialista, Trabalhista, Comunista, Miguel Costa etc. sejam membros da ANL. Desejo retificar: até agora nenhum partido pertence formalmente à ANL como membro. A maioria dos grupos locais dos socialistas trabalha em conjunto com a ANL, sem contudo estar incorporada a ela. Os trabalhistas hoje não são o que eram há alguns anos atrás (efetivamente eles não têm nenhuma importância e significado nesse novo movimento) e vós deveis levar em conta tal fato em vossos documentos. Miguel Costa ficou intencionalmente de lado, esperando, calculando e desenvolvendo pouca atividade neste último período. Depois do nosso general ter entrado em contato com ele, por intermédio de um intermediário, ele agora saiu com a declaração de que iria precisar a sua posição para com a ANL, no dia 5 de julho. Pode-se admitir que a sua posição será positiva, desde que ele já declarou: "A Aliança é o povo e o povo deve ser a Aliança".

Nesta conexão, algumas palavras sobre a carta dirigida ao Haya de la Torre. Quando recebemos esta carta, não imaginávamos que ela já tivesse sido impressa. Fizemos no seu texto algumas alterações com relação aos fatos no Brasil e algumas pequenas modificações nas formulações textuais, enviando o original e também as nossas modificações para o Chile. Logo que soubemos que a carta seria impressa, ordenamos imprimir o original, para que não saíssem duas cartas (que textualmente não coincidissem inteiramente). Esperamos que não tenha sido tarde demais. Isso nos força a pedir-vos que para o futuro sigam outros métodos de publicação, ou seja, por nosso intermédio. Pois qual a importância que na Europa um tal fato apareça algumas semanas antes? É, porém, de importância que pelo menos algumas pessoas da nossa família tenham antes conhecimento do mesmo.

Depois deste parêntesis necessário, volto a tratar da ANL. A nossa linha era (depois de

ter-se primeiramente estabelecido clareza sobre essa linha) de desenvolver sistematicamente as palavras de ordem. Depois de ter-se pelas palavras de ordem do governo popular nacional revolucionário, criando o membro de união tão necessário para o futuro desenvolvimento, lançaremos agora, a 5 de julho, as palavras de ordem de "todo o poder à ANL". Também não teria sido muito eficaz se nos primeiros passos de ensaio da ANL já se tivesse lançado esta palavras de ordem. Hoje, como ela está em vias de ser uma grande potência, tais palavras de ordem aumentam de valor real e, assim, de força. Por outra: no início da existência da ANL, havia fortes tendências para transformá-la num partido parlamentar ou numa federação de partidos, o que teria redundado em finalidade do desenvolvimento de um bloco de esquerda e em mais uma arena para politicantes (os sem abrigo e outros). Pode-se afirmar que este ponto perigoso foi definitivamente vencido. O caminho para tal tem sido, além da fortificação da fração, a introdução sistemática das grandes organizações de massas de operários e das organizações da juventude na ANL (apesar da proibição do governo que não permite aos sindicatos que se aliem a organizações políticas). Ao mesmo tempo, formam-se células da ANL nos sindicatos e nas demais organizações de massas. Com essa evolução, não só dispomos de uma forte base de massas, senão em todo o lugar também de influência decisiva e agora podemos sistematicamente pensar em uma maior extensão, por meio de aliados provisórios. A ANL aproxima-se e continuará a aproximar-se de uma série de antigos interventores, oficiais etc. bem como de uma série de partidos e grupos liberais, para conquistá-los como membros respectivamente e para aproveitar o seu apoio de outra forma qualquer. Nesse processo de alargamento da base entraremos também como Partido. Fazê-lo nesse momento isoladamente seria inconveniente. Podemos realizar esse passo a qualquer momento, mas uma ampliação sistemática e a entrada mais ou menos ao mesmo tempo com outros partidos respectivamente grupos [sic] requer um preparo de 6-8 semanas. Nos próximos 2-4 meses haverá eleições municipais em diversas épocas. Em todo lugar onde for possível serão apresentadas listas nacionais de frente única sob a bandeira da ANL. Apesar do limitado direito eleitoral, existe a possibilidade de conquistar muitos municípios e de criar fortes minorias em muitos outros. Existe também a possibilidade de ter nas listas um grande número de operários de estabelecimentos importantes e bons dirigentes de sindicatos influentes (ao lado de uma série de comunistas). Nos subúrbios do Rio, efetivamente, a grande maioria da população se reúne sob o pendão da ANL e de Prestes. Nas cidades, podemos dizer que estamos mais ou menos bem representados. Fraco é, porém, o trabalho no campo. Este é o decisivo ponto fraco de todo nosso trabalho. Todo o resto vai relativamente bem, em parte até muito bem.

A imprensa: formalmente a ANL não tem imprensa. Isso será mantido, principalmente devido a razões jurídicas, para que das eventuais medidas contra a ANL não sejam também

imediatamente atingida a imprensa. As seguintes amplificações estão sendo preparadas: a) no Rio, aparecerá, além de *A Manhã*, ainda um vespertino, *Hoje*. Será realizado dentro de algumas semanas; b) além disso, está se cogitando do reaparecimento de *O Povo*, que se publicou durante alguns dias há meses atrás e que então fora proibido pelo governo. Acaba-se de obter ganho de causa no processo para o seu reaparecimento; c) em São Paulo aparecerá, dentro de algumas semanas, um jornal diário popular. Redatores treinados no Rio, em *A Manhã*, assumirão sua direção; d) no Rio Grande do Sul aparecerá, igualmente dentro de algumas semanas, um jornal diário; e) em Recife está sendo preparada a publicação de um jornal diário. Entretanto, levará algum tempo até seu aparecimento, principalmente devido a falta de meios. Já destas poucas indicações (que todas representam fatos reais) poderéis avaliar a potência do movimento. Muitos outros sintomas demonstram a crescente força da revolução popular que se desenvolve e a força organizadora e predominante sempre mais manifesta do proletariado, na frente popular geral nacional revolucionária.

3. Quanto a questão do Partido, apenas algumas palavras. Não quero aqui tocar os lados positivos - dos quais há muitos - mas apenas salientar algumas fraquezas. A direção possui grande presunção, mas nem sempre suficiente experiência para agir de maneira firme, segura e hábil. Nas formulações e instruções fazem-se mais erros do que seria necessário. Tolices pueris (como o extrato anexo de uma carta) também acontecem, como o raio em céu límpido e originam bastantes prejuízos. Por estas razões será necessário, de uma maneira taticamente hábil, tratar destes assuntos com mais energia. (Isso também inclui que de forma geral se participe em todas as conversações entre o autor e o destinatário da carta anexa e que se lhes dê uma direção positiva.) No bloco de diversas classes deve-se reconhecer cuidadosamente qualquer indício de uma polarização na diretoria a fazer tudo para evitar um tal processo nas nossas filas! A linha da quase desculpa de que o receptor da carta é um dos nossos, as tentativas de reduzir os seus atos a um órgão técnico executivo ou somente considerá-lo como ponte para a classe do pequeno-burguês devem ser abandonadas. Ele é mais do que isso e ele o sabe muito bem, sendo isso, aliás, necessário para o cumprimento de sua tarefa. O controle não consiste em apanhar-se em primeiro lugar as suas cartas (tanto menos porque ele as entregará); a liderança não consiste em adverti-lo de sua mediocridade revolucionária. Isso não só é inútil como em certos casos perigoso e, no presente caso, prejudicial. Podeis estar seguros de que em tais casos agirei com o máximo critério. Não há necessidade de inquietação. Achei, porém, que era meu dever pôr-vos ao par, tanto mais porque no caso de uma desnecessária repetição (e sem consulta prévia) será preciso desautorizar o autor. Desta vez o caso ainda ficou resolvido assim. Outro ponto fraco é a nossa imprensa. Justamente em proporção à imprensa popular atualmente em rápida evolução, a nossa é

quantitativa (número e volume) como também qualitativamente em absoluto insuficiente. Um melhoramento efetivamente radical será difícil. Muitos auxílios que antigamente se recebiam diretamente vão hoje para os órgãos da imprensa popular (isso se refere, antes de tudo aos meios). Abrir-se novas fontes é, por enquanto, difícil. A edição é de dez mil. Outra fraqueza é que, especialmente no NE, toda a direção estadual faz o que bem entende, respectivamente o que considera necessário. Nesse ponto tem melhorado um pouco e o breve melhoramento das possibilidades técnicas de comunicação esperamos que dentro em pouco tragam modificação radical. Por ocasião de nossa presença nessa região conseguimos evitar em um distrito do interior um adiantado preparo de revolta com os soviets. Em lugar desta será agora desenvolvido lá o movimento dos camponeses, desenvolvendo-se simultaneamente organizações de camponeses e de voluntários já existentes. A região, cujo nome não menciono devido a uma outra razão, é favorável. Os caudilhos cooperam conosco. Os governadores do Rio Grande do Norte, Pernambuco, Paraíba, Alagoas e Bahia deliberaram sobre o combate em comum contra o movimento de voluntários em formação. Como problemas especiais de tática política apresentam-se ainda no NE: a questão da religião dos padrecos. Executaremos uma linha cuidadosa. Atacaremos os padres não como tais, mas como políticos e exploradores, de acordo com o seu papel individual especial. Será preciso diferenciar, porque uma série de pequenos padres locais se manifesta pela ANL e muitos têm forte influência sobre a população religiosa e atrasada. Outrossim: os produtores médios de açúcar (em parte também de algodão) estão em parte se aproximando da bancarrota. Uma parte deles já se transformou em administradores das terras que antigamente possuíam e que hoje são propriedade das grandes usinas de açúcar (pertencentes aos bancos ligados ao imperialismo). Em geral não se trata de camponeses da classe média, senão de proprietários, se bem que endividados, de 150, 200 ha. de terras. Esta gente está muito exasperada. Existe grande perigo de que criarão pontos de apoio do integralismo se não agirmos com muita habilidade. Em parte esta gente procura a ANL e começa a ocupar-se da questão do combate ao imperialismo. A nossa linha nessa questão será, em breve resumo, o seguinte: de não intimidar estes produtores com a palavras de ordem geral de partilha de terras, mas sim de propor-lhes a luta contra o imperialismo, os bancos, as grandes usinas de açúcar, o governo. Desde que a maior parte das terras está em poder das usinas de açúcar, poderão as exigências de terra dos camponeses e operários ser, por enquanto, satisfeitas às custas destes estabelecimentos e dos maiores latifundistas. [sic] Assim ter-se-á de início a possibilidade de restringir as bases da contra-revolução. Eu creio que isso na primeira fase será sempre acertado, onde as grandes propriedades dos imperialistas e dos maiores latifundistas [sic] permitem a imediata partilha em grande escala de terras entre os lavradores. As minhas sugestões neste sentido encontraram um eco favorável e não tiveram oposição. Essa questão também é de importância, [sic] por isso que

em grande parte essa camada apresenta numerosos oficiais, dos quais uma parte é de conceitos mais ou menos radicais. O movimento unitário dos sindicatos legais está marchando. Um grande número de congressos estaduais está em preparo. O que antes ou durante estes congressos não aderir, se tentará de conquistar. Estamos tão intimamente ligados a esse movimento que sem nós o mesmo não pode ser imaginado. Nas Federações de maior importância a direção é nossa e de bons simpatizantes. Em uma série de estados, principalmente no NE, os sindicatos ainda não representam organizações de massas, senão compõem-se apenas de 100 membros ou pouco mais cada um. A razão principal disso está em nosso antigo combate aos sindicatos legais e no tempo relativamente curto que nele colaboramos. Atualmente está aguda em todos os setores a questão do movimento pelos salários, em virtude do crescente encarecimento. O preparo das greves de operários deve, porém, sempre e ao mesmo tempo ser combinado com a criação da frente única com os pequenos negociantes etc. Essa necessidade ainda não foi suficientemente compreendida e não está sendo executada com suficiente intensidade. Sobre a Argentina: . . .

(TSN, Processo nº 1, apreensão à rua Paul Redfern, vol. 5)

# 108

## A FRENTE NACIONAL POPULAR REVOLUCIONÁRIA

Muritiba

O desenvolvimento prodigiosamente rápido da Aliança Nacional Libertadora constitui o fato político central da vida brasileira. A iniciativa de sua constituição, na base do Manifesto-Programa, teve uma acolhida imediata em todos os pontos do Brasil, tanto nas cidades mais importantes quanto nos povoados mais longínquos. Pequenas populações de aldeias situadas a milhares de quilômetros do Rio têm sua organização aliancista. Este fato, sucedido pela primeira vez na vida do país, demonstra que a ANL expressa efetivamente a vontade e as aspirações das mais vastas camadas do povo brasileiro. Com a organização da ANL, centenas de milhares de trabalhadores se integram na luta política.

Esse fato não é mero reflexo passivo do profundo descontentamento popular contra o governo de Getúlio; muito mais, é um testemunho de que as massas se congregam em torno de um programa por cuja vitória se propõem a lutar. Neste sentido, é significativa a circunstância de que as simpatias pela ANL aumentaram prodigiosamente com a difusão do manifesto de Luís Carlos Prestes, no qual são fixadas as tarefas imediatas do governo popular nacional revolucionário. A conclusão é clara: se a grande massa do povo apóia a ANL, é porque vê nela possibilidade de uma luta vitoriosa por um novo Poder, realmente popular, realmente nacional, realmente revolucionário. Nisto consiste a força da ANL.

Nem o governo de Getúlio nem nenhum de seus grupos está em condições de impedir a crescente indignação revolucionária das massas. Faltam-lhes todo o apoio popular. Seus nomes continuam sendo ligados, indissolavelmente, a uma política de reação e de ditadura de fome, de carestia de vida, de maior submissão ao imperialismo. Inoperante, desaparece a demagogia oficial. Para o Brasil, cada vez de uma maneira mais aguda, a crise colocou em relevo, publicamente,

ante milhões de brasileiros, que o governo de Getúlio é a extrema opressão e a venda descarada aos capitalistas estrangeiros. Para se salvar da bancarrota, da miséria, da tutela imperialista, o povo não tem outro caminho senão o levantamento revolucionário.

A tarefa dos comunistas consiste em auxiliar este processo, consolidando a Frente Nacional Popular Revolucionária, ampliando cada vez mais e fortificando as posições da classe operária. O governo de Getúlio levou a efeito, infrutiferamente, [sic] a experiência de pulverizar a ANL por meio da reação: não conseguiu. Do mesmo modo, não conseguiu unificar e concentrar uma vasta Frente reacionária e, neste sentido, o importante para nós é compreender como uma política conseqüentemente firme pela ampliação da Frente Nacional Popular Revolucionária pode definitivamente impedir essa concentração reacionária e, mais ainda, fazer progredir a luta pelo governo popular encabeçado por Prestes.

Quanto ao movimento integralista, sua tendência está fora de qualquer discussão. Continua constituindo uma força reacionária perigosíssima, porém já não se trata mais do poderoso movimento de oito meses atrás, quando estava em plena ascensão. A demagogia antiimperialista do integralismo ficou de máscaras abaixo com o aparecimento da ANL; este movimento realmente nacional e antiimperialista, que chama o povo para a luta por um poder nacional revolucionário, cassou ao integralismo todas as possibilidades de fazer demagogia neste terreno. Ao mesmo tempo, a estreita vinculação do integralismo com os imperialistas, com os bancos estrangeiros que o subvencionam, com os fazendeiros mais abastados, especuladores e usurários, com a polícia política de Getúlio e com os militares reacionários, descobriram claramente entre as massas sua verdadeira fisionomia. Muita gente serviu ao integralismo acreditando honestamente em suas frases contra o imperialismo; foi o caso de numerosos elementos pequeno-burgueses, assim como de operários os mais atrasados do ponto de vista da consciência de classe. Esses elementos abandonam cada vez mais o integralismo e se passam para a ANL; tal processo, entretanto, está longe ainda de se haver terminado, e devemos, por isso mesmo, precipitá-lo.

O governo de Getúlio pretendeu assestar um golpe contra a ANL, ou seja, contra a Frente Nacional Popular Revolucionária, decretando sua dissolução legal; desse modo pretendeu impedir a Frente popular de massas. O resultado deve ser o oposto: assegurando o funcionamento da ANL, sem nenhuma concessão programática, a resposta à tentativa governamental deve ser o aprofundamento e ampliação daquela Frente. Sobre a base da luta contra as medidas ditatoriais, pela legalidade da ANL, pelas liberdades democráticas, mesmo na medida em que a Constituição as reconhece. Nestas condições, marcharemos com todas as forças dispostas a essa luta, sem ceder em nada - pelo contrário, reafirmando-o - de nossas reivindicações programáticas.

Na etapa atual do movimento revolucionário, o proletariado e seu Partido Comunista já desempenham um papel muito importante; todavia, a Frente Nacional, uma vez que é precisamente Nacional, ou seja, objetiva imediatamente sacudir a tutela opressora do imperialismo, atinge camadas sociais muito distintas. A missão dos comunistas não consiste em restringir a amplitude de tal Frente, pelo contrário, consiste em ampliá-la, para levantar a Nação à base do programa popular revolucionário, contra os bandidos imperialistas e contra os opressores reacionários internos, representados pelo governo de Getúlio. Porém, sua participação nesta vasta frente não implica absolutamente na sua dissolução na mesma; pelo contrário, o PC e o proletariado, firmando seu papel nesse bloco, devem se consolidar cada vez mais como forças revolucionárias conseqüentes, fortalecendo suas organizações, seus sindicatos e suas ações próprias. A luta pela hegemonia proletária no movimento é inseparável da luta vitoriosa contra o imperialismo. Com esse fim, e ao mesmo tempo com o objetivo de acelerar o ritmo da preparação revolucionária, é decisivo o desenvolvimento das ações de massa, principalmente pelas reivindicações parciais e econômicas. A luta pelas mais modestas reivindicações das massas dos operários e dos camponeses não se enfraquece pela circunstância de estarmos às vésperas das lutas pelo Governo Nacional Popular Revolucionário. Pelo contrário. Cada comunista deve compreender até as suas últimas conseqüências que, no caminho da luta pelo poder, as ações de massas, as greves pelas reivindicações operárias constituem o veículo fundamental. No decorrer das próximas semanas e meses, a frente das greves operárias e das lutas camponesas é o degrau decisivo da Revolução. A ANL congrega a massa do povo que quer efetivamente uma profunda Revolução popular. E a massa está alicerçada por longos anos de experiência política, acumulada sobretudo desde 1922. Já não se tem mais fé nos demagogos pequeno-burgueses que procuram barrar o caminho da Revolução, nem tampouco em promessas vagas: quer um movimento que verdadeiramente ponha um termo à opressão dos imperialistas, com os fazendeiros reacionários, com a opressão política. Porém, apóiam a ANL diversos elementos que pretendem evitar a Revolução, que tendem a transformar todo o movimento em simples demonstração nacional reformista. Estes elementos, neste sentido, estão dispostos a qualquer compromisso. Estão contra Getúlio, porém temem uma Revolução popular profunda. Estão contra o imperialismo, porém temem a solução plebéia contra a opressão imperialista. Estão contra a atual ditadura, porém temem que as massas, de armas nas mãos, sejam a garantia real pela democracia popular. Gostariam mais de uma ANL sem a existência do PC, em geral, e sem a participação dos comunistas. Aderem à palavra de ordem do Governo Popular Nacional Revolucionário, mas queriam que Prestes não o encabeçasse. Isso é importante não só para os comunistas como também para todo revolucionário honesto, para cada antiimperialista sincero e conseqüente. Esses elementos vêm a ANL empurrados pela massa; colocar-se contra a ANL e seu programa

equivalaria a afastar-se de toda a simpatia das massas. Porém, já no processo do movimento, tratam de contê-lo, de restringi-lo, de desnaturá-lo, enfim. Para alguns desses elementos, a constante pressão de massas pode ter como resultado empurrá-los para um espaço no caminho da Revolução. Para outros, é evidente que se esforçarão por impor os seus pontos de vista restritos e anti-revolucionários, por suas conseqüências. O papel do camarada Prestes na Revolução Brasileira é conhecido; não é de assombrar, pois, que os imperialistas e seus agentes, Getúlio e seus lacaios, façam de Prestes o centro de seus ataques. Em tais condições, que significaria a fórmula: "Um governo popular sem Prestes à frente" senão um reflexo da pressão adversária, getuliana, imperialista e feudal sobre o movimento da ANL?

Desse modo, dando ao movimento aliancista um caráter cada vez mais acentuado de vasta Frente Popular Nacional Revolucionária, impedindo toda restrição sectária a este princípio central, urge que os comunistas lutem vigorosamente pela aplicação conseqüente da orientação revolucionária, contra todo enfraquecimento da mesma, parta de onde partir, firmando, ao mesmo tempo, o papel do proletariado e das massas pelo caminho das ações grevistas e dos combates camponeses.

As organizações do PARTIDO COMUNISTA verificaram no curso de seu trabalho cotidiano a justeza da orientação do pleno do CC; trata-se agora de levar à prática essas decisões.

(a) MURITIBA

(Documento redigido por *Muritiba* - Prestes ou Harry Berger em julho de 1935. TSN, Processo nº 1, apreensão à rua Paul Redfern, vol. 5)

# 109

## CARTA DA DIREÇÃO DO PCB ESCRITA POR HARRY BERGER AO SECRETARIADO DO NORDESTE

Caros companheiros: repetimos mais uma vez por escrito algumas questões fundamentais que já tivemos ocasião de tratar com o camarada W. durante sua estada aqui.

1. As diretivas dadas por S. ao Nordeste foram passos inautorizados e independentes de um aventureiro golpista. Ele agiu não só indisciplinadamente, como suas diretivas não correspondiam à situação. Para impedir tais casos no futuro, determinamos que única e exclusivamente sob diretrizes do ZK (comitê central) é que poderão ser tomadas medidas tão amplas como as de 15 de agosto.

2. Nós felicitamos a direção do Nordeste pela iniciativa que tomou, fazendo os maiores esforços para impedir a ampliação das diretivas dadas por S. Somos também de opinião que foi justa a preparação de uma ampla mobilização das massas com o objetivo de estarmos preparados no caso de um grande movimento em outros estados do Nordeste. Essa preparação mostrou nossa força e a vontade de luta das massas, deu experiência ao nosso partido e à massa, experiências que serão mais tarde de grande valor. Mas é necessário que a direção e o Partido compreendam os problemas fundamentais da revolução, da sua primeira etapa e a tática necessária, porque devido a uma compreensão deficiente de tais questões um sério erro foi cometido pela direção do Nordeste.

3. A atual etapa da revolução no Brasil. Trata-se de uma revolução nacional, antiimperialista. O objetivo nesta etapa é a formação de uma frente popular a mais ampla possível (operários, camponeses, pequena burguesia urbana e uma parte da burguesia nacional, a que é contra o imperialismo), a implantação de um governo nacional revolucionário popular, com LCP à frente,

governo no qual as camadas sociais acima referidas serão representadas.

Esse governo vai apoiar-se, antes de tudo, nos elementos nacional revolucionários das forças armadas, sobre os operários e camponeses, suas organizações de massa e suas formações armadas. Nesta primeira etapa nós não organizaremos sovietes, porque isso limitaria de maneira muito forte a frente popular ampla. Apesar disso, o verdadeiro poder nas pequenas cidades e povoados do interior irá cair de maneira crescente nas mãos das ligas camponesas e dos comitês camponeses que se formarão e os quais também organizarão formações armadas para a defesa do governo popular e de seus próprios integrantes.

Nas cidades, o poder irá às mãos de uma aliança de operários, pequeno-burgueses e determinadas partes da burguesia nacional, as que são contra o imperialismo e pelo governo popular com Prestes.

As tarefas do governo popular serão: dar os mais amplos direitos ao povo, fazer avançar o desenvolvimento das organizações de massa, organizar um exército popular revolucionário, armar as massas, reprimir de maneira sistemática as organizações reacionárias (integralistas, capangas, bandos armados feudais, os partidos políticos reacionários), realizar as reivindicações mais elementares das grandes massas.

Nesta primeira etapa o fogo, antes de tudo, vai ser dirigido contra o imperialismo e aquela parte dos grandes latifundistas [sic] e capitalistas que traem o país e fazem frente com o imperialismo. As medidas do governo popular, assim como também a luta das massas devem ser concentradas contra tais forças sociais e seus apoios. A luta revolucionária contra eles deve estar ligada a uma tática hábil e de contemporização frente aos produtores médios no campo e de determinadas partes da burguesia nacional reformista que sejam contra o imperialismo.

Frente ao imperialismo o governo popular e as massas revolucionárias aplicarão uma tática enérgica mas também hábil (ver o programa do governo popular no manifesto de Prestes de 5 de julho). A confiscação imediate e sem distinção de todas as empresas imperialistas acelerará a formação de uma frente única por parte do conjunto do bando imperialista contra o governo popular e a revolução. Para dificultar isso, no começo seremos forçados a nos contentar com a liquidação dos tratados prejudiciais ao Brasil, não pagamento das dívidas externas, confiscação das empresas imperialistas que não se submetam à legislação do governo popular, nacionalização de algumas empresas particularmente importantes e diminuição de fretes, aumento de impostos a serem pagos às empresas imperialistas, defesa dos interesses dos operários, controle de empresas pelos operários e empregados brasileiros etc.

Repetimos: o governo popular nacional revolucionário não é um governo de operários e

camponeses na forma de sovietes. O governo popular nacional revolucionário não é a ditadura democrática de operários e camponeses sob a forma de sovietes mas um governo popular amplo, nacional e antiimperialista.

É mesmo possível que no governo de alguns Estados, no começo, elementos nacional reformistas tenham maior peso. Se for possível por meio de um pacto com tais elementos enfraquecer setores da contra-revolução, o governo popular nacional revolucionário deverá fazer pactos com tais governos vacilantes e neutralizá-los, mas simultaneamente desenvolver as forças nacional revolucionárias em tais Estados, com o objetivo da mudança do governo numa direção revolucionária.

O conjunto do desenvolvimento se vai dar através de grandes lutas. Desta maneira vai crescer amplamente a força das massas revolucionárias e o apoio para a parte nacional revolucionária no governo nacional popular que se tornará cada vez mais forte. Simultaneamente, são inevitáveis vacilações dos elementos inconseqüentes e passagens para o campo da contra-revolução e dos imperialistas, na medida em que a revolução se aprofundar. Será nossa tarefa organizar as maiores garantias para o esmagamento da contra-revolução e para a substituição dos elementos vacilantes por chefes firmes nacional-revolucionários.

4. O começo da revolução agrária se encontra já na primeira etapa da revolução. Mas somente o começo, por isso concentramos nossos ataques, no começo, somente contra os maiores latifundistas [sic] os que vamos expropriar como traidores à Pátria e agentes do imperialismo. Com o esmagamento profundo da contra-revolução, com a diferenciação de classes rápida sob o fogo da guerra civil, passaremos rapidamente da primeira para a segunda etapa - a revolução agrária e antiimperialista. Este processo não será igual nos diferentes Estados. Pode ser mais rápido no Nordeste do que no Sul ou no Centro do Brasil. Este processo de passagem de uma a outra etapa não vai ser decretado por decisão do governo popular, mas, antes de tudo, será decidido pela força e pela vontade de luta das próprias massas.

Também aqui podemos ter a perspectiva de que no começo dessa segunda etapa não será indispensável a formação de sovietes, mas que os sovietes serão formados somente no processo da liquidação do feudalismo e do ulterior reforçamento do proletariado industrial. (Naturalmente, é inevitável que em certos lugares ou regiões as massas formem sovietes já na primeira etapa da revolução, ou na passagem à segunda etapa). Mas nós só passaremos a modificar a Constituição, só instalaremos a ditadura democrática dos operários e camponeses na forma de sovietes quando a revolução no Brasil tiver chegado à hegemonia do proletariado. Então os pontos de apoio do governo popular nacional revolucionário serão os sovietes, mais as organizações de massa, mais

o exército popular revolucionário. A transformação (não a queda) do governo popular nacional revolucionário com Prestes à frente em ditadura democrática de operários e camponeses, um governo soviético de operários e camponeses será então uma perspectiva real, dado ao desenvolvimento favorável da revolução e do governo popular nacional revolucionário.

Não devemos considerar a passagem da primeira à segunda etapa como uma questão de alguns meses. Precisamos de muito mais tempo, porque o governo popular nacional revolucionário deverá executar grandes tarefas revolucionárias na primeira etapa, num grande país.

Em relação a isso, não necessitamos atualmente insistir sobre a passagem da ditadura democrática de operários e camponeses à ditadura do proletariado (ou, sob o ponto de vista social, a transformação da revolução democrática burguesa em revolução socialista), porque isto é uma questão de perspectiva ulterior. Consideramos estes esclarecimentos necessários para repetir ainda uma vez algumas conclusões táticas.

5. A garantia da vitória consiste em:

- a) desenvolvimento de lutas de massas;
- b) ampliação da frente nacional.

Em resumo: Vossa orientação de estar a qualquer momento preparado é absolutamente certa e nós devemos desenvolver uma tal orientação fortemente. Mas vós subestimais o grande significado das lutas parciais para aumentar a vontade de luta e a força das massas e a sua grande importância para a revolução. Lembrai-vos que Lenin dizia que muitas vezes a revolução se desenvolveria de “pequenas” causas. Naturalmente não poderemos ficar neutros frente a qualquer acontecimento e principalmente frente a um golpe. Devemos utilizar cada acontecimento e cada situação para mobilizar a força das massas na luta pelos seus próprios interesses. Existem, porém, entre a ociosidade, a neutralidade e a revolta, inúmeras possibilidades de luta. Essas lutas parciais são também necessárias para a formação da frente popular e o sucesso da insurreição.

Por isso devemos agora: a) organizar greves dos operários pelas reivindicações diárias e desenvolver nessas lutas os sindicatos em grandes organizações de massa; b) organizar lutas dos camponeses por reivindicações diárias, organizar congressos camponeses, comitês e ligas camponesas, organizar como resultado de tal trabalho as guerrilhas; c) organizar a pequena burguesia urbana pelas suas reivindicações (diminuição de impostos, fretes, contas de luz, telefones, diminuição do aluguel das casas etc.); organizar petições ao governo por tais reivindicações, passar de petições a reuniões, demonstrações, a pequenas greves de protesto dos pequenos comerciantes etc.; organizar o movimento de estudantes.

Combinar estes movimentos de diferentes classes para o desmascaramento prático e

concreto do governo de Lima Cavalcanti e concentrar ao mesmo tempo o fogo contra os latifundistas [sic] mais reacionários e os integralistas. Precisamos romper com a orientação dos que dizem que a massa não quer as lutas parciais e somente a insurreição.

Na questão da ampliação da frente popular nacional é necessário:

a) O conjunto de nosso Partido deve lutar com todas as forças pela ANL e pelo governo de Prestes e em nenhum caso fazer a propaganda de objetivos e de fins mais distantes. O conjunto de nossa atividade atualmente deve ser dominado por um ponto central: realizar a palavra de ordem - "Todo o poder à ANL".

Donde se segue: a Aliança deverá ser mais ampla. Antes de tudo precisamos ganhar as amplas massas da pequena burguesia para a ANL. A idéia da revolução nacional deverá se tornar um interesse concreto não somente do Partido e dos operários revolucionários, mas das mais amplas massas populares.

b) É necessário não apreciar o Partido Social Democrata como um bloco único reacionário. A ANL (e nós, como membros da ANL) devemos nos dirigir aos membros de tal partido e de suas organizações de base e tentar ganhar para a frente nacional todos os elementos honestos e democratas (mesmo que sejam nacional reformistas). Enquanto Lima Cavalcanti aplica medidas cada vez mais reacionárias e namora os fascistas, as amplas massas pequeno-burguesas de seu partido e uma parte dos produtores médios se aproximam da frente nacional popular. É necessário não tratá-los como participantes indesejáveis, mas enquadrá-los como participantes à luta do nosso lado.

c) É necessário utilizar cada corrente democrática contra Lima Cavalcanti. Não se deve ter medo de utilizar na luta contra os integralistas, homens como Rabelo. É necessário jamais ter a opinião de que as negociações entabuladas antes da tomada do poder irão influenciar as medidas revolucionárias durante e depois da tomada do poder. Estas medidas dependem sempre da atitude de tais elementos e da força da revolução. Mas atualmente todos os meios são aplicáveis para neutralizar os adversários, para torná-los vacilantes, levá-los à confusão e para lançá-los uns contra os outros.

6. Observação final: durante as próximas 4-8 semanas deveremos realizar estas tarefas, particularmente organizar uma onda de lutas. Em tal processo, quintuplicar o nosso Partido e organizar uma juventude forte. Os sindicatos devem se tornar verdadeiras organizações de massa. A ANL deverá ser ampliada, penetrar nas vilas e aldeias e ser dirigida pela idéia de preparar

concretamente a tomada do poder. A aliança do povo revolucionário com as forças armadas deve ser reforçada. Em vez da espera de grandes partes da população que os soldados "comecem" (e vice-versa), deverá ser formada uma íntima colaboração da direção das massas populares e organizações revolucionárias com as direções das organizações de soldados e oficiais revolucionários. Em poucos meses poderemos estar frente a tarefas decisivas. Conquanto tenhamos firmemente em vista uma revolução que abarque simultaneamente e tão amplamente quanto possível a maior parte do país, não recusamos a possibilidade de um rompimento prematuro no Nordeste. Mas é necessário desde o começo procurar uma base mais ampla do que Pernambuco. Pelo menos durante o tempo em que tenhamos tal possibilidade. Sobre todas as outras questões o camarada W. vos vai informar.

Com saudações

CC do PCB

Secretariado

(Carta de 7 de setembro de 1935, traduzida do alemão. Há duas versões, com mínimas diferenças. TSN, Processo nº 1, apreensão à rua Paul Redfern, vol. 5)

# 110

## INSTRUÇÕES PARA O TRABALHO EM SÃO PAULO

[ilegível] do companheiro [ilegível] O companheiro será enviado como instrutor do CC, [ilegível] O mesmo será membro do comitê regional, com o direito de participar de todas as reuniões do secretariado do comitê regional e suas instruções serão as de ajudar o comitê regional no trabalho político local, dando especial importância às comissões de organização, trabalho sindical, trabalho entre os trabalhadores italianos (a população italiana de São Paulo é superior a 300.000). O companheiro manterá ligação direta com o CC, ao que enviará informes periódicos sobre todas as questões da organização do partido em São Paulo.

A questão de organização em São Paulo - A relativa debilidade de nossas organizações partidárias em São Paulo é um lado débil de nosso trabalho revolucionário. Não é necessário dizer da importância que tem a cidade do Estado de São Paulo para nosso trabalho. Não só devemos desenvolver nossas organizações como, além disso, o trabalho no Estado deve dar a base para a penetração sistemática em outras regiões. A cidade de São Paulo deve chegar a ser uma grande fonte de onde o partido possa tirar continuamente os quadros mais desenvolvidos do operariado para trabalhar em outras partes do Brasil.

São Paulo é o centro ferroviário mais importante e mais desenvolvido de todo o Brasil. (A Sorocabana para o Sul, a Mogiana e a Paulista para os centros mais importantes do Estado de São Paulo, para os Estados de Goiás e Minas Gerais; a estrada de ferro Central para o Rio de Janeiro, a estrada de São Paulo a Santos e aos vastos distritos de café de São Paulo.)

Por isso, as estradas de ferro (além de outros meios de transporte) é um dos nossos pontos de concentração mais importantes. Além disso, devemos fortificar nossa influência e direção nos sindicatos dos operários do [ilegível] Ao mesmo tempo, devemos organizar nossos núcleos partidários ilegais em todos os sentidos e devemos educá-los para que desempenhem um papel

dirigente maior tanto nas lutas diárias como em casos de emergência (golpes de [ilegível] militar-integralistas, lutas revolucionárias em outras partes do Brasil) quando terá uma grande importância uma greve geral ferroviária.

São Paulo é a cidade mais industrial, maior, não só do Brasil mas de toda a América do Sul. Somente na cidade estão empregados mais de 100.000 operários industriais. O número aproximado de operários nas indústrias principais da cidade são: têxteis, 50.000; aço e metal, 15.000; [ilegível] 15 mil; curtumes, 7.000; madeira, 7.000; vidro, 5 mil; imprensa, 6.000; química, 3.000; cervejaria, 3.000.

Com os operários de outras indústrias fundamentais (além dos transportes) devemos aumentar em muitas vezes o número de nossos afiliados. Muitos quadros novos devem ser desenvolvidos rapidamente, destes operários da indústria. Deve dar-se muita atenção ao fortalecimento da influência nos bairros mais importantes da classe operária, principalmente o Brás e Mooca. É preciso desenvolver uma rede de instrutores que prestem ajuda prática aos núcleos de fábrica e aos comitês de bairro.

Todo nosso trabalho de organização não deve ser somente considerado [ilegível] como cidade. São Paulo é também um grande centro de [ilegível] de grandes distritos agrícolas. Para nós é de grande importância criar fortes organizações partidárias nos centros de concentração da [ilegível] como Campinas. O trabalho no campo deve vir a ser uma das grandes tarefas de todo o partido, inclusive de organizações da cidade. É da maior importância aproximar-se do camponês, do ponto de vista de sua produção. E não há só café em São Paulo, mas uma grande produção de algodão, cereais, açúcar e igualmente carne e seria naturalmente um grave erro aproximar-se do camponês somente do ponto de vista do campo.

Devido ao proletariado de São Paulo ser uma força tão formidável, a burguesia e os latifundiários de São Paulo desenvolveram um sistema de [ilegível] que em outras partes do Brasil. Por isso também a ajuda maior que se dá aos integralistas e aos semi-fascistas golpistas Bernardes-Klinger. Daí que deve ser dada maior atenção para aperfeiçoar nossa organização ilegal.

As principais tarefas políticas a) Lutar pela verdadeira linha revolucionária do partido. São Paulo foi sempre um centro onde a grande e a pequena burguesia exerceram grande influência no partido, às vezes influenciando sua linha de orientação. Durante os últimos anos realizamos grandes progressos. Mas seria um erro crer que a influência do inimigo de classe em nosso partido foi eliminada de todo. Há apenas algumas semanas, um membro da Federação Juvenil propôs ao Comitê Regional que o PC fosse liquidado e passasse todo ao partido de Miguel Costa. Isso mostra que as más "tradições" do passado não estão de jeito nenhum liquidadas. É claro que

se vem a tona um tal ponto de vista liquidacionista, deve haver um certo número de ocultos partidários de Miguel Costa. É necessário limpar o partido de tais elementos e edificar sua organização sobre uma estrita base classista. É muito necessário expulsar do partido os agentes de Miguel Costa e de O. Gildo pois o partido deve preparar-se para lutas revolucionárias muito sérias e também para dar grandes passos táticos na linha da frente única.

Nossa tarefa principal em relação à frente única consiste em estabelecer uma frente comum de ação com o Partido Socialista, que conta, em São Paulo, com grande [ilegível] entre os operários. Até agora nossa tática tem sido a de ganhar para nosso lado os da ala esquerda do PS. Não temos trabalhado o suficiente na direção de apoiar a ala esquerda para organizar-se como tal, a clarificar sua posição, a revisar todas as [ilegível] dentro do PS, a lutar pela unidade de ação e a estabelecer a frente comum de luta com os comunistas, a permanecer como membros do PS, tratando de ganhar uma grande parte (senão a maioria) de seus aliados para o ponto de vista da esquerda. É claro que tal linha, em última instância, teria dado maiores resultados para o trabalho [ilegível]. Em vez disso, fomos impacientes e aceitamos rapidamente uns líderes da esquerda, algo assim como uns cem afiliados. Para corrigir esse passo tão precipitado, deveríamos agora fazer duas coisas: fazer [ilegível] organizações de frente única ao PS, [ilegível] questões de reivindicações dos trabalhadores; defesa dos direitos populares; contra a proibição do congresso de unidade dos sindicatos; protesto contra a proibição do congresso do PS, demonstrações conjuntas no 1º de maio, contra os integralistas, golpistas, [ilegível]; estabelecer comissões organizadas com as organizações de bairro e sindicais do PS e estabelecer com eles uma frente única; 2) a ala esquerda e especialmente os camaradas que entraram para o partido devem utilizar sua influência e ligações com os afiliados do PS para organizar a esquerda sobre uma base mais ampla.

c) devemos organizar uma direção firme e segura na ANL, sem romper o caráter amplo de sua organização. Isso só poderá ser alcançado se nossos camaradas e simpatizantes organizarem frações e verdadeiros grupos para organizar o trabalho de direção. Devemos desenvolver uma luta sistemática contra os inimigos de classe, sobre a base dos interesses nacionais do Brasil, contra o imperialismo, contra o latifúndio. Devemos lutar contra as tendências que querem converter a Aliança num partido político e numa organização auxiliar de um partido [ilegível]. Nisto, devemos recalcar que a grande tarefa da Aliança é reunir a todos os elementos nacionais honestos contra o imperialismo, o feudalismo e a reação, numa grande organização de luta, mas não um novo partido político, que seria dominado em pouco tempo pelos interesses burgueses latifundistas. [sic] É essencial estabelecer os fundamentos da Aliança sobre organizações de massa locais. Estudantes e intelectuais, soldados e oficiais de esquerda, assim como camponeses devem ser membros da Aliança. Mas em cada organização deve haver certo número de operários, capazes

de exercer uma grande influência e de prevenir qualquer degeneração na Aliança de um organismo do inimigo de classe.

Não é necessário tratar nessas proposições de todas as outras questões (trabalho sindical, trabalho no Exército, trabalho contra os integralistas etc.). Agora, algumas palavras sobre a ameaça de golpe Bernardes-Klinger. Devemos desmascarar os preparativos. Devemos mobilizar as pessoas contra os golpistas reacionários e contra o governo do estado. Devemos mostrar os resultados desastrosos dos golpes anteriores. Devemos fazer os preparativos num tal sentido que no caso de um golpe possamos chamar as massas a uma greve geral, que possamos mobilizar determinada parte do Exército contra os golpistas reacionários, que os trabalhadores estejam armados, que os camponeses utilizem a situação para lutar por suas reivindicações e a repartição da terra e que na luta pelo esmagamento dos golpistas reacionários se desenvolva o fortalecimento dos operários e camponeses e se utilize esse desenvolvimento para lutar por suas próprias reivindicações. No caso de um golpe o partido não é neutro, mas luta com energia contra os golpistas. Mas, ao mesmo tempo, o partido não ajuda o governo de Vargas, ao contrário, o partido trata de transformar a luta contra os golpistas numa luta contra o atual governo reacionário do Brasil e de esmagá-lo.

Essas tarefas não poderão ser cumpridas sem o fortalecimento de nosso partido em São Paulo, sem melhorar fundamentalmente nosso trabalho no campo. Além de nossas organizações partidárias no campo devemos organizar ligas e comitês de camponeses, locais e de distrito, sindicatos de operários agrícolas, devemos mobilizar a população de todo o estado contra o latifundismo, [sic] contra as altas rendas, contra as dívidas, impostos e pela repartição da terra.

Especialmente em tempos de colheita o partido deve, sistematicamente, enviar ativistas do partido aos distritos agrícolas mais importantes, para ajudar a organização deste trabalho.

(Documento em espanhol, outubro de 1935, TSN, Processo nº 1, apreensão à rua Paul Redfern)

# 111

## A ALIANÇA NACIONAL LIBERTADORA, PRESTES E AS TAREFAS DOS COMUNISTAS NO BRASIL

A. Lopez<sup>1</sup>

O desenvolvimento dos últimos acontecimentos no Brasil está aproximando este país, com grande rapidez, da revolução nacional libertadora e antiimperialista.

Pela primeira vez na história do Brasil, em 1934-35 uma onda de greves abarca a mais de um milhão e meio de operários e empregados, greves a que se segue uma luta intensa nas empresas imperialistas decisivas: nos portos, nas estradas de ferro etc. Todas as greves econômicas mais importantes foram transformadas em greves políticas, sob as palavras de ordem de libertação dos presos, legalização do Partido Comunista, anulação do projeto da Lei Monstro sobre a segurança social.

O estado de emergência que foi decretado pelo governo reacionário de Vargas não é capaz de frear o movimento revolucionário das massas. Aumenta de importância o papel do proletariado no movimento revolucionário do Brasil; consolidam-se rapidamente as posições do Partido Comunista. Os sindicatos legais de massa, os chamados sindicatos governamentais, do Ministério do Trabalho, aderiram em massa ao movimento revolucionário; eles exigem a melhoria da situação dos trabalhadores, exigem as liberdades democráticas, assim como a legalização do Partido Comunista.

No início de 1935, foi formada por iniciativa dos elementos revolucionários do Brasil a Aliança Nacional Libertadora, que no breve prazo de sua existência já conseguiu atrair para suas

---

1. Provavelmente Harry Berger.

fileiras grandes organizações de massa da classe operária, de empregados, estudantes, setores importantes do Exército e da Marinha, algumas organizações camponesas, partidos da pequena burguesia, os "trabalhistas" (o chamado partido operário) e os "tenentistas" (organização revolucionária pequeno-burguesa que abarca a oficialidade média do Exército); a numerosos grupos socialistas, aos sindicatos mais importantes, às organizações juvenis de massa etc. A Comissão Popular de Inquérito, criada pelas organizações revolucionárias para apurar o assassinato do membro da Juventude Comunista, Warchavski, apóia-se em milhões de pessoas, constituindo-se numa importante base para a Aliança Nacional Libertadora. Numa série de Estados do Brasil realiza-se a unidade sindical, fazem-se enérgicos preparativos para o congresso de unificação sindical em todo o Brasil. Avança também vigorosamente o trabalho para a convocatória do primeiro congresso estudantil proletário e da juventude popular do Brasil. Esse movimento de massas, autenticamente popular, tem seu eixo dirigido contra o imperialismo, pela libertação nacional do Brasil e contra sua agência local, o governo reacionário de Vargas. A parte débil deste movimento, até o momento, consiste em não ter atraído suficientemente as mais amplas massas do campesinato, das massas subjugadas de negros e índios, não obstante alguns êxitos neste terreno.

O chamado da Aliança Nacional Libertadora ao povo brasileiro caracteriza a situação do país nos seguintes termos:

"Cresce a indignação do povo contra a escravidão econômica e política em que se encontra o Brasil. Rompem-se as cadeias que sujeitam as forças produtivas e a energia nacional do povo brasileiro, caem as cadeias imperialistas e latifundistas. [sic] 1934 marca a entrada do Brasil numa fase histórica sumamente importante e significativa. O movimento isolado, politicamente sem princípios, dos anos passados, que refletia a agitação e o descontentamento das diversas camadas trabalhadoras, converteu-se em lutas importantes, mais unidas e expressamente antiimperialistas".

Um dos maiores banqueiros do Brasil, o deputado do Estado de São Paulo Cincinato Braga, relata ao Parlamento (sem qualquer "intenção revolucionária de nossa parte, apenas à base de números") como o Brasil - país 18 vezes maior, por sua extensão, que a França, com uma população de 45 milhões - se acha, graças à política de rapina do imperialismo e dos latifundiários que o apóiam, à beira da ruína, da miséria, de sucumbir. A exportação do principal produto do Brasil, o café, que constitui quase 2/3 de sua exportação total, cai rapidamente. Das 25 milhões de sacas que constituem o consumo mundial de café, o Brasil exporta 13 milhões e todos os demais países 11 milhões de sacas. A quantidade de café incinerado chega já a 35-40 milhões de

sacas. Ao mesmo tempo, diminui a exportação de algodão e de outros produtos. O governo brasileiro, a fim de vender uma terça parte do algodão aos Estados Unidos da América do Norte, aceitou a liquidação de sua indústria têxtil e a importação de produtos têxteis em condições sumamente desfavoráveis. Enquanto o salário, a renda, os juros sobre o capital alcançam 45 mil réis sobre cada saca e os gastos de transporte 9 mil réis, o governo recebe 92 mil réis por saca. Enquanto que até na Colômbia o Estado só recebe de imposto um mil réis por saca, no Brasil destinam-se 92 mil réis para benefício do imperialismo, para o pagamento das dívidas, para os créditos aos grandes latifundiários e pecuaristas do país, ao mesmo tempo em que milhões de pessoas são condenadas à fome e à morte.

Em tais condições, a luta nacional libertadora contra a dominação imperialista assumiu um caráter especialmente agudo, acelerou o amadurecimento da crise revolucionária, fortaleceu o descontentamento das grandes massas operárias e camponesas, somou à luta revolucionária o poder espontâneo das massas e se transformou, ao mesmo tempo, num poderoso impulso para o crescimento da organização revolucionária das massas. À luz dessas lutas se revelam com maior clareza e mais concretamente as particularidades da revolução democrático burguesa no Brasil. Com maior clareza se destaca o papel que desempenhou e o lugar que ocupa a ação revolucionária mais importante do Brasil em seu passado, a marcha da Coluna Prestes. Não é por casualidade que Luís Carlos Prestes, que há pouco ingressou no Partido Comunista do Brasil, foi eleito nas numerosas assembléias da Aliança Nacional Libertadora como seu presidente de honra, "em vista de seu excepcional prestígio como lutador heróico pela liberdade do Brasil", como o qualifica um documento oficial da Aliança Nacional Libertadora.

xxxxx

Durante o curto período de sua existência a Aliança Nacional Libertadora converteu-se num sério poder revolucionário. Que representa esta Aliança? É o bloco de operários, camponeses, da pequena burguesia e daqueles grupos da burguesia que assumem posições a favor de uma frente nacional e apóiam a luta pela derrubada do governo de Vargas - agência do imperialismo ianque. A Aliança Nacional Libertadora representa assim a frente única nacional de luta contra o imperialismo.

Alguns comunistas supõem que a Aliança Nacional Libertadora não constitui a frente revolucionária nacional geral unificada, senão apenas uma dissimulação da luta autenticamente revolucionária dos operários e camponeses pelo poder. Eles vêem claramente todos os perigos que representam para o desenvolvimento do movimento revolucionário, os elementos nacional reformistas vacilantes da burguesia nacional e os elementos inconseqüentemente revolucionários

da pequena burguesia que ingressaram na Aliança, e por isso subestimam o significado revolucionário da Aliança para a obra de união das mais amplas massas populares. Tal posição é profundamente errada. É o resultado da subestimação da primeira etapa nacional libertadora da revolução num país semicolonial, onde os primeiros ataques são inevitavelmente dirigidos e devem ser dirigidos preferencialmente contra o imperialismo estrangeiro. A classe operária e o campesinato representam evidentemente a força decisiva nessa frente nacional antiimperialista, mas nesta primeira etapa da revolução a aliança nacional abarca não só os operários e camponeses. Nisto consiste sua força. A força da luta revolucionária de massas é dirigida contra o imperialismo estrangeiro e o movimento assume, por isso mesmo, um caráter profundamente nacional.

Alguns comunistas pensam que o quanto antes o movimento revolucionário possa "saltar" por cima dessa primeira etapa, tanto menor será o perigo ligado às inevitáveis traições e capitulações ante o imperialismo dos diferentes grupos da burguesia nacional, as inevitáveis traições dos generais e interventores (governadores) que trocam suas cores pelo nacional e aproveitam para isso os elementos dissidentes, os provocadores trotskistas, os renegados do movimento comunista mundial (Astrojildo e outros). Estão profundamente convencidos de que num país semicolonial como o Brasil o nacional reformismo burguês, quer dizer, as vacilações da burguesia entre os campos revolucionário e imperialista, suas manobras e jogos antiimperialistas dão a ela uma influência séria entre as massas trabalhadoras, sobre o proletariado, sobre as camadas decisivas do campesinato, da pequena burguesia das cidades, do Exército e da Marinha. Sem uma luta séria e sistemática pela libertação das massas trabalhadoras da influência da burguesia nacional não pode ser realizado o objetivo estratégico fundamental do proletariado e de seu Partido Comunista na revolução democrática burguesa: a hegemonia do proletariado.

Uma parte importante da classe operária, massas enormes do campesinato, a maioria esmagadora da pequena burguesia vêem nessa etapa específica da luta os exploradores e opressores estrangeiros como o inimigo principal. Todo o seu ódio é dirigido contra a rapina imperialista, contra sua agência reacionária imediata no país. As amplas massas, tomando o caminho revolucionário da luta contra o imperialismo, ainda não chegaram a se convencer, pela própria experiência no desenrolar da luta, qual é esse caminho revolucionário, qual é o partido que sabe conduzir essa luta melhor que todos e com maior consequência sabe dirigir essa luta. O Partido Comunista deve demonstrar a essas massas, com fatos, com sua iniciativa, decisão, consequência, capacidade de unir as amplas massas, que precisamente o partido do proletariado é capaz de realizar esta tarefa histórica revolucionária.

Eis aí porque a primeira etapa nacional libertadora da revolução num país

semicolonial, a etapa da frente única nacional não é uma "concessão" à burguesia da parte da classe operária, mas o único caminho que permite aproveitar, em certa medida, setores da burguesia nacional a favor dos interesses da revolução, em prejuízo e para o debilitamento do imperialismo e que também permite unir as mais amplas massas operárias, camponesas, da pequena burguesia, as mais amplas massas populares em torno do Partido Comunista.

Poderiam os comunistas unificar essas massas se rechaçassem qualquer pacto, qualquer coordenação de algumas ações de grupos da burguesia contra o imperialismo? Não, não poderiam. O nacional reformismo conseguiria desse modo manter a direção das organizações nacional revolucionárias da pequena burguesia, de uma parte das organizações de massa dos camponeses e ainda de uma parte da classe operária; as forças da revolução seriam divididas, debilitadas e o Partido Comunista isolado das amplas massas populares. Renunciar à primeira etapa da luta, da etapa da frente única nacional seria, de fato, renunciar inevitavelmente à revolução. As tentativas de saltar por cima da primeira etapa da frente única nacional, da frente antiimperialista resultaria de fato na negação da reeducação revolucionária combativa das amplas massas, atraídas atualmente à luta espontânea e que representam uma poderosa força revolucionária no Brasil.

Vencidas, miseráveis, presas na rede de uma exploração cruel, semiescravista e semifeudal, as amplas massas da América Latina pela primeira vez são atraídas à luta política e se convertem, mediante a luta popular geral, num poder revolucionário consciente. As teses complementares do II Congresso da Internacional Comunista sobre a questão nacional e colonial afirmam que nos países coloniais e semicoloniais "o domínio estrangeiro freia o livre desenvolvimento da vida social" e que "por isso, o primeiro passo da revolução nas colônias deve ser sua derrubada". (Informe taquigráfico do II Congresso da IC, pg. 498).

Ao desmascarar a confusão e o abandono da revolução pela oposição trotiskista (1927) Stalin demonstrou, com excepcional evidência, à base da experiência da revolução chinesa, que "quem não entendeu que a revolução não se realiza sem certas etapas de seu desenvolvimento; quem não entendeu que a revolução chinesa tem três etapas em seu desenvolvimento, esse não entende nada nem de marxismo e nem de revolução chinesa" (Stalin, *Sobre a China*, pg. 176, 1º de agosto de 1927). Quais são as etapas da revolução chinesa? "A meu modo de ver são três: a primeira etapa da revolução, a da frente geral nacional unificada, o período de Cantão, quando a revolução dirigia seus golpes principais contra o imperialismo estrangeiro e a burguesia nacional apoiava o movimento revolucionário. A segunda etapa: a revolução democrático-burguesa, depois da saída das tropas nacionais para o rio Yang-Tsi, quando a burguesia nacional se afastou da revolução e o movimento agrário se desenvolveu numa revolução poderosa de dezenas de milhões

de camponeses (atualmente a revolução chinesa está na segunda etapa de seu desenvolvimento). Terceira etapa: a revolução soviética, que ainda não irrompeu, mas que irromperá" (Idem, pg.176). "É seguro que a primeira etapa da revolução colonial deva ter precisamente tal caráter? Eu creio que sim". (Stalin, *Sobre a China*, pg. 177, 1º de agosto de 1927).

Significa isso que cada etapa da revolução no Brasil não terá suas enormes particularidades, que sua primeira etapa, a etapa da frente única nacional, será uma repetição mecânica do que ocorreu na China? Não, de maneira alguma. A revolução brasileira terá suas sérias particularidades. Uma parte da burguesia brasileira já não luta de modo revolucionário contra o imperialismo, enquanto que outra parte da burguesia apóia atualmente a luta nacional libertadora. Setores importantes do campesinato já lutam pela terra, principalmente contra os fazendeiros estrangeiros, a quem pertence uma parte importante da terra no Brasil. A burguesia e a pequena burguesia no Brasil estão ligadas em menor grau do que na China à propriedade da terra. O desenvolvimento do movimento camponês tem graus de desenvolvimento diferentes, nos diversos Estados. Esse movimento tem, além disso, o caráter de ações parciais espontâneas e unicamente em algumas localidades do Nordeste tem um caráter mais organizado e sistemático. As massas de negros e índios só aderiram em pequena escala à luta geral popular. Ao mesmo tempo, partes importantes do Exército e da Marinha mostram abertamente sua disposição de lutar ao lado do povo revolucionário pela libertação nacional, pela derrubada do governo reacionário. A Aliança Nacional Libertadora não é um bloco estabilizado e formalizado dos partidos. A luta de classes no Brasil assume um caráter agudo. A vanguarda da classe operária, o Partido Comunista do Brasil, é mais formada, mais experiente e mais de massas do que, por exemplo, o Partido Comunista da China no início da etapa da frente única nacional. Os partidos da burguesia nacional e da pequena burguesia já têm uma formação importante. A experiência política das massas populares cresceu consideravelmente, acumulada durante uma série de revoltas contra o Estado, dirigidas sob as palavras de ordem demagógicas da distribuição de terras e da ligação com a guerra entre São Paulo e o governo federal.

Todas essas e muitas outras particularidades devem ser levadas em conta ao colocarmos as tarefas táticas do Partido Comunista na primeira etapa da revolução - etapa da luta da frente única nacional. Mas todas essas particularidades não alteram o fato de que a etapa da frente única nacional é inevitável e que a tarefa do Partido Comunista não consiste em saltar esta etapa nem evitá-la, mas conduzi-la com a maior conseqüência revolucionária, dando-lhe uma amplitude potente de massas, mobilizando todas as forças, acumulando experiência revolucionária e transformando-a na experiência revolucionária das amplas massas. Da realização correta desta tarefa depende a rapidez, a profundidade com que a revolução conseguirá passar desta etapa de

fente única nacional à ampla revolução agrária de muitos milhões de camponeses, que aprofunde e amplie a luta do povo brasileiro contra o imperialismo.

A que obrigam essas conclusões aos comunistas brasileiros? Primeiramente, obriga-os a colocar para as mais amplas massas, com toda a decisão, como a tarefa mais urgente, a luta pela derrubada do governo de Vargas, agência reacionária do imperialismo e pelo poder da Aliança Nacional Libertadora. "Todo o poder à Aliança Nacional Libertadora deve ser a palavra de ordem das mais amplas massas populares. Pode-se, na atual etapa da luta pela libertação nacional, lançar outra palavra de ordem política central, por exemplo, a do "poder operário e camponês", ou a do "poder dos soviets"? É absolutamente evidente que essas palavras de ordem não podem ainda, nesse momento, unir a maior parte das forças revolucionárias do país; não podem converter-se nas palavras de ordem da frente única nacional revolucionária. Essas palavras de ordem seriam hoje exclusivamente de propaganda e isso facilitaria objetivamente, de fato, aos "golpistas" burgueses, para levar outra vez as massas a seu reboque, propondo-se a derrubar o governo reacionário. Somente a palavra de ordem de "Todo o poder à Aliança Nacional Libertadora" torna-se a palavra de ordem das mais amplas massas na etapa atual da luta. A Aliança deve, por isso mesmo, ser organizada em todas as partes: em cada fábrica, fazenda, aldeia, quartel, navio, universidade, casa de comércio. No curso da vitoriosa luta revolucionária, numa etapa de luta superior, os órgãos de massa da Aliança, órgãos democraticamente eleitos, experientes, já tendo conquistado a confiança das massas e que estarão sob a direção do proletariado e de seu partido, poderão transformar-se em soviets, nos órgãos de luta reconhecidos por todos, pelo poder dos operários e camponeses.

Tal posição na primeira etapa da revolução nacional libertadora significa por acaso que nós debilitamos a luta pela conquista do campesinato, que esmagamos ou retardamos a luta pela revolução agrária? Que renunciamos ao apoio multiforme das lutas parciais dos camponeses? Que separamos mecanicamente a luta pelo movimento antiimperialista da luta pela revolução agrária? Não, de nenhuma maneira e em nenhum grau. Ao contrário. Da luta pela conquista do campesinato para a luta popular geral antiimperialista depende o caráter popular, autenticamente de massas, da força e amplitude do movimento nacional libertador.

A etapa nacional libertadora da luta não só não impede a revolução agrária como a acelera, a amplia, converte as diversas ações parciais e isoladas do campesinato num movimento camponês de todo o povo em geral. Ao lançar, na etapa da luta nacional libertadora, juntamente com as reivindicações parciais dos camponeses, a palavra de ordem de apropriação e confisco das terras que pertencem aos latifundiários estrangeiros e aos traidores nacionais, os latifundiários reacionários, nós atraímos as mais amplas massas do campesinato para a luta. Na luta pelo

poder nacional revolucionário o campesinato aprende a ligar a luta pela terra com a luta pela derrubada do governo antipopular, pelo poder popular, constituindo assim um poderoso impulso para a grande revolução agrária. A etapa nacional libertadora da luta converterá o campesinato semiescravidado, abatido e desorganizado numa poderosa força revolucionária que será capaz de realizar a autêntica revolução agrária, cujos elementos importantes estão também incluídos na etapa nacional libertadora da luta.

Segundo: na etapa atual da luta o Partido Comunista deve fortificar ao máximo a Aliança e não debilitá-la ao opor-lhe outras organizações revolucionárias. Isso se deduz evidentemente da palavra de ordem de "Todo o poder à Aliança Nacional Libertadora" e da urgência de dirigir todas as forças das massas para a derrubada do poder do imperialismo e de sua agência reacionária no país. Eis aqui porque é necessário incluir na Aliança todas as organizações sindicais de massa, todas as organizações juvenis. Fortalecer a influência proletária na Aliança significará:

- a) o fortalecimento do caráter revolucionário da Aliança;
- b) a consolidação de sua influência entre as massas;
- c) o enfraquecimento da influência nacional reformista na Aliança;
- d) o reforçamento e fortalecimento do Partido Comunista e dos sindicatos revolucionários.

O ingresso na Aliança das organizações operárias mais importantes e experientes na luta não pode ser de nenhum modo perigoso no sentido da influência burguesa sobre a classe operária. Ao contrário, esse ingresso constituirá o melhor meio para a concentração, ao redor da classe operária, de seus aliados na revolução democrático burguesa, contribuirá para a conquista das mais amplas massas para a luta popular geral, dará a possibilidade de isolar os elementos vacilantes dentro e fora da Aliança e permitirá utilizar melhor os aliados provisórios na luta nacional libertadora.

Terceiro: de uma importância significativa é também a criação das Ligas Camponesas e a convocação de congressos camponeses em diferentes Estados e sua conquista para a Aliança. Não existe nenhuma muralha chinesa entre a etapa da frente única nacional e a da revolução agrária. Quanto mais fortemente se desenvolva a luta pelas reivindicações camponesas, quanto maior caráter de massas adquira a luta pela terra, dirigida principalmente contra o imperialismo e os traidores da revolução nacional libertadora, tanto mais profunda e de forma importante se desenvolverá a etapa da revolução da frente única nacional, tanto menos perigosas poderão ser as conseqüências da traição por parte dos satélites provisórios e inseqüentes da frente nacional, tanto mais se desenvolverá a revolução agrária, assumindo um verdadeiro caráter popular, tanto

mais rápida será a conquista da hegemonia do proletariado na revolução brasileira.

Quarto: a Aliança, apesar de sua amplitude, está longe ainda de abarcar as mais amplas massas populares. O caráter abertamente de rapina da exploração imperialista, durante os últimos anos, o caráter antinacional dos pactos do governo com o imperialismo, os golpes contra a indústria nacional, especialmente contra a indústria têxtil, os protestos de parlamentares de Estados inteiros (Paraná) contra o governo de Vargas impulsionaram novas massas para a luta contra o imperialismo e, ao mesmo tempo, impulsionaram uma parte da burguesia nacional a empreender o caminho do apoio à Aliança Nacional Libertadora.

As ações violentas das diferentes oposições burguesas e os preparativos para novas revoltas antigovernamentais debilitaram as posições do governo reacionário de Vargas, acelerando, num certo sentido, o despertar das amplas massas trabalhadoras, ao mesmo tempo que aumentaram o perigo de se desviar parte das massas populares da luta revolucionária para os "golpistas" (partidários do golpe de Estado) que apóiam a dominação imperialista. A Aliança deve, por isso, desenvolver com muito maior decisão a luta contra o governo odioso, diminuir a base social do governo de Vargas, isolar a reação, utilizar divisões e inimizades, ainda que parciais e provisórias das classes dominantes, facilitando assim a tarefa da derrubada do governo reacionário.

Quinto: a conquista das organizações operárias, camponesas, dos negros e índios para a Aliança é especialmente importante, porque ao se ampliar posteriormente a base social da Aliança (e os interesses da revolução exigem essa ampliação), são absolutamente inevitáveis as tentativas de: dividir prematuramente a Aliança, ainda antes dela chegar ao poder; utilizar a Aliança para organização e apoio de um golpe de Estado em benefício dos grupos da burguesia e de fazendeiros ligados ao imperialismo; transformar a Aliança num partido nacional reformista da burguesia, aproveitando seu peso e autoridade para pressionar o imperialismo e sua agência reacionária e expulsar da Aliança os elementos mais conseqüentes e revolucionários, sabotando de todas as maneiras o desenvolvimento do movimento operário e camponês.

Estes são os perigos que ameaçam a revolução nacional libertadora desde seus primeiros passos. A burguesia nacional tratará de evitar a revolução nacional libertadora popular de massas conseqüente e decidida. A burguesia tratará de pactuar com o imperialismo; tratará de obter do movimento nacional libertador a renúncia à luta de classes, a renúncia às reivindicações contra os empresários nacionais, que os operários renunciem às greves, que os camponeses renunciem aos métodos revolucionários de luta. A burguesia procurará por todos os meios adormecer e debilitar o movimento de massas, abrindo desse modo novos caminhos para a conciliação com o imperialismo, à base de condições mais aceitáveis e convenientes para a burguesia nacional. Para isso os elementos nacional reformistas que assumem as posições de traição nacional e de contra-

revolução se aproveitarão do trotskismo provocador e divisionista e dos renegados do movimento operário para encobrir-se com frases esquerdistas e programas “pela socialização das riquezas, controle da produção, distribuição das terras” etc.

Eis porque é necessário isolar e debilitar a influência na Aliança e fora dela dos elementos que vacilam entre a política da luta nacional libertadora e a política de conciliação com o imperialismo, sem esquecer que o desmascaramento dos inimigos da revolução nacional libertadora não é agora apenas uma tarefa puramente propagandística,[sic] dirigida somente ao proletariado com consciência de classe, mas uma tarefa para a política revolucionariamente eficaz do Partido Comunista, para a educação revolucionária das amplas massas, à base da experiência combativa. O Partido Comunista do Brasil deve, portanto, na etapa da frente única nacional, rechaçar decididamente todo seguidismo, [sic] toda renúncia à luta de classes, toda subordinação ao nacional reformismo burguês. O Partido Comunista deve reunir a sua volta os operários, camponeses e a pequena burguesia; deve, apoiando-se nessa força, saber atrair para a luta nacional libertadora a todos os aliados, ainda que sejam provisórios e vacilantes; deve aproveitar qualquer brecha e qualquer vacilação no campo dos inimigos da frente nacional a fim de isolar sistematicamente e em seu devido tempo, aos traidores e divisionistas dentro e fora da Aliança Nacional Libertadora. Nisso consiste a política independente do proletariado na etapa atual da luta. Unicamente por esse caminho o Partido Comunista lutará não por palavras, mas de fato, pela hegemonia do proletariado no movimento revolucionário.

O Partido Comunista deve considerar a Aliança como a frente única nacional revolucionária e contribuir para que essa frente corresponda realmente às tarefas revolucionárias colocadas diante dele. Os comunistas devem lutar sistematica e tenazmente pelo máximo de influência na Aliança e fora dela. Unicamente deste modo poderá converter-se o Partido realmente numa verdadeira força dirigente do movimento revolucionário.

xxxxx

Um dos elos mais importantes da luta para transformar a Aliança num bloco poderoso de massas de todas as forças revolucionárias antiimperialistas e da ampliação da influência da classe operária no movimento operário é constituído por Prestes e seus colaboradores.

Alguns comunistas supõem que com o ingresso de Prestes no Partido Comunista não surgem algumas questões novas no desenvolvimento da revolução brasileira. Semelhante simplificação não permite que se tenha uma posição justa no que diz respeito ao prestismo. Prestes encabeçou o primeiro movimento revolucionário importante do Brasil (1923-25). Durante dois anos a Coluna Prestes efetuou uma marcha heróica de 25.000 km., despertando a inquietação

das classes governantes de todo o país e as esperanças das mais amplas massas. Prestes foi chamado de "O Cavaleiro da Esperança do país". Seu ingresso no Partido Comunista constitui uma das grandes vitórias do Partido Comunista do Brasil e, em grande medida, contribuiu para o aumento da influência de massas do Partido Comunista, especialmente entre o campesinato e a pequena burguesia. Prestes tem uma influência importante entre os elementos radicais da burguesia, no Exército e na Marinha. Seu nome constitui, por um lado, uma bandeira da luta nacional libertadora contra o imperialismo e, por outro lado, está ligado à esperança das massas camponesas e dos povos oprimidos em sua luta pela libertação nacional e social. É necessário entender, no caso presente, que Prestes, como representante do Partido Comunista do Brasil, terá que usar a autoridade e a experiência revolucionária acumulada por ele no movimento revolucionário dos anos anteriores. Prestes foi escolhido presidente honorário da Aliança Nacional Libertadora. Entretanto, seria um erro dos mais graves supor que o Partido Comunista já conquistou, por isso, a direção do movimento nacional libertador e que já encabeça a Aliança.

Será desejável, para o Partido Comunista do Brasil, que Prestes utilize as posições que conquistou no passado, sua autoridade revolucionária do passado? Sem dúvida que sim. A situação especial de Prestes nas fileiras do Partido Comunista não significa que ele representará na Aliança o prestígio pequeno-burguês do passado. Nesta etapa da revolução Prestes deve atuar como o chefe do povo e defensor dos direitos do proletariado. A autoridade revolucionária conquistada por Prestes constitui o capital do proletariado brasileiros e de seu Partido Comunista. O PC deve utilizá-lo por completo e totalmente em prol dos interesses da ampliação e consolidação da Aliança e para a causa do fortalecimento da influência da classe operária no movimento revolucionário do país. Tal política corresponde completamente às tarefas do Partido Comunista.

É absolutamente evidente que os resíduos provocadores e divisionistas do movimento operário, que não tem fé na revolução, farão de sua bandeira de luta contra o Partido Comunista os ataques contra Prestes e a situação especial de Prestes no movimento revolucionário. Estes elementos apresentarão a política de Prestes como uma "política ambígua" e a política do Partido Comunista como de renúncia às velhas posições de princípio do PC e uma virada para o lado das posições pequeno-burguesas do prestígio. O Partido Comunista do Brasil deve e poderá dar uma resposta devida a esses lacaios da contra-revolução.

Ao mesmo tempo, não está excluída a possibilidade que mesmo alguns elementos comunistas honestos, pela luta do Partido contra o prestígio no passado e por falta de compreensão do papel de Prestes na etapa atual do movimento revolucionário venham a intervir contra Prestes e as posições do Partido frente a este. Neste caso, o Partido e sua direção devem

fazer um trabalho de explicação, paciente e amplo, para convencê-los, de forma amigável, da justeza da posição do Partido.

Por outro lado, os elementos nacional reformistas tentarão, "solidarizando-se" com Prestes, transformar sua peculiar situação no movimento revolucionário numa posição particular, diferente da do Partido Comunista. Estes elementos tentarão separar Prestes e seus colaboradores do movimento revolucionário conseqüente. Assim, uns tratarão de separar o Partido Comunista de Prestes e outros a Prestes do Partido Comunista. O crescimento de massas do Partido Comunista, a ajuda multiforme e o apoio de parte do Partido Comunista a Prestes e seus colaboradores, uma autocrítica decisiva e sistemática, uma crítica hábil, profunda, implacável dos satélites são os métodos que ajudarão o Partido Comunista a vencer as tentativas do nacional reformismo para debilitar e dividir o movimento revolucionário.

A luta pela consolidação, pela unidade, disciplina férrea, fidelidade ilimitada e abnegação pelo Partido Comunista; a luta pela extirpação - o mais rápido possível - de todos os ressaibos pequeno burgueses deve ser obra de todo o Partido. Cada comunista e cada operário deve conceber com toda a clareza que unicamente o Partido Comunista é capaz de assegurar, a vitória da luta popular nacional libertadora que se desenvolve.

Até agora, o prestismo não teve uma apreciação correta em nossa literatura. Em vez de uma justa apreciação histórica de seu significado revolucionário e de uma crítica resolvida a seus aspectos débeis e falsos, o prestismo foi considerado, sem levar-se em conta as condições históricas concretas, não como um movimento revolucionário da pequena burguesia, movimento influenciado, por um lado e de certo modo pelas primeiras lutas proletárias de 1917-20 e, por outro lado, influenciado de maneira importante pelo nacional reformismo burguês, mas foi considerado como um movimento reacionário ou quase contra-revolucionário. Tais conceitos devem ser decididamente rechaçados. Eles nada tem a ver com o marxismo. São conceitos que surgem como resultado da incompreensão da posição da pequena burguesia em um país semicolonial, semifeudal e que levam inevitavelmente à incapacidade de se fazer a diferença entre a pequena burguesia nacional revolucionária, a burguesia nacional reformista e o campo feudal-imperialista. Na imprensa de nosso Partido Comunista Brasileiro não só não encontramos uma concepção crítica em relação ao importante capital revolucionário que representou e representa atualmente a Coluna Prestes do ponto de vista proletário, como todo este movimento é caracterizado como um obstáculo para o desenvolvimento do movimento proletário, como freio ao desenvolvimento e à formação do Partido Comunista como partido do proletariado. Só quando o Partido Comunista aprender a apreciar do ponto de vista marxista-leninista, com justeza, o lugar que teve historicamente a Coluna Prestes no movimento revolucionário do Brasil poderá

o PC rechaçar criticamente tudo que houve de burguês na Coluna Prestes, perceber todas as suas debilidades e extrair, ao mesmo tempo, tudo de valioso que trouxe o primeiro movimento revolucionário importante e que deve constituir-se numa herança do proletariado e do Partido Comunista. Alguns elementos mencheviques-trotskistas caracterizam o prestismo mais ou menos assim:

“Mesmo que o prestismo fosse um movimento pequeno-burguês mais conseqüente, que levasse a cabo uma luta antiimperialista e com eçasse a realizar também uma luta antifeudal... mesmo neste caso esse movimento teria uma série de traços contra-revolucionários”.

É inteiramente evidente que, falando em geral, cada movimento pequeno-burguês contém traços reacionários, dizer isso é uma verdade indiscutível; mas, por acaso isso significa que uma coluna revolucionária que luta, em armas, contra o imperialismo e que se apodera das terras dos fazendeiros é um poder reacionário e não um poder revolucionário? Afirmar isso é um sofisma sem sentido, que não tem nada em comum com o marxismo. A Coluna Prestes não lutava conseqüentemente contra o imperialismo nem contra os fazendeiros. Entretanto, não se pode menosprezar o papel histórico revolucionário que desempenhou a Coluna no desenvolvimento posterior do movimento revolucionário de massas, na luta nacional libertadora contra o imperialismo.

Tal conceito na questão sobre a hegemonia do proletariado no movimento revolucionário, sem levar em consideração as condições históricas da realidade brasileira conduz inevitavelmente à confusão em todas as questões fundamentais da revolução. Na época da atuação da Coluna Prestes não existia um Partido Comunista mais ou menos formado, existiam somente embriões do Partido. O proletariado não tinha adquirido ainda uma experiência combativa mais ou menos importante, somente havia dado os primeiros passos no movimento grevista, nos anos de 1917-19. E naquela época o proletariado brasileiro não podia colocar como tarefa atual a questão da hegemonia no movimento. É absolutamente evidente que entre o Partido Comunista e entre o prestismo revolucionário pequeno-burguês houve apenas uma luta ideológica sobre a questão da hegemonia do proletariado no movimento revolucionário. Na luta ideológica, na questão da hegemonia do proletariado, o prestismo constituía um sério obstáculo e por isso o Partido Comunista o rechaçava resolutamente, conseguindo grandes êxitos e sabendo conquistar para essa luta os melhores elementos do próprio campo do prestismo, a Prestes. Mas não é admissível confundir uma forma da luta pela hegemonia do proletariado - sua forma ideológica - com toda a luta histórica pela hegemonia do proletariado. Somente nos últimos anos o proletariado se converteu num fator importante do movimento revolucionário do Brasil; somente os movimentos dos últimos anos colocaram a questão da luta pela influência decisiva do proletariado no movimento revolucionário.

Além disso, antes de entrar para o Partido Comunista Prestes manifestou-se resolutamente contra o prestismo que alimentava ilusões sobre a possibilidade de um papel independente da pequena burguesia na revolução democrático burguesa e que não compreendia o papel dirigente do Partido Comunista na vanguarda do proletariado.

Ao lado dos conceitos injustos sobre o prestismo, cristalizavam-se conceitos injustos sobre os outros partidos pequeno-burgueses do Brasil. Frequentemente se afirmava que o processo de diferenciação dos partidos pequeno-burgueses havia terminado, que os elementos revolucionários passaram para o lado da burguesia. Isso não corresponde de nenhuma maneira à realidade. O movimento revolucionário de massas que se levantou no Brasil durante os últimos anos, movimento que levou à formação da Aliança Nacional Libertadora antiimperialista, conquista novas e novas camadas do povo para a luta política. A luta entre o nacional reformismo e a posição conseqüentemente revolucionária do proletariado irá se desenvolver para o futuro com toda a amplitude durante as lutas de massa contra o imperialismo e seus agentes. Nos últimos tempos essa diferenciação já se aguçou em uma série de partidos da pequena burguesia que entraram para a Aliança, em especial entre os socialistas, "trabalhistas", "tenentistas" e entre os numerosos grupos revolucionários e agrupações da pequena burguesia nos diversos Estados, onde se efetuam atualmente os mesmos processos que, em sua época, ocorreram na Coluna Prestes.

Por trás desses partidos encontram-se partes importantes da pequena burguesia das cidades, parte do campesinato e partes da classe operária. Nas ações de massa dos últimos dois anos, o Partido Comunista conquistou cada vez maior influência no movimento revolucionário. O fato do PC ter conquistado os elementos mais proeminentes das organizações revolucionárias dos movimentos do passado e atualmente também, os melhores representantes do Partido Socialista do Brasil, facilita ao Partido Comunista o cumprimento de sua tarefa principal, a consolidação em volta do Partido Comunista, como partido de massa do proletariado, dos aliados da revolução democrático burguesa.

O Partido Comunista do Brasil transforma-se num partido de massas. No Estado de São Paulo, onde a organização do PC era das mais débeis, mil socialistas, com o líder do Partido Socialista, Ladislau Camargo à frente, ingressaram nas fileiras comunistas. O Partido Comunista forja numerosos quadros novos no processo da luta grevista de milhões. Por sua iniciativa foram convocados congressos operários, de empregados, da juventude. O PC deve, por isso, saber utilizar todo o seu capital da maneira como exigem os interesses da revolução. O Partido deve resistir a todos aqueles que se deixam levar pelos êxitos e perdem a capacidade de julgar com sangue-frio a real correlação de forças no país, aqueles que consideram cada êxito parcial do

Partido como uma confirmação de que o Partido Comunista já se constitui no poder decisivo dentro da classe operária, poder capaz de conduzir as amplas massas à revolução. Tal incompreensão da situação real contraria todas as tradições do bolchevismo, é uma rutura com a política leninista-stalinista e pode levar o proletariado a sérias derrotas. Atualmente, o poder do Partido está principalmente em sua linha justa em relação à Aliança Nacional Libertadora, em sua ligação com as massas pequeno-burguesas e isso em grande parte por intermédio de Prestes e colaboradores. Diante do Partido Comunista coloca-se a grande tarefa de transformar-se num partido realmente de massas, capaz de conduzir as amplas massas à luta.

Com quanto maior êxito e clareza de objetivos o Partido Comunista saiba converter a Aliança num poder real de milhões, dirigindo esse poder para a derrubada do odioso governo reacionário de Vargas, esse agente do imperialismo americano, e parta para a conquista do poder para a Aliança, aguçando a luta contra o imperialismo, com quanto maior êxito poderá lutar o Partido Comunista contra todas as tentativas de uma divisão prematura, por parte dos elementos vacilantes e semi-reacionários do nacional reformismo, que assumiram cores populares, como os generais e governadores que usam os grupos contra-revolucionários e provocadores dos trotskistas e dos renegados para a divisão do movimento revolucionário; com tanto maior êxito poderá o Partido Comunista consolidar seus aliados na revolução democrático burguesa. O Partido Comunista do Brasil já luta atualmente não somente pela idéia da hegemonia do proletariado no movimento revolucionário, mas já percorre o grande caminho da luta pela conquista da confiança de milhões de trabalhadores, à base da experiência revolucionária dessas massas, livrando-as da influência do nacional reformismo burguês.

O Partido deve aprender a opor, na prática, às vacilações e ilusões pequeno-burguesas sobre o papel independente da pequena burguesia na revolução democrático burguesa, a iniciativa revolucionária, a decisão e a luta conseqüente, rechaçando todas as ilusões reformistas e o putchismo [sic] aventureiro. Nesse terreno o Partido Comunista poderá aumentar sua influência na Aliança Nacional Libertadora, contribuindo energicamente para a transformação da Aliança num poder capaz de derrubar o governo Vargas e criar um governo nacional revolucionário e antiimperialista. Somente o Partido Comunista é capaz de mobilizar as mais amplas massas camponesas, de negros e índios, organizar suas lutas contra o imperialismo, transformando desse modo a Aliança Nacional Libertadora num invencível poder popular para a libertação nacional, conseguindo assim elevar a luta das amplas massas camponesas até o nível da luta de massas pela revolução agrária.

Conquistando para o Partido Comunista os melhores elementos revolucionários da pequena burguesia, da Coluna Prestes, dos partidos Socialista, Trabalhista, Tenentista, dos diversos partidos

revolucionários pequeno-burgueses dos diferentes Estados, dos grupos socialistas, das organizações camponesas etc., o Partido Comunista deve lutar ainda mais por sua consolidação, pela unidade, pela disciplina férrea, pela assimilação da experiência revolucionária internacional (particularmente a experiência revolucionária do Partido Chinês e dos países semicoloniais). A conquista dos melhores representantes da pequena burguesia revolucionária é uma tarefa inadiável, que exige uma luta resoluta contra o "caudilhismo", contra os ressaibos do movimento revolucionário pequeno-burguês, a devoção, a fidelidade e a abnegação do partido do proletariado. O Partido Comunista do Brasil só pode se transformar no guia das mais amplas massas populares sob a bandeira de Marx-Engels-Lenin-Stalin.

Dez anos de lutas do Partido Comunista do Brasil por se ver livre da influência da burguesia e da pequena burguesia lhe permitiram tomar o grande caminho da luta de massas. O Partido deve transformar-se no Partido de massas, centralizado, com uma disciplina férrea. Nisto consiste a garantia de sua vitória.

(Documento em espanhol, outubro de 1935, TSN, Processo nº 1, apreensão à rua Paul Redfern)

# 112

## CARTA DE ÍNDIO NEGRO PARA AMÉRICO (MIRANDA)

6 de outubro de 1935.

Confidencial!

Para Américo, por Índio Negro.

Caro Américo: antes de nossa reunião de quarta-feira enviamos algumas propostas pedindo-vos que examinaiis seriamente sua realização.

1. *Classe Operária*. O órgão central do partido não está na devida altura. O seu volume é muito reduzido. Mas, o que é mais imputante, o seu conteúdo é deficiente. Há um contraste, entre os diários populares e *A Classe Operária*, que não é a favor desta última. Especialmente ruim é o último número da *Cl.Op.* O nosso órgão central deve ser antes de tudo um jornal de orientação política revolucionária para os membros e, além disso, para as grandes massas operárias. O reduzido volume força-nos a empregar economicamente o espaço disponível. Artigos tais como o do camarada Brandão não podemos publicar num pequeno órgão ilegal. Tais assuntos devem ser divulgados pelos diários populares, se necessário for com algumas modificações. No nosso órgão do Partido podemos e devemos tratar apenas das resoluções e acontecimentos fundamentais na URSS. Mais importante é ainda que no artigo de fundo seja claramente tratado o problema político e tático mais importante do momento. O teu artigo não faz isso. O problema da unidade e disciplina do Partido não foi abordado de acordo com a situação. Assim, porém, as idéias em si certas, tornam-se em raciocínio erradas. Quem ler o artigo deve pensar que a coesão do Partido está no momento seriamente em perigo. É evidente que isso não é o caso. Nem o Partido se acha diante de separações, nem a sua disciplina está ameaçada. Se excluirmos alguns elementos apodrecidos devemos, ao tratar publicamente tais fatos, sempre manter as proporções. A situação atual e as tarefas, a relativa insignificância das pessoas excluídas ou a serem demitidas

devia induzir-nos a não escrever demais sobre essas coisas. Quando, porém, se escrever, então deve ser de maneira concreta e não em fórmulas gerais sobre o perigo da coesão do Partido. Do que o Partido agora necessita são diretrizes claras: explicação da tática, da frente popular, instruções concretas sobre o trabalho sindicalista, a formação e garantia da unidade sindicalista, o preparo das lutas de operários e camponeses etc. O Partido deve compreender até seu último membro que como Partido combatemos ativamente pelo programa da ANL, por um governo popular revolucionário com Prestes à testa etc. Quando se revista os materiais do Partido, tem-se muitas vezes a impressão que o Partido (ou os seus quadros dirigentes) "têm vergonha" de popularizar a ANL e Prestes. Isso é comprovado não só nos folhetos do Partido como também nos artigos do órgão central. Não desenvolveremos a linha precisa e exata se lutarmos com fórmulas gerais contra o oportunismo. Deve-se atacar o oportunismo da direita concretamente lá onde ele se mostra. Deve-se distinguir entre o erro da direita, que na prática seja feito por um colaborador do Partido, e o oportunismo da direita que se transforma em trabalho de fração. A situação e os problemas táticos exigem, além disso, que se vençam concretamente as manifestações dos sectários da "esquerda". O melhor caminho será sempre o desenvolvimento positivo e claro de nossa linha. É porém preciso fazer uma crítica pública dos erros graves tais como ocorreram no trabalho sindicalista na Bahia. Não devemos mais limitar-nos exclusivamente a discursos pessoais. O Partido e o proletariado devem aprender também dos nossos erros. Nós mesmos, porém, devemos saber aproveitar mesmo tais erros para o reforço decisivo de nossa linha de unificação.

2. Fortalecimento do aparelho do Comitê Central. O estado atual não é mais sustentável por muito tempo. A direção política não pode ter suficiente noção de tudo, quando as diretrizes e a execução e até os mínimos detalhes se concentram nas mãos de dois ou três homens. Porque então a direção é afogada nos detalhes. Pensamos que justamente você devia ser libertado de uma série de detalhes para ganhares tempo para os problemas políticos. Em outras palavras: o secretariado deve possuir um aparelho executivo técnico-político que esteja sob o teu controle e que seja o órgão executante das resoluções e ordens dos órgãos dirigentes do CC. É muito difícil para um homem só escrever pessoalmente todas as cartas, circulares etc., fazer todas as conversações e ainda ter tempo para coordenar e dirigir todo o trabalho. Também não é preciso monopolizar cem detalhes para assegurar a direção. Pelo contrário, uma adequada subdivisão do trabalho e correspondente organização simplificarão e assim melhorarão a direção. Praticamente será necessário: o secretariado ter dois colaboradores politicamente de confiança e instruídos, que não precisam ser nem membros do CC nem do Birô Político. Esses companheiros deveriam ser bastante instruídos para projetarem circulares, cartas, artigos etc. à base de diretrizes

dadas pelo secretariado. Terão de realizar também certas conversações com outras pessoas, por ordem do secretariado. Naturalmente, o secretariado terá de rever, corrigir e completar todo projeto etc., antes de despachá-lo. Está claro que os assuntos mais importantes serão resolvidos pelo próprio secretariado. Ter-se-á porém, assim, um auxílio que facilita o trabalho do secretariado. A escolha dos companheiros é importante: devem ser de confiança e instruídos e não terem ambições de influenciar ou "suprir" a Diretoria. A organização desse aparelho é tanto mais urgente quanto mais se aproximam os acontecimentos revolucionários e assim maiores tarefas.

3. Proposta de cooptar Garoto como membro do Comitê Central e de elegê-lo como membro do Birô Político do CC. Isso deveria ser efetuado na próxima reunião do plenário do CC. A iniciativa para essa resolução deve, naturalmente, vir de você e deveria ser apresentada ao CC como proposta do Birô Político. Não será necessário publicar atualmente esta resolução. Bastará uma informação interna ao Partido. Para justificação dessa proposta, algumas palavras: já tivemos há algum tempo a intenção de fazer esta proposta, o adiamento do CC de setembro para outubro deu-nos tempo. Desde então teve lugar o VII. Salienta o artigo de Lacerda que Garoto foi eleito para a CE. Mas mesmo que isso não fosse o caso, a situação do Brasil, o especial papel e o trabalho até então realizado por Garoto exigem que ele seja eleito para o Comitê Central e Birô Político. (Naturalmente, não será conveniente devido a razões conspirativas, que ele visite todas as seções.) Quanto melhor agora conseguirmos criar um inteiro firme e indivisível entre a direção proletária do Partido e o chefe popular nacional, tanto mais fácil será vencer as dificuldades nas diversas etapas da revolução no Brasil. A eleição de Garoto para o CC seria uma demonstração: o Partido e a sua diretoria reconhecem nele a igualdade de direitos na administração do Partido e a sua diretoria salienta que o especial papel de Garoto não representa um enfraquecimento mas sim um grande valor positivo e reforço para o Partido; o Partido e a sua diretoria sabem estimar o desenvolvimento de Luís Carlos Prestes desde o pequeno-burguês revolucionário para o bolchevismo e chefe popular nacional, caminho este que milhares de chefes e elementos nacional revolucionários ainda farão durante a revolução no Brasil. Pedimo-te, se estiveres de acordo, de apresentar esta proposta como tua e discuti-la com os companheiros da diretoria. Estamos sempre prontos a falar pessoalmente contigo a esse respeito, se assim o quiseres. Não será conveniente discutir essa questão na presença de G. Se a diretoria concordar, deveria informar ao G. sobre o fato que no próximo CC serão apresentadas tais propostas para deliberação.

Saudações,

Índio Negro

(TSN, Processo nº 1, apreensão à rua Paul Redfern)

# 113

## QUESTIONÁRIO ORGANIZADO POR LÉON- JULES VALLÉE PARA SER APLICADO A ELVIRA COPELLO (GAROTA).

### LETTRES:

- 1) Par qui a été écrite la lettre.
- 2) Qui a indiqué et écrit l'adresse.
- 3) De quelle couleur l'enveloppe.
- 4) Ou a-t-elle été écrite (cellule / salle commune).
- 5) En présence de qui.
- 6) Barbosa a-t-il demandé des nouvelles de Mir.

### MIR

- 1) Elle a vu plusieurs fois Mir. à la Police Centrale (combien de fois; où; quel étage; comment est la cellule; la salle commune, l'entrée).
- 2) Mir. lui a transmis à voix basse tout ce qu'elle devrait dire au parti (que faisait le flic pendant ce temps? Y avait-il des copains présents?)
- 3) Comment Mir. explique son arrestation?

### ARGENT

- 1) Quand on l'a laissé avec Mir., celui-ci lui a gardés 50 m. pour lui, lui a donné 300 m. pour elle et le reste au parti. Combien?
  - 2) L'a-t-on fouillée? Lui a-t-on laissé les 2 contes.
  - 3) Quand on l'a frappé, l'a-t-on deshabillée?
- ( Fevereiro de 1936. TSN, Processo nº 1, apreensão à rua Honório, vol. 15)

# *PARTE 6*

## A JUNTA REVOLUCIONÁRIA DE NATAL

# 114

## EDITORIAL DO JORNAL A LIBERDADE

Enfim, pelo esforço invencível dos oprimidos de ontem, pela colaboração decidida e unânime do povo, legitimamente representado por soldados, marinheiros, operários e camponeses, inaugura-se no Brasil a era da Liberdade, sonhada por tantos mártires, centralizada e corporificada na figura legendária - onipresente no amor e na confiança divinatória dos humildes - de LUÍS CARLOS PRESTES, o "Cavaleiro da Esperança".

### SOB A ALELUIA NACIONAL DA LIBERDADE

Os que, com os corações trepidantes de esperança e júbilo, traçamos agora essas linhas, escrevíamos nesta mesma coluna, em 8 de outubro de 1930, ao ruir fragorosamente, sob o clamor popular, a apodrecida geringonça do regime whashingtoniano: - "Não pode mais haver lugar para tergiversações nem esperanças absurdas. Nada se delibera mais, fora do âmbito nacional da Revolução, em cuja atmosfera a vibrante alma popular, há tanto tempo ludibriada e opressa, respira enfim o ozônio vivificador da Liberdade. Em nome desta e com insanável ludíbrio ao nome do país - não esqueçamos -, vinham sendo descarovelmente perpetrados processos tão inverossímeis de política e administração, que não era possível permanecessem os destinos do regime à discricção tirânica dos responsáveis pelo descalabro, chegado a tal ponto, que os mais passivos, os mais obscuros, os mais humildes elementos do povo, emergindo do silêncio, do sofrimento e da revolta constantemente e impiedosamente açaimada, despedaçaram as cadeias e vieram confraternizar nas ruas num transbordamento de festa e patriotismo, com as forças revolucionárias vitoriosas".

E é ótimo repetir que nada se delibera mais, doravante, fora do âmbito de chamadas da rebeldia nacional, gloriosamente iniciada do Rio Grande do Norte, a 23 do corrente, e vitoriosa em todo território brasileiro.

Porque era o mesmo, por assim dizer, apenas mais carregado de sombras e laivado de

sangue, o panorama político social dessa pobre grande pátria, entregue à insaciável camarilha que acabamos de varrer das posições cinicamente ocupadas, exploradas pelos seus patrões estrangeiros que havemos de enxotar inexoravelmente, arrancando-lhes às garras vulpinas o que arrebatara do sangue e do suor do povo!

Carcomidos até a alma pelo "vírus" do interesse mais mesquinho, mais estomacal; vendido às empresas dos países imperialistas papa-terra; cavalgados pelos leões famélicos do latifundismo; conluiados, na sombra de leis celeradas e exclusivistas, com os plínios salgados e seus asseclas de roupeta; ajudados nessa orgia tenebrosa por muitos revolucionários em absoluto indignos desse nome - os políticos profissionais, cujo símbolo mais próspero e mais caricato é Getúlio Vargas e sua farândola de bonecos, estavam a pique de entregar o Brasil, de pés e mãos atados, à temerosa canalha adventícia, representada pelos credores europeus e americanos e suas formidáveis empresas de exploração, espionagem e boicote.

Nós temos o propósito de arrancar a venda aos olhos do Gigante algemado, nós que temos visto por ele, nós que estávamos, estamos e estaremos contra toda essa chusma de patriotas invertidos e estrangeiros gananciosos.

Vamos confiscar as duvidosas fortunas desses ladrões internacionais, fazê-los trabalhar e produzir ou arrear caminho para o deserto de onde vieram para aqui enriquecer e malsinar nossas coisas e nossa gente.

Vamos fazer produzirem nossos campos. Explorar as nossas minas formidáveis de ferro, de ouro, de tudo que a natureza nos deu da maneira mais privilegiada do mundo. Aproveitar nossas imensas quedas d'água, nossas florestas imensíssimas. Dar crédito ao agricultor, até agora miseravelmente tratado como servo da gleba. Desenvolver a pecuária. Estimular a indústria, criando as grandes usinas de metalurgia para fabricarmos, aqui dentro, as nossas máquinas, os nossos aviões, a nossa munição, para resistir a quem quer que se aventure a reduzir-nos à colônia. Reformar, pela base, a burocracia, que é um dos cancros mais terríveis à ilharga da nação. Aparelhar o Exército e a Marinha, dignificar-lhes a missão dentro do país e em sua função essencial de defesa e garantia permanente de nosso prestígio internacional.

Dividiremos as terras. Garantiremos o direito ao trabalho. Ninguém dispensará um real para aprender a ler e completar sua cultura. Reformaremos os códigos, estabelecendo, sob o regime da racionalização e renovação do Direito, tudo que temos prometido para libertação do país, tonificação de suas fontes econômicas, felicidade de seu povo martirizado e capaz das maiores conquistas.

A vitória, conseguida agora, sabe-la-êmos solidificar, para que frutifique o sonho dos que

nos antecederam, tombando nas trincheiras diante dos quartéis do absolutismo aniquilado para sempre.

Estamos fortes, estamos firmes, estamos vigilantes, porque nossos olhos são os milhões de olhos do povo desperto e desagradado pela nossa metralha.

Ninguém se engane. Ninguém desanime. Desmoralize-se de uma vez o boato, cujos responsáveis puniremos sem apelo.

Soou a hora esperada pela consciência nacional.

Não há mais lugar nem motivo para tergiversações, sim e sim!

Para os que nos quiserem auxiliar com sinceridade, aqui estamos. Para os que tentarem, por qualquer forma perceptível, subverter a ordem que implantamos no Rio Grande do Norte, amparados na energia indômita do nosso ideal, nas armas do glorioso 21º BC, no coração do povo, teremos o castigo que merecem todos os traidores, todos os pusilânimes, todos os burgueses vendidos à canalha internacional e de mãos dadas aos inimigos internos do Brasil.

Viva a Liberdade!

Viva Luís Carlos Prestes!

Viva a Aliança Nacional Libertadora!

#### COMITÊ POPULAR REVOLUCIONÁRIO

É a seguinte a composição do COMITÊ POPULAR REVOLUCIONÁRIO, aclamado anteontem pelo povo, às 10 horas, e em pleno exercício de sua função, com sede na "Vila Cincinato":

Lago Cortez Lago - Interior

Sargento Quintino - Defesa

João Batista Galvão - Viação

José Praxedes - Abastecimento

José Macedo - Finanças

( *A Liberdade*, órgão oficial do Governo Popular Revolucionário, editado pela Junta Governativa de Natal a 27 de novembro de 1935. TSN, Processo nº 2, 2º vol. - único número)

# 115

## DELENDAS FASCISMO

O Brasil, que os politiquinhos a serviço do Catete acocoraram ridícula e miseravelmente atrás dos países que bancam o papão na vida intercontinental, por terem dinheiro, exércitos e esquadrões armados até os dentes; o Brasil, que ao tempo do Marechal de Ferro deu aquela resposta célebre à insolência inglesa, não entrou no número das nações livres e fortes que cerram fileiras em torno das sanções comerciais contra a Itália dos camisas-pretas, a Itália do papão-mor, Mussolini.

Contra a Itália, que a pretexto de civilizar (!) a Abissínia, atirou-se como um italiano esfaimado à uma gamela de macarrão ou "polenta" ao grande e altivo império da África Oriental.

Porque não era tempo ainda de atirar-se ao Brasil, onde há muito enquistou cancro de sua espionagem sanguessuga e amimada, através da famosa e imperturbável quadrilha dos matarazzo e caterva.

Os sinistros empreiteiros da desgraça e da desmoralização nacional precisavam, amordaçados pelo ouro dos plutocratas, hipnotizados pelas lábias da galegada atrevida e impune, vender cada vez mais a nossa terra, o trabalho e as energias, a vergonha e os direitos do nosso povo, a fim de se encherem ainda mais de milhões e de imoralíssimo prestígio perante os donos do mundo.

Para tapearem a nação, estarecida de tanta desfaçatez e de tanta sabugice, inventaram a célebre venda, à mesmíssima Itália fascista e fascizante, de não se sabe quantas toneladas de carnes congeladas! Como se nós e o povo não soubéssemos que essa mercadoria não representa dez por cento do esforço nacional. Se não soubéssemos, nós e o povo, que foi mais um golpe contra a indústria nacional de frigoríficos, quase toda nas unhas dos estrangeiros, que sonham o pagamento dos impostos e fazem, sob a égide do governo, a mais deslavada competência ao produto beneficiado nas fábricas brasileiras!

O povo todo, o Brasil todo, o Brasil livre e justo, o que não se vende, o que não reza pela cartilha dos camisas-verdes ou pretas, da Itália ou do próprio Brasil, esse está ao lado da Abissínia, sofrendo com a sua gente heróica e admirável.

Com a ajuda da opinião pública universal revoltada contra o avanço do fascismo, o grande império negro há de rechaçar os novos bárbaros até as lindes escabrosas e esgotadas de suas calábrias delirantes!

Abaixo o papão de camisa-preta!

(*A Liberdade*, 27 de novembro de 1935, TSN, Processo nº 2, 2º vol. - único número)

# 116

## CONQUISTADA À BALA A LIBERDADE DE UM POVO

O povo, o operariado, os soldados, os marinheiros e todos os que têm os olhos voltados para a grandeza do Brasil e que estão cansados de sofrer os estonteamentos e as perseguições de um regime de verdadeira tirania acham-se a estas horas de armas nas mãos, lutando pela mais bela conquista humana - pela sua completa libertação.

Toda a nação já não mais suporta a dor das algemas políticas que a vinham escravizando, matando todas as energias vivas do seu progresso, e jogando-a no mais desprezível estado de decadência moral e material.

A política posta em prática durante quase meio século no Brasil, o único resultado que vem dando é estragar 90% dos valores e inutilizar o braço forte dos que, pela sua altivez e desinteresse pessoal, sempre se colocaram na justa defesa dos oprimidos para conquista da libertação nacional.

Em 1930 conquistamos o poder à custa do sacrifício das classes armadas auxiliadas pelo povo.

Essa conquista abriu, de qualquer modo, os horizontes espirituais do Brasil, despertando-o da sonolência em que permanecia, da rotina em que se estiolavam os fatores preponderantes de sua civilização.

Porém os prometimentos, na sua quase totalidade, falharam. A Revolução mentiu inteiramente à sua alta finalidade. Os políticos profissionais, que infelizmente nunca desaparecem, e que só agora devem desaparecer, atrapalharam a sua marcha ascensional, desviaram-na da estrada luminosa que lhe traçaram os legítimos representantes do pensamento novo, os

verdadeiros idealistas revolucionários.

O povo, já não suportando mais tanta humilhação, pois além de 42 anos de tirania republicana teve, com o desvirtuamento do programa do movimento de 30, a morte total de suas esperanças - e daí é que encontra nas gloriosas forças armadas apoio incondicional e esteio forte para a vitória de suas aspirações que são as verdadeiras aspirações de grandeza e humanidade.

Não é demasiado se proclame que o regime instituído pelas armas vitoriosas em 30 tem aqui e ali praticado desmandos e cometido arbitrariedades, coagindo o pensamento do povo, proibindo a livre manifestação de classes. Para isto usava até da violência, última arma dos déspotas, dos que não possuem sentimentos superiores e pensam que a eles somente é que cabe viver com liberdade.

Esta a situação geral do país.

Estudemos agora a local.

O Rio Grande do Norte vinha de há muito necessitando de uma reforma nos seus costumes políticos, que se estavam encaminhando por veredas escuras. Não podemos negar que aqui houvesse, durante as administrações interventórias, um bem regular influxo progressivo. Fez-se bastante, porém, o principal problema, do qual depende a segurança do progresso de toda e qualquer nação civilizada - o problema de proteção às classes desprotegidas da fortuna, este foi descurado.

A situação ainda mais se agravou agora com a subida daqueles que antes da Revolução praticavam toda sorte de selvageria, contanto que permanecesse de pé a sua política de campanário e de sangue. Todos eles, ao tomarem conta do poder, foram logo cuidando de montar a mais terrível máquina compressora das liberdades públicas e individuais.

Os atos do governo que iniciou a 29 do mês passado a montagem das primeiras peças dessa máquina foram todos a demonstração evidente de seu reacionarismo enervante e de seus propósitos de perseguir e humilhar o povo Potiguar.

Para o interior seguiram autoridades odientas e arbitrárias que eram adredemente encomendadas com o fim único de espaldeirar a gente simples e boa do sertão.

E assim se consumam todas as misérias. Prendem-se ilegalmente cidadãos honrados e trabalhadores. Deixam-se na rua sem pão cerca de 400 pobres servidores do Estado. Cria-se uma polícia especialmente para tiranizar todos aqueles que não batessem palmas às suas truculências.

Ante a agravação precipitada dessa situação foi que, na noite de 23 do corrente, inteiramente solidário com o movimento articulado pela Aliança Nacional Libertadora, o glorioso e tradicional

21 BC se rebelou e com o auxílio do povo, dos operários, de todos os que querem um Brasil grande e liberto, pôs por terra todos os algozes que estavam no poder.

A luta foi grande, porém a vitória foi maior.

O Rio Grande do Norte traçou uma página luminosa na sua história.

A exemplo do 21 BC, atual guardião dos nossos direitos e de nossas liberdades, e de todos os outros camaradas que também lutaram e estão lutando, já o nosso movimento se estende vitoriosamente a muitas outras unidades brasileiras.

É um movimento de integração social que ninguém conseguirá dominar.

Carlos Prestes, Herculino Cascardo e outros vultos proeminentes acham-se à frente e saberão, na trincheira, defender, até a última, os ideais sacrossantos que os levaram à luta.

Tudo pela nossa vitória integral.

Ela não tardará.

Virá gloriosamente nesses poucos dias.

(*A Liberdade*, 27 de novembro de 1935, TSN, Processo nº 2, 2º vol. - único número)

# 117

## A MARCHA DA REVOLUÇÃO LIBERTADORA

Cumprimos o grato dever de, com alegria verdadeiramente revolucionária, comunicar ao povo deste Estado a marcha ascensiva da Revolução.

Isto podemos fazer porque estamos de posse do telégrafo e dos rádios, controlando todas as notícias que por eles vêm.

Nós sabíamos que o Brasil era um imenso "barril de pólvora" e que bastaria uma centelha para que ele explodisse. Nós fomos essa centelha.

Sem vaidade, sem orgulho, que nós rio-grandenses do Norte não o temos, podemos dizer ao Brasil extasiado que fomos a primeira pedra desse grandioso edifício que vai ser o Governo Popular.

Ao aço da nossa metralha já responderam os companheiros da Paraíba do Norte, Pernambuco, Alagoas, Espírito Santo, Rio de Janeiro e Maranhão, os quais estão nas mãos dos Nacional Libertadores.

São Paulo está insurreccionado, com o povo em armas e o proletariado em greve revolucionária, tudo indicando que o governo não se sustentará por muitas horas e, mais para o Sul, o proletariado se atira a greves combativas, aclamando o nome de Luís Carlos Prestes.

A gloriosa Marinha Brasileira também já virou os seus canhões contra a tirania, estando revoltada na Baía de Guanabara e bem assim o Pará e Santa Catarina, levantando-se há poucos minutos sob o comando do valente companheiro Hercolino Cascardo.

Viva a Aliança Nacional Libertadora!

Viva Luís Carlos Prestes!

Viva o Governo N. Popular Revolucionário!

Natal, 26/11/1935

(A *Liberdade*, 27 de novembro de 1935, TSN, Processo nº 2, 2º vol. - único número)

# 118

## COMUNICADOS DA JUNTA GOVERNATIVA DE NATAL

### NOTÍCIA DE ÚLTIMA HORA

Notícia de última hora, ontem, captada pelo rádio, dá-nos a certeza de haver São Paulo aderido ao movimento. S. Paulo em peso, com todo o seu elemento militar e popular, desenraizou nas ruas, ao retumbar da metralha, um dos mais temíveis bastiões do absolutismo capitalista, representado por Armando de Sales e sua comitiva.

Viva a Revolução Popular Brasileira!

### AOS REVOLUCIONÁRIOS EM ARMAS

O COMITÊ POPULAR REVOLUCIONÁRIO faz um apelo a todos os camaradas em armas e ao povo em geral para que respeitem os adversários, na sua pessoa e propriedade, não cometendo excessos de qualquer natureza, guardando às famílias o máximo respeito, procurando garantir os comerciantes, em especial os pequenos.

Os responsáveis por depredações ou agressões responderão por elas perante o órgão competente do COMITÊ.

Qualquer fato que contrarie esta recomendação será interpretado como ato de rebeldia e desacato ao próprio COMITÊ, ao qual deverão ser trazidas quaisquer reclamações dos prejudicados para as devidas providências.

Nossa estrondosa vitória não justifica vinganças indignas da grandeza do ideal que a inspirou.

### COMUNICADO DO COMITÊ REVOLUCIONÁRIO

Tendo chegado ao nosso conhecimento que alguns elementos terroristas, a serviço dos

inimigos do povo, andam espalhando pela cidade boatos alarmantes, no intento de atemorizarem as famílias e nos incompatibilizar com o povo, resolvemos tomar as seguintes medidas:

Serão punidos com o máximo rigor todos os que forem pegados espalhando boatos de qualquer natureza, tendentes a implantar o desânimo e o terror entre as famílias.

Serão presos e punidos com o máximo rigor todos os que forem pegados na prática de atos atentatórios à moral e ao decoro público.

Será preso todo e qualquer indivíduo que transite pelas ruas em visível estado de embriaguez.

Natal, 26-11-935

#### TELEGRAMA À GREAT WESTERN

##### Do Comitê Revolucionário

Ilmo. Sr. Encarregado dos serviços da Estrada de Ferro da Great Western em Natal.

Chegando ao nosso conhecimento que V.S. se recusa a apontar os dias que os empregados desta Estrada faltaram ao serviço por motivo da revolução neste Estado, vimos pedir a V.S. que reconheça a injustiça que pratica contra esses homens que são bem mais dignos de consideração por parte daqueles aos quais eles enriquecem. Esperando que V.S. reconsiderando o vosso ato, mande apontar aos mesmos os dias perdidos involuntariamente, subscrevo-me

Saudações do Amigo Atte. Obr. do Comitê Revolucionário

(ass) João Batista Galvão, Encarregado do Serviço de Viação

##### PARAÍBA FIRME!

Podemos assegurar a todos os camaradas deste Estado que a Paraíba já se encontra sob o governo revolucionário do intrépido companheiro major João Costa.

##### GENERAL MANUEL REBELO - BAHIA OU ONDE ESTIVER

Glorioso batalhão 21 BC, seguindo exemplo vosso, quando em 30 vos colocáveis ao lado do povo para esmagar a tirania e o despotismo, levantou-se na noite de 23 deste, numa demonstração antifascista que muito há de agradar ao vosso espírito altivo de lutador antifascista. Ao lado destes soldados está o povo que quer ser livre numa pátria livre.

Para este desideratum o Brasil conta com o apoio de todos os seus filhos e entre estes nós vemos o General cidadão que em São Paulo não se curvou às injunções políticas daqueles que fugiram em 30 corridos pela sua espada que nunca se manchou no sangue do povo.

Daqui lançamos este apelo que sabemos será atendido. Bravo General, não abandoneis o Brasil, não desembanheis a vossa espada a não ser em defesa do povo. Nós queremos a vossa colaboração neste movimento que é bem maior que o de 30, no qual arriscaste a vida e ganhastes a simpatia e a gratidão do Povo Brasileiro.

O Comitê Revolucionário do Rio G. do Norte

Natal, 26-11-935

#### LEGISLAÇÃO REVOLUCIONÁRIA

O Comitê Revolucionário, aclamado democraticamente em praça pública pelo povo de Natal, capital do Rio Grande do Norte, às 10 horas do dia 25 de novembro e medindo a sua responsabilidade e a necessidade de defender e salvaguardar os interesses do povo e do Estado

DECRETA (\*)

1º - Em virtude de não se encontrar em parte alguma deste Estado o governador sr. Rafael Fernandes Gurjão, fica o mesmo destituído do seu cargo que não pode mais exercer.

2º - Por não consultar mais aos interesses do povo e do Estado, fica dissolvida por este ato a Assembléia Constituinte do Rio Grande do Norte, ficando assim os srs. deputados destituídos de seus mandatos, sem remuneração de espécie alguma.

Natal, 25 de novembro de 1935

(\*) O presente decreto foi lido na praça pública e transmitido pelo telégrafo e pelo rádio para todo o Brasil.

#### AOS SENHORES COMERCIANTES

Estando já constituído o Comitê Revolucionário, aclamado pelo povo reunido em praça pública, dirige-se este aos senhores comerciantes no sentido de pedir-lhes que normalizem a vida da cidade, abrindo as suas casas comerciais, a fim de que o povo não sofra mais tempo a falta de gêneros de primeira necessidade. Esperamos ser atendidos nesse nosso apelo, mesmo porque, de outro modo, nós nos sentiríamos impotentes para conter o povo nos assaltos que porventura tenha necessidade de fazer ao comércio para munir-se do necessário a sua vida. Atendidos, porém, garantiremos o livre funcionamento de todo o comércio, ao qual procuraremos beneficiar, diminuindo os impostos de comum acordo com os senhores comerciantes, aos quais oportunamente convidaremos para nos dar sugestões sobre o assunto.

*José Praxedes de Andrade*, Pelo Secretariado de Abastecimento Público

Natal, 26 de novembro de 1935.

### AO PROLETARIADO E AO POVO REVOLUCIONÁRIO

Nascidos da revolução, apoiados na massa trabalhadora e nos nossos irmãos fardados, os soldados, fugiríamos ao cumprimento da nossa palavra empenhada nos comícios, manifestações e em todo o material de propaganda dos nossos ideais se não concretizássemos na prática aquilo que teoricamente oferecíamos.

Nesse sentido, queremos dar ao proletariado e ao povo revolucionário aquilo a que eles têm direito, direito este conquistado à custa de ingentes sacrifícios, arriscando a própria vida pela conquista da liberdade.

A liberdade é a vida, sem aquela esta nada vale e por isso é que nós jogamos esta nas ruas para conquistar aquela... ou a morte.

Pensando assim, resolvemos dar amplo direito de reunião e manifestação de pensamento falado ou escrito, a todas as organizações estritamente trabalhistas e às organizações de massa verdadeira e reconhecidamente revolucionárias.

Assim, convidamos os trabalhadores em geral para que se reúnam livremente em suas organizações de classe ou nas praças públicas se mais lhes convier, enviando a este comitê todas as suas reclamações para que sejam atendidas, de conformidade com os seus desejos e na medida que forem por eles defendidas.

A todas as organizações verdadeiramente revolucionárias será também garantido o livre funcionamento e o incontestado direito de sugerir medidas acauteladoras dos interesses do povo e do Estado.

Esta liberdade se estende a todos os cultos e religiões que podem livremente funcionar, desde que os seus chefes ou responsáveis não se sirvam delas para fazer campanha derrotista contra este movimento que é do povo e para o povo.

### O COMITÊ REVOLUCIONÁRIO

#### ASSEGURANDO A ORDEM PÚBLICA

O movimento revolucionário que rebentou neste estado na noite de 23 do corrente já está, felizmente, generalizado em todo o país, sendo portanto destituídas de fundamento as notícias alarmante que vêm circulando nesta cidade.

O Governo Revolucionário Popular instituído hoje, nesta seção do Nordeste Brasileiro,

assegurando plenas garantias à população, conforme já tem sobejamente comprovado, está no propósito de punir severamente os derrotistas boateiros e deseja a tranqüilidade da família norte-rio-grandense que, nesta hora, deixe confiar na absoluta eficácia de sua ação, moldada em tudo no espírito altamente humanitário e enérgico de Carlos Prestes.

Marchamos para a vitória decisiva dentro de pouco tempo.

Viva LUÍS CARLOS PRESTES!

Viva o heróico 21 BC!

Viva a Aliança Nacional Libertadora!

Natal, 25 de novembro de 1835

(Boletim das 15 horas)

#### DE JOÃO PESSOA

(Última hora de ontem)

Acaba de ser atacada João Pessoa por tropas revolucionárias.

Pessoal fiel governo abandona cidade.

#### AO POVO

Mais uma vez queremos declarar ao povo em geral e em particular àqueles que apóiam este grandíssimo movimento revolucionário, que ele não surgiu de forma alguma para beneficiar políticos de quaisquer correntes regionalistas, pois que é um grande movimento popular e por isso só beneficiará o povo, quiçá o Brasil.

Nós lutamos pela implantação no Brasil de um governo que esteja disposto a por em prática os seguintes itens:

1. Pela expulsão dos imperialistas do território nacional e punição dos seus lacaios no país!
2. Pelo não pagamento das dívidas externas!
3. Contra a saída de capitais para o pagamento de dividendos das empresas imperialistas!
4. Pela nacionalização e unificação da Marinha Mercante!
5. Pela nacionalização de todas as empresas imperialistas e dos bancos!
6. Pela tomada da terra dos grandes fazendeiros, latifundiários e barões feudais, do clero, do imperialismo e sua distribuição entre os camponeses e índios!

7. Contra os despejos e a opressão nas fazendas, usinas e latifúndios!
8. Pelo reajustamento imediato, com aumento de vencimentos, para todos os funcionários civis e militares!
9. Pelo aumento de salário para todos os trabalhadores das cidades e dos campos!
10. Pela unificação sindical de todo o proletariado do Brasil!
11. Contra a carestia de vida! Pela diminuição dos impostos para o pequeno comércio, a pequena indústria e os pequenos proprietários!
12. Pelo desarmamento e dissolução dos bandos integralistas!
13. Contra a obrigatoriedade do ensino religioso nas escolas e pela liberdade de cátedra!
14. Pelas mais amplas liberdades democráticas de todo o povo do Brasil!

Por isso e para isso contamos com o apoio e adesão de todos os brasileiros, homens e mulheres, principalmente da juventude, que é a alma do Brasil jovem.

Viva a Revolução!

Viva LUÍS CARLOS PRESTES!

Viva o 21 BC!

Viva o povo livre do Rio Grande do Norte!

Natal, 26-11-1935

( *A Liberdade*, 27 de novembro de 1935, TSN, Processo nº 2, 2º vol. - único número)

# 119

## AO POVO

O Rio Grande do Norte, desafrontado dos dias amargos em que viveu tiranizado por um governante forjado na prostituição dos princípios republicanos de outrora, hasteia-se soberbo, como flâmula redentora no setentrião brasileiro, abrindo caminho largo no solo abençoado da Pátria à entrada triunfal do Cavaleiro da Esperança - LUÍS CARLOS PRESTES.

Ao seu lado, erguem-se até agora, como mais duas esplêndidas vitórias já conquistadas com sangue, como dois gigantes invencíveis, Pernambuco e Paraíba.

PÃO, TERRA E LIBERDADE é o nosso lema. É a vitória do Socialismo sobre a decantada Liberal-Democracia dos políticos profissionais; é a vitória da Aliança Nacional Libertadora; é a vitória de Carlos Prestes; é a vitória do direito do mais fraco, que nunca teve direito! Direito ao que é seu, usurpado pelo mais forte; direito ao PÃO com suficiência; direito às TERRAS; direito à LIBERDADE.

E com este postulado, com estas três palavras escritas com fogo na grandeza do nosso idealismo - PÃO, TERRA E LIBERDADE, com essa bravura comprovada no antemanhã esplendente de hoje, marcharemos confiantes para o abraço fraternal dos irmãos do Sul. Nas nossas pegadas, seguindo o nosso passo e o nosso exemplo, virão a legendária Amazônia, o valente Grão-Pará, o Maranhão da inteligência, o Piauí heróico, o Ceará escaldante de sol e de idealismo.

Soldados, cabos e sargentos do 21 BC, que fostes valentes como as vossas próprias armas no início edificante da derrubada de um governo que apodreceu de todo, o Rio Grande do Norte tudo espera da vossa bravura.

Mulheres operárias, trabalhadores, gente simples e boa que experimentastes ontem e hoje a vossa resistência nas barricadas, continuai como indômitas sentinelas na defesa santa das

reivindicações nacionais.

Povo! Conquistastes com sangue um direito; Rio Grande do Norte, sois o marco iniciante, a fé, o orgulho de uma geração redimida.

A Aliança Nacional Libertadora assegura garantias plenas a todos os cidadãos, sem distinção de credo político ou religioso, recebendo de braços abertos a todo aquele que deseje de boa fé cooperar na grande obra reconstrutiva que se alicerça.

NATAL, 24 de novembro de 1935

(Manifesto do Comitê Revolucionário de Natal, TSN, Processo nº 2, 2º vol.)

# *PARTE 7*

PRESTES E A DIREÇÃO DO PCB

# 120

## TRECHO DA CARTA DE HONÓRIO DE FREITAS GUIMARÃES A LUÍS CARLOS PRESTES

Reunião do SN. Reuni os homens com Ban.<sup>1</sup> Este companheiro voltou muito animado, mas o informe da Bahia que te mandará não é bom. A situação partidária é muito fraca, apesar de uma formidável radicalização da massa, principalmente por causa de nossos erros do passado e de não se ter ainda acertado com uma posição justa diante de Juraci e diante da Federação dos trabalhadores baianos. Praticamente não temos base partidária lá, nem a influência do P. é como nos demais estados do Nordeste.

Levei tuas duas cartas (28 e 29), com as quais estamos de acordo. Os problemas ali levantados foram discutidos, mas ainda queremos aprofundar mais e passar à realização da resolução sobre as guerrilhas. Na próxima reunião vamos resolver sobre as guerrilhas, sobre a ida ao Norte de um companheiro dos 4 do SN, sobre o encontro com o G, mas já na base de coisas concretas (... e número de cams, datas etc.). Devemos reunir domingo novamente. Ficou também bem esclarecido que todo o nosso trabalho dentro das diretivas do BP (virar a mão para o trabalho miúdo de base, fazer funcionar as células, as frações, preparar e desencadear as lutas por reivindicações imediatas na fábrica, no bairro, no campo etc., reforçando o P. e elevando o nosso nível político e orgânico) não pode ser nem um pouco desligado da perspectiva de que cada uma dessas lutas é um golpe contra o governo de traição nacional de Getúlio e que cada uma pode ser elevada a um nível superior. Ligar a realização dessas tarefas à mais viva perspectiva revolucionária, tocando-a para diante, paralelamente com a reorganização do trabalho de rearticulação militar, o estudo, em cada região, dos problemas da insurreição etc. Assim, não seremos tomados de surpresa pelo desenvolvimento rápido da situação objetiva.

---

1. Bangu.

A nossa discussão será melhor transmitida no encontro contigo, que só depende de resolver a dificuldade técnica. O trabalho de agit. estava quase completamente caído, tomamos medidas para reorganizar. Junto uma carta do Ramalho, cujo tom não me agradou, mas que os camaradas acharam que não merecia o vigor dos reparos que fiz; na minha opinião ele acredita demais no que dizem os jornais e a proposta sobre revisão da Constituição e defesa do parlamentarismo representa a influência da minoria. Não creio que possas utilizar a ele para ligação. Mandamos pedir um encontro dele comigo ontem, ao final ele não veio. Vou insistir novamente hoje. Soube que foi preso o Mal., em *A Manhã*, na sede do jornal. Logo mais escreverei mais detalhadamente.

Sem mais, saúde,

M

(Janeiro de 1936, TSN, Processo nº 1, apreensão à rua Honório)

# 121

## CARTA DE M ("MARTINS" - HONÓRIO DE FREITAS GUIMARÃES) A PRESTES

3/2/36

Amigo, recebi sua grande carta com muita coisa interessante e boas críticas. Pena é que não tenha chegado às mãos ontem, para ser discutida pelo SN. Houve desencontro do estafeta, pois que procurado ontem cedo por nós, ele disse que tinha ponto com Mes. ontem às 18 horas. Deve ter compreendido mal o dia. Deixei nas mãos dele um bilhete acompanhado de informes sobre a garota que deverás receber hoje. Concordo contigo quanto ao vulto da onda de provocação que se desencadeia contra o Partido. Mas não vou responder aqui aos pinguinhos. Transmito hoje mesmo a todos os camaradas.

Ban. ficou de escrever-te sobre a reunião do SN. Mas há coisas concretas resolvidas que posso mandar dizer-te agora.

1 - Sobre resposta a Aragão. Ficará mais claro depois de uma conversa direta com V. Mas desde já achamos que é muito possível que a situação no Nordeste marche mais depressa do que aqui e o resto do país. Os informes recebidos demonstram isso e não queremos ser tomados novamente de surpresa. Achamos que Aragão deve tocar para diante com a articulação, ao mesmo tempo que nós escrevemos ao CR de Pernambuco para intensificar seu trabalho de massas pela base, especialmente o levantamento da ANL de bairros, preparando-se novamente para combates decisivos. Achamos que todo o trabalho do Partido deve ser feito com perspectivas revolucionárias bem claras.

2 - Sobre encontro contigo que pedistes anteriormente, ficou resolvido que fôssemos eu e Bangu, apesar de que V. pedia um só. As dificuldades técnicas estão resolvidas pela minha parte. Aluguei uma casa para mim através de uma companheira de toda segurança que lá vai morar para fachada, hoje ela põe os móveis lá, somente ela e eu conhecemos a casa. Ban. será levado na

véspera por mim mesmo e o G. já tem o seu plano para chegar e ficar e sair. A casa é bastante ampla, pode dormir toda essa gente bem acomodada, tem 4 peças. Creio que V. estando ainda com essa vontade de ter ligação direta conosco o melhor é ser o mais cedo possível, porque quanto mais cedo, mais garantida será a limpeza da casa.

3 - Sobre ida ao Norte, resolvemos preparar cuidadosamente a partida de M. para lá. Com os elementos que lá temos (Santa, Lopes, Medeiros) é possível começar já um trabalho concreto de articulação etc., das guerrilhas. Claro que não vai viajar legalmente. Isso também depende de um esclarecimento maior da situação com V. Mas sua idéia de que temos quadros políticos fortes aqui para esse trabalho, sem tocar num dos 5 (incluindo P.) é ilusão. Já estamos preparando gente para seguir. A comissão incumbida das ligações com os companheiros militares que iam sendo soltos fez algum trabalho e há elementos para seguirem. Vou estudar a despesa com eles para mandar dizer-te. Além disso, temos o sagto. Brandão e outro do 1º BE. Há muito mais gente, mas já há perto de 10 que fazem questão de seguir para cima, entre eles o camarada mais forte do B. da cel. da Escola M. Sobre isso e sobre a situação anti aqui, com quem reuni quarta de noite, vou escrever-te mais detalhadamente e peço a V. mandar buscar amanhã a carta. Um dos nossos melhores quadros oficiais vai transferido breve para lá. Há ligações com o Bicudo e pegamos uma pista nova para descobrir o Sócrates, que dá a impressão de ter sumido pela terra a dentro, tão infrutíferos têm sido nossos esforços para descobri-lo. A direção militar para as guerrilhas não é o problema principal. O principal é nós aqui termos uma perspectiva revolucionária clara e aproveitar as lições de novembro. Nossa discussão ontem frisou o ponto que citas em tua carta sobre *O Libertador*, o tom apologético tem que acabar com relação às lutas do Nordeste. Sobre isso estamos de pleno acordo todos, mas é preciso ir mais adiante e ver o problema da Revolução Nacional Libertadora dentro da realidade de um desenvolvimento desigual dos fatores objetivo e subjetivo (grande atraso deste) e também desenvolvimento desigual da situação objetiva entre as diversas zonas do país. Queremos conversar isso com V. e encaramos seriamente a possibilidade de novas lutas decisivas no Nordeste muito antes que o seja possível coordenar em todo o país. Nossa expressão não é possibilidade, é mesmo probabilidade dessas lutas nessas condições e, assim sendo, por que não encarar a ida de um de nós para lá e posteriormente de mais outro e talvez de G.? Muito interessante sua proposta com referência à liberdade de Wilson que devemos tocar com todo afinco, mas o fator tempo é importante e não creio que possamos esperar pelo desenvolvimento de uma campanha pela sua libertação numa região das que mais desorganizada ficou e mais atingida pela reação depois dos acontecimentos de novembro.

4 - O casal para L.<sup>1</sup> já está indicado na carta de ontem. É preciso mandar explicar a eles em

---

1. Léon-Jules Vallée - membro da I.C. que veio para o Brasil em 1935.

mais detalhe o que se quer deles. São de confiança e ficarão, por nossa parte, completamente desocupados. Vou procurar os outros elementos que pedes. Idem endereços. Idem radiotelegrafista que já tenho em vista e que não é mulher. Sobre o correio para lá, ainda o CRF<sup>2</sup> não me respondeu à preliminar de se o companheiro já viajou ou ainda está aqui. Ontem confirmamos a resolução e já há sugestão de outro companheiro comerciante. Concordo sobre a necessidade de resolver isso nos 15 dias. Continuo a insistir e creio que vamos conseguir realizar mais depressa as tarefas práticas.

Ciente sobre Índio e vamos tocar para o pau, como sugeres. O Silveira quer mobilizar o Herbert Moses, aquele crápula, para o *habeas corpus* do N. Nós não achamos bom, indicamos outros, mas queremos sua opinião. Ele afirma que Moses topa por dinheiro.

Sobre a Garota: Está completamente isolada, não vai mais visitar o Mir.<sup>3</sup> e o resultado de alguns interrogatórios já vai junto. Os boatos que achei necessário atalhar em vista dos recados de Miranda eram os que podiam sugerir das referências que faz ao "estrangeiro que foi solto" e as possibilidades de que elementos destacados da direção cantassem lá dentro - ambos só podem servir para desagregar o P., estabelecer o pânico etc. Aliás, quando a Garota transmitiu os recados pela primeira vez, já os acoimei de provocação. Vou insistir para obter a carta dirigida ao B.<sup>4</sup> de M.<sup>5</sup> Na ordem que vai ser reforçada, de tomar medidas extremas na primeira ocasião necessária, não estamos comendo mosca com a Garota, vou providenciar para obter as respostas aos pontos que não foram ainda aclarados e que constam do questionário.

Matoso é Malta, jornalista de *A Manhã*, creio que a carta dele foi dirigida ao Ram.<sup>6</sup> mas essa palavra era ilegível, a carta nos chegou por intermédio da R.<sup>7</sup> do Rio no dia 3. Saberei pormenores logo que obtivermos a ligação com o Ram.

Mário é um elemento do SVB que dirigiu sua carta ao encarregado de org. do SV para transmitir ao encarregado de org. da Região do Rio e passar à minha mão. As perguntas que fazes serão encaminhadas urgentemente, porém o mais urgente é obter uma ligação direta com o Mir. para receber dele informações concretas, porque de fato há muita coisa incompreensível, como apontas.

- 
2. Não identificado.
  3. Miranda.
  4. Bangu.
  5. Miranda.
  6. Ramalho.
  7. Região.

Soubemos porém, por outro elemento por quem não recebemos recado nenhum, que tinha estado com Mir. no xadrez da Polícia Central, e assim foi que soubemos da volta dela da Detenção. Esse camarada foi o primeiro a nos informar sobre os maus-tratos e o aspecto de Miranda, mas sem todos os detalhes que mandam os dois e sem recados para nós. A única coisa que ela se lembrava era de Miranda ter-lhe contado que tinha tido uma sessão brava numa acareação, tendo empurrado também a responsabilidade sobre o dito indivíduo ou coisa parecida. Atribuímos isso à acareação com José.

Por enquanto é o que sabemos. Logo que novos fatos ou informes aparecerem, comunicarei.

Saúde.

M.

(TSN, Processo nº 1, apreensão à rua Honório)

# 122

## CARTA DE M ("MARTINS" - HONÓRIO DE FREITAS GUIMARÃES) A PRESTES

Abaixo transcrevemos duas cartas com recados de Miranda chegadas ainda hoje.

"S.<sup>1</sup> você diz a A.<sup>2</sup> para dizer ao M.<sup>3</sup> que o Miranda mandou dizer-lhe, sob sua inteira responsabilidade, que desapareça o mais depressa possível durante uns 5 meses, assim como o X (Pr) também, porque a polícia tem muita gente à procura deles por toda parte do Rio e se ele for preso ou morre lá dentro ou põe todo mundo na grade.

Perguntaram ao Miranda por Martins e ele disse que estava no Ceará, no que eles disseram que estava aqui no Rio e que já tinham uma pista.

O Miranda manda dizer mais que foi preso um estrangeiro e depois de interrogado foi posto em liberdade e a polícia assim já prendeu o Índio e muitos mais. Manda dizer também que está preso (Santana). Miranda me disse para dizer-lhes que até hoje, dia 30, nem ele nem Elza delataram quem quer que seja. Eu falei com ele sobre a casa da rua Minas, 84 e ele me disse o seguinte: que a polícia lhe perguntou sobre rua e número aqui pela redondeza onde morava Tampinha e ele respondeu que não sabia disso, a polícia lhe respondeu que não tinha grande interesse em saber porque ele já estava localizado e que seria questão de mais um ou dois dias.

Bonfim está no hospital da Polícia Especial quase morto e com um braço quebrado. Miranda está todo negro, com o osso do nariz quebrado e as unhas cheias de agulhas.

[ilegível] e M. também estão na Polícia Central.

ass. Mário"

- 
1. Não identificado.
  2. Não identificado.
  3. Martins.

Esta que abaixo transcrevemos é do M. a que se refere a carta anterior.

"Estive lá com o Mir. Ele apanhou horrivelmente. Tem ainda nas unhas o sinal das agulhas. Apertaram-lhe tanto os ovos que formou um abscesso no escroto. Socos no estômago e na barriga até perder os sentidos durante [ilegível] dias! Num só dia, 3 surras desse gênero, uma atrás da outra. Tem o nariz partido, equimoses nos olhos e corpo etc., etc., etc. Enfermaria com o sistema nervoso esculhambado. Médico, remédios. Vai melhor e animado. Calmo e senhor de si. Contando histórias para os presos, na grande maioria soldados, cabos e sargentos, muitos ainda fresquinhos, de ontem à noite mesmo. A Elza apanhou duas surras tremendas. Nua e os tiras mordendo-lhe os seios. Não lhe arrancaram nem uma palavra. Grande bravura. Ajudou inclusive a levantar o moral de outras jovens que, como a noiva do J. estava presa com ela. Estavam lá também o Joel e o Benjamim (Gomes) (Sá Ferreira). Soube pelo Mir. que o Índio caiu também. Mas não estava lá. O Ben. está também muito machucado. Mir. manda para o P. o seguinte recado: Há uma documentação enorme sobre o Martins e o Praxedes. Diz que estes dois devem passar a outro todo o trabalho e se guardarem. Mas guardarem-se de modo invisível. O Mir. vai se [ilegível] com a declaração de que, sendo secretário, cuidava apenas da orientação política. E a polícia está seca é pela organização. Sabe (a polícia) que o Martins e o Praxedes são os responsáveis e se os pegar ou eles dizem tudo e matam [ilegível] ou morrerão na [ilegível]. O Benjamin, que assistiu alguns espancamentos do Mir., fala da grande resistência, da grande bravura do Mir. Não é qualquer um que agüenta o que ele agüentou. O Mir. diz que devemos transmitir ao Martins e ao Praxedes, com a maior energia, para salvar o Partido. O [ilegível] para pegá-los é feroz. Há uma rua em S. Januário (parece que uma [ilegível] Engrácia, não decorei este nome) que está toda ela sob controle para pegar o Martins quando ele aparecer. Quando eu ia deixando a Central chegava preso o Medina. Mir. pede para tirar manifesto sobre ele com o nome Adalberto Fernandes (Miranda). Não tocar por enquanto no nome de Bonfim. Ver se podemos conseguir um grupo de advogados com o [ilegível], [ilegível] e outros para defesa dele [ilegível]. Sobre V. disse que foram encontrados dois recibos assinados por Ram. com a discriminação a que se destinava o dinheiro. Daí o Serafim perguntou a ele [ilegível] e ele respondeu: conheço-o de nome como jornalista; mas no P. não. Pede ainda para avisar ao Martins isso: foram pegados com ele o balancete do Martins e um relatório da Eneida.<sup>4</sup> Nada mais. Meu velho, segure-se [ilegível] para acertarmos a vida.

Matoso

---

(Fevereiro de 1936, TSN, Processo nº 1, apreensão à rua Honório)

---

4. Eneida

# 123

## CARTA DE M ("MARTINS" - HONÓRIO DE FREITAS GUIMARÃES) A PRESTES

7-2-36

Amigo, saúde. Carta de Ban, ainda não segue porque não me chegou em mãos como devia. Cópias de tua carta já seguiram para todos os companheiros e deram 6 páginas destas, fora anexo sobre provocações!

Aproveito para te pedir mais atenção. Acho, e já mandei dizer aos demais companheiros do SN, que essas críticas feitas a todos os setores de trabalho são justas e aos respectivos materiais e que as indicações claras e concretas que V. dá vão ajudar-nos de uma forma efetiva a corrigirmos as debilidades. Não tinha lido os tais volantes, mas outros que já li anteriormente estão perfeitamente dentro da tua análise. Nós precisamos de crítica construtiva assim.

Que não devíamos seguir no rastro da minoria, embarcando na luta entre presidencialistas e parlamentaristas já havia visto, mas considerar a defesa da atual Constituição como um caminho independente é evidentemente errado. Recebo esse abacaxi direitinho, pois aquela foi minha opinião e representava de fato uma falta de aprofundar o estudo da questão, aliás um vício praticista nosso que precisamos romper. É verdade que nesse meio entra um bocado de cansaço da cabeça. Precisamos de melhores métodos de trabalho, melhor distribuição, para podermos dedicar tempo ao estudo e leitura.

Quanto à crítica sobre o tom dos materiais de agitação, estou 100% com ela e entro também na dança porque o tal manifesto do BP que citas foi modificado por mim e enxertei trechos. De fato, está muito fraco e lamentoso.

Nosso material nesse momento reflete em primeiro termo falta de ligação com a massa. Isso se nota perfeitamente na *Classop*, que é na realidade feita por 3 companheiros e uma ou duas

colaborações da direção, além dos artigos de fundo de Miranda e do Grajaú, também dele. Reflete ainda (artigo que citas do *Libertador*) não se ter aprofundado o estudo autocrítico das lutas de novembro. Não o fizemos antes porque não tínhamos suficientes dados, agora temos todos os dados e não há nenhuma razão para não dar ao assunto toda a atenção necessária. No nosso último BP com Mir., Ramalho também assistiu, foi expedida por aquele a opinião de que os camaradas de Recife tinham errado indo à luta, ao mesmo tempo se aprovou unanimemente o "COMEÇOU A REVOLUÇÃO" que não diz isso. Portanto, ainda há confusões que se refletem no absurdo de silenciar sobre as insurreições armadas de novembro. Acho indispensável discutir mais a fundo ainda do que estamos fazendo no SN a questão e levá-la logo depois ao BP e fazer um documento meticoloso de autocrítica de cada uma das lutas, para educação de nosso Partido.

Eu acho que a tendência a empurrar as responsabilidades para cima dos companheiros do Nordeste nos impede de ver nossa responsabilidade como direção nacional em ter tardado tanto por cá e em ter sobrestimado o grau de formação do Partido para contar que fosse suficientemente forte para manter em mão uma luta, mais empurrada fortemente por uma situação objetiva muito mais radicalizada no Nordeste do que no Rio, S. Paulo ou Sul.

Devemos estudar a fundo, e na base das experiências concretas obtidas em novembro, o caminho da Revolução Brasileira, para que dentro de algum tempo não estejamos novamente a dizer que os companheiros de Pernambuco "precipitaram" os acontecimentos. Eu acho esse o problema central do momento. O SN está discutindo essa questão mais a fundo e vai continuar essa discussão. Sua opinião completa sobre o assunto é indispensável e muito importante.

Outra vez te mandarei minha opinião sobre as faltas do trabalho aqui na Região e as razões do fracasso do setor civil no dia 27. Não há tempo para isso hoje.

Mas já estamos todos de acordo em que a formação do Partido, o levantamento do trabalho de base de massa só pode ser levado de uma forma justa com as perspectivas revolucionárias bem claras. Por isso temos que discutir para aclarar.

Provocação - Nossa conclusão a respeito das cartas de Miranda foi de que os recados refletiam a vontade da polícia de nos lançar no pânico, de desagregar-nos pelo fato de ser de Matoso, que conhecemos como um camarada firme (o Mário não nos merece nenhum grau de confiança, é um elemento do SV, pequeno comerciante falido, que sempre trabalhou direito segundo dizem eles, mas que não cremos que teria agüentado 2 dias de pau), cometemos evidentemente o erro de não analisar a coisa como VV fizeram, com uma clareza objetiva necessária. Também concorreu para esse erro sabermos do sistema do Miranda de exagerar as

coisas quando quer fazer vencer um ponto de vista do qual ele tem convicção. Sigo porém perfeitamente o raciocínio exposto e estou de acordo com a conclusão "suspeitos" que comunico à Região.

Sobre tuas perguntas a respeito destes: a) as cartas foram escritas cá de fora, b) a de Matoso me parece ter sido dirigida ao Ram. e a de Mário o foi ao enc. de org. do SVB, com destino ao dito da região; c) as cartas chegaram pelo aparelho, remetidas pela Região do Rio. Aos quesitos d e e só recebendo resposta deles.

Carta a B. de M. - A Garota disse ao Pra. que foi escrita na frente dela por Miranda quando lhes comunicaram que tinham resolvido soltá-la, dizendo-lhes [ilegível] rafeiros que sabiam que ele devia também ter conhecidos que não fossem comunistas e [ilegível] companheira de quem tinham pena etc., comprometendo a nada fazer contra a pessoa a quem ela fosse confiada. Que Miranda disse então que iria experimentar seu médico e médico dela que talvez lhe quisesse prestar esse serviço e escreveu o tal bilhete na frente dela.

Ao Pra. disse imediatamente que não era possível tal coisa, que Miranda não iria cair numa esparrela dessas, que de fato é uma verdadeira provocação.

Já insisti novamente para obter a tal carta.

Interrogatório à Garota - Tem sido feito por Tamp. Junto mais uma parte e a resposta aos pontos do teu que ainda não estão claros deverá estar aqui até domingo.

Estamos convencidos de que ela cantou à beça e procura fazer passar a coisa ao lombo do Mir., o que demonstra estar a serviço da polícia.

Creio que ela foi solta com o fito de prestar esses serviços e também com o de que pudessem fazer escândalo em torno de medidas extremas que fossem tomadas sem a devida calma. Mas é incompreensível. E sobre uma coisa concordo plenamente contigo: a polícia está fazendo um trabalho muito fino, aperfeiçoa seus métodos e quem for raciocinar na base da experiência passada está sujeito a quebrar uma perna. Nesse sentido, a assistência de G.<sup>1</sup> e L.<sup>2</sup> é valiosíssima.

Dinheiro - Está esclarecido mas continua a ser incompreensível. Não é hábito devolver dinheiro de depósito a comunistas, isso nunca aconteceu até hoje.

Sobre o setor anti, ainda hoje não segue informe detalhado nem a resposta a tuas perguntas

---

1. Garoto, codinome de Prestes.  
2. Léon-Jules Vallée.

sobre o aparelho e as possibilidades de reforço para as guerrilhas. Vou fazer isso amanhã porque a [ilegível] com tanto escrito já está dando o prego. Digo-te desde já que estamos novamente ligados com todos os corpos onde tínhamos forças, de uma forma estável, que começou o recrutamento dentro dos quartéis, que estão reorganizados com estabilidade a Com. Anti e os 4 secretariados (Vila, cidade, Marinha e Polícia), que temos ligação para muitos expulsos e que há diversos que querem ir para as guerrilhas espontaneamente e que fazendo-se uma campanha nesse sentido arranjaremos muita gente. Já os b. de célula estão reunindo regularmente e alguns começam a conseguir reuniões de seção de célula! Pegamos também ligação para os dois regimentos de cavalaria que não tínhamos. Mas deixo isso para logo mais porque é preciso transmitir com detalhes para que tenhas uma impressão justa.

O camarada eixo de nosso trabalho na E. Militar foi expulso e segue para Sergipe, donde seguirá para onde quisermos. É um companheiro inteligente e ativo, combativo e que poderá ser utilizado para articulação no Nordeste. Segue dentro em breve para o Nordeste o nosso melhor oficial, transferido. Vou estar com ambos segunda-feira cedo e queria de V. indicações sobre a direção militar das guerrilhas para formar uma opinião sobre um dos dois para ir com o sargento Brandão imediatamente para cima tratar disso. Portanto é necessário mandar trazer uma resposta até amanhã de noite.

Então já deve estar pronta a carta sobre forças anti, sit. de organização etc., Saúde.

M.

(TSN, Processo nº 1, apreensão à rua Honório)

# 124

## TRECHOS DA CARTA DE "M" (HONÓRIO) A PRESTES

8-2-36

Amigo, saúde.

Primeiro, respondo aos pontos da tua carta de hoje que já seguiu uma cópia para os demais companheiros, com exceção do tópico "casal L", que comuniquei ao Pra. que é o único que conhece o dito casal.

1) Casal - O companheiro é conhecido do Pra. e do setor anti. Há tempos que o procurávamos para instalar uma casa de trabalho do BNO. Seus antecedentes são: foi enfermeiro da Marinha Mercante durante diversos anos, tendo depois passado ao Exército. Era sargento enfermeiro na Aviação até maio ou junho deste ano, quando participou da assembléia da ANL em Madureira (aquela da bandeira da Coluna), quando foi preso e expulso do Exército. Desde então se radicalizou mais e trabalhou na ANL e como simpatizante era aproveitado pelos companheiros do birô da célula da aviação para diversos serviços. Estava começando a ser aproveitado pelo Campos da Paz [ilegível] continuando a prestar serviços à com.anti., dando pousada ao secretário quando este não se arranhou independentemente como tínhamos exigido dele. Nós procurávamos ligação com ele através do setor marítimo, ignorando-se a ligação estreita que tinha com a com. anti. Ultimamente, diante do dilema em que estávamos e já quando desesperávamos de encontrá-lo através dos marítimos, o sec. da com.anti o propôs para uma tarefa de viagem ao Norte para localizar as guerrilhas e trazer-nos informe concreto (coisa esta que tínhamos resolvido antes do informe de Santa chegar). Consegui encontro pessoalmente com ele, tive boa impressão do mesmo por ser um indivíduo calmo, pedia para pensar e consultar a companheira, que os camaradas militares também garantem. Ele arranhou colocação na prefeitura através do Firmo, se não me enganou, quando foi expulso do Exército e ultimamente perdeu esse emprego também e sua intenção

era voltar para a Marinha Mercante. Há meses que ele pedia ingresso no P., que resolvemos dar agora.

Quando foi expulso do Exército não foi entregue à polícia civil e portanto não tem escrache lá. Não é conhecido de elementos ultimamente presos, com exceção de alguns militares da Aviação. Como não é muito falador, ao contrário, de gênio retraído, ele não ficou muito conhecido no seu último local de trabalho. No Partido só é conhecido dos elementos mais responsáveis do setor anti, alguns marítimos antigos membros hoje na passividade, Prax., eu e mais algum que só perguntando a ele novamente para saber. Não é conhecido de José nem da Garota. Enfim, nesse sentido é um dos elementos mais seguros, porque menos conhecido.

Das tarefas de responsabilidade que conhece, somente as ligações e fornecer asilo aos camaradas responsáveis do setor anti.

Evidentemente, trata-se de um camarada novo. É necessário educá-lo, mas nossa opinião é que ele aprenderá rapidamente. A mulher dele fala francês, o que talvez seja um inconveniente. Casal sem filhos, melhor do que esse não foi possível arranjar e o fato de ser membro do P. há um ou dois anos não é garantia aqui no P., haja visto José, com uma soma enorme de atividades de responsabilidade, tendo sido da C. Especial de S. Paulo antes de vir para aqui.

Agora, VV aí é que sabem e se VV julgarem que não há suficiente garantia digam com toda franqueza porque continuaremos a procurar outro, já havendo um com dois filhos, que é membro do P. há dois anos, trabalha no aparelho, mas nunca levou uma cana dura. Esse nos faria uma certa falta, mas podemos substituí-lo rapidamente. Mas de qualquer maneira continuamos a procurar gente para essa espécie de trabalho.

O Higinio sabe que terá que mudar-se, que terá que dizer às relações que vai para outro ponto do país e ficar à inteira disposição de L.

Quanto aos outros dois, estamos quebrando a cabeça. Há a meu ver muito interesse em fazer vir gente de outras regiões. O cunhado do Ram., se não fosse cunhado dele, estaria muito bom, pois que formou-se comigo no aparelho e há mais de três anos que luta eficientemente, sendo ao mesmo tempo expedito e capaz de se mexer. Mas ultimamente ele estava muito doente, veio de S. Paulo para se tratar e deve estar sujíssimo, pelo fato de ser cunhado do Ram., com quem mora e que creio ser utilizado por ele como estafeta.

..... [sic] Tua carta seguiu ontem mesmo pelo aparelho com quem ele tem ligação diária. Vou mandar-lhe um bilhete para que te escreva. Passei a ligação dele ao Ban.<sup>1</sup> e é através dele

1. Bangu.

que estamos tratando com o Sil. a questão de advogado. Pedi ao Ban. que transmitisse a ele a parte política da tua carta.

Na última vez que estivemos juntos, resolvemos que ele cortasse suas saídas ao mínimo, mobilizasse suas estafetas para tudo, rompesse todas as ligações com a família dele temporariamente, por causa da estada da Garota do Mir. na casa do Chic.<sup>2</sup> O Ban. deverá tomar providências para fazer chegar ao Silveira tua opinião a respeito de advogado. De fato o homem (Moses) oferece as vantagens que dizes, todo o perigo dele está em comer dinheiro sem fazer nada ou fazer trabalho de provocação. Em todo caso, nada perderíamos, trabalhando com cuidado.

Reunião - Toda prudência é pouca. Espero opinião dos demais companheiros. Por enquanto, não havendo preguiça de escrever, pode-se tratar de quase tudo. Não estou nem 1% de acordo na ida de qualquer um de nós à casa de G. A outra solução proposta anteriormente por G. é a mais viável, mas depende de automóvel bom, que não sei se ele ainda dispõe do mesmo, pois que o Mes. me disse que o Ramón é que era utilizado para esse fim. Em todo caso, não há sangria desatada e pode-se esperar até ter esclarecida por correspondência a questão do Nordeste.

Wilson - Essa solução não tinha eu depreendido de fato da tua carta anterior. Isso é muito viável. Mande dizer sua opinião sobre o Soto Brandão e a quantia que achas que ele deve levar e se podemos dispor dela imediatamente.

Tinha em vista aproveitar esse camarada na direção militar das guerrilhas, mas o nosso Wilson vale ouro nesse momento e, sem favor de ninguém, é o quadro mais forte que tínhamos no Nordeste.

A proposta de minha ida ao Norte não está baseada sobre o fato de haver perseguição aqui. Isso se contorna trabalhando melhor e com mais cuidado, como estamos fazendo. Prende-se ao fato de que eu estou convencido de que a situação objetiva no Nordeste é mais adiantada do que aqui, que a correlação de forças nos é bastante mais favorável lá e que devemos evitar que a pressão de massas crie novamente uma situação para luta que não nos encontre preparados o mais possível. Nesse sentido, os camaradas atualmente no Nordeste precisam de uma ajuda séria e não creio que possamos fazer depender essa ajuda da libertação de Wilson que, na melhor das hipóteses demorará um mês e meio, pois não é canja uma passagem enrustido para Maranhão e o Ban ou outro nas condições dele não pode viajar legal. Por outro lado, a passagem para Recife é muito mais fácil de ser arranjada com segurança.

Não vejo por que "tão cedo nenhum dos 5 poderá ir lá para o Norte", queria ouvir teus

---

2. Francisco Meireles.

argumentos a respeito e porque achas que estando o Miranda no hospital eu não posso sair daqui. A meu ver não há razão alguma para esse ponto de vista, pois o Prax. está perfeitamente formado para dirigir o aparelho nacional, eu pouco o ajudo nesse sentido, somente com sugestões e controle e além dele ficaria aqui um secretariado coletivo de 8, inclusive os 2 camaradas que foram propostos por Miranda para responder pelo expediente da secretaria na ausência dele. Pelo contrário, minha opinião é que ter os 5 aqui juntos é um desperdício de forças. Mas isso depende de como vamos compreender a situação revolucionária no Nordeste e das tarefas que vamos nos traçar por lá.

O Aragão tinha, quando saiu de lá, uma perspectiva de poder esperar dois meses para reorganizar, agüentando a mão com dificuldade sobre o pessoal de Recife. Você acha possível enfrentar uma situação daquelas com o que temos lá de Partido nesse momento? Dessa resposta, a meu ver, é que depende se devemos ou não mandar o M. ao Nordeste. Foi tendo em vista a marcha da situação no Nordeste que o S.N. resolveu favoravelmente à minha proposta. Pode porém ser que tenhas razão e espero tua resposta à presente.

Sobre os documentos pedidos envio junto o "começou" e já [ilegível] de tudo que se possa encontrar do que pedes, inclusive o Stalin.

Sobre os demais assuntos e perguntas, seguirá resposta depois de [ilegível].

Organização - Respondo às perguntas da carta grande.

Tiragem da *Classop* chegou a 15000 nas vésperas da insurreição (2 últimos números); o primeiro número depois (195), com 10 páginas, foi de 8000, o 196 foi de 7000, o 197 tirou-se 5000. Isto é, sem contar as edições da Bahia (1000) e São Paulo (4000). O *Libertador*, 1º número foi com 2000; os números 2 e 3 foram 5000 cada um.

Estabelecemos a próxima edição para 3000 de cada, pois a procura pelo *Libertador* é muito grande.

Como você mesmo pesou, a dificuldade não é tanto na edição de materiais, como na distribuição. É essa a razão da diminuição das edições quando, ao contrário, seria necessário aumentar as tiragens para compensar a falta de uma imprensa legal de massas.

Nosso aparelho de ligação sofreu nos primeiros dias muito com o aumento da reação. Além do cagaço que bateu em diversos simpatizantes, as medidas de fiscalização redobrada no cais aqui e nos [ilegível] tornaram muito mais difícil a entrada de material a bordo e mais ainda sua retirada de bordo nos lugares de destino. Nesse sentido é que nossa dificuldade é maior, pois que não temos conseguido a devida atenção a esse assunto nem por parte dos membros do CC, como Caetano, Wilson e Bangu. Basta dizer que, apesar de existir na Bahia um camarada de

reforço que era antes encarregado das ligações do setor marítimo com os navios, e portanto conhece muitos de nossos companheiros de bordo, nosso material mandado para lá não era retirado e o companheiro aqui chegou sem ter lido nem as resoluções do CC, nem o artigo "Começou a Revolução". A Pernambuco, antes dos acontecimentos de novembro, mandamos um membro do BNO especialmente para tratar das questões das ligações e não só não lhe forneceram um só quadro pedido, como resistiram até a dar ligação ao encarregado da organização regional para que ele conseguisse reorganizar um trabalho eficiente e seguro de retirada com os estivadores, resistência, carvão etc., onde temos forças grandes em Recife.

Porém, apesar dessas dificuldades todas, temos rompido as dificuldades no sentido de que conseguimos já mandar delegado da CE até o Norte (Pará), até o Sul e um especial até Paraíba, Pernambuco e Alagoas. Da última vez que estive pessoalmente com o camarada responsável por esse setor, ele me informou que estava reorganizando o aparelho com estabilidade bastante para todo o Norte, com exceção da Paraíba, Rio Grande do Norte, Bahia, Espírito Santo. Funcionando muito bem com Pará, Ceará e Alagoas, sobretudo. Minas e São Paulo asseguramos por ferrovia com bastante regularidade, mais ou menos uma vez por semana e às vezes 3 com São Paulo, que também faz bons esforços de lá para cá.

Estamos bem ligados com Porto Alegre, repegamos [sic] a ligação com Pelotas e Rio Grande, mas ainda não conseguimos um esforço produtivo nem regular dos companheiros de Santa Catarina e Paraná.

A distribuição da *Classop* atualmente se faz na seguinte proporção para 7000: Rio, 2000; São Paulo, 30 (tem sua própria edição); Anti Rio 300; JC, 500; SVB 500; Fluminense 1000; as 2700 restantes vão para demais regiões e com ordem de deixar mais onde a retirada é mais bem feita, pois todos os pacotes são subdivididos em embrulhinhos de 20 para facilitar a retirada. Nessas duas últimas tiragens a R. Rio tem recebido menos e a fluminense só queria 500, tendo nos comunicado esta que agora já pode receber novamente 1000. Mas a Região do Rio continua atrasada e ainda não pode dar conta de mais do que 1000, 1200.

Também agora já a ANL tem ponto para receber material (sobretudo *Libertador*), os quais devemos entregar 1000. Este também vai para toda parte.

Conseguir imprensa na Bahia e São Paulo representou mais de um ano de insistência nossa. Pernambuco, apesar de que mandamos para lá 2 vezes o dinheiro necessário, não conseguiu montar sua imprensa ilegal com vistas à edição da *Classop*. Um companheiro que mandamos para auxiliá-los, com experiência larga no trabalho aqui, foi mandado para Tacaratú e lá encanado, o que impossibilitou de ficar em Recife.

O que não posso informar é a quantidade exata de material que chega às mãos da massa, porque não há dúvida, os "galinha morta" que ainda existem no Partido o distribuem mal e mesmo em alguns casos sabotam a distribuição do material.

Conhecendo as dificuldades enormes que tem que romper um aparelho de ligação numa extensão territorial enorme como a nossa, já há muito que viemos lutando pela descentralização das edições do P. Cada região deve ter sua imprensa própria, cada C. Local e C. Setor idem e cada célula deve possuir, instalado por ela mesma, ao menos um reco-reco. Na Região do Rio, não mais do que 5 células possuem reco-reco e funcionam mal. O que é preciso é insistir sobre isso e obter dos companheiros mandados como reforço, ou delegados, que coloquem a questão na ordem do dia e lutem pela realização, na base, das instruções que têm sempre sido dadas daqui a eles pelo BNO.

As constatações do "Começou a Revolução" sobre o débil grau de organização são perfeitamente justas. E isso se passa porque há toda uma velha tendência de pensar que organizar é exclusivamente tarefa do BNO e dos BRO, ou melhor, dos encarregados de organização regionais. Não conseguimos nem na direção nacional fazer compreender aos companheiros responsáveis por setores que eles têm [ilegível] de ser organizadores, trabalhar por plano, criar seu próprio aparelho, formar quadros especialistas e ter o olho aberto para localizar os quadros. Aqui a realidade é a seguinte: qualquer tarefa de realização concreta (arranjar máquina de escrever, um local, aproveitar suas ligações para finanças, comprar papel e carbono - até isso! - etc.) vai-se em cima de Miranda, Martins ou Praxedes ou um do aparelho. Todo mundo era instalado por nós e quando tinha sujado a casa ou o quarto, com raras exceções vinha em cima do aparelho e exigia outro de prazo marcado. A luta contra isso por nossa parte também não tem sido suficiente ou mesmo não tem existido. O trabalho de organização também tem muito o aspecto de aparelho somente. Não temos sabido educar o Partido sobre o funcionamento dos organismos, sobre como realizar o trabalho de massas, sobre recrutamento etc. Além disso, somente de setembro para cá é que se compreendeu que o secretário de organização precisava ter um estafeta, antes, todas as ligações eram feitas diretamente por mim ou por companheiros do aparelho e somente em outubro é que passei a utilizar um secretário técnico e estafeta. De fato, esse mês aumentou-se muito o aparelho de organização e os quadros do trabalho de organização, mas V. sabe que não se formam num dia, que até para alugar casa direito é preciso adquirir experiência. A insuficiência de quadros que corrigimos muito tarde tinha nos habituado a ter que atender a uma multiplicidade de coisas e a romper constantemente com os planos traçados para atender às necessidades e imprevistos constantes. Basta dizer a V., para ter uma idéia do grau de formação dos quadros utilizados por nós no aparelho: tive que passar a noite de 26 para 27 na imprensa para poder assegurar que a

turma virasse mesmo. Posteriormente, por questões de luta de grupos lá dentro, entre os camaradas, tive que dormir lá duas vezes mais durante o mês de dezembro. Em setembro, os funcionários de organização eram assim distribuídos: eu, que continuava a dar a maior parte do meu tempo à Região do Rio, onde não havia um só quadro formado e experiente no CR; Praxedes, chefe da CE; sua estafeta; encarregado da imprensa, encarregado de ligações; um auxiliar deste. Além disso tínhamos a imprensa ilegal; um comarheiro responsável por casa e funcionamento do curso político, outro responsável pelos cursos "técnicos". E note-se que além de mim, Prax. e dois da CE, tudo era cru, inexperiente, necessitando de auxílio diário.

Por exemplo, a C. de Finanças organizamos duas vezes. O quadro formado e experiente era o Benjamin, tirado do aparelho de Mir. (os outros dois antigos membros, Romeiro nos médicos e ANL e um outro, um chofer, afrouxou depois de uma cana). Formamos com um camarada que tinha sido responsável pelo SVB, um velho quadro operário - ferroviário - com um mês tinha conseguido com o que demos a ele organizar uma arrecadação de 500\$000, reunir sua comissão duas vezes e começaram a chover reclamações dos simpatizantes sobre o sistema do camarada de arrancar nos escritórios. Foram inúmeras as insistências, reunia semanalmente com o BNO e sempre tratávamos dos métodos para arranjar dinheiro. As circulares que fez foram todas redefinidas pelo BNO. Tinha 8 anos de P., foi membro do CC durante bastante tempo e dirigente antigo da Região de SP.

Medeiros, que vinha trabalhando bem e começado a formar uma comissão de trabalho foi retirado para a imprensa de massas e posteriormente mandado para Recife, onde se encontra.

Isso é para te dar uma idéia do quanto é justa a constatação do COMEÇOU A REVOLUÇÃO sobre a insuficiência de quadros. Há uma positiva angústia de quadros. Os cursos políticos não compensaram em nada o esforço de organização e a despesa. Deles, aproveitamos um elemento para o Regional, atualmente agit., que escreve volantes marca "Brazileiros!"; o Zudio, que foi assassinado em Minas e mais dois quadros do primeiro curso, dos quais um, Vitor, está preso no Maranhão e outro é dirigente regional da JC aqui. A escolha de quadros obedecia mais a pressa de juntar os 8 ou 10 camaradas de suficiente confiança do que ao critério de escolher elementos que já tivessem dado prova de sua capacidade de se formarem dirigentes, mesmo intermediários. Além disso, os professores efetivos não estavam (Barreto e Jaime, com os quais o proletariado gastou bastante dinheiro, tendo o primeiro se metido na fração de Marcos, em 1934, e o segundo parece que está atualmente estudando espiritismo em S. Paulo, onde casou-se com a professora) e os programas de curso eram muito gerais e pouco concretos. Alunos com quem tenho falado sobre os cursos dizem mesmo que só aproveitaram mais alguma coisa das conferências dadas

pelos membros do SN (uma cada um). E assim mesmo, visto que não trabalham atualmente, depreende-se que o valor dessas conferências era muito relativo.

Isso são fatos que você pode controlar e te darão uma idéia talvez mais exata do grau de formação do Partido. Por isso é que achei ótima a idéia de In. que comunicou pretender mandar uns 12 a 15 quadros de operários dirigentes dar aula para ajudar-nos aqui, transmitindo sua experiência concreta de trabalho de base. Infelizmente isso caiu no mangue por enquanto, com a prisão dele.

.....  
Não sei ainda qual a opinião formada por VV. sobre o porquê do fracasso do setor civil a 27 de novembro. Desejaria saber. Aí vai a minha.

Nossas tendências esquerdistas na Região do Rio, querendo sair com o Partido somente à rua, desesperados com a lentidão do processo de formar os núcleos da ANL através somente de nossas células, atrasou certamente a formação da Região e nisso tenho muita responsabilidade, em não ter planteado a questão como ela era, para se corrigir o mal pela raiz e dar à Região vida política e autonomia.

A falta de quadros formados para levantar o trabalho de massas das células e frações sindicais e a falta de paciência nesse trabalho, querendo-se exigir greve e mais greve sem a devida preparação de massa.

A desligação de todo o trabalho da Região de preparação da insurreição e não criação do Comitê Revolucionário da Região. Enquanto desde abril e maio no setor anti já era tarefa das células estudar cada um seu plano para a insurreição, no setor civil só se falou nisso depois daquela reunião a que assisti.

Nossas células não tinham estudado planos, não tinham escolhido objetivos e não tinham exercitado brigadas para atos revolucionários. Nós estávamos concentrando todas as forças para conseguir greves, congresso camponês de Barra e levantamento de assembléias populares de bairro (os dois últimos atos estavam marcados para o dia 24 de novembro e foram proibidos pela polícia) mas não se tinha a perspectiva de que os acontecimentos pressionados por uma situação objetiva muito séria pudessem dar saltos como deram e não esperar pelo determinado ascenso desse movimento grevista, camponês e popular previsto na reunião do CC de fins de julho. Nosso trabalho diário na Região de preparação dessas lutas de massa não era feito com a perspectiva clara de que teríamos de transformá-los rapidamente em lutas insurrecionais. Nossa base na Região do Rio, com exceção de parte do setor anti, não tinha a perspectiva clara de que os acontecimentos revolucionários se precipitariam com a situação especial do Exército e com as

ações de massa do Nordeste com confraternização e não estava portanto ideologicamente preparado para enfrentar essas lutas.

Nós demoramos muito a ver que os acontecimentos no Exército (resolução de baixa forçada de mais de 5000 soldados, cabos e sargentos, grande desenvolvimento da ANL e do prestígio de Prestes) não nos iriam permitir esperar pelo [ilegível] de movimentos grevistas, populares e camponeses que tínhamos previsto. Somente 3 semanas antes do 27 é que isso foi ventilado pela primeira vez no SN, ainda com a perspectiva de que para sair do SN era preciso primeiro reunir-se [ilegível].

A lentidão das ligações nacionais tem sua responsabilidade nisso, pois somente em 23 é que soubemos das lutas de massa no Nordeste e da amplidão revolucionária que tinham tomado as greves, especialmente a da Great Western. Muita falta fez a ligação de rádio e nisso andou-se com muita moleza e é um dos pontos a corrigir o mais breve possível.

A Com. de realização que ia trabalhar como direção da insurreição reuniu-se pela primeira vez completa no dia 25 à noite (antes da reunião do CC não tinha sido possível fazê-lo) e de novo a 26 de manhã com Mir. e Pedro. Apesar disso [ilegível] -lhes os mesmos objetivos que estavam anteriormente traçados, sem levar em consideração que estavam crus, que nem havia reconhecimento do terreno, nem as munições e explosivos suficientes. Teríamos agido mais acertadamente se tivéssemos dado como tarefa central: guarnecer a praia de Botafogo para permitir a saída do 3º RI, parar a Central e a Light e Marítimos de qualquer maneira. Esses objetivos eram possíveis de se realizar com a centena de homens de que dispúnhamos e que careciam centralmente de chefes, pois que os membros do [ilegível] eram virgens aqui na questão da luta armada. Isso é opinião minha, gostaria de ouvir a tua, mais experiente.

Reunir com eles, dividi-los em brigadas com a tarefa de levantar o trabalho da ANL nos bairros etc. E desde já fazer seguir para o Nordeste, Alagoas, Paraíba e Pernambuco, os camaradas que querem participar das guerrilhas e informa o Joaquim que há diversos. Mas primeiro é preciso instruí-los no assunto e nesse sentido é necessário que nos mandes um material com indicações concretas sobre a tática a seguir e baseados sobre o fato de que existem muitos pequenos grupos concentrados especialmente na zona norte do Rio G. do Norte e fronteira do Ceará. Como organizar um centro dirigente, como assegurar ligações com cada grupo, qual a tática com relação a coordenação de diversos grupos, a questão de remuniamento, das armas, da atitude frente aos cangaceiros de Lampião etc.. Tudo isso além de esclarecer bem a direção militar.

O Joaquim segue transferido para Recife, de onde deverá viajar por todos os campos de aviação do Nordeste e Bahia. Portanto está mais indicado para fazer um trabalho de coordenação.

Creio que o Mota e um dos sargentos assegurarão a direção militar com o Bicudo se este quiser ir (porque consta que não tem saúde, é fraco do peito). Bom seria o Sócrates, mas ainda não foi localizado, apesar de nossa insistência.

Creio ser necessário organizar já uma casa para pequeno curso a esses elementos, para que possam seguir o mais rápido possível para o Norte. Já mandamos instruções para o CR de Recife para fazer seguir Santa ou Lopes ou outro qualquer que eles tenham melhor para estabelecer os primeiros contatos com os grupos de guerrilheiros e estabelecer um sistema de ligação com Recife. Essa carta já foi aprovada no SN e segue pelo primeiro portador. Cópia te irá às mãos.

Podes estudar plano para a utilização desses 3 sargentos (sendo Brandão destacado para a tarefa referente a Wilson), do ex-aluno Mota, do Tte. Alberto Besouchet, que participou das lutas de Recife e que foi ferido, mas que está aqui sofrendo a influência dos irmãos trotskistas e que não nos parece um elemento com suficientes cabelos nas ventas para enfrentar guerrilhas. Do Tte. Joaquim, que poderia pedir a licença ou mesmo desertar, do Tte. Bicudo. Operários dispostos a ir já temos 3 garantidos, velhos membros capazes de atuar politicamente e encontraremos mais. Há uns 10 ex-militares, cabos e soldados, que também querem ir para as guerrilhas e pode-se encontrar outros. Mas não creio que o problema de localizar um centro dirigente, ligá-lo com Recife e com os guerrilheiros, dirigi-los efetivamente, possa ser resolvido daqui do Rio e pelas forças que temos atualmente no Nordeste, não creio tampouco que possamos esperar pela soltura de Wilson e é por isso que insisto na minha ida, nem que seja por uns dois meses. Claro que somente com toda garantia de passagem ilegal.

Mandamos dizer ao companheiro responsável que faça compreender a todos os nossos camaradas de aparelho que não gastem suas possibilidades de passagem para trazer gente de fora e sim que as economizem para levar gente daqui para o Norte.

Essa é mais ou menos a base em que podemos traçar nosso plano para o Nordeste e depende em grande parte de finanças. Cada camarada que seguir precisará mais ou menos de 500\$000, levando um pouco mais os que pagarem passagem porque podem viajar legalmente e menos alguma coisa os que forem enrustidos. Mandamos saber como está a questão de viagens no interior dos estados do Nordeste para sabermos dar desde aqui instruções concretas sobre como devem portar-se os camaradas no trânsito até a zona de guerrilhas.

Sem mais por hoje. Saúde.

M.

PS: Na próxima seguirão idéias sobre política de quadros - R. Rio - Quais as diretivas a dar ao setor anti - Reorg. da ANL etc.

(TSN, Processo nº 1, apreensão à rua Honório)

# 125

## CARTA DE PRESTES A HONÓRIO DE FREITAS GUIMARÃES

9-2-1936

Amigo: recebi tua carta de 7 e a continuação das informações a respeito do que tem dito a Garota.

Respondo especialmente sobre a questão das guerrilhas, procurando ampliar um pouco mais o que já mandei dizer em carta anterior.

QUESTÃO FUNDAMENTAL - Creio que no momento o essencial, o fundamental frente aos grupos armados ainda existentes no Nordeste consiste em prestar-lhes o Partido a mais eficiente e prática ajuda possível. Tal ajuda consiste em orientá-la política e militarmente; enviar-lhes quadros devidamente instruídos; fornecer-lhes elementos materiais para a luta (armas, munições, explosivos, medicamentos etc.). Garantir praticamente a ligação de cada grupo com uma direção política e militar centralizada; ativar a agitação e a propaganda entre a população, organizando o apoio prático dos guerrilheiros por parte de todas as organizações do Partido, da ANL, assim como da população em geral; dirigir o trabalho de desagregação das forças enviadas contra os guerrilheiros etc.

Ora, para toda esta atividade não bastam os CR do Nordeste, nem mesmo o S. do NE e muito menos as organizações dirigentes da ANL.

Precisamos criar o quanto antes, no ponto, mais conveniente (de acordo com as condições regionais, a distribuição e local dos grupos guerrilheiros, a perspectiva de formação de novos grupos etc.) um novo organismo diretamente ligado ao S. do NE e que tenha como missão fundamental, tarefa central, dirigir a luta guerrilheira no NE. Pode ser um grupo de três camaradas dispondo de numerosos quadros política e militarmente preparados para a luta no interior do

NE, assim como dos recursos necessários ao desenvolvimento de sua tarefa. Esse comitê militar dirigente e centralizador da luta poderá iniciar seu trabalho em Recife, mas em seguida deve escolher, lá mesmo, qual o ponto do interior donde poderá melhor se ligar com os grupos dirigentes a fim de dirigi-los praticamente. Fugindo o mais possível de qualquer esquematismo e deixando principalmente à iniciativa do Comitê a orientação de sua atividade prática, que deve de ser orientada antes de tudo pelas condições objetivas locais, penso que o trabalho deve ser orientado de maneira a resolver sucessivamente as seguintes questões que as apresento em ordem de importância.

1º - Conhecer por onde andam os grupos armados, fazer o possível para os localizar, assim como para com eles se ligar, enviando imediatamente as primeiras instruções sobre a orientação política e militar em geral. Conhecer a força de cada grupo (efetivo, armamento, quadros políticos, militares, número de membros do Partido, métodos de luta empregados até então, região em que opera, perspectivas etc.).

2º - Preparar praticamente os companheiros que devem ir incorporar-se a cada grupo, instruindo-os cuidadosamente sobre a nossa linha política no interior do NE, assim como saber os métodos da luta, fabricação de explosivos etc.

3º - Organizar uma vasta rede de ligações em todo o interior, procurando ter em cada aldeia, ponto importante das estradas de ferro e de rodagem, nas usinas, fazendas e engenhos etc., pessoas de confiança que façam espionagem a nosso serviço e que estejam ligadas ao Comitê Militar, fornecendo também tais informações aos grupos em luta. A formação de uma vasta rede de ligações e de espionagem é tarefa importantíssima, porque sem ela será muito difícil realmente auxiliar a atividade militar dos guerrilheiros. Sem mecanicismo e buscando sempre adaptar nossos organismos às condições locais devemos, no entanto, ter em vista que a rede de espionagem deve, por princípio e tanto quanto possível, estar centralizada, isto é, não mandar informações a cada grupo armado isoladamente, mas somente ao Comitê Militar Central.

4º - Centralizar o trabalho de organização e obtenção de armamentos, munições, explosivos etc. Organizar depósitos no interior, principalmente de material para a fabricação de explosivos. Organizar as fábricas de bombas e granadas. Adquirir e obter medicamentos, assim como conseguir que médicos e enfermeiros sejam enviados aos grupos mais numerosos.

5º - Informar às organizações do Partido das atividades guerrilheiras, estimulando e propagando a agitação de massas, sua atividade e orientando o apoio prático de toda a população do NE e do país às guerrilhas em luta.

6º - De acordo com as circunstâncias da luta, conforme as condições de cada grupo em luta, orientar a atitude que devem tomar os comunistas e nacional libertadores sob nossa direção nas forças que forem enviadas contra os guerrilheiros. Dirigir e centralizar todo nosso trabalho entre as forças adversárias, nelas fazendo penetrar pessoas de confiança etc., que lá levem à prática nossa orientação. OCC Militar deve também exercer grande influência e estar diretamente ligado ao responsável principal pelo trabalho ante todo o NE. Estas são as tarefas principais que me ocorrem no momento, que por si já demonstram a imensa importância que deve ter para o Partido tal organismo. No momento atual, seria mais do que um simples erro, mas sim um crime contra a revolução, não empreendermos os maiores esforços na organização do tal comitê e sua devida preparação. Só o SN sabe quais os homens que poderá dispor [ilegível] do nosso [ilegível] importante tarefa. Sou de opinião que deveremos escolher [ilegível] ativo, dedicado, que compreenda e sinta a nossa linha política, dando-lhe como companheiro um especialista militar e um companheiro lá do NE, que conheça o interior da região, os hábitos e costumes dos sertanejos [ilegível] e oposição de não [ilegível] somente militares [ilegível] e companheiros ou não do Partido, mas especialmente homens de lá mesmo, conhecedores da região sertaneja de verdade, identificados pelo próprio meio com os lutadores que queremos dirigir. Para isso, ordens devem ser dadas a todos os CR, assim como ao S. do NE deum trabalho imediato, diário e constante do tal Comitê.

Na organização e atividade do Comitê precisam ser tomadas as maiores cautelas conspirativas, estudando-se no local qual a melhor maneira de mascarar sua atividade. Para facilitar a ligação e o serviço de espionagem, devemos procurar utilizar os nossos amigos e simpatizantes médicos, assim como na organização de pequenos comércios no interior.

LINHA POLÍTICA - O sucesso da luta guerrilheira depende antes de tudo de uma direção política justa pelo Partido do Proletariado. Não cabe aqui a justificativa desta verdade. O C. Militar a que me refiro anteriormente, devendo ser o orientador político dos grupos guerrilheiros precisa estar perfeitamente a par da linha política do partido, dela fazendo sua própria carne, de maneira a estar em condições de aplicá-la conforme as circunstâncias locais e de cada momento.

Aqui quero somente chamar a atenção para os pontos principais, todos eles já ventilados em documentos anteriores de nosso Partido e especialmente nas resoluções de nosso último pleno do CC (preparação da insurreição e no manifesto programa de Prestes de 5 de Julho).

É essencial que se compreenda o caráter da Revolução Brasileira e a etapa atual da luta pela independência nacional e contra o feudalismo. Isso significa praticamente para os nossos guerrilheiros concentrarem todas as suas forças principalmente contra os grandes proprietários

territoriais mais reacionários e os agentes diretos do imperialismo. Isso significa, no NE, agir de maneira a mais enérgica, decidida e impiedosa contra o nosso principal adversário, o grande usineiro, as grandes empresas imperialistas, como a Great Western, os grandes proprietários de terra mais reacionários e odiados pelo povo. Mas isso significa também saber atrair para o nosso lado todos os camponeses, desde os mais pobres até os ricos que tenham interesse na luta contra a reação mais feudal e o imperialismo. Isso significa, na prática, que os guerrilheiros devem fazer pesar, sobre os ombros dos elementos feudais mais reacionários e o imperialismo todo o ônus da campanha, evitando o mais possível requisitar ou exigir qualquer coisa dos camponeses e do pequeno comércio e médio comércio e indústria. Os guerrilheiros devem obter com os reacionários os recursos necessários ao pagamento de tudo o que necessitem comprar às outras camadas da população. Isto é de importância fundamental, porque é da prática da luta que vai resultar para as populações do interior a verdadeira linha da Revolução e sem o apoio da grande massa que quer lutar em todo o NE contra o imperialismo e o feudalismo não podemos fazer avançar a Revolução Nacional. Todo e qualquer "esquerdismo" e sectarismo será profundamente contra-revolucionário, porque enfraquecerá a frente nacional e a luta contra o feudalismo. Mesmo com os senhores de engenhos nós devemos muitas vezes nos unir na luta contra o usineiro e a Great Western e para isso precisamos saber convencer e explicar aos camponeses e operários agrícolas por eles explorados até onde devem ir na luta por suas reivindicações e como se devem unificar com seus exploradores em luta contra o inimigo principal do momento. Tem grande importância, especialmente, a atitude dos guerrilheiros frente ao pequeno comércio. Este sofre horivelmente com os impostos e as restrições federais. Precisamos mostrar-lhes na prática que a Revolução lhes trará a liquidação dos impostos e o "livre" desenvolvimento, sem as terríveis fronteiras feudais atuais. Ao pequeno comércio, nada de requisições e exigências - comprar com o dinheiro dos grandes proprietários e dos imperialistas. Outro problema prático de grande importância nessa etapa da Revolução é o problema da Religião. Entre os lutadores guerrilheiros do NE, grande número são profundamente religiosos e, portanto, qualquer atitude contra a Igreja e seus sacerdotes será profundamente impopular e mesmo contra-revolucionária. Isso não quer dizer que não façamos a instrução política dos guerrilheiros, explicando-lhes o verdadeiro significado da religião (vem mais abaixo), que não tomemos a riqueza material da Igreja, mas isso deve ser feito sempre com muita habilidade, levar o próprio povo a compreender e querer distribuir entre si as riquezas da Igreja, a fim de matar a fome do povo. O mesmo deve ser feito com as terras pertencentes à Igreja e aos sacerdotes mais ricos, mas em todas essas medidas ser sempre muito prudente, nelas fazendo intervir diretamente a população interessada, não devendo ser nada absolutamente feito pelos guerrilheiros contra a vontade da maioria da população. Em tais casos é sempre preferível não tomar nenhuma medida contra as riquezas da igreja.

Na aplicação prática da nossa linha política tem uma grande importância todas as medidas mais radicais contra os impostos e a "justiça" governamental. Tomar o dinheiro dos impostos, queimar talões e processos de cobrança, queimar a papelada dos juizes etc. Garantir assim, praticamente, que a cobrança dos impostos não seja possível e tornar impossível a prática da "justiça" governamental.

Na questão da terra devem ser evitados não só o oportunismo de não dividir entre a massa camponesa a terra dos grandes proprietários mais reacionários, dos imperialista e quando possível, da igreja, como o "esquerdismo" de tomar as terras dos grandes proprietários liberais e patriarcais, queridos dos camponeses ou de camponeses ricos que não explorem pelos métodos feudais seus operários. Aos primeiros será possível exigir a liquidação dos métodos feudais, aos segundos a melhoria de salários e das condições de trabalho de seus operários. Tais medidas precisam ser tomadas sempre com a massa e nunca por decreto ou pela força dos guerrilheiros, contra a vontade do povo.

É também necessário compreender que muitas vezes, enquanto os guerrilheiros ainda são fracos ou quando os camponeses não podem ainda organizar a sua força militar, a divisão da terra é impraticável e contra os interesses da massa camponesa, porque ela sabe que com a partida dos guerrilheiros seria punida pelas expedições do governo. Em tais casos, a massa receberá muito mais satisfeita víveres, dinheiro, roupa etc., coisas que os guerrilheiros podem tomar dos reacionários e distribuir entre o povo.

Finalmente, a questão do poder. Sempre que for possível, tanto nas aldeias como nas sedes municipais, devem ser organizados pelos guerrilheiros governos locais e municipais. Tais governos precisam essencialmente traduzir o caráter atual de nossa Revolução. Evitar a formação de sovietes ou de Conselhos de Operários e Camponeses. Devemos organizar Juntas Governativas, nelas incluindo elementos de todas as camadas sociais em luta contra o imperialismo e o socialismo, inclusive a burguesia nacional, isto é, comerciantes, intelectuais, industriais e camponeses ricos ao lado de camponeses pobres e operários. Tais governos devem imediatamente executar as medidas essenciais do programa nacional libertador e serem considerados como elementos locais do grande governo nacional revolucionário, com Prestes à frente. Mesmo que a duração de tal governo seja efêmera, tenha mesmo a duração de somente algumas horas, muitas são as medidas que podem ser tomadas, liquidando impostos, exigindo grandes contribuições aos reacionários, distribuindo víveres, roupas e medicamentos entre os pobres, tomando a terra dos grandes proprietários mais reacionários etc., aumentando salários e vencimentos, armando os operários e camponeses e desarmando a polícia e os bandos integralistas etc., etc. Tais governos, ao mesmo tempo que devem agir de maneira muito enérgica contra o imperialismo, seus agentes e os grandes

proprietários mais reacionários, não devem de modo algum tomar atitude "esquerdista" contra elementos que podem ser nossos aliados ou, pelo menos, neutros ou neutralizados nessa etapa da Revolução. Tem ainda grande importância para o desenvolvimento da luta guerrilheira no NE o respeito a todas as tradições populares e muito especialmente o mais severo respeito ao que lá se denomina a honra da família etc.

Tudo isso deve ser conhecido do Comitê Militar, ensinado de maneira concreta, de acordo com as condições de cada região, aos companheiros que forem mandados aos grupos guerrilheiros e transmitidos a estes por meio de instruções aos comunistas que dele participarem.

ASPECTO MILITAR - Na direção militar dos grupos guerrilheiros devem ser recordados e estarem sempre presentes uma série de recomendações bem difíceis de resumir numa simples carta e tão longe da realidade objetiva dos acontecimentos. Vou, no entanto, tentar recordar algumas regras essenciais, de acordo com a minha experiência pessoal, chamando a atenção especialmente para não aplicar nada mecanicamente e só depois de uma detida apreciação das condições concretas de cada caso. Não ficar na defensiva ou inertes é a condição essencial, no nosso caso, para que um grupo armado possa ser considerado realmente de guerrilheiros. Ficar na defensiva é entregar-se ao suicídio ou ao rápido desaparecimento ou dissolução do grupo. Mesmo no caso em que seja conveniente defender um determinado ponto, a melhor maneira de fazê-lo consiste em tomar a iniciativa, atacando o adversário antes de esperar que ele o faça.

Isso é diretamente ligado à questão do movimento. Este é a maior arma dos guerrilheiros. Um grupo de guerrilheiros que não é capaz de movimentos rápidos, de grandes marchas ao sol e à chuva, de dia e de noite, não é nada digno de tal nome. O princípio tático essencial a que obedecem os grupos de guerrilheiros consiste em só combater quando lhes for ou parecer útil, estando, por princípio, contra todo combate provocado pelo adversário. Disto decorre a necessidade de um serviço de informações tão perfeito quanto possível e de uma vigilância infatigável e sempre controlada pelos principais responsáveis. Os verdadeiros chefes das guerrilhas nunca se deixam surpreender, têm sempre a retirada preparada.

Na guerra civil, especialmente quando ainda assim sob a forma de pequenos grupos, deve haver a máxima preocupação na economia do elemento homem. Muitas vezes será difícil convencer aos camponeses da necessidade de abandonar a região em que vivem, mas será necessário fazê-lo para evitar o combate com forças mais fortes que se aproximam, perdendo a terra mas poupando o elemento homem e evitando o transporte de feridos - coisa sempre difícil para os guerrilheiros. Mas os guerrilheiros devem, por seu lado, empregar todos os seus recursos, seus conhecimentos do terreno, do local em que lutam, sua ligação com os habitantes etc, para

empregar de maneira sistemática, continuada e persistente a surpresa, em golpes de mão, inesperados, fulminantes, rápidos, quase instantâneos contra o adversário. Atacar colunas em marcha, pelos flancos, pela retaguarda. Surpreender acampamentos, atacar de emboscada colunas, automóveis etc. A surpresa empregada de maneira sistemática e continuada, ao mesmo tempo que se evita sempre os combates decisivos, pode desmoralizar a mais disciplinada das forças governamentais.

Aos guerrilheiros (pelo menos enquanto não haja ordens por expresse em contrário) cabe a destruição sistemática de linhas telegráficas e telefônicas das estradas de ferro, das pontes, das estradas de rodagem etc.

Aos companheiros militares que forem tomar parte nas lutas guerrilheiras, é necessário chamar muito especialmente atenção para a diferença entre a direção da guerra regular e da luta irregular. Principalmente não aceitar nunca os desafios do adversário, estando por princípio contra combates quando o adversário nos quiser a isso forçar. Tudo isso pode ser exemplificado tomando casos da própria marcha da Coluna, o que tentarei na brochura para orientação de grupos guerrilheiros.

A preocupação do Comitê Militar Central deve ser orientada no sentido de conseguir ligações com os diferentes grupos, de maneira a poder unificar sua atuação tática, chegando mais tarde, e conforme o desenvolvimento dos acontecimentos no NE, agrupar os grupos em destacamentos mais numerosos.

Na direção militar dos grupos pelo Comitê Militar deve ser estudada com muita atenção a composição de cada grupo, seu efetivo, seu armamento etc., de maneira que se possa saber quais as tarefas que cada um pode executar. O C. Militar deve ter presente a necessidade de economizar o elemento homem e de maneira alguma ordenar a ocupação de grandes cidades ou de pontos fortemente defendidos pelo adversário. A sua tarefa deve consistir essencialmente em obter os maiores detalhes sobre o deslocamento do adversário, propondo aos diferentes grupos ataques às colunas adversárias, a depósitos de armamentos e munição, a pontos estratégicos do adversário, a trens com tropas, a colunas de automóveis etc. O C. Militar deve, ao mesmo tempo, organizar pequenos grupos capazes de executar atos de sabotagem aos hangares, aos campos de aviação, nos depósitos de munição etc.

Haveria ainda muita coisa a dizer e principalmente a sistematizar que somente mais adiante poderá ser feito.

QUADROS - Como preparar os elementos que devem ser enviados a fim de dirigir os

guerrilheiros? Será indispensável preparar um pequeno programa dos assuntos a serem estudados, especializando cada um conforme as missões a serem cumpridas. A tarefa mais difícil tem sido na preparação dos comissários políticos, dos comunistas ou simpatizantes de confiança que devem, em cada grupo, garantir a execução de nossa linha política e dirigir a instrução política dos guerrilheiros. A estes devemos fornecer as noções indispensáveis a respeito da organização militar dos grupos, sua direção política e militar, como ligar-se com a população, qual o trabalho de propaganda e agitação a fazer, como deixar em cada localidade que se passe, elementos de ligação, de informação ou de espionagem e, se possível, células já organizadas. O dirigente político de cada grupo deve saber organizar os camponeses em comitês de luta ou ligas camponesas, estimular a formação de sindicatos de operários agrícolas etc. Além disso, cada grupo deve ser uma escola política e nela devem ser empregados os maiores esforços no sentido de se fazer uma grande atividade política.

Quanto aos companheiros que forem enviados como especialistas militares, devem ser fornecidas de maneira sumária as noções elementares sobre a organização dos grupos, emprego das armas, fabricação de explosivos, noções gerais de orientação e leitura de carta (mapas) assim como direção tática da luta de guerrilhas, sem esquecer, no entanto, o essencial sobre a nossa linha política, aplicada já às condições práticas do setor em que for lutar.

Naturalmente, há ainda muitos outros aspectos a serem estudados e grande número de questões que não foram nem mesmo tocadas. Mas creio que o anteriormente escrito já pode servir de base para uma discussão e como material inicial para que se escreva uma pequena série de brochuras úteis aos companheiros em armas e aos que com eles forem lutar, assim como aos nossos dirigentes do NE.

Seria também muito útil que os nossos companheiros militares opinassem a respeito e formulassem suas devidas perguntas etc.

Por onde anda o Agrícola? Está preso? Talvez também pudesse ele ser utilizado lá pelo NE. Tem experiência e não fez mau trabalho lá em Mato Grosso. Não conheço o Sgto. B., de maneira que não sei se em condições melhores. . . A carta termina aqui.

(TSN, Processo nº 1, apreensão à rua Honório)

# 126

## CARTA DE G (PRESTES) A M (HONÓRIO)

Companheiro M.

Tenho tua carta de 12, os bilhetes enviados a 11 do B.<sup>1</sup> Recebi também os informes sobre os acontecimentos [ilegível] e recebi as respostas a que te referes ao questionário apresentado.

Alegrou-me muito a notícia que me dás sobre as possibilidades [ilegível] *Diário da Manhã* no dia de hoje. Infelizmente ainda não [ilegível] realmente sair. Logo que comece a sair manda-me os primeiros [ilegível] minha resposta ao II<sup>2</sup>. que te posso ter a encaminhar, dei ao B.

Em torno da carta do P. quero ainda fazer algumas considerações [ilegível] que possam servir para ajudar o esclarecimento de diversas questões.

Não há dúvida alguma que a questão central mais imediata e [ilegível] porque a que mais interessa à massa popular, é a questão da carestia de vida. Ainda hoje os jornais anunciavam novos e escandalosos aumentos dos artigos de primeira necessidade. Devemos utilizar isso para fazer agitação, ligar a questão do encarecimento da vida com a do estado de guerra, a prisão dos revolucionários e de todos os que defendem os interesses da [ilegível] etc. Mas precisamos pensar como organizar a luta popular contra a carestia da vida, com a preocupação máxima de unir a massa consumidora com o pequeno comércio, em frente única contra os trustes imperialistas e os impostos. Evitar ações isoladas dos comunistas e que se possam apresentar como provocações e buscar formas de luta em que intervenha realmente a massa. Seria muito bom se fosse possível organizar comitês de bairro, comitês de donas de casa etc., que se iniciasse a ação enviando delegações ao prefeito solicitando a liquidação de todos os impostos sobre o pequeno comércio e sobre os artigos de primeira necessidade. Organizar delegações que procurem o Ministro da

---

1. Bangu.

2. Ilvo Meireles.

Fazenda para pedir a abolição dos impostos de importação sobre a farinha de trigo. Mas dar a tais comissões o caráter de massa, fazendo o possível para que o pequeno comércio apóie tais demonstrações, fechando as portas organizadamente.

Nos trens da Leopoldina precisa de ser lançada a palavra de ordem "não pagar as passagens, viajar sem bilhetes".

Não creio ser conveniente fazer em nossos documentos formulações como a que "há menos possibilidades, no momento, de greves por salários do que de lutas populares contra a carestia de vida". A luta pelo aumento dos salários é justamente uma das formas contra a carestia de vida. Não há dúvida que não devemos negar a realidade, naqueles setores reduzidos onde houve aumento de salário ultimamente, mas devemos utilizar justamente a experiência anterior para mostrar que, frente ao encarecimento constante do custo de vida, só partindo de lutas independentes conseguiremos novos aumentos de salários. Precisamos também popularizar o mais possível as greves vitoriosas, agora, sob estado de sítio, como dos ferroviários gaúchos, desmascarando assim todos os que negam a possibilidade de movimentos grevistas sob o atual terror.

As demonstrações populares ao prefeito, exigindo a liquidação dos impostos ou sua diminuição terão a grande virtude de poder obter sucesso [ilegível] para desmascarar a demagogia de Pedro Ernesto. A este não devemos absolutamente atacar de frente, mas devemos utilizar todas as oportunidades para fazer com que o próprio povo o possa praticamente julgar.

A prefeitura poderá obrigar os pequenos comerciantes a vender mais baratos os artigos de primeira necessidade, desde que liquide os enormes impostos que eles são obrigados a pagar. Lançar a palavra de ordem de que os impostos devem ser pagos somente pelos ricos e especialmente pelas companhias imperialistas como a Light.

Ainda a respeito das lutas populares no DF, quero chamar a atenção de VV para uma questão organizativa que me parece da máxima importância.

O CR tem aqui as suas células divididas em setores por indústrias existindo comitês de bairro que agrupem as células de cada bairro. Não discuto as vantagens de tal organização anos atrás, quando se fazia a concentração em determinadas indústrias fundamentais e eram ainda muito pequenos nossos efetivos. Mas atualmente tal organização não mais satisfaz. Já durante o ano passado a falta de comitê de bairro (comitê de Rayon) dificultou enormemente a formação e principalmente a direção dos núcleos de bairro da ANL. Na preparação da insurreição também a falta dos comitês de bairro tornou difícilimo o trabalho de organização da direção da insurreição.

Já chegou o momento em que é necessário agrupar nossas células pelo princípio de sua distribuição territorial, por meio de C. de bairro diretamente ligados ao CR. Naturalmente, as células por setor industrial devem continuar a se reunir para resolver questões que interessem essencialmente a cada um deles, mas a direção normal do P., do CR a células, deve ser feita pelos comitês de bairro.

Agora, por exemplo, se queremos acentuar nosso trabalho entre a massa e lutar contra a carestia de vida, será muito difícil fazê-lo em cada bairro ou grupo de bairro se não dispomos de um organismo dirigente que agrupe todas as nossas células na referida região. É esta uma idéia que apresento aqui, talvez de maneira um tanto confusa, mas sempre poderei esclarecer na minha próxima carta. Que pensam VV? A formação de C. de bairro facilitará muito o trabalho de direção do CR, assim como constituirá uma escola prática para a formação de novos dirigentes. Creio que o momento é oportuno para fazermos tal reorganização, porque será ela facilmente compreendida pelos companheiros de base.

A respeito das questões políticas gerais tratadas na carta do B., a elas me refiro no bilhete junto ao II.

São muito interessantes os esclarecimentos dados pelo companheiro do Sul a respeito do acordo político de lá. É essencial explicar bem à massa qual a nossa posição (do P. e da ANL) frente a tal manobra e o que é que ela significa para o povo. Muito justa a formação de uma frente popular com qualquer nome que unifique todos os que por lá queiram lutar por uma plataforma mínima, que pode ser reduzida à luta pela democracia e contra os impostos e trustes.

A respeito da questão sindical lá no Rio G. do Sul, quase nada conheço e o que diz o B. em sua carta é muito pouco. Quando tiverem materiais, mandem-me.

Qual é nossa situação por lá? Quais as nossas forças entre os ferroviários? De que elementos dispomos por lá na ANL? Qual a pessoa mais indicada para reorganizar os trabalhos da ANL no Sul? O companheiro que veio de lá não forneceu nenhum informe escrito?

**Nordeste** - Na carta do B., quando se refere às resoluções do SN, há formulações que me parecem pouco justas ou que, pelo menos, devemos evitar na apreciação do movimento de novembro. Depois de dizer que se deve evitar um movimento mais preparado e circunscrito só a Pernambuco, declara: "Preparar não um movimento de quartel, de forma golpista, mas um movimento com a participação da massa operária, popular etc." Isso é justo, mas dito assim dessa maneira e depois dos acontecimentos de novembro assume o caráter de uma crítica a tais acontecimentos, que surgem então como "movimentos de quartel, de forma golpista", o que já não é justo e está contra a análise aprovada pelo BP e publicada com o título de "Começou a

Revolução". O movimento de novembro não foi um movimento golpista nem uma quartelada. Se fizermos tais afirmações desarmamos o partido na luta contra os oportunistas e os trotskistas que são os que nos acusam de golpismo e de nervosismo pequeno-burguês.

Mesmo em Natal, a luta foi conduzida pelo nosso CR. E aqui ela foi decidida pelas instâncias superiores do Partido. Precisamos, portanto, falar da necessidade de uma melhor preparação, de uma ligação mais estreita com a massa operária, camponesa e popular, mas não deixar nem de longe a suposição de que vemos um mal nas grandes lutas de novembro. Elas nos deram muito mais que todo um ano de propaganda e agitação, elas tornaram conhecida em todo o Brasil a ANL e seu programa e o do GPNR. Se cometemos erro, o principal está na não previsão em tempo oportuno dos acontecimentos e especialmente das conseqüências revolucionárias de uma greve como a da Great Western. Aqui no Rio, por exemplo, não houve tempo para uma mobilização da massa operária e popular, mas, por acaso, foi o movimento do 3º e da Aviação um simples golpe de quartel?

Não e não. Em novembro, pela primeira vez no Brasil e no nosso continente, travou-se uma luta armada de um povo pela sua independência nacional, contra o imperialismo e pela implantação de um governo popular. Foi o primeiro grande movimento armado, em nosso continente, conscientemente dirigido contra todos os imperialistas e seus lacaios. É por isso que devemos ter muito cuidado, evitar, mesmo indiretamente que se acuse os lutadores de novembro de golpistas. Isso não quer dizer que não devamos pôr os nossos companheiros em guarda contra qualquer aventura desesperada, evitando principalmente novas lutas parciais, que só poderão significar novos e desnecessários sacrifícios. Devemos também analisar aprofundadamente os erros cometidos na preparação do movimento de novembro, assim como todas as debilidades do P. e da ANL. São esses os comentários que julguei necessário fazer à carta de B., com o objetivo essencial de tornar bem claro meu ponto de vista, assim como para ajudá-los a todos dentro das possibilidades destas discussões epistolares tão difíceis e trabalhosas.

Insisto no pedido anterior de informações a respeito de nossa atividade sindical e juvenil.

Por hoje é só

G.

(15 de fevereiro de 1936, TSN, Processo nº 1, apreensão à rua Honório)

# 127

## CARTA DE S. (PRESTES) A "MEU CARO AMIGO"

Meu caro amigo - Recebi tua carta de 14 e os informes especiais com as respostas ao questionário.

1) Começemos pela questão principal, respondendo ao teu pedido. Estou inteiramente de acordo com as conclusões a que chegou o SN: precisamos tomar medidas enérgicas e extremas, porque se já nos fez mal, pode ainda nos fazer pior, comprometendo e servindo de testemunha contra uma infinidade de pessoas. Não podemos portanto vacilar nessa questão. É verdade, como tu dizes, que o adversário já está de sobreaviso e que desde o primeiro momento tomou medidas a fim de fazer um escândalo, buscando assim seu objetivo que é o de nos separar das massas. Mas isso é somente um obstáculo a mais que precisamos vencer. Quer dizer, tudo precisa ser preparado com o mais metucioso cuidado, bem como estudado com atenção todo um plano de ação que nos permita dar ao adversário a culpabilidade. Já lembrei a possibilidade de lançamento de um volante, como tu lembras, mas é evidente que a coisa será perigosa, porque dificultará a ação final. É verdade que ela já desapareceu há alguns dias e até agora não se diz nada. Não seria melhor continuar um tal silêncio? Enfim, é para mim difícil indicar um plano de ação, porque isolado como me encontro, muito pouco conheço dos recursos de que VV dispõem, bem como os homens capazes de tal trabalho. Tomar as maiores precauções, evitar a repetição dos erros anteriormente cometidos, desde já cobrir-se contra a campanha que o adversário esteja por acaso preparando contra nós etc. É tudo que posso dizer sobre tal assunto.

2) Tomamos nota de tuas recomendações sobre os endereços e aguardamos o 3º.

3) Negro não conhecia o endereço de Paris. Seria muito bom se pudesses mandar ao nosso amigo de lá todo o material do Partido, um endereço daqui para o qual ele nos possa escrever e enviar cartas de minha família.

4) Correio para a casa central - compreendo as dificuldades. Talvez o Il. possa indicar alguém. Mesmo uma mulher não será mais fácil?

5) Nordeste. Muito bem pela resolução. O Santa e o Lopes já estão lá? É necessário mandar-lhes instruções muito claras, se possível enviar-lhes mesmo um emissário. Estou convencido que o Agrícola muito nos pode ajudar. É necessário procurá-lo. A fim de preparar uma pequena brochura sobre as guerrilhas, peço-te mandar uma cópia da carta que enviei a VV.

6) Reunião do BP. Será conveniente agora uma reunião tão numerosa? Os riscos são ainda muito grandes e não convém arriscar. Não me parece haver grandes desentendimentos entre vocês 4, portanto não há necessidade de maiores reuniões. Agora o essencial é decidir no SN e transmitir tudo operativamente ao Partido. Ao Ramalho é necessário bem transmitir nossa linha política, o que poderá ser feito por um de VV separadamente. Quanto a mim, farei o possível para transmitir, sempre que me for possível, minha opinião sobre os diferentes assuntos a serem discutidos.

7) Política Fluminense - Muito justo o que dizes. Nossa linha deve ser a de união em frente única de todos os que queiram lutar contra as grandes empresas imperialistas, aumento de passagens etc., contra a carestia da vida, contra os impostos e pelos direitos democráticos, contra o fascismo. Numa plataforma comum para uma organização que deve ser muito mais ampla que a ANL não é necessário incluir a questão do latifúndio. Apoiemos as lutas camponesas contra os impostos, contra os fretes exagerados, pela moratória para as dívidas da lavoura, contra os restos feudais no campo (pagamento de vales, castigos corporais, trabalho de sol a sol etc.). Devemos ter muito cuidado na política frente ao Protógenes. Nada de insultos e ataques diretos. Nada de ilusões a respeito das tendências democráticas do almirante. Devemos aproveitar o mais possível suas vacilações a fim de conseguir o reconhecimento dos direitos democráticos e alcançar certas conquistas econômicas como limitação de impostos etc. O Protógenes precisa ser desmascarado na prática de nossa luta contra o imperialismo e os reacionários como Raul Fernandes, [ilegível] Xavier, e Cia. A frente única deve ser conseguida a princípio para ações práticas, demonstrações, comícios, conferências contra o encarecimento da vida, contra a Leopoldina e Cantareira, votando-se sempre, em todas as reuniões, moções pedindo a intervenção do almirante e indo depois em demonstração ao Ingá. Ligar bem essa luta com a pela libertação dos presos, contra o estado de sítio etc.

8) Fazer o possível para recomeçar pelo Estado do Rio a atividade sindical e mesmo a reorganização da CSUB.

9) Telegrama à casa central - Há alguns dias enviei, informando da situação do Nordeste e perspectivas, solicitando ajuda política e financeira imediata. Também mandei pedir que viessem o amigo de Paris e o Marquês, o quanto antes. A casa já foi informada do que se passou com o Negro, Miranda e Índio. Sobre esse último, escreveu-se também a seu país, solicitando providências. Vou insistir, conforme pedes.

E por hoje basta.

S.

(16 de fevereiro de 1936, TSN, Processo nº 1, apreensão à rua Honório)

# 128

## CARTA DE S. (PRESTES) A M. (MARTINS) HONÓRIO DE FREITAS GUIMARÃES

Meu caro M.

Saúde! Recebi teu bilhete de 17 e cópia dos bilhetes que dizem ser do Miranda. É realmente necessário fazer esforços para saber como os emissários receberam, e de quem, tais bilhetes. Não é necessário fazer aqui uma análise dos bilhetes dados como do Mir. Tudo neles nos indica elementos de um plano provocador que vai sendo posto em execução. A Pol. está empregando métodos novos contra nós e dispõe de especialistas. Ela quer aproveitar o mais possível a prisão do Mir. para lançar a confusão em nossas fileiras, armar os renegados que escondem sua oposição à linha do partido como uma oposição pessoal contra o Miranda etc. O principal agora é não permitir em nossas fileiras nenhuma dúvida quanto ao comportamento do Miranda na Pol. O que não quer dizer que não devemos reunir todo o material possível para verificar realmente nos seus menores detalhes tudo o que se está passando. Evitando falar na Garota, talvez seja mesmo conveniente, em circular interna, explicar ao partido e muito especialmente às regiões do Rio, fluminense e paulista, os novos métodos da polícia. O adversário está convencido da nossa força e faz agora o possível para desagregar nossas fileiras com a desmoralização de nossos chefes.

O que se faz agora contra o Miranda é uma continuação aperfeiçoada do que se tentou fazer contra o Negro, propagando a pol. haver encontrado endereços e listas comprometedoras. Precisamos armar o partido a fim de evitar as vacilações que se deram quando da prisão do Negro.

Espero que me mandes os originais dos referidos bilhetes e seria muito bom que os confrontássemos com o que foi escrito ao B. do Mir.

O bilhete atribuído ao Miranda significa também a preocupação da pol. em torno da Garota. O caso dela precisa ser definitivamente resolvido o quanto antes, como te mandei dizer na minha carta de anteontem.

Agora tratemos de outros assuntos:

Advogado Negro - Ontem recebi um bilhete de Il. Diz ele que somente depois de resolvida a questão do habeas corpus do Miranda poderão o Silveira e Mang. tratar da questão do Negro. Por que? Uma coisa não depende da outra. Escreva hoje a eles sobre esse assunto, insistindo. Mas peço a atenção de VV para essa questão. Não é possível continuarmos a falar, a escrever etc. e nada realmente fazer pela defesa daquele companheiro. São passados já quase dois meses da prisão e o que é que fez o nosso partido até agora por sua libertação? Alguns volantes e nada mais. A nossa força, a nossa influência permitem muito mais. Precisamos realmente agir. Por que não marcha a questão com o Moses? Não é possível nada com qualquer outro advogado de renome? Já agora não será possível conseguir uma ligação do Negro ou de sua companheira com o exterior? Vocês sabem onde eles estão presos? Não será possível, com dinheiro, fazer a eles chegar algumas notícias nossas? Precisamos agir, precisamos fazer realmente alguma coisa de concreto nesta questão.

A respeito do Índio, mandamos novamente mais uma informação a seu partido, pedindo formação de comitê de intelectuais e viagem de um advogado. Aqui, precisamos mobilizar jornalistas e principalmente a ABI. No passaporte que possuía ele era espanhol e chamava-se Luciano de tal (Alzagan, creio eu). Quanto a seu verdadeiro nome, deve ser teu conhecido: Rodolfo Ghioldi. Já deve estar identificado, porque a mulher estava com o nome verdadeiro.

Questão Leopoldina - Recebi o volante distribuído. Ainda muito mau, principalmente em sua confecção técnica. Volantes como tais precisam ser mais curtos, com frases principais bem destacadas, com o apelo principal bem claro. O referido volante é de difícil leitura. O tom é ainda de lamentação e sem a necessária energia e ofensiva quando se refere ao governo. Como quase todo o nosso material de agitação este volante não ajuda, não ensina a organizar. Aqui do meu isolamento muito pouco posso dizer sobre como melhor organizar o descontentamento popular contra o aumento de preços. Nesse assunto, a iniciativa da base tem uma grande importância e deve ser ouvida. Mas, por que não propor a organização de Comitês (ensinando como) por estação, comitês populares que estudem o que fazer para evitar a efetivação de tão escorchante aumento? Quanto a não pagar, é justo lançar tal apelo, mas é necessário simultaneamente organizar grupos de massas que realmente não paguem, tendo posteriormente bem organizada a autodefesa. Não seria mau também o assalto às bilheterias, com distribuição gratuita de bilhetes entre o povo e tomada do dinheiro para as vítimas da reação. São essas algumas idéias, mas o essencial é ouvir os companheiros de base que moram por lá. Eles devem ter idéias melhores e mais concretas. Quanto ao volante, deveria transmitir em linguagem enérgica todo o ódio da população contra o governo e o imperialismo.

Situação internacional - A grande vitória da frente popular em Espanha precisa ser muito bem utilizada por nós. A nossa imprensa deve não se esquecer de analisar a importância de tal acontecimento, lembrando principalmente a insurreição de outubro de 34 (Astúrias) e a vaga revolucionária que se seguiu.

Na luta contra o fascismo tem também uma grande importância a situação francesa, destacando-se especialmente a grande manifestação de domingo último em Paris.

Aqui pelo continente temos, pelos jornais de hoje, a revolução no Paraguai. O nosso jovem e heróico partido deve estar à frente das grandes massas sacrificadas pela guerra e que lutam pela implantação de um governo popular de restauração nacional, contra o imperialismo e pela terra. Precisamos acompanhar com o maior interesse os acontecimentos do Paraguai e estarmos prontos para ajudarmos a massa popular de lá em sua luta contra o imperialismo. Estes acontecimentos precisamos utilizá-los para dar nova coragem aos elementos vacilantes que se separam de nós com a reação, utilizando-os também como ponto de partida para o início de uma contra-ofensiva contra a reação.

Aguardo com interesse as cartas de VV para então formular uma série de novas posições concretas.

S.

(18 de fevereiro de 1936, TSN, Processo nº 1, apreensão à rua Honório)

# 129

## CARTA DE S. (PRESTES) AO SECRETARIADO NACIONAL DO PCB

Comps. do SN.

Recebi o bilhete de ontem de M., assim como os supostos bilhetes de Mir.

Fui dolorosamente surpreendido pela falta de resolução e vacilações de vocês, porque suponho que o M. tenha escrito em nome do SN que acabava de se reunir.

Comps., assim não se pode dirigir o partido do proletariado, da classe revolucionária conseqüente.

Mesmo sem conhecer os originais dos supostos bilhetes de Mir., já em carta de ontem formulei minha opinião a respeito do que precisávamos fazer. Mas mesmo supondo que os bilhetes são realmente do punho de Mir. (estou convencido do contrário, como explicarei abaixo) como chegar às conclusões de VV? Por que modificar a decisão a respeito da Garota? Que tem a ver uma coisa com a outra? Há ou não há traição por parte dela? É ou não é ela perigosíssima ao Partido, como elemento inteiramente a serviço do adversário, conhecedor de muita coisa e testemunha única contra um grande número de companheiros e simpatizantes?

Por outro lado, se VV julgam que os bilhetes são verdadeiros, como podem qualificar isso de "fraqueza" de nosso companheiro Mir.? Traição é traição e tanto maior quanto mais responsável for o traidor.

Mas voltemos ao caso da pequena. Com plena consciência da minha responsabilidade, desde os primeiros instantes tenho dado a VV a minha opinião sobre o que fazer com ela. Em minha carta de 16 sou categórico e nada mais tenho a acrescentar, nem creio que os últimos bilhetes atribuídos ao Mir. possam modificar uma tal decisão. Por isso não compreendo as vacilações de VV. O SN é soberano e suas decisões não devem ficar "a espera da opinião de VV, que deve ser definitiva", como diz o M. em sua carta. Uma tal linguagem não é digna dos chefes de nosso Partido, porque é a linguagem de medrosos, incapazes de uma decisão, temerosos ante

a responsabilidade. Ou bem que vocês concordam com as medidas extremas e neste caso já as deveriam ter resolutamente posto em prática ou então discordam e deveriam, portanto, defender corajosamente a opinião própria, não se deixando influenciar por ninguém.

Não é possível dirigir sem assumir responsabilidades. Por outro lado, uma direção não tem direito de vacilar em questões que dizem respeito à defesa da própria organização.

Vocês compreenderão a veemência destas linhas, porque elas traduzem, com a franqueza necessária entre nós, toda a minha tristeza frente às vacilações da direção em cujas mãos está o futuro da Revolução no Brasil.

Sou de opinião, vistos os originais dos bilhetes atribuídos ao Mir., de que tais bilhetes são falsos. Não tenho nenhum outro material verdadeiro para comparação, mas conheço bem a letra do Mir. Ela é mais inclinada no seu [ilegível] do que os bilhetes em questão. As semelhanças são maiores nos detalhes do que no quadro geral que apresenta a escrita, o que significa o cuidado de imitar detalhes sem conseguir dar o caráter individual à escrita que imita. A imitação dos pingos dos ii é evidentemente exagerada. As letras melhor imitadas são as maiúsculas, mas mesmo no G há diferenças grandes entre os que foram escritos, em número total de 5. O traço da letra t minúscula é muito irregular; o r minúsculo é evidentemente imitado, mas com grande dificuldade, sendo necessário quase sempre sua correção; o E maiúsculo é também dificilmente imitado, porque o imitador tem uma boa caligrafia e nele se descobre (palavra Eu, na primeira página do bilhete).

Isto quanto à letra. Se vamos ao conteúdo, tudo é contra a suposição de que tal literatura tenha sido feita pelo Mir. Vocês devem conhecê-lo melhor que eu, mas como explicar que ele se dirija ao Chico? Não é de sua psicologia também pedir à Garota que repila infâmias e calúnias. Antes ele diria a ela que tomasse bem nota de quais são as pessoas que o caluniaram. Por que pedir agora dinheiro, se conforme o depoimento da Garota foi ele que lhe entregou um conto de réis? Quem o informou de "boatos infames", realmente inexistentes ou somente havidos como desejo da própria polícia? Por que falar de consciência tranqüila se até agora não houve, a não ser pela polícia e pela Garota (também da pol.) acusações a ele? Mas há nos bilhetes outros elementos claramente policiais. Primeiramente é ele muito conseqüente em relação às instruções recebidas pela Garota. O bilhete e a Garota estão de acordo e se completam admiravelmente. Segundo, a preocupação na demonstração de sua autenticidade com as palavras meu aniversário, assim grifadas, como que pedindo uma verificação que confirmará a exatidão. Terceiro, a preocupação central de dar a entender que já houve traição por parte de Mir. e que a maior preocupação são os boatos, a afirmação de consciência tranqüila, ....

(19 de fevereiro de 1936, TSN, Processo nº 1, apreensão à rua Honório)

# 130

## CARTA DE S. (PRESTES) A M (MARTINS) E A B (BANGU)

22/2/36

Comps. M. e B.

Recebi a carta de 19 de M. e a de 20 de B, assim como diversos bilhetes do Prado. Há muita coisa a responder e uma infinidade de assuntos a tratar. Por hoje, aproveito os últimos minutos antes da partida do estafeta para tocar nas coisa mais importantes, ficando o resto para uma próxima carta.

1. Primeiramente insisto em todos os meus pedidos anteriores ao M. Comunico ao Eça o que já foi obtido para ele. Quanto à pessoa proposta pelo Prado para a viagem, conheço-a de nome. O Eça vai ficar muito satisfeito em reatar a ligação, mas talvez não concorde com sua viagem, porque é pessoa muito útil aqui. Num bilhete que mando ao Prado, peço-lhe para ir buscando outra. Dentro de 2 dias terei a resposta do Eça e comunicarei.

2. Recebidos os endereços enviados pelo Prado. Não recebi o que dizes juntar ao manuscrito de tua carta.

3. Documentos - Escrevi ao Eça a respeito. O essencial é verificar com a máxima atenção como estão feitos os documentos verdadeiros. É necessário pensar num documento para o G., pode ser mandada uma fotografia. Que será melhor, eleitor ou reservista?

4. Finanças - A situação por aqui é também muito séria. Sob minha responsabilidade pessoal consegui com o Eça um empréstimo para financiar a coisa lá do Nordeste na importância que VV já conhecem e outra pequena importância para defesa no NE. Por enquanto, nada mais é possível. Mando hoje uma primeira quantia. Utilizando exclusivamente no apoio à campanha no Nordeste, inclusive viagem Sgt.B., dinheiro a disposição do Santa etc. Peço-lhes mesmo que tomem as

notas necessárias a fim de que eu possa mais tarde provar que a coisa foi empregada realmente com tal objetivo. Quando for necessário enviarei o resto. Por intermédio do Prado já foram dados os primeiros passos para o câmbio de tal dinheiro, o que precisará ser feito em São Paulo. Talvez o Monte possa adiantar a importância em mil-réis correspondente. Troquem tal importância porque o Eça necessita em seguida mandar trocar outras notas idênticas.

5. Máquina - Envio um conto para a aquisição da máquina que precisa ser silenciosa.

6. Estado do Rio - Já em carta anterior mandei minha opinião. Em geral é justa a linha política que VV adotaram e mandaram explicar à Região. Li com grande atenção a carta do B., assim como a que vocês mandaram para a região Fluminense. Penso que há ainda muita coisa a esclarecer e que muitas formulações precisam ser modificadas. Infelizmente o tempo não me permite tratar agora de tal questão, o que farei na próxima carta. Precisamos explicar muito bem ao Partido e aos aliancistas porque somos contrários a um novo partido e precisamos especificamente não subordinar nossa iniciativa às vacilações dos que ora se aproximam de nós, ora se aproximam dos governantes. Não subordinar nossa atividade ao que pensem fazer elementos como G.A. e outros. Não há dúvida alguma de que a questão de nome não nos interessa e que podemos, com nome de Partido, Ação ou outro qualquer, organizar uma verdadeira frente única com um programa verdadeiramente amplo com o qual possa concordar a ANL e o nosso P. É necessário explicar ainda muito claramente que a ANL não se deve dissolver dentro de tal frente única e que, pelo contrário, precisamos utilizar tal pacto de ação para reforçar o mais possível o trabalho de organização da ANL. Isso tudo é muito complexo e difícil de ser explicado e posto em prática, mas é necessário descobrir as formas e principalmente os homens para tanto. A respeito da questão das eleições municipais, não há a necessária clareza, porque precisamos muito bem utilizá-las com objetivo de colocar nas câmaras municipais nacionalistas e democratas. Além disso, as eleições nos aproximarão de muitos chefes políticos, através dos quais chegaremos às grandes massas. Precisamos acabar em nossos documentos com a referência vaga aos latifundiários. Nós estamos essencialmente contra os restos feudais e escravagistas na exploração do trabalho humano. Expliquemos sempre de maneira objetiva o que são esses restos e ninguém, nem mesmo os fazendeiros liberais poderão se declarar contra tais formulações. Isto são somente algumas notas ao correr da pena. Na próxima escreverei com mais vagar e metodicamente.

7. Trabalho sindical - Aguardo com interesse a carta do Br.<sup>1</sup> Não recebi o Nº 2 de *O Ativista* (enviado segundo diz o M). VV poderão publicar com qualquer pseudônimo o trecho da minha carta que julgar útil.

---

1. Não identificado.

Não há dúvida alguma que com a situação objetiva atual todo o nosso sucesso está dependendo de uma ruptura de todos os comunistas com o antigo e terrível sectarismo. Precisamos realmente modificar toda orientação sectária de nosso trabalho de massa.

O novo sucesso entre os marítimos precisa ser muito bem utilizado. É um magnífico ponto de partida para todo o nosso trabalho sindical. Precisamos imediatamente melhorar as ligações com eles e acompanhar com muita atenção a questão da propaganda da greve, evitando provocações, organizando comitês de massa e estudando conscienciosamente a linha tática a adotar, ligando oportunamente as reivindicações econômicas com as políticas.

8. Trabalho anti.- São muito interessantes os informes do M. a tal respeito. É assunto que precisa ser muito cuidadosamente estudado. O essencial atualmente é o trabalho de massa. O Com. Anti. deve ouvir os companheiros responsáveis de cada unidade e com eles elaborar um plano concreto de trabalho para os próximos 2 ou 3 meses, visando fundamentalmente o trabalho de massa, a modificação dos métodos de agitação e propaganda conforme as condições concretas de cada unidade, a organização de clubes desportivos, bibliotecas, clubes de bailes etc. (a experiência do cabo Pi<sup>2</sup>.). Muito cuidado para que nossa propaganda não possa servir de pista para as expulsões e prisões etc. É justo que nossas células estudem objetivamente as causas do fracasso de novembro, mas já não é oportuno estudo atualmente do plano de levante de cada quartel. É ainda cedo e está em completa contradição com o grau de desenvolvimento do nosso trabalho de massa. Sem perder a perspectiva revolucionária, devemos politicamente orientar os nossos companheiros militares, explicando-lhes a necessidade do trabalho de massa, do recrutamento para a ANL e o Partido e de expectativa contra os golpes armados de generais e oficiais integralistas. Explicar a necessidade de reorganizar nossas forças, de não ir a aventuras improdutivas nem cair em provocações. Nada de sublevações isoladas e desorientadas. Fazer o trabalho de massas não significa obrigatoriamente ir a lutas parciais desesperadas que sirvam para identificar os melhores combatentes. Ir às lutas, mas de massa e sempre cuidadosamente preparadas.

Com os recursos enviados para o trabalho do Nordeste é indispensável organizar a Comissão de Organização dos militares que vão sendo postos em liberdade, porque tais elementos precisam ser utilizados no trabalho da ANL em diferentes pontos do país, retirados naturalmente os que forem mandados para as guerrilhas do Nordeste.

9. Nordeste - Precisamos agir e rapidamente. Compreendo as necessidades financeiras,

---

2. Não identificado.

mas é necessário buscar como vencê-las. Em São Paulo não será possível conseguir alguma coisa? Por agora escolher dois companheiros para o curso que devem fazer os militares que deverão seguir. Vou fazer um esforço para escrever alguma coisa para tal curso, apesar de não dispor de nenhum material.

Não será possível conseguir o seguinte:

1) Manifesto de 5 de Julho de Prestes e Programa do GPNR. 2) Resoluções do CC; 3) Discurso de Dimitrov no VII Congresso; 4) Discurso de Van Min no VII Congresso; 5) Stalin - Questions du Leninisme; 6) Lenine - Obras completas em francês, principalmente tomos VII, X, XX, XXI.

Para as despesas enviarei o dinheiro necessário logo que quiserem.

Insisto no envio de uma cópia de minha carta sobre as guerrilhas.

10. Carta de B. - Na minha crítica procuro ser sempre o mais objetivo possível. Houve, naturalmente, um certo descuido na formulação e foi por isso que escrevi aquelas linhas. Para os companheiros militares, agora, em vez de condenar as "quarteladas", assim em seco, devemos especialmente pô-los em guarda contra atos de desespero, contra movimentos isolados e desarticulados porque este é, no momento, o maior perigo. Quanto ao que disse em minha última carta, foi consequência do que depreeendi da leitura do bilhete de M. Devemos viver num ambiente de franqueza e sinceridade, dizendo com todas as letras o que pensamos. Só assim faremos trabalho coletivo e corrigiremos os nossos erros. VV concordam naturalmente comigo que em tudo o que diz respeito à defesa dos interesses do Partido não temos o direito de vacilar. Mas o último bilhete de B. esclarece os fatos e, creio eu, podemos continuar o trabalho para frente. Quanto a mim, continuarei a escrever e a ajudar a VV na medida do possível.

11. Plano de trabalho - O que pensam VV da possibilidade de chamar aqui ao Rio um ou dois companheiros de cada região, a fim de discutir concretamente com o SN os problemas locais? Tais companheiros deveriam trazer uma informação detalhada a respeito da situação da região e aqui esclarecer todos os problemas locais. Poderíamos começar pelas regiões mais próximas, fluminense, paulista e passar em seguida às outras. Numa semana ou em 15 dias os companheiros do E. do Rio poderiam trazer informe concreto para ser aqui discutido. Depois SP etc. Creio tal processo de trabalho melhor do que grandes reuniões do BP, por enquanto. Insisto igualmente sobre a discussão de "Começou a Revolução" em todo o Partido e publicação de

boletim interno com as melhores opiniões e experiências de nossas células e comitês.

12. *Jornal da Manhã* - Hoje consegui o número 5, mas os outros anteriores não consegui. Os jornaleros estão sabotando a venda. Não gostei do artigo de hoje sobre a indústria nacional, defendendo, com pequenas "nuances" o ponto de vista de Chateaubriand, Mattarazzo e Cia. Precisamos desmascarar as estatísticas e mostrar como a indústria nacional não se pode desenvolver sob o regime imperialista-feudal em que vivemos. Quem o escreveu? Bem, até amanhã ou depois.

S.

(TSN, Processo nº 1, apreensão à rua Honório)

# 131

## CARTA DE ANTÔNIO (HONÓRIO DE FREITAS GUIMARÃES) AO SN.

Rio, 27-2-36

Meus caros camaradas do SN:

Há dias, quando discutíamos entre nós a questão do envio de um quadro ao Nordeste, prometi escrever alguma coisa sobre as razões que nos levavam a manter o ponto de vista da necessidade da viagem de um de nós. É o que faço. Sem ter à mão nossos documentos centrais, tinha escrito um catatau volumoso historiando certas particularidades do trabalho anterior e analisando o que, a meu ver, representavam os erros responsáveis pelo fracasso de novembro. Porém, conseguidos esses documentos, que junto à presente e que considero devem ficar constantemente a nossa mão para consultas diárias até tornarem-se assimilados, os reli e vejo toda a inutilidade de um catatau. Em poucas páginas será possível formular meu ponto de vista para abrimos discussão e esclarecermos sob todos os aspectos a aplicação da linha traçada pelo nosso CC, nas condições existentes depois dos acontecimentos de novembro.

Reli com atenção as nossas resoluções do CC e o "Começou a Revolução" e, sinceramente, acho ambos os documentos excelentes. Não complicam e mostram muito claramente o processo que atravessamos. Há reparos a fazer, a meu ver, na "advertência" às resoluções do CC e também necessidade de esclarecer detalhadamente a todo o Partido os pontos referentes à autocrítica de nossas debilidades (do documento "Começou"<sup>1</sup>) explicando com exemplos concretos como sair da situação e corrigir erros.

Nesse capítulo é que devemos analisar mais aprofundadamente as razões dos fracassos de

---

1. "Começou a revolução".

novembro e dar armas a todo o Partido para corrigir e marchar para diante.

A análise da situação e das condições para o triunfo da Revolução Nacional no Brasil, as tarefas traçadas para os comunistas na preparação e realização da Revolução são muito claras. A luta por sua aplicação nos levará certamente ao caminho desejado. O que devemos analisar é até que ponto estamos novamente caminhando para situação quase idêntica à descrita no documento e com que ritmo estamos caminhando.

Sobre esta questão é que acho necessário aprofundar mais a discussão, que está diretamente ligada ao "porquê" da constatação do ponto 3 da autocritica do "Começou" (pag. 3) e a uma análise mais profunda do conteúdo do 3º parágrafo da 1ª página de "Começou" (Os revolucionários de Pernambuco e do Rio G. do Norte passaram à insurreição na base de grandes greves de massas e da greve geral operária que levou a fraternização aberta com os soldados. Eles . . . etc.).

A) Para esclarecer meu ponto de vista acho necessário historiar um pouco e abrir a autocritica em torno de nosso trabalho no 2º Plenum do CC, realizado um pouco depois do fechamento da ANL, nos últimos dias do mês de julho. Não analiso as resoluções desse Plenum porque ainda não consegui um exemplar das mesmas (*R. Proletária* nº 5)<sup>2</sup>. Valho-me da minha memória e da impressão que me deixou a reunião, que VV, que também participaram, poderão controlar.

Não houve por nossa parte, e por diversos motivos que não vêm ao caso, uma análise da importante fase de lutas do segundo semestre de 1934. E ainda hoje ainda resta aberta a questão de se foi justa ou não a audácia com que lutamos para aplicar as resoluções da 1ª Conferência Nacional, apesar de nossas debilidades de organização então existentes. Mas o próprio fato de que existiam essas enormes debilidades de organização creio que me dão razão quando digo que o fator radicalização da massa, vontade de luta e espontaneidade da massa entram por muito mais do que o fator subjetivo (boa atuação do P. organicamente) no desenrolar daquela formidável onda de lutas.

Há uma disparidade evidente entre o desenvolvimento dos fatores objetivo e do subjetivo no Brasil. O ritmo de formação do P., da ANL e de todas as organizações de massa, inclusive os sindicatos, está muito aquém do ritmo com que se aprofunda o descontentamento das camadas populares que sentem a opressão e exploração imperialista e feudal, seu ódio às camarilhas governamentais e a Getúlio e a vontade de sair dessa situação. Esse fato, que é de muita

---

2. *Revista Proletária*, editada pelo PCB.

importância, com o qual não nos devemos conformar, mas que existe e é uma realidade objetiva tem não sido suficientemente levado em consideração em nossa análise da situação. Isso se constata sobretudo na nossa segunda reunião plenária do CC a que me refiro acima. Das nossas constatações e das tarefas traçadas para o P. não estava claramente enunciado que a existência desse traria forçosamente a aceleração do ritmo com que caminhávamos para a insurreição armada, uma vez rompidas as dificuldades e levantadas as primeiras greves, lutas camponesas e sua transformação em guerrilhas e lutas populares; e que portanto era necessário armar todo o P. da perspectiva de que o rompimento dessas dificuldades e o início do levantamento de uma nova onda séria de lutas o colocaria diante da necessidade de resolver o problema da elevação dessas lutas até as lutas decisivas pelo poder, isto é, a insurreição.

E tanto mais necessário era abrir essa perspectiva claramente aos companheiros do S. do N. e dos Regionais do Norte e Nordeste, onde a radicalização da massa é sem dúvida maior do que aqui e onde a correlação de forças nos era mais favorável.

Na minha opinião, essa falha em nossa discussão do 2º Plenum e sobretudo a falta dessa perspectiva em todo trabalho diário, tanto aqui no Rio como nas demais regiões do Centro e Sul do país, tiveram influência decisiva no fracasso de novembro. Insistimos, com toda a razão, sobre a importância do trabalho diário de preparação, organização e desencadeamento das greves, lutas camponesas e lutas populares pelas reivindicações imediatas do proletariado, dos camponeses e do povo, mas não soubemos ligar claramente com a preparação dessas lutas a perspectiva revolucionária imediata que se abria de transformação em lutas armadas pelo poder, como resultado desse trabalho [ilegível] diário. Tal perspectiva clara teria nos levado a dar uma atenção muito maior ao trabalho de preparação de brigadas, depósitos de armas, explosivos etc. no setor civil.

Uma das lições centrais de novembro, baseada sobre a experiência da Rev. do Rio, é que não se pode improvisar uma insurreição e que de fato o que disseram Marx e Lenin sobre "a arte da insurreição" é um fato. Se tínhamos uma relativamente boa preparação no setor militar aqui no Rio, não tínhamos nenhuma no setor civil. Esse desligamento da perspectiva revolucionária de uma insurreição próxima, do trabalho diário da Região do Rio, foi um grave erro nosso e é fácil de provar com a inexistência do C. Revolucionário da Região do Rio, como em todas as demais já tinha sido criado ou, pelo menos, a ligação de um elemento mais responsável da Região [ilegível] ao CRR era indispensável. Quando essa ligação foi estabelecida já era muito tarde e mesmo assim, para compensar o atraso, era necessário desligar completamente de outras atividades o representante para a R. Rio, o que não foi feito, continuando o mesmo com mais essa, além de todas as demais tarefas.

Quanto ao Norte e Nordeste, devemos constatar que nossa posição não foi justa. É verdade que nossos camaradas não compreenderam a necessidade de participar do 2º Plenum do CC, mas pouco depois (1 mês mais ou menos) aqui chegavam Wilson e Santa para informar e discutir conosco. Qual foi nossa posição? Ignoramos a advertência que representou a articulação de todo o Norte e Nordeste para 15 de agosto. Ordenamos que não se fizesse insurreição sem ordem do CC (ao mesmo tempo não asseguramos as comunicações por rádio, indispensáveis para que fosse possível uma consulta rápida). Não analisamos com suficiente ponderação as forças subjetivas existentes no Nordeste e no Norte (Partido e seu trabalho dentro da ANL, dos sindicatos e demais organizações) para ficar claro se eram suficientemente fortes e formadas politicamente para canalizar o formidável descontentamento da massa, o ódio popular e a vontade de luta das massas para "outras formas de luta" que não a insurreição armada. Não previmos tampouco a provável tática do inimigo diante do formidável avanço da articulação das forças nacional libertadoras, podendo provocar lutas com desarmamento de forças, remoções, transferências etc. o que nos obrigaria a seguir o caminho que de fato seguimos e que resultou nos acontecimentos de novembro.

Também ao dar aos companheiros do S. do Nordeste a diretiva de intensificar a preparação e desencadeamento das lutas grevistas dos camponeses e populares (entre outras a greve da Great Western dentro de 60 dias), não abrimos diante deles a perspectiva de que essas lutas, diante da situação objetiva existente no Nordeste, nos colocariam diante de uma situação insurrecional. Os nossos camaradas tiveram que travar as forças sob seu controle para que as grandes greves de massa com apoio popular não fossem transformadas em insurreição para a tomada do poder. É evidente que a Revolução Nacional Libertadora no Nordeste teria tido muito maiores probabilidades de vitória nessas condições do que nas condições de novembro.

Devemos formar sobre essa questão uma opinião coletiva, para que desde já levemos em consideração nas nossas análises e nas diretivas que mandamos a importância que tem, na Revolução Brasileira, a existência dessa disparidade entre o desenvolvimento do fator objetivo e do subjetivo, para não sermos novamente surpreendidos com o avanço dos acontecimentos.

Mas isso, companheiros, não pode ficar no rol das frases. Tem que se traduzir em diretivas concretas para que cada B. de célula trate desde já da organização de sua brigada, da obtenção de armas, da criação de um depósito para as ditas e para explosivos, que essas brigadas se exercitem na realização de atos revolucionários. Também é necessário desde já que a direção restrita dessa brigada estude planos concretos de tomada de depósitos de armas, de delegacias de polícia, do posto telefônico mais próximo, de defesa da fábrica ou da empresa, de sabotagem

para paralização. O que é preciso é que se transmita essa diretiva de uma forma clara, mostrando que nesse momento a perspectiva não é imediata, que a perspectiva depende do levantamento da nova onda de greves, lutas camponesas e populares e que se aguardamos é porque sabemos a necessidade de se preparar minuciosamente, com arte, a luta armada. Posição esta, aliás, adotada pelo SN em sua última reunião.

B) Além dessa [ilegível] evidente acima analisada, devemos também estudar a questão da coordenação entre as forças da Revolução e da contra-revolução no Brasil. Vista a enorme extensão territorial, vista a disparidade entre o desenvolvimento econômico das diversas regiões, não pode haver nenhuma dúvida de que há também disparidade entre a correlação de forças, por exemplo, no Nordeste e no Rio, no Nordeste e no Rio Grande do Sul, no Norte e em São Paulo. Além das razões objetivas devemos também levar em consideração que a formação do Partido, por uma porção de razões, da ANL, das organizações de massa em geral não obedece ao mesmo ritmo em todos os Estados, o que já nos colocaria de per si diante de um fator que romperia o equilíbrio na correlação de forças de Estado para Estado.

Aqui precisamos historiar um pouco para esclarecer meu ponto de vista.

Em fevereiro de 1935, logo depois da volta da delegação da 3ª Conferência dos PP CC da América do Sul e do Caribe,<sup>3</sup> realizamos dois ampliados, um com delegados das regiões do Norte e Nordeste, outro com os S.R. do Rio e Fluminense. Nessas reuniões planteamos claramente essa questão da diferença entre a correlação de forças no Nordeste e no Norte, de um lado, no Centro e Sul do país por outro lado, resultando adotarmos a seguinte tática: no Norte e Nordeste intensificar as lutas com vistas à tomada do poder e à implantação de um Governo Operário e Camponês, com provável eixo em Pernambuco e Rio Grande do Norte e com vistas à constituição de uma zona soviética estável no caso de não ser possível manter-se na costa; no Centro e Sul do país mobilizar todas as forças em apoio a essas lutas no Nordeste e ao Governo Operário e Camponês, com vistas a uma ampliação, a criação de um amplo bloco antiintervencionista, capaz de derrubar Getúlio e implantar um governo popular com participação dos partidos e elementos de tendências liberais e de esquerda.

Essas diretivas, que vinham baseadas sobre a constatação da disparidade entre a correlação de forças nos pontos citados, nos levou a uma medida de organização para a realização dessas linhas: começamos a mandar para o Nordeste, sem medir sacrifícios para a Região do Rio, os nossos melhores ativistas da direção regional, das direções intermediárias e de célula. Tal medida de organização, reforçando o fator subjetivo no Nordeste e no Norte, ao mesmo tempo que o

---

3. A reunião foi realizada em Moscou, no final de 1934.

debilitava no Centro, ainda mais agravou a disparidade na correlação de forças entre os dois pontos.

Com a modificação justa dessa linha, resolvida pelo 1º Plenum do CC, realizado em fins de maio do ano passado, de que o caminho mais curto para chegarmos à vitória da Revolução era a luta pelo GPNR em todo o país, lançando-se oportunamente a palavra de ordem de "todo o poder à ANL", organização que deveria dirigir a primeira fase, centralmente antiimperialista, da Revolução Agrária e Antiimperialista. Analisamos que tal modificação da linha que vínhamos seguindo anteriormente nos permitia mobilizar todo o proletariado, todos os camponeses, a pequena burguesia da cidade e do campo (fazendeiros médios, fornecedores de cana etc.), a parte antiimperialista da burguesia nacional em todo o país e abrimos a perspectiva da possibilidade da realização da Revolução partindo de uma base territorial muito mais ampla do que seria possível prever nas condições anteriores de luta por um G. Operário e Camponês talvez nacionalmente.

Porém não aprofundamos suficientemente a análise do caminho a seguir. Deixamos aberta a questão da tática a empregar sobre essa nova estratégia e esquecemos de levantar a questão importantíssima da correlação de forças nos diferentes pontos do país. Se isso foi discutido, não foi pela direção política do Partido.

Também isso a meu ver foi um grave erro; apesar do evidente atraso das lutas no Rio de Janeiro e Niterói, continuamos a enviar mais quadros da Região do Rio para o Norte e Nordeste, reforçando, portanto, a diferença entre a correlação de forças no Centro e no Nordeste, lado para o qual já pendia a balança anteriormente. Se tínhamos aqui um grande auxílio político, com a presença do CC no Rio, esse mesmo fato ainda drenou para o ativo da direção diversos quadros fortes sacados do trabalho de base da Região do Rio, o que atrasava ainda mais a realização da linha em comparação com a premência das tarefas.

Não tivemos portanto a perspectiva de que pudesse surgir uma situação insurrecional no Norte e no Nordeste antes de que no Rio e no resto do país. Os acontecimentos de novembro nos mostram a falta que nos fez ter essa perspectiva, pois que as probabilidades de vitória, caso tivéssemos dado ao S. do NE. e aos regionais de lá a diretiva de levar a luta de massas da nova onda de greves e lutas camponesas e populares com audácia até as lutas decisivas, armadas, pela tomada do poder, teriam sido, a meu ver, muito maiores do que nas condições em que de fato se desenvolveu a luta.

É evidente também que estas constatações têm uma íntima ligação com as do ponto A, estão entrelaçadas e devem também ser apreciadas em conjunto.

Aí vão minhas opiniões sobre alguns pontos e para abrir discussão indispensável e sobre

os quais estamos, e muito, atrasados.

A situação no Nordeste, evidentemente, continua a apresentar uma correlação de forças mais favorável lá do que aqui e noutros pontos do país. As últimas notícias sobre a chegada do Silo de volta ao Rio vêm confirmar notícias e informes anteriormente recebidos e que todos nós lemos. A articulação que existia dentro das forças da polícia militar, agora seriamente prejudicadas com a caída de elemento importante como Muniz de Farias e outros, em minha opinião nos exigiria: a) a discussão mais aprofundada do "Começou a Revolução" e b) a ida de um de nós para o Recife transmitir de viva voz essa discussão, ao mesmo tempo que reorganizando o S. do Nordeste que está dissolvido e que resolvemos não reorganizar na nossa última reunião do BP, invocando as razões do regionalismo, da falta de compreensão da unidade do P. que teriam levado os companheiros daquele organismo a errar, tomando em 24 de novembro a posição de ir à luta. Isto estava perfeitamente claro no informe do camarada Mir. e nenhum dos presentes discordou dessa parte do informe, que passava entre as "pequenas" modificações a serem feitas no documento "Começou a Revolução". Mantive essa posição no SN; apesar de todos os demais companheiros resolverem ao contrário, continuo a manter essa opinião, apesar de estar aplicando as resoluções tomadas então por maioria. Não creio que possamos deixar de transmitir vivamente ao novo S. do NE. a discussão sobre problemas tão sérios e, ao mesmo tempo, transmitir, também de forma viva, as nossas diretivas sobre a questão do C. Militar para coordenação e direção das guerrilhas.

Logo que tiver tempo vou continuar aprofundando a questão da autocrítica constante do documento "Começou", pag. 3. Creio que devemos opinar sobre o "por quê" daquelas críticas justas e sobre como corrigir as debilidades apontadas. Assim, abrindo discussão, poderemos redigir pequenos documentos claros que devemos mandar urgentemente a todo o P. para esclarecer os problemas e romper as debilidades. Creio mesmo que seria bom já levar a discussão sobre projetos de documentos respondendo a cada ponto da autocrítica, com o "porquê" e a solução concreta para corrigir as debilidades.

Sem mais por hoje. Saúde

ANTÔNIO

(TSN, Processo n° 1, apreensão à rua Honório)

# 132

## CARTA DE SOUZA (PRESTES)

Comps.

Ontem recebi somente a carta de 20 de B. e a cópia da carta de M. levantando diversas questões. Esperava maiores notícias do M., assim como algumas coisas do Prado e a prometida carta do B. com as resoluções do último BP.

Compreendo todas as dificuldades deste terrível regime epistolar e estou tratando de me adaptar e fazendo esforços para ter paciência, mas paciência mesmo. De um lado, procuro sempre responder a todas as questões que vocês fazem e em minhas cartas delas trato com todo o cuidado e atenção. Mas VV não respondem da mesma maneira às minhas perguntas nem dão opinião sobre sugestões das muitas que formulo, porque não considero resposta as referências constantes de vocês à utilidade da crítica que algumas vezes faço etc. Sobre cada questão que formulo também me interesso pela opinião de vocês, mesmo porque só assim nos podemos compreender e conhecer.

Além disso, VV não informam nada sobre as discussões havidas e das quais tanto desejaria poder participar. É evidente que as ocupações de VV não lhes permitem enviar informes detalhados nem mesmo das resoluções. Não fazem VV um resumo do que se passa em cada reunião do SN? A mim não poderia ser enviada uma cópia de tal resumo, feito por algum secretário técnico? É mais um pedido que é feito. Outra coisa que me interessa muito diz respeito à atividade do P. VV não recebem informes das regiões e da base? Como controlam a execução das diretivas do SN? Por que não mandam cópias de tais documentos? Não seria possível?

Quando se participa particular ou especialmente da direção, chegando-se mesmo a apresentar sugestões, enorme é o interesse para saber como marcham as coisas na realidade da vida. Mas VV não me dão notícia do que vêm fazendo (trecho a respeito do Mário.) Como vai a luta contra a carestia de vida na R. do Rio? Como progredem as coisas políticas lá pelo B. do Rio? Que pensam VV sobre a possibilidade de reunião com os companheiros fluminenses, de São

Paulo etc., como propus em carta anterior? Peço-lhes ainda que insistam com Prado para que me escreva, que responda às minhas cartas e conto com o M. para o melhoramento de tal ligação. A última carta que recebi do Prado é de 20, depois disso, alguns recados por intermédio do B. somente. Em ligação com isso, o carteiro que trás correspondência atualmente não pode ficar à minha disposição, livre do trabalho e encarregado das ligações com M. e Prado? [ilegível] e pede que lhe avise da necessidade de empregar sempre a mesma na [ilegível] correspondência, a fim de que não fique conhecido de muita gente.

Passemos agora a tratar de outros assuntos.

Já na carta de ontem referi-me à necessidade de começar a tomar medidas a favor de uma grande e intensa preparação do 1º de maio próximo. Antes de tudo é necessário compreender a grande importância política, nas atuais condições do país, de conseguir uma vasta mobilização de massas em escala nacional, conseguindo principalmente que o povo venha para a rua, ganhe realmente a rua e grite, diga em voz alta suas reivindicações econômicas e políticas. Nas vésperas da abertura da sessão legislativa, uma tal manifestação poderá ter uma grande influência e obrigar mesmo o Parlamento a tomar em consideração as reivindicações populares. Além disso, a preparação de um grande Primeiro de Maio de massas é uma ótima cobertura legal para o desenvolvimento da agitação e propaganda e muito nos poderá ajudar na organização da massa em todos os setores. Tudo depende da maneira por que agirem os comunistas em todo o país e em todas as organizações de massa de que são ativistas. Por isso mesmo, desde já se tornam necessárias instruções a todo o Partido, explicando especialmente a importância política de um Primeiro de Maio de massas.

É necessário, em cada localidade, de acordo com a tradição, com as [ilegível] e a situação encontrar as formas locais para a convocação de um 1º de Maio realmente popular. Forçar os chefes sindicais do Ministério do Trabalho a convocarem demonstrações de rua, comícios, passeatas etc. Fazer um trabalho constante em todas as fábricas, sindicatos, organizações da ANL, do SV, juvenis, de mulheres etc., a fim de que participem de tais manifestações, nelas reclamando as reivindicações mais sentidas.

Nas fábricas, empresas e sindicatos ligar a preparação do 1º de Maio com a luta contra a carestia de vida e pelo aumento de salários, começando a preparar planos de reivindicações que devem ser apresentados aos patrões, ao Governo e ao Parlamento a 1º de Maio próximo (se os operários quiserem apresentá-los antes, tanto melhor). Grande trabalho para a CSUB, que deve ligar este trabalho com a realização na prática da unidade sindical. Compor, em cada localidade ou em cada bairro das grandes cidades comissões contra a carestia de vida, que estudem planos

de reivindicações, que obtenham assinaturas para tais planos e que chamem o povo a participar da manifestação de 1° de Maio na qual devem tais planos ser apresentados ao Governo. Para isso é necessário estudar cuidadosamente algumas reivindicações centrais de caráter nacional e compreensíveis ao povo. É necessário que cada comissão destas explique claramente ao povo: a vida está cada dia mais cara e precisamos tomar algumas medidas urgentes que o governo possa realmente executar. Tais medidas são, principalmente, as seguintes: 1- aumento geral de salários e de vencimentos para os operários, empregados e funcionários e diminuição dos altos vencimentos. 2- Diminuição de 50% nos preços da luz, gás e passagens de bondes, trens, barcas etc. 3- Abolição de todos os impostos ao pequeno comércio, assim como a todos os gêneros de primeira necessidade (impostos alfandegários, de consumo etc.). 4- Para compensar a falta de tais impostos, suspender imediatamente o pagamento das dívidas externas e lançar um imposto de 50% sobre os dividendos de todas as companhias estrangeiras. 5- Moratória para todas as dívidas da lavoura, completa liberdade para a exportação, suspensão dos 15 shillings sobre o café e de todas as restrições cambiais sobre a exportação.

Este programa precisa ser muito bem explicado ao povo e o mesmo deve ser levado a defendê-lo como seu programa, programa de barateamento da vida e de defesa nacional. Na defesa de tal programa deve ser interessada toda a população do país, inclusive o pequeno comércio e a massa camponesa, com a abolição de todos os impostos que hoje pagam. Um tal programa deve ser defendido pelos comunistas, mas não ser originariamente apresentado em público nem pelo Partido nem pela ANL e sim por organizações legais que devemos organizar em bairros e localidades.

A campanha de preparação tomará assim um caráter eminentemente político e concreto e servirá para desmascarar rapidamente a todos os demagogos.

Devemos nos esforçar para ligar tal programa contra a carestia da vida às reivindicações políticas populares, como sejam a liberdade dos presos políticos, liberdade de reunião e de imprensa, suspensão do estado de sítio, revogação da Lei Monstro, assim como legalidade para a ANL e dissolução dos bandos integralistas.

A campanha deve ser um processo e começar pelo pequeno trabalho de esclarecimento e organização para ir acabar, uma ou duas semanas antes do 1° de Maio, em comícios nas portas de fábricas, nos bairros operários etc.

Todas as nossas organizações de massa devem se preparar cuidadosamente e tanto o P. como a ANL, por intermédio de suas organizações de massa, devem preparar até a autodefesa para seus transparentes, bandeiras e oradores, porque estes devem de qualquer maneira participar

realmente da manifestação de massas.

Para que todo esse trabalho realmente se realize, cabe ao SN enviar a todo o Partido um copioso material instruindo-o nos menores detalhes de como fazer, de como ligar-se à massa, de como interessá-la etc. Pedir a todos os nossos regionais que nos mandem dizer quais as medidas tomadas e como pensam fazer para tornar uma realidade, em cada região, um 1º de Maio de massas.

Explicar ainda que o principal está em conseguir durante tal campanha estreitar nossa ligação com a massa, organizando-a para a defesa de seus interesses. A cada organismo do P. e da ANL cabe o estudo concreto das reivindicações mais sentidas, da maneira de apresentá-las etc.

É necessário ainda estudar de maneira concreta sobre a participação da juventude e preparar igualmente todo o SVB para angariar donativos etc. em favor das famílias dos presos. Cada regional deve esforçar-se para organizar o maior número de comissões locais ou de bairro, interessar realmente o pequeno comércio, conseguindo listas de assinaturas a um memorial a ser apresentado ao governo com as reivindicações locais.

O SN deve mandar modelos de cartazes, modelos de manifestos, orientação para os discursos, listas de palavras de ordem populares a serem gritadas em todo o país neste 1º de Maio. Responsabilizar todos os companheiros pela marcha da campanha, exigindo que todos eles informem a respeito do que se faz no local em que estiverem. Frente à reação, precisamos demonstrar, em escala nacional, a nossa capacidade de organização e como somos o único Partido realmente nacional no Brasil. Para uma tal campanha, o tempo de que dispomos é estritamente suficiente, nas condições difíceis de nosso país. Não há, pois, tempo a perder.

2 - Paraguai. De acordo com o manifesto do BP. Já ontem escrevi alguma coisa a respeito. Não tenho grandes ilusões sobre a situação paraguaia porque são muito grandes as vacilações da junta que está à frente do movimento. Até agora não consegui ler nada a respeito do nosso Partido por lá. É ele já um bom [ilegível] dele foi a iniciativa da formação da Frente Nacional, mas os nossos camaradas lá são ainda muito inexperientes e dispõem ainda de poucas organizações de massa. Além disso, a pressão imperialista será muito grande. Até quando resistirão os oficiais do Exército contra tal pressão? A única garantia está ainda no armamento do povo, mas isso o Cel. Franco ainda não fez. O nosso P. já terá liberdade de organização? Não sabemos ainda nada. Por tudo isso não creio ainda conveniente uma carta aberta de Prestes ao Cel. Franco. Para que escrever [ilegível] ainda da carta de Recife.

O essencial é conseguirmos um entendimento direto. Enviar por exemplo ao P., com instruções e poderes da ANL e com uma carta de P. até Assumpción a fim de estudar

concretamente a possibilidade de um apoio mútuo. Para um governo realmente antiimperialista no Paraguai, o apoio da ANL será uma grande coisa e para esta o Paraguai poderá servir de muito, inclusive como base de operações para uma ação direta em Mato Grosso. Que pensam vocês a respeito de um emissário a ser enviado imediatamente até Montevideo e Assunção? Quem poderá ser, ontem escrevi ao Prado sobre isso, mas ele ainda não me respondeu. Precisa ser uma pessoa que compreenda algo de política e com a qual se possa trocar algumas idéias e dar instruções para uma conversação útil com o Cel. Franco. Além disso, na falta do BSA, seria conveniente que eu escrevesse algumas linhas à direção do P. paraguaio a respeito da política a seguir em tal emergência. Já escrevi ao Eça indagando se já será possível financiar a viagem. VV [ilegível] Prado precisaria tratar de descobrir a pessoa.

3. ANL - De acordo com o pedido do B. Vou escrever a tal carta ao Diretório Nacional da ANL. São justos os comentários que faz o B. a respeito das tendências oportunistas entre muitos aliancistas de S. Paulo. Na carta que escrevi a MC<sup>1</sup> tratava disto, bem como noutra que dirigi ao diretório estadual de lá. Farei o possível para explicar com a máxima clareza o que deve ser a ANL e como devem os aliancistas trabalhar na Frente Popular e outras organizações legais. Logo que estiver pronta será enviada para que VV mandem passar à máquina.

Ainda sobre a ANL, parece-me necessário esclarecer a questão de suas relações com o P. Até os acontecimentos de novembro a direção da ANL teve uma vida grandemente limitada, sendo muito forte e extremamente visível a influência do Partido. Isto era em grande parte inevitável porque muito limitada era a confiança a depositar em muitos chefes aliancistas e grande a inexperiência deles. Passados os acontecimentos de novembro a situação é já outra. A ANL é agora uma instituição profunda e tradicionalmente revolucionária, inúmeros foram os aliancistas que se revelaram como verdadeiros revolucionários e além disso, quem vier agora para nossas fileiras (da ANL) é porque quer realmente lutar pela libertação nacional. Os comunistas precisamos continuar a ser dentro da ANL os mais combativos e conseqüentes, mas as organizações da ANL precisam passar a realmente viver independentemente e somente recebendo orientação por intermédio de nossas frações. O Diretório Nacional deve realmente dirigir o trabalho em escala nacional e tomar todas as iniciativas que julgar necessárias. Sobre esse assunto já havíamos conversado com o Mir. e com o N. e todos assim concordamos. Que pensam VV. É necessário que a ANL realmente se organize em todo o país e que desenvolva uma vida independente como grande organização nacional revolucionária.

É dentro de tal espírito que escreverei a carta ao Diretório Nacional do qual sou presidente

---

1. Não identificado.

efetivo, conforme ficou decidido no último plenum realizado ainda em novembro.

4. Assunto de aparelho.

5. Que há com os ferroviários e marítimos aqui do Rio? Como vai nosso trabalho em tais sindicatos? Por que não escreve o Alf.??

Saúde.

SOUZA

(29 de fevereiro de 1936, TSN, Processo nº 1, apreensão à rua Honório)

---

2. Não identificado.

# PARTE 8

## HINOS E CANÇÕES REVOLUCIONÁRIAS

# 133

## MÚSICAS REVOLUCIONÁRIAS DE 1935

### Hino do Brasileiro Pobre

Músicado Hino Nacional

Letra de Agildo Barata

Do Norte, das floresta amazônicas  
Ao Sul onde a coxilha a vista encanta  
A terra brasileira à luz dos trópicos  
É como um coração que bate e canta  
Operários, camponeses  
Estudantes, funcionários, pés-rapados  
Já sofremos mil reveses,  
Já cansamos desta vida de explorados!  
Punhos cerrados,  
Levantados,  
Protestemos!

Brasil, terra do lenho cor de púrpura  
Que logo coloriu nossas bandeiras  
Teu nome é só por si vermelha flâmula  
Vermelhas são as almas brasileiras!  
De pé, formosa e brava mocidade,  
De clara inteligência e fortes músculos,  
Lutemos por Pão, Terra e Liberdade,  
Vem, camarada

Libertador para o fragor da barricada  
O verbo, o canto, o braço e o fuzil  
Pelo nosso Brasil!

O vento da revolta varre a América  
Os negros, os indígenas, os párias  
Mineiros, lenhadores e marítimos  
Enfim, todas as massas proletárias  
Despertai, trabalhadores  
Que esta terra tão bondosa e tão clemente  
Foi tomada por feitores  
Que venderam e expulsaram nossa gente  
Punhos cerrados,  
Levantados,  
Protestemos!

Abaixo os mercenários, os facínoras  
Lacaios dos patrões imperialistas  
Lutemos contra todos os políticos  
Vendidos às nações imperialistas!  
Soldados, operários, marinheiros,  
Erguendo à luz do Sol sanguínea flâmula,  
Tornemos o Brasil dos brasileiros  
Vem, camarada  
Libertador para o fragor da barricada  
O verbo, o canto, o braço e o fuzil  
Pelo nosso Brasil!

## Avante, camaradas!

Com a música do hino militar do mesmo nome

Avante, camaradas,  
Fuzil no ombro, espada na mão,  
Vençamos os pontentados  
Que têm a Pátria na escravidão  
Avante, com audácia,  
Que em todos nós o povo confia  
Lutemos com alegria, avante!  
Lutemos confiantes!

Aqui não há quem nos detenha  
Nem quem derrube a nossa galhardia  
Quem nobre missão desempenha  
Temer não pode a tirania, a tirania  
E nunca seremos vencidos  
Pois lutamos contra os traidores  
Do nosso solo já vendido  
Por estes mesmos impostores

O povo brasileiro  
Compreenderá sua missão  
E valente, altaneiro  
Fará a Revolução  
Por isso, não tememos  
E sempre fortes, sobranceiros  
Com bravura sempre lutaremos  
Comunistas nós somos  
Comunistas brasileiros!

Depois do 27 de novembro a letra da primeira e da segunda estrofe foi modificada:

Avante, camaradas,  
Pois não venceu nossa insurreição  
Por isso os pontentados  
Mantêm a Pátria na escravidão  
Avante, com audácia,  
Que em todos nós o povo confia  
Lutemos com alegria, avante!  
Lutemos confiantes!

Aqui não há quem nos detenha, etc.

O povo brasileiro  
Compreendeu nossa missão  
E valente, altareiro  
Continuará a Revolução  
Por isso, não tememos  
E sempre fortes, sobranceiros  
Com bravura sempre lutaremos  
Brasileiros nós somos  
Nós somos brasileiros!

**Hino da Aliança Nacional Libertadora**  
Com a música do Hino da Proclamação da República

Este povo que vive oprimido  
Já não pode sofrer tanta dor  
É preciso fazer do gemido  
Uma voz de esperança e de amor

Quem trabalha há de ser o mais forte  
Ao clarão deste céu sempre azul  
Das douradas caatingas do Norte  
Às ridentes coxilhas do Sul

Aliança! Aliança!  
Contra vinte ou contra mil  
Mostremos nossa punjança  
Libertemos o Brasil!

Nosso peito há-de ser a muralha  
Contra quem explorar a nação  
Este povo que luta e trabalha  
Quer justiça, quer terra e quer pão!

Nós faremos o sigma em pedaços  
não queremos emblema tão vil!  
A serviço dos grandes ricos  
Contra os pobres de todo o Brasil!

Aliança! Aliança!  
Contra vinte ou contra mil  
Mostremos nossa punjança  
Libertemos o Brasil!

Camponês, operário, soldado,  
Marinheiro, nós somos irmãos!

Caminhemos, assim, lado a lado,  
Apertando, a cantar, nossas mãos.

Este canto é preciso que brade  
Que não cesse o clamor desta voz:  
No Brasil há-de haver liberdade  
Conquistada na rua por nós!

Aliança! Aliança!  
Contra vinte ou contra mil  
Mostremos nossa punjança  
Libertemos o Brasil!

## Praia Maravilhosa

Com a música de "Cidade Maravilhosa"

Praia maravilhosa  
Cheia de balas mil  
Vermelha e radiosa  
Redentora do Brasil

Terceiro Regimento  
Escola de Aviação  
Unidos no pensamento  
Do Brasil a redenção

Berços da nossa Revolução  
Que depois nos fez sorrir  
A gloriosa Aviação  
E o 3º RI.

## As granadas vão caíndo

Com a música de O Orvalho vem caíndo

As granadas vão caíndo  
Incendeiam meu quartel  
E os soldados resistindo  
Tem valentes a granel  
A luta é desigual  
Mas combatemos olhos fitos no ideal

Veio do Norte  
Este brado varonil:  
Vamos todos unidos  
Salvar o Brasil  
Que a liberdade ainda não viu...

As granadas vão caíndo, etc.

Nós atendemos,  
Foi então o que se viu  
O governo temendo  
A bravura viril  
Dos soldados do Brasil

As granadas vão caíndo, etc.

Embora presos,  
Companheiros de ideal,  
Aguardemos com fé  
A vitória final  
Que sabemos ser fatal

As granadas vão caíndo, etc.

## Governo mais avacalhado

Com a música de "Um Pierrô apaixonado"

Governo mais avacalhado  
O Gegê sempre sorrindo  
Por causa da nossa "Aliança"  
Acabará caíndo, acabará caíndo  
O Gegê tá de calças na mão  
Por causa da nossa revolução  
O povo todo já está cansado  
De ser explorado  
Por este ladrão!

Governo mais avacalhado, etc.

O Gegê entrou num botequim  
Bebeu cachaça e saiu assim...  
Levando um tamanho chute  
Foi tomar vermute  
Com amendoim

Governo mais avacalhado, etc.

## Partida Rubra

Companheiros do nosso ideal  
Teus camaradas já vão partir  
Para viver sempre a lutar  
Pela bandeira que há de nos cobrir  
Isto faremos com toda a certeza  
Tal a nobreza que nos guiou  
Para a conquista de pão e terra  
E liberdade que nos faltou

O Brasil salvemos  
De tão negra exploração  
Unidos lutaremos  
Com persistência e dedicação  
Esta bandeira  
Bandeira rubra da revolução  
Nós brasileiros  
Defendemos de coração

Se voltarmos com nossa vitória  
Que surgirá para o nosso porvir  
Extingüiremos toda a miséria  
Para de glórias o Brasil cobrir  
A humanidade fará sem receio  
Seu pensamento manifestar  
Cada um de nós será um forte esteio  
Pro socialismo edificar.

O Brasil salvemos  
De tão negra exploração  
Unidos lutaremos  
Com persistência e dedicação

Esta bandeira  
Bandeira rubra da revolução  
Nós brasileiros  
Defendemos de coração

## Camarada, atenção!

Nas barricadas desta rua  
Nenhum fascista há de passar  
Morte ao covarde que recua  
Glória ao valente que tombar!

Camarada, atenção!

- Quem vem lá?

- Gente da reação

- Fogo! Ela não passará!

Camarada, atenção!

- Quem vem lá?

- É a revolução, hip!, hurra!

- Que nos libertará!

Fuzil no ombro, olho na mira  
Pedra em lugar de coração  
Não há piedade para o tira  
Nem há quartel para o espião!

Camarada, atenção!, etc.

Todos unidos a luta

Nós o fascismo venceremos

E o dia há-de chegar

Que a liberdade alcançaremos

Camarada, atenção!, etc.

## 45 Dias

45 dias que eu passei na Detenção  
Sem água e sem comida  
E sem comunicação  
Cansado de sofrer tanta miséria, já estou  
E ainda dizem que eu recebo...  
Ouro de Moscou!

Se na Central, o trem descarrilhou  
Seu delegado diz que é obra de Moscou  
Eu não conheço esse tal de seu Moscou,  
Mas pelo jeito que estou vendo,  
Deve ser trabalhador  
E de valor...

**Cavaleiro da Esperança**  
Com a música do Hino da Independência

Já de novo está na luta

Nosso líder varonil

Já de novo Prestes vive

Junto ao povo do Brasil

Prestes, Prestes, Prestes, Prestes

Esse grito em bocas mil

Cavaleiro da Esperança

Esperança do Brasil.

## RELAÇÃO DOS PROCESSOS RELATIVOS AS REBELIÕES DE NOVEMBRO DE 1935

### TRIBUNAL DE SEGURANÇA NACIONAL<sup>1</sup>

Nº Processo	Local	Nome	Onde está
-	DF	Processo Belens Porto	STM/DF
1	DF	Luís Carlos Prestes e outros 59 vol.	STM/DF
1	DF	Luís Carlos Prestes e outros, série D	AN/10565
2	RN	João Fagundes e outros	AN/RJ
3	RN	Lauro Fernandes e outros	remetido à Justiça de Natal por incompetência
4	NR	Benildes Dantas e outros	AN/10517
5	RN	Amâncio Leite e outros	AN/10523
6	RN	-	Remetido à Justiça de Natal por incompetência
7	RN	Manuel Augusto Ferreira	AN/10518
8	RN	José Ribeiro de Moura e outro	AN/10561
9	RN	Luís Gonzaga de Oliveira	AN/10472
10	RN		Remetido à Justiça de Natal por incompetência

1. Os números que não constam da série são de processos que não se referem nem aos movimentos de novembro e nem à repressão ao PCB que se seguiu, durante o Estado Novo.

N° Processo	Local	Nome	Onde está
11	RN	Oscar Rangel e outros	AN/10560
12	RN	Oscar Mateus Rangel e outros	AN/10506
13	RN	Orlando de Azevedo e outros	AN/10505
14	RN	Sargentos Barros, Santos e outros	AN/10543
15	RN	Baltasar Meireles e outros	AN/10543
16	RN	Milton Correia de Aquino e outros	AN/10572
17	RN	Fábio Máximo Pacheco Dantas e outros	AN/10561
18	RN	Oscar Rangel e outros	AN/10511
18	RN	José Secundo Sobrinho e outros	AN/10561
19	RN	-	Remetido à Justiça de Mossoró por incompetência
20	RN	-	Remetido à Justiça de Natal por incompetência
21	RN	-	Remetido à Justiça do (RN) por incompetência
22	RN	Francisco Alves de Queirós e outro	AN/10561
23	RN	José Alves de Araújo e outros	AN/10508
24	RN	Joaquim da Fonseca Tinoco	AN/26g1B
25	RN	-	Remetido à Justiça de Mossoró por incompetência
26	-	Antônio Araújo	Remetido ao Ministério da Guerra por incompetência
27	RN	Izidro Firmino	AN/10508
28	RN	Osório Martins de Moura Brasil e outros	AN/10561
29	RN	Joaquim Paulino Medeiros Filho	AN/10518
30	RN	José Lins de Oliveira e outros	AN/10518
31	RN	João de Deus Andrade (apenso ao nº 164)	AN/10479
32	RN	Pedro Hermógenes da Cunha e outros	AN/19514

Nº Processo	Local	Nome	Onde está
33	RN	Pedro Baltasar Meireles e outros	AN/10561
34	RN	João Vieira da Silva	AN/10518
35	RN	Orlando Azevedo e outros	AN/10504
36	RN	Antônio Dionísio e outros	AN/10473
37	-	-	Sem indicação
38	RN	José Ribeiro de Araújo e outros	AN/10518
39	PR	Rubens Dohms e outros	AN/10520
40	PR	Ildelfonso C. de Melo e Nolasco P. da Silva	AN/10519
41	PR	Abdon Prado Lima	AN/10560
42	-	-	Sem indicação
43	PR	José Hernandez Cabezón e outros	AN/10560
44	PR	Carlos Carzino Neto e outros	AN/10463
45	PR	João Kirilo e outros	AN/10560
46	PA	Raimundo de Lima e Silva	AN/10465
47	PA	Flamínio da Silva Porto	AN/10561
48	PA	Chile da Costa Lima	AN/10464
49	PA	João Portugal da Silva	AN/10561
50	PA	Guilherme de La Roque e outros	AN/10465
51	PA	Valdemar P. A. Seabra e outro	AN/10561
52	PA	João Benjamin do Nascimento e outros	AN/10489
53	PA	Antônio Monteiro da Silva	AN/10560
54	PA	Nina Ribeiro	AN/10561
55	BA	Adroaldo Alves Guimarães	?
56	SE	Venceslau Brabec	AN/10561
57	SP	José de Sousa	AN/10560
58	PR	Vitor de Almeida Barbosa e outro	AN/10561
59	SC	Francisco Palma e outro	AN/10483
60	SC	-	Remetido à Justiça de Jaraguá por incompetência

Nº Processo	Local	Nome	Onde está
61	SC	-	Remetido à Justiça de Jaraguá por incompetência
63	DF	Vivaldo Varjão	AN/10561
64	DF	Rafael Kamprad	AN/10561
65	DF	Carlos Mariguela	AN/10560
66	DF	Taciano José Fernandes e outros	AN/10561
67	DF	Assis Halen e outros	AN/10560
68	DF	Clovis de Araújo Lima	AN/10561
69	DF	Jarbas Loreti e outro	AN/10561
70	DF	Almino Pereira do Lago (apenso ao Processo nº 1)	STM/DF
71	PR	Agostinho Pereira Alves Filho e outros	AN/10636
72	DF	Euclides de Oliveira e outros	AN/10562
73	PA	Eudízio Eutrópio de Sousa e outros	AN/10489
74	RS	Cícero Carneiro Neiva e outros	AN/10519
75	PE	Silo Meireles e outros	AN/10519
76	RN	?	AN/10519
77	-	Acácio C. de Carvalho	Remetido ao Ministério da Guerra. Não encontrado?
78	DF	Agliberto Vieira de Azevedo e outros (apenso ao Processo nº 1)	STM/DF
79	AL	José Maria Cavalcanti	AN/10561
80	RS	Carlos da Costa Leite e outros (apenso ao Processo nº 1)	STM/DF
81	RS	Síldio Porto Dias e outros	AN/10466
82	-	-	?
83	-	-	?
84	MT	Antônio Rolemberg (apenso ao nº 85)	-
85	MT	Antônio Rolemberg e outros	AN/10553

N° Processo	Local	Nome	Onde está
86	BA	Antônio dos Santos Teixeira	AN/10479
87	RS	Apolônio Pinto de Carvalho	AN/10467
88	MG	André Trifino Correia (apenso ao n° 1)	STM/DF
89	RJ	Rui Gonçalves	AN/10562
90	RJ	Júlio Bastos e outros	AN/10562
91	RJ	Armindo Pitanga	AN/10562
92	RJ	Júlio Correia de Aguiar	AN/10562
93	MA	Evandro Cunha e outros	AN/10468
94	MA	Euclides Carneiro Neiva e outros	AN/10469
95	MA	Lauro Sampaio e outros	AN/10463
96	MA	João Fernandes Neto	AN/10562
97	MA	Raimundo Otávio de Jesus Jr.	AN/10562
98	MA	Antônio Alves de Sousa	AN/10468
99	MA	Isidoro Müller Gutman	AN/10468
100	MA	Joaquim Leandro da Fonseca	AN/10468
101	MA	Francisco Marques de Figueiredo	AN/10672
102	MA	Jaime Gutman	AN/10672
103	MA	Alcides Pereira da Silva e Sousa	AN/10672
104	MA	Jesus Norberto Gomes	AN/10672
105	MA	Antônio Tavares Neves e outros	AN/10672
106	MA	Maria Duck	AN/10672
107	MA	Ana Andrade de Figueiredo	AN/10672
108	MA	Tabajara Juvêncio de Queirós	AN/10672
109	MA	Raimundo Nonato Gonçalves	AN/10672
110	MA	Antônio Sudário de Carvalho	AN/10672
111	MA	Mac-Lou Torres de Freitas	AN/10672
112	MA	Dionísio de Oliveira Reis	AN/10672
113	MA	José Perouse dos Reis	AN/10672

N° Processo	Local	Nome	Onde está
114	MA	Bernardo Henrique da Silva	AN/10642
115	MA	José Geraldo Rodrigues de Arruda e outros	AN/10672
116	PI	Antônio Farias Ferreira	AN/10642
117	RN	José Nestor de Gouveia e outros	AN/10530
118	SP	José Pimenta Filho	AN/10520
119			Sem indicação
119-A	SP	Rafael Sampaio Filho e outro	AN/10466
120	SP	Hermínio Augusto Cardoso	STM/DF
121	SP	Herculano de Oliveira	AN/10642
122	SP	Leôncio Martins e outros	AN/10642
123	SP	João da Mota Felipe Aderlei e outro	AN/10672
124	SP	Brasil Gerson	AN/10672
125	SP	Otávio de Castro Freitas Costa e outro	AN/10642
126	SP	Clovis de Oliveira Neto e outro	AN/10643
127	SP	Francisco Ximenes e outros	AN/10510
128	SP	Edgar Leuenroth e outros	AN/10672
129	SP	Jerônimo do Canto Jr. e outros	AN/10515
130	SP	Luís Neves	AN/10489
131	SP	Deladis Machado e outros	AN/10637
132	SP	Heráclito Mendes de Oliveira e outros	AN/10463
133	SP	Valdemar de Sousa Rehder	AN/10489
134	SP	Rafael Moresca e outros	AN/10463
135	SP	Antônio Barreto Lima	AN/10463
136	SP	Benjamin Reginato e outros	AN/10464
137	SP	Luísa Peçanha Camargo Branco	AN/10463
138	SP	José Gravonski (apenso ao n° 50)	AN/10643
139	SP	Joaquim Marques e outros	AN/10490

N° Processo	Local	Nome	Onde está
140	SP	Antônio Penteado	AN/10463
141	SP	Adegildo Justiniano da Rocha e outros	AN/10506
142	SP	Rolando Henrique Guarani	AN/10513
143	SP	Raul Barbosa Lima	AN/10489
144	SP	José Nogueira Corrijo	AN/10513
145	-	Jorge Raffue	AN/10513
150	SP	Joaquim Correia Sobrinho e outros	AN/10672
151	SP	Valdomiro Pires de Oliveira Dias	AN/10504
152	-	-	?
155	-	-	Remetido à Justiça de Pirajú (SP) por incompetência
156	SP	Amadeu Narciso Pieroni e outro	AN/10470
157	SP	Camilo José de Araújo Lelis	AN/10638
161	AM	Pedro Alves de Sousa	AN/10638
162	?	Edgar Penha e outro	AN/10638
163	RN	Manuel Joaquim Aureliano e outros	AN/10523
164	RN	Antônio Benício e Farias	AN/10479
165	PR	Jaime Santos e outros	AN/10638
166	PR	Eugênio La Maison	AN/10638
167	PR	Mário Otero	AN/10638
168	PR	Manuel Pedro de Campos	AN/10638
169	PR	Odilon Batista da Silva e outros	AN/10638
171	BA	Nelson Schaum e outros	AN/10688
172	BA	Bartolomeu Brito de Sousa (com o n° 171)	AN/10688
173	BA	Nelson Schaum e outros (com o n° 171)	AN/10688
174	BA	Antônio P. dos Reis e outros (com o n° 171)	AN/10688
175	BA	Cantídio de Oliveira e outros (com o n° 171)	AN/10688

Nº Processo	Local	Nome	Onde está
176	BA	Brasilino P. Nunes e outros (com o nº 171)	AN/10688
177	GO	-	Sem outra indicação
178	PB	João Santa Cruz de Oliveira e outros	AN/10679
179	-	-	Remetido à Justiça da (PB) por incompetência
180	PB	Antônio Vicente Ferreira e outros	AN/10638
181	-	-	Remetido à Justiça de João Pessoa por incompetência
182	PR	Humberto Freund e outros	AN/10638
184	DF	Conrado Pereira de Andrade Silva e outros	AN/10731
185	AM	Plácido Mitozo e outros	AN/10638
186	AM	Francisco Sales	AN/10643
188	AM	Licurgo de Sousa Cavalcanti e outros	AN/10638
189	PR	Hersch Schechter e outros	AN/10490
190	ES	Gilbert Gabeira	AN/10638
191	DF	Nize Magalhães da Silveira	AN/10464
192	CE	Joaquim Nogueira Lopes e outros	AN/10638
193	-	-	Remetido à Justiça de Pau Grande (ES) por incompetência
194	RS	Antônio Xavier Barbieri	AN/10638
195		Décio Coutinho	sem outra indicação
196	DF	Augusto Henrique Maria D'Aurelle Olivier	AN/10638
197	PA	José Maria Fernandes e outros	AN/10506
198	DF	Geraldo Walenstein Freitas	AN/10638
199	DF	Luís Werneck de Castro	AN/10638

Nº Processo	Local	Nome	Onde está
200	DF	Antônio Guimarães da Silva e outro	AN/10684
201	SP	Adalberto Alves de Sousa e outros	STM/DF
203		Elias Lopes de Trindade	sem outra indicação
204	PE	Silo Furtado Soares de Meireles e outros <sup>2</sup>	AN/10728 AN/10729 AN/ 10730
205	PE	Mariano José Pereira e outros	AN/10661
206	PE	José Cavalcanti de Lima	AN/10684
207	PE	Adelino Ferreira de Lima	AN/10661
208	PE	Joventino Francisco da Silva e outros	AN/10684
209	PE	Abelardo Chaves e outros	AN/10465
209-A	PE	Jorge de Orange Lins Vanderlei	AN/10661
210	PE	Antônio Austerliano Lima	AN/10661
211	PE	João Francisco de Oliveira e outros	AN/10661
212	PE	José Alves Falcão e outros	AN/10517
213	PE	Severino Marinho de Carvalho e outros	AN/10684
214	PE	Maria Medina Machado e outros	AN/10530
215	PE	Manuel Clementino da Silva e outros	AN/10465
216	PE	Horácio Valadares e outros	AN/10684
217	DF	José Elias Abraão	AN/10685
218	?	Carlos Bezerra Monteiro	?
219	PR	José da Silva e outros	AN/10685
220	DF	Orlando Oliveira e outros	AN/10661
221	DF	Anatoli Podorolski Cooper	AN/10685
222	RJ	Paulo de tal	AN/10685
223	BA	Telésforo Martins Fontes e outros	AN/10555
224	MG	Adauto Mendonça de Oliveira	?

2. O 3º vol. está no STM, Brasília, DF.

N° Processo	Local	Nome	Onde está
225	-	-	(Remetido ao STM - não encontrado)
226	SC	Ismael Juli Osório	AN/10685
227	SC	Álvaro Soares Ventura e outros	AN/10511
228	-	-	Remetido à justiça de (SC) por incompetência
230	DF	Pompélio de Santana e outros	AN/10661
231	CE	Francisco Brás de Araújo	AN/10599
232	CE	Aloísio de Andrade Moura	AN/10685
233	RN	Aloísio de Andrade Moura	AN/10685
234	DF	Augusto Rosadas Fernandes	AN/10685
235	?	Adelmo Bonfim de Carvalho	?
236	DF	José Pereira Pinto e outros	AN/10685
237	SP	Miguel Costa e outros	AN/10492
237-A	SP	Caio Prado Júnior e outros	AN/10464
238	CE	Auton Aragão	AN/10685
239	SP	Oreste Giorgi e outros	AN/10515
240	SP	Hilário Correia	AN/10489
241	SP	Emidio de Carvalho e outros	AN/10514
242	SP	Joaquim Felix da Silva Raposo	AN/10661
243	SP	Valentim Goulart e outros	AN/10685
244	SP	Antônio Rodrigues e outro	AN/10685
245	SP	Jovino Pereira Assif e outros	AN/10465
246	SP	João Batista de Sales Pacheco	AN/10506
247	SP	Paschoal Del Guercio Neto e outros	AN/10488
248	SP	Mário Duarte	AN/10685
249	SP	Pedro Higuera Rodrigues	AN/10513
250	SP	Joaquim Monteiro Borges	AN/10489

Nº Processo	Local	Nome	Onde está
251	SP	Antônio de Melo Bonilha e outros	AN/10463
252	SP	Olímpio Ribeiro de Olivara	AN/10661
253	SP	Aristides Nogueira	AN/10685
254	SP	Antônio Hossne	AN/10507
255	SP	Isidoro Pereira	AN/10488
256	SP	Antônio de Araújo Silva	AN/10661
257	SP	Pergentino Cunegundes Pontual	AN/10671
258	SP	Marcílio Correia Arruda Rocha e outros	AN/10490
259	SP	Lázaro Ferreira de Almeida	AN/10522
260	SP	Francisco Treizen	AN/10506
261	SP	Adolfo Trudei e outros	AN/10465
262	SP	Ciro Pais e outro	AN/10518
263	SP	José Bispo dos Santos	AN/10522
264	SP	Ginez Rodrigues	AN/10661
265	SP	Antônio Vieira	AN/10504
266	SP	Jordão Fondi	AN/10671
267	SP	Olimpio Costa e outros	AN/10489
268	SP	Indalício Gonçalves	AN/10509
269	SP	Probo Falcão Lopes	AN/10671
270	SP	Joaquim de Freitas	AN/10463
271	SP	Luís Queirós Dami	AN/10513
272	SP	José Joaquim de Sant'Anna	AN/10672
273	SP	Natalina Carifi	AN/10672
274	SP	Bráulio de Mendonça	AN/10672
275	SP	Araguaia Peçanha	AN/10520
276	SP	João Pontes de Moraes	AN/10480
277	SP	Abdon Prado Lima	AN/10504
278	SP	José Silveira e outros	AN/10530

Nº Processo	Local	Nome	Onde está
279	SP	Otto Iockbirr	AN/10672
280	SP	José Ernesto Germano	AN/10513
281	SP	Ângelo Carrara	AN/10466
282	SP	Fernando Costa	AN/10479
283	SP	Eugênio Alonso e outros	AN/10509
284	SP	José Gonçalves de Alencar	AN/10488
285	SP	Manuel Meireles	AN/10491
286	SP	José dos Santos e outros	AN/10518
287	SP	Otávio Péricles de Azevedo Falcão e outros	AN/10472
288	SP	Artur Eládio Neves e outros	AN/10490
289	SP	Tibúrcio Garcia de Freitas	AN/10466
290	SP	Gustavo Wiermann e outros	AN/10530
291	SP	José Monte Jr.	AN/10492
292	SP	Irineu Guimarães	AN/10672
293	SP	Valdemar Nogueira	AN/10672
294	SP	Celestino Paraventi	AN/10672
295	SP	Mário Carlini	AN/10488
296	SP	Hilcar Leite e outros	AN/10489
297	SP	Eduardo Alves e outros	AN/10530
298	SP	Agostinho Rodrigues	AN/10511
299	SP	Generoso Gaudio Anastácio e outros	AN/10506
300	SP	Ascleriades Francklin Ferreira	AN/10687
301	SP	Antônio José da Silva	?
302	SP	Valdemar Bauch	AN/10488
303	SP	José Cantagalo	AN/10687
304	SP	Higino Alonso Delgado e outros	AN/10504
305	SP	André Borrachine e outros	AN/10543

N° Processo	Local	Nome	Onde está
306	SP	Issa Maluf e outros	AN/10469
307	SP	Cornélio Ferreira Coelho	AN/10687
308	SP	Américo Costa	AN/10687
309	SP	Sansão Lino Machado	AN/10687
310	SP	José Pardo	AN/10529
311	SP	Francisco Ferraz de Oliveira	AN/10661
312	SP	Ruben Fonseca	AN/10687
313	SP	Luís Ladeira	AN/10487
314	SP	Claudio Bitencourt	AN/10487
315	SP	Manuel Gomes e outros	AN/10467
316	SP	Augusto Negreiro César e outros	AN/10540
317	RN	-	(Suscitado conflito de jurisdição)
318	DF	Jaime Stuart Dias e outros	STM/DF
319	DF	Osvaldo Santa Fé	AN/10491
320	DF	Francisco Moésias Rolin (apenso ao Processo n° 70 e este ao de n° 1)	STM/DF
321	-	Aristóteles Evangelista de Araújo	?
322	DF	Orlando Ferreira Alves e outros	AN/10660
323	DF	Elieser Schneider	AN/10464
324	DF	Amarílio Vieira Cortez e outros	AN/10466
325	DF	Nelson Gomes da Silva e outros	AN/10630
326	SP	Paulo Emílio de Sales Gomes	AN/106661
327	SP	Rogélio Alonso e outros	AN/10463
328	SP	Sebastião Feliciano Ferreira	AN/10660
329	SP	Eduardo Guasco	AN/10470
330	SP	Carolina Gançalves Pereira	AN/10661

Nº Processo	Local	Nome	Onde está
331	SP	Quirino Rucca	AN/10687
332	SP	Pôncio Gonçalves	AN/10687
333	SP	Gusmão Soller	AN/10687
334	SP	Osório César	AN/10503
335	SP	Ângelo Antônio Pássaro e outros	AN/10470
336	SP	Alfredo Souto Filho	AN/10687
337	SP	Diogo Herrera e outros	AN/10517
338	SP	Antônio Rodrigues Monção e outros	AN/10509
339	SP	Diamantino Costa e outros	AN/10530
340	SP	Alberto Reinaldo Thorstemberg e outros	AN/10660
341	SP	Abati Lustosa de Moura e outros	AN/10543
342	DF	Alcir Proost de Sousa e outros	AN/10561
343	SP	Domício Melo Guimarães e outros	AN/10490
344	SP	Benedito Esteves	AN/10518
345	SP	Osvaldo Lucas e outros	AN/10630
346	DF	Domingos Bras e outros	AN/10660
347	DF	Darci Guimarães de Miranda e outros	AN/10465
348	DF	José Lago Morales e outros	AN/10464
349	DF	José Mendes da Silva	AN/10661
350	DF	Luís Cuneo Filho e outros	AN/10511
351	DF	Francisco Manuel Chaves e outros	AN/10504
354	RS	Gaspar Soares e outros	AN/10673
356	BA	Marcelino José Alves (com o nº 171)	AN/10688
357	SP	Antônio Pinto Fonseca	AN/10488
358	-	-	(sem indicação)
359	SP	Boris de Freitas e outros	?
360	SP	Clemente Faria de Carvalho	AN/10523
361	SP	Antônio José da Piedade (com o nº 341)	AN/10543

Nº Processo	Local	Nome	Onde está
362	SP	Maria da Cruz	AN/10673
363	SP	Ermelindo Maffei	AN/10673
364	SP	Aldino Schivi	AN/10673
366	SP	Tomas Lebaniski	AN/10504
367	SP	João Batista Cubieux e outros	AN/10507
368	SP	Guilherme Henrique Gustavo Herman Acherman	AN/10674
369	SP	Virgílio Passagno	AN/10503
370	SP	João Raimondi e outros	AN/10509
372	SP	João Lelis Vieira	AN/10465
373	DF	Pedro Rocha	AN/10662
374	ES	Ernani Vital de Abreu e outros	AN/10513
375	PE	Nestor de Sousa e outro	AN/10514
376	-	-	Sem indicação
378	BA	Joaquim Seixas do Vale Cabral	AN/10502
379	DF	César Carlos de Almeida e outros	AN/10488
380	PE	Manuel Gomes da Silva e outros	AN/10662
382	DF	Antônio Rodrigues de Gouveia e outros	AN/10503
383	MG	Aristóteles Ramos Coelho	AN/10508
384	MG	Cipriano Araújo Nascimento	AN/10504
385	SP	Hiran Pereira da Rocha e outros	AN/10504
386	SP	Constantino Mursin e outros	AN/10467
387	SP	Alfredo Silva e outros	AN/10468
388	SP	José Cintra Freire e outros	?
390	SP	João Lopes Soares e outros	AN/10508
391	RN	Manuel Torquato e outros	AN/10504
392	DF	Manuel Venâncio Campos da Paz Jr.	AN/10491
393	SP	Gercino Alves de Sousa	AN/10522

Nº Processo	Local	Nome	Onde está
394	CE	Pedro Raimundo de Lima e outros <sup>3</sup>	AN/10627 AN/10628
395	DF	Iguatemi Ramos da Silva	AN/10487
396	DF	Ariston de Andrade Ruciolelli e outros	AN/10464
397	DF	Elvira Martins Ribeiro	AN/10463
398	DF	Augusto H.M.D. Olivier (com o 196)	AN/10638
399	SP	Francisco Juvêncio e outros	AN/10469
400	DF	Manuel Gomes de Sousa	AN/10504
401	SP	Romeu Muniz Barreto e outros	AN/10488
402	SP	Júlio Tavares e outros	AN/10533
403	SP	Joaquim Cristovão	AN/10504
405	SP	-	Não encontrado
406	DF	Lourival Cordeiro da Silva	AN/10464
407		Amarílio Vieira Cortez	não encontrado
409	RS	Enio Brum Correia	AN/10466
410	MG	Caio Monteiro de Barros	AN/10517
411	SP	-	Não encontrado
412	MG	Antônio Soares de Oliveira e outros	AN/10520
413	DF	Nicanor Queirós do Nascimento	AN/10673
414	DF	Agostinho Trindade	AN/10514
415	MT	José Antônio de Campos Braga	?
416	AM	Antônio Domingos dos Santos	AN/10511
418	AM	Sebastião Gomes de Lima	AN/10670
419	AM	Clovis Prado de Medeiros	AN/10670
420	AM	Alberto de Lemos Abreu	AN/10670
421	MG	Claudino José da Silva	AN/10529
422	MG	Alencastro de Carvalho	AN/10506

3. Faltam os volumes 13 e 15

Nº Processo	Local	Nome	Onde está
423	SP	Guilherme Bonow	AN/10670
424	SP	Samuel Weimgarten	AN/10670
425	SP	Francisco Branchini	AN/10522
426	DF	Silvino Inácio dos Santos	AN/10489
427	SP	Jesus Cartoir	AN/10490
428	SP	Amador Cisneiros do Amaral e outros	AN/10670
429	SP	Jayme Brasil Simões	AN/10518
430	SP	Pedro Merkis	AN/10510
431	SP	Higino Nicolau Zambrano	AN/10523
432	SP	Sebastião Feliciano Ferreira	AN/10517
433	DF	José Alfredo dos Santos	AN/10491
434	RJ	Ataliba S. dos Santos e outros	AN/10670
435	RJ	Herotides Mendes dos Santos e outros	AN/10530
436	PE	Guilherme Pereira da Silva	AN/10518
437	SP	Cyro Paes de Siqueira e outros	AN/10660
439	SP	Antônio Guida da Silva	AN/10529
440	SP	Manuel Ochobias Rolan e outro	AN/10506
441	SP	Hebert Vitor Levy	AN/10466
442	SP	Francisco Nonato de Oliveira e outro	AN/10488
443	SP	Adolfo Biral e outros	AN/10503
444	SP	Antônio de Lima Costa	AN/10660
445	DF	Ciro Pereira de Alencar e outros	AN/10504
447	-	-	Sem Indicação
448	RJ	Álvaro Sardinha	AN/10488
450	RN	José Fernandes Café e outros	AN/10670
451	RN	Pedro Dias Guimarães e outros	AN/10670
452	AL	Vicenti Ottieri	AN/10670
353	AL	Elias Simplício de Miranda e outros	AN/10660

Nº Processo	Local	Nome	Onde está
454	RS	Luciano Martins Prates e outros	AN/10551
457	AM	Manuel Nunes Pereira	AN/10467
459	PR	Adalberto Santos e outros	AN/10670
460	SP	Amador Cisneiros do Amaral	AN/10670
461	MG	Alencastro de Carvalho	AN/10506
462	MG	Apenso ao Processo nº 412	AN/10520
463	DF	Manuel Maia e outros	AN/10488
465	SP	João Batista Rosário	AN/10522
467	SP	Benedito Geraldo Ferraz Gonçalves	AN/10518
468		Alencastro de Carvalho	não encontrado
469	DF	Melchisedek Pereira Silva Reille	AN/10670
470	DF	Cyrio Estrela Dias	AN/10660
471	RJ	André Zuccari	AN/10670
472	SP	Jacob Goldschmit	AN/10517
473	PI	Celso Coutinho e outros	AN/10670
475	DF	Ildefonso Rodrigues da Cunha e outros	AN/10520
480	ES	Dalmácio Coutinho e outros	AN/10673
481	ES	Leonardo Garrido Vidal e filho	AN/10673
482	ES	Emagnor Gomes Prado e outros	AN/10673
483	ES	Adolfo Oslecher	AN/10673
484	ES	Augusto Sergipense Pena Jr.	AN/10673
485	ES	Manuel Ferreira Nascimento	AN/10670
486	ES	Pedro Paulo Rodrigues	AN/10670
487	ES	Manuel Bessoni	AN/10670
491	-	-	Remetido à Justiça de Reserva (PR) por incompetência
492	RN	Benjamim Tabatchnik e outro	AN/10673

Nº Processo	Local	Nome	Onde está
493	?	Antônio Gotz	AN/10503
495	DF	Mário Pedrosa e outros	AN/10509
499	RS	Oceano Gomes da Silva	AN/10467
500	SP	José Ramos de Castro	AN/10513
501	PA	Pedro Cosmo da Silva	AN/10522
502	PA	Nestorino Carlos da Câmara	AN/10504
503	PA	Francisco da Cruz Luna e outros	AN/10674
504	PA	Osmarino Pinto de Mesquita	AN/10660
505	PA	Calixto de Moraes Acácio	AN/10674
506	PA	José Vieira da Costa	AN/10674
507	PA	Arthur Pessoa Barbosa	AN/10506
508	PA	Daniel e Joaquim Pessoa	AN/10518
509	PA	Júlio Moreira da Costa	AN/10696
510	PR	Eduardo Lukas Erismann	AN/10484
511	SP	Antônio Francisco Viveiros e outros	AN/10508
512	AL	Alberto Passos Guimarães e outros	AN/10471
514	-	-	Remetido à Justiça do (RN) por incompetência
515	RN	José Domingos de Sousa e outros	AN/10605
516	RN	Jonas Reginaldo da Rocha e outros	AN/10673
518	-	-	Remetido à justiça de (SP) por incompetência
519	-	-	Remetido à Justiça de Campinópolis(SP) por incompetência
520	DF	Jatir de Carvalho Serejo	AN/10503
522	-	Junto ao Processo 499	AN/10467
527	SP	Átila Medeiros Rodrigues Silva	AN/10514
528	RS	Agildo da Gama Barata Ribeiro	AN/10488

N° Processo	Local	Nome	Onde está
530	RJ	João Gonçalves de Oliveira e outro	AN/10673
534	SP	João Antônio Carmona Burgos	AN/10613
544	PR	Altair Zubaran Mena Barreto e outros	AN/10473
563	DF	Antônio Leme Jr. e outros	AN/10514
568	SP	José Agostinho Nogueira e outros	AN/10660
570	MG	Raimundo Alvim	AN/10764
574	MG	Francisco Machado	AN/10660
583	RS	Mário de Sousa e outros	AN/10471
591	RS	Gustavo Sócrates de Medeiros e outros	AN/10480
593	ES	Darci Pereira e outros	AN/10661
615	DF	Patrícia Galvão	AN/10518
634	RS	Guilherme Schultz e outros	AN/10468
636	PE	Antônio dos Santos Teixeira e outros	AN/10467
643	SP	Heitor Ferreira Lima e Hermínio Sacchetta	AN/10469
653	SP	Alano Muniz do Amaral e outros	AN/10470
656	RS	Carlos Klaus Peixoto	AN/10472
659	RS	Paulino Aguillar	AN/10475
667	SP	Hermínio Sacchetta	AN/10469
668	PE	Alcides de Araújo Mello	AN/10469
671	PE	Joaquim Barbosa da Costa	AN/10469
673	DF	Miguel Bezerra	AN/10472
682	RS	Agripino Leite Nunes e outros	AN/10475
690	?	Humberto Martins Ribeiro	AN/10473
691	DF	José da Cunha Vidigal Leme	AN/10481
693	DF	Mário Carlini	AN/10470
700	DF	Líbero Rangel de Andrade	AN/10475
705	DF	Cosmo Zulio e outros	AN/10481
782	DF	José Manuel Macedo Soares e outros	AN/10481

## MEMÓRIA DO PCB

A publicação deste volume se insere no conjunto das atividades desenvolvidas pelo Programa de Preservação da Memória do PCB.

O Programa tem por objetivo criar um acervo da história dos partidos políticos brasileiros, tendo como ponto de partida o resgate da memória do Partido Comunista.

A idéia é conscientizar a população para a preservação da memória do Partido e estimular a doação de acervos, documentos, livros, fotografias, jornais e relatos orais, para diversas entidades de pesquisa em todo o país.

O funcionamento do projeto se dá a partir da ação do conselho de Preservação da Memória do PCB, órgão encarregado de articular as atividades elaboradas individualmente ou em conjunto pelas instituições que voluntariamente aderem ao projeto.

Integram o Programa mais de vinte entidades públicas e privadas. São fundações, institutos, arquivos e bibliotecas que guardam, pesquisam e divulgam documentos referentes à trajetória do Partido Comunista.

A idéia é conjugar esforços para democratizar a história do Partido, o mais antigo do país, um patrimônio político-cultural do Brasil.

Participam do programa as seguintes instituições: Arquivo do Estado de São Paulo, Arquivo Nacional, Centro de Memória Sindical, Fundação Biblioteca Nacional, Fundação Joaquim Nabuco, Fundação Nacional de Artes - FUNARTE, Fundação Roberto Marinho, Instituto Astrojildo Pereira, Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional - IPHAN, Partido Popular Socialista, Centro de Documentação e Pesquisa da Fundação Getúlio Vargas - CPDOC, Centro de Memória Regional de Bragança Paulista, Universidade de Campinas, Universidade Federal de Minas Gerais, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Universidade de São Paulo, Universidade de Brasília, Universidade Federal Fluminense, Universidade Estadual Paulista "Julio de Mesquita Filho", Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Universidade Federal do Paraná.

Impressão:



CARTGRAF EDITORA S.A.  
FONE: (0192) 45-2268

extensa e valiosa documentação que contém: jornais como *A Classe Operária* e *A Manhã*, entre outros; cadernetas com endereços e anotações; fotos, livros, panfletos de sindicatos, partidos e organizações, como a ANL; correspondências, postais e obviamente os autos dos processos de acusados como Agildo Barata, Silo Meireles, Caio Prado Junior, Patrícia Galvão, Nise da Silveira, Miguel Costa, Heitor Ferreira Lima, Mário Pedroso e muitos outros.

Com base na minuciosa pesquisa efetuada para a sua tese, Marly Vianna sugeriu que o Arquivo Nacional colocasse à disposição do público, uma parte desta documentação. Para tanto e, a partir da escolha das cartas, manifestos, letras de músicas revolucionárias e artigos de jornais que considerava mais representativos, a autora selecionou 133 documentos, incluindo aí alguns extraídos de onze processos custodiados pelo Superior Tribunal Militar, em Brasília.

Organizando estes documentos de forma temática e mantendo para cada tema uma cronologia, Marly Vianna realizou um trabalho que agradará não apenas a comunidade acadêmica e, em especial, os estudiosos do comunismo, como também aos interessados em ler as cartas, notícias, textos panfletários e letras de músicas produzidas por aqueles homens e mulheres que há sessenta anos atrás lutaram por pão, terra e liberdade.

*Maria do Carmo Teixeira Rainho*  
*Deonísio da Silva*  
Editores

memória do  
**pcb**



ARQUIVO NACIONAL



Editora da UFSCar